Sínodo
2021
2024

Por uma Igreja sinodal

comunhão | participação | missão

O PROCESSO SINODAL

DOCUMENTOS

ÍNDICE

Prefácio 3

Adsumus, Sancte Spiritus 7

Documento preparatório 9

Documento de Trabalho para a Etapa Continental 29

Documentos finais das Assembleias Continentais 63
- África e Madagáscar
- América do Norte
- América Latina e Caribe
- Ásia
- Europa
- Oriente Médio - Igrejas Católicas Orientais
- Oceania

Documento final da Etapa Continental do Sínodo Digital 243

Instrumentum laboris para a Primeira Sessão
da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos 269

"Não se trata de um privilégio — ser o povo de Deus — mas de um dom que alguém recebe... para si? Não: para todos, o dom deve ser oferecido: esta é a vocação. É um presente que alguém recebe para todos, que nós recebemos para os outros, é um dom que é também uma responsabilidade."

(Papa Francisco)

PREFÁCIO

«A Igreja de Deus é convocada em Sínodo». Assim se abria o Documento Preparatório da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo que dava início à primeira fase do processo sinodal, nas Igrejas particulares e nos seus agrupamentos. Desde 10 de outubro de 2021, dia da abertura solene do Sínodo, muito caminho foi percorrido. Com a publicação do *Instrumentum laboris* em junho passado, concluiu-se a primeira fase do processo sinodal, que viu em sequência a consulta do Povo de Deus nas Igrejas particulares, o discernimento dos Pastores nas Conferências episcopais e nas estruturas hierárquicas das Igrejas Orientais *sui iuris* e, por fim, as Assembleias Continentais.

Três etapas, nas quais vimos como é verdade que a Igreja sinodal – como disse o Papa no seu discurso em ocasião do 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos (17 de outubro de 2015) – «é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar é mais do que ouvir. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o "Espírito da verdade" (*Jo* 14, 17), para conhecer aquilo que Ele "diz às Igrejas" (*Ap* 2, 7)».

Para prolongar esta escuta, a Secretaria Geral do Sínodo decidiu publicar num volume os documentos que marcaram as etapas da primeira fase do Sínodo: o *Documento Preparatório*, o *Documento de Trabalho para a Etapa Continental*, as *Sínteses das Assembleias Continentais* e o *Instrumentum laboris*. Trata-se de documentos então tornados públicos pela própria Secretaria. A decisão de os reunir agora num volume não tem, portanto, a ver com a novidade dos textos, mas com o seu valor de memória do que o Senhor já realizou na sua Igreja.

Estes documentos são o testemunho mais verificável do processo de escuta que a Igreja viveu na primeira fase do caminho sinodal, e constituem um património de memória que permite reler a ação do Espírito durante este tempo abençoado. O volume oferece-se, portanto, como um precioso instrumento a ser entregue, em primeiro lugar, aos Membros da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, chamados a continuar, na segunda fase do processo sinodal, o discernimento daquilo que o Espírito diz à Igreja; mas também se torna um dom para toda a Igreja, para que ela possa louvar o Senhor ao recordar o caminho percorrido.

Se o volume contivesse também os contributos das Igrejas particulares e as sínteses das Conferências episcopais, se compreenderia ainda melhor a riqueza do processo sinodal, que envolveu toda a Igreja e todos na Igreja. Cada etapa do processo seria, de fato, documentada por um conjunto de textos que registariam fielmente o grau de maturação de um estilo e de uma forma sinodal de Igreja. É por isso que formulo aqui o desejo de que as Conferências episcopais e as Estruturas hierárquicas das Igrejas orientais, juntamente com as suas sínteses, tornem públicos também os contributos das Igrejas particulares, na lógica da troca de dons que enriquece e faz crescer a Igreja na comunhão.

O volume oferece os textos relativos às últimas etapas do discernimento eclesial iniciado em todas as Igrejas pela pergunta fundamental formulada no *Documento Preparatório*: «Como se realiza hoje, a diferentes níveis (do local ao universal) aquele "caminhar juntos" que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada; e que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal?». O *Documento para a Etapa Continental* e as *Sínteses das Assembleias Continentais* constituíram a base para a redação do *Instrumentum laboris*, sobre o qual a Assembleia Sinodal é chamada a trabalhar. Nenhum destes textos tem carácter definitivo: se o tivessem, não seriam fruto de um processo sinodal que, pela sua própria natureza, se desenvolve através de passagens cada vez mais profundas de escuta e discernimento.

Neste sentido, a publicação é também um convite para recordar que a celebração da Assembleia constitui um momento ulterior de discernimento, onde se acentua a função dos Pastores, chamados a participar na solicitude por toda a Igreja, *cum et sub Petro*. A referência a um *corpus* de textos produzidos durante a primeira fase ajudará todos a entrar no processo sinodal em curso. Também porque estes documentos não são um produto de laboratório, uma hipótese teológica a ser verificada na realidade, mas o fruto de uma escuta sinodal que envolveu toda a Igreja e todos na Igreja. Em certo sentido, estes documentos são o testemunho mais objetivo da experiência de sinodalidade que a Igreja viveu durante a primeira fase do Sínodo; uma experiência que pede para ser prolongada, a um nível mais profundo, pela Assembleia Sinodal, convocada na «cátedra de Pedro, que preside à universal assembleia da caridade, protege as legítimas diversidades e vigia para que as particularidades ajudem a unidade e de forma alguma a prejudiquem» (LG 13).

Enfim, a publicação é uma chamada de atenção para que todos tenham em conta que a segunda fase do Sínodo não inicia do zero o processo sinodal. Este é um e único, na concatenação dinâmica das suas fases. Só na condição de tal unidade é que a Assembleia sinodal – como sublinha o Papa, mais uma vez no seu discurso de 17 de outubro de 2015 – pode ser «o ponto de convergência deste dinamismo de escuta, efetuado a todos os níveis da vida da Igreja». E só na condição de tal unidade será posta em ação aquela hermenêutica da reforma evocada então por Bento XVI a propósito do Concílio Vaticano II, que ele descreveu como uma «renovação na continuidade do único sujeito-Igreja, que o Senhor nos concedeu; é um sujeito que cresce no tempo e se desenvolve, permanecendo porém sempre o mesmo, único sujeito do Povo de Deus a caminho» (22 de dezembro de 2005, À *Cúria Romana*).

Mario Card. Grech
Secretário Geral
da Secretaria Geral do Sínodo

"A responsabilidade de dar testemunho com ações e não apenas com palavras das maravilhas de Deus, que, se conhecidas, ajudam as pessoas a descobrir a sua existência e a aceitar a sua salvação. A eleição é um dom, e a questão é: o meu ser cristão, a minha confissão cristã, como é que a ofereço?"

(Papa Francisco)

"O tema da sinodalidade não é o capítulo de um tratado sobre eclesiologia, e muito menos uma moda, um slogan ou um novo termo a ser usado ou instrumentalizado nos nossos encontros. Não! A sinodalidade expressa a natureza da Igreja, a sua forma, o seu estilo, a sua missão."

(Papa Francisco)

Adsumus, Sancte Spiritus

Todas as sessões do Concílio Vaticano II começaram com a oração Adsumus Sancte Spiritus, a primeira palavra do original em latim que significa "Estamos diante de Ti, Espírito Santo", que tem sido historicamente usada em Concílios, Sínodos e outras reuniões da Igreja há centenas de anos, sendo atribuída a Santo Isidoro de Sevilha (c. 560 - 4 de abril de 636). Como somos chamados a abraçar esse caminho sinodal do Sínodo 2021-2023, essa oração convida o Espírito Santo a operar dentro de nós para que possamos ser uma comunidade e um povo de graça. Para o Sínodo 2021-2023, propomos usar essa versão simplificada, para que qualquer grupo ou assembleia litúrgica possa rezar com mais facilidade.

Espírito Santo!
Eis-nos aqui, diante de Vós, reunidos em vosso Nome.

Nosso defensor,
vinde,
ficai connosco;
tomai posse do nosso coração.

Mostrai-nos o destino,
caminhai connosco,
conservando-nos em comunhão.

Ai de nós, pecadores, se cairmos na confusão!
Não o permitais.

Iluminai a nossa ignorância,
libertai-nos da parcialidade.

Senhor que dais a vida,
em Vós, a unidade,
convosco, a verdade e a justiça;
em marcha até à vida sem ocaso: nós vos suplicamos.

Vós que soprais onde e como desejais,
a todos dando a possibilidade de passar, com Jesus, ao Pai: nós vos adoramos, agora e sempre. Amen.

Título revisado do latim, para ter um incipit próprio, diferente do *Adsumus Dominus Sancte Spiritus*. O Caeremoniale Episcoporum 1984ss., n. 1173, apenas propõe o uso do Adsumus, mas não fornece o texto. A versão alemã *Das Zeremoniale für die Bischöfe*, n. 1188, apresenta uma tradução alemã baseada no texto latino da Acta Synodalia do Concílio, vol. I/1, p. 159.

"Igreja sinodal significa
Igreja sacramento
desta promessa —
que o Espírito estará
connosco — que se
manifesta através do
cultivo da intimidade
com o Espírito e com o
mundo vindouro."

(Papa Francisco)

DOCUMENTO PREPARATÓRIO

Siglas

CTI	COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL
DV	CONCÍLIO VATICANO II, Const. Dogm. *Dei Verbum* (18 de novembro de 1965)
EC	FRANCISCO, Const. Apost. *Episcopalis communio* (15 de setembro de 2018)
EG	FRANCISCO, Exort. Apost. *Evangelii gaudium* (24 de novembro de 2013
FT	FRANCISCO, Carta Enc. *Fratelli tutti* (3 de outubro de 2020)
GS	CONCÍLIO VATICANO II, Const. Past. *Gaudium et spes* (7 de dezembro de 1965)
LG	CONCÍLIO VATICANO II, Const. Dogm. *Lumen gentium* (21 de novembro de 1964)
LS	FRANCISCO, Carta Enc. *Laudato si'* (24 de maio de 2015)
UR	CONCÍLIO VATICANO II, Decr. *Unitatis redintegratio* (21 de novembro de 1964)

Índice

I. Apelo a caminhar juntos

II. Uma Igreja constitutivamente sinodal

III. À escuta das Escrituras

Jesus, a multidão, os apóstolos

Uma dupla dinâmica de conversão: Pedro e Cornélio (*At* 10)

IV. A sinodalidade em ação: roteiros para a consulta do Povo de Deus

A questão fundamental

Diferentes articulações da sinodalidade

Dez núcleos temáticos a aprofundar

A fim de contribuir para a consulta

"O Sínodo também tem a ver com criar espaço para o diálogo sobre as nossas misérias... considerar toda esta miséria! Mas se não incluirmos os miseráveis — entre aspas — da sociedade, aqueles que são descartados, nunca seremos capazes de assumir a nossa miséria. E isto é importante: que no diálogo possam sobressair as nossas misérias, sem justificação. Não tenhais medo!"

(Papa Francisco)

Documento preparatório

Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão

1. A Igreja de Deus é convocada em Sínodo. O caminho, intitulado «Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão», iniciará solenemente nos dias 9-10 de outubro de 2021, em Roma, e a 17 de outubro seguinte, em cada uma das Igrejas particulares. Uma etapa fundamental será a celebração da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, em outubro de 2023, a que se seguirá a fase de execução, que envolverá novamente as Igrejas particulares (cf. EC, art. 19-21). Com esta convocação, o Papa Francisco convida a Igreja inteira a interrogar-se sobre um tema decisivo para a sua vida e a sua missão: «O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio».[1] Este itinerário, que se insere no sulco da "atualização" da Igreja, proposta pelo Concílio Vaticano II, constitui um dom e uma tarefa: caminhando lado a lado e refletindo em conjunto sobre o camino percorrido, com o que for experimentando, a Igreja poderá aprender quais são os procesos que a podem ajudar a viver a comunhão, a realizar a participação e a abrir- se à missão. Com efeito, o nosso "caminhar juntos" é o que mais implementa e manifesta a natureza da Igreja como Povo de Deus peregrino e missionário.

2. Uma interrogação fundamental impele-nos e orienta-nos: como se realiza hoje, a diferentes níveis (do local ao universal) aquele "caminhar juntos" que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada; e que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal?

Enfrentar juntos esta interrogação exige que nos coloquemos à escuta do Espírito Santo que, como o vento, «sopra onde quer; ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai» (*Jo* 3, 8), permanecendo abertos às surpresas para as quais certamente nos predisporá ao longo do caminho. Ativa-se deste modo um dinamismo que permite começar a colher alguns frutos de uma conversão sinodal, que amadurecerão progressivamente. Trata-se de objetivos de grande relevância para a qualidade da vida eclesial e para o cumprimento da missão de evangelização, na qual todos nós participamos em virtude do Batismo e da Confirmação. Indicamos aqui os principais, que enunciam a sinodalidade como forma, como estilo e como estrutura da Igreja:

- fazer memória do modo como o Espírito orientou o caminho da Igreja ao longo da história e como hoje nos chama a ser, juntos, testemunhas do amor de Deus;
- viver um processo eclesial participativo e inclusivo, que ofereça a cada um – de

[1] FRANCISCO, Discurso na Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos (17 de outubro de 2015).

maneira particular àqueles que, por vários motivos, se encontram à margem – a oportunidade de se expressar e de ser ouvido, a fim de contribuir para a construção do Povo de Deus;
- reconhecer e apreciar a riqueza e a variedade dos dons e dos carismas que o Espírito concede em liberdade, para o bem da comunidade e em benefício de toda a família humana;
- experimentar formas participativas de exercer a responsabilidade no anúncio do Evangelho e no compromisso para construir um mundo mais belo e mais habitável;
- examinar como são vividos na Igreja a responsabilidade e o poder, e as estruturas mediante as quais são geridos, destacando e procurando converter preconceitos e práticas distorcidas que não estão enraizadas no Evangelho;
- credenciar a comunidade cristã como sujeito credível e parceiro fiável em percursos de diálogo social, cura, reconciliação, inclusão e participação, reconstrução da democracia, promoção da fraternidade e da amizade social;
- regenerar as relações entre os membros das comunidades cristãs, assim como entre as comunidades e os demais grupos sociais, por exemplo, comunidades de crentes de outras confissões e religiões, organizações da sociedade civil, movimentos populares, etc;
- favorecer a valorização e a apropriação dos frutos das recentes experiências sinodais nos planos universal, regional, nacional e local.

3. O presente Documento Preparatório põe-se ao serviço do caminho sinodal, de modo especial como instrumento para favorecer a primeira fase de escuta e consulta do Povo de Deus nas Igrejas particulares (outubro de 2021 – abril de 2022), na esperança de contribuir para colocar em movimento as ideias, as energias e a criatividade de todos aqueles que participarem no itinerário, e facilitar a partilha dos frutos do seu compromisso. Para esta finalidade: 1) começa por delinear algumas caraterísticas salientes do contexto contemporâneo; 2) explica resumidamente as referências teológicas fundamentais para uma correta compreensão e prática da sinodalidade; 3) oferece algumas indicações bíblicas que poderão alimentar a meditação e a reflexão orante ao longo do caminho; 4) descreve certas perspetivas a partir das quais reler as experiências de sinodalidade vivida; 5) expõe determinadas indicações para articular este trabalho de releitura na oração e na partilha. Para acompanhar concretamente a organização dos trabalhos, propõe-se um *Vade-mécum* metodológico, anexado ao presente Documento Preparatório e disponível no site dedicado.[2] O site oferece alguns recursos para o aprofundamento do tema da sinodalidade, como apoio a este Documento Preparatório; entre eles destacamos dois, em seguida mencionados várias vezes: o *Discurso na Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, pronunciado pelo Papa Francisco no dia 17 de outubro de 2015, e o documento *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, elaborado pela Comissão Teológica Internacional e publicado em 2018.

[2] www.synod.va

1. Apelo a caminhar juntos

4. O caminho sinodal desenvolve-se num contexto histórico, marcado por mudanças epocais na sociedade e por uma passagem crucial na vida da Igreja, que não é possível ignorar: é nas dobras da complexidade deste contexto, nas suas tensões e contradições, que somos chamados «a investigar os sinais dos tempos e a interpretá-los à luz do Evangelho» (GS, n. 4). Delineiam-se aqui alguns elementos do cenário global mais intimamente ligados ao tema do Sínodo, mas o quadro deverá ser enriquecido e completado a nível local.

5. Uma tragédia global como a pandemia de Covid-19 «despertou, por algum tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos. Recordamo-nos de que ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos» (FT, n. 32). Ao mesmo tempo, a pandemia fez eclodir as desigualdades e as disparidades já existentes: a humanidade parece estar cada vez mais abalada por processos de massificação e fragmentação; a trágica condição que os migrantes vivem em todas as regiões do mundo testemunha quão elevadas e vigorosas ainda são as barreiras que dividem a única família humana. As Encíclicas *Laudato si'* e *Fratelli tutti* documentam a profundidade das fraturas que atravessam a humanidade, e podemos referir-nos a tais análises para nos colocarmos à escuta do clamor dos pobres e da terra e para reconhecer as sementes de esperança e de futuro que o Espírito continua a fazer germinar inclusive no nosso tempo: «O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade ainda possui a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum» (LS, n. 13).

6. Esta situação que, não obstante as grandes diferenças, irmana toda a família humana, desafia a capacidade da Igreja de acompanhar as pessoas e as comunidades a reler experiências de luto e sofrimento, que desmascararam muitas falsas certezas, e a cultivar a esperança e a fé na bondade do Criador e da sua criação. No entanto, não podemos negar que a própria Igreja deve enfrentar a falta de fé e a corrupção, inclusive no seu interior. Em particular, não podemos esquecer o sofrimento vivido por menores e pessoas vulneráveis «por causa de abusos sexuais, de poder e de consciência cometidos por um número notável de clérigos e pessoas consagradas».[3] Somos continuamente interpelados, «como Povo de Deus, a assumir a dor de nossos irmãos feridos na sua carne e no seu espírito».[4] Durante demasiado tempo, o grito das vítimas foi um clamor que a Igreja não soube ouvir suficientemente. Trata-se de feridas profundas, que dificilmente se cicatrizam, pelas quais nunca se pedirá perdão suficiente, e que constituem obstáculos, às vezes imponentes, para prosseguir na direção do "caminhar juntos". A Igreja inteira é chamada a confrontar-se com o peso de uma cultura impregnada de clericalismo, que ela herdou da sua história, e de formas de exercício da autoridade nas quais se insinuam os vários tipos de abuso (de poder,

[3] FRANCISCO, *Carta ao Povo de Deus* (20 de agosto de 2018), prefácio.
[4] *Ibid.*, n. 2.

económico, de consciência, sexual). É impensável «uma conversão do agir eclesial sem a participação ativa de todos os membros do Povo de Deus»:[5] juntos, peçamos ao Senhor «a graça da conversão e da unção interior para poder expressar, diante desses crimes de abuso, a nossa compunção e a nossa decisão de lutar com coragem».[6]

7. A despeito das nossas infidelidades, o Espírito continua a agir na história e a manifestar o seu poder vivificante. É precisamente nos sulcos cavados pelos sofrimentos de todos os tipos, suportados pela família humana e pelo Povo de Deus, que florescem novas linguagens da fé e renovados percursos, capazes não apenas de interpretar os acontecimentos de um ponto de vista teologal, mas de encontrar na provação as razões para voltar a fundar o caminho da vida cristã e eclesial. É motivo de grande esperança que não poucas Igrejas já tenham iniciado encontros e processos de consulta do Povo de Deus, mais ou menos estruturados. Onde eles se distinguiram por um estilo sinodal, o sentido de Igreja voltou a florescer e a participação de todos deu renovado impulso à vida eclesial. Também encontram confirmação o desejo de protagonismo no seio da Igreja por parte dos jovens, e o pedido de uma maior valorização das mulheres e de espaços de participação na missão da Igreja, já apontados pelas Assembleias sinodais de 2018 e de 2019. Nesta linha vão também a recente instituição do ministério laical do catequista e a abertura às mulheres do acesso aos ministérios do leitorado e do acolitado.

8. Não podemos ignorar a variedade das condições em que as comunidades cristãs vivem nas diferentes regiões do mundo. Ao lado dos países em que a Igreja acolhe a maioria da população, representando um ponto de referência cultural para toda a sociedade, existem outros em que os católicos constituem uma minoria; nalguns deles os, católicos, em conjunto com outros cristãos, experimentam formas de perseguição até muito violentas, e não raro o martírio. Se, por um lado, predomina uma mentalidade secularizada que tende a eliminar a religião do espaço público, por outro lado, existe um fundamentalismo religioso que não respeita as liberdades dos outros, alimentando formas de intolerância e de violência que se refletem também na comunidade cristã e nas suas relações com a sociedade. Não raramente, os cristãos adotam as mesmas atitudes, fomentando inclusive divisões e contraposições, até na Igreja. É igualmente necessário ter em consideração o modo como as fraturas que atravessam a sociedade se repercutem no seio da comunidade cristã e nas suas relações com a própria sociedade, por razões étnicas, raciais, de casta ou devido a outras formas de estratificação social ou de violência cultural e estrutural. Tais situações têm um impacto profundo sobre o significado da expressão "caminhar juntos" e sobre as possibilidades concretas de as pôr em prática.

9. Neste contexto, a sinodalidade representa a via mestra para a Igreja, chamada a renovar-se sob a ação do Espírito e graças à escuta da Palavra. A capacidade de imaginar um futuro diferente para a Igreja e para as suas instituições, à altura da missão recebida,

[5] *Ibidem.*
[6] *Ibidem.*

depende em grande medida da escolha de encetar processos de escuta, diálogo e discernimento comunitário, em que todos e cada um possam participar e contribuir. Ao mesmo tempo, a escolha de "caminhar juntos" constitui um sinal profético para uma família humana que tem necessidade de um projeto comum, apto a perseguir o bem de todos. Uma Igreja capaz de comunhão e de fraternidade, de participação e de subsidiariedade, em fidelidade ao que anuncia, poderá colocar-se ao lado dos pobres e dos últimos, emprestando-lhes a própria voz. Para "caminhar juntos", é necessário que nos deixemos educar pelo Espírito para uma mentalidade verdadeiramente sinodal, entrando com coragem e liberdade de coração num processo de conversão, sem o qual não será possível aquela «reforma perene da qual ela [a Igreja], como instituição humana e terrena, necessita perpetuamente» (UR, n. 6; cf. EG, n. 26).

II. Uma Igreja constitutivamente sinodal

10. «Aquilo que o Senhor nos pede, de certo modo está já tudo contido na palavra "Sínodo"»,[7] que «é palavra antiga e veneranda na Tradição da Igreja, cujo significado recorda os conteúdos mais profundos da Revelação».[8] É o «Senhor Jesus que se apresenta a si mesmo como "o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14, 6)», e «os cristãos, na sua sequela, são originariamente chamados "os discípulos do caminho" (cf. At 9, 2; 19, 9.23; 22, 4; 24, 14.22)».[9] Nesta perspetiva, a sinodalidade é muito mais do que a celebração de encontros eclesiais e assembleias de Bispos, ou uma questão de simples administração interna da Igreja; ela «indica o específico modus vivendi et operandi da Igreja, o Povo de Deus, que manifesta e realiza concretamente o ser comunhão no caminhar juntos, no reunir-se em assembleia e no participar ativamente de todos os seus membros na sua missão evangelizadora».[10] Entrelaçam-se assim aqueles que o título do Sínodo propõe como eixos fundamentais de uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão. Neste capítulo explicamos sumariamente algumas referências teológicas essenciais em que esta perspetiva se fundamenta.

11. No primeiro milénio, "caminhar juntos", ou seja, praticar a sinodalidade, era a maneira habitual de proceder da Igreja, entendida como «Povo reunido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo».[11] Àqueles que dividiam o corpo eclesial, os Padres da Igreja opuseram a comunhão das Igrejas espalhadas pelo mundo, que Santo Agostinho descrevia como «concordissima fidei conspiratio»,[12] isto é, o acordo na fé entre todos os Batizados. É aqui que se arraiga o amplo desenvolvimento de uma prática sinodal a todos os níveis da vida da Igreja – local, provincial, universal – que encontrou a sua mais excelsa manifestação no concílio ecuménico. Foi neste

[7] FRANCISCO, *Discurso na Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, cit.
[8] CTI, n. 6.
[9] CTI, n. 3.
[10] CTI, n. 6.
[11] CIPRIANO, *De Orat. Dom.*, 23.
[12] AGOSTINHO, *Epístola* 194, 31.

horizonte eclesial, inspirado no princípio da participação de todos na vida da Igreja, que São João Crisóstomo pôde dizer: «Igreja e Sínodo são sinónimos».[13] Este modo de proceder não esmoreceu nem sequer no segundo milénio, quando a Igreja evidenciou em maior medida a função hierárquica: se na idade média e na época moderna é bem atestada a celebração dos sínodos diocesanos e provinciais, assim como a dos concílios ecuménicos, quando se tratava de definir verdades dogmáticas, os Papas queriam consultar os Bispos, para conhecer a fé de toda a Igreja, recorrendo à autoridade do *sensus fidei* de todo o Povo de Deus, que é «*infalível "in credendo"*» (EG, n. 119).

12. O Concílio Vaticano II ancorou-se neste dinamismo da Tradição. Ele põe em evidência que «aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que o conhecesse na verdade e o servisse santamente» (LG, n. 9). Os membros do Povo de Deus são irmanados pelo Batismo e «ainda que, por vontade de Cristo, alguns sejam constituídos doutores, dispensadores dos mistérios e pastores em favor dos demais, reina, porém, igualdade entre todos quanto à dignidade e quanto à atuação, comum a todos os Fiéis, a favor da edificação do corpo de Cristo» (LG, n. 32). Por conseguinte, todos os Batizados, participantes na função sacerdotal, profética e real de Cristo, «no exercício da multiforme e ordenada riqueza dos seus carismas, das suas vocações, dos seus ministérios»,[14] são sujeitos ativos de evangelização, quer individualmente quer como totalidade do Povo de Deus.

13. O Concílio ressaltou que, em virtude da unção do Espírito Santo recebida no Batismo, a totalidade dos Fiéis «não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do Povo todo quando este, "desde os Bispos até ao último dos Fiéis leigos", manifesta o consenso universal em matéria de fé e de moral» (LG, n. 12). É o Espírito que guia os crentes para «toda a verdade» (*Jo* 16, 13). Pela sua obra, «a Tradição apostólica progride na Igreja», porque todo o Povo santo de Deus cresce na compreensão e na experiência, «tanto das coisas como das palavras transmitidas, quer graças à contemplação e ao estudo dos crentes, que as meditam no seu coração (cf. *Lc* 2, 19. 51), quer graças à íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, quer graças à pregação daqueles que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade» (DV, n. 8). Com efeito, este Povo, reunido pelos seus Pastores, adere ao depósito sagrado da Palavra de Deus confiado à Igreja, persevera constantemente no ensinamento dos Apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e na oração, «de tal modo que, na conservação, atuação e profissão da fé transmitida, haja uma especial concordância de espírito entre os Pastores e os Fiéis» (DV, n. 10).

14. Por isso, os Pastores, constituídos por Deus «como autênticos guardiões,

[13] JOÃO CRISÓSTOMO, *Explicatio in Ps.* 149.
[14] CTI, n. 6.

intérpretes e testemunhas da fé de toda a Igreja»,[15] não tenham medo de se colocar à escuta da Grei que lhes for confiada: a consulta do Povo de Deus não exige a assunção, no seio da Igreja, dos dinamismos da democracia centrados no princípio de maioria, uma vez que na base da participação em qualquer processo sinodal está a paixão partilhada pela missão comum de evangelização, e não a representação de interesses em conflito. Por outras palavras, trata-se de um processo eclesial, que só pode realizar-se «no seio de uma comunidade hierarquicamente estruturada».[16] É na fecunda ligação entre o *sensus fidei* do Povo de Deus e a função magisterial dos Pastores que se realiza o consenso unânime de toda a Igreja na mesma fé. Cada processo sinodal, em que os Bispos são chamados a discernir aquilo que o Espírito diz à Igreja, não sozinhos, mas ouvindo o Povo de Deus, que «participa também da função profética de Cristo» (LG, n. 12), constitui uma forma evidente daquele «caminhar juntos» que faz crescer a Igreja. São Bento salienta que «muitas vezes o Senhor revela a melhor decisão»[17] a quem não ocupa posições relevantes na comunidade (neste caso, o mais jovem); assim, os Bispos tenham o cuidado de alcançar todos, a fim de que no desenrolar ordenado do caminho sinodal se realize aquilo que o apóstolo Paulo recomenda às comunidades: «Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo: abraçai o que é bom» (1 *Ts* 5, 19-21).

15. O sentido do caminho ao qual todos somos chamados consiste, antes de mais nada, em descobrir o rosto e a forma de uma Igreja sinodal, em que «cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o "Espírito da verdade" (*Jo* 14, 17), para conhecer aquilo que Ele "diz às Igrejas" (*Ap* 2, 7)».[18] O Bispo de Roma, como princípio e fundamento de unidade da Igreja, pede que todos os Bispos e todas as Igrejas particulares, nas quais e a partir das quais existe a Igreja católica una e única (cf. LG, n. 23), entrem com confiança e coragem no caminho da sinodalidade. Neste "caminhar juntos", peçamos ao Espírito que nos leve a descobrir como a comunhão, que compõe na unidade a variedade dos dons, dos carismas e dos ministérios, tem em vista a missão: uma Igreja sinodal é uma Igreja "em saída", uma Igreja missionária, «com as portas abertas» (EG, n. 46). Isto inclui a chamada a aprofundar as relações com as outras Igrejas e comunidades cristãs, com as quais estamos unidos mediante o único Batismo. Além disso, a perspetiva de "caminhar juntos" é ainda mais ampla e abrange toda a humanidade, da qual compartilhamos «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias» (GS, n. 1). Uma Igreja sinodal é um sinal profético sobretudo para uma comunidade de nações incapaz de propor um projeto partilhado, através do qual perseguir o bem de todos: praticar a sinodalidade é, hoje para a Igreja, a maneira mais evidente de ser «sacramento universal da salvação» (LG, n. 48), «sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano» (LG, n. 1).

[15] FRANCISCO, *Discurso na Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, cit.
[16] CTI, n. 69.
[17] BENTO, *Regra*, 3. 3.
[18] FRANCISCO, *Discurso na Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, cit.

III. À escuta das Escrituras

16. O Espírito de Deus, que ilumina e vivifica este "caminhar juntos" das Igrejas, é o mesmo que atua na missão de Jesus, prometido aos Apóstolos e às gerações de discípulos que ouvirem a Palavra de Deus e que a puserem em prática. Em conformidade com a promessa do Senhor, o Espírito não se limita a confirmar a continuidade do Evangelho de Jesus, mas iluminará as profundidades sempre novas da sua Revelação e inspirará as decisões necessárias para sustentar o caminho da Igreja (cf. *Jo* 14, 25-26; 15, 26-27; 16, 12-15). Por este motivo, é oportuno que o nosso caminho de construção de uma Igreja sinodal se deixe inspirar por duas "imagens" da Escritura. Uma sobressai na representação da "cena comunitária" que acompanha constantemente o caminho da evangelização; a outra refere-se à experiência do Espírito, em que Pedro e a comunidade primitiva reconhecem o risco de colocar limites injustificados à partilha da fé. A experiência sinodal do caminhar juntos, no seguimento do Senhor e em obediência ao Espírito, poderá receber uma inspiração decisiva da meditação a respeito destes dois momentos da Revelação.

Jesus, a multidão, os apóstolos

17. Na sua estrutura fundamental, uma cena original aparece como a constante do modo como Jesus se revela ao longo de todo o Evangelho, anunciando o advento do Reino de Deus. Os atores em jogo são essencialmente três (mais um). Naturalmente, o primeiro é *Jesus*, o protagonista absoluto que toma a iniciativa, semeando as palavras e os sinais da vinda do Reino, sem «preferência de pessoas» (cf. *At* 10, 34). De várias maneiras, Jesus presta especial atenção aos "separados" de Deus e aos "abandonados" pela comunidade (na linguagem evangélica, os pecadores e os pobres). Com as suas palavras e as suas ações, oferece a libertação do mal e a conversão à esperança, em nome de Deus Pai e na força do Espírito Santo. Não obstante a diversidade das chamadas e das respostas de acolhimento do Senhor, a caraterística comum é que a fé emerge sempre como valorização da pessoa: a sua súplica é ouvida, à sua dificuldade presta-se ajuda, a sua disponibilidade é apreciada, a sua dignidade é confirmada pelo olhar de Deus e restituída ao reconhecimento da comunidade.

18. Com efeito, a ação de evangelização e a mensagem de salvação não seriam compreensíveis sem a abertura constante de Jesus ao interlocutor mais vasto possível, que os Evangelhos indicam como a *multidão*, ou seja, o conjunto de pessoas que o seguem ao longo do caminho, e às vezes até o perseguem, na esperança de um sinal e de uma palavra de salvação: eis o segundo ator da cena da Revelação. O anúncio evangélico não se dirige unicamente a poucos iluminados ou escolhidos. O interlocutor de Jesus é "o povo" da vida comum, o "qualquer um" da condição humana, que Ele coloca diretamente em contacto com o dom de Deus e a chamada à salvação. De um modo que surpreende e às vezes escandaliza as testemunhas, Jesus aceita como interlocutores todos aqueles que sobressaem da multidão: ouve a lamentação apaixonada da mulher cananeia (cf. *Mt* 15, 21-28), que não pode aceitar ser excluída da bênção que Ele traz; abandona-se ao diálogo com a Samaritana (cf. *Jo* 4, 1-42), não obstante a sua condição de mulher social e religiosamente comprometida; solicita o ato de fé livre e reconhecido do cego de nascença (cf. Jo 9), que a religião oficial tinha descartado como alheio ao perímetro da graça.

19. Alguns seguem Jesus mais explicitamente, experimentando a fidelidade do discipulado, ao passo que outros são convidados a regressar à sua vida quotidiana: no entanto, todos dão testemunho da força da fé que os salvou (cf. *Mt* 15, 28). Entre aqueles que seguem Jesus, destaca-se nitidamente a figura dos *apóstolos*, aos quais Ele próprio chama desde o início, destinando-os à mediação autorizada da relação da multidão com a Revelação e com o advento do Reino de Deus. A entrada em cena deste terceiro ator não se verifica graças a uma cura ou conversão, mas coincide com o chamamento de Jesus. A eleição dos apóstolos não é o privilégio de uma posição exclusiva de poder e de separação, mas sim a graça de um ministério inclusivo de bênção e de comunhão. Graças ao dom do Espírito do Senhor ressuscitado, eles devem salvaguardar o lugar de Jesus, sem o substituir: não para colocar filtros à sua presença, mas para facilitar o seu encontro.

20. Jesus, a multidão na sua variedade, os apóstolos: eis a imagem e o mistério a contemplar e aprofundar continuamente, a fim de que a Igreja se torne cada vez mais aquilo que é. Nenhum dos três atores pode abandonar a cena. Se Jesus não estiver presente e outra pessoa ocupar o seu lugar, a Igreja tornar-se-á um contrato entre os apóstolos e a multidão, cujo diálogo acabará por seguir o enredo do jogo político. Sem os apóstolos, autorizados por Jesus e instruídos pelo Espírito, a relação com a verdade evangélica interrompe-se e a multidão permanece exposta a um mito ou a uma ideologia a respeito de Jesus, quer o aceite quer o rejeite. Sem a multidão, a relação dos apóstolos com Jesus corrompe-se numa forma sectária e autorreferencial de religião, e a evangelização perde a sua luz, que provém da revelação de si que Deus dirige a quem quer que seja, diretamente, oferecendo-lhe a sua salvação.

21. Além disso, há o ator "extra", o antagonista, que traz à cena a separação diabólica dos outros três. Diante da perspetiva inquietadora da cruz, há discípulos que vão embora e multidões que mudam de humor. A ameaça que divide e, por conseguinte, impede um caminho comum, manifesta-se indiferentemente sob as formas do rigor religioso, da injunção moral, que se revela mais exigente que a de Jesus, e da sedução de uma sabedoria política mundana, que se julga mais eficaz que um discernimento dos espíritos. Para evitar os enganos do "quarto ator", é necessária uma conversão contínua. A este propósito, é emblemático o episódio do centurião Cornélio (cf. *At* 10), precedente ao "concílio" de Jerusalém (cf. *At* 15), que constitui um ponto de referência crucial para uma Igreja sinodal.

Uma dupla dinâmica de conversão: Pedro e Cornélio (*At* 10)

22. O episódio narra antes de mais nada a conversão de Cornélio, que chega a receber uma espécie de anunciação. Cornélio é pagão, presumivelmente romano, centurião (oficial de baixa patente) do exército de ocupação, que exerce uma profissão baseada na violência e no abuso. No entanto, dedica-se à oração e à esmola, ou seja, cultiva a relação com Deus e cuida do próximo. De modo surpreendente, o anjo entra precisamente nele, chama-o pelo nome e exorta-o a enviar – o verbo da missão! – os seus servos a Jafa para chamar – o verbo da vocação! – Pedro. Então, a narração torna- se a da conversão deste último, que naquele mesmo dia recebeu uma visão em

que uma voz lhe ordena que mate e coma animais, alguns dos quais impuros. A sua resposta é decisiva: «De modo algum, Senhor!» (*At* 10, 14). Reconhece que é o Senhor quem fala com ele, mas opõe-se-lhe com uma clara rejeição, dado que aquela ordem destrói preceitos da Torá que são irrenunciáveis para a sua identidade religiosa, e que exprimem um modo de entender a eleição como diferença que implica separação e exclusão em relação aos outros povos.

23. O apóstolo permanece profundamente consternado e, enquanto se interroga sobre o sentido do que tinha acontecido, chegam os homens enviados por Cornélio, que o Espírito lhe indica como seus enviados. Pedro responde-lhes com palavras que evocam as de Jesus no horto: «Eu sou aquele a quem procurais» (*At* 10, 21). Trata-se de uma verdadeira conversão, uma passagem dolorosa e imensamente frutuosa para sair das próprias categorias culturais e religiosas: Pedro aceita alimentar-se com pagãos da comida que sempre tinha considerado proibida, reconhecendo-a como instrumento de vida e de comunhão com Deus e com o próximo. É no encontro com as pessoas, acolhendo-as, caminhando com elas e entrando nas suas casas, que ele se dá conta do significado da sua visão: nenhum ser humano é indigno aos olhos de Deus e a diferença instituída pela eleição não é preferência exclusiva, mas sim serviço e testemunho de alcance universal.

24. Tanto Cornélio como Pedro envolvem outras pessoas no seu percurso de conversão, fazendo delas companheiros de caminho. A ação apostólica cumpre a vontade de Deus, criando comunidade, derrubando barreiras e promovendo o encontro. A palavra desempenha um papel central no encontro entre os dois protagonistas. Cornélio começa a compartilhar a experiência que viveu. Pedro ouve-o e em seguida toma a palavra, comunicando por sua vez o que lhe aconteceu e testemunhando a proximidade do Senhor, que vai ao encontro de cada pessoa para a libertar daquilo que a torna prisioneira do mal e mortifica a sua humanidade (cf. *At* 10, 38). Esta maneira de comunicar é semelhante àquela que Pedro adotará quando, em Jerusalém, os fiéis circuncidados o repreenderão, acusando-o de ter transgredido as normas tradicionais, nas quais toda a atenção deles parece estar concentrada, menosprezando a efusão do Espírito: «Por que entraste na casa de incircuncisos e comeste com eles?» (*At* 11, 3). Naquele momento de conflito, Pedro descreve o que lhe aconteceu, assim como as suas reações de consternação, incompreensão e resistência. É exatamente isto que ajudará os seus interlocutores, inicialmente agressivos e refratários, a ouvir e a aceitar o que aconteceu. A Escritura contribuirá para interpretar o sentido disto, como sucessivamente acontecerá no "concílio" de Jerusalém, num processo de discernimento que é uma escuta em comum do Espírito.

IV. A sinodalidade em ação: roteiros para a consulta do Povo de Deus

25. Iluminado pela Palavra e fundamentado na Tradição, o caminho sinodal enraíza-se na vida concreta do Povo de Deus. Com efeito, apresenta uma peculiaridade que é igualmente um recurso extraordinário: o seu objeto – a sinodalidade – é também o seu método. Em síntese, constitui uma espécie de estaleiro de obras ou experiência- piloto, que permite começar a colher imediatamente os frutos do dinamismo que a progressiva conversão sinodal introduz na comunidade cristã. Por outro lado, não pode deixar de se referir às experiências de sinodalidade vivida, a vários níveis e com diferentes graus de intensidade: os seus pontos fortes e os seus sucessos, assim como os seus limites e as suas dificuldades, oferecem elementos preciosos para o discernimento sobre a direção na qual continuar a caminhar. Aqui, certamente, faz-se referência às experiências ativadas pelo presente caminho sinodal, mas também a todas aquelas em que já se experimentam formas de "caminhar juntos" na vida do dia a dia, mesmo quando o termo sinodalidade nem sequer é conhecido ou utilizado.

A questão fundamental

26. A interrogação fundamental que orienta esta consulta do Povo de Deus, como já foi recordado no início, é a seguinte:

Anunciando o Evangelho, uma Igreja sinodal "caminha em conjunto": como é que este "caminhar juntos" se realiza hoje na vossa Igreja particular? Que passos o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso "caminhar juntos"?

Para dar uma resposta, sois convidados a:

1. perguntar-vos que experiências da vossa Igreja particular a interrogação fundamental vos traz à mente?
2. reler estas experiências mais profundamente: que alegrias proporcionaram? Que dificuldades e obstáculos encontraram? Que feridas fizeram emergir? Que intuições suscitaram?
3. colher os frutos para compartilhar: onde, nestas experiências, ressoa a voz do Espírito? O que ela nos pede? Quais são os pontos a confirmar, as perspetivas de mudança, os passos a dar? Onde alcançamos um consenso? Que caminhos se abrem para a nossa Igreja particular?

Diferentes articulações da sinodalidade

27. Na oração, reflexão e partilha suscitadas pela interrogação fundamental, é oportuno ter em consideração três níveis em que a sinodalidade se articula como «dimensão constitutiva da Igreja»:[19]

- o plano do estilo em que a Igreja normalmente vive e atua, que exprime a sua natureza de Povo de Deus a caminho em conjunto e que se reúne em assembleia, convocado pelo Senhor Jesus na força do Espírito Santo para anunciar o

[19] CTI, n. 70.

Evangelho. Este estilo realiza-se através «da escuta comunitária da Palavra e da celebração da Eucaristia, da fraternidade da comunhão e da corresponsabilidade e participação de todo o povo de Deus, nos seus vários níveis e na distinção dos diversos ministérios e funções, na sua vida e na sua missão»;[20]

- o plano das estruturas e dos processos eclesiais, determinados inclusive dos pontos de vista teológico e canónico, em que a natureza sinodal da Igreja se manifesta de maneira institucional a nível local, regional e universal;
- o plano dos processos e eventos sinodais em que a Igreja é convocada pela autoridade competente, em conformidade com procedimentos específicos, determinados pela disciplina eclesiástica.

Embora sejam distintos de um ponto de vista lógico, estes três planos referem-se uns aos outros e devem manter-se unidos de maneira coerente, caso contrário transmite- se um contratestemunho, minando a credibilidade da Igreja. Com efeito, se não se encarnar em estruturas e processos, o estilo da sinodalidade degrada-se facilmente do nível das intenções e dos desejos para aquele da retórica: enquanto processos e eventos, se não forem animados por um estilo adequado, não passam de formalidades vazias.

28. Além disso, na releitura das experiências, é necessário ter em consideração que "caminhar juntos" pode ser entendido de acordo com duas perspetivas diferentes, fortemente interligadas. A primeira diz respeito à vida interna das Igrejas particulares, às relações entre os indivíduos que as constituem (em primeiro lugar, aquela entre os Fiéis e os seus Pastores, também através dos organismos de participação previstos pela disciplina canónica, incluindo o sínodo diocesano) e às comunidades em que se subdividem (de modo particular as paróquias). Em seguida, considera as relações dos Bispos entre si e com o Bispo de Roma, inclusive através dos organismos intermediários de sinodalidade (Sínodos dos Bispos das Igrejas patriarcais e arquiepiscopais maiores, Conselhos de Hierarcas e Assembleias de Hierarcas das Igrejas *sui iuris*, Conferências Episcopais, com as suas expressões nacionais, internacionais e continentais). Por conseguinte, estende-se à maneira como cada uma das Igrejas particulares integra em si mesma a contribuição das várias formas de vida monástica, religiosa e consagrada, de associações e movimentos laicais, de instituições eclesiais e eclesiásticas de diferentes tipos (escolas, hospitais, universidades, fundações, instituições de caridade e de assistência, etc.). Para finalizar, esta perspetiva abrange também as relações e as iniciativas comuns com os irmãos e as irmãs das demais Confissões cristãs, com os quais partilhamos o dom do mesmo Batismo.

29. A segunda perspetiva tem em consideração o modo como o Povo de Deus caminha em conjunto com toda a família humana. Assim, o olhar contemplará o estado das relações, do diálogo e das eventuais iniciativas comuns com os crentes de outras religiões, com as pessoas afastadas da fé e igualmente com ambientes e grupos sociais específicos, com as respetivas instituições (mundo da política, da cultura, da economia, das finanças, do trabalho, sindicatos e associações empresariais, organizações não governamentais e da sociedade civil, movimentos populares, minorias de vários tipos, pobres e excluídos, etc.).

[20] *Ibidem.*

Dez núcleos temáticos a aprofundar

30. Para ajudar a fazer emergir as experiências e a contribuir de maneira mais rica para a consulta, em seguida indicamos também dez núcleos temáticos que abordam diferentes aspetos da "sinodalidade vivida". Deverão adaptar-se aos diferentes contextos locais e, periodicamente, ser integrados, explicados, simplificados e aprofundados, prestando atenção particular a quantos têm mais dificuldade em participar e responder: o *Vade-mécum* que acompanha este Documento Preparatório oferece instrumentos, percursos e sugestões, a fim de que os diferentes núcleos de interrogações inspirem concretamente momentos de oração, formação, reflexão e intercâmbio.

I. OS COMPANHEIROS DE VIAGEM

Na Igreja e na sociedade, estamos no mesmo caminho, lado a lado. Na vossa Igreja local, quem são aqueles que "caminham juntos"? Quando dizemos "a nossa Igreja", quem é que faz parte dela? Quem nos pede para caminhar juntos? Quem são os companheiros de viagem, inclusive fora do perímetro eclesial? Que pessoas ou grupos são, expressa ou efetivamente, deixados à margem?

II. OUVIR

A escuta é o primeiro passo, mas requer que a mente e o coração estejam abertos, sem preconceitos. Com quem está a nossa Igreja particular "em dívida de escuta"? Como são ouvidos os Leigos, de modo particular os jovens e as mulheres? Como integramos a contribuição de Consagradas e Consagrados? Que espaço ocupa a voz das minorias, dos descartados e dos excluídos? Conseguimos identificar preconceitos e estereótipos que impedem a nossa escuta? Como ouvimos o contexto social e cultural em que vivemos?

III. TOMAR A PALAVRA

Todos estão convidados a falar com coragem e parrésia, ou seja, integrando liberdade, verdade e caridade. Como promovemos, no seio da comunidade e dos seus organismos, um estilo comunicativo livre e autêntico, sem ambiguidades e oportunismos? E em relação à sociedade de que fazemos parte? Quando e como conseguimos dizer o que é deveras importante para nós? Como funciona a relação com o sistema dos meios de comunicação social (não só católicos)? Quem fala em nome da comunidade cristã e como é escolhido?

IV. CELEBRAR

"Caminhar juntos" só é possível se nos basearmos na escuta comunitária da Palavra e na celebração da Eucaristia. De que forma a oração e a celebração litúrgica inspiram e orientam efetivamente o nosso "caminhar juntos"? Como inspiram as decisões mais importantes? Como promovemos a participação ativa de todos os Fiéis na liturgia e o exercício da função de santificar? Que espaço é reservado ao exercício dos ministérios do leitorado e do acolitado?

V. CORRESPONSÁVEIS NA MISSÃO

A sinodalidade está ao serviço da missão da Igreja, na qual todos os seus membros são chamados a participar. Dado que somos todos discípulos missionários, de que maneira cada um dos Batizados é convocado para ser protagonista da missão? Como é que a comunidade apoia os seus membros comprometidos num serviço na sociedade (na responsabilidade social e política na investigação científica e no ensino, na promoção da justiça social, na salvaguarda dos direitos humanos e no cuidado da Casa comum, etc.)? Como os ajuda a viver estes compromissos, numa lógica de missão? Como se verifica o discernimento a respeito das escolhas relativas à missão e quem participa? Como foram integradas e adaptadas as diferentes tradições em matéria de estilo sinodal, que constituem a herança de muitas Igrejas, especialmente as orientais, em vista de um testemunho cristão eficaz? Como funciona a colaboração nos territórios onde estão presentes diferentes Igrejas *sui iuris*?

VI. DIALOGAR NA IGREJA E NA SOCIEDADE

O diálogo é um caminho de perseverança, que inclui também silêncios e sofrimentos, mas é capaz de recolher a experiência das pessoas e dos povos. Quais são os lugares e as modalidades de diálogo no seio da nossa Igreja particular? Como são enfrentadas as divergências de visão, os conflitos, as dificuldades? Como promovemos a colaboração com as Dioceses vizinhas, com e entre as comunidades religiosas no território, com e entre associações e movimentos laicais, etc.? Que experiências de diálogo e de compromisso partilhado promovemos com crentes de outras religiões e com quem não crê? Como é que a Igreja dialoga e aprende com outras instâncias da sociedade: o mundo da política, da economia, da cultura, a sociedade civil, os pobres...?

VII. COM AS OUTRAS CONFISSÕES CRISTÃS

O diálogo entre cristãos de diferentes confissões, unidos por um único Batismo, ocupa um lugar particular no caminho sinodal. Que relacionamentos mantemos com os irmãos e as irmãs das outras Confissões cristãs? A que âmbitos se referem? Que frutos colhemos deste "caminhar juntos"? Quais são as dificuldades?

VIII. AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO

Uma Igreja sinodal é uma Igreja participativa e corresponsável. Como se identificam os objetivos a perseguir, o caminho para os alcançar e os passos a dar? Como se exerce a autoridade no seio da nossa Igreja particular? Quais são as práticas de trabalho em grupo e de corresponsabilidade? Como se promovem os ministérios laicais e a assunção de responsabilidade por parte dos Fiéis? Como funcionam os organismos de sinodalidade a nível da Igreja particular? São uma experiência fecunda?

IX. DISCERNIR E DECIDIR

Num estilo sinodal, decide-se por discernimento, com base num consenso que dimana da obediência comum ao Espírito. Com que procedimentos e com que métodos discernimos em conjunto e tomamos decisões? Como podem eles ser melhorados? Como promovemos a participação na tomada de decisões, no seio de comunidades hierarquicamente estruturadas? Como articulamos a fase consultiva com a deliberativa, o processo do *decision-making* com o momento do *decision-*

taking? De que maneira e com que instrumentos promovemos a transparência e a *accountability*?

X. FORMAR-SE NA SINODALIDADE

A espiritualidade do caminhar juntos é chamada a tornar-se princípio educativo para a formação da pessoa humana e do cristão, das famílias e das comunidades. Como formamos as pessoas, de maneira particular aquelas que desempenham funções de responsabilidade no seio da comunidade cristã, a fim de as tornar mais capazes de "caminhar juntas", de se ouvir mutuamente e de dialogar? Que formação oferecemos para o discernimento e o exercício da autoridade? Que instrumentos nos ajudam a interpretar as dinâmicas da cultura em que estamos inseridos e o seu impacto no nosso estilo de Igreja?

A fim de contribuir para a consulta

31. A finalidade da primeira fase do caminho sinodal é favorecer um amplo processo de consulta, para recolher a riqueza das experiências de sinodalidade vivida, nas suas diferentes articulações e aspetos, envolvendo os Pastores e os Fiéis das Igrejas particulares em todos os diversificados níveis, através dos meios mais adequados, em conformidade com as realidades locais específicas: a consulta, coordenada pelo Bispo, destina-se «aos Presbíteros, Diáconos e Fiéis leigos das suas Igrejas, individualmente ou associados, sem transcurar a valiosa contribuição que pode vir dos Consagrados e das Consagradas» (EC, n. 7). De maneira particular, solicita-se a contribuição dos organismos de participação das Igrejas particulares, especialmente do Conselho presbiteral e do Conselho pastoral, a partir dos quais verdadeiramente «pode começar a tomar forma uma Igreja sinodal».[21] Será igualmente preciosa a contribuição das outras realidades eclesiais às quais o Documento Preparatório for enviado, assim como daqueles que quiserem enviar diretamente a própria contribuição. Finalmente, será de importância fundamental que encontre espaço também a voz dos pobres e dos excluídos, e não somente daqueles que desempenham alguma função ou responsabilidade no seio das Igrejas particulares.

32. A síntese que cada Igreja particular elaborar na conclusão deste trabalho de escuta e discernimento constituirá a sua contribuição para o percurso da Igreja universal. Para tornar mais fáceis e sustentáveis as fases sucessivas do caminho, é importante conseguir condensar os frutos da oração e da reflexão, no máximo, em dez páginas. Se for necessário, para as contextualizar e explicar melhor, poderão ser anexados outros textos como apoio ou integração. Recordamos que o objetivo do Sínodo, e por conseguinte desta consulta, não consiste em produzir documentos, mas em «fazer germinar sonhos, suscitar profecias e visões, fazer florescer a esperança, estimular confiança, faixar feridas, entrançar relações, ressuscitar uma aurora de esperança, aprender uns dos outros e criar um imaginário positivo que ilumine as mentes, aqueça os corações, restitua força às mãos».[22]

[21] FRANCISCO, *Discurso na Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, cit.
[22] FRANCISCO, *Discurso no início do Sínodo dedicado aos jovens*, 3 de outubro de 2018.

"Como sentimos falta da oração de adoração hoje! Muitos perderam não só o hábito, mas também a noção do que significa adorar."

(Papa Francisco)

"Alarga o espaço da tua tenda"

(Is 54,2)

DOCUMENTO DE TRABALHO PARA A ETAPA CONTINENTAL

Índice

Introdução

1. A experiência do processo sinodal

1.1 "Os frutos, as sementes e as ervas daninhas da sinodalidade"

1.2 A comum dignidade batismal

2. Escutando as Escrituras

3. Em direção a uma Igreja sinodal missionária

3.1 Uma escuta que se faz acolhimento

3.2 Irmãs e irmãos para a missão

3.3 Comunhão, participação e corresponsabilidade

3.4 A sinodalidade toma forma

3.5 Vida sinodal e liturgia

4. Os próximos passos

4.1 Um caminho de conversão e reforma

4.2 Metodologia para a Etapa Continental

Introdução

1. O Sínodo segue em frente: podemos afirmá-lo com entusiasmo a um ano da sua abertura. Ao longo desta primeira parte da fase consultiva, milhões de pessoas em todo o mundo foram implicadas nas atividades do Sínodo: umas participando em encontros a nível local, outras colaborando na animação e coordenação das atividades aos diversos níveis e outras oferecendo o apoio da própria oração. "*Exprimimos também a nossa gratidão às religiosas de vida contemplativa, que acompanharam o seu povo com a oração e continuam a rezar pelos frutos do Sínodo*" (CE Peru). Os verdadeiros protagonistas do Sínodo são todas estas pessoas que participaram!

2. Puseram-se em movimento dinamizadas pelo desejo de ajudar a encontrar a resposta à interrogação de fundo que guia todo o processo: "*Como se realiza hoje, aos diversos níveis, tanto local como universal, aquele «caminhar juntos» que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada? E que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal?*" (Documento Preparatório, n. 2).

3. Ao longo do caminho experimentaram a alegria de se encontrarem como irmãos e irmãs em Cristo, partilhando quanto a escuta da Palavra fazia ecoar dentro deles e interrogando-se sobre o futuro da Igreja a partir da base dos estímulos do Documento Preparatório (DP). Isto alimentou neles o desejo de uma Igreja sempre mais sinodal: a sinodalidade deixou de ser para eles um conceito abstrato e tomou o rosto de uma experiência concreta; provaram-lhe o gosto e querem continuar a fazê-lo: «"*Através deste processo descobrimos que a sinodalidade é um modo de ser Igreja; ou melhor, é o modo*". "*O Espírito Santo está a pedir-nos para sermos mais sinodais*"» (CE Inglaterra e Gales).

4. A sua experiência traduziu-se em palavras, nos contributos que as diversas comunidades e grupos enviaram às Dioceses, que sintetizaram e enviaram às Conferências Episcopais. Por sua vez, a partir das pistas contidas no DP, estas redigiram uma síntese que foi enviada à Secretaria Geral do Sínodo.

5. A participação a nível global foi superior a todas as expetativas. À Secretaria do Sínodo chegaram as sínteses de 112 das 114 Conferências Episcopais e de todas as 15 Igrejas Orientais Católicas, às quais se juntam as reflexões de 17 dos 23 dicastérios da Cúria Romana, além das que vieram dos Superiores Religiosos (USG/UISG), dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, de Associações e Movimentos de fiéis leigos. Além disso, chegaram mais de mil contributos de pessoas singulares e de grupos, além de sugestões recolhidas nas redes sociais, graças à iniciativa do "Sínodo digital". Estes materiais foram distribuídos a um grupo de peritos: homens e mulheres, bispos, sacerdotes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, provenientes de todos os continentes e com competências disciplinares muito variadas. Depois da sua leitura, estes peritos reuniram-se durante duas semanas com o grupo de redação, composto pelo Relator Geral, pelo Secretário Geral do Sínodo,

pelos Subsecretários e por alguns oficiais da Secretaria do Sínodo, assim como os membros do Comité de Coordenação, aos quais se juntaram por fim os membros do Conselho. Em conjunto trabalharam num clima de oração e discernimento para partilhar os frutos da sua leitura com vista da elaboração deste Documento para a Etapa Continental (DEC).

6. As citações que o vão marcando dão uma ideia da riqueza dos materiais recebidos, permitindo fazer ecoar a voz do Povo de Deus de todas as partes do mundo. Não devem ser interpretadas como um apoio às posições de uma determinada zona do globo, nem como uma simples representação da variedade geográfica, embora se tenha procurado garantir um certo equilíbrio em termos de proveniência das fontes. Essas citações foram escolhidas sobretudo porque exprimem de modo particularmente forte, feliz ou exato um modo de sentir que aparece em muitas sínteses. É claro, contudo, que nenhum documento poderia condensar a profundidade da fé, a vitalidade da esperança e a energia da caridade que transbordam dos contributos recebidos. Por detrás destes, entrevê-se o poder e a riqueza da experiência que as diversas Igrejas realizaram, pondo-se a caminho e abrindo-se à diversidade das vozes que tomaram a palavra. O sentido do caminho sinodal é permitir este encontro e este diálogo, cuja finalidade não é produzir documentos, mas abrir horizontes de esperança para o cumprimento da missão da Igreja.

7. É dentro deste caminho, de modo algum concluído, que este DEC se coloca e encontra o seu sentido. Tendo em vista a Etapa Continental do caminho sinodal, reúne à volta de alguns núcleos as esperanças e preocupações do Povo de Deus disperso por toda a terra. Deste modo, oferece às Igrejas locais a oportunidade de escutar a voz de umas e de outras, em vista das Assembleias Continentais de 2023, às quais compete elaborar uma lista de prioridades, sobre as quais discernirá a Primeira Sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que decorrerá de 4 a 29 de outubro de 2023.

8. Esclarecer a sua função permite também iluminar o que não é o DEC: não se trata de um documento conclusivo, porque o processo está longe de estar terminado; não é um documento do Magistério da Igreja, nem o relatório de um inquérito sociológico; não oferece a formulação de indicações operativas, de metas e objetivos, nem a completa elaboração de uma visão teológica, embora nele abunde o tesouro ricamente teológico contido na narração da experiência da escuta da voz do Espírito por parte do Povo de Deus, permitindo fazer emergir o seu *sensus fidei*. Mas trata-se de um documento teológico também no sentido de estar orientado ao serviço da missão da Igreja: anunciar Cristo morto e ressuscitado para a salvação do mundo.

9. Para evitar equívocos na sua leitura é fundamental ter presente a natureza peculiar do DEC, além da sua estrutura. O Documento inicia com um capítulo que oferece não uma simples crónica, mas uma narração, à luz da fé, da experiência de sinodalidade vivida até aqui, com a consulta ao Povo de Deus nas Igrejas locais

e o discernimento dos Pastores nas Conferências Episcopais: traça-se um perfil, apresentam-se as dificuldades encontradas e os frutos mais significativos recolhidos, identificando as marcas do que constitui uma autêntica experiência coletiva da fé cristã. Deste modo, não apresenta uma definição de sinodalidade em sentido estrito – por isso é possível fazer referência ao DP e aos materiais indicados no *site* do Sínodo (www.synod.va) – mas exprime o sentido partilhado da experiência de sinodalidade vivida por aqueles que participaram. Daqui emerge uma profunda reapropriação da comum dignidade de todos os batizados, autêntico pilar de uma Igreja sinodal e fundamento teológico da unidade capaz de resistir à pressão da homogeneização para continuar a valorizar a diversidade de vocações e carismas que o Espírito Santo derrama sobre os fiéis com abundância imprevisível.

10. O segundo capítulo apresenta um ícone bíblico – a imagem da tenda com que se abre o capítulo 54 do livro de Isaías – que oferece uma chave para uma interpretação dos conteúdos do DEC à luz da Palavra, inserindo-os no âmbito de uma promessa de Deus que passa a ser uma vocação para o seu Povo e a sua Igreja: "*Alarga o espaço da tua tenda!*".

11. Esta tenda é um espaço de *comunhão*, um lugar de *participação* e uma base para a *missão*: compete ao terceiro capítulo articular as palavras chave do caminho sinodal com os frutos da escuta do Povo de Deus. Fá-lo sintetizando em cinco tensões generativas que se entrecruzam umas com as outras:

1) A escuta como abertura ao acolhimento a partir do desejo de inclusão radical – ninguém excluído! –, a ser entendido numa perspetiva de comunhão com as irmãs, os irmãos e o Pai comum. A escuta aparece aqui não como uma ação instrumental, mas como o assumir uma atitude fundamental de um Deus que escuta o seu povo e o seguimento de um Senhor que os Evangelhos apresentam constantemente na escuta das pessoas que vão ao seu encontro ao longo das estradas da Terra Santa; neste sentido, a escuta é já missão e anúncio.
2) O impulso para a saída em missão. Trata-se de uma missão que os católicos reconhecem dever levar por diante com os irmãos e as irmãs de outras confissões e em diálogo com os crentes de outras religiões, transformando as ações humanas de cuidado em experiências autenticamente espirituais, que anunciam o rosto de um Deus que se desvela a cuidar até dar a própria vida para que nós tenhamos vida em abundância;
3) O compromisso de levar por diante a missão exige assumir um estilo baseado sobre a participação, que corresponde à completa assunção da corresponsabilidade de todos os batizados pela única missão da Igreja, derivada da comum dignidade batismal;
4) A construção de possibilidades concretas de vida em comum, de participação e missão, através de estruturas e instituições habitadas por pessoas adequadamente formadas e sustentadas por uma viva espiritualidade;
5) A liturgia, particularmente a eucarística, fonte e cume da vida cristã, que reúne a comunidade, tornando tangível a comunhão, permite o exercício da

participação e nutre com a Palavra e os Sacramentos o impulso para a missão.

12. Por fim, o quarto capítulo lança um olhar sobre o futuro recorrendo a dois registos, ambos indispensáveis para seguir ao longo do caminho: o espiritual que indica o horizonte da conversão missionária sinodal, e o da metodologia para os próximos passos da Etapa Continental.

13. O DEC só será compreensível e útil se for lido com os olhos do discípulo, que o reconhece como o testemunho de um percurso de conversão para uma Igreja sinodal, que aprende da escuta o modo como renovar a própria missão evangelizadora à luz dos sinais dos tempos, para continuar a oferecer à humanidade um modo de ser e de viver em que todos se possam sentir incluídos e protagonistas. Ao longo deste caminho, a candeia para os nossos passos é a Palavra de Deus, que oferece a luz com que reler, interpretar e exprimir a experiência que se viveu.

14. Oremos juntos:

Senhor, reuniste todo o teu Povo em Sínodo.

Damos-te graças pela alegria experimentada
por aqueles que decidiram pôr-se a caminho
na escuta de Deus e de seus irmãos e irmãs, durante o presente ano,
com uma atitude de acolhimento, humildade, hospitalidade e fraternidade.

Ajuda-nos a entrar nestas páginas como em "terra sagrada".

Vem Espírito Santo: sê tu o guia do nosso caminhar juntos!

1. A experiência do processo sinodal

15. As sínteses enviadas das Igrejas de todo o mundo dão voz às alegrias, às esperanças, aos sofrimentos e às feridas dos discípulos de Cristo. Nas suas palavras sentimos ecoar quanto vai no coração de toda a humanidade. Exprimem o desejo de uma Igreja que caminha com Cristo sob a guia do Espírito, para desempenhar a própria missão de evangelização. "*A experiência «sinodal» em ato despertou nos fiéis leigos a ideia e o desejo de se empenharem na vida da Igreja, no seu compromisso no mundo contemporâneo e na sua ação pastoral concreta*" (CE Canadá).

1.1 "Os frutos, as sementes e as ervas daninhas da sinodalidade"

16. A primeira etapa do processo sinodal produziu frutos abundantes, sementes novas que prometem um novo crescimento e, sobretudo, suscitou uma experiência de alegria numa estação complicada: "*o que emerge do exame dos frutos, das*

sementes e das ervas daninhas da sinodalidade são vozes de grande amor pela Igreja, vozes que sonham uma Igreja capaz de um testemunho credível, uma Igreja que saiba ser uma Família de Deus inclusiva, aberta e acolhedora" (CE Zimbabwe). Haiti dá voz a muitos: "*apesar de se verificarem continuadamente casos de rapto e violência, as sínteses diocesanas exprimem a alegria daqueles que puderam participar ativamente nesta primeira fase do Sínodo*" (CE Haiti). Esta vivência na primeira fase é uma alegria que muitos pediram para alargar e partilhar com outros. Disto faz eco a Diocese de Ebibeyín (Guiné Equatorial): "*esta experiência sinodal foi uma das mais gratificantes que muitos puderam viver na sua vida cristã. Desde o primeiro momento em que iniciaram os trabalhos do Sínodo até ao ponto em que estamos agora, há um grande entusiasmo entre o Povo de Deus*". Entre os frutos da experiência sinodal, diversas sínteses põem em evidência o reforço do sentimento de pertença à Igreja e a tomada de consciência a nível prático de que a Igreja não são só os sacerdotes e os bispos: "*Partilhando a pergunta fundamental: «como se desenrola hoje este caminho em conjunto na tua Igreja particular?» Foi notado que as pessoas puderam tomar consciência da verdadeira natureza da Igreja e, nesta luz, puderam ver a situação da sua Igreja particular*" (CE Bangladesh).

17. Um apreço geral recebeu o método da conversação espiritual, que permitiu a muitos olhar com honestidade a realidade da vida da Igreja e de chamar pelo nome as luzes e as sombras. Esta justa avaliação trouxe imediatamente frutos missionários: "*Constata-se uma forte mobilização do Povo de Deus, a alegria de nos encontrarmos, de caminhar juntos e de falar livremente. Alguns cristãos que se tinham sentido feridos e se tinham afastado da Igreja regressaram por ocasião desta fase de consulta*" (CE República Centro Africana). Muitos sublinharam que foi a primeira vez em que a Igreja pediu o seu parecer e desejam continuar neste caminho: "*As reuniões no espírito do método sinodal, em que todos os membros da congregação ou da comunidade podem exprimir aberta e honestamente a sua opinião, e também os encontros com vários grupos externos à Igreja, deveriam continuar. Este tipo de cooperação deveria tornar-se uma das «leis não escritas» da cultura da Igreja, de modo a favorecer a aproximação entre os membros da Igreja e os grupos da sociedade, criando assim a disponibilidade das pessoas a um diálogo mais profundo*" (CE Letónia).

18. Não faltaram, contudo, dificuldades, que as sínteses não escondem. Algumas estão ligadas à coincidência da fase da consulta com a pandemia, outras derivam da dificuldade de compreender o que significa sinodalidade, devido à necessidade de um maior esforço de tradução e inculturação dos materiais, da falta de organização dos encontros sinodais nalguns contextos locais ou da resistência perante o que se propõe. Não faltam expressões de rejeição muito claras: "*Não confio no Sínodo. Penso que tenha sido convocado para introduzir ulteriores mudanças nos ensinamentos de Cristo e infligir outras feridas à sua Igreja*" (observações individuais do Reino Unido). Com bastante frequência foi expresso o medo que a ênfase sobre a sinodalidade possa fazer pressão para a adoção no interior da Igreja de mecanismos e procedimentos impregnados do princípio da maioria de tipo democrático. Entre as dificuldades vem assinalado também o ceticismo sobre a real eficácia ou intenção

do processo sinodal: "*Alguns expressaram dúvidas sobre o êxito do processo sinodal por causa da perceção da Igreja como uma instituição rígida que não quer mudar e modernizar-se, ou por causa da suspeita que o êxito do Sínodo tenha sido predeterminado*" (CE Canadá).

19. Numerosas sínteses mencionam os medos e as resistências da parte do clero, mas também a passividade dos leigos, o seu temor a exprimir-se livremente e o cansaço de articular o papel dos pastores com a dinâmica sinodal: "*Neste processo houve também resistências, falta de participação, comunidades que não se envolveram. Isto é devido em parte às novidades do desafio, dado que muitas comunidades não estão habituadas a este modo de viver a Igreja. Mas também é causado pelo facto de que alguns responsáveis e pastores não assumiram o papel de animação e guia que lhes competia. Várias sínteses diocesanas lamentam a falta ou o débil envolvimento dos sacerdotes*" (CE Chile). Em muitos casos, o processo sinodal e os materiais recebidos revelam que se difundiu a perceção de uma separação entre os presbíteros e o resto do Povo de Deus: "*As consultas nas dioceses e a nível nacional mostraram que a relação entre os sacerdotes e os fiéis é difícil em muitos lugares. Por um lado, critica-se a distância que se nota entre clero e leigos, por outro lado nalguns lugares os sacerdotes são mesmo considerados como um obstáculo a uma comunidade frutífera. Ao mesmo tempo, indicam-se os desafios para os sacerdotes: a diminuição do seu número e dos voluntários levam à exaustão; além disso, os sacerdotes nem sempre se sentem ouvidos, alguns veem o seu ministério posto em discussão. O que faz um bom sacerdote? Como a vida paroquial pode ser uma experiência enriquecedora para todos os que estão envolvidos? Porque é que sempre menos homens sentem vocação? Estas perguntas devem ser discutidas*" (CE Áustria).

20. Um obstáculo particularmente relevante na via do caminhar juntos é representado pelo escândalo dos abusos cometidos por membros do clero ou de pessoas que desempenham um cargo eclesial: em primeiro lugar e sobretudo os abusos sobre menores e pessoas vulneráveis, mas também os de outro género (espirituais, sexuais, económicos, de autoridade, de consciência). Trata-se de uma ferida aberta, que continua a infligir dor às vítimas e aos sobreviventes, às suas famílias e comunidades: "*Fez-se contínua referência ao impacto à crise dos abusos sexuais do clero [...]. Para muitos, as consequências são ainda uma questão espinhosa e não resolvida. Foi notada a forte urgência de reconhecer o horror e o mal causado e de aumentar esforços para tutelar as pessoas vulneráveis, reparar o dano causado à autoridade moral da Igreja e reconstruir a confiança. Algumas dioceses referiram que os participantes desejavam que reconhecessem e se emendassem os abusos do passado*" (CE Austrália). Uma atenta e dolorosa reflexão sobre a herança dos abusos levou muitos grupos sinodais a pedir uma mudança cultural da Igreja, com vista a uma maior transparência, responsabilidade e corresponsabilidade.

21. Por fim, em demasiados países o caminho sinodal cruzou-se com guerras que ensanguentam o nosso mundo, "*dando livre desafogo a fanatismos de toda a espécie e a perseguições, e até mesmo a massacres. Foram notadas formas de incitamento*

sectário e étnico que degeneraram em conflitos armados e políticos, frequentemente sangrentos" (Igreja Maronita). Particularmente dolorosas são as situações em que os cristãos, também católicos, vivem em países que estão em guerra entre si. Também nestas situações de fragilidade, que tornam mais intenso o encontro com o Senhor crucificado e ressuscitado, as comunidades cristãs souberam acolher o convite que lhes foi dirigido para organizar experiências de sinodalidade e refletir sobre o que significa caminhar juntos, exprimindo o desejo de continuar a fazê-lo: "*Em relação à tragédia do genocídio contra os tutsis, que tanto dividiu o povo ruandês, dever-se-ia aprofundar melhor o tema da comunhão em vista de uma autêntica cura da memória coletiva. Este Sínodo permitiu-nos compreender melhor que a pastoral da unidade e da reconciliação deve continuar a representar uma prioridade*" (CE Ruanda).

1.2 A comum dignidade batismal

22. As práticas de sinodalidade vividas constituíram "*um momento crucial e precioso para cairmos na conta de como todos nós, pelo Batismo, partilhamos a comum dignidade e vocação de participar na vida da Igreja*" (CE Etiópia). Esta referência fundante ao Batismo – em termos não abstratos, mas como uma identidade efetivamente compreendida – põe logo em evidência o laço entre a forma sinodal da Igreja e a possibilidade de realizar a sua missão: "*Aconteceu uma crescente consciência da importância de que caminhem juntos aqueles que receberam a graça do Batismo, partilhando e discernindo aquilo a que os chama a voz do Espírito. Deu-se uma profunda tomada de consciência do facto que caminhar juntos numa Igreja sinodal é o modo de tornar a Igreja missionária*" (CE Japão). Muitas Igrejas locais, que se encontram em contextos que veem a presença de numerosas denominações cristãs, sublinham a comum dignidade batismal de todos os cristãos e a comum missão ao serviço do Evangelho: um processo sinodal não é completo sem encontrar as irmãs e os irmãos de outras confissões, partilhar e dialogar com eles e comprometer-se em ações comuns. As sínteses exprimem o desejo de um mais profundo diálogo ecuménico e a necessidade de formação a este respeito.

23. As sínteses apresentam o processo sinodal como uma experiência de novidade e frescura: "*O Povo de Deus sublinhou o caráter excecional da experiência de exprimir-se livremente em momentos de encontro expressamente preparados, sem condições de agenda e com uma atenção específica para seguir a inspiração do Espírito Santo. As pessoas recordaram como foi a primeira vez que lhes era pedido para falar, apesar de frequentarem a Igreja desde há decénios*" (CE Paquistão). Uma outra imagem faz referência a uma experiência de libertação e vida nova: a casca do ovo que se parte para deixar que uma nova existência estenda as asas.

24. Noutras sínteses aparecem expressões que evocam sobretudo a ideia de um afastamento entre membros da mesma família e de um regresso desejado, o fim de uma perda coletiva da própria identidade de Igreja sinodal. Recorrendo a uma imagem bíblica, poder-se-ia dizer que o caminho sinodal deu os primeiros passos do regresso de um exílio, cujas consequências dizem respeito a todo o Povo de Deus: se a Igreja não é sinodal, ninguém pode sentir-se em casa.

2. Escutando as Escrituras

25. É a um povo que vive a experiência do exílio que o profeta dirige palavras que hoje nos ajudam a pôr em foco aquilo a que o Senhor nos está a chamar através da experiência de uma sinodalidade vivida: "*Alarga o espaço da tua tenda, estende sem medo as lonas que te abrigam, e estica as tuas cordas, fixa bem as tuas estacas*" (Is 42,2).

26. A palavra do profeta recorda ao povo no exílio a experiência do êxodo e da travessia do deserto, quando habitava nas tendas, e anuncia a promessa do regresso à terra, sinal de alegria e esperança. Para se preparar, é necessário alargar a tenda, agindo sobre três elementos da sua estrutura. O primeiro são as lonas, que protegem do sol, do vento e da chuva, delineando um espaço de vida e de convivência. É preciso estendê-las, de modo que possam proteger também aqueles que ainda se encontram fora deste espaço, mas que se sentem chamados a entrar. O segundo elemento estrutural da tenda são as cordas, que mantêm juntas as lonas. Devem equilibrar a tensão necessária para evitar que a tenda se debilite com a frouxidão que enfraquece com os movimentos provocados pelo vento. Por isso, se a tenda se alarga, devem aumentar-se para manter a justa tensão. Por fim, o terceiro elemento são as estacas que fixam a estrutura ao solo e asseguram a solidez, mas permanecem capazes de serem movidas quando se deve armar a tenda noutro lugar.

27. Ouvi hoje estas palavra de Isaías que nos convidam a imaginar a Igreja como uma tenda, ou melhor, como a tenda da reunião, que acompanhava o povo durante o caminho no deserto: é, portanto, chamada a alargar-se, mas também a deslocar-se. No seu centro está o tabernáculo, ou seja, a presença do Senhor. A resistência da tenda é assegurada pela robustez das suas estacas, ou seja, os fundamentos da fé que não mudam, mas podem ser deslocados e colocados em terrenos sempre novos, de modo que a tenda possa acompanhar o povo que caminha na história. Por fim, para não afrouxar, a estrutura da tenda deve manter em equilíbrio as diversas pressões e tensões a que é submetida: uma metáfora que exprime a necessidade do discernimento. É assim que muitas sínteses imaginam a Igreja: uma morada ampla, mas não homogénea, capaz de dar abrigo a todos, mas aberta, que deixa entrar e sair (cf. *Jo* 10,9), e em movimento para o abraço com o Pai e com todos os outros membros da humanidade.

28. Alargar a tenda exige acolher outros no seu interior, dando espaço à sua diversidade. Requer, portanto, a disponibilidade para morrer a si mesmos por amor, reencontrando-se na e pela relação com Cristo e com o próximo: "*Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto*" (Jo 12,24). A fecundidade da Igreja depende da aceitação desta morte, que não é uma aniquilação, mas uma experiência de esvaziamento de si para deixar-se encher de Cristo pelo Espírito Santo e, portanto, um processo através do qual recebemos o dom de relações mais ricas e laços mais profundos com Deus e com os outros. É esta a experiência da graça e da transfiguração. Por esta razão o apóstolo Paulo recomenda: "*Tende entre vós os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus. Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação*

ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo" (Fl 2,5-7). É nesta condição que os membros da Igreja, individualmente e todos em conjunto, se tornarão capazes de cooperar com o Espírito Santo para cumprir a missão dada por Jesus Cristo à sua Igreja: é um ato litúrgico, eucarístico.

3. Em direção a uma Igreja sinodal missionária

29. A imagem bíblica da tenda cruza-se com outras que aparecem em numerosas sínteses: a da família e a da casa, como lugar ao qual as pessoas desejam pertencer e ao qual querem regressar. "*A Igreja-casa não tem portas que se fecham, mas um perímetro que se alarga continuamente*" (CE Itália). A dinâmica da casa e do exílio, da pertença e da exclusão é mencionada na síntese como uma tensão: "*Aqueles que se sentem em casa na Igreja notam a falta daqueles que não se sentem em casa*" (CE Irlanda). Por meio destas vozes, percebemos "*o sonho divino de uma Igreja global e sinodal que vive a unidade na diversidade. Deus está a preparar algo de novo e nós devemos colaborar*" (USG/UISG).

30. Os contributos recebidos são encorajadores porque evitam duas das principais tentações que se apresentam à Igreja perante a diversidade e as tensões que essa gera. A primeira é a de permanecer prisioneiros no conflito: os horizontes restringem-se, perde-se o sentido do conjunto e fragmenta-se em sub-identidades. É a experiência de Babel e não de Pentecostes, bem clara em muitos setores do nosso mundo. A segunda tentação é a de distanciar-se espiritualmente e desinteressar-se das tensões que estão em jogo, continuando a percorrer a própria estrada sem se comprometer com quem está perto no caminho. Mas "*a chamada é para viver melhor a tensão entre verdade e misericórdia, como fez Jesus [...]. O sonho é de uma Igreja que viva mais plenamente o paradoxo cristológico: proclamar com coragem o próprio ensinamento autêntico e ao mesmo tempo oferecer um testemunho de inclusão e aceitação radical por meio de um acompanhamento pastoral baseado no discernimento*" (CE Inglaterra e Gales).

31. A visão de uma Igreja capaz de uma inclusão radical, de pertença mútua e de profunda hospitalidade segundo os ensinamentos de Jesus está no centro do processo sinodal: "*Em vez de nos comportarmos como guardas que procuram excluir os outros da mesa, devemos esforçar-nos mais para estarmos certos que as pessoas saibam que todos podem encontrar aqui um lugar e uma casa*" (observação de um grupo paroquial dos Estados Unidos). Somos chamados para irmos a todo o lugar, especialmente para além dos territórios mais familiares, "*saindo da posição cómoda daqueles que dão hospitalidade para deixar-se acolher na existência dos que são nossos companheiros no caminho da humanidade*" (CE Alemanha).

3.1 Uma escuta que se faz acolhimento

32. Neste percurso, as Igrejas caíram na conta de que o caminho para uma maior inclusão – a tenda alargada – se realiza de modo gradual. Inicia com a escuta e

exige uma mais ampla e profunda conversão das atitudes e das estruturas e também de novos modos de acompanhamento pastoral e a disponibilidade de reconhecer que as periferias podem ser o lugar em que ecoa um apelo à conversão e a pôr decididamente em prática o Evangelho. A escuta exige reconhecer o outro como sujeito do seu próprio caminho. Quando conseguimos fazê-lo, os outros sentem-se acolhidos, não julgados, livres para partilhar o seu caminho espiritual. Isto foi experimentado em muitos contextos e, para alguns, isto foi o aspeto mais transformador de todo o processo: a experiência sinodal pode ser lida como um percurso de reconhecimento para aqueles que não se sentem suficientemente reconhecidos na Igreja. Isto é particularmente verdadeiro para os leigos e leigas, diáconos, consagrados e consagradas que antes tinham a sensação de que a Igreja institucional não se interessava pela sua experiência de fé ou pelas suas opiniões.

33. As sínteses refletem também sobre a dificuldade de escutar profundamente e de aceitar ser transformados por esta escuta, põem em evidência a falta de processos comunitários de escuta e discernimento e pedem uma maior formação neste campo. Além disso, notam que permanecem obstáculos estruturais, entre os quais: estruturas hierárquicas que favorecem tendências autocráticas; uma cultura clerical individualista que isola as pessoas e fragmenta as relações entre sacerdotes e leigos; disparidades socioculturais e económicas que privilegiam as pessoas ricas e instruídas; a ausência de espaços «intermédios» que favoreçam o encontro entre os membros de grupos separados. A síntese da Polónia afirma: "*Não escutar leva à incompreensão, à exclusão, à marginalização. Como ulterior consequência, cria-se o fechamento, o simplismo, a falta de confiança e medos que destroem a comunidade. Quando os sacerdotes não querem ouvir, encontram desculpas como o grande número de atividades, ou quando as perguntas ficam sem resposta, no coração dos fiéis leigos nasce um sentido de estranheza e tristeza. Sem escuta, as respostas às dificuldades dos fiéis são tiradas do contexto e não dizem respeito à essência dos problemas que estão a viver, tornando-se moralismos vazios. Os leigos consideram que a fuga da escuta sincera deriva do medo de dever comprometer-se pastoralmente. Uma sensação semelhante cresce quando os bispos não têm tempo para falar e ouvir os fiéis*".

34. Ao mesmo tempo, as sínteses são sensíveis à solidão e ao isolamento de muitos membros do clero, que não se sentem ouvidos, apoiados e apreciados: talvez uma das vozes menos evidentes nas sínteses é precisamente a dos sacerdotes e bispos que falam de si e da própria experiência de caminhar juntos. Uma especial atenção deve ser dada aos ministros ordenados, no que respeita às dimensões afetivas e sexuais das suas vidas. Assinala-se também a importância de proporcionar formas de acolhimento e proteção às mulheres e aos eventuais filhos dos sacerdotes que quebraram o voto do celibato, que de outro modo correm o risco de sofrer graves injustiças e discriminações.

Uma opção pelos jovens, as pessoas com deficiência e a defesa da vida

35. É universal a preocupação pela escassa presença da voz dos jovens no processo sinodal, assim como na vida da Igreja, de modo crescente. Uma atenção renovada para com os jovens, a sua formação e o seu acompanhamento são uma urgência, também na concretização das conclusões do Sínodo precedente sobre "*Os jovens, a*

fé e o discernimento vocacional" (2018). Nessa ocasião foram precisamente os jovens a fazer emergir a necessidade de uma Igreja mais sinodal, com vista à transmissão da fé hoje. A iniciativa do «Sínodo digital» constitui um significativo esforço para pôr-se à escuta dos jovens e oferece novos pontos para o anúncio do Evangelho. A síntese das Antilhas afirma: "*Dado que os nossos jovens fazem experiência de um nível de alienação muito alto, devemos assumir uma opção preferencial pelos jovens*".

36. Numerosas sínteses assinalam a falta de estruturas e modalidades de acompanhamento apropriadas às pessoas com deficiência e apelam a novos modos para acolher o seu contributo e promover a sua participação: a despeito dos seus próprios ensinamentos, a Igreja arrisca imitar o modo como a sociedade as põe de lado. "*As formas de discriminação enumeradas – a falta de escuta, a violação do direito de escolher onde e com quem viver, a negação dos Sacramentos, a acusação de bruxaria, os abusos – e outras, descrevem a cultura do descarte no confronto com as pessoas com deficiência. Essas não nascem por acaso, mas têm em comum a mesma raiz: a ideia de que a vida das pessoas com deficiência valha menos que as outras*" (Síntese da consulta sinodal especial de pessoas com deficiência, ao cuidado do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida).

37. Igualmente é posto em relevo o empenho do Povo de Deus pela defesa da vida frágil e ameaçada em todas as suas fases. Por exemplo, para a Igreja greco-católica da Ucrânia, faz parte da sinodalidade "*estudar o fenómeno da migração feminina e oferecer apoio às mulheres de diferentes faixas etárias; prestar particular atenção às mulheres que decidem abortar por causa do medo da pobreza material e da rejeição por parte das famílias na Ucrânia; promover um trabalho educativo entre as mulheres que são chamadas a fazer uma escolha responsável quando se encontram a atravessar um momento difícil da sua vida, com o fim de preservar e proteger a vida dos nascituros e prevenir o recurso ao aborto; assumir o cuidado das mulheres com síndrome pós-aborto*".

À escuta de quem se sente não cuidado e excluído

38. As sínteses mostram com clareza que muitas comunidades já compreenderam a sinodalidade como um convite a pôr-se à escuta daqueles que se sentem exilados da Igreja. Os grupos que experimentam um sentido de exílio são diversos, começando por muitas mulheres e jovens que não sentem reconhecidos os próprios dons e as suas capacidades. No interior deste conjunto bastante heterogéneo, muitos sentem-se denegridos, marginalizados, incompreendidos. A nostalgia de uma casa caracteriza também aqueles que se sentem desconfortáveis após os desenvolvimentos litúrgicos do Concílio Vaticano II. Para muitos é transformadora a experiência de serem escutados seriamente e representa um primeiro passo para se sentirem incluídos. Por outro lado, foi fonte de tristeza o facto de que alguns tenham tido a sensação que a sua participação no percurso sinodal não fosse apreciada: trata-se de um sentimento que requer compreensão e diálogo.

39. Entre aqueles que pedem um diálogo mais incisivo e um espaço mais acolhedor, encontramos também aqueles que, por diversas razões, notam uma tensão entre a pertença à Igreja e as próprias relações afetivas, como por exemplo: os divorciados recasados, as famílias monoparentais, as pessoas que vivem num casamento polígamo,

as pessoas LGBTQ, etc. As sínteses mostram como este pedido de acolhimento interpela muitas Igrejas locais: "*As pessoas pedem que a Igreja seja um refúgio para quem está ferido e caído, não uma instituição para os perfeitos. Querem que a Igreja encontre as pessoas onde quer que estejam, que caminhe com elas em vez de as julgar e construa relações reais por meio do cuidado e da autenticidade, não com sentido de superioridade*" (CE USA). Deixam também emergir incertezas quanto ao modo de dar respostas e exprimem a necessidade de um discernimento por parte da Igreja universal: "*Há um fenómeno novo na Igreja que é uma novidade absoluta no Lesotho: as relações entre pessoas do mesmo sexo. [...] Esta novidade representa um motivo de perturbação para os católicos e para quantos consideram isso um pecado. Surpreendentemente há católicos no Lesotho que começaram a praticar este comportamento e esperam que a Igreja os acolha, bem como o seu modo de se comportarem. [...] Trata-se de um desafio problemático para a Igreja, porque estas pessoas se sentem excluídas*" (CE Lesotho). Também os que deixaram o ministério ordenado para se casarem pedem maior acolhimento e disponibilidade para o diálogo.

40. Não obstante as diferenças culturais, há notáveis semelhanças entre os vários continentes no respeitante àqueles que são considerados como excluídos, na sociedade e também na comunidade cristã. Em muitos casos a sua voz esteve ausente no processo sinodal, e aparecem nas sínteses só porque outros falam deles, lamentando a exclusão: "*Como Igreja boliviana estamos doloridos por não ter conseguido alcançar eficazmente os pobres das periferias e dos lugares mais remotos*" (CE Bolívia). Entre os grupos excluídos mencionados mais frequentemente: os mais pobres, os idosos sozinhos, os povos indígenas, os migrantes sem alguma pertença e que levam uma existência precária, as crianças da rua, os alcoolizados e os drogados, aqueles que caíram nas redes da criminalidade e aqueles para quem a prostituição representa a única possibilidade de sobrevivência, as vítimas do tráfico humano, os sobreviventes aos abusos (na Igreja e não só), os presos, os grupos que sofrem discriminação e violência por causa da raça, da etnia, do género, da cultura e da sexualidade. Nas sínteses, todos estes aparecem como pessoas com rosto e nome, que pedem solidariedade, diálogo, acompanhamento e acolhimento.

3.2 Irmãs e irmãos para a missão

41. A Igreja é portadora de um anúncio de vida em plenitude: "*Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*" (*Jo* 10,10). Os Evangelhos apresentam a plenitude desta vida e o Reino de Deus não como realidades ou âmbitos separados, mas sempre como dinâmicas que se entrecruzam. A missão da Igreja é tornar Cristo presente no meio do seu povo através da leitura da Palavra, da celebração dos Sacramentos e de todas as ações que tomam cuidado de quem está ferido ou sofredor. "*É necessário que todos na Igreja entremos num processo de conversão para dar resposta a esta exigência que comporta propor o kerigma como anúncio e escuta fundamental de Cristo crucificado e ressuscitado para nós. [...] Daqui a importância de regressar à essência da vida cristã e do primeiro amor, e regressar às nossas raízes como as primeiras comunidades, ou seja, aquelas em que tudo era em comum*" (CE Costa Rica).

42. Levando a cabo a missão, sigamos em direção à plenitude da nossa vocação

cristã. "*Alargar a tenda*" é o coração da ação missionária. Por isso, uma Igreja sinodal representa um poderoso testemunho do Evangelho no mundo: "*O Espírito Santo está a impulsionar-nos a uma renovação de estratégias, compromissos, dedicação e motivação para caminhar juntos, alcançando os mais afastados, difundindo a Palavra de Deus com entusiasmo e alegria, usando os nossos talentos, dons e capacidades, assumindo novos desafios e provocando mudanças culturais à luz da fé e da vida da Igreja*" (CE Venezuela). As sínteses dão voz ao sonho de uma Igreja capaz de se deixar interpelar pelos desafios do mundo de hoje e de lhes responder com transformações concretas: "*O mundo precisa de uma "Igreja em saída", que rejeite a divisão entre crentes e não crentes, que olhe para a humanidade e lhe ofereça mais do que uma doutrina ou uma estratégia, uma experiência de salvação, um "golpe de dom" que atenda ao grito da humanidade e da natureza*" (CE Portugal).

A missão da Igreja no mundo de hoje

43. A sinodalidade é uma chamada de Deus a caminhar juntos com toda a família humana. Em muitos lugares, os cristãos vivem no meio de pessoas com outras crenças ou não crentes e estão empenhados num diálogo feito de quotidianidade e partilha de vida: "*Vem cultivado um clima social de diálogo também com aqueles que praticam a religião africana tradicional e com qualquer outra pessoa ou comunidade, qualquer que seja a confissão religiosa a que pertence*" (CE Senegal, Mauritânia, Cabo Verde e Guiné Bissau). As sínteses indicam, contudo, que ainda há muito caminho a percorrer em termos de intercâmbio e colaboração social, cultural, espiritual e intelectual.

44. As feridas da Igreja estão intimamente ligadas às do mundo. As sínteses falam dos desafios do tribalismo, do sectarismo, do racismo, da pobreza e desigualdade de género na vida da Igreja e do mundo. Uganda faz eco a muitos outros países, notando que "*os ricos e os instruídos são mais ouvidos*". A síntese das Filipinas ressalta que "*muitos que pertencem às classes mais baixas da sociedade e aos marginalizados sentem-se também excluídos da Igreja*". Outras sínteses assinalam o influxo, sobre a vida das comunidades eclesiais, das discriminações étnicas e de uma cultura fundada sobre o tribalismo. Estas realidades não só constituem o pano de fundo da nossa missão, mas definem também o seu objetivo e finalidade: a mensagem do Evangelho que a Igreja tem o dever de anunciar deve converter também as estruturas de pecado que mantêm prisioneiras a humanidade e a criação.

45. O Povo de Deus exprime o profundo desejo de ouvir o grito dos pobres e o da terra. As sínteses convidam-nos a reconhecer especialmente a interconexão entre os desafios sociais e ambientais e a dar-lhes resposta, colaborando e dando vida a alianças com outras confissões cristãs, crentes de outras religiões e pessoas de boa vontade. Este apelo a um renovado ecumenismo e ao compromisso inter-religioso é particularmente forte nas nações marcadas por uma maior vulnerabilidade aos danos socioambientais e de desigualdades mais notórias. Por exemplo, muitas sínteses africanas e da zona do Pacífico convidam as Igrejas de todo o mundo a reconhecer que enfrentar os desafios socioambientais deixou de ser facultativo: "*É nosso desejo proteger esta parte da criação de Deus, dado que o bem-estar dos nossos povos, de muitíssimos modos, depende do oceano. Nalguns dos nossos Países, a ameaça principal é representada pelo oceano,*

uma vez que as mudanças climáticas têm consequências drásticas para a sobrevivências destes Países" (CE Pacífico).

46. Algumas sínteses sublinham a importância do papel da Igreja no espaço público, particularmente em relação aos processos de construção da paz e reconciliação. Em sociedades extremamente polarizadas, isto é considerado uma parte integrante da missão da Igreja. Outras sínteses convidam a Igreja a contribuir com maior decisão ao debate público e ao compromisso pela justiça. Sobressai o desejo de maior formação no campo da doutrina social da Igreja. "*A nossa Igreja não é chamada ao conflito, mas ao diálogo e à cooperação a todos os níveis. [...] O nosso diálogo não pode ser um diálogo apologético com discussões inúteis, mas um diálogo de vida e solidariedade*" (Igreja Arménia católica).

47. Um ulterior tema comum a muitas sínteses é a debilidade de um compromisso ecuménico profundo e o desejo de aprender como dar nova seiva ao caminho ecuménico, a partir da colaboração concreta e quotidiana sobre preocupações comuns pela justiça social e ambiental. É expresso como um vivo desejo o testemunho mais unido entre as diversas religiões e as comunidades cristãs.

Caminhar juntamente com todos os cristãos

48. O chamamento ao ecumenismo, contudo, não se concretiza apenas num compromisso social comum. Muitas sínteses sublinham que não há sinodalidade completa sem unidade entre os cristãos. Esta começa com o apelo a uma comunhão mais estreita entre Igrejas de diferentes ritos. Desde o Concílio Vaticano II, o diálogo ecuménico tem feito progressos: "*Na experiência concreta do nosso País, o «viver juntos» entre cristãos de diversas confissões é um dado de facto. Os nossos bairros, as nossas famílias, os lugares onde velamos os defuntos, os lugares de trabalho são autênticos espaços ecuménicos*" (CE República Centro Africana). Contudo, não estão ainda bem articuladas muitas questões ecuménicas relativas às estruturas sinodais e aos ministérios na Igreja. Várias sínteses põem em relevo que existe também um «ecumenismo do martírio», onde as perseguições continuam a unir os cristãos. As sínteses pedem uma maior atenção às realidades que geram divisões, como por exemplo a questão da condivisão da Eucaristia.

49. Assinalamos também o delicado fenómeno do crescimento do número de famílias interconfessionais e inter-religiosas, com as suas necessidades específicas em termos de acompanhamento. Relançar o compromisso pela unidade dos cristãos, como testemunho num mundo fragmentado, requer uma formação específica que aumente a confiança, a capacidade e a motivação entre bispos, sacerdotes, consagradas e consagrados, leigas e leigos, para o diálogo ecuménico e inter-religioso. "*Embora a Igreja na Índia tenha tentado promover o diálogo ecuménico e inter-religioso, tem-se a sensação de ser mínimo o compromisso neste âmbito da missão. Os esforços de diálogo envolveram apenas elites restritas e permaneceram quando muito exercícios cerebrais limitados ao âmbito das ideias e dos conceitos, em vez de se tornarem um movimento de massa e um diálogo de vida, amor e ação na base, incluindo pessoas de várias crenças e ideologias a fim de discernir, planificar e trabalhar em conjunto por causas comuns*" (CE Índia).

Os contextos culturais

50. Numerosas sínteses evidenciam a importância de reconhecer que a Igreja desempenha a própria missão de anunciar o Evangelho dentro de contextos culturais específicos, conhecendo a influência de mudanças sociais profundas e rápidas. Os fatores variam, mas em todo o lado determinam desafios significativos para a participação e modelam a realidade da missão da Igreja. A herança do sectarismo, do tribalismo e dos etno-nacionalismos – expressos e vividos de modo diverso em diferentes lugares – ameaça constantemente restringir a expressão da catolicidade da Igreja.

51. Muitas Igrejas referem encontrar-se perante um contexto cultural assinalado pelo declínio da credibilidade e da confiança de que gozam por causa da crise dos abusos. Outros indicam como fatores culturais críticos o individualismo e o consumismo: "*Cada dia podemos sentir que também no nosso País o anúncio do Evangelho é posto em discussão pela crescente secularização, pelo individualismo e pelo indiferentismo em relação às formas institucionais da religião*" (CE Hungria). A síntese de Malta, como muitas outras, sublinha como as implicações históricas entre a Igreja e o poder político continuam a ter um efeito sobre o contexto da missão. Muitas Igrejas sentem encontrar-se perante estes desafios culturais, todos em conjunto, mas desejam crescer na confiança de poder anunciar o Evangelho também "*numa sociedade consumista que não conseguiu garantir a sustentabilidade, a equidade ou o sentido de realização*" (CE Irlanda). Outras Igrejas experimentam um pluralismo de posições no seu interior: "*A África meridional sofre também o impacto das tendências internacionais da secularização, do individualismo e do relativismo. Temas como o ensinamento da Igreja sobre o aborto, a contraceção, a ordenação das mulheres, os padres casados, o celibato, o divórcio e a passagem a novo casamento, a possibilidade de receber a comunhão, a homossexualidade, as pessoas LGBTQIA+ foram referidas em todas as Dioceses, tanto rurais como urbanas. Foram referidos pontos de vista diferentes e não é possível formular uma posição definitiva da comunidade sobre nenhuma destas temáticas*" (CE África do Sul). Numerosas sínteses exprimem amargura e preocupação pelas pressões que caem sobre as famílias e o consequente impacto sobre as relações entre gerações e sobre a transmissão da fé. Muitas sínteses asiáticas pedem um melhor acompanhamento e formação das famílias que devem enfrentar as mudanças culturais.

52. Nalguns contextos, o testemunho da fé é vivido até ao martírio: há países em que os cristãos, sobretudo jovens, devem enfrentar o desafio de uma sistemática conversão forçada a outras religiões. São muitas as sínteses que sublinham a insegurança e a violência que devem enfrentar as minorias cristãs perseguidas. Nestes casos, caminhar juntamente com outras crenças, em vez de retirar-se para trás do muro da separação, exige a coragem da profecia.

Culturas, religiões e diálogo

53. Um elemento essencial da sinodalidade, que necessita ainda de um significativo aprofundamento e de uma melhor compreensão, é a chamada a uma abordagem intercultural mais consciente. Tal abordagem começa caminhando juntamente com outros, apreciando as diferenças culturais e compreendendo-as como fatores de crescimento: "*O encontro entre a Igreja Católica no Camboja com os monges e os leigos*

budistas cambojanos «cria uma nova cultura». Todas as nossas atividades se influenciam mutuamente e influenciam todo o mundo. Podemos ser diversos na religião, mas todos procuramos o bem comum" (CE Laos e Camboja). São as Igrejas que representam uma pequena minoria no contexto em que vivem a experimentar a interculturalidade de modo mais intenso: "*Por exemplo [há] a que podemos chamar a «porosidade» das nossas Igrejas, cuja linha de demarcação com a sociedade civil é paradoxalmente menos marcada que noutros lugares [...]. Não há o problema de fazer as coisas «dentro» ou «fora» da Igreja. Somos uma Igreja em saída por definição, porque sempre «a casa de outros» e isto ensinou-nos a escuta, flexibilidade e criatividade nas formas, na linguagem, nas práticas*" (CE Região Norte de África – CERNA).

54. Contudo, mesmo quando se chega à aceitação ou mesmo ao apreço do outro, o percurso não está ainda completo. A abordagem intercultural da Igreja olha para o horizonte a que Cristo a chama: o Reino de Deus. No abraço de uma diversidade que é riqueza podemos encontrar a nossa unidade mais profunda e a ocasião de colaborar com a graça de Deus: "*devemos também prestar atenção aos pensamentos e às ideias da família alargada e dos companheiros de viagem (não católicos, políticos, não crentes). Há vozes ao nosso lado que não podemos permitir-nos ignorar, se não queremos perder quanto Deus está a segredar através deles*" (CE Zimbabwe). Isto constitui um testemunho no interior de um mundo que lhe custa ver a diversidade na unidade como uma verdadeira vocação: "*A comunidade [...] deve ter grandemente em conta a diversidade, as aspirações, as necessidades e a maneira de viver a fé. A Igreja universal deve permanecer garante da unidade, mas as Dioceses podem inculturar a fé localmente: é necessária uma descentralização*" (Arquidiocese de Luxemburgo).

55. Em não poucas sínteses, pede-se para reconhecer, comprometer-se, integrar e responder melhor à riqueza das culturas locais, muitas das quais têm visões do mundo e estilos de ação que são sinodais. As pessoas exprimem o desejo de promover (e em alguns casos de recuperar e aprofundar) a cultura local, de integrá-la com a fé, de incorporá-la na liturgia. "*Os cristãos são chamados a oferecer o próprio contributo, a partir da própria visão de fé, para a inculturar nos novos contextos culturais [...]. Esta diversidade de abordagens devem ser entendidas como atualização de um modelo de interculturalidade, onde as diversas propostas se integram e se enriquecem mutuamente, superando o tipo de multiculturalidade que consiste na simples justaposição de culturas, fechadas no interior do seu perímetro*" (Contributo do Pontifício Conselho da Cultura).

56. Em numerosos casos, pede-se para prestar especial atenção à situação das populações indígenas. A sua espiritualidade, sabedoria e cultura têm muito para ensinar. Temos necessidade de reler a história em conjunto com estes povos, para tirar inspiração das situações em que a Igreja se pôs ao serviço do seu desenvolvimento integral e pedir perdão pelas vezes em que foi cúmplice da sua opressão. Ao mesmo tempo, algumas sínteses evidenciam a necessidade de reconciliar as aparentes contradições que existem entre as práticas culturais ou as crenças tradicionais e os ensinamentos da Igreja. Ao nível mais geral, a prática da sinodalidade – comunhão, participação e missão – deve ser articulada com as culturas e os contextos locais, numa tensão que promova o discernimento e a generatividade.

3.3 Comunhão, participação e corresponsabilidade

57. A missão da Igreja realiza-se através da vida de todos os batizados. As sínteses exprimem um profundo desejo de reconhecer e reafirmar a dignidade comum como base de renovação da vida e dos ministérios da Igreja. Afirma-se o valor de todas as vocações na Igreja, e sobretudo convida-se a seguir Jesus, regressando ao seu estilo e ao seu modo de exercitar o poder e a autoridade como instrumento para oferecer cura, reconciliação e libertação. "*É importante construir um modelo institucional sinodal como paradigma eclesial de desestruturação do poder piramidal que privilegia as gestões unipessoais. A única autoridade legítima na Igreja deve ser a do amor e do serviço, segundo o exemplo do Senhor*" (CE Argentina).

Para além do clericalismo

58. O tom das sínteses não é anticlerical (contra os sacerdotes ou o sacerdócio ministerial). Muitas exprimem profundo apreço e afeto pelos sacerdotes que desempenham a própria missão com fidelidade e dedicação, e preocupação pelas muitas exigências que devem enfrentar. Dão antes voz ao desejo dos sacerdotes serem melhor formados, mais bem acompanhados e menos isolados. Além disso, apontam a importância de libertar a Igreja do clericalismo, de modo que todos os seus membros, tanto sacerdotes como leigos, possam realizar a missão comum. O clericalismo é visto como uma forma de empobrecimento espiritual, uma privação dos verdadeiros bens do ministério ordenado e uma cultura que isola o clero e prejudica os leigos. Esta cultura separa da experiência viva de Deus e prejudica as relações fraternas, produzindo rigidez, apego ao poder em sentido legalista e um exercício da autoridade que é mais poder do que serviço. O clericalismo pode ser uma tentação, tanto para os clérigos como para os leigos, como sublinha a síntese da República Centro Africana: "*alguns párocos comportam-se como «dispensadores de ordens», impondo a sua vontade sem ouvir ninguém. Os cristãos leigos não se sentem membros do Povo de Deus. As iniciativas demasiado «clericais» devem ser reprovadas. Alguns agentes pastorais, clérigos e leigos, por vezes preferem rodear-se dos que partilham as suas opiniões e ficar longe daqueles que têm convicções que lhes são hostis e deles discordam*".

59. Embora sejam francas no diagnóstico do problema, as sínteses não estão privadas de esperança. Exprimem um desejo profundo e enérgico de formas de exercício da liderança – episcopal, sacerdotal, religiosa e laical – que sejam relacionais e colaborativas, e de formas de autoridade capazes de gerar solidariedade e corresponsabilidade: "*Entre as várias responsabilidades das autoridades estão aquelas de encorajar, envolver, orientar e facilitar a participação na vida da Igreja [...] e delegar parte da responsabilidade*" (CE Eslováquia). Leigos, religiosos e clérigos desejam pôr os próprios talentos e capacidades à disposição da Igreja e para fazê-lo pedem um exercício da liderança que os torne livres. As sínteses exprimem gratidão pelos líderes que já exercitam o próprio papel com esta modalidade.

Repensar a participação das mulheres

60. O apelo a uma conversão da cultura da Igreja, para a salvação do mundo, está ligado em termos concretos à possibilidade de instaurar uma nova cultura, com

novas práticas, estruturas e hábitos. Isto diz respeito, antes de mais, ao papel das mulheres e à sua vocação, enraizada na sua dignidade batismal comum, para participar plenamente na vida da Igreja. Este é um ponto crítico no qual existe uma consciência crescente em todas as partes do mundo.

61. De todos os continentes chega um apelo a fim de que as mulheres católicas sejam valorizadas acima de tudo como batizadas e membros do Povo de Deus com igual dignidade. É quase unânime a afirmação que as mulheres amam profundamente a Igreja, mas muitas sentem tristeza porque a sua vida não é bem compreendida, enquanto o seu contributo e os seus carismas não são sempre valorizados. A síntese da Terra Santa nota: "*Quem se comprometeu mais no processo sinodal foram as mulheres, que parecem ter compreendido não só que tinham mais a ganhar, mas também mais a oferecer pelo facto de serem relegadas para uma margem profética, da qual observam o que acontece na vida da Igreja*"; e continua: "*Numa Igreja em que quase todos os que tomam decisões são homens, há poucos espaços nos quais as mulheres possam fazer ouvir a própria voz. E constituem, contudo, a espinha dorsal das comunidades eclesiais, quer porque representam a maioria dos praticantes, quer porque são dos mais ativos membros da Igreja*". A síntese da Coreia afirma: "*Não obstante a grande participação das mulheres nas várias atividades eclesiais, são muitas vezes excluídas dos principais processos de decisão. Portanto, a Igreja deve melhorar a própria consciência e os aspetos institucionais das suas atividades*" (CE Coreia). A Igreja encontra-se a enfrentar dois desafios relacionados entre si: as mulheres permanecem a maioria dos que frequentam a liturgia e participam nas atividades, sendo os homens uma minoria; contudo, a maior parte dos papéis de decisão e de governo são desempenhados por homens. É claro que a Igreja deve encontrar o modo de atrair os homens a uma pertença mais ativa na Igreja e permitir às mulheres participar mais plenamente em todos os níveis da vida da Igreja.

62. Em todos os âmbitos da sua vida, as mulheres pedem à Igreja para estar do seu lado. Perante as dinâmicas sociais de empobrecimento, violência e humilhação que enfrentam em todo o mundo, as mulheres pedem uma Igreja que esteja do seu lado, mais compreensiva e solidária no combate destas forças de destruição e exclusão. Quantos participaram nos processos sinodais desejam que a Igreja e a sociedade sejam para as mulheres um lugar de crescimento, participação ativa e sã pertença. Algumas sínteses notam que as culturas dos seus países fizeram progressos na inclusão e na participação das mulheres e que estes progressos poderiam servir de modelo para a Igreja. "*A falta de igualdade para as mulheres dentro da Igreja é vista como um obstáculo para a Igreja no mundo moderno*" (CE Nova Zelândia).

63. De formas diversas, o problema está presente em todos os contextos culturais e diz respeito à participação e ao reconhecimento tanto das leigas, como das religiosas. O contributo dos Institutos de Vida Consagrada afirma: "*Nos processos de decisão e na linguagem da Igreja, o sexismo está muito difuso [...]. Consequentemente, às mulheres são barrados papéis significativos na vida da Igreja e sofrem discriminações pois não recebem um salário igual para as funções e serviços que desempenham. As religiosas são muitas vezes consideradas como mão de obra barata. Nalgumas Igrejas há a*

tendência a excluir as mulheres e a confiar funções a diáconos permanentes; e também a desvalorizar a vida consagrada sem hábito, sem ter em conta a fundamental igualdade e dignidade de todos os fiéis cristãos batizados, mulheres e homens" (USG/UISG).

64. Quase todas as sínteses levantam a questão da plena e igual participação das mulheres: "*O crescente reconhecimento da importância das mulheres na vida da Igreja abre possibilidades de maior participação, ainda que limitada, nas estruturas eclesiais e nas esferas de tomada de decisões*" (CE Brasil). Contudo, não concordam quanto a uma resposta única e exaustiva à questão da vocação, da inclusão e da valorização das mulheres na Igreja e na sociedade. Muitas sínteses, depois de uma atenta escuta do contexto, pedem que a Igreja prossiga o discernimento sobre algumas questões específicas: papel ativo das mulheres nas estruturas de governo dos organismos eclesiais, possibilidade para as mulheres com adequada formação de pregar no âmbito paroquial, diaconado feminino. Posições bastante mais diversificadas vêm expressas a propósito da ordenação presbiteral para as mulheres, que algumas sínteses desejam, enquanto outras a consideram uma questão fechada.

65. Um elemento fundamental deste processo diz respeito ao reconhecimento dos modos em que as mulheres, especialmente as religiosas, estão já na primeira linha das práticas sinodais, nalgumas das situações sociais mais difíceis que a Igreja é chamada a enfrentar: "*Há sementes de sinodalidade onde se abre um novo terreno de solidariedade: ocorre assegurar um futuro de justiça racial e étnica e de paz para as irmãs e os irmãos negros, mestiços, asiáticos e nativos americanos (Estados Unidos); relacionar-se em profundidade com as irmãs e os irmãos indígenas e nativos (Américas); abrir novos caminhos de presença das religiosas nos diversos movimentos; aliar-se com grupos que partilham a mesma orientação para enfrentar questões sociais fundamentais (como as mudanças climáticas, o problema dos refugiados e requerentes de asilo, dos sem-abrigo), ou relativos a países específicos*" (USG/UISG). Nestes contextos, as mulheres procuram colaboradores e podem ser mestras de sinodalidade dentro de processos eclesiais mais amplos.

Carismas, vocações e ministérios

66. A responsabilidade pela vida sinodal da Igreja não pode ser delegada, mas deve ser partilhada por todos em resposta aos dons que o Espírito Santo concede aos fiéis: "*Um grupo da Diocese de Lae expressou-se assim sobre a sinodalidade na sua paróquia: «Nas reuniões do conselho pastoral paroquial, fazemos de modo a tomar em consideração as opiniões e as sugestões de todos os presentes, inclusive das mulheres, antes de tomar decisões que terão impacto sobre a vida de todos na paróquia». Uma outra paróquia assim comentou: «Quando queremos fazer qualquer coisa na nossa paróquia, reunimo-nos, ouvimos as sugestões de todos na comunidade, decidimos em conjunto e em conjunto levamos para a frente as decisões tomadas»*" (CE Papua, Nova Guiné e Ilhas Salomão). Não falta, contudo, a expressão de uma certa fadiga em praticar efetivamente a corresponsabilidade: "*Como bispos reconhecemos que a «teologia batismal» promovida pelo Concílio Vaticano II, base da corresponsabilidade na missão, não foi suficientemente desenvolvida e assim a maioria dos batizados não*

sente uma plena identificação com a Igreja e ainda menos uma corresponsabilidade missionária. Além disso, a liderança das atuais estruturas pastorais, assim como a mentalidade de muitos sacerdotes, não favorecem esta corresponsabilidade. Do mesmo modo, os religiosos e as religiosas, assim como os movimentos apostólicos laicais, muitas vezes permanecem subtilmente ou abertamente nas margens das dinâmicas diocesanas. Assim, os chamados «leigos empenhados» nas paróquias (que são os menos numerosos) acabam por ficar sobrecarregados de responsabilidades intraeclesiais que superam as suas forças e esgotam o seu tempo" (CE México).

67. Este desejo de corresponsabilidade exercita-se antes de tudo na chave do serviço à missão comum, isto é, com a linguagem da ministerialidade: "A experiência feita [...] ajudou a redescobrir a corresponsabilidade que vem da dignidade batismal e deixou emergir a possibilidade de superar uma visão de Igreja construída à volta do ministério ordenado para ir em direção a uma Igreja «toda ministerial», que é comunhão de carismas e ministérios diversos" (CE Itália). Da consulta ao Povo de Deus emerge o tema do ministério como central para a vida da Igreja e a exigência de conciliar a unidade da missão com a pluralidade dos ministérios: reconhecer tal exigência e promovê-la "não é um fim em si mesmo, mas uma valorização ao serviço da missão: atrizes e atores diversos, iguais em dignidade, complementares para serem sinal, para tornar credível uma Igreja que seja sacramento do Reino" (CE Bélgica).

68. Muitas sínteses fazem referência à existência de práticas de reconhecimento e promoção dos ministérios, centradas numa efetiva entrega das funções por parte da comunidade: "*A promoção dos ministérios laicais e a assunção de responsabilidades é através do acto eleitoral ou indicação de fiéis que se julgue reunir as condições necessárias*" (CE Moçambique). Deste modo, todo o ministério torna-se um elemento estrutural e estruturante da vida da comunidade: "*A assunção de responsabilidades é garantida pelo mandato recebido e pelo princípio de subsidiariedade. Os catequistas são instituídos e têm um estatuto especial na Igreja Família de Deus. [...] Alguns são «instituídos» como Chefes da Comunidade, sobretudo nas zonas rurais, onde a presença dos sacerdotes é rara*" (CE RD Congo). Não faltam interrogações devido aos espaços de possível exercício da ministerialidade laical: "*Muitos grupos desejam uma maior participação dos leigos, mas as margens de manobra não são claras: que tarefas concretas podem desempenhar os leigos? Como se articula a responsabilidade dos batizados com a do pároco?*" (CE Bélgica).

69. Nalguns contextos sublinha-se a necessidade de considerar também a variedade dos carismas e ministérios que surgem em forma organizada dentro das associações, dos movimentos laicais e das novas comunidades religiosas, com a sua especificidade, mas salvaguardando a harmonia dentro de cada Igreja local. Quando o tema da ministerialidade entra no concreto da vida da Igreja, encontra inevitavelmente o tema da sua institucionalização e, portanto, das estruturas pelas quais se desenvolve a vida da comunidade cristã.

70. Na Igreja Católica, os dons carismáticos concedidos livremente pelo Espírito Santo, que ajudam a igreja a «rejuvenescer», são inseparáveis dos dons hierárquicos,

ligados ao Sacramento da Ordem nos seus vários graus. Um grande desafio da sinodalidade, que surgiu durante o primeiro ano, é o de harmonizar estes dons sob a guia dos pastores, sem contrapô-los e, portanto, sem opor a dimensão carismática e a dimensão institucional.

3.4 A sinodalidade toma forma

71. O percurso sinodal fez surgir uma série de tensões, explicitadas nos parágrafos precedentes. Não devemos ter medo, mas articulá-las num processo de constante discernimento em comum, de modo a aproveitá-las como fonte de energia, sem que se tornem destrutivas: só assim será possível continuar a caminhar juntos, em vez de andar cada um pelo seu caminho. Por isso, a Igreja tem necessidade de dar uma forma e um modo de proceder sinodal também às próprias instituições e estruturas, particularmente de governo. Caberá ao direito canónico acompanhar este processo de renovação das estruturas, também através das necessárias modificações das ordens atualmente em vigor.

72. Para funcionar verdadeiramente de modo sinodal, as estruturas têm necessidade de ser habitadas por pessoas adequadamente formadas, em termos de visão e de competência: "*Todo o processo sinodal foi um exercício de participação ativa a diversos níveis. A fim de que possa prosseguir, é necessária uma mudança de mentalidade e uma renovação das estruturas existentes*" (CE Índia). Esta nova visão terá necessidade de ser apoiada por uma espiritualidade que apresente instrumentos para enfrentar os desafios da sinodalidade sem os reduzir a questões técnico-organizativas, mas vivendo o caminhar juntos ao serviço da missão comum, como ocasião de encontro com o Senhor e de escuta do Espírito. A fim de que haja sinodalidade, é necessária a presença do Espírito e não há Espírito sem oração.

Estruturas e instituições

73. No que diz respeito à tensão global-local – o que na linguagem eclesial nos remete às relações das Igrejas locais entre si e com a Igreja universal – é a dinâmica do processo sinodal a pôr-nos perante uma novidade, que é constituída precisamente pela Etapa Continental que estamos a viver. Sem contar algumas regiões caracterizadas por uma dinâmica histórica particular, até ao presente faltam práticas consolidadas de sinodalidade a nível continental. A introdução de uma etapa específica no processo do Sínodo não constitui um mero expediente organizativo, mas corresponde à dinâmica da encarnação do Evangelho que, enraizando-se em áreas caracterizadas por uma certa coesão e homogeneidade cultural, produz comunidades eclesiais com uma fisionomia peculiar, ligada aos traços de cada cultura. No quadro de um mundo ao mesmo tempo globalizado e fragmentado, cada continente, por motivo das raízes históricas comuns, de uma tendencial comunhão sociocultural e pelo facto de apresentar os mesmos desafios para a missão de evangelização, constitui um ambiente privilegiado para suscitar uma dinâmica sinodal que reforce os laços entre as Igrejas, favoreça a partilha de experiências e a troca de dons e ajude a imaginar novas opções pastorais.

74. Por outro lado, a dinâmica da sinodalidade interpela a própria Cúria Romana:

"*ocorre recordar a colaboração com os outros Dicastérios da Cúria Romana, com os quais há consultas regulares [...]. Contudo, nota-se que neste âmbito se deveriam encontrar mais instrumentos para favorecer o crescimento de uma prática e de um espírito mais sinodal para atuar na Cúria Romana, como é desejado pelo Santo Padre com a nova Constituição Apostólica Praedicate Evangelium*" (Contributo da Secretaria de Estado – Secção para a Relação com os Estados e as Organizações Internacionais).

75. As Conferências Episcopais também se interrogam sobre o que para elas significa a sinodalidade: "*Também os bispos rezaram e se confrontaram quanto a esta pergunta: «Como tornar uma Conferência Episcopal mais sinodal? E como vivê-la de um modo mais sinodal?»*" (CE Paraguai). Por exemplo, "*as Conferências Episcopais, embora na sua colegialidade e liberdade de decisão, isenta de qualquer tipo de pressão, deveriam incluir nos debates e encontros, em nome da sinodalidade, representantes do clero e do laicado das várias dioceses*" (Contributo da Secretaria de Estado – Secção para o Pessoal diplomático da Santa Sé).

76. No interior da dinâmica continental, as Conferências Episcopais poderão experimentar um novo papel, ligado não só à promoção da comunhão no seu próprio interior, mas também do diálogo entre as Igrejas ligadas por uma proximidade geográfica e cultural. Além disso, a Etapa Continental, pela proposta de realizar assembleias eclesiais e episcopais, oferecerá ocasião de experimentar concretamente como articular sinodalidade eclesial e colegialidade episcopal, além de refletir sobre como melhorar a sintonia entre modalidades ordinárias do exercício do ministério episcopal e a assunção de um estilo plenamente sinodal, ponto sobre o qual algumas sínteses notam certa fadiga. A releitura da experiência amadurecida durante a Etapa Continental ajudará a discernir como proceder com maior fluidez.

77. Bastante mais do que a Igreja latina, as Igrejas Orientais oferecem uma ampla riqueza de estruturas sinodais, chamadas hoje a renovar-se: "*As antigas estruturas sinodais e os processos eclesiais existentes na Igreja siro-malabar (Prathinidhiyogam, Palliyogam e Desayogam) exprimem a natureza sinodal da Igreja a nível local, regional e universal e são úteis para formar-nos à sinodalidade. Estão ao serviço das paróquias e das comunidades, que descobrem o exercício de colaboração dos ministérios pastorais para seguir na escuta do Espírito Santo. Além disso, há novas iniciativas e tentativas que procuram potenciar as estruturas sinodais da Igreja*" (Igreja católica siro-malabar).

78. A dinâmica da corresponsabilidade, uma vez mais em vista e ao serviço da missão comum e não como modalidade organizativa de repartição de papéis e poderes, atravessa todos os níveis da vida da Igreja. A nível local, chama em causa os organismos de participação já previstos aos vários níveis e com as especificidades próprias dos diversos ritos, e o que possa eventualmente resultar oportuno instituir ao serviço de uma reforçada dinâmica sinodal: "d*iscutiu-se sobre a necessidade de ter estruturas e organismos que reflitam autenticamente um espírito de sinodalidade*" (CE Coreia). Acima de tudo, trata-se dos conselhos pastorais, chamados a ser sempre mais lugares institucionais de inclusão, diálogo, transparência, discernimento, avaliação e responsabilização de todos. No nosso tempo são indispensáveis. Vão depois

acrescentados os conselhos económicos, diocesanos e paroquiais, sem esquecer os conselhos episcopais e presbiterais junto do bispo. De não poucas sínteses emerge a exigência de que estes organismos não sejam só consultivos, mas lugares em que se tomam decisões com base em processos de discernimento comunitário e não segundo o princípio de maioria tal como é utilizado nos regimes democráticos.

79. Nas diversas partes do mundo, a transparência é vista como um fator essencial para uma Igreja autenticamente sinodal, em que somos chamados a crescer ao longo do caminho que estamos a percorrer: "*A Igreja católica deve tornar-se mais aberta e transparente: tudo é feito em segredo. Nunca são tornadas públicas as ordens do dia e os verbais do conselho paroquial, nem se discutem as decisões do conselho dos assuntos económicos e os orçamentos não são tornados públicos*" (observação individual do Reino Unido). A transparência impulsionará uma verdadeira prestação de contas de todos os processos de decisão, incluídos os critérios usados para o discernimento. Um estilo de liderança ancorado num modo de proceder sinodal produzirá confiança e credibilidade: "*Sobre algumas questões, o exercício da autoridade é efetivamente colegial, através da consulta dos organismos inseridos nas diversas estruturas de administração, gestão e animação pastoral [...]. Mas é por vezes triste constatar que na nossa Igreja Católica há bispos, padres, catequistas, responsáveis de comunidade... muito autoritários. [...] Em vez de servir a comunidade, alguns servem-se a si mesmos com decisões unilaterais, e isto é um obstáculo no nosso caminho sinodal*" (CE Chade). Além disso, muitas sínteses reclamam a exigência de comprometer pessoas que possuam adequadas competências profissionais na gestão das competências económicas e de governo.

80. Como os organismos de participação, todas as instituições da Igreja são chamadas a interrogar-se sobre como integrar o impulso à sinodalidade nas modalidades de exercício das próprias funções e na sua missão, renovando as próprias estruturas e procedimentos, ou introduzindo novos. Um caso particular é representado pelas universidades e instituições académicas, que poderão dedicar um esforço de investigação aos temas ligados à sinodalidade, inovando assim a sua proposta de formação. Especialmente as faculdades de teologia poderão aprofundar as intuições eclesiológicas, cristológicas e pneumatológicas que as experiências e práticas sinodais levam consigo.

81. A adoção de um estilo autenticamente sinodal interpela também a vida consagrada, precisamente a partir das práticas que já acentuam a importância da participação de todos os membros na vida da comunidade de que fazem parte: "*Na vida consagrada, a sinodalidade diz respeito ao discernimento e aos processos de decisão. Os nossos institutos praticam o discernimento em comum, mas há espaços para melhorar. Ser membros de um corpo requer a participação. [...] Tanto na Igreja como na vida consagrada há o desejo difuso de um estilo de governo circular (participativo) e menos hierárquico e piramidal*" (USG/UISG).

Formação

82. A grandíssima maioria das sínteses assinala a necessidade de prever a formação para a sinodalidade. As estruturas por si mesmas não bastam: é preciso o

trabalho de formação contínua que sustente uma generalizada cultura sinodal, capaz de se articular com a especificidade dos contextos locais, de modo a facilitar uma conversão sinodal no modo de exercitar a participação, a autoridade e a liderança, em vista de uma mais eficaz realização da missão comum. Não se trata simplesmente de oferecer competências técnicas ou metodológicas específicas. A formação para a sinodalidade cruza-se com todas as dimensões da vida cristã e não pode senão ser "*uma formação integral que inclua as dimensões pessoal, espiritual, teológica, social e prática. Por isso é essencial uma comunidade de referência, porque um princípio do «caminhar juntos» é a formação do coração, que transcende os saberes concretos e abraça toda a vida. É necessário incorporar na vida cristã uma formação contínua e permanente para pôr em prática a sinodalidade, amadurecer e crescer na fé, participar na vida pública, fazer crescer o amor e a participação dos fiéis na Eucaristia, assumir ministérios estáveis, exercitar uma real corresponsabilidade no governo da Igreja, dialogar com as outras Igrejas e com a sociedade para aproximar os que estão longe com espírito de fraternidade*" (CE Espanha). Esta formação deverá ser dirigida a todos os membros do Povo de Deus: "*Para a realização destes elementos de sinodalidade, são urgentes programas de educação e formação dirigidos ao clero e aos leigos, para desenvolver uma compreensão partilhada da sinodalidade que é crucial para poder «caminhar juntos» nas Igrejas locais*" (CE Mianmar). Deste modo, a perspetiva da sinodalidade poderá fazer cruzar a catequese e a pastoral, contribuindo para mantê-las ancoradas na perspetiva da missão.

83. Vem também sublinhada a necessidade de uma formação mais específica para a escuta e o diálogo, por exemplo pela instituição de agentes e grupos para a promoção da sinodalidade. Muitas sínteses indicam a necessidade de assegurar uma formação para a sinodalidade aos que forem chamados a assumir papéis de responsabilidade, especialmente os presbíteros: "*Embora longa, a formação nos seminários está orientada a preparar o clero para um estilo de vida sacerdotal e não consegue formá-lo para a coordenação pastoral. A formação teórica e prática para a colaboração, para a escuta recíproca e para a participação conjunta na missão são essenciais na formação sacerdotal*" (CE Sri Lanka).

Espiritualidade

84. A cultura da sinodalidade, indispensável para animar as estruturas e as instituições, requer a formação adequada, mas sobretudo não pode deixar de ser nutrida pela familiaridade com o Senhor e pela capacidade de escutar a voz do Espírito: "*o discernimento espiritual deve acompanhar a planificação estratégica e o processo de decisão, de modo que todo o projeto seja acolhido e acompanhado pelo Espírito Santo*" (Igreja católica Greco-Melquita). Por isso temos necessidade de crescer numa espiritualidade sinodal. Essa não pode senão fundar-se sobre a atenção à interioridade e à consciência. "*Na espiritualidade pessoal e na mensagem da Igreja deve prevalecer a alegria de Cristo ressuscitado e não o temor de um Deus que castiga*" (CE República Checa).

85. Como já foi sublinhado diversas vezes, uma Igreja sinodal acima de tudo tem necessidade de enfrentar as muitas tensões que surgem do encontro entre

as diversidades. Por isso, uma espiritualidade sinodal não poderá senão ser uma espiritualidade que acolhe as diferenças e promove a harmonia e tira das tensões a energia para prosseguir no caminho. Para tal conseguir, deverá passar da acentuação da dimensão individual para a coletiva: uma espiritualidade do «nós», que possa valorizar os contributos de cada um.

86. O primeiro ano do processo sinodal já ofereceu experiências estimulantes nesta direção, através da proposta do método da conversação espiritual, que permitiu ao Povo de Deus saborear o gosto de um encontro interpessoal à volta da Palavra de Deus e às diversificadas ressonâncias que ela suscita no coração de cada um. Para além de o tornar práxis ordinária da vida da Igreja, como é pedido por muitos, importa fazer evoluir o método na direção do discernimento comunitário, particularmente no interior dos organismos de participação. Isto comporta um esforço de maior integração da dimensão espiritual com o funcionamento das instituições e dos seus organismos de governo, articulando o discernimento com os processos de decisão. A oração e o silêncio não podem permanecer estranhos, como se se tratassem de um preâmbulo ou de um apêndice.

87. A espiritualidade cristã exprime-se de modos diversos, ligados tanto à multiplicidade de tradições entre Oriente e Ocidente, como à variedade dos carismas da vida consagrada e dos movimentos eclesiais. Uma Igreja sinodal constrói-se à volta da diversidade e o encontro entre as diferentes tradições espirituais pode ser um «ginásio» de formação, na medida em que é capaz de promover a comunhão e a harmonia, contribuindo para a ultrapassagem das polarizações que muitas Igrejas experimentam.

3.5 Vida sinodal e liturgia

88. As sínteses sublinham de muitos modos o profundo vínculo entre sinodalidade e liturgia: "*No «caminhar juntos», a oração, a devoção a Maria como discípula missionária na escuta da Palavra, a lectio divina e a celebração litúrgica inspiram o sentido de pertença*" (CE Colômbia).

Um profundo enraizamento

89. A Eucaristia é já, em si mesma, "fonte e cume" do dinamismo sinodal da Igreja. "*A celebração litúrgica e a oração são vividas como uma força de união e de mobilização das energias humanas e espirituais. É opinião prevalente que a oração favorece a alegria de viver e o sentido de comunidade, porque é vista como um ponto de referência, um lugar de força e um oásis de paz. [...] Os contributos sublinham duas modalidades a desenvolver em vista de um caminho sinodal: a unidade da comunidade e a alegria de viver. Este caminho passaria através dos grandes encontros litúrgicos (peregrinações...), para alimentar a piedade popular, renovar a fé, nutrir o sentimento de pertença e assim acompanhar melhor os cristãos a fim de que o testemunho do Evangelho da caridade, perante o comunitarismo e o fechamento identitário, sempre mais visíveis e agressivos*" (CE Burkina Faso e Níger).

90. Em países de diversas zonas do mundo "*a ligação à Igreja de muitos batizados passa sobretudo através do fenómeno da religiosidade popular. [...] Muitas*

pessoas consideram-na um sinal de pertença à Igreja; por isso devemos promovê-la e evangelizá-la, em vista de uma participação mais intensa e de uma incorporação consciente na vida cristã" (CE Panamá).

Tensões a gerir: renovação e reconciliação

91. Muitas sínteses encorajam fortemente a prática de um estilo sinodal de celebração litúrgica que permita a participação ativa de todos os fiéis no acolhimento de todas as diferenças, na valorização de todos os ministérios e no reconhecimento de todos os carismas. A escuta sinodal das Igrejas regista muitas questões a enfrentar nesta direção: a reflexão sobre uma liturgia demasiado centrada no celebrante, as modalidades de participação ativa dos leigos, o acesso das mulheres a papéis ministeriais. "*Permanecendo fiéis à tradição, à sua originalidade, antiguidade e uniformidade, procuramos tornar a celebração mais viva e participada por toda a comunidade dos crentes: sacerdotes e leigos, jovens e crianças, que leem os sinais dos tempos com sólido discernimento. Os jovens estão a tentar encontrar espaço na liturgia com os cânticos e isso é positivo*" (CE Etiópia).

92. A este respeito, a experiência das Igrejas regista também nós de conflito, que devem ser enfrentados de modo sinodal, como o discernimento da relação com os ritos pré-conciliares: "*As divisões sobre a celebração da liturgia refletiram-se nas consultas sinodais. «Infelizmente a celebração da Eucaristia é vivida também como motivo de divisão no interior da Igreja. No âmbito litúrgico, a questão mais comum é a celebração da Missa pré-conciliar». Lamentam-se as limitações ao uso do Missal de 1962; muitos consideram que as diferenças quanto ao modo de celebrar a liturgia «por vezes atingem o nível da animosidade. Pessoas que se situam tanto num como no outro lado referem que se sentem julgadas por quem tem uma opinião diversa»*" (CE USA). A Eucaristia, sacramento da unidade no amor em Cristo, não pode tornar-se motivo de confronto ideológico, fratura ou divisão. Além disso, com incidência direta na vida de muitas Igrejas, existem elementos específicos de tensão no âmbito ecuménico, como por exemplo a condivisão da Eucaristia. Por fim, existem problemas relativos às modalidades de inculturação da fé e do diálogo inter-religioso que afetam também as formas da celebração e da oração.

93. As sínteses não omitem pôr em relevo também os limites principais da práxis celebrativa, que obscuram a eficácia sinodal. Vêm sublinhados especialmente: o protagonismo litúrgico do sacerdote e a passividade dos participantes; a distância entre a pregação da beleza da fé e a sua concretização na vida; a separação entre a vida litúrgica da assembleia e a rede familiar da comunidade. A qualidade das homilias é assinalada, quase unanimemente, como um problema: são desejadas "*homilias mais profundas, centradas no Evangelho e nas leituras do dia, e não sobre política, que usem uma linguagem acessível e atraente e façam referência à vida dos fiéis*" (Igreja Maronita).

94. Particular fonte de sofrimento são todas as situações em que o acesso à Eucaristia e aos outros Sacramentos é obstáculo ou impedimento devido a uma diversidade de causas: é forte o pedido de encontrar soluções para estas formas de privação sacramental. Citam-se por exemplo as comunidades que vivem em zonas

mais remotas, o uso de pôr tarifas para o acesso às celebrações, que discrimina os mais pobres. Muitas sínteses dão voz à dor de não poder aceder aos Sacramentos que experimentam os divorciados recasados e os que contraíram um casamento poligâmico. Não há unanimidade no modo como enfrentar estas situações: "*Vem negada a possibilidade de receber a santa Comunhão aos divorciados recasados, que exprimem dor por esta exclusão. Alguns consideram que a Igreja deveria ser mais flexível, enquanto outros pensam que esta práxis deve ser mantida*" (CE Malásia).

Celebrar em estilo sinodal

95. Ao mesmo tempo, o processo sinodal representou a oportunidade de exprimir novamente a diversidade nas formas de oração e celebração, fazendo crescer o desejo de as tornar mais acessíveis na vida ordinária das comunidades. A síntese francesa dá voz a três aspirações: "*a primeira [...] diz respeito à diversificação das liturgias em benefício das celebrações da Palavra, isto é, momentos de oração que põem no centro a meditação de textos bíblicos. A segunda, menos frequente, recorda a importância das peregrinações e da piedade popular. A terceira augura uma formação litúrgica renovada, para enfrentar um problema assinalado em muitas sínteses, isto é, a incompreensibilidade da linguagem usada pela Igreja*" (CE França). Algumas regiões levantam a questão da reforma da liturgia, também nas Igrejas Orientais, que está profundamente ligada à identidade da Igreja: "*Na nossa Igreja é oportuna uma reforma litúrgica, de modo a reler à luz do Espírito Santo a ação e a participação do Povo de Deus na obra de Deus no nosso tempo*" (Igreja Greco-Melquita).

96. Muitas Igrejas sublinham também a importância de tornar habituais os laços da celebração verdadeira e própria com as diversas formas de partilha dialógica e de convivência fraterna. "*A convivialidade e a fraternidade fazem sempre parte da experiência [dos encontros sinodais]. Em cada encontro, desde o inicial até às sucessivas consultas nas paróquias e estruturas pastorais, houve o salu-salo (partilha do alimento). Muitos sublinharam como os encontros [sinodais] influíram positivamente na celebração das liturgias*" (CE Filipinas).

97. A variedade das tradições rituais da oração litúrgica, como também das formas simbólicas com que se exprimem as diversas culturas, é considerada por todos uma riqueza. Um renovado amor pela espiritualidade e o compromisso por cuidar da beleza e do estilo sinodal da celebração sustentam a irradiação de uma Igreja missionária: "*Todos os contributos recebidos falam das celebrações como de espaços que podem oferecer inspiração e ajudar a viver a fé na vida pessoal, familiar, profissional, no bairro e na própria comunidade*" (CE Uruguai).

4. Os próximos passos

98. Olhar para o futuro do processo sinodal requer tomar em consideração dois horizontes temporais bastante diversos. O primeiro é o horizonte a longo prazo, em que a sinodalidade toma uma forma perene de chamada à conversão e à reforma da Igreja. O segundo, claramente ao serviço do primeiro, é o que concentra a nossa atenção sobre os encontros da Etapa Continental que estamos a viver.

4.1 Um caminho de conversão e reforma

99. Nas sínteses, o Povo de Deus exprime o desejo de ser menos uma Igreja de manutenção e conservação, e mais uma Igreja que sai em missão. Sobressai uma ligação entre aprofundamento da comunhão através da participação e o reforçar do compromisso pela missão. A sinodalidade conduz a uma renovação missionária. Como diz a síntese da Espanha: "*consideramos que a comunhão deve conduzir a um estado de missão permanente: encontrar-nos, escutar, dialogar, refletir, discernir em conjunto são ações com um efeito positivo em si, mas não se compreendem senão em vista do objetivo de nos impelir a sair de nós mesmos e das nossas comunidades de referência para realizar a missão que nos é confiada como Igreja*" (CE Espanha).

100. O Povo de Deus experimentou a alegria de caminhar em conjunto e o desejo de continuar a fazê-lo. O modo de o conseguir como comunidade católica verdadeiramente global é algo que ocorre ainda descobrir completamente: "*Caminhar de modo sinodal, escutando-nos reciprocamente, participando na missão e comprometendo-nos no diálogo, tem provavelmente uma dimensão de «já mas ainda não»: está presente, mas há ainda muito a fazer. Os leigos são capazes, cheios de talentos e dispostos a contribuir sempre mais, contanto que lhes sejam dadas oportunidades para o fazer. Ulteriores sondagens e estudos a nível paroquial podem abrir outros caminhos em que o contributo dos leigos pode ser imenso e o resultado seria uma Igreja mais vibrante e florescente, que é o objetivo da sinodalidade*" (CE Namíbia). Somos uma Igreja que aprende, e para o fazer temos necessidade de um contínuo discernimento que nos ajude a ler a Palavra de Deus e os sinais dos tempos, de modo a seguir na direção que o Espírito Santo nos indica.

101. Ao mesmo tempo, caminhar juntos como Povo de Deus requer reconhecer a necessidade de uma contínua conversão, individual e comunitária. No plano institucional e pastoral, esta conversão traduz-se também numa contínua reforma da Igreja, das suas estruturas e do seu estilo, na esteira do impulso ao «aggiornamento» contínuo, herança preciosa do Concílio Vaticano II, o qual somos chamados a ter em vista, enquanto celebramos o seu 60.º aniversário.

102. No caminho de conversão e de reforma sustentam-nos os dons que recebemos ao longo do primeiro ano do processo sinodal, a partir da contemplação de quanto Jesus continuamente nos mostra nos Evangelhos: a atenção gratuita e livre em relação ao outro, que está na base da escuta, não é um recurso escasso a guardar ciosamente, mas uma fonte transbordante que não se esgota, mas que cresce

quanto mais dela tiramos. A escuta e o diálogo são o caminho para aceder aos dons que o Espírito nos oferece através da multiforme variedade da única Igreja: carismas, vocações, talentos, capacidades, línguas e culturas, tradições espirituais e teológicas, formas diversas de celebrar e de agradecer. As sínteses não apelam à uniformidade, mas pedem que se aprenda a crescer numa sincera harmonia, que ajude os crentes a desempenhar a sua missão no mundo criando os laços necessários para caminhar juntos com alegria.

103. A mensagem do Sínodo é simples: estamos a aprender a caminhar juntos e a sentar-nos juntos para partir o único pão, de modo que cada um possa encontrar o seu lugar. Todos são chamados a tomar parte desta viagem, ninguém é excluído. A isto nos sentimos chamados para poder anunciar credivelmente a todos os povos o Evangelho de Cristo. É esta a estrada que procuramos continuar a percorrer também na Etapa Continental.

4.2 Metodologia para a Etapa Continental

104. Este Documento para a Etapa Continental (DEC) convida a dar um passo ulterior nesta viagem espiritual "para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão" e constitui o seu ponto de referência: "*Como a experiência dos discípulos de Emaús, foi somente o início da sua nova missão, assim o nosso processo sinodal é só um primeiro passo*" (CE Federação Russa). O âmbito continental constitui uma oportunidade para viver a sinodalidade, que ainda estamos aprendendo a assumir e que somos agora enviados a praticar concretamente.

105. O DEC, que recolhe e restitui às Igrejas locais quanto o Povo de Deus do mundo inteiro disse no primeiro ano do Sínodo, tem por finalidade guiar-nos e permitir-nos aprofundar o discernimento, tendo presente a interrogação de fundo que anima todo o processo: "*Como se realiza hoje, a diversos níveis (desde o local até ao universal), aquele «caminhar juntos» que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada? E quais os passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal?*" (DP n. 2).

106. O DEC é assim o instrumento privilegiado, através do qual na Etapa Continental se pode realizar o diálogo das Igrejas locais entre elas e com a Igreja universal. Para levar por diante este processo de escuta, diálogo e discernimento, a reflexão centrar-se-á à volta de três interrogações:

- "Depois de ter lido o DEC em ambiente de oração, quais **intuições** ecoam, de modo mais intenso, com as experiências e as realidades concretas da Igreja do vosso continente? Quais as experiências vos aparecem novas ou iluminadoras?".
- "Depois de ter lido o DEC e fazer uma pausa em oração, quais tensões ou divergências substanciais surgem como particularmente importantes na perspetiva do vosso continente? Consequentemente, quais são as **questões ou interrogações** que deveriam ser enfrentadas e tomadas em consideração nas próximas fases do processo?".
- "Olhando para aquilo que emerge das duas perguntas precedentes, quais

são **as prioridades, os temas recorrentes e os apelos à ação** que podem ser partilhados com outras Igrejas locais no mundo e discutidos durante a Primeira Sessão da Assembleia sinodal em outubro de 2023?".

Fases chave do processo

107. Cada Assembleia Continental é chamada a pôr em ação um processo de discernimento sobre o DEC que resulte apropriado ao seu contexto local, e redigir um Documento Final que disso dê conta. Os Documentos Finais das sete Assembleias Continentais serão utilizados como base para a elaboração do *Insrumentum laboris*, que será concluído até junho de 2023.

108. A grande maioria das Conferências Episcopais, consultadas pela Secretaria Geral do Sínodo, deseja que os representantes de todo o Povo de Deus sejam envolvidos na Etapa Continental. É por isso que se pede que todas as Assembleias sejam eclesiais e não apenas episcopais, assegurando que a sua composição represente adequadamente a variedade do Povo de Deus: bispos, sacerdotes, diáconos, consagrados e consagradas, leigos e leigas. No que diz respeito aos participantes nas Assembleias Continentais, é importante prestar especial atenção à presença adequada de mulheres e jovens (leigos e leigas, consagrados e consagradas em formação, seminaristas); pessoas que vivem em condições de pobreza ou marginalização, e aqueles que têm contacto direto com elas; delegados fraternos de outras denominações cristãs; representantes de outras religiões e tradições de fé e algumas pessoas sem filiação religiosa. Os bispos são também convidados a encontrar-se uns com os outros no final das Assembleias Continentais, a fim de reexaminar colegialmente a experiência sinodal vivida a partir do seu carisma e papel específicos. Em particular, os bispos são convidados a individuar modalidades apropriadas para desempenhar o seu papel de convalidação e aprovação do Documento Final, assegurando que seja o fruto de um processo autenticamente sinodal, respeitador do processo que se seguiu e fiel às diversas vozes do Povo de Deus em cada continente.

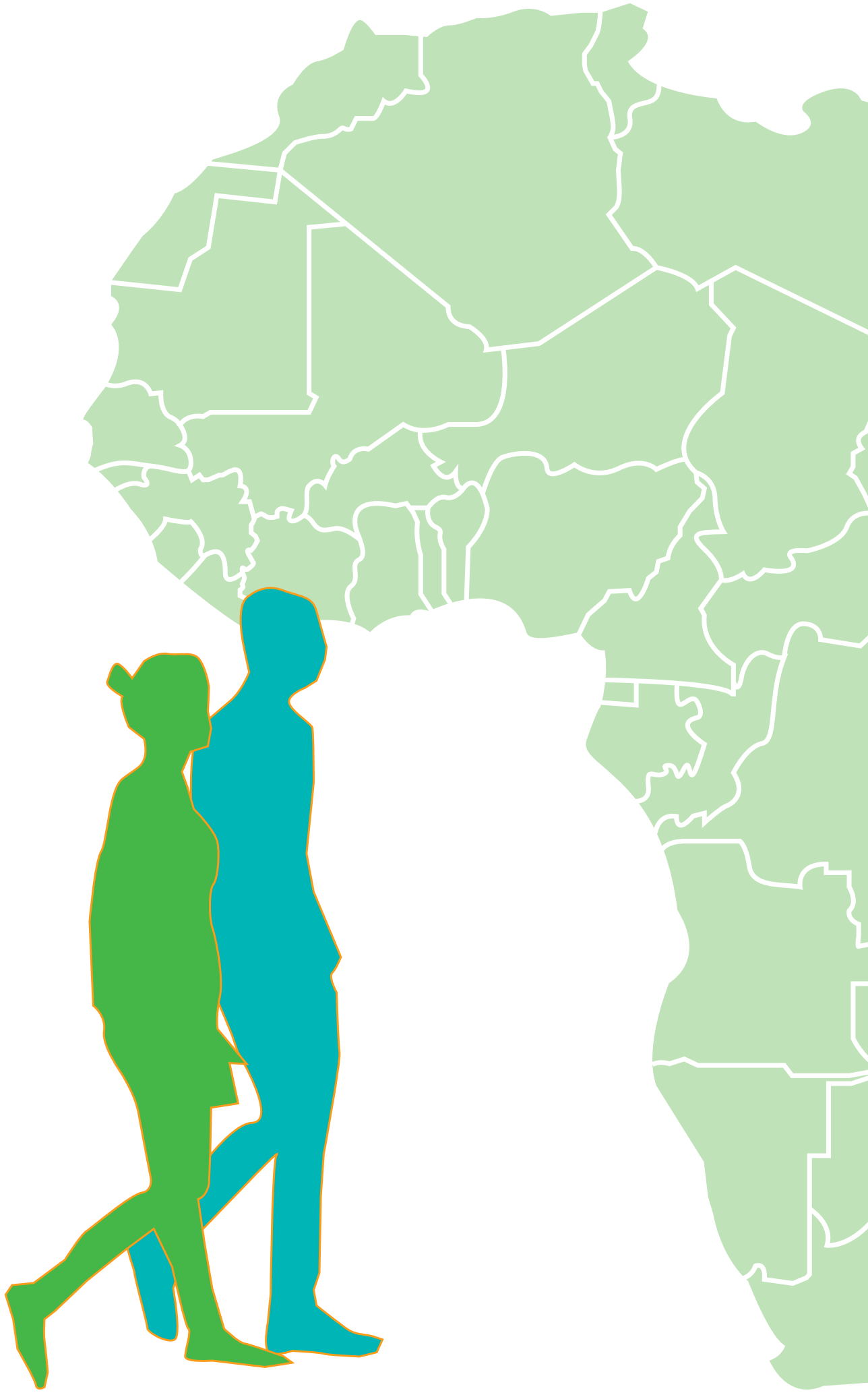
109. O processo que conduz à publicação do presente DEC à redação do *Instrumentum laboris* será marcado pelos seguintes passos:

1) O DEC será enviado a todos os bispos diocesanos; cada um, juntamente com a equipa sinodal diocesana que coordenou a primeira fase, proverá a organizar um processo eclesial de discernimento sobre o DEC, a partir das três perguntas acima indicada no n. 106. Cada Igreja local terá assim a possibilidade de se pôr à escuta da voz de outras Igrejas, recolhidas no DEC, e de dar resposta a partir da própria experiência.
2) Com o envolvimento da própria equipa sinodal, cada Conferência Episcopal tem a tarefa de recolher e sintetizar, na forma mais apropriada ao seu contexto, as reflexões acerca das três perguntas vindas das diversas Dioceses.
3) A reflexão e o discernimento de cada de cada Conferência Episcopal serão depois partilhadas no interior da Assembleia Continental, segundo as modalidades individuadas pela *Task Force* continental.
4) Ao programar o desenrolar de cada específica Assembleia Continental, poderá

ser útil refletir sobre como usar o método difundido e muito apreciado da conversação espiritual (cf. *Vademecum*, Apêndice B, n. 8), que pode facilitar o envolvimento de todos no discernimento. São valorizadas especialmente as suas três fases: o tomar a palavra por parte de cada um dos participantes, a ressonância da escuta dos outros e o discernimento dos frutos por parte do grupo.

5) Cada Assembleia Continental redigirá o próprio Documento Final de cerca de vinte páginas, confrontando-se com as três perguntas a partir do próprio documento específico. Os Documentos Finais deverão ser transmitidos por cada uma das *Task Force* continentais à Secretaria do Sínodo, até 31 de março de 2023. Sobre a base dos Documentos Finais das Assembleias Continentais, até junho de 2023 será redigido o *Instrumentum laboris*.

DOCUMENTOS FINAIS DAS ASSEMBLEIAS CONTINENTAIS



DOCUMENTO FINAL DA ETAPA CONTINENTAL EM ÁFRICA E MADAGÁSCAR

"Vim aqui para vos encorajar a levar a sério este processo sinodal e para vos dizer que o Espírito Santo precisa de vós. E isto é verdade: o Espírito Santo precisa de nós. Escutai-o escutando-vos. Não deixeis ninguém de fora ou para trás."

(Papa Francisco)

1. Introdução

De 9 a 10 de Outubro de 2021, o Santo Padre o Papa Francisco lançou oficialmente o Sínodo sobre a Sinodalidade e no dia 17 do mesmo mês a iniciativa foi lançada em todas as dioceses do mundo. Esta primeira fase do Sínodo foi vivida nas Igrejas locais. Isto envolveu consultas, seminários e atividades de sensibilização aos vários níveis das dioceses. Diferentes organismos e grupos religiosos das Igrejas locais foram organizados para expressar os seus pontos de vista sobre a nova iniciativa. Os resultados destas consultas foram reunidos por cada diocese e foram ainda recolhidos a nível nacional. As conferências episcopais nacionais produziram finalmente as sínteses nacionais da experiência vivida da sinodalidade que contém as expectativas do povo de Deus relativamente à iniciativa da sinodalidade. Estas sínteses foram enviadas para a Secretaria Geral do Sínodo em Roma.

Em Setembro de 2022, os Secretários Gerais das conferências episcopais regionais em África submeteram as sínteses das contribuições das conferências episcopais nacionais das suas regiões ao Simpósio das Conferências Episcopais da África e Madagáscar (SCEAM). A partir destas, SCEAM produziu um documento que recapitula as expectativas de todas as regiões de África.

Tendo passado pelas sínteses das conferências episcopais de todos os países do mundo, a Secretaria Geral de Sínodo produziu uma síntese universal a partir do que foi recebido das Igrejas locais chamada "Documento de Trabalho para a Fase Continental" (DTFC). De 5-9 de Dezembro de 2022, e de 22-26 de Janeiro de 2023, SCEAM reuniu os membros da Equipa Continental para o Sínodo sobre a Sinodalidade, nomeadamente: Secretários-Gerais das Conferências Episcopais Regionais, membros da Iniciativa Africana da Sinodalidade, teólogos, religiosos e alguns fiéis leigos, com 28 e 20 pessoas respetivamente, para receber o Documento de Trabalho para a Fase Continental e para se familiarizarem com a prática do método de conversação espiritual para a assembleia continental.

A fase final da celebração continental do Sínodo sobre a Sinodalidade teve lugar em Addis Abeba, na Etiópia, de 1 a 6 de Março de 2023. Este evento reuniu cerca de 209 pessoas, uma assembleia eclesial constituída por cardeais, arcebispos, bispos, sacerdotes, religiosos e fiéis leigos, sendo os fiéis leigos em maior número. Foi uma ocasião de escuta inclusiva onde, utilizando o método da conversação espiritual, todos tiveram a oportunidade de expressar os seus pontos de vista sobre a sinodalidade, guiados pelo Documento para a Fase Continental. Durante cinco dias, a Igreja-Família de Deus em África, através dos representantes continentais, rezou, ouviu e refletiu sobre a nova forma de ser Igreja hoje, ou seja, a forma sinodal. Foi uma jornada espiritual-sinodal da Igreja-Família de Deus em África; uma oportunidade de praticar a sinodalidade na realidade. No final da sessão, a assembleia analisou o documento final e adotou-o oficialmente como o documento sinodal da Igreja em África.

No espírito de colegialidade, todos os cardeais e bispos reuniram-se num

outro encontro, no último dia da assembleia, para avaliar todo o processo sinodal. Manifestaram satisfação pelo processo, especialmente pelo espírito de família que prevaleceu durante toda a assembleia. Examinaram igualmente o documento final e adotaram-no por unanimidade como documento final da Assembleia Sinodal Continental Africana.

Estas reuniões tornaram-se a base para a elaboração do presente documento que teve em consideração todas as principais ideias levantadas durante as discussões.

Na abertura da primeira sessão de trabalho em Acra, o objetivo da sessão foi apresentado como segue:

- Para nos conhecermos melhor, e experimentarmos a sinodalidade de uma forma concreta.
- Entrar em comunhão com a Igreja universal no processo de oração mais profunda, de escuta e de discernimento para ouvir o que o Espírito Santo está a dizer à Igreja.
- Escutar o que o povo de África disse durante o primeira fase do sínodo.
- Reler o Documento para a Fase Continental no contexto da Igreja em África.

O método utilizado no trabalho foi o da conversação espiritual. O método não era familiar para a maioria dos participantes, por isso, houve um tempo de aprendizagem para os participantes.

Tendo aprendido o método, os participantes praticaram-no durante os restantes dias da sessão de trabalho. A sessão da noite do primeiro dia foi dedicada aos aspetos práticos do método. Cinco grupos foram constituídos e convidados a dar as suas "impressões pessoais a partir dos resumos e sínteses regionais": O que é que o povo de Deus de toda a Igreja em África disse no primeiro ano do sínodo"? A sessão terminou com os relatórios dos vários grupos sobre o resultado da sua reflexão sobre a questão.

O segundo dia da sessão foi dedicado ao estudo do Documento para a Fase Continental. Isto foi feito com duas apresentações sobre os principais contornos e lógica do documento. Após a exposição, os participantes tiveram tempo para rezar, refletir e estudar o documento individualmente. A sessão noturna foi então dedicada ao estudo em grupo do documento focalizado em:

- Intuições que ressoam mais fortemente com as experiências e realidades vividas pela Igreja no continente africano.
- Perguntas ou questões que devem ser abordadas e consideradas na próxima etapa do processo.
- Prioridades, temas recorrentes e apelos à ação que podem ser partilhados com outras Igrejas locais de todo o mundo e que devem ser discutidos durante a primeira sessão da Assembleia Sinodal em Outubro de 2023.

No final da primeira sessão de trabalho, em Dezembro de 2022, cada participante foi convidado a praticar o que foi aprendido, especialmente o uso do método de conversação espiritual, com as pessoas da sua comunidade de fé ou conferência regional, conforme o caso. Esta era uma forma de renovar a escuta das pessoas na base e uma forma de dominar o método que iria ser usado no evento continental em Março de 2023.

A sessão de trabalho em Acra foi seguida por outra em Nairobi, Quénia, de 23-25 de Janeiro de 2023. O objetivo era continuar a aprofundar o conhecimento do Documento para a Etapa Continental e formar membros da equipa de trabalho para ajudar a facilitar a planeada assembleia continental que se realizaria em Addis Abeba de 1 a 6 de Março de 2023.

A sessão de trabalho de Nairobi foi uma oportunidade para os membros da equipa partilharem as suas experiências relativamente à utilização do método de conversação espiritual no estudo do Documento para a Fase Continental com as suas várias comunidades após a sessão de Acra. A partilha das experiências mostrou algumas dificuldades que poderiam ocorrer ao ouvir os outros no espírito da sinodalidade. Estas dificuldades foram assim partilhadas:

- Ouvir o outro não foi fácil, pois a maioria das pessoas queria que a sua posição fosse tida em conta.
- Algumas pessoas não ficaram contentes por não terem sido consultadas na fase inicial do processo e só terem sido convidadas na fase continental.
- Houve uma espécie de reticência por parte de algumas pessoas que sentiram que, tendo trabalhado na fase diocesana, não deveriam retomar o mesmo trabalho.
- O tempo foi demasiado curto para chegar às pessoas certas para aprofundar a compreensão do documento e obter o resultado desejado.
- Foi difícil aplicar o método da conversação espiritual num texto grande como o Documento para a Fase Continental.
- Havia dificuldade em encontrar-se fisicamente com as pessoas e os meios alternativos, que era o das telecomunicações, foi impraticável devido à insuficiência de recursos.
- Aqueles que não estavam numa posição oficial na Igreja tiveram dificuldade em reunir pessoas para estudar o Documento para a Etapa Continental utilizando o método de conversação espiritual, porque as pessoas ouvem mais os que têm autoridade na Igreja, do que os que não a têm.

A experiência geral dos participantes foi que as pessoas estavam ansiosas por participar na vida da Igreja e que o Sínodo sobre a Sinodalidade despertou um novo desejo de uma Igreja aberta às reflexões, preocupações e sentimentos de cada membro. Estavam prontos a contribuir e queriam ter a certeza de que as suas expectativas dariam frutos duradouros, trazendo mudanças duradouras na vida da Igreja e das suas instituições.

As duas experiências anteriores de Acra e Nairobi formaram a base para o evento de Addis Abeba que envolveu representantes de todos os países de África e Madagáscar. O grupo utilizou o mesmo método de oração, silêncio e conversação espiritual. Trabalharam em plenários e em pequenos grupos e puderam discernir as prioridades sinodais para a Igreja em África.

A escolha de Adis Abeba como sede da assembleia continental foi influenciada por uma série de fatores: é a sede da União Africana (UA), um organismo que une todos os países de África; é um país que tem as três religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo; é um país marcado por uma cultura acolhedora.

2. Experiência Sinodal na Fase Continental

O encontro como uma experiência concreta de sinodalidade por parte dos africanos, trabalhando e caminhando juntos durante cinco dias, ajudou-nos a tomar consciência de algumas intuições que geralmente ressoam de um país para o outro e levantaram algumas questões pertinentes relativas à sinodalidade.

2.1. Intuições

A nossa oração e reflexão sobre o Documento para a Fase Continental deu origem às seguintes intuições do nosso contexto africano:

1. **A Igreja em África tem vivido a sinodalidade desde a época do Concílio Vaticano II.** O fruto disto é concreto na formação do SCEAM e outras conferências episcopais regionais durante e imediatamente após o Concílio. Alguns documentos importantes da e sobre a Igreja Africana são também frutos da sinodalidade. Incluem *Ecclesia in Africa* (1995), *Africae Munus* (2011) e o *Documento de Kampala* (2019). As Pequenas Comunidades Cristãs são os frutos da sinodalidade na base, onde as pessoas vivem e agem em conjunto, buscando responder às preocupações comuns como pessoas norteadas pela sua fé.
2. **A imagem da tenda como a imagem principal para a sinodalidade "alargar o espaço da sua tenda" (Is. 54:2) foi fortemente contestada por muitos, que associam a imagem com situações de guerra, deslocação e refugiados**. A assembleia preferiu a imagem da Igreja Família de Deus onde cada um tem o seu lugar e as suas responsabilidades de acordo com "valores familiares" (embora não haja homogeneidade sobre o que este último inclui em todos os países).
3. **A escuta é uma atitude do sínodo e a Igreja deve ser uma Igreja escuta se quiser continuar a ser sinodal. Contudo, as realidades escutadas nem sempre são as mesmas: família, Igreja, questões nacionais, problemas sociais, problemas espirituais, etc., variam frequentemente em interpretação ou importância social**. A escuta ajuda a levar a cura àqueles que são feridos. A escuta convida-nos a

uma outra forma de celebrar a nossa liturgia de uma maneira culturalmente autêntica. A aplicação da cultura de ouvir a celebração litúrgica ajudará a colocar o povo na vanguarda, a reforçar a sua participação activa e a torná-lo mais actor do que espectador. A Igreja ouve todos, mas a escuta perturba de tal forma que a Igreja fica por vezes tão sobrecarregada que algumas pessoas têm o sentimento de não serem escutadas, ou pelo menos pensam eu esta é selectiva em sua forma de escutar. Muitos gostariam que a Igreja ouvisse todos e trouxesse soluções para todos os problemas da sociedade, confundindo assim o papel da Igreja com o do Estado e do governo.

Ouvir não é apenas ouvir as pessoas. Implica ouvir a cultura local com a dinâmica da co-responsabilidade e com a consciência de que a cultura é dinâmica e em constante evolução. A Igreja em África é fruto dos esforços dos missionários ocidentais. A Igreja veio com uma cultura para outra cultura. A sinodalidade deve ajudar a ouvir as práticas culturais que foram ignoradas, condenadas ou suprimidas pela cultura ocidental através da qual o Evangelho foi pregado aos africanos. Estas práticas culturais, algumas profundamente influenciadas e alteradas pelas influências culturais ocidentais e cristãs, continuam a afectar a forma como os cristãos vivem o Evangelho. Devem, portanto, ser ouvidas com vista à sua integração, purificação ou rejeição colectiva, com base numa compreensão clara das exigências do Evangelho.

4. **A necessidade da participação de mulheres, jovens e portadores de deficiência na vida da Igreja é outra intuição que sobressai fortemente no documento**.
   As mulheres formam uma maior percentagem de membros activos da Igreja. Elas dão uma contribuição significativa para a vida da Igreja. Muitas delas sentem que não lhes é dado um lugar suficiente nas estruturas de tomada de decisões da Igreja. Há um apelo à criação de mais oportunidades e estruturas para que as mulheres façam mais na Igreja. Os jovens queixaram-se também de que gostariam de ser mais visíveis na vida da Igreja. Uma ideia que foi fortemente sentida foi a de uma opção preferencial para os jovens. Há um apelo para adaptar as atividades e celebração da Igreja a estilos que atraiam e mantenham a juventude na Igreja.
   A necessidade de intensificar a participação das pessoas portadoras de deficiência na vida da Igreja também foi claramente evidenciada no documento. A Igreja deve precaver-se contra o caminho da sociedade que tende a pô-las de lado. São muitas vezes consideradas como não tendo muito a oferecer com base na falsa ideia de que as suas vidas valem menos do que as outras. Se a oportunidade apropriada for criada, podem sentir-se em casa na Igreja e podem contribuir para o progresso e crescimento da Igreja. Isto exige iniciativas, formações e estruturas especiais que os ajudem a ter um lugar de destaque na Igreja.
5. **É evidente que existem forças mundanas que se opõem à missão da Igreja**.
   Tais forças incluem ideologias e políticas económicas ou políticas que são prejudiciais às doutrinas da fé. Algumas destas forças influenciam os líderes da Igreja e exercem pressão sobre os teólogos com a intenção de diluir o

conteúdo da fé. Há um apelo para que a Igreja sinodal esteja acordada para tais influências e permaneça centrada na Palavra de Deus e na firme tradição da Igreja.

6. **A sinodalidade chama a atenção de todos para a necessidade de co-responsabilidade** - tornando relevante aprender a caminhar juntos através da escuta, do discernimento e do diálogo. Muitos expressaram a opinião de que as decisões na Igreja são por vezes tomadas sem diálogo suficiente, mas a sinodalidade requer tomar todos como importantes e responsáveis. O reconhecimento do valor de todos numa comunidade cristã impõe a necessidade de tomar as suas opiniões em consideração para um discernimento e uma tomada de decisão adequados.
7. **A Igreja sinodal deve procurar equilibrar a abordagem das questões concretas da vida das pessoas com os aspectos espirituais**.
   Esta ideia provém da experiência de algumas pessoas que acreditam que a Igreja parece concentrar-se mais nas suas necessidades espirituais do que nas necessidades materiais concretas. Tal como Jesus alimentou os famintos, a Igreja sinodal deveria aprender a equilibrar o seu cuidado entre as questões espirituais e os problemas materiais.
8. **Uma sensibilização sobre a sinodalidade ligada à evangelização**: da imagem da Igreja como Família de Deus onde devem ser feitos esforços para acomodar todos aqueles que o desejem e mesmo aqueles que estão deliberadamente de fora vem a intuição de que a inclusividade deve ser harmonizada com a conversão, uma vez que caminhar juntos em comunhão, participação e missão não pode ser divorciada da evangelização. A missão da Igreja de difundir o Evangelho de Cristo até aos confins da terra deve basear-se na necessidade de ajudar as pessoas a abandonar os seus velhos caminhos que não estão em conformidade com a Palavra de Deus e a abraçar a verdade do Evangelho.
9. **Há uma necessidade de abertura de todos os católicos à formação contínua**. A compreensão da Igreja sinodal como uma Igreja que caminha juntamente com todos exige a formação do clero e dos leigos sobre esta nova consciência. Os pastores que lideram o povo de Deus devem ser os primeiros a imbuir a mentalidade sinodal e a aplicá-la na sua vida e ministério. Há uma necessidade urgente de programas educacionais e formativos para o clero e os fiéis leigos para iniciar a conversão necessária para imbuir a nova cultura de caminhar juntos como uma Igreja sinodal, especialmente a nível da Igreja local. Esta formação deve tocar na formação recebida nos seminários, para que os futuros pastores estejam preparados para abraçar a nova cultura de caminhar juntos e adquirir a capacidade de ouvir o Espírito de Deus e o povo.
10. **Alguns sentem que a Igreja sinodal deveria ser menos conservadora e ter a coragem de fazer um auto-exame sobre a forma como aceitou novas ideias**. A nova cultura da Igreja sinodal exigiria muita abertura e uma atitude de aprendizagem por parte da Igreja, de modo a permanecer relevante no mundo. No entanto, alguns sentem que a Igreja não deve estar demasiado aberta a cada nova ideia, uma vez que algumas ideias são vistas como não sendo para o bem do mundo. Nesses casos, a Igreja deve mesmo ter coragem para ir contra

certas correntes de pensamento. Muito depende da percepção dos cristãos de novas forças sociais - algumas bem informadas, outras menos - e do grau em que tais ideias que desafiam as posições oficiais da Igreja podem ter pontos válidos devem ser discernidas de forma mais aberta e minuciosa.

11. **O cuidado e protecção de crianças e pessoas vulneráveis foi também invocado como um aspecto integral da missão da Igreja sinodal**.
12. **Abrir a família significa acomodar aqueles que se sentem marginalizados, por exemplo, pessoas em casamentos poligâmicos, divorciados e casados de novo, e pais solteiros**. Muitas pessoas expressaram o desejo de revisitar a posição da Igreja sobre aqueles que se consideravam oficialmente marginalizados devido a situações familiares irregulares. Como é que a abertura da família se aplica a essas pessoas no espírito de sinodalidade que encoraja a Igreja a caminhar em conjunto com todos os crentes? E que disposições locais ignorámos?
13. **Sobre o clericalismo, há uma nova consciência de que o clericalismo está presente mesmo entre os leigos que dão crédito ou aceitam sem questionar, só o que o padre diz**. Na medida em que alguns padres poderiam ser acusados de serem fechados e autoritários, o clericalismo interiorizado dos leigos também é visto como promovendo tal cultura ao não desempenhar o seu papel adequado na Igreja e ao remeter aos padres o encargo de liderar, ensinar e tomar todas as decisões, sem a sua participação. Esta consideração é vista como uma outra forma de clericalismo.
14. **Há necessidade de aprofundar a reflexão sobre o n.º 35 do DCS sobre a juventude no que diz respeito ao verdadeiro acompanhamento e à necessidade de ajudar os jovens e estar perto deles no seu momento crucial para os ajudar a redescobrir o valor do casamento**. Dar mais atenção aos jovens na Igreja, proporcionando mais programas de formação para aprofundar a sua fé, dar-lhes voz e criar oportunidades (através de mudanças estruturais) que permitam aos jovens trazer ideias inovadoras para a Igreja de hoje. Sem atender às questões enfrentadas pelos jovens, não podemos caminhar juntos. As questões dos jovens vão para além da religião. Precisamos de reflectir sobre sistemas políticos e económicos contemporâneos como o novo capitalismo que conduzirá não só ao desemprego mas também ao despedimento (causado pela falta de empregos devido ao avanço tecnológico).
15. **Há uma necessidade de manter vivo o espírito sinodal na Igreja para além da assembleia continental em Adis Abeba**. Muitas questões que são locais para África surgiram nas discussões e tais problemas só podem ser tratados localmente. Com base nisto, há um apelo para que cada Igreja local continue a aprofundar a experiência da sinodalidade, a fim de desenvolver uma Igreja sinodal mais dinâmica que vá para além da assembleia sinodal continental.
16. **Dar mais atenção às questões culturais como nos nn 55 e 56 do DTFC e fazer esforços para superar a marginalização cultural dos grupos minoritários, especialmente os povos indígenas**. Há necessidade de reler a história dos povos indígenas e depois recuperar, promover e integrar as suas práticas culturais na liturgia. Trata-se de uma inculturação adequada que aumenta a diversidade, passando da multiculturalidade para a inter- culturalidade onde

práticas diferentes se complementam e enriquecem mutuamente.

17. **Aprofundar o estudo do nº 88ff do DCS sobre a liturgia, que parece mais teórica. Este processo poderia ajudar a torná-la mais prática e sensível às diferenças culturais**. A ênfase aqui deveria ser em conseguir que as pessoas participem mais activamente nas reuniões litúrgicas e comunitárias de oração. Isto exigirá um contacto profundo com as formas culturais de culto do povo. Há um apelo para tornar a liturgia mais contextual.
18. **Liturgicamente, a Igreja deveria encontrar uma maneira de fazer as coisas de forma diferente, para que aqueles que vêm às celebrações litúrgicas sintam que são realmente considerados e que lhes é dada uma oportunidade de se expressarem e participarem ativamente**.
19. **Unidade Africana: ser capaz de fazer perguntas e tentar resolver problemas apoiando nos na nossa capacidade de reflectir e alcançar o que precisamos por nós próprios**. Fazer uma avaliação profunda de todos os documentos, por exemplo, o Documento Kampala, para que não procuremos respostas fora de nós. Ao nível da solidariedade, somos fracos: um problema no Uganda deveria ser motivo de preocupação para a Argélia. Uma Igreja sinodal africana deveria ser capaz de unir os africanos.
20. **A necessidade de as autoridades eclesiásticas envolverem a liderança política da sociedade na defesa da boa governação e da justiça**. Isto deve ser visto como parte do mandato missionário de dar a conhecer Cristo ao mundo. Uma Igreja sinodal deve, portanto, ser uma Igreja em missão contínua em todas as dimensões da existência humana.

2.2. Perguntas ou questões

Um estudo cuidadoso do Documento para a Etapa Continental levanta uma série de questões e assuntos que precisam de ser esclarecidos. Estas incluem:

1. Qual o mecanismo que pomos em prática para atender ao respeito pelas diversas culturas?
2. Como é que a Igreja sinodal é mais empática e quais são os seus meios para promover a solidariedade concreta?
3. Existe uma tensão entre uma forte compreensão da verdade e o princípio da misericórdia (particularmente a acomodação com a diferença, opiniões minoritárias e dissidência), entre pertencer à Igreja e não viver como membro de pleno direito da Igreja, entre autonomia e co-responsabilidade. Como lidar com isso?
4. Para onde nos leva a sinodalidade quando ouvimos as vozes de diversas pessoas? Não estará isto a conduzir-nos à democracia? Assim, existe apenas uma linha ténue entre o diálogo, a escuta e a tomada de decisões e a regra da maioria.
5. Tudo o que temos levantado é importante. Como é que a Igreja local faria uso de todos os pontos que estão a ser levantados nas nossas discussões?
6. Na escuta dos outros, do Espírito Santo e da Palavra de Deus, quais são os critérios para o discernimento e julgamento?

3. Conclusão

Tendo ouvido outras Igrejas e a experiência dos africanos, consideramos que os oito pontos seguintes são prioridades recorrentes e urgentes sobre as quais é importante continuar o discernimento a nível da Igreja universal. Estes pontos estão directamente relacionados com a forma de viver o espírito sinodal de comunhão, participação e missão.

1. **Para aprofundar a sinodalidade católica de acordo com os valores da Igreja como Família de Deus, alimentar a vida desde a concepção até à morte natural, com base na co-responsabilidade, hospitalidade bíblica (Ef. 2:19), dignidade das crianças, mulheres e homens, e chegar a toda a família humana e a toda a criação, desde as Pequenas Comunidades Cristãs até ao nível do Vaticano.**
   A Igreja é construída sobre a Palavra de Deus, a Tradição e o Magistério. O estilo sinodal da Igreja deve ser fundado nas Tradições e ensinamentos da Igreja através dos quais a Igreja gerou valores que resistiram ao teste do tempo. A sinodalidade deve assentar nesses valores para poder ter uma base firme que possa levar a Igreja à desejada renovação, mesmo que nos apoiemos na Razão e na Experiência vivida por todos os fiéis.
2. **As vozes e valores africanos devem ser tomados em consideração na elaboração das doutrinas e ensinamentos da Igreja, valores como a família, a solidariedade, a vida comunitária, o diálogo reverencial, a hospitalidade e a co-responsabilidade**.
   Os africanos têm igual responsabilidade pelas doutrinas e ensinamentos da Igreja, em colaboração com outras Igrejas locais (Ef. 2:19). Por conseguinte, é primordial que as suas experiências e valores culturais em constante evolução sejam tidos em consideração e os seus problemas sejam sempre igualmente considerados. Isto irá ajudá- los a possuir os ensinamentos e a empenharem-se em vivê-los.
3. **O empenho da Igreja, Família de Deus (Africae Munus, 1) na resolução de conflitos, na luta contra o colonialismo económico e a exploração ilegal dos recursos em África, e na promoção da boa governação, da justiça e da paz**.
   A paz tornou-se tão frágil no nosso tempo que, por vezes, assegurar o fim dos conflitos é difícil, devido aos interesses instalados das potências intervenientes. Em tais situações, tornou-se necessário que a Igreja sinodal se envolva na defesa e negociação concreta da paz, especialmente entre nações e comunidades em guerra. A Igreja sinodal deveria fazer mais esforços para conceber mecanismos eficazes para um envolvimento activo na construção da paz a nível internacional e local à maneira de Cristo, o Príncipe da Paz (Is. 9:6).
   A religião é igualmente uma causa de conflito em África. O desejo de promover a paz deve também levar a Igreja a promover o ecumenismo e o diálogo inter-religioso. É necessário que a Igreja sinodal trabalhe em conjunto com outras comunidades de fé na promoção da paz e resolução de conflitos na construção do reino de Deus na terra.
   É evidente que uma das principais causas de conflito em África é a atitude

manipuladora dos exploradores dos recursos naturais. A Igreja deve estar ao lado do povo e assegurar que não haja exploração sem o consentimento livre, prévio e informado da população.

A Igreja deve igualmente promover a boa governação nos países africanos, incluindo o acompanhamento pastoral dos fiéis empenhados na vida social, económica e política.

4. **O processo de sinodalidade deve também envolver inculturação e renovação litúrgica, a fim de responder à aspiração, participação e crescimento global dos fiéis africanos**.

   A inculturação ajuda a que a fé se enraíze na vida e na prática do povo. A adoração em África é uma experiência integral que envolve toda a pessoa: mente, espírito e corpo. As actuais formas de celebrar a liturgia deixam por vezes muitos africanos insatisfeitos. Uma Igreja sinodal deveria ter em consideração a natureza dos africanos para ter uma liturgia mais participativa, de acordo com a autêntica teologia e doutrina litúrgica.

5. **A sinodalidade é forma de ser Igreja e, portanto, a necessidade da formação como meio de fazer do modelo sinodal um modelo pastoral da vida e da prática da Igreja**.

   O novo entendimento sobre a Igreja sinodal levaria a uma nova forma de entender e exercer autoridade na Igreja como Jesus (Lc. 22,27). Este novo entendimento exigirá necessariamente a formação do clero, das pessoas consagradas e dos leigos na prática da liderança sinodal. Um provérbio africano diz que "as culturas devem ser cultivadas enquanto as ervas daninhas crescem por si mesmas". O modelo sinodal precisa de ser plantado na vida do povo de Deus. Cada grupo deve estar aberto à formação permanente na forma sinodal de ser Igreja, incluindo bispos, clero, mulheres e homens leigos, jovens e pessoas consagradas.

6. **A sinodalidade deve reforçar a subsidiariedade a todos os níveis da vida da Igreja de modo a promover a inclusão, participação e comunhão de todos os membros, especialmente as mulheres, os jovens e as pessoas com deficiência**.

   O princípio da subsidiariedade ajuda cada grupo a contribuir autonomamente com a sua quota no desenvolvimento da sociedade e a lidar com os desafios pastorais locais. Isto deve aplicar-se às actividades da Igreja sinodal em todas as suas dimensões.

   As mulheres constituem a maior percentagem de membros activos da Igreja. Elas continuam a dar uma enorme contribuição para a Igreja em África. Contudo, não existem estruturas suficientes para encorajar e reforçar a sua participação, especialmente nos processos e plataformas de tomada de decisão na Igreja. A Igreja em África deseja que, seguindo o princípio da subsidiariedade, os fóruns formais para a participação das mulheres na Igreja sejam reforçados.

   O acima exposto também se aplica aos jovens que constituem a maior percentagem da população africana. Eles têm ideias criativas e desejam tomar iniciativas na Igreja e na sociedade. Muitas vezes não encontram espaço suficiente para exercer as suas iniciativas na Igreja. Em África, a maioria dos jovens é confrontada com a difícil decisão dos restantes cristãos face a muitas

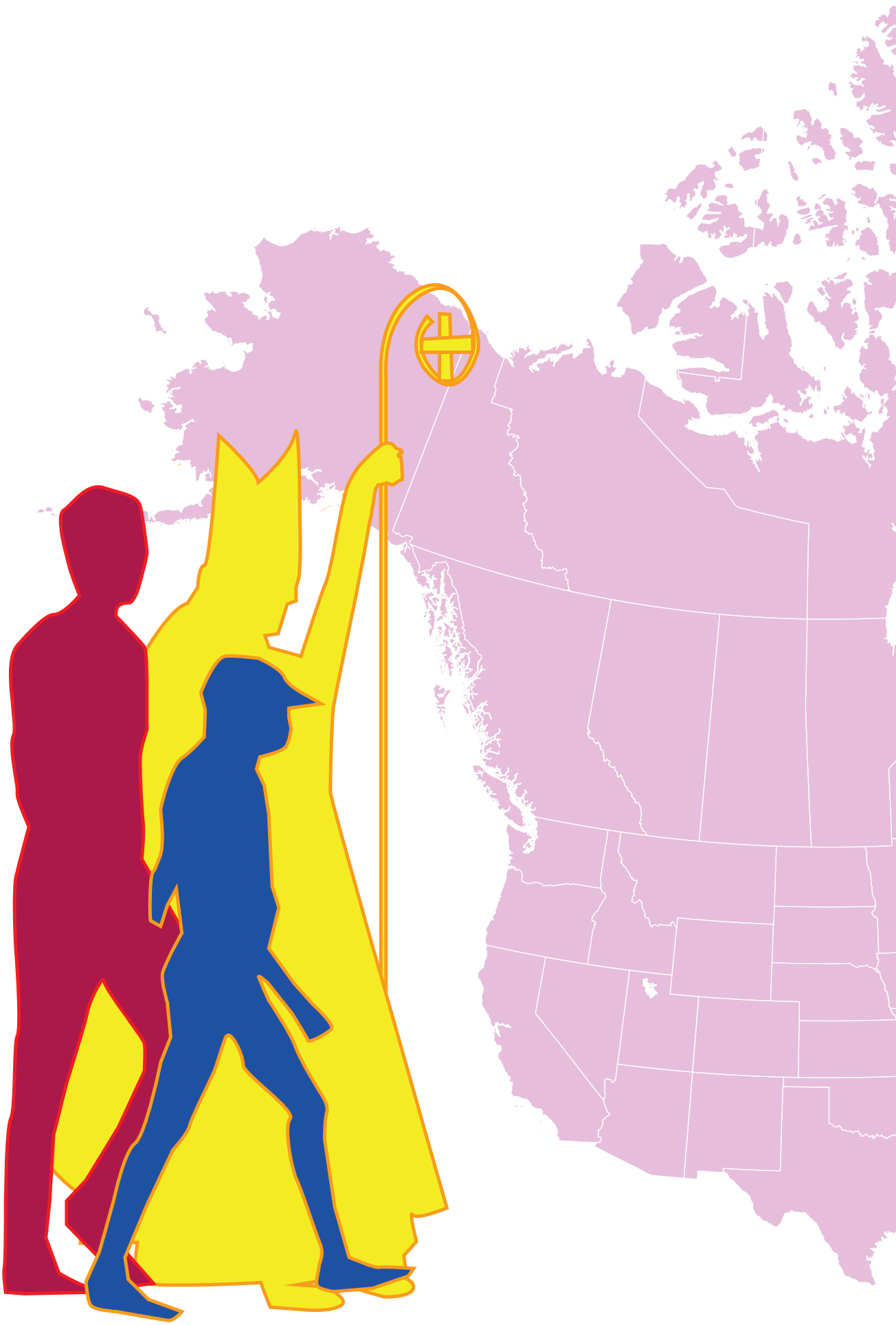
opções concorrentes.
Para as pessoas com deficiência, há necessidade de lhes oferecer oportunidades de se sentirem em casa na Igreja. Isto exigirá a criação de estruturas que devem preocupar-se com elas ao mais alto nível da Igreja. A Igreja deve não só ouvir os desafios do povo, mas também, com base no princípio da subsidiariedade, encontrar formas de criar oportunidades para que elas contribuam para a vida da Igreja.

7. **A família é uma estrutura importante na promoção da Igreja sinodal e exige um cuidado pastoral centrado no casamento e na família e nos desafios da África atual, especialmente situações de poligamia, pessoas divorciadas e casadas de novo, monoparentalidade e protecção dos filhos**.
   Em África somos confrontados com os desafios de casamentos desfeitos com base em práticas tradicionais que têm sido difíceis de transformar através de valores cristãos e outros factores socioeconómicos, incluindo a poligamia que ainda é imposta por algumas condições sociais nas sociedades africanas. O divórcio está também a tornar-se uma ocorrência comum. Existe igualmente a situação de monoparentalidade eletiva e circunstancial, viuvez e coabitação. Constatamos igualmente a necessidade de proteger as crianças de abusos. As pessoas envolvidas nestas situações continuam a querer continuar a praticar a fé católica. Há necessidade de desenvolver uma pastoral familiar evangelizadora e catequese que permita ajudá-los a viver a sua fé com confiança e alegria.
8. **A Justiça ecológica e o cuidado pela criação devem tornar-se um modo de vida da Igreja sinodal**.
   As alterações climáticas são uma ameaça existencial para o mundo inteiro e a Igreja não está separada do mundo. A África suporta o peso da actual crise climática, embora seja a que menos contribui para ela. A Igreja deveria continuar a fazer mais para encontrar soluções e desenvolver estratégias inovadoras para responder a esta crise urgente como parte integrante da sua missão.

Para concluir, a sinodalidade, fundada no amor, inclusão e respeito por todos, particularmente aqueles que são marginalizados, gerou um novo dinamismo através do sínodo sobre a sinodalidade. Este dinamismo deve ser sustentado para que a sinodalidade se torne uma identidade cristã (Jo 13,35), uma forma de ser Igreja desde a base até ao mais alto nível. Isto só pode acontecer se todos se abrirem sinceramente ao evangelho e ao Espírito Santo que acendeu esta sinodalidade como uma nova forma de cristianismo no nosso tempo.

Adoptado por unanimidade pela Assembleia Sinodal Continental Africana, Addis Abeba, Etiópia, 05 de Março de 2023.

Adoptado por unanimidade pelos delegados bispos à Assembleia Sinodal Continental Africana, Addis Abeba, Etiópia, 06 de Março de 2023.



DOCUMENTO FINAL DA ETAPA CONTINENTAL EM AMÉRICA DO NORTE

As linhas gerais do *documento final*[1] são as seguintes:

Introdução: Descrição da Etapa Continental na América do Norte e metodologia utilizada.

Apresentação de três temas-chave:

- *Chamados e dotados pelo Batismo*: Implicações da dignidade e das responsabilidades do nosso batismo comum.
- *Comunhão com Cristo e uns com os outros*: Reconhecer as tensões na nossa comunhão eclesial na América do Norte de hoje e discernir os caminhos a seguir.
- *Enviados em missão*: Viver o nosso chamamento batismal comum para levar a Boa Nova ao mundo.

Reflexões dos Bispos sobre a Experiência da Sinodalidade na América do Norte: Dado o desejo expresso por muitos de saber como os bispos vêem o processo sinodal, esta secção apresenta algumas das suas percepções e reflexões.

Prioridades orientadas para a reunião de outubro de 2023 do Sínodo em Roma: Apresentação de cinco prioridades propostas para posterior discussão pelo Sínodo de Roma.

Conclusão: A dádiva de estarmos juntos.

[1] O presente *documento final* baseia-se nas reflexões sobre as três questões que figuram no *documento da fase continental* (DEC) #106, embora a sua estrutura não reflicta diretamente essas questões.

Introdução

Ele disse-lhes: "Vinde, e vereis". (João 1:39)

O convite

1. O convite do Santo Padre ao Povo de Deus para participar no *Sínodo de 2021-2024* é repetido vezes sem conta: P*ara uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão*, suscitou uma série de reacções. Muitos sentiram uma profunda alegria e entusiasmo, enquanto outros manifestaram resistência, desconfiança e ansiedade. Na Fase Continental, os delegados aceitaram o convite; vieram e viram. Como disse um delegado: "*O Espírito Santo está a trabalhar! Isto é apenas o início; não sabemos onde o Espírito Santo nos vai levar. Estamos a chegar a uma compreensão mais profunda do que significa ser católico*" (Sessão X Grupo 1). A experiência do Sínodo demonstrou que muitos católicos na América do Norte estão empenhados no discernimento comunitário necessário para descobrir para onde o Espírito Santo está a guiar a Igreja no momento presente.

2. Houve uma grande gratidão por estarmos juntos com outros católicos, que vêm de diferentes partes do continente, que são leigos, religiosos e clérigos, cada um com as suas próprias ideias e pontos de vista, mas todos fazendo parte da única Igreja. Como um grupo referiu, "*O processo sinodal dá-nos vida e também dá vida à Igreja; estamos gratos por essa dádiva*" (Sessão IV, Grupo 8). O sentimento predominante dos que participaram nas fases local, nacional e agora continental foi uma esperança otimista e uma alegria edificante por poderem participar e contribuir. Como um grupo observou, "*A palavra que sempre surgiu no nosso grupo foi alegria - partilhar, ouvir e estar juntos*" (Sessão III Grupo 10). A experiência de poder partilhar e exprimir tanto as desilusões como as bênçãos foi vista como um verdadeiro fruto do processo sinodal. *"As pessoas começavam com dores e ressentimentos, mas no final do processo o Espírito Santo tinha aberto as pessoas"* (Sessão II Grupo 7).

As Assembleias Continentais Virtuais

3. A Etapa Continental na América do Norte consistiu em doze assembleias virtuais (sessões): sete em inglês, três em espanhol e duas em francês. Participaram nestas assembleias 931 delegados, com uma repartição quase igual entre homens e mulheres (50,2% / 49,8%, respetivamente). Os 931 delegados eram provenientes de diversas vocações: 391 leigos, 235 leigos, 148 sacerdotes (diocesanos e religiosos), 77 religiosas e 4 religiosos não ordenados. Além disso, 146 bispos participaram numa ou mais assembleias virtuais. Quase 90% das dioceses e eparquias dos Estados Unidos e do Canadá (236/267) estiveram representadas nas assembleias. Como um grupo relatou, "*houve muita participação e diversidade, mas ainda assim houve muita convergência. O Espírito está a trabalhar*" (Sessão III, Grupo 6).

4. O formato virtual para a Assembleia Continental foi escolhido para acomodar o maior número possível de delegados, incluindo aqueles que não puderam viajar devido à saúde ou ao trabalho, e para minimizar os encargos financeiros, maximizando a participação das dioceses e eparquias nos Estados Unidos e no Canadá. A atual pandemia de COVID-19 também influenciou a decisão de realizar assembleias virtuais.

O feedback das assembleias revelou opiniões mistas sobre o valor de um formato virtual. Alguns apreciaram o facto de as assembleias virtuais permitirem uma maior participação. "*Alguns dos grupos em que participei conseguiram facilmente envolver-se, de forma orante, em conversas espirituais e perguntas. Havia a possibilidade de se ouvirem vozes dissonantes significativas*" (Feedback da Sessão I). Outros sentiram que os diálogos espirituais foram prejudicados devido à falta de participação presencial. "*O Zoom é uma óptima ferramenta e facilitou uma maior participação, uma vez que as viagens podem ter limitado os participantes, mas presencialmente é sempre muito melhor*" (Feedback da Sessão II).

5. Foi pedido a cada Ordinário que seleccionasse quatro a cinco delegados para fazerem parte da Assembleia Continental. Estes delegados, juntamente com os próprios bispos, foram depois convidados a inscrever-se numa das doze assembleias virtuais que constituiriam a componente principal da Assembleia Continental. Para em cada assembleia, foram formados pequenos círculos de escuta, de modo a que fossem compostos por uma mistura de delegados do Canadá e dos Estados Unidos, dioceses e eparquias, homens e mulheres, gerações e origens culturais. Para ajudar na preparação destas assembleias, foi enviado a cada delegado um *Guia de Preparação do Delegado* (ver Anexo C) que descrevia o formato das assembleias e o *Modelo de Conversação Espiritual*.

6. Uma semana antes de cada assembleia, os delegados foram apresentados uns aos outros por correio eletrónico. Neste intercâmbio, foi-lhes pedido que partilhassem o seu nome, diocese ou eparquia, e como tinham estado envolvidos no Sínodo até então. As experiências foram muito variadas, desde o planeamento e facilitação de sessões de escuta na sua paróquia, na Etapa Diocesana, até às assembleias virtuais, que foram um dos seus primeiros encontros com o Sínodo. Muitos trocaram votos calorosos, juntamente com as suas esperanças e orações para as próximas assembleias. Embora nem sempre eficazes, em geral, estas apresentações foram úteis.

7. Cada uma das doze assembleias virtuais começou com a oração do Adsumus, seguida de um tempo juntos em pequenos grupos de escuta (147 no total). Estes pequenos grupos seguiram o Modelo de Conversação Espiritual, tal como sugerido pelo Secretariado do Sínodo Geral. Depois das discussões em pequenos grupos, todos voltaram ao grupo maior para partilhar os frutos das conversas, houve uma reflexão do DEC #25-26, e houve um período de silêncio (ver Apêndice D para o formato destas discussões). Enquanto alguns delegados observaram que as conversas espirituais tinham o potencial de ser mais enriquecedoras se tivessem sido presenciais, muitos outros observaram que o Espírito estava presente nas assembleias virtuais. "*Estou muito grato pela oportunidade de participar no processo sinodal e aprecio verdadeiramente os esforços daqueles que organizaram os encontros virtuais. Embora houvesse certamente limitações devido ao facto de as sessões serem virtuais, creio que foi uma boa experiência e pude sentir o Espírito Santo a trabalhar*" (Feedback da Sessão III). "*O sentimento muito real da presença orientadora do Espírito Santo é a sua maior força*" (Sessão VIII Feedback).

8. A Equipa Sinodal Norte-Americana (ver Apêndice A), num espírito de corresponsabilidade, confiou nos delegados para facilitar e relatar os frutos dos círculos de

escuta na parte plenária das Assembleias Continentais. Este processo alcançou vários graus de sucesso, dependendo da preparação dos participantes. No entanto, a metodologia ofereceu aos delegados uma oportunidade de formação em sinodalidade. Todos os delegados receberam recursos que explicam o Modelo de Conversação Espiritual, e um webinar sobre este tópico foi oferecido àqueles que se voluntariaram para facilitar um círculo de escuta; uma gravação do webinar foi disponibilizada para outros.

9. A escuta vivida pelos delegados durante a conversa espiritual foi muito apreciada. Muitos falaram dela com admiração, reconhecendo que tinham sido transformados. A experiência sinodal não só criou um espaço para falarem livremente, como também lhes deu a oportunidade de serem ouvidos. Para muitos foi uma descoberta, uma experiência iluminadora. Encheu-os de alegria, esperança e gratidão. "*A metodologia que emergiu do processo sinodal - particularmente as conversas espirituais - é muito importante. Aprendemos que podemos aprender escutando. Esperamos que isto continue! Esta é uma forma de nos capacitarmos para chegar aos lugares de sofrimento*" (Sessão XII Grupo 2).

A sessão de balanço continental

10. Após a realização das doze assembleias virtuais, os representantes de cada uma delas reuniram-se com a Equipa Sinodal Norte-Americana, que foi incumbida de redigir este relatório. Nesta "sessão de balanço", os representantes partilharam os frutos de cada uma das doze assembleias; temas e experiências comuns surgiram naturalmente e foram discutidos mais aprofundadamente. Ao contrário das assembleias virtuais, a sessão de balanço permitiu à equipa sinodal fazer perguntas de seguimento e de esclarecimento aos delegados. Como se verá a seguir, o que emergiu das assembleias foi o reconhecimento de que existem fortes tensões no seio da Igreja, mas os delegados sentiram predominantemente esperança e encorajamento e um desejo de que o processo sinodal continuasse. Na sessão de balanço, uma delegada partilhou que "*foi muito encorajada pelos pequenos grupos; as pessoas estão a modelar a sinodalidade para si próprias, e posso ver isso como um fruto do processo*" (Sessão de balanço).

O Retiro de Escrita Continental

11. Para a composição deste documento, a equipa do Sínodo da América do Norte começou com um retiro de uma semana. Uma palavra que surgiu frequentemente durante o discernimento da equipa no retiro foi "confusão". A sinodalidade nem sempre é fácil de compreender; também pode ser vista como um processo complicado. Como observou um participante numa das assembleias virtuais, "*As pessoas não sabem para que serve o Sínodo sobre a Sinodalidade. Não compreendem o objetivo, não conseguem perceber o que se pretende alcançar*" (Sessão XI, Grupo 14). No entanto, houve simultaneamente o reconhecimento de que a confiança no Espírito Santo é crucial para a fecundidade do Sínodo. "*Talvez tenhamos de admitir que estamos presos aqui e que não sabemos exatamente para onde vamos, mas não faz mal porque estamos a seguir o Espírito Santo! Temos de permitir que o Espírito Santo assuma a liderança para nos guiar para onde devemos ir!*" (Sessão XI Grupo 14). Quando houve momentos de incerteza, a Equipa Sinodal escolheu confiar no Espírito Santo e uns nos outros. A abertura ao Espírito é essencial para sermos companheiros frutuosos no caminho sinodal.

O Documento Final Norte-Americano

12. O que se segue baseia-se no que foi ouvido nas assembleias virtuais. A Equipa Sinodal da América do Norte era composta por leigos, sacerdotes, religiosos e bispos do Canadá e dos Estados Unidos, que se reuniram para refletir sobre o que foi partilhado e para discernir não um plano ou um projeto, mas simplesmente o que surgiu deste caminho até agora. Para garantir que o *Documento Final* fosse fiel ao que foi partilhado durante a Assembleia Continental e para promover um discernimento corresponsável, a Equipa do Sínodo convidou 25 delegados do Canadá e 25 delegados dos Estados Unidos a comentarem e a reflectirem sobre um esboço deste documento. O documento foi posteriormente revisto à luz dos seus contributos. Os bispos designados por cada conferência episcopal validaram e aprovaram o *Documento Final*.[2]

13. Este relatório da Fase Continental é a contribuição da América do Norte para a fase mais alargada e global de discussão e discernimento do Sínodo 2021-2024. Os participantes norte-americanos sentiram que o DCS reflectia muito do que os participantes expressaram durante as etapas diocesanas e nacionais do Sínodo. As conversas na Etapa Continental centraram-se na intensa necessidade de a Igreja se tornar ainda mais sinodal. Em resumo, o que foi partilhado o que se ouviu na Etapa Continental foi que, pelo nosso batismo comum, cada um de nós é **chamado por Deus e dotado por Deus de dignidade**. Este batismo comum coloca-nos em **comunhão com Cristo e uns com os outros.** A viagem sinodal até agora tornou-nos mais conscientes de onde se encontram as tensões na nossa comunhão. Mas também revelou que, como um delegado descreveu, "*quanto mais nos tornarmos discípulos missionários, mais enfrentaremos esses desafios*" (Sessão de Debrief). A nossa dignidade batismal é inseparável da nossa responsabilidade batismal, que **nos envia em missão**. "*Muitas vezes, concentramo-nos no negativo e esquecemo-nos da alegria; o Espírito que experimentamos no nosso âmago é o de sermos missionários*" (Sessão de balanço).

Chamados e dotados através do Batismo

14. A Assembleia Continental da América do Norte exprimiu repetidamente a necessidade de crescer para uma Igreja mais sinodal, a começar pelo reconhecimento da dignidade de todos os baptizados. "*Caminhar juntos e alargar a tenda envolve todos. Todos os baptizados têm o direito de lá estar*" (Sessão IX, Grupo 2). Cada pessoa humana possui a dignidade que lhe advém do facto de ter sido criada à imagem de Deus. Através do batismo, os cristãos partilham uma dignidade elevada e uma vocação para a santidade, sem desigualdade baseada na raça, nacionalidade, condição social ou sexo, porque somos um só em Cristo Jesus (*Lumen Gentium* 32; cf. Gal 3,28, Col 3,11). "*O Sínodo foi uma boa forma de leigos e clérigos se aperceberem* de que somos ***todos*** *Igreja e que temos a corresponsabilidade de alargar a tenda. Se quisermos fazer isso, será necessário que todos nós o façamos!*" (Sessão VIII Grupo 3).

[2] Entre eles, o Comité Executivo da CCCB e o Comité Executivo da USCCB.

15. Na Etapa Continental na América do Norte, a alegria dos participantes baseou-se em grande parte no reconhecimento da sua dignidade batismal através do caminho sinodal. Isto despertou o desejo de um maior reconhecimento e de oportunidades de corresponsabilidade no seio da Igreja e da sua missão. "*Um dos desafios foi a necessidade de continuar a descobrir e a ver o que o nosso chamamento batismal nos convida a fazer*" (Sessão de Debrief). Ao mesmo tempo, muitas das conversas, como as que tiveram lugar durante as etapas diocesanas e nacionais, referiram momentos em que os membros da Igreja não reconheceram esta dignidade partilhada. Estas falhas põem em causa a nossa comunhão uns com os outros. "*Responder à mensagem de Cristo exige que falemos e andemos. Todos temos de responder ao nosso chamamento universal à santidade*" (Sessão VIII, Grupo 10).

Corresponsabilidade

16. O nosso chamamento pessoal à santidade nasce da nossa dignidade batismal. Somos chamados a um estado particular de vida e simultaneamente a participar na missão da Igreja. O chamamento à santidade inclui e perdura para todos os baptizados, independentemente do seu estado de vida. "*Devemos libertar os dons de cada um*" (Sessão de reflexão). Como explicaram vários delegados na Etapa Continental da América do Norte, este chamamento universal à santidade é vivido em formas particulares de serviço à missão mais alargada da Igreja. "*Não podemos ser sempre tudo para todas as pessoas; algumas pessoas têm certos carismas e precisamos de dividir o trabalho*" (Sessão de balanço).

17. Na Assembleia Continental, foi frequente o desejo de uma maior corresponsabilidade entre os leigos e o clero, incluindo os bispos. "*Temos de nos basear na igual dignidade do batismo. Este é um ponto de entrada para a corresponsabilidade*" (Sessão XII Grupo 2). A ênfase na nossa dignidade batismal partilhada permite-nos ver no outro um colaborador que pode ser formados, equipados e encorajados para a missão. "*Somos chamados a agir de forma corresponsável e sinodal, não esperando até sabermos como fazer tudo na perfeição, mas caminhando juntos como pessoas imperfeitas*" (Sessão II Grupo 6). Quando as estruturas e práticas da Igreja são dinâmicas e capazes de se moverem com o Espírito Santo, todos são capazes de "*usar os seus dons ao serviço da Igreja e uns dos outros*" (Sessão XII Grupo 4).

18. Para muitos delegados, a experiência do caminho sinodal foi uma experiência que reacendeu o seu chamamento ao discipulado. "*Através do processo sinodal, a Igreja está a ser vivida agora mesmo à nossa frente e nós estamos a experimentá-la! Estamos entusiasmados com isso. O Espírito Santo está a mover-se neste processo e a dar-nos um espírito comum de missão a nível mundial!*" (Sessão III Grupo 2). Esta Igreja corresponsável desafiará cada um de nós e necessitará de uma maior colaboração e comunicação entre todo o Povo de Deus. "*Temos de ... chegar a todos, de todos os sectores da vida. A responsabilidade do ministério não é apenas dos sacerdotes, mas de cada batizado. Este é um espaço real onde podemos permitir que as mulheres e algumas das pessoas mais marginalizadas na Igreja assumam realmente papéis de liderança*" (Sessão XI Grupo 7).

Mulheres

19. Não pode haver verdadeira corresponsabilidade na Igreja sem honrar plenamente a dignidade inerente às mulheres. Os delegados continentais reconheceram o trabalho crucial que as mulheres fazem para manter a Igreja "*viva e saudável*" (Sessão IV Grupo 8). No entanto, os delegados também apontaram as mulheres como um grupo marginalizado na Igreja. "*Percorremos um longo caminho, mas deploramos o facto de as mulheres não poderem investir plenamente em si próprias*" (Sessão V, Grupo 4). Embora ainda seja necessário clarificar exatamente o que é uma Igreja totalmente corresponsável, os delegados propuseram o exame de uma variedade de aspectos da vida da Igreja, incluindo papéis de tomada de decisão, liderança e ordenação. No centro do discernimento destas questões está o reconhecimento fiel da dignidade batismal das mulheres. Um apelo frequentemente ouvido foi o de que "*é preciso abrir mais espaço para elas, especialmente nas mesas de decisão*" (Sessão IV Grupo 8). A Igreja na América do Norte foi encorajada a "*reconhecer, discernir e promover o papel das mulheres ... para que elas possam ter uma presença maior na Igreja*" (Sessão IV Grupo 5).

Juventude / Jovens

20. O reconhecimento e o respeito autênticos pelos dons e talentos dos jovens é outro aspeto vital de uma Igreja corresponsável na América do Norte. "*Somos muitas vezes vistos como o futuro, mas somos também o 'agora' da Igreja*" (Sessão de balanço). Muitos delegados lamentaram a ausência de jovens tanto nas suas paróquias como na Assembleia Continental. "*Estamos preocupados com o facto de os jovens não estarem à mesa e perguntamo-nos como é que eles vão estar representados em Roma. Não só as pessoas que trabalham com os jovens, mas os próprios jovens. São eles que melhor conhecem a sua realidade*" (Sessão VI Grupo 1). Capacitar os jovens para viverem mais plenamente a sua dignidade batismal exige que confrontemos as tensões dentro da nossa comunhão como Corpo de Cristo. Os "*dons dos jovens nem sempre são plenamente apreciados pelas gerações mais velhas. Devemos apreciar a criatividade e o engenho dos jovens*" (Sessão I, Grupo 6).

Formação

21. O Povo de Deus que participou na Etapa Continental na América do Norte expressou um grande desejo de formação como chave para viver tanto a sua dignidade batismal como o seu dever numa Igreja corresponsável. Especialmente como resposta aos desafios actuais - bem como ao desejo de se empenhar mais na prática da sinodalidade - a formação surgiu como uma exigência fundamental. "*A resposta à pergunta que surgiu foi a necessidade de formação - formação para a sinodalidade, para escutar profundamente; formação para se alargar, como é referido no alargamento da tenda*" (Sessão I, Grupo 9). Os delegados expressaram o desejo de que a Igreja continue a "*desenvolver a formação para conhecer melhor a nossa fé*" (Sessão V, Grupo 7). Houve também uma preocupação especial em acompanhar melhor os jovens ao longo do seu processo de formação, fomentando uma curiosidade ousada sobre a fé cristã. "*As crianças que passam pela educação religiosa saem de lá a perguntar-se se existe mesmo um Deus. Têm medo de fazer perguntas? Se tiverem medo de fazer perguntas, podem ficar atrofiadas na sua capacidade de crescer na sua fé*" (Sessão VIII Grupo 7). Este desejo está intimamente ligado à dignidade do

nosso batismo e à responsabilidade que ele implica. "*Ao partilharmos a nossa fé, nós - que estamos nos bancos - temos não só de ser capazes de partilhar a nossa fé, mas também de a compreender*" (Sessão I, Grupo 5).

22. Os delegados expressaram o desejo de uma formação que dure toda a vida e que seja oferecida a todos os membros da comunhão dos baptizados, qualquer que seja a sua vocação. Isto inclui não só a formação nos ensinamentos fundamentais da nossa fé, mas também a formação para a sinodalidade, a corresponsabilidade, o acolhimento e a saída para as periferias. "*Uma formação mais profunda permite-nos apresentar a beleza da nossa fé, em vez de uma lista de regras. Ir mais fundo e por baixo e ser formado de uma forma que nos permita apresentar os comos e os porquês*" (Sessão XII Grupo 6). Os delegados insistiram que uma formação mais profunda é fundamental para a nossa capacidade de viver a nossa dignidade batismal e reforçar a comunhão com Cristo e uns com os outros. "*Como é que nos tornamos um povo que tem a disposição de escutar, de ser sinodal, de pôr a escuta em primeiro lugar?*" (Sessão III Grupo 8).

Comunhão com Cristo e entre nós

23. Durante a Assembleia Continental, a Equipa Sinodal da América do Norte ouviu repetidamente falar da necessidade de, no processo sinodal, manter a centralidade de Cristo, com quem estamos todos unidos pelo batismo. "*Jesus Cristo* [está] *no centro da tenda*" (Grupo 9 da Sessão II). "*A Eucaristia é o centro das nossas vidas*" (Sessão XI Grupo 4). "*O centro da nossa fé é a pessoa de Jesus Cristo*" (Sessão XII Grupo 8). "*Jesus é o centro da tenda que nunca devemos perder de vista naquilo que fazemos*" (Sessão III Grupo 16). Pelo batismo, tornamo-nos membros do Corpo de Cristo e somos levados à comunhão uns com os outros.

24. No entanto, o processo sinodal de discernimento na América do Norte revelou que a Igreja, tal como a sociedade em geral, está a experimentar uma polarização e uma forte tendência para a fragmentação. Este foi um tema importante ao longo das etapas diocesanas, nacionais e continentais do Sínodo. Como comentou um delegado, "*o apelo à comunhão é algo que precisamos de tornar presente em nós e nas nossas comunidades*" (Sessão XI, Grupo 15). Houve um reconhecimento de que não podemos viver plenamente a nossa dignidade e responsabilidade batismal sem abordar as áreas em que a nossa comunhão uns com os outros e, por conseguinte, a nossa comunhão com Cristo, é sublinhada quase até o ponto de rutura. Surgiram vários temas que foram comuns a todas as assembleias virtuais.

Confiança e credibilidade

25. Uma ameaça significativa à comunhão dentro da Igreja é a falta de confiança, especialmente entre os bispos e os leigos, mas também entre o clero em geral e os fiéis leigos. Uma das principais áreas de tensão na América do Norte é a crise dos abusos

sexuais por parte do clero e os seus efeitos, que criaram uma perda de confiança que não pode ser exagerada. Muitas pessoas continuam a carregar as feridas dos abusos e muitas outras perderam a confiança no clero e nas instituições da Igreja. A esta realidade, há que acrescentar os erros históricos encontrados nas escolas residenciais/internatos para indígenas, que também incluíam abusos de todos os tipos. Isto só vem agravar a ferida da Igreja e a falta de confiança nos seus líderes. "*A crise dos abusos sexuais e as escolas residenciais fazem parte da realidade da Igreja; temos de ser capazes de responder a essas questões e enfrentar essas situações*" (Sessão II, Grupo 9). Embora tenha sido reconhecido que os líderes da Igreja fizeram muito para promover a cura e prevenir futuros abusos, é evidente que é necessário fazer mais para reconstruir a confiança. Como comentou um delegado: "*Há diferentes níveis e graus de empenhamento no seio da Igreja enquanto instituição, mas é preciso começar com a cura e a construção da confiança*" (Sessão II, Grupo 8). Muitas das sessões de escuta do Sínodo apelaram a uma mudança cultural na Igreja com vista a uma maior transparência, responsabilidade e corresponsabilidade. A "sinodalidade", segundo muitos, era "*uma bela maneira de criar confiança através do diálogo*" (Sessão XII, Grupo 4).

Maior inclusão

26. Na Assembleia Continental, tal como nos nossos relatórios nacionais, houve um profundo desejo de maior inclusão e acolhimento na Igreja. De facto, um dos principais factores que foi visto como um fator de rutura da comunhão foi a experiência de muitos de que certas pessoas ou grupos não se sentem bem-vindos na Igreja. Os grupos nomeados durante a Fase Continental incluíam mulheres, jovens, imigrantes, minorias raciais ou linguísticas, pessoas LGBTQ+, pessoas divorciadas e que voltaram a casar sem anulação e pessoas com diferentes graus de capacidades físicas ou mentais. Embora as razões para sentir a Igreja como inóspita possam variar, o que é comum é a necessidade da Igreja de honrar autenticamente a dignidade batismal de todos. Como explicou um participante, "*pensamos que somos acolhedores, mas sabemos que há pessoas que se sentem 'fora' da Igreja*" (Sessão III, Grupo 12). Outro sugeriu que isto se deve ao facto de "*sermos apanhados nas minúcias da avaliação do valor das pessoas que estão à margem*" (Sessão VIII Grupo 14). "*Há necessidade de diferenciar entre a importância do ensino e a necessidade de acolher as pessoas na Igreja, especialmente no que diz respeito aos nossos irmãos e irmãs LGBTQ+*" (Sessão II Grupo 4).

27. Alguns participantes no processo sinodal relataram o profundo sentimento de sofrimento daqueles que são impedidos de receber a Eucaristia. Embora haja uma variedade de razões para esta realidade, talvez a principal delas seja a dos católicos divorciados e que voltaram a casar sem uma anulação, e outros cuja situação objetiva na vida contradiz as crenças e os ensinamentos da Igreja. Além disso, alguns delegados falaram dos feridos pelas limitações impostas ao rito latino pré-conciliar. Infelizmente, a liturgia nem sempre é vivida como unificadora. "*Nós poderíamos encontrar a nossa unidade na oração comum, mas a liturgia é uma das coisas que divide a Igreja e temos de romper com isso*" (Sessão X Grupo 18).

28. As sessões de escuta também produziram amplos exemplos do desejo de

incorporar os jovens mais plenamente na vida da Igreja. Como um grupo afirmou simplesmente, os jovens "*são indispensáveis*" (Sessão V Grupo 4). Praticamente todas as consultas sinodais partilharam uma dor profunda na sequência da partida dos jovens e consideraram este facto como estando integralmente ligado ao facto de se tornarem uma Igreja mais inclusiva. Um grupo observou que existe uma "*divisão geracional nas comunidades - tensão entre os membros mais jovens e os mais velhos da Igreja. Isto é algo a que devemos prestar atenção*" (Sessão XI, Grupo 9). O desejo de ser uma Igreja mais inclusiva ressoou em todas as assembleias virtuais. Um delegado disse: "*A Igreja deve saber como ser a família de Deus, ser aberta e recetiva*" (Sessão IV Grupo 7).

Audição

29. A par do desejo de ser uma Igreja mais inclusiva e acolhedora, havia a necessidade de compreender como ser mais hospitaleiro, mantendo e sendo fiel aos ensinamentos da Igreja. "*Existe uma tensão entre o acolhimento e a formação nos ensinamentos da Igreja. Temos de ter em mente que o ensino da Igreja vem do Evangelho - há que trabalhar nesse tipo de hospitalidade*" (Sessão III, Grupo 6). A chave para resolver este problema foi vista na capacidade de escutar. Um delegado recorda-nos que "*escutar nem sempre significa obter a resposta que procuramos*" (Sessão X, Grupo 6), enquanto outro salientou que escutar nos ajuda a compreender as perspectivas dos outros e, por conseguinte, a acolhê-las (cf. Sessão III, Grupo 12). Outro propôs que "*precisamos de ser inclusivos e amar as pessoas o suficiente para as encontrar onde elas estão, mas amá-las o suficiente para não as deixar lá*" (Sessão III Grupo 7).

30. Um tema frequente ouvido durante as assembleias foi que "*a tensão faz parte da vida e nunca será completamente resolvida. Temos de continuar a ouvir, mas a tensão fará sempre parte da nossa vida. Temos de aceitar isso e deixar que o Espírito Santo nos guie através disso*" (Sessão XI, Grupo 11). Os delegados relataram que o Sínodo foi uma experiência de ser ouvido e de escutar. É importante que "*as pessoas tenham a oportunidade de falar, mas também de serem ouvidas e validadas, reconhecidas*" (Sessão III, Grupo 11).

A formação na sinodalidade

31. Nas assembleias virtuais, foi debatida a questão da pressão exercida sobre a nossa comunhão no seio da Igreja. Foi consensual a necessidade de mais formação em sinodalidade. "*Precisamos de formação sobre como escutar e acompanhar; recursos que nos ajudem a crescer como pessoas*" (Sessão VI Grupo 4). A maioria dos delegados concordou que, para nos tornarmos uma Igreja mais escutadora, uma Igreja que reforça a comunhão, é crucial mais formação sobre como ser uma Igreja sinodal. "*Como é que continuamos a formar-nos, a converter-nos a nós próprios e aos outros, para este caminho sinodal?*" (Sessão 1 Grupo 12) foi uma pergunta frequente.

32. A sinodalidade é uma grande fonte de esperança para renovar e reforçar a comunhão. A esperança é que, ao tornar-se mais sinodal, a Igreja, como descreveu um delegado, crie "*lugares seguros onde as pessoas possam colocar as suas verdadeiras questões sobre o ensino da Igreja sem julgamento ou castigo*" (Sessão X Grupo 8). Ao descrever a experiência do Sínodo, um delegado disse: "*O mais bonito de*

tudo foi o facto de, em todas as fases da escuta, as pessoas terem reagido de forma extraordinária. As pessoas sentiram-se muito bem escutadas. Acreditamos que o conceito de sinodalidade é um conceito que deve continuar, que deve tornar-se um modo de vida. Damos graças a Deus por estes frutos" (Sessão VII Grupo 3). Essa formação não só ajudaria a desenvolver laços mais profundos de comunhão dentro da Igreja, mas também seria um estímulo para a evangelização e a missão. Como foi discutido numa das assembleias, "*Queremos que os nossos fiéis saibam que são necessários e desejados... A escuta é a primeira parte da evangelização; estamos a acompanhar as pessoas, encontrando-as onde elas estão*" (Sessão VIII Grupo 2).

Enviados em missão

33. Em toda a Etapa Continental da América do Norte, os delegados reconheceram o dever da comunhão dos baptizados de sair em missão para as periferias para anunciar o Evangelho e cuidar dos feridos e oprimidos. "*Como é belo a Igreja estar ao lado dos feridos e dos magoados! Quando a Igreja estende a mão em tempos de catástrofe, isso é um lembrete de que a Igreja é um lugar de compaixão e cuidado. Cuidar das pessoas é uma boa maneira de as acolher*" (Sessão I, Grupo 4). Muitos reconheceram que a Igreja está no seu melhor quando caminha ao lado daqueles que são forçados a ficar à margem da nossa sociedade. Foi reconhecido que para a Igreja ser verdadeiramente missionária - para ir às periferias e evangelizar - é necessária uma formação holística na nossa dignidade e vocação batismal, na corresponsabilidade e na sinodalidade. Foi também reconhecido que, para proclamar Cristo de forma efectiva e clara, a Igreja deve estar unida. "*Temos de encontrar o equilíbrio para proclamar Cristo aos outros e estarmos unidos como Igreja, em vez de estarmos fragmentados em grupos separados*" (Sessão VIII, Grupo 8). Com a graça de Deus, isto, por sua vez, tornará a comunhão mais forte, permitindo que a Igreja seja uma testemunha credível de Cristo e uma Igreja en salida (espanhol) ou *en sortie* (francês), *ou seja*, uma Igreja que "sai" (cf. Evangelii Gaudium 24).

34. Como se observa numa imagem de Isaías 53, a Igreja en salida ou en sortie exige que saiamos da tenda - não só para acolher as pessoas onde estamos, mas para as procurar onde elas estão. Como observou um participante, "*Queremos respeitar a dignidade inerente a cada um e ir ao encontro das pessoas onde elas estão. Queremos fazer tudo isto mantendo-nos fiéis aos ensinamentos da Igreja*". (Sessão X Grupo 13). Os delegados expressaram o desejo de "alimentar a alegria do discipulado" (Sessão X Grupo 2), acompanhando aqueles que experimentam a alienação na nossa sociedade. "*Somos chamados a acompanhar as pessoas marginalizadas. Como é que podemos dar a verdade com compaixão e eliminar o medo que os paroquianos têm de sair e evangelizar?*" (Sessão VI Grupo 3). Para alguns, isto significa viver ainda mais profundamente a verdade do Evangelho. "*Estas pessoas não abandonaram a Igreja, mas a Igreja abandonou-as. Como é que vamos ao encontro deles e lhes transmitimos essa alegria?*" (Grupo 8 da Sessão II). A Equipa Sinodal da América do Norte ouviu repetidamente que o centro desta missão de acompanhamento é Jesus Cristo.

"*Todo este processo de sinodalidade deve estar centrado em Jesus Cristo. É Cristo que estamos a tentar viver em toda a nossa escuta, acompanhamento, adoração, participação*" (Sessão III Grupo 16).

Sair da tenda

35. Para muitos delegados, ser uma Igreja em missão é o resultado natural da sinodalidade e da corresponsabilidade. "*Há esperança na confiança no Espírito Santo ao aplicarmos a sinodalidade ao local comunidade. Somos chamados a ter essa mentalidade missionária para ver o amor de Cristo e depois sair e caminhar em amizade com aqueles que se sentem marginalizados e acompanhá-los ... O que é que a corresponsabilidade e a sinodalidade representam nas nossas vidas para levar as pessoas a Cristo?*" (Grupo 11 da Sessão II). Foi precisamente a experiência da sinodalidade que, para muitos, renovou este apelo ao discipulado e à evangelização. "*Todas as pessoas são chamadas à missão e têm algo importante a contribuir para a vida da Igreja e do mundo. Esta é a nossa oportunidade de sair e partilhar com os outros*" (Sessão X Grupo 3). Também foi expresso que, para avançar, a Igreja na América do Norte precisa de "*envolver a sinodalidade como um movimento missionário. A sinodalidade conduz a um encontro com o Senhor e com a verdade*" (Sessão I, Grupo 15). Para a Igreja na América do Norte, a sinodalidade é inseparável do facto de se tornar uma Igreja enviada em missão. Um delegado falou da "*importância de nos ouvirmos autenticamente uns aos outros e de chegarmos às periferias, alargando a nossa tenda e abraçando a realidade de que há um lugar para todos nesta Igreja e que Jesus quer que todos o conheçam e recebam o seu amor*" (Sessão I Grupo 10).

Uma Igreja no Mundo

36. Ao longo da Etapa Continental na América do Norte, as tensões presentes numa Igreja enviada em missão no mundo eram evidentes. "*O consumismo e o secularismo deram respostas a perguntas que não sabíamos que estávamos a fazer, de formas que parecem satisfatórias, mas que na realidade não o são. Esta falsa satisfação irá colapsar e desmoronar, mas a Igreja oferece a verdadeira satisfação que irá durar. As convulsões económicas e políticas estão a causar grandes danos, mas como todos nós vimos - quebrados e pecadores - para a Igreja, todos devem sentir-se bem-vindos e em casa*" (Sessão XI, Grupo 7). Para alguns delegados, esta tensão criou sentimentos de medo e desconforto. "*Há tensões entre deixar a cultura popular entrar na vida da paróquia. Há um tsunami de cultura que ameaça esmagar-nos*" (Sessão III, Grupo 15). Para outros, esta tensão foi entendida como uma oportunidade de colaborar com outras pessoas de fé. "*Já não vivemos na Cristandade! Precisamos de reconhecer isso para podermos avançar. Isto deve implicar uma parceria com outros. Qual é o aspeto do ecumenismo neste momento? Como podemos trabalhar com pessoas de outras religiões?*" (Sessão VIII Grupo 8). Os delegados da Etapa Continental na América do Norte estão prontos para embarcar em missão, ao mesmo tempo que se preocupam com o inevitável desconforto. "*A tensão é conversão; leva-nos à abertura para ouvir o outro, acolher os marginalizados, não rejeitar os que entram na tenda e recebê-los. Cria tensão; o facto de querer receber as pessoas levanta a questão daqueles que se sentem distantes. Como é que podemos ter este dom de os ajudar a aproximarem-se sem medo do seu processo de conversão aos ensinamentos da Igreja? Precisamos de procurar formas de os ajudar*" (Sessão VI Grupo 6). Navegar nesta tensão é uma tarefa importante para a missão e a evangelização na América do Norte de hoje.

Formação para a missão e a doutrina social católica

37. A formação adequada é a chave para abraçarmos o nosso chamamento batismal para sairmos em missão. Como disse um delegado, precisamos de "*reconhecer a importância da formação na fé para a nossa capacidade de ser uma Igreja missionária. Temos de ser adequadamente formados na nossa fé para a levarmos aos outros*" (Sessão XI, Grupo 11). Houve também um desejo entre os delegados de compreender mais profundamente a missão social da Igreja. "*Há necessidade de formação a todos os níveis (clero, leigos, etc.). Precisamos de ser formados para compreender a nossa Doutrina Social Católica, para serem líderes e para serem evangelizadores*" (Sessão XII Grupo 7). Esta formação em evangelização e Doutrina Social Católica é crucial para percorrer o caminho sinodal. "*Temos de adotar uma mentalidade missionária e chegar a todos, de todos os quadrantes da vida. A responsabilidade do ministério não é apenas dos padres, mas de cada batizado*" (Sessão XI, Grupo 7). O dever de conhecer e viver os ensinamentos da nossa fé católica, incluindo a doutrina social da Igreja, decorre do nosso batismo, mas nem sempre é fácil e exige uma formação intencional. *Não se trata tanto do "quê" como do "como"* (Sessão III, Grupo 4).

Reflexões dos bispos sobre a experiência da sinodalidade na América do Norte

38. Este *Documento Final* apresenta a resposta do Povo de Deus da América do Norte que participou da Etapa Continental do Sínodo. Como membros baptizados do Povo de Deus, muitos bispos participaram ativamente neste processo. Muitos, porém, particularmente os fiéis leigos, expressaram o desejo de saber como este processo sinodal foi visto pelos seus bispos. Além disso, de acordo com as directrizes metodológicas para a Etapa Continental, os bispos foram "convidados a reunir-se no final da Etapa Continental para reler colegialmente a experiência sinodal vivida na perspetiva do seu carisma e papel específicos" (DCS #108). Assim, o que se segue é uma visão das reflexões e experiências dos muitos bispos que participaram durante a Etapa Continental do processo sinodal, bem como daqueles que participaram na redação do *Documento Final*.

39. Durante a Etapa Continental, 146 bispos do Canadá e dos Estados Unidos participaram em pelo menos uma das assembleias virtuais. Destes, com raras excepções, partilharam a sessão completa de duas horas e meia, que incluiu conversas espirituais em pequenos grupos. Alguns participaram em pequenos grupos, sendo dispersos ao acaso na mistura geral de participantes. A grande maioria, porém, participou em pequenos grupos constituídos por outros bispos do Canadá e dos Estados Unidos. Os bispos que participaram nas conversas espirituais em pequenos grupos também participaram na parte plenária das Assembleias Continentais, ouviram o que os outros grupos partilharam e relataram ao corpo mais alargado os frutos das suas próprias conversas espirituais como bispos.

40. Alguns dos bispos comentaram que teria sido preferível que todos os

bispos participantes tivessem sido colocados nos pequenos grupos misturados aleatoriamente, uma vez que isso teria proporcionado outra oportunidade para os bispos ouvirem e partilharem num ambiente mais representativo de todo o corpo da Igreja. Outros bispos, no entanto, comentaram o seu apreço por terem tido um tempo prolongado de reflexão em pequenos grupos com outros bispos sobre as suas experiências do processo sinodal até à data. Foi frequentemente mencionado que tem sido raro os bispos terem a oportunidade de ouvir e partilhar com outros bispos as suas experiências sinodais. Além disso, foi frequentemente referido que a oportunidade de ouvir e discutir com bispos do Canadá e dos Estados Unidos em conjunto foi uma graça tremenda, única na história das duas conferências episcopais.

41. Além disso, os oito bispos dos Estados Unidos e do Canadá que eram membros da Equipa Sinodal Norte-Americana tiveram a oportunidade de refletir em conjunto e em espírito de oração sobre a experiência de colegialidade e sinodalidade na América do Norte. Estas reflexões serão resumidas na conclusão desta secção.

42. Durante as consultas continentais, os bispos expressaram a sua experiência de sinodalidade na fase diocesana como uma grande graça, embora muitas vezes desafiadora, e como uma experiência de aprendizagem. Expressaram frequentemente a sua alegria em participar nas suas dioceses de origem através da escuta orante e do diálogo com o seu próprio povo. Neste sentido, os bispos partilharam a alegria que o grupo mais alargado de participantes também expressou. "*Estamos gratos pela oportunidade de diálogo fraterno. Isto reflecte a reação positiva dos fiéis ao processo de escuta*" (Sessão X Grupo 18). Da mesma forma, muitos bispos expressaram os mesmos tipos de incertezas e ambiguidades sobre "para onde tudo isto está a ir" que muitos participantes a todos os níveis do processo consultivo mencionaram. "*Muitos dos nossos membros expressaram a sua gratidão por terem sido convidados a participar*. [Mas perguntaram] *quais são os próximos passos? Para onde vamos a partir daqui?*" (Sessão XII Grupo 8).

43. Os bispos participantes manifestaram o seu apreço pelo caminho da escuta paciente e pelo diálogo que abriu. "*Os pequenos grupos fazem uma enorme diferença, mesmo entre os bispos, porque é aqui que o diálogo pode começar. Isto tem de continuar!*" (Sessão VIII Grupo 16). "*Para algumas pessoas, uma sessão de escuta foi a primeira oportunidade que tiveram de falar diretamente com um bispo!*" (Sessão X Grupo 15). No entanto, há um reconhecimento geral dos desafios que ainda se nos deparam. "*Este é um ótimo processo para todos nós participarmos; ainda é necessário que a Igreja em geral compreenda o que é a sinodalidade*" (Sessão III Grupo 16). De facto, as sessões de escuta nas Igrejas locais levaram os bispos a refletir sobre os desafios estruturais que tornam difícil manter este estilo de forma consistente. "*Será que a Igreja está tão organizada que se torna difícil falar com ela? A Igreja isolou-se organizacionalmente do povo de Deus*" (Sessão III, Grupo 17). "*A sinodalidade é o caminho a seguir, mas não é um caminho fácil*" (Sessão III Grupo 18).

44. Relativamente ao DEC, alguns bispos observaram que este proporcionou uma janela rara para a Igreja na América do Norte ouvir as vozes da Igreja que está a passar por grandes provações e mesmo perseguições. "*Sentimos gratidão pelo facto de o processo nos ter ajudado a ver o testemunho de toda a Igreja, a Igreja sofredora que é*

perseguida noutros países" (Sessão VI Grupo 6). "*A nossa preocupação deve ser com a Igreja em todo o mundo e não apenas com as nossas próprias dioceses*" (Sessão VI Grupo 6). Isto tornou ainda mais notável a partilha de preocupações comuns em situações globais muito diferentes. "*Os documentos sinodais alargaram a nossa consciência sobre as realidades da vida da Igreja em diferentes lugares do mundo. Também chamaram a nossa atenção para a nossa própria situação nas Igrejas locais e para ver os pontos comuns que todos partilhamos*" (Sessão XI, Grupo 15).

45. Os bispos reflectiram frequentemente sobre o que ouviram durante as várias fases consultivas, desde a fase diocesana até às fases nacional e continental. Registaram com gratidão as ressonâncias que foram partilhadas ao longo do processo sinodal. Isto incluiu a alegria dos baptizados ao serem convidados a participar e a partilhar as suas perspectivas, bem como o apelo à corresponsabilidade. Incluiu também ouvir as muitas dores e tensões expressas pelos participantes. Isto tem sido de imenso valor. "*A abertura que o processo sinodal deve proporcionar a todos consiste em escutar e ouvir o que está a ferir as pessoas e o que precisa de ser curado.* [Devemos perguntar-nos] *o que é útil e o que é que isso significa para a reconciliação?*" (Sessão XI, Grupo 16). "*O povo de Deus tem preocupações em todos os domínios e nós precisamos de ouvir e acompanhar melhor*" (Sessão III, Grupo 18).

46. "*A grande oportunidade que temos agora como bispos é a de transmitir, de partilhar a nossa experiência de conversão. Os nossos fiéis vêem o processo como algo difícil, [mas] temos de refletir se estamos a dar testemunho de conversão aos leigos. Podemos continuar a crescer como Igreja sinodal, ter o dom de poder dialogar e mudar a cultura da Igreja, escutar a voz do Espírito para caminharmos juntos*" (Sessão VI Grupo 6).

47. O retiro escrito de uma semana ofereceu aos bispos participantes do Canadá e dos Estados Unidos uma oportunidade para uma reflexão sustentada sobre a experiência sinodal na América do Norte. Para eles, o retiro continental foi uma valiosa experiência de colegialidade. Foi um desafio frutuoso para estes dois países abordarem experiências comuns, bem como explorarem as muitas nuances e variedades de circunstâncias em cada um deles. Através deste desafio, registou-se um crescimento na compreensão mútua e no sentido de um vínculo eclesial único. No entanto, os bispos interrogaram-se abertamente sobre a forma como poderia ter sido uma graça adicional caminhar e trabalhar em conjunto com a Conferência Episcopal do México. Embora se compreenda claramente porque é que o México colaborou a nível continental com os países da América Central e do Sul, foi reconhecido que o contexto eclesial norte-americano é profundamente afetado pela fé e pela prática da Igreja no México, e a Igreja no México é profundamente afetada pela Igreja nos Estados Unidos e no Canadá.

48. Durante a sua reunião no último dia do retiro de redação, os bispos observaram que "*o nosso povo está interessado em saber para onde estamos a ir com isto. A sinodalidade é uma aventura e nós não estamos muito familiarizados com ela. Temos a experiência dos conselhos pastorais paroquiais, dos conselhos presbiteriais e dos conselhos pastorais diocesanos, mas isto é diferente, maior. Como é que o podemos*

ensinar e aprender? Precisamos de fazer mais com o nosso povo - ouvi-lo mais para ajudar o nosso discernimento; sentarmo-nos com ele e discutir a vida religiosa na diocese. Não podemos ficar sentados no escritório e tomar decisões importantes sozinhos". Os bispos agradeceram as conversas espirituais e a oração que estiveram presentes em todo o esforço sinodal. Também notaram que este aspeto, e a sua relação com o discernimento eclesial, é vital para viver o *caminho da Igreja* que evita os hábitos polarizadores da sociedade mais alargada da América do Norte. "*Se vamos ser pessoas de diálogo, temos de ter primeiro um diálogo com Deus; a sinodalidade tem de se basear num diálogo com as Escrituras e com o Senhor.*" Os bispos também declararam o desejo de promover a tão necessária formação em oração bíblica e discernimento. "*Grande parte da ansiedade em torno do Sínodo vem de um mal-entendido sobre o que o discernimento realmente implica.*"

49. Os bispos também notaram que a grande maioria do nosso povo teve pouco ou nenhum contacto direto com o processo sinodal e não tem a certeza do seu papel no mesmo. Do mesmo modo, muitos não têm a certeza do papel de discernimento do bispo local e do colégio dos bispos em união com o Papa, à medida que o processo se desenrola.

50. Como experiência de aprendizagem, os bispos observaram que "*estamos a recalibrar; como podemos fazer melhor o processo sinodal*?" Isto resultou do reconhecimento de que o processo empreendido com grande generosidade e criatividade também revelou as nossas fraquezas. Podemos e devemos fazer melhor ao consultar os pobres, as comunidades migrantes, os povos indígenas e as minorias raciais nas nossas comunidades, e muitos outros que são feridos na Igreja e na sociedade.

51. A relativa ausência de padres também foi notória neste processo. Os bispos reconheceram que é da sua responsabilidade abordar esta questão no futuro, tanto pelo exemplo como pela transmissão de a transparência e a fecundidade espiritual/pastoral da sinodalidade. "*Precisamos de ser mais intencionais no trabalho com os nossos padres e líderes paroquiais sobre a sinodalidade*". As circunstâncias são um pouco diferentes nas dioceses do norte do Canadá, onde "*a maioria dos bispos tem [um número muito pequeno de] padres na diocese... Assim, a relação entre os bispos e os padres e entre os bispos e o povo é mais estreita. Nestas circunstâncias, o bispo não pode simplesmente fazer o que quer numa paróquia. Tem de o fazer em conjunto com o clero e o povo*". Os bispos precisam de fazer um trabalho melhor para modelar a sinodalidade, ouvindo, conversando e discernindo em conjunto.

52. Há uma preocupação com o perigo de expectativas falsas ou irrealistas em relação ao que o processo sinodal deve ser e "produzir". A cultura ocidental norte-americana pensa automaticamente em termos de resultados mensuráveis e de vencedores e vencidos, e a voz da Igreja pode ser abafada por esse impulso competitivo. No entanto, os bispos sentiram que deviam mostrar um caminho diferente, um caminho que promova o nosso batismo comum, a nossa comunhão no Senhor e a nossa vontade de trabalhar em conjunto para enfrentar os desafios que enfrentamos, que é conduzido pelo Espírito e é fiel ao Senhor Jesus. "*Os bispos devem*

simplesmente fazer o melhor que puderem no processo sinodal e ser autênticos e honestos. Temos de ser transparentes. Os bispos precisam de se revelar mais. Temos de reconhecer a necessidade de conversão em todos os sectores (bispos, padres, leigos). Não podemos controlar o resultado deste processo. Os bispos não podem recuperar a credibilidade sem atuar de forma credível".

53. Os bispos sublinharam a importância das sínteses nacionais, bem como deste Documento Final continental. Consideram-nos como documentos que servem para refletir nas nossas comunidades locais o que foi dito e ouvido nas consultas sinodais. Isto é especialmente importante ao reconhecermos que, como Igreja no Canadá e nos Estados Unidos, ouvimos aqueles que se sentem feridos ou postos de lado pela Igreja. Isto não resolve os problemas nem cura as feridas, mas é um começo importante. "*Os indígenas querem saber que a Igreja sabe. Isto tem de constar do documento. Temos de lhes dizer que compreendemos os problemas com que se debatem na sua vida quotidiana e que os estamos a ouvir.*" Uma mulher que é líder na sua comunidade indígena disse a um bispo canadiano: "*Não desista de nós. Sim, estamos de luto e, sim, estamos zangados, mas não desista de nós*". Este aspeto da experiência sinodal também se aplica ao tratamento da raiva e da desconfiança causadas pelos efeitos contínuos da crise dos abusos sexuais. Os bispos pedem também que as pessoas não desistam de nós.

Prioridades orientadas para a reunião do Sínodo de outubro de 2023 em Roma

54. A Igreja na América do Norte viveu um momento significativo de alegria e de esperança no caminho sinodal. Reunidas num espírito de escuta orante, as comunidades locais das nossas dioceses expressaram as suas alegrias e as suas ansiedades. O caminho conduziu inicialmente a conversas espirituais partilhadas em cada um dos nossos países, e depois a conversas semelhantes e mútuas entre delegados dos Estados Unidos e do Canadá. Durante a Assembleia Continental, foram expressas muitas ressonâncias e tensões, todas elas expressas por um grande amor a Cristo Jesus e à sua Igreja. A equipa do Sínodo da América do Norte esforçou-se por fazer um relato sintético da riqueza das conversações. A Equipa do Sínodo reuniu os principais temas que emergiram da nossa Assembleia Continental e propõe agora que sejam considerados na Assembleia Sinodal a realizar em Roma em outubro de 2023.

I. **Integração da consulta sinodal nas Igrejas locais. Isto incluiria a formação tanto na sinodalidade como na espiritualidade do discernimento**. Embora o caminho sinodal tenha sido vivido com tanta alegria no nosso continente por aqueles que nele participaram, reconhecemos que é apenas o começo. Há ainda muito trabalho a fazer para integrar o estilo sinodal de consulta a nível das Igrejas locais, bem como a nível nacional e continental, para aumentar a participação e chegar a muitos nas nossas comunidades que ainda nem sequer ouviram falar da

sinodalidade. Isto inclui uma atenção particular à formação espiritual necessária para o discernimento pessoal e comunitário. Pedimos também que a formação no estilo sinodal seja encorajada e orientada, para que possa ser corretamente compreendida. Muitos que optaram por não participar concebem-no como um modelo competitivo, que opõe os leigos ao clero. Outros vêem-no como insuficientemente claro na sua metodologia, eclesiologia e objectivos. No entanto, há a questão prática de repensar as nossas práticas e/ou estruturas eclesiais diocesanas e nacionais de modo a dar verdadeiramente prioridade ao estilo sinodal.

II. **O desafio de acolher aqueles que se sentem excluídos da participação na vida da Igreja de uma forma autêntica e fiel ao Evangelho e à fé católica pesa muito no coração do nosso povo**. Esta tensão nos indivíduos e nas comunidades foi referida com frequência. O nosso povo percebe que o acolhimento e o serviço aos feridos e aos isolados no mundo e na Igreja é um aspeto essencial da missão que nos foi dada pelo Senhor Jesus; mas observa também que a nova complexidade das questões que se nos apresentam exige discernimento, porque implica simultaneamente novas iniciativas pastorais e fidelidade ao querigma que devemos anunciar publicamente. Por isso, muitos perguntaram o que se entende por "inclusão radical" e quais são as suas implicações pastorais e até doutrinais. O próprio termo suscitou reacções muito divergentes durante as nossas consultas. Há também uma necessidade de formação sobre como sermos mais acolhedores uns com os outros.

III. **A corresponsabilidade**. Foi freqüentemente mencionado o apelo a uma renovada consideração da missão de todos os batizados, com atenção específica às vocações particulares. O discernimento de como a corresponsabilidade batismal pela missão da Igreja deve ser apreciada e realizada exige uma melhor compreensão do papel dos leigos em geral, e das mulheres e dos jovens em particular. O tema da corresponsabilidade toca também a questão frequentemente levantada da tomada de decisões partilhada e o desejo de maior transparência na governação da Igreja. O discernimento de uma forma prática de avançar nestas questões exigirá uma consideração das actuais normas canónicas e estruturas eclesiais. Intimamente ligada a este tema está a necessidade de uma formação mais integral para toda a vida cristã.

IV. **Abordar a unidade e a comunhão da Igreja no meio de vários tipos de polarização e divisão**. Algumas polarizações surgem no seio da Igreja, enquanto outras têm origem na sociedade mais alargada e são transpostas para a Igreja. É necessário discernimento para que as Igrejas locais sejam mais capazes de promover a eclesiologia de comunhão, enraizada no batismo e alimentada pelo sacrifício eucarístico. Estas devem ser vistas como fontes primárias da nossa identidade e unidade como Povo de Deus, e antes de quaisquer diferenças raciais, étnicas, sociais, económicas, políticas ou ideológicas. Este é um desafio para o nosso futuro imediato.

V. **Uma Igreja que vai para as periferias**. Grande parte da conversa na Assembleia Continental dizia respeito ao funcionamento interno da Igreja, mas também

somos chamados a olhar para fora. O nosso povo fala muitas vezes de ter ouvido o apelo do Papa Francisco para sair credivelmente para as margens. No nosso continente, há sempre o perigo do esquecimento e da indiferença para com os pobres e os marginalizados. A Equipa Sinodal da América do Norte ouviu, através das consultas sinodais, que o nosso povo pede uma formação mais sólida neste tipo de atividade missionária. É vital que as Igrejas locais ouçam o apelo para ajudar as necessidades das Igrejas pobres e marginalizadas em todo o mundo. Esta é uma preocupação de toda a Igreja e deveria ser articulada com maior urgência a nível da Igreja Universal.

Conclusão

Estavam todos juntos num mesmo lugar. (Actos 2:1)

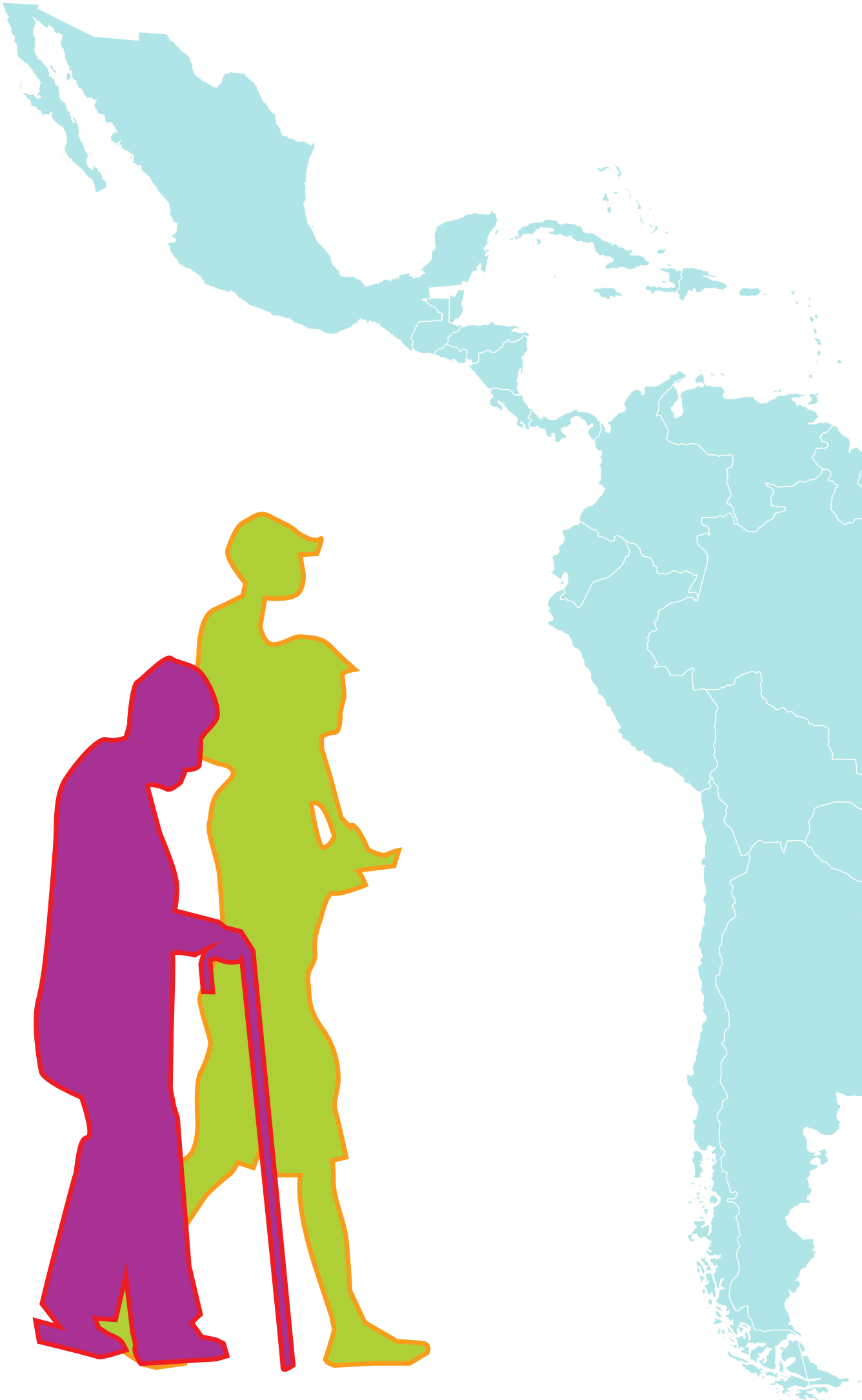
55. No início da Igreja, no tempo do Pentecostes, havia confusão e medo, mas também expetativa e esperança. Isto é verdade em todas as épocas, incluindo o nosso tempo atual. A resposta do Espírito Santo foi reunir a Igreja *num só lugar* e dar-lhes a capacidade de ouvir e compreender a mensagem do Evangelho. Enquanto a Igreja na América do Norte continua a percorrer o caminho sinodal, devemos imitar Maria, que esteve presente no primeiro Pentecostes e disse continuamente "sim" ao convite para contribuir para a construção do Reino de Deus. "*Queremos ser como Maria*" (Sessão I Grupo 2).

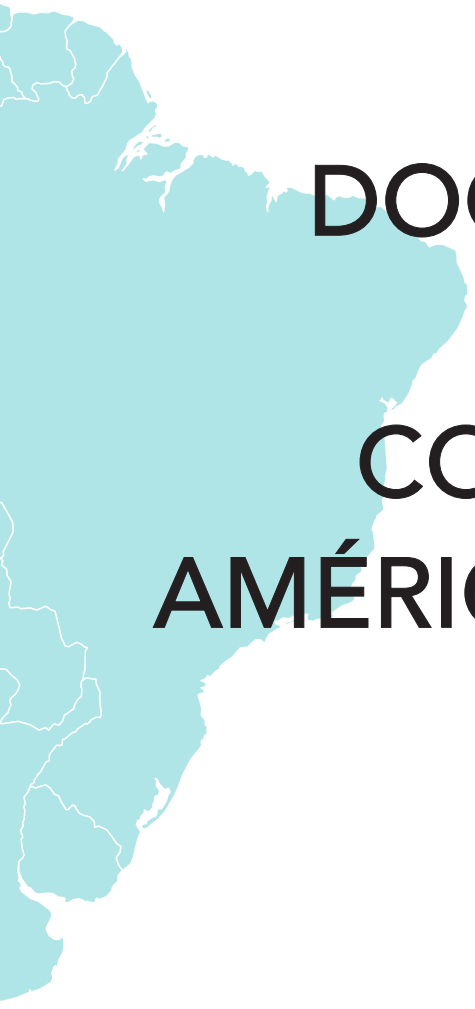
56. O dom de estar reunido no Espírito Santo foi novamente experimentado pela Igreja no Canadá e nos Estados Unidos durante a Etapa Continental. Houve uma grande gratidão por estarmos num só *lugar*, isto é, estarmos (virtualmente) juntos com outros católicos, que vêm de diferentes partes do Canadá e dos Estados Unidos, que são leigos, religiosos e clérigos, cada um com as suas próprias ideias e pontos de vista, mas todos parte da única Igreja. "*Estou grato pelo tempo e esforço empregues para facilitar este processo. Dá-me esperança de que podemos avançar para a cura e a reconstrução da confiança na Igreja e entre os nossos irmãos e irmãs*" (Feedback da Sessão II).

57. A dádiva de estarmos juntos num só lugar e de nos ouvirmos uns aos outros é talvez a melhor lição aprendida durante a Etapa Continental na América do Norte. Como disse um participante: "*As pessoas gostaram de partilhar, em vez de ficarem apenas a falar - não há volta a dar*" (Sessão III, Grupo 4). Os benefícios de ser intencionalmente sinodal foi um tema comum. Como foi mencionado por um grupo de bispos, "*O processo sinodal não tem sido perfeito, mas tem sido bom*" (Sessão XII Grupo 8).

"Depois o Sínodo oferece-nos a oportunidade de nos tornarmos Igreja da escuta: fazer uma pausa dos nossos ritmos, controlar as nossas ânsias pastorais para pararmos a escutar. Escutar o Espírito na adoração e na oração."

(Papa Francisco)





DOCUMENTO FINAL DA ETAPA CONTINENTAL EM AMÉRICA LATINA E CARIBE

"Tal é a primeira coisa de que necessitamos: uma Igreja que caminhe em conjunto, percorrendo as estradas da vida com a chama do Evangelho acesa. A Igreja não é uma fortaleza, não é um potentado, um castelo situado no alto que olha, distante e autossuficiente, para o mundo."

(Papa Francisco)

Narrativa: a fase continental do Sínodo na América Latina e nas Caraíbas

1. "É possível caminhar com Cristo no centro e deixarmo-nos guiar pelo Espírito de Deus. Cresce em nós a esperança de que já estamos a viver um tempo novo para a Igreja". Esta expressão de um dos participantes da Etapa Continental do Sínodo reflecte o entusiasmo que o processo despertou na América Latina e nas Caraíbas e que teve como momento central de discernimento os quatro encontros regionais realizados em El Salvador, Santo Domingo, Quito e Brasília, em fevereiro e março de 2023.

2. A preparação da Etapa Continental começou um ano antes, com a formação de uma comissão que acompanhava as equipas nacionais encarregadas de animar a Fase Diocesana e que, ao mesmo tempo, estabelecia as modalidades de realização da assembleia continental, em diálogo com a Secretaria Geral do Sínodo. A comissão foi composta por: P. Miguel Cabrejos (presidente do CELAM), D. Jorge Lozano (secretário-geral do CELAM), P. Pedro Brassesco (secretário adjunto do CELAM), Ir. Daniela Cannavina (secretária-geral da CLAR), P. Francisco Hernández (secretário executivo da Caritas América Latina), Mauricio López (diretor do Ceprap do CELAM e ligação com a secretaria-geral do Sínodo) e Oscar Elizalde (diretor do Centro de Comunicações do CELAM).

3. A Igreja da América Latina e das Caraíbas tem uma longa história de experiências participativas, marcada pelas cinco Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, pelo Sínodo da Amazónia, pela Assembleia Eclesial e pelas estruturas eclesiais de comunhão do continente.

4. A nossa Igreja alimenta-se da diversidade social e cultural de cada região, que é um aspeto a ser cuidado e reforçado para consolidar a identidade comum e uma renovada inculturação do Evangelho entre os povos. Por isso, foi decidido que a Etapa Continental teria como momento central a realização de encontros regionais que permitissem uma maior participação, discernimento e escuta para contribuir com a nossa própria riqueza e modo particular de ser Igreja.

5. De um total de 400 participantes, foi estabelecido um número de representantes para cada país, proporcional à população total, atribuindo-lhes também um número estimado de bispos, padres, religiosos e religiosas, diáconos, leigos e leigas. Entre estes últimos, foi feito um pedido especial para incluir pessoas de áreas que não tinham sido suficientemente ouvidas na fase diocesana. Finalmente, o CELAM convidou representantes de sectores periféricos que também não tinham sido convidados.

6. As reuniões regionais foram realizadas em San Salvador (El Salvador), para a região da América Central e México, de 13 a 17 de fevereiro; Santo Domingo (República Dominicana), para a região das Caraíbas, de 20 a 24 de fevereiro; Quito

(Equador), para a região Bolivariana, de 27 de fevereiro a 3 de março; e Brasília (Brasil), de 6 a 10 de março, para a região do Cone Sul.

7. Participaram 415 pessoas: 96 na América Central e no México; 41 nos países das Caraíbas; 92 na região bolivariana e 177 no Cone Sul. Participaram 65 bispos, 70 sacerdotes, 61 religiosos e religiosas, 16 diáconos e 194 leigos e leigas.

8. Cada assembleia abriu com um retiro espiritual na segunda-feira de manhã. Foi um momento de encontro profundo com o Espírito, em que foi significativo o espaço físico em que se realizaram: em El Salvador, na capela do mártir São Óscar Romero e em Santo Domingo, na Catedral Primaz da América. À tarde, houve tempo para a apresentação do processo sinodal em relação à Assembleia Eclesial, a explicação da metodologia do colóquio espiritual e a formação das comunidades de vida com um primeiro encontro para que os membros se conhecessem.

9. Os dias seguintes foram dedicados à reflexão sobre o Documento da Fase Continental e as três questões que este coloca. O terceiro capítulo foi dividido em três partes, cada dia abordando uma delas em três sessões de grupo, uma para cada pergunta. No final de cada dia, houve uma partilha de todas as comunidades como um novo momento de discernimento conjunto. Foram recolhidas 423 sínteses com intuições, tensões e temas a aprofundar a partir do que foi desenvolvido no DEC. Uma equipa do CELAM registou e sistematizou estas propostas, identificando os temas comuns, mas respeitando a multiplicidade de vozes e sugestões.

10. No último dia, as assembleias foram divididas em grupos por vocação para reler a experiência e dar novos contributos sobre os horizontes para a etapa seguinte, o que permitiu receber mais 30 documentos com contributos.

11. Ao contributo das regiões juntou-se o processo levado a cabo por algumas organizações pastorais, como a Conferência Eclesial da Amazónia (CEAMA), a Rede Eclesial Pan-Amazónica (REPAM) e a Pastoral Afro, que fizeram o seu próprio caminho à luz do DEC em vários encontros e reuniões.

12. Os momentos de espiritualidade marcaram fortemente cada dia, permitindo um clima de encontro com Deus e um sentido de comunidade fraterna para além da diversidade de estados de vida, línguas, posições ou lugares de origem de cada participante. Para além disso, os organizadores locais ofereceram momentos de lazer ou de intercâmbio cultural que permitiram reforçar os laços de pertença a cada região. Cada assembleia culminou com a celebração da Eucaristia.

13. De 17 a 20 de março, realizou-se um encontro na sede do CELAM em Bogotá (Colômbia) para elaborar a síntese continental a partir dos contributos de todas as assembleias. Foram convidados os membros da equipa de reflexão teológica pastoral do CELAM (muitos dos quais participaram nas assembleias), os facilitadores que realizaram a metodologia em cada encontro e os membros da equipa coordenadora

da fase continental. Uma equipa de dezasseis pessoas, acompanhada por membros da Secretaria Geral do Sínodo, orientou o processo.

14. A redação consistiu em discernir os grandes temas à luz do Espírito e da experiência vivida, individualmente e depois em grupo. Na assembleia, o esquema foi acordado e, com as contribuições oferecidas, os temas foram redigidos por grupos, tendo o cuidado de inserir citações que reflectissem as vozes ouvidas. A equipa de redação consolidou o texto final com base na leitura conjunta, nas correcções e nas sugestões apresentadas.

15. No dia 21 de março, no âmbito do encontro presencial dos secretários gerais das Conferências Episcopais, e com a participação online dos seus presidentes, o dia foi dedicado a uma releitura colegial da experiência sinodal vivida a partir do seu carisma e responsabilidade específicos. Neste contexto, foi apresentado aos bispos o processo desenvolvido e o texto proposto para a síntese. Depois, reunidos em regiões pastorais, leram o documento e, finalmente, em plenário, deram os seus contributos e avaliações. O diálogo foi enriquecido pela presença do Cardeal Jean-Claude Hollerich S.J., relator do Sínodo; de Mons. Luis Marín de San Martín, subsecretário da Secretaria Geral do Sínodo; e do P. Giacomo Costa, coordenador da Comissão Preparatória do Sínodo.

16. Assim, a experiência vivida nesta Fase Continental consolidou o carácter participativo e comunitário da Igreja em peregrinação na América Latina e nas Caraíbas e deu-lhe novas notas a partir da metodologia utilizada, da forte marca espiritual que se procurou imprimir e da abertura à escuta de novas vozes.

Introdução: uma Igreja em chave sinodal

17. Na Igreja da América Latina e das Caraíbas, foi concluída a etapa continental do processo sinodal convocado pelo Papa Francisco sob o tema *Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*. A narrativa anterior explicou o processo de escuta, diálogo e discernimento realizado nas quatro assembleias regionais com a participação das vinte e duas Conferências Episcopais. Neste caminho conjunto, aprendemos a desenvolver mais plenamente o sentido do "nós eclesial" e foram colhidos vários frutos.

18. A vida conciliar, sinodal e colegial na nossa Igreja tem uma longa história. No caminho percorrido pelos grandes missionários da primeira evangelização está Santa Maria de Guadalupe com o seu rosto moreno, a sua mensagem de "Deus para quem vivemos", a sua pedagogia inculturada através da conversação na língua indígena e a procura de uma terra sem males. Ela é a primeira discípula missionária do continente. Na Igreja que peregrina na América Latina e nas Caraíbas, o Espírito distribuiu uma rica diversidade de dons entre os seus povos e dotou-os de valores espirituais e

comunitários, como o respeito pela irmã mãe terra. Durante cinco séculos, a Igreja, com luzes e sombras, com santidade e pecado, evangelizou o continente dando testemunho da fé e lutando pela justiça - sobretudo através dos seus santos e mártires - e assim contribuiu para formar comunidades de filhos, irmãos e irmãs.

19. Nos últimos tempos, temos acolhido a força do Espírito Santo que sempre rejuvenesce o seu rosto através de significativos processos sinodais. Este caminho comum intensificou-se a partir de 1955 com a celebração da Primeira Conferência Geral do Episcopado no Rio de Janeiro e a criação do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), organismo de comunhão e coordenação ao serviço dos bispos e das Conferências Episcopais. Destacam-se também as assembleias das Conferências Gerais do Episcopado: Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), no santuário mariano do Brasil, com o convite a sermos discípulos e missionários de Jesus Cristo para que, n'Ele, nossos povos tenham vida.

20. Em 2019, o Papa Francisco sugeriu a preparação de uma primeira Assembleia Eclesial da América Latina e das Caraíbas, insistindo que não fosse apenas um encontro de bispos, mas de todo o santo povo fiel de Deus que caminha, reza, fala, pensa, discute e procura a sua vontade. A celebração desta Assembleia em 2021 foi recebida com grande alegria. Esta experiência inédita, fruto do transbordamento do Espírito, aconteceu no meio da crise pandémica e constituiu, em tempos de sofrimento e morte, o sinal profético de uma Igreja viva e próxima do seu povo para semear a esperança e construir o futuro. É um verdadeiro marco que conjuga a participação de muitos membros do Povo de Deus com o exercício do ministério pastoral dos bispos e episcopados. Com tudo o que foi partilhado, o *texto Rumo a uma Igreja sinodal em saída para as periferias. Reflexões e propostas pastorais da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e das Caraíbas*.

21. Houve também outros processos sinodais de diferentes dimensões e alcances que nos ensinam a caminhar juntos: renovou-se e reestruturou-se o CELAM com um estilo mais sinodal; realizou-se a Assembleia do Sínodo para a Amazónia; criou-se a Conferência Eclesial da Amazónia - CEAMA; e formaram-se várias redes eclesiais: Rede Eclesial Pan-Amazónica - REPAM; Rede Eclesial Ecológica Mesoamericana - REMAM; Rede Eclesial do Gran Chaco e do Aquífero Guarani - REDCHAG. Estas redes dedicam uma atenção particular à inculturação do Evangelho e da Igreja, aos problemas específicos das comunidades indígenas e afro-americanas, aos valores da interculturalidade e ao cuidado da casa comum.

22. No contexto desses processos eclesiais, em meio às complexas realidades de nossos países e de nossa região, as igrejas latino-americanas e caribenhas receberam a convocação do Papa Francisco para o sínodo sobre a Igreja sinodal. Quisemos integrar este novo processo na experiência regional e, ao mesmo tempo, contribuir para a sinodalidade de toda a Igreja a partir da história recente, sabendo que o Espírito está a tecer a harmonia. O Povo de Deus está a experimentar o apelo a sentir-se como sujeito ativo da Igreja. Na assembleia da Região América Central e

México (CAMEX), um leigo expressou: "*Isto já é Sínodo*". Todos estes processos se entrelaçaram, forjando ricos contributos de experiências, preocupações e propostas.

23. O Secretariado do Sínodo formulou a questão principal que orienta o caminho na pergunta: "como se realiza hoje, a vários níveis (do local ao universal), este 'caminhar juntos' que permite à Igreja anunciar o Evangelho, de acordo com a missão que lhe foi confiada; e que passos nos convida o Espírito a dar para crescer como Igreja sinodal?" (*Documento Preparatório* 2, 26, *Documento para a Etapa Continental* 2, 105). Num encontro regional, esta questão foi esclarecida: "O que queremos dizer quando falamos de 'Igreja Sinodal'? Estas grandes questões convidam a aprofundar uma reflexão teológica, pastoral e espiritual que ajude a viver a eclesialidade, a sinodalidade, a ministerialidade e a colegialidade.

24. Aqui sintetizamos as principais contribuições do itinerário da fase continental na América Latina e nas Caraíbas em torno de oito temas principais que, ao mesmo tempo, incluem e remetem para outras questões importantes para o espírito e a prática da sinodalidade. Eles reúnem preocupações, tensões e prioridades. Todos e cada um deles são considerados "*em chave sinodal*".

1. O protagonismo do Espírito numa Igreja sinodal.
2. A sinodalidade do Povo de Deus.
3. Sinodalidade: o modo de ser e de atuar da Igreja.
4. Igreja missionária sinodal.
5. Sinodalidade: compromisso socioambiental num mundo fragmentado.
6. Conversão sinodal e reforma de reestruturação.
7. Vocações, carismas e ministérios em chave sinodal.
8. Contribuições do itinerário sinodal da América Latina e das Caraíbas.

1. O papel do Espírito numa Igreja sinodal

25. A Igreja é o Povo reunido pela participação na comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo (cf. LG 4). O caminho percorrido permitiu-nos reconhecer como Deus está realmente a conduzir as Igrejas da América Latina e das Caraíbas para um modo de ser cada vez mais sinodal, que é inerente à Igreja, mas que assume uma importância significativa face aos desafios que as mudanças na sociedade colocam à sua vida de comunhão e missão. Isto implica uma tomada de consciência da experiência da nossa pequenez e fragilidade, intensificada pela crise pandémica. É necessário "*confiar e afirmar o Espírito Santo como protagonista deste processo, e que ele ilumina as mudanças que podem ocorrer na Igreja de Jesus*" (Camex).

26. No Pentecostes, o Espírito está na origem da Igreja e é a fonte permanente da sua vitalidade. É Ele que a faz fluir e atravessar a história com relevância e sentido e que a conduz por caminhos de renovação e de futuro. Ele molda o rosto da Igreja e o tecido relacional que torna possível a unidade na diversidade. Sem ele, não há seguimento autêntico de Jesus, não há vida nova, não há kairos eclesial. O Espírito encoraja a sua Igreja a uma autêntica conversão que pressupõe: escuta, diálogo, discernimento, atenção refinada à realidade e capacidade de compreender o grito de Deus nos gritos permanentes que ressoam na história. "*Este é o momento de reconhecer o kairós em que vivemos, com a confiança no Espírito e a certeza de que tudo é obra de Deus*" (Cono Sur).

27. A experiência de nos sabermos habitados pelo Espírito lançou-nos para além das nossas próprias análises e reflexões, convidando-nos a vencer a tentação do intimismo, dos fundamentalismos e das ideologias que nos fazem disfarçar que queremos Deus quando são a busca de interesses particulares. Pediu-nos para nos contextualizarmos e enraizarmos o caminho eclesial na profundidade da história, até nos deixarmos impregnar pela realidade, reconhecendo que nela Deus se manifesta e age, chamando-nos ao compromisso, ao trabalho com Ele, apaixonados pelo seu Reino. Entendemos o caminho sinodal "*como um processo pessoal e comunitário de abertura radical à ação do Espírito Santo, o único capaz de criar um novo Pentecostes na Igreja e de vencer a tentação constante de nos fragmentarmos*" (Bolivariana).

28. A ação do Espírito, como tudo no dinamismo do Reino de Deus, precisa de ser discernida, a sua voz precisa de ser ouvida e acolhida, escutando "o que o Espírito diz às Igrejas" (Ap 2,11). Os seus estímulos exigem a docilidade do nosso coração. Daí a necessidade de assumir uma atitude permanente de discernimento, de procurar não fazer a nossa própria vontade, mas, como Jesus, fazer a vontade do Pai de Misericórdia. Isto gera uma grande tensão quando vivemos num tempo em que se exalta tanto a individualidade e o voluntarismo, quando se faz do "eu" a medida de todas as coisas; quando somos tentados a impor aos outros as nossas próprias intenções e ideologias que são visões parciais da realidade. Discernir significa distinguir, entre tantas vozes e movimentos, o que vem do Espírito, o que o Senhor nos diz e espera de nós. É o que temos feito neste processo, tentando superar as nossas próprias tentações. Este discernimento deve tornar-se cada vez mais comunitário, como a própria experiência de fé, e atento ao "*sensus fidei*" do povo de Deus em caminho.

29. Somos chamados a uma reforma profunda da Igreja, aquela que nasce da ação de Deus nas profundezas da história. "*Eis que faço novas todas as coisas, não reparastes?*" (Is 43,19). Somos chamados a viver uma conversão que tem a sua origem na escuta fiel de Deus e da realidade, uma escuta que é a condição para a transformação do coração. Devemos escutar-nos uns aos outros e discernir os sinais dos tempos para procurarmos juntos a vontade de Deus à luz da Sagrada Escritura.

30. Durante este caminho sinodal sentimos o apelo a escutar a melodia do presente, convictos de que a qualidade da escuta determina a qualidade da resposta e abre

o caminho para o empenho missionário. Apercebemo-nos de que a Igreja tem hoje, mais do que nunca, necessidade de um novo estilo relacional mais contextualizado, encarnado na realidade, capaz de escutar e fazer ressoar as diversas vozes, e de se posicionar para gerar o necessário diálogo que favoreça o encontro. Sentimo-nos chamados a gerar autênticas dinâmicas de escuta, participação, comunhão, missão partilhada e corresponsabilidade.

31. Naqueles que participaram no processo sinodal, um fruto do Espírito é a renovação da sua esperança e o reconhecimento humilde e confiante de como a conversão sinodal é conduzida pelo Espírito. De uma atitude centrada em pensar na assembleia sinodal e no documento final como a resposta desejada, passámos ao reconhecimento da necessidade de paciência, constância, perseverança no propósito, coragem criativa e ousadia, que são virtudes ligadas à esperança. Passámos à convicção de que a conversão sinodal começa no palco da nossa vida quotidiana e daí se projecta, como o fermento na massa, para a transformação do mundo inteiro. "*O caminho sinodal é um convite a sermos camponeses da fé; isto exige que aprendamos novos verbos: esperar sem desesperar, regar o que é necessário para cada tipo de planta, perseverar sem cansar, certos de que somos guiados pelo Espírito*" (Bolivariana).

32. O Povo de Deus caminhava na esperança da vinda do Salvador. Hoje, caminha na alegre esperança do seu regresso, que anima o nosso serviço ao Reino e anseia pela plenitude da Vida para todos.

2. A sinodalidade do Povo de Deus

33. Muitas vozes ouvidas nas quatro assembleias regionais recordam-nos que a renovação sinodal supõe "*recuperar a proposta conciliar expressa na noção de Povo de Deus, que sublinha a igualdade e a dignidade comum mais do que as diferenças de ministérios e carismas*" (Bolivariana).

34. A Igreja é a comunidade daqueles que seguem "o caminho do Senhor" (Actos 18,25). É o Povo de Deus em peregrinação no mundo. A sinodalidade manifesta a dimensão social e histórica da Igreja, que se enraíza na condição peregrina do ser humano, que caminha na vida em busca da felicidade. A o Povo de Deus é chamado a caminhar junto com toda a família humana, sendo sacramento de salvação e de esperança. Surge aqui a dupla dimensão da sinodalidade, na medida em que exprime o caminhar juntos na vida da Igreja e o acompanhamento da história dos povos rumo à plenitude do Reino de Deus.

35. Na caminhada comum das igrejas da América Latina e do Caribe, estamos desenvolvendo um sentido de "nós" através da experiência e da dinâmica de antigos e

novos processos sinodais. Nesse processo, estamos dando vida à nossa convicção de que o Povo de Deus a caminho é o sujeito da comunhão sinodal. As assembleias reafirmaram o que o Concílio Vaticano II expressou sobre a dignidade comum e a igualdade fundamental de todos os baptizados, mulheres e homens. O dom da fé e o sacramento do batismo tornam-nos seguidores de Jesus e conferem-nos a todos a pertença ao único Povo de Deus, desde o mais pequeno dos baptizados até ao sucessor de S. Pedro.

36. No nosso caminho, sentimos e afirmamos que a sinodalidade nos ajuda a ser uma Igreja mais participativa e corresponsável. Uma Igreja sinodal é desafiada a favorecer a participação de todos, segundo a vocação de cada um e de todos, com a autoridade conferida por Cristo ao Colégio dos Bispos, presidido na caridade pelo Bispo de Roma. A participação baseia-se no facto de todos os fiéis serem chamados e capacitados para pôr ao serviço dos outros os dons recebidos do Espírito Santo. A autoridade dos Pastores é um dom do mesmo Espírito de Cristo Cabeça para servir a edificação de todo o Corpo. Na comunhão sinodal, os Bispos exercem a sua missão apostólica caminhando, acompanhando e guiando os seus irmãos e irmãs no seguimento de Jesus, Caminho, Verdade e Vida.

37. A sinodalidade exprime a condição de sujeito que corresponde a toda a Igreja e a todos na Igreja. Nós, crentes, somos irmãos e irmãs no mesmo caminho, chamados a ser sujeitos activos, participando no único sacerdócio de Cristo. O Espírito Santo é a fonte de uma grande diversidade de vocações, identidades, talentos, competências e ministérios que enriquecem a unidade na comunhão. Estamos perante o desafio permanente de como promover a diversidade sinodal sem a transformar em divisões e como construir a unidade sem a transformar em homogeneidade. A grande maioria dos fiéis cristãos são homens e mulheres leigos que recebem a fé e aprendem a viver a comunhão de amor nas suas famílias e comunidades.

38. A vida sinodal testemunha uma Igreja constituída por pessoas e comunidades que são sujeitos livres e diversos, chamados a relacionar-se fraternalmente por laços de respeito mútuo e de afeto recíproco. Muitas vozes questionaram o modo como nos tratamos uns aos outros na Igreja, especialmente entre pastores e leigos, e entre mulheres e homens. Em todas as assembleias ouvimos um grito profundo para sermos bem tratados, respeitados como iguais, valorizados na sua identidade e na sua contribuição específica. O discernimento partilhado mostra que podemos ainda percorrer um longo caminho para nos relacionarmos uns com os outros com atitudes mais evangélicas, humanizadoras e sinodais. "*Precisamos de uma mudança estrutural que nos desinstale. Isso exige flexibilidade, diálogo, tolerância, aceitação, respeito. Não colocar vinho novo em odres velhos*" (Caraíbas).

39. Um desafio é abrir espaços, fornecer os meios e gerar formas para a participação efectiva das mulheres nos órgãos de discernimento e de decisão. A assembleia sinodal de outubro deverá aprofundar estes temas: a liderança das mulheres e o seu contributo na reflexão teológica, na reflexão teológica, na reflexão teológica, na reflexão teológica, na reflexão teológica, na reflexão teológica, na reflexão teológica, na reflexão teológica

e na reflexão teológica. Conselhos pastorais, no acompanhamento das comunidades, nas áreas de elaboração e tomada de decisões. "*A participação das mulheres é uma profecia, um fator de esperança*" (Cono Sur).

40. A sinodalidade funda-se e exprime-se nas celebrações do Batismo e da Eucaristia, que são a fonte e o cume da vida cristã. Na assembleia eucarística, actualiza-se a comunhão batismal e gera-se um dinamismo de participação. Existe uma tensão entre diferentes formas de valorizar e viver estes sacramentos. Há quem assinale "*uma tensão entre uma liturgia ritualista e uma liturgia aberta e inculturada*" (Cono Sur). "*É necessário construir novas linguagens e expressões litúrgicas, mantendo a Eucaristia como fonte e cume do nosso caminho em conjunto*" (Bolivariana).

41. A sinodalidade encoraja o empenho ecuménico de todos os cristãos porque é um convite a caminhar juntos na via da plena unidade em Cristo. Sem minimizar as diferenças, a sinodalidade abre-nos ao reconhecimento das legítimas diversidades numa troca mútua de dons e orienta os nossos passos para uma "harmonia reconciliada". Ao mesmo tempo, uma Igreja sinodal deseja fazer avançar ainda mais o diálogo inter-religioso e a fraternidade universal em todos os continentes.

42. Nos diferentes povos, que experimentam o dom de Deus segundo a própria cultura, a Igreja exprime a sua genuína catolicidade e mostra a beleza deste rosto pluriforme. "*Para avançar na configuração de Igrejas com rosto próprio e para responder aos desafios específicos do seu contexto, sente-se na Amazónia a necessidade de uma maior autonomia e diversificação das Igrejas locais, bem como dos seus organismos representativos, como as Conferências Episcopais*" (Ceama - Repam).

3. Sinodalidade: o modo de ser e de atuar da Igreja

43. A sinodalidade é a dimensão dinâmica da comunhão eclesial, chamada a encarnar um modo de ser e de atuar fundado na união com a Santíssima Trindade, animado pelo Espírito e centrado em Jesus Cristo. O encontro com a pessoa do Senhor é o critério fundamental de todo o discernimento e o que sustenta a missão evangelizadora da Igreja. Estamos convencidos de que "*o grande horizonte é o discernimento de um novo modo de ser Igreja a partir do encontro com Cristo como caminho de comunhão, participação e missão com uma clara conversão pastoral que reflicta o desejo de viver a sinodalidade em todos os seus âmbitos, até que a sinodalidade se torne um modo de vida* [...] (Bolivariana).

44. Os discípulos missionários encontram a sua fonte de vida e de inspiração na celebração da Eucaristia e na leitura orante - pessoal e comunitária - da Palavra

de Deus, que lhes permite viver num contínuo processo de conversão pastoral, reforçar o sentido de pertença à comunidade eclesial e favorecer uma participação corresponsável no caminho sinodal.

45. A Igreja discípula missionária, atenta aos sinais dos tempos, sente-se convidada a cultivar uma espiritualidade sinodal encarnada e mariana, porque "*Maria nos recorda que Cristo é o centro de nossa vida e o modelo do caminho sinodal*" (Bolivariana). Resgata a riqueza da fé e da piedade popular "*para fortalecer a experiência interior do nosso povo como complemento da vida litúrgica*" (Bolivariana), que deve ser inculturada, e deve expressar a "*sabedoria, a alegria e os ensinamentos da Igreja*" (Bolivariana). Dos nossos povos [...] Contribuem, *celebram, escutam, acolhem, acompanham, dão e recebem nas várias dimensões da existência*" (Contribuição Afro-Garifuna).

46. O modo de ser e de atuar sinodal da Igreja exige um estilo de discernimento comunitário baseado na escuta mútua do Espírito e no diálogo verdadeiro e confiante. É o "*Espírito que nos impele a esta abertura, a esta procura da novidade de Deus, mesmo com todos os riscos que isso implica*" (Caraíbas). Devemos "*superar os nossos medos perante a escuta, porque sabemos que ela nos compromete a agir e a responder aos nossos irmãos e irmãs que são escutados*" (Cone Sul).

47. Para esta escuta discernente, a Igreja deve considerar e exercitar a conversação espiritual. Como método e práxis, ela ajuda a aprender a escutar, a dialogar, a formar-se em itinerários, dinâmicas e processos que sustentam uma conversão pessoal, eclesial e estrutural. À luz deste estilo, gera-se a necessária reciprocidade que nos leva à complementaridade da vocação e dos dons de cada um. A dinâmica será "*aprender a escutar, a escutar o outro e sobretudo a escutar profundamente, porque quando escutamos profundamente o outro (atenção plena) isso toca, mexe com o nosso ser e exige que transformemos atitudes, que mudemos a forma de nos relacionarmos e que passemos ao diálogo*" (contributo de Pueblos Indígenas). Esta forma de estar ajuda a recriar laços e convida-nos a ter uma nova forma de nos relacionarmos, abertos à ação do Espírito, que sempre surpreende e abre novos caminhos. A sinodalidade supõe uma "*espiritualidade que consiste em amar e escutar, com responsabilidade, com compromisso e sem medo*" (Cono Sur); leva-nos a abraçar o "*caminho do perdão e da reconciliação, reconhecendo as nossas faltas e omissões, para reconstruir, a partir da nossa própria vulnerabilidade, a Igreja sinodal*" (Camex-Sur).

48. À luz da reflexão sobre o método do diálogo espiritual, que é particularmente adequado para este momento, surgem percepções, tensões e prioridades que podem ajudar o processo. O diálogo espiritual permite falar livremente de questões incómodas e dolorosas, numa experiência de relação horizontal. Longe de anular a própria identidade e as histórias de vida, ajuda a colocar-se no lugar do outro, a sintonizar-se com os seus sentimentos e, a partir daí, a afinar as próprias convicções. Esta experiência é um itinerário formativo: aberto à aprendizagem, à conjugação de sentimentos e ideias que conduz a mudanças, torna possíveis encontros improváveis,

favorece o diálogo e cria canais de comunicação.

49. Percebe-se que a animação e a ação do Espírito acompanham todo o processo. É necessário viver esta experiência a partir de uma liberdade interior e com o coração aberto, evitando polémicas, imposição de ideias, "agendas" e tudo o que impede o Espírito Santo de ser o protagonista.

50. O método é como um ciclo em espiral ascendente que passa do eu (1° momento - sentimentos: pessoal) ao deixar-me tocar pelo outro, o tu (2° momento - ecos: relacional), para chegar finalmente ao nós (3° momento - escolha da vontade de Deus: o comum). O método não deve ser a soma dos discernimentos individuais, mas o meio e a expressão de um processo comunitário.

51. É importante procurar como integrar o método hermenêutico Ver - Julgar - Agir, assumido pela Igreja na América Latina e nas Caraíbas, com o processo de conversação espiritual, de tal forma que se mantenha uma análise profunda da realidade associada ao discernimento, e que este resulte sempre na a busca de consensos para uma ação transformadora. Certamente já existem avanços em nossa região que vêm da experiência do trabalho sinodal continental: associar o ver com o escutar, contemplar; o julgar com o discernir, interpretar; e o agir com o planejar, responder.

52. Para favorecer o processo de discernimento sinodal, os seus tempos e passos, na fidelidade ao que é partilhado e ao que o Espírito nos quer dizer, considera-se importante formar e empossar os moderadores e secretários dos grupos. Formar o moderador, para que possa animar o processo enquanto tal, evitando cair num mero grupo de opinião; e o secretário, para que possa ajudar a elaborar uma síntese comunitária e não ficar por uma mera sessão de brainstorming.

4. Igreja missionária sinodal

53. 53. Uma Igreja sinodal, segundo o lema do Sínodo, é uma Igreja em comunhão e participação para a missão - "*a Igreja que é sinodal tem o desafio e a missão de ser missionária*" (Caraíbas). Por isso, "são urgentemente necessárias estruturas para garantir uma sinodalidade missionária, incluindo todos os membros da periferia" (Camex). Em vez de fechar a Igreja em si mesma, a sinodalidade conduz a uma Igreja missionária ao serviço da fraternidade universal. Como a sinodalidade, a missionariedade é constitutiva da Igreja, pois cada batizado é discípulo missionário de Jesus Cristo na sua Igreja. O discipulado é o seguimento de Jesus, um pôr-se a caminho com ele para colaborar com a sua obra e prolongá-la na história. Por sua vez, a obra de Jesus é evangelizar e, portanto, esta é também a missão da Igreja. Como dizia São Paulo VI, "a Igreja existe para evangelizar" (EN 14). É necessária uma "*revisão das estruturas e da instituição eclesial no seu conjunto, em função do serviço*

e da evangelização" (Cono Sur).

54. Jesus, na sua pessoa, na sua vida, na sua obra e na sua Páscoa, torna presente o Reino de Deus. O Reino é um absoluto, em relação ao qual tudo se torna relativo. A missão evangelizadora da Igreja não é outra senão a de dar continuidade à missão de Jesus, contribuindo para o crescimento do Reino no mundo, especialmente nas periferias, que devem ser o seu centro. É preciso "*levar a Boa Nova às periferias; reconhecer que ali ela se encarna e é vida, que é vivida e constrói sinodalidade*" (Bolivariana).

55. A missão, em termos sinodais, não é proselitismo, que leva a uma Igreja autorreferencial, eclipsando o Reino de Deus, do qual é sacramento. É necessário "*ser uma Igreja credível, sacramento do Reino*" (Caraíbas). A missão consiste no anúncio alegre e gratuito de Jesus Cristo e do seu mistério pascal a toda a humanidade, numa relação intercultural, pois está inserida num mundo plural e diverso. É apontado que "*o horizonte mais claro que se abre é o desafio da evangelização na diversidade. Como ser discípulos missionários no meio da diversidade dos contextos, das situações e da complexidade do mundo*" (Caraíbas). É urgente "*atender aos sujeitos da evangelização, respeitando a sua cultura, convidando-os a participar, aproximando-se do seu modo de vida e compreendendo a sua visão do mundo*" (Cone Sul). A missão consiste em incarnar o Evangelho nas culturas, contribuindo para a formação de Igrejas locais autóctones, com o rosto dos povos que as integram. Uma Igreja incarnada corresponde a uma evangelização inculturada e inculturante da Igreja como instituição, na sua organização e estruturas.

56. A sinodalidade ajuda todos os baptizados a serem sujeitos activos da missão evangelizadora e o Povo de Deus a caminhar com uma humanidade que peregrina, numa atitude de diálogo e de serviço ao mundo, em vista de uma fraternidade universal. É sublinhado que "*o mundo precisa de uma 'Igreja em saída' que rejeite a divisão, que volte o seu olhar para a humanidade e lhe ofereça, mais do que uma doutrina ou uma estratégia, uma experiência de salvação, um 'transbordar de dom' que responda ao grito da humanidade e da natureza*" (Camex). Na missão evangelizadora, os outros não são apenas destinatários, mas também interlocutores, porque os discípulos missionários estão numa relação horizontal de comunhão com todos os homens de boa vontade, nos quais actua o Espírito de Deus. A sinodalidade conduz a uma atividade missionária aberta, a uma participação e a um intercâmbio sem fronteiras.

57. No entanto, a identidade evangelizadora da Igreja nem sempre parece estar presente em todas as comunidades, porque por vezes estão mais preocupadas em resolver os seus problemas internos do que em anunciar a Boa Nova. Existe uma tensão "*entre uma Igreja centrada em si mesma e uma Igreja missionária*" (Cono Sur). Isto pode levar à tentação de "*acreditar que primeiro temos de resolver os problemas da sinodalidade e depois sair em missão*" (Caraíbas). Sinodalidade e missão são dois aspectos intimamente ligados, porque a sinodalidade enriquece a missão e a missão dinamiza a sinodalidade.

58. Nas assembleias regionais é referido que a tendência eclesial para se centrar em si mesma pode surgir do "*medo e da dúvida sobre como sair na vida quotidiana e na convivência com as pessoas*" (Bolivariana). Há também "*o medo de perder o poder e o desejo de controlar, o que leva à intolerância e à rigidez que impedem passos concretos e ousados para cumprir a missão evangelizadora de levar as pessoas ao encontro com Deus*" (Caraíbas). Isto leva a uma forte tensão entre uma pastoral de mera conservação, que assegura os espaços e os tempos da comunidade, e uma Igreja que não só estende a sua tenda para acolher, mas também sai dela para ir ao encontro dos outros onde eles se encontram.

59. Neste sentido, surge uma questão que gera diversos acentos: até que ponto e de que forma o Evangelho deve penetrar nas culturas? É um desafio discernir como realizar a tarefa evangelizadora no atual contexto de diversidade, multiculturalismo e interculturalismo, para aprender a viver a fé numa grande diversidade. "*Esta inculturação deve influenciar também a construção dos espaços litúrgicos para os tornar mais adequados à teologia da sinodalidade*" (Cono Sur).

60. A evangelização se dá através do testemunho de vida pessoal e comunitária. A fé cresce pela atração da graça de Deus, valoriza as pessoas e os povos como sujeitos e reconhece a herança evangelizadora dos povos indígenas e afro-descendentes que vivem a fé à sua maneira. Outro "*desafio para a Igreja na sua missão evangelizadora é o sectarismo*" (Cone Sul), entendido como a divisão e as lutas internas de sectores fechados em si mesmos, o que é um anti-testemunho.

61. Pede-se-lhe também que "*passe de uma evangelização centrada no pecado para uma perspetiva da Boa Nova, como o médico que, em vez de se centrar na doença, centra o seu trabalho na saúde; (assim) podemos passar da lamentação para a atenção ao que podemos fazer*" (Bolivariana). Por outro lado, é sempre necessário recordar qual é a finalidade da missão evangelizadora, porque por vezes ela é reduzida a um dos seus processos, como a administração dos sacramentos, em vez de favorecer um verdadeiro encontro com Cristo que inicia e fortalece um caminho de seguimento e crescimento na fé.

62. Durante os encontros, foi sublinhado o papel dos leigos e especialmente das mulheres na transmissão da fé. Catequistas e evangelizadores que, em lugares distantes e contextos difíceis, com paixão e esperança, são um dom de Deus que agradecemos e valorizamos. No entanto, foi também referido que, por vezes, se sente uma tensão com o clero que assume a responsabilidade de liderar toda a ação evangelizadora na comunidade. "*O apoio, o anúncio e o testemunho das mulheres missionárias devem ser valorizados. E isso é fundamental numa Igreja sinodal*" (Bolivariana).

5. Sinodalidade: engajamento socioambiental em um mundo fragmentado

63. A sinodalidade motiva a Igreja a sair de si mesma e a colocar-se com toda a sua missão ao serviço da sociedade. Como mostram as sínteses, há experiências sinodais de uma Igreja que é companheira de caminho dos povos da América Latina e das Caraíbas. Várias contribuições afirmam que em muitas sociedades da nossa região existe uma grande diversidade étnica, cultural e social. Esta é uma riqueza, mas também pode ser percebida como uma ameaça. Esta manifesta-se em múltiplas fragmentações, em grandes desigualdades, na marginalização e na exclusão de diferentes grupos no continente. As nossas sociedades sofrem também de fortes polarizações ideológicas e políticas; em vários países, observa-se com preocupação um enfraquecimento da democracia como sistema de representação e de governo. Nestes contextos, uma Igreja sinodal é chamada a renovar a sua opção preferencial pelos pobres e a pôr em evidência a dimensão social da evangelização, porque se esta "não for devidamente explicitada, corre-se sempre o risco de desvirtuar o sentido autêntico e integral da missão evangelizadora" (EG 176).

64. Nos encontros, chamou-se a atenção para o que se observa em muitos lugares: "*o distanciamento das Igrejas locais da realidade, dos gritos que vêm das terras e dos povos, das diversas realidades das pessoas em vulnerabilidade, das periferias*" (Cone Sul), sejam elas periferias geográficas, territoriais, sociais e existenciais. Os pobres têm muitos rostos: rostos de mulheres, povos indígenas e afrodescendentes, pessoas em condições de vulnerabilidade como migrantes e refugiados, pessoas com deficiência, crianças e idosos, e muitos outros.

65. Uma Igreja sinodal é chamada a "*ser uma Igreja mais profética e samaritana. Uma Igreja profética e missionária que vai verdadeiramente às periferias geográficas e existenciais e escuta o grito dos pobres e da criação*" (Bolivariana). É importante que no processo sinodal tenhamos a audácia de trazer à tona e discernir grandes temas, muitas vezes esquecidos ou negligenciados, e de encontrar o outro e todos aqueles que fazem parte da família humana e que muitas vezes são marginalizados, também na nossa Igreja. Vários apelos recordam-nos que, no espírito de Jesus, devemos "*incluir os pobres, as comunidades LGTBIQ+, os casais em segunda união, os padres que querem regressar à Igreja na sua nova situação, as mulheres que abortam por medo, os presos, os doentes*" *(Cono Sur). Trata-se de "caminhar juntos numa Igreja sinodal que escuta todos os tipos de exilados para que se sintam em casa", uma Igreja que é "um refúgio para os feridos e os quebrados*" (Cono Sur). Isto exige disponibilidade para "*ir ao encontro, dar a nossa atenção, envolvermo-nos. Porque sinodalidade significa não esperar que as pessoas venham, mas ir ao encontro delas*" (Cono Sur).

66. A Igreja oferece o seu amor samaritano e o seu serviço solidário, aprendendo a caminhar com todos aqueles que também estão ao serviço dos que sofrem, procurando gerar alternativas à cultura do descarte e enfrentando os diferentes

tipos de violência que aumentaram nos últimos anos. Entre elas, a violência ligada às grandes desigualdades sociais, ao narcotráfico, ao crime organizado, ao tráfico de seres humanos, aos maus tratos de crianças e mulheres. Neste caminho conjunto, a Igreja está a descobrir diferentes formas de ser sinodal em alianças com os movimentos sociais e populares, e com outras pessoas e instituições empenhadas na promoção de todos, como o Pacto Global para a Educação.

67. Algumas contribuições perguntam: "*Escutar o grito dos povos e da terra" é um compromisso com o Evangelho que nos pede para sermos aliados dos povos na defesa da vida e dos seus territórios*" (Cone Sul). Isto é particularmente verdadeiro para a Amazónia, ameaçada por um colapso ecológico, com consequências desastrosas para a vida da terra e dos seus povos. Há um sentimento amazónico que aponta para "*o abandono dos nossos povos indígenas; a falta de uma presença real no seio dos povos amazónicos*" (Bolivariana). É identificada como "*uma questão pendente: chegar aos povos originários, marginalizados pela sua língua, cultura e cosmovisão diferentes; e [...] chegar às [outras] periferias, aproximar-se e acolher os indigentes, os de outras crenças e costumes*" (Cono Sur).

68. O serviço sócio-ambiental a que a Igreja é chamada a servir à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja é fortalecido num diálogo ecuménico e inter-religioso que conduz a uma ação comum. Em muitos países da América Latina e das Caraíbas existem Conselhos Inter-religiosos nos quais participam ativamente representantes de várias Igrejas cristãs e de múltiplas religiões presentes na nossa região. Partindo de um compromisso partilhado com a promoção dos direitos humanos, da justiça, da paz e do cuidado da casa comum, desenvolvem conjuntamente actividades a favor da sociedade.

69. Várias contribuições afirmam que uma Igreja sinodal, vivida como um hospital de campanha, deve dar um lugar central aos jovens. Para estar próxima deles, curar as suas feridas e acompanhá-los nas suas buscas, a Igreja deve "*adaptar a sua linguagem, os seus símbolos para se aproximar das suas realidades concretas. Temos que pensar em novos métodos para encantar e resgatar a presença dos jovens na Igreja, indo onde eles estão e caminhando junto com eles*" (Cono Sur). É importante que "*eles, e também nós, tomemos consciência do papel de protagonismo que eles têm a desempenhar na Igreja e na sociedade*" (Cono Sur).

70. Foi reiterado o pedido de escuta, de integração e de participação na tomada de decisões por parte dos jovens. Ressoa a oração que um grupo deles fez no encontro do Cone Sul, expressando os motivos pelos quais seus amigos abandonaram a Igreja e concluindo com uma prece sincera: "*Deus, Mãe e Pai, escuta nosso clamor em oração! Soprai com força para que a Igreja não se esqueça dos jovens, para que abrace a sua vida tal como ela é, com os seus sonhos e anseios, e os acompanhe na tarefa de difundir e promover a sinodalidade*".

71. Muitos jovens manifestam uma grande sensibilidade para os problemas sociais

e ambientais, com grande criatividade para gerar soluções a partir dos seus espaços. Sendo "nativos digitais", têm muito mais conhecimentos e competências para ajudar a Igreja a descobrir as potencialidades digitais para a evangelização, o trabalho em rede e a criação de uma cultura sinodal nestes espaços.

72. A participação de representantes do Sínodo Digital nas assembleias suscitou o interesse por uma presença mais ativa e proactiva neste espaço. Também se sentiu a necessidade de acompanhar mais de perto os evangelizadores digitais.

6. Conversão sinodal e reforma de reestruturação

73. O Concílio Vaticano II concebe a Igreja como uma instituição que necessita de uma renovação permanente. Em continuidade com o Concílio, Francisco refere-se à Igreja como *Ecclesia semper reformanda*, que exige a conversão de toda a comunidade eclesial. A Igreja latino-americana e caribenha assume este apelo como uma conversão pastoral permanente, que exige uma revisão da "práxis pessoal e comunitária, das relações de igualdade e autoridade, das estruturas e dinamismos" (SD 30). As regiões consultadas afirmam que "*a sinodalidade requer uma conversão pessoal, comunitária, eclesial e estrutural*" (Cone Sul), de modo que "*é urgente uma mudança de mentalidade, uma mudança de estruturas*" (Camex).

74. Este apelo não é isento de desafios e tensões. Encontramos pessoas e grupos que querem separar a mudança de mentalidade e a conversão pessoal da reforma das estruturas, assim como há aqueles que não querem a reforma da Igreja. Por isso, estas mudanças têm de fazer parte de um processo de "*conversão ativa, para uma verdadeira transformação da mente e do coração, uma vez que todos fomos formados em tempos diferentes e temos muitas práticas enraizadas*" (Cono Sur). Daqui deriva a necessidade de as Igrejas locais gerarem processos e espaços de escuta, de diálogo e de discernimento que continuem a aprofundar a questão fundamental do caminho sinodal: "Como se realiza hoje este caminho conjunto na nossa Igreja particular? Que passos nos convida o Espírito a dar?

75. A resposta a estas questões constrói-se envolvendo todo o Povo de Deus. É necessário dar um passo em direção a uma autêntica *sinodalização* de toda a Igreja, o que implicará "*reformas espirituais, pastorais e institucionais*" (DA 367) com o objetivo de dar forma a um novo modelo institucional. As consultas regionais reconhecem que, para o conseguir, "*devem ser criadas novas opções pastorais a partir de uma mudança de mentalidade e da renovação das estruturas existentes*" (Caraíbas). Neste contexto, o desafio é procurar uma reforma dos seminários e das casas de formação, especialmente quando algumas destas instituições ainda não ultrapassaram a sua

forma tridentina. Muitas pessoas vêem "*os seminários como casas fechadas que não ajudam a visão de um sacerdócio ministerial*" (Camex). A reforma actualizada da Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis deve ser prosseguida. Na formação dos candidatos ao sacerdócio, as famílias, os leigos e os consagrados e consagradas devem ser envolvidos. Este facto foi sublinhado por todas as assembleias regionais.

76. Todo o processo de renovação para uma maior sinodalidade na Igreja requer mais formação. Pediu-se que os itinerários formativos e catequéticos sejam integrais e que os membros do Povo de Deus os realizem juntos. Foi sublinhado que as famílias, como igrejas domésticas, e as comunidades eclesiais paroquiais e educativas, devem ser o primeiro lugar de formação para a comunhão sinodal. Ao mesmo tempo, pediu-se que as paróquias pudessem ser renovadas segundo o modelo de uma comunidade de comunidades, revitalizando assim as pequenas comunidades.

77. Entre as numerosas propostas e pedidos de formação expressos nas assembleias como tema de destaque, emergem vários horizontes e áreas: "*acreditamos na importância da formação sinodal e, por isso, gostaríamos de contribuir com algumas ideias para uma formação integral: aprender a trabalhar em colaboração; crescer numa cultura de discernimento; implementar a transparência nos vários domínios da vida eclesial; adquirir competências digitais e radiofónicas para estar permanentemente ligado às necessidades da paróquia; mostrar experiências vivenciais para tornar visível a relevância da sinodalidade*" (Bolivariana).

78. Um eixo transversal a todas as áreas eclesiais é o da formação para uma cultura de respeito por todas as pessoas e para a prevenção de todos os tipos de abuso.

79. As consultas regionais mencionam a prioridade de tornar obrigatória a constituição dos vários conselhos promovidos pelo Vaticano II: conselhos presbiterais, conselhos económicos (diocesanos e paroquiais) e conselhos pastorais (diocesanos e paroquiais). Pedem também que eles "*sejam um espaço de inclusão, diálogo, transparência e discernimento não só a nível nacional e regional, mas também nas comunidades de base, paróquias e dioceses, prelazias e vicariatos, seguindo o processo de comunhão e participação*" (Cone Sul). Reconhece-se que os conselhos oferecem "*âmbitos permanentes para o exercício e a promoção da comunhão e da sinodalidade*" (ECI, Sinodalidade, 80). Mas a sua implementação formal não é suficiente. Pede-se que cada conselho "*não seja apenas um espaço consultivo, mas que se garanta a sua participação nas decisões sobre a governação e as mudanças estruturais*" (Camex).

80. Uma Igreja estruturada a partir de uma rede de conselhos permitiria estabelecer procedimentos institucionais de responsabilidade e transparência que partem das comunidades e ajudam a erradicar os abusos de consciência, de poder, espirituais, psicológicos, sexuais e económicos. Isso requer a criação de instâncias e protocolos de prevenção, reparação e justiça (cf. AE 355). Isto responderia a vozes

que vêem "*uma tensão entre o desejo de uma Igreja mais transparente versus uma cultura de secretismo*" (Cono Sur), e que pedem um maior "*compromisso para cuidar e ouvir as vítimas de abuso*" (Camex). Este e outros aspectos exigirão "*abertura a possíveis modificações no Direito Canónico que dêem forma jurídica à prática sinodal; especialmente que as instituições sinodais sejam reconhecidas por lei e que a lei ajude a garantir e a promover uma maior transparência*" (Cono Sur).

81. O surgimento de uma nova eclesialidade sinodal nos coloca o desafio de imaginar novas estruturas. Algumas já estão a surgir, como a Conferência Eclesial para a Amazónia (CEAMA) e a primeira Assembleia Eclesial da América Latina e das Caraíbas. No entanto, surgiu a preocupação de ver como articular a colegialidade episcopal e a eclesialidade sinodal, o que nos convida a pensar em como integrar a elaboração e a tomada de decisões, pois "*a dimensão sinodal da Igreja é deve exprimir-se através da realização e governo de processos de participação e discernimento capazes de manifestar o dinamismo de comunhão que inspira todas as decisões eclesiais*" (ECI, Sinodalidade 76). Do mesmo modo, estas novas estruturas colocam-nos perante formas de organização e de funcionamento que têm de ver como articular o sentido da fé de todos os fiéis, a autoridade episcopal e o serviço da teologia, porque o Espírito Santo fala através de todo o Povo de Deus no seu conjunto e não apenas através de alguns (os bispos) ou de um (o bispo de Roma, que tem o primado). "*Se o Povo de Deus não fosse o sujeito da decisão, não haveria sinodalidade. E se o Povo de Deus não é constitutivo de um corpo que toma decisões para a Igreja como um todo, este corpo também não é sinodal" (Ceama-Repam). Por tudo isto, entende-se que é necessário "renovar e repensar as estruturas da Igreja para responder aos desafios do mundo de hoje, interpretando os sinais dos tempos [e] um passo para isso é a reforma do Código de Direito Canónico*" (Bolivariana).

7. Vocações, carismas e ministérios em chave sinodal

82. "A *sinodalidade é a arte de valorizar, acolher e saber articular todos os dons e carismas que o Senhor nos deu, de modo que fluam e se tornem um canal de graça e bênção, e, por isso, é importante valorizar as diferentes vocações*" (Bolivariana). A Igreja é um Povo profético, sacerdotal e régio-servidor, onde todos os seus membros são sujeitos da vida teologal rumo à santidade. Recebem de Deus diferentes carismas para servir o bem comum (cf. AE 171).

83. A riqueza da diversidade dos carismas e dos ministérios foi repetidamente mencionada nos encontros regionais. Estes exprimem-se tanto nos dons que enriquecem a vida consagrada como nos dons muito variados dos diferentes leigos. Por isso, é necessário "*rever a estrutura da Igreja para que seja uma comunidade de*

comunidades, reconhecendo a unidade na missão com a diversidade de ministérios que o Espírito Santo concede através de dons a cada um dos seus membros, segundo a sua vocação, para não opor a dimensão carismática à dimensão institucional" (Bolivariana).

84. No entanto, uma Igreja "toda ministerial" não é necessariamente uma Igreja "toda ministerial instituída". Legitimamente, há muitos ministérios que decorrem da vocação batismal, incluindo ministérios espontâneos e outros reconhecidos, que não são instituídos e outros que são instituídos com a sua formação, missão e estabilidade. Alguns povos indígenas até referiram que têm os seus próprios ministérios, que já estão vivos, mas que não são reconhecidos pela instituição eclesial.

85. É necessário um profundo discernimento comunitário sobre os ministérios que devem ser criados ou promovidos à luz dos sinais dos tempos, especialmente entre os leigos. Estes não devem ser apenas para atender às necessidades internas da Igreja, mas como "*resposta e serviço ao mundo*" (Camex), porque "*a missão dos cristãos, antes de tudo, está no mundo*" (Ceama-Repam). Aqui ressoa a voz do Papa Francisco que, na exortação *Querida Amazónia*, fala de "*uma cultura eclesial marcadamente laical*" (QA 94). Devemos valorizar e promover "o serviço dos leigos na construção do mundo, na economia, na política, nas ciências, nas artes, etc." *como uma dimensão essencial para que "a Igreja seja um Povo profético, sacerdotal e régio*" (Caraíbas, Ceama-Repam).

86. Uma questão central é favorecer a participação dos leigos, especialmente das mulheres e dos jovens, nos cenários de decisão. Há uma presença maioritária de mulheres porque "*são elas que mais sustentam a Igreja*" (Camex) mas, por outro lado, são elas que "*precisam de estar abertas à incorporação e à participação nos espaços de decisão*" (Cono Sur). Há contribuições que apontam que esses espaços já existem em algumas de nossas igrejas locais, mas outras têm "*a sensação de que as mulheres são 'mão de obra barata' dentro da Igreja*" (Cone Sul) e é "*necessário criar e instituir novos ministérios, especialmente para as mulheres*" (Ceama-Repam). Muitas vozes consideram urgente a instituição do diaconado feminino, reconhecendo o que está a ser vivido em várias comunidades.

87. Desde o Concílio Vaticano II, o ministério sacerdotal passou por um profundo processo de renovação. No entanto, o clericalismo, entendido como a expressão do autoritarismo clerical, é repetidamente denunciado como a deformação do serviço ministerial num abuso de poder. Isto afecta não só o sacerdócio ordenado, mas é também uma tentação para todos os ministros da Igreja, incluindo os leigos. "*Vemos a necessidade de pensar numa conversão dentro da Igreja que supere o clericalismo e o machismo que exclui as mulheres dos processos de discernimento e de decisão, e isso é algo cultural que temos de enfrentar, mesmo que tenhamos de ir contra a maré. Fraternidade e irmandade é o que precisa ser cultivado*" (Cono Sur. Ceama-Repam).

88. Por isso, é importante "*dar passos para superar o clericalismo no laicado e*

no clero, assumindo a nossa missão a partir do princípio da subsidiariedade como um modo de proceder sinodal" (Bolivariana). A Igreja é mais sinodal quando caminha com todos os baptizados e os encoraja a viver a missão reconhecendo a sua dignidade comum como base para a renovação da vida eclesial e com ministérios em que a autoridade é serviço. "*A autoridade como serviço constrói a interdependência (nem dependência nem independência) sobre a base da vocação comum de discípulos*" (Bolivariana).

89. A revalorização da vida e da dignidade batismal, como fonte primária de todos os ministérios, exige um novo modelo institucional que contrarie o modelo piramidal que facilita o clericalismo. A sinodalidade oferece o quadro interpretativo adequado para pensar a renovação do ministério ordenado, que supõe, entre outras coisas, "*discernir a ministerialidade de todo o Povo de Deus em chave de corresponsabilidade*" e viver "*a ministerialidade como aliança com os pobres*" (Cone Sul).

90. Isto implica também repensar o modelo do ministério ordenado. Alguns dizem que nas suas comunidades existe um "*conflito entre o sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial*", bem como "*formas de sacerdócio que não respondem às necessidades do Povo de Deus*" (Camex). Assim, se queremos uma Igreja mais sinodal e missionária, "*é necessário repensar o perfil dos ministérios, especialmente dos ministros ordenados, para que exerçam o seu ministério 'na' comunidade e não 'sobre' ela*", com uma formação "*em estreita relação com os processos pastorais e a vida das pessoas que vão servir*" (Ceama-Repam).

91. Neste domínio do ministério ordenado, várias vozes defenderam que "*precisamos de um diálogo aberto e honesto sobre se a questão do celibato e da sua relação com o ministério sacerdotal ainda é útil*". (Caraíbas). Além disso, a possibilidade de ordenação sacerdotal de diáconos permanentes foi considerada favoravelmente, assim como alguns levantaram "*o serviço e a inclusão de sacerdotes casados e membros da vida consagrada que deixaram os seus institutos*" (Cone Sul).

92. De modo especial, a Assembleia Geral de outubro é convidada a abordar esta questão, promovendo uma revisão da teologia e das formas de uma Igreja ministerial, a formação e o perfil dos ministros, instituídos e ordenados, e a abertura de alguns ministérios às mulheres.

93. A vida consagrada, presente nas Assembleias Regionais, é consciente da ação do Espírito e sente um forte apelo a caminhar em comunhão com a Igreja, que é uma comunidade de discípulos iguais - pelo batismo - e partilha ministérios, vocações e carismas para a construção do Reino. Nasce na Igreja, cresce e é chamado a dar frutos evangélicos na comunhão viva do Povo de Deus fiel, pelo que anseia "*continuar a alimentar a experiência da sinodalidade e a ser força motriz para a dinamizar nos vários contextos e nas comunidades locais a que pertence, nas quais é constitutivamente chamado a ser presença profética sinodal expressa em encontros*

comunitários, Capítulos, Assembleias, serviços pastorais, etc." (Caraíbas). Os consagrados e as consagradas comprometem-se a viver como uma Igreja em saída e centrada no Evangelho e, portanto, mais pobre, missionária, enraizada nos contextos, pneumatocêntrica e em constante diálogo com a realidade.

94. Sinodalidade e vida consagrada estão interligadas no caminho de conversão, escuta e missão, com critérios de participação e corresponsabilidade, que definem também a identidade e a natureza da própria Igreja. Os dons hierárquicos e carismáticos caminham juntos para "*desaprender e erradicar todas as atitudes de dependência, submissão e silêncio no seio das comunidades, das Igrejas e da sociedade; e para eliminar o clericalismo introduzido no modo de nos relacionarmos com os outros membros da Igreja. Por isso, procuramos resgatar e valorizar as experiências sinodais vividas há muito tempo em algumas igrejas da América Latina para aplicá-las de forma renovada no nosso aqui e agora*" (Bolivariana).

8. Contribuições do itinerário sinodal da América Latina e das Caraíbas

95. Na Narrativa das assembleias regionais e na Introdução desta síntese apontamos peculiaridades do itinerário sinodal da Igreja latino-americana e caribenha. No desenvolvimento dos sete temas anteriores, reunimos as principais contribuições das assembleias e das sínteses para o *Instrumentum laboris*. Agora, como recapitulação projetiva, levantamos quatro questões centrais.

96. (I) Tanto o texto da nossa primeira Assembleia Eclesial como o Documento para a etapa continental promovem uma Igreja sinodal missionária. A primeira questão diz respeito às relações recíprocas entre eclesialidade, sinodalidade, ministerialidade e colegialidade. Ao longo do processo da Assembleia, sentimos a fecundidade recíproca e a tensão positiva entre a eclesialidade sinodal e a colegialidade episcopal. A recente caminhada do Povo de Deus no nosso meio, o discernimento da as vozes e expressões do *sensus fidei fidelium*, a participação responsável e corresponsável de todos, apresenta o quadro interpretativo adequado - teórico e prático - para nos escutarmos, dialogarmos e discernirmos juntos a partir da dignidade comum recebida na graça filial e fraterna do batismo. A nossa experiência mostra que, neste horizonte de comunhão, se enriquece o exercício do ministério episcopal como serviço pastoral ao Povo de Deus. Estamos a aprender que, se o ministério dos bispos não se situar numa eclesialidade sinodal, pode ser empobrecido por não receber os frutos de um amplo intercâmbio e por se sentir ameaçado como se a sinodalidade fosse uma democratização que põe em causa a instituição hierárquica da Igreja. Num processo vivido sinodalmente, a elaboração e a tomada de decisões por parte das autoridades competentes aumentam de legitimidade e favorecem um acolhimento mais positivo por parte da comunidade.

97. Neste contexto, surge uma questão que deveria ser examinada na próxima Assembleia Sinodal com discernimento espiritual, profundidade teológica e sentido pastoral. Trata-se das relações mútuas entre eclesialidade, sinodalidade, ministerialidade e colegialidade. Isto pode ser aprofundado com base no papel central do Espírito de Deus na vida e na missão da Igreja. A teologia dos sacramentos, especialmente do Batismo e da Ordem, as relações recíprocas entre o sacerdócio comum e o ministério ordenado, e as reformas dos ministérios e das estruturas da Igreja, incluindo a reforma do ministério do Sucessor de Pedro, podem ser analisadas numa perspetiva sinodal.

98. (II) O surgimento de uma eclesialidade sinodal renovada está impulsionando o desafio de imaginar reformas sinodais nas mentalidades, atitudes, práticas, relações e estruturas eclesiais. As inovações da Conferência Eclesial para a Amazônia e da primeira Assembléia Eclesial da América Latina e do Caribe mostram que não basta a criação de novas instituições, mas que elas devem ser acompanhadas de uma consciência e de uma formação que ajudem a articular a comunhão em formas novas, orgânicas e dinâmicas de participação comunitária. Não é possível levar a cabo as moções do Espírito para a Igreja do terceiro milénio sem uma espiritualidade de comunhão sinodal.

99. É preciso retomar de forma sinodal as orientações do Concílio Vaticano II para uma renovação permanente da Igreja na sua fidelidade a Jesus Cristo e na sua missão evangelizadora junto dos povos. A exortação conciliar de ser uma *Ecclesia semper reformanda* (UR 4, 6), ou uma *Ecclesia semper purificanda* (LG 8), são uma fonte de inspiração para a próxima Assembleia renovar a sinodalidade como comunhão, participação e missão. No novo contexto sinodal, a Igreja da América Latina e das Caraíbas continua a acolher esse apelo conciliar como um caminho de conversão pastoral e missionária.

100. Neste processo, surgem questões que não são novas, mas que estão a adquirir uma nova relevância. Qual é o valor magisterial dos resultados das Assembleias eclesiais? Não teriam maior validação e aceitação se fossem apresentados como orientações e documentos de todo o Povo de Deus de uma região, porque são fruto da escuta, do diálogo e do discernimento comum? O que aconteceria se algumas decisões de uma Assembleia fossem rejeitadas pelo órgão episcopal? Quando, como e onde se deveria proceder a votações consultivas e deliberativas? Podemos sonhar com uma configuração sinodal das Conferências Episcopais e das estruturas continentais como o CELAM? O discernimento espiritual, os fundamentos teológicos e o direito canónico devem certamente ser aqui conjugados.

101. (III) Desde o Concílio Vaticano II e com base no método da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, uma grande contribuição da Igreja da América Latina e das Caraíbas tem sido a reflexão sobre a fé e a orientação da evangelização, não só através do serviço dos bispos e dos teólogos, mas também através das contribuições da tradição sinodal do Povo de Deus. O ensinamento dos últimos Papas orienta-nos

a aprender do *sensus fidei* de todos os fiéis, sustentando ao mesmo tempo o serviço próprio daqueles que ensinam a fé da Igreja com autoridade apostólica. Parece-nos que o Sínodo deveria considerar o admirável intercâmbio entre o magistério do Povo de Deus, os pastores e os teólogos.

102. O método ver-julgar-agir adquiriu cidadania na Igreja latino-americana e caribenha, conforme expresso no Documento de Aparecida (cf. DAp 19). Foi aperfeiçoado e agora se enriquece com o método do diálogo espiritual, ao mesmo tempo em que o primeiro enriquece o segundo. Neste contexto, falamos do processo circular e progressivo configurado pelos respectivos momentos de ver - escutar - contemplar, julgar - discernir - interpretar, e agir - responder - planejar.

103. O pano de fundo do nosso método hermenêutico é a convicção de que Deus se comunica na história e falou plenamente através do seu Filho Jesus Cristo, que a sua Palavra é transmitida nas Sagradas Escrituras recebidas e comunicadas na Tradição da Igreja, e que Deus continua a falar através dos acontecimentos históricos, especialmente através dos sinais que marcam o tempo presente. No magistério da América Latina e das Caraíbas, a história, a teologia e a pastoral enriquecem-se mutuamente.

104. A Assembleia sinodal poderá aprofundar sinodalmente o discernimento comunitário na escuta do Espírito e a hermenêutica histórico-pastoral à luz do Evangelho de Cristo, a todos os níveis e em todos os âmbitos eclesiais, em conformidade com o ensinamento conciliar (cf. GS 11, 44).

105. (IV) A Igreja que peregrina na América Latina e nas Caraíbas reconhece-se como uma Igreja de Igrejas e uma comunidade de comunidades. Nos concílios e sínodos da primeira evangelização, e nas conferências pós-conciliares do nosso episcopado, houve valiosos intercâmbios entre igrejas locais, conferências episcopais e organismos regionais, que foram promovidos pelo CELAM. No seu ensinamento, o Papa Francisco refere-se à sinodalidade local, regional e universal, e neste momento estamos a viver um processo que começa nas igrejas locais, se enriquece nas conferências nacionais, atinge agora dimensões continentais, e na Assembleia será vivido a nível de toda a Igreja. Francisco inclui nas suas encíclicas, exortações e discursos as experiências eclesiais locais e o magistério das conferências episcopais, como o Documento de Aparecida (cf. EG 25, 122).

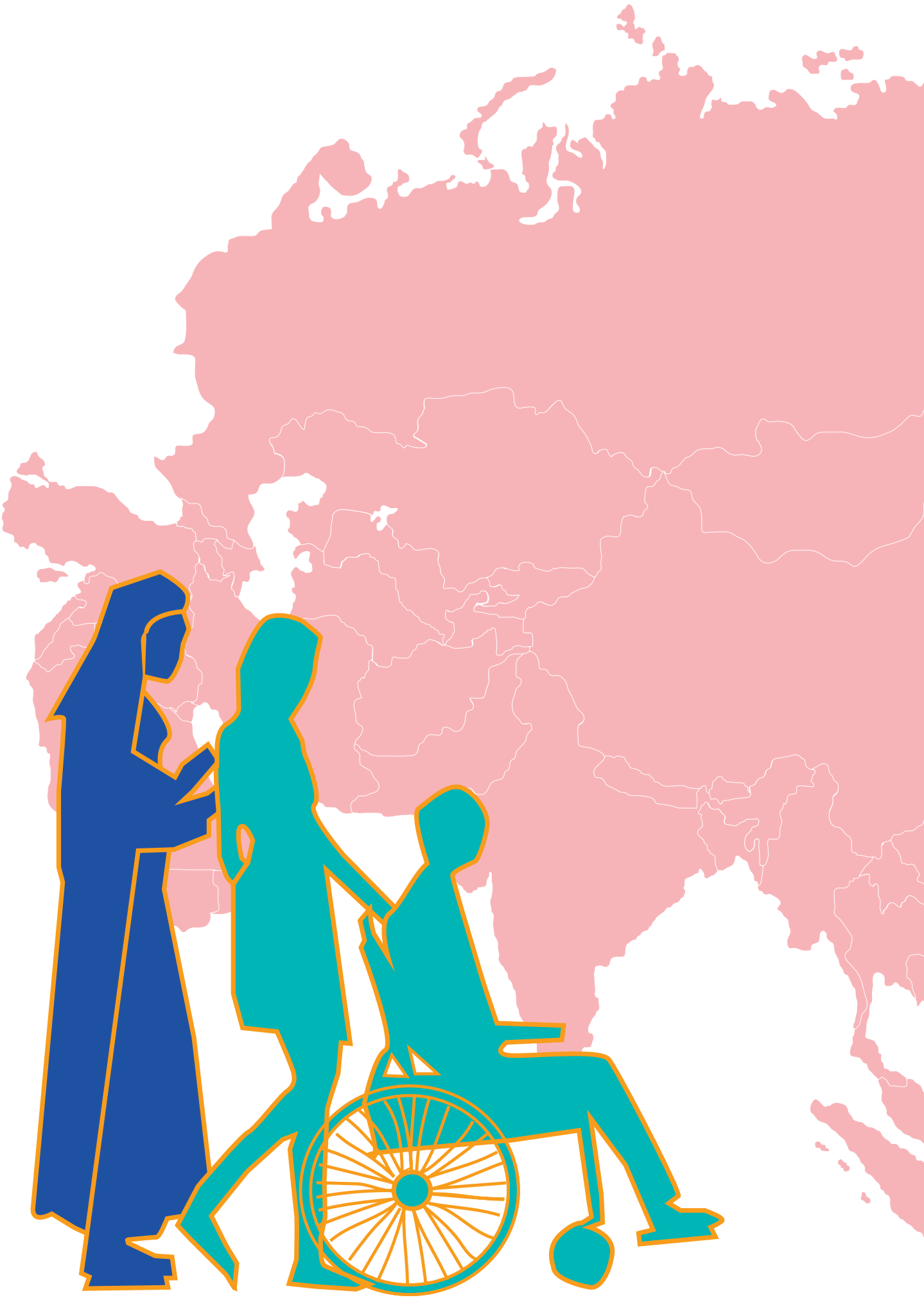
106. O apelo a viver e a agir sinodalmente impele-nos a redefinir as implicações mútuas entre o particular e o universal, o valor da experiência eclesial nas periferias e o seu impacto no todo, os equilíbrios certos e tensos entre as prioridades locais, nacionais, regionais e globais, e o desafio de nos abrirmos à harmonia, obra do Espírito. A próxima Assembleia poderá centrar-se nestas questões: como integrar as riquezas particulares na beleza do todo; como respeitar os ritmos e as exigências daqueles que caminham mais devagar; como superar uma prática predominantemente vertical, em que as igrejas particulares parecem subordinadas, com uma verdadeira comunhão

de igrejas na catolicidade universal; como superar uma prática predominantemente vertical, em que as igrejas particulares parecem subordinadas, com uma verdadeira comunhão de igrejas na catolicidade universal.

107. O texto da Assembleia Eclesial ensina: "*Desde o início da nossa história eclesial a Mãe de Deus sustenta a esperança dos povos do continente e é o grande vínculo espiritual de toda a América*" (AE 224). O nosso povo crente, espiritual e afetivamente mariano desde as suas origens guadalupanas e em todas as suas expressões locais, sente e sabe que "*há um estilo mariano na ação evangelizadora da Igreja. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho em direção aos outros, é o que faz dela um modelo eclesial de evangelização*" (EG 288). Do coração da fé e da piedade da nossa Igreja, pedimos à Virgem Mãe que nos sustente na esperança do caminho sinodal, porque ela é "*rainha e mãe da misericórdia, nossa vida, nossa doçura e nossa esperança*".

"Escutar os irmãos
e as irmãs sobre as
esperanças e as crises
da fé nas diversas
áreas do mundo,
sobre as urgências
de renovação da vida
pastoral, sobre os
sinais que provêm das
realidades locais."

(Papa Francisco)



DOCUMENTO FINAL DA ETAPA CONTINENTAL EM ÁSIA

“Por fim, temos a oportunidade de nos tornarmos uma Igreja da proximidade. Sempre voltamos ao estilo de Deus: o estilo de Deus é proximidade, compaixão e ternura. Deus sempre agiu assim. ”

(Papa Francisco)

I. O CONTEXTO ASIÁTICO

1. A Ásia, abençoada com diversas culturas, religiões, línguas e etnias, é o maior continente do mundo em termos de área geográfica e de população. Tem uma massa terrestre de 44,6 milhões de quilómetros quadrados, cerca de 30% da superfície total da terra. A Ásia è lar de cerca 4,6 mil milhões de pessoas, com mais de 2 300 línguas faladas em todo o continente. É também considerada o local de origem e o berço das principais religiões mundiais, como o hinduísmo, o islamismo, o cristianismo, o budismo, o jainismo, o sikhismo, o taoísmo, o confucionismo e várias outras seitas religiosas. O Islam é a religião mais proeminente e é praticado por 1,2 mil milhões de pessoas, seguido do Hinduísmo com 900 milhões de adeptos.

2. Embora os sistemas de crenças, valores e símbolos variem de lugar para lugar, a interconexão da comunidade humana une os povos asiáticos. O valor asiático de ser relacional (com Deus, consigo próprio, com os outros seres humanos e com o cosmos) traz consigo a unidade da família humana e a unidade dos povos da Ásia.

3. A Ásia detém a duvidosa distinção de ter o maior número de bilionários do mundo, por um lado, enquanto, por outro, tem 320 milhões de pessoas extremamente pobres, que vivem abaixo do limiar de pobreza, de acordo com o relatório do Banco Mundial. A recente pandemia veio agravar ainda mais a desigualdade e a divergência económica entre os que têm e os que não têm.

4. Também em termos políticos, vemos diversos sistemas de governação que incluem democracias parlamentares, regimes ditatoriais militares, governantes comunistas, monarquias constitucionais e formas de governo presidenciais.

5. Apesar dos benefícios que a unidade e a diversidade trazem à Ásia, esta está também enraizada em muitos desafios que afetam diretamente a Igreja e a vida das pessoas da Ásia. Alguns dos desafios são a pobreza generalizada em toda a Ásia, a ameaça ecológica que trouxe desequilíbrio à vida das pessoas, os desafios da corrupção sistémica, as vagas de migração económica em busca de uma vida melhor, a instabilidade política que causa perturbações internas à paz e à harmonia, e muito mais. Tudo isto tem um impacto direto sobre a Igreja, que procura ir ao encontro de todos os povos.

6. Embora o cristianismo continue a ser uma minoria muito pequena na maior parte da Ásia, a vitalidade e a riqueza das culturas individuais trazem alegria à vida da Igreja. O continente asiático é vasto e está dividido em quatro regiões reconhecíveis: Ásia Central, Oriental, Meridional e do Sudeste.

7. Fundado na nossa dignidade batismal comum, este caminho sinodal é de facto uma expressão da Igreja universal e das Igrejas locais que caminham juntas como uma só. Os efeitos positivos de trazer pessoas de todos os sectores da vida, dentro e fora da Igreja, para um processo de oração mútua, de escuta recíproca e de discernimento da voz do Espírito Santo, fazem surgir nelas uma nova experiência de vitalidade e dinamismo para a vida da Igreja.

8. Entre os 4 mil milhões de pessoas que vivem na Ásia, a Igreja Católica representa apenas 3,31% da população total, mas contribui grandemente nas áreas da educação, dos cuidados de saúde, da assistência social e da ajuda aos grupos pobres e marginalizados da sociedade.

9. Numa sociedade asiática pluralista, a Igreja Católica continua a difundir a mensagem de amor, capacitando os marginalizados através de uma educação de qualidade e integrando-os na corrente principal da sociedade.

10. Milhares de sacerdotes, homens e mulheres consagrados, juntamente com missionários leigos e catequistas, estão envolvidos na formação da fé e na resposta às necessidades espirituais e pastorais da comunidade católica em toda a Ásia.

II. O PROCESSO SINODAL

Fase Pré-Sinodal: 50ª Conferência Geral da FABC

11. A convocação do Papa Francisco para a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos surgiu quando a Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC) estava a preparar uma Conferência Geral – segundo o modelo do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM) – para realçar o contributo da Igreja na Ásia para a Igreja em geral. Com a aproximação do 50º aniversário do Encontro Asiático dos Bispos, que teve lugar durante a visita do Papa São Paulo VI a Manila em 1970, a Conferência Geral foi inicialmente marcada para novembro de 2020. No entanto, a pandemia do coronavírus obrigou a FABC a adiar a Conferência Geral para outubro de 2022.

12. A coincidência de ambos os movimentos foi considerada providencial: o processo da Conferência Geral estava a trazer para a ribalta a situação e os desafios atuais dos povos da Ásia, bem como a missão contemporânea das Igrejas na Ásia, enquanto o processo sinodal estava a fornecer a metodologia e, por vezes, até a criar os mecanismos de escuta para a realização das consultas da Conferência Geral.

13. Os frutos da Conferência Geral serão mais evidentes na secção sobre as "lacunas" abaixo. Estas representam as preocupações e prioridades que foram reconhecidas durante a Conferência Geral, mas que não foram amplamente abordadas nas respostas asiáticas ao Documento para a Fase Continental.

14. Como observou o Papa Francisco no início da Conferência Geral da FABC, Paulo VI encontrou na Ásia uma Igreja dos pobres, uma Igreja dos jovens e uma Igreja em diálogo. Cinquenta anos depois, a Igreja dos pobres é uma Igreja que cuida da nossa casa comum, a Igreja dos jovens está agora a navegar e a evangelizar o continente digital, e a Igreja em diálogo é chamada a construir pontes entre culturas, religiões e povos.

Primeira Fase: Igrejas da Ásia na FABC

15. A Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC) inclui 17 Conferências Episcopais[1], 2 Sínodos das Igrejas Orientais[2] e 3 Membros Associados[3]. Há 29 territórios incluídos na associação da FABC[4]. Há a esperança de acolher a Igreja na China continental como membro da FABC.

16. No final da Conferência Geral, foi publicado o Documento para a Etapa Continental (DCS). Os exemplares foram impressos e preparados a 28 de outubro e distribuídos a todos os participantes a 29 de outubro de 2022. O Grupo de Trabalho para a Ásia foi formado e aprovado pelo Comité Central numa reunião durante a Conferência Geral. A Task Force deveria coordenar todo o processo sinodal asiático.

17. A Task Force reuniu-se via Zoom a 7 de novembro de 2022. Foi enviada uma carta descrevendo o processo juntamente com o DCS e outras informações do Secretariado do Sínodo sobre a metodologia para a Etapa Continental, incluindo as FAQ. As datas para a Assembleia Continental Asiática sobre a Sinodalidade foram fixadas para 24 e 26 de fevereiro de 2023.

18. Os 22 membros do FABC foram convidados a responder em 10 páginas ao DCS até 15 de janeiro de 2023. A Task Force enviaria então aos membros um projeto de enquadramento do documento final asiático até 15 de fevereiro de 2023. Foram recebidas 21 das 22 respostas. O relatório foi enviado, como previsto, em 15 de fevereiro.

19. A maioria das pessoas constataram que havia muito pouco tempo para concluir o trabalho, uma vez que se sobrepunha ao Advento e ao Natal. As traduções necessárias demoraram algum tempo, dada a diversidade de línguas na Ásia. Cada conferência escolheu a sua forma de responder ao DSS. Isto incluiu a utilização das equipes sinodais existentes a nível de decanato, diocesano e nacional. Em alguns locais, realizaram-se reuniões em linha. Foram utilizadas reuniões de pequenos grupos, grupos de discussão, assembleias, sempre que possível, e conselhos presbiterais.

Segunda fase: Discernimento e equipe de redação

20. A segunda fase é a redação do projeto de quadro de síntese dos relatórios das Conferências Episcopais. Realizou-se no Camillian Pastoral Care Centre, em Banguecoque, Tailândia, de 31 de janeiro a 4 de fevereiro de 2023. O Comité Central da FABC nomeou a Task Force Asiática para ser a Equipe de Discernimento e Escrita

[1] Catholic Bishop's Conference of Bangladesh (CBCB), Catholic Conference of Central Asia [Conferenza Episcopale Cattolica dell'Asia Centrale] (CECAC), Conference of Catholic Bishops of India (CCBI), Catholic Conference of India (CBCI), Catholic Bishop's Conference of Indonesia [Konferensi Waligereja Indonesia] (KWI), Catholic Bishop's Conference of Japan (CBCJ), Catholic Conference of Korea (CBCK), Catholic Bishop's Conference of Laos and Cambodia [Conférence Episcopale du Laos et du Cambodge] (CELAC), Catholic Bishop' Conference of Malaysia-Singapore-Brunei (CBCMSB), Catholic Bishop's Conference of Myanmar (CBCM), Pakistan Catholic Bishop's Conference (PCBC), Catholic Bishop's Conference of the Philippines (CBCP), Catholic Bishop's Conference of Sri Lanka (CBCSL), Chinese Regional Bishop's Conference (CRBC) [Taiwan], Catholic Bishop's Conference of Thailand (CBCT), Conferencia Episcopal Timorense (CET), Catholic Bishop's Conference of Vietnam (CBCV).
[2] Sínodo dos Bispos Siro-Malabar (Índia), Igreja Católica Siro-Malankara (Índia).
[3] Diocese de Hong Kong, Diocese de Macau, Vicariato Apostólico do Nepal.
[4] Afeganistão, Bangladesh, Brunei, Camboja, Hong Kong, Índia, Indonésia, Japão, Cazaquistão, Coreia, Quirguizistão, Laos, Macau, Malásia, Mongólia, Myanmar, Nepal, Paquistão, Filipinas, Singapura, Sri Lanka, Taiwan, Tajiquistão, Tailândia, Timor Leste, Turquemenistão, Uzbequistão, Vietname.

e para realizar a tarefa de elaborar um projeto de quadro. A equipe foi alargada e era composta por 9 pessoas: 2 leigos (1 mulher e 1 homem), 1 mulher consagrada e 6 padres, com o Secretário-Geral da FABC a supervisionar o processo, representando as quatro regiões da FABC, nomeadamente a Ásia do Sul, o Sudeste Asiático, a Ásia Oriental e a Ásia Central.

21. Durante quatro dias, a equipe dedicou-se à oração, à partilha e às conversas, à escuta, ao discernimento e à redação do projeto de quadro na atmosfera e no espírito da sinodalidade. A equipe foi dividida em 3 grupos que leram os relatórios de 7 países. Cada equipe discerniu os temas comuns, o contexto e as peculiaridades ao responder às 3 perguntas do DSC, nomeadamente Ressonâncias, Tensões e Prioridades, utilizando a metodologia do diálogo espiritual.

22. A equipe reuniu-se em plenário para continuar a refletir e discutir as suas ideias e redigiu o projeto de quadro. A equipe iria novamente rezar, refletir e discernir enquanto continuava a rever, melhorar e desenvolver o projeto de enquadramento. O projeto de documento de enquadramento foi enviado a todas as Conferências Episcopais e Membros Associados a 15 de fevereiro de 2023.

23. A equipe planeou também o programa para a Assembleia Continental Asiática. A experiência de quatro dias enriqueceu-os tanto que propuseram o mesmo processo de discernimento na assembleia asiática. O programa foi apresentado à Direção Central da FABC para comentários e aprovação.

Terceira fase: Assembleia Continental Asiática

24. De acordo com o procedimento delineado durante a Conferência Geral FABC 50, foi pedido a cada Conferência Episcopal que enviasse três delegados e cada Membro Associado poderia enviar dois delegados à Assembleia Continental Asiática sobre Sinodalidade, que se realizou de 24 a 26 de fevereiro de 2023. Foi ainda determinado que estas delegações deveriam ser constituídas pelo bispo presidente ou pelo seu delegado e por dois outros escolhidos com base nos DCS 108 e 109. Os delegados receberam informações sobre a reunião com antecedência, juntamente com instruções de preparação para este evento.

25. No dia 23 de fevereiro, os participantes chegaram ao Centro de Formação Pastoral Baan Phu Waan, em Banguecoque, Tailândia. Aos delegados de 17 Conferências Episcopais, 2 Sínodos de Ritos Orientais e 3 Membros Associados da FABC juntaram-se membros do Secretariado Geral do Sínodo, o Relator Geral da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos e vários outros convidados. O número de participantes asiáticos na Assembleia foi: 6 Cardeais, 5 Arcebispos, 18 Bispos, 28 sacerdotes, 5 mulheres consagradas, 7 leigos e 11 mulheres leigas.

26. Antes do início das sessões, os participantes receberam os seguintes materiais como recurso para o discernimento e o debate: O Documento da Etapa Continental (DCS), uma cópia do Projeto de Enquadramento para o Documento Final (FD) preparado pela Equipe de Discernimento e Redação,e uma compilação da Catequese do Papa Francisco sobre o Discernimento.

27. No nosso esforço para compor um rascunho do Documento Final que será submetido ao Comité Central da FABC após "validação e aprovação" e deste órgão, que será então encaminhado para o Secretariado Geral, a Assembleia Continental Asiática incluiu os seguintes elementos: conversação espiritual; contributos de breves apresentações; períodos de oração comuns e individuais; discussão geral e em pequenos grupos, revisão e reformulação de versões do rascunho (que foi criado utilizando um texto de enquadramento proposto pela Equipe de Discernimento e Redação); e um fórum durante as sessões plenárias para intervenções dos participantes.

28. Os grupos foram intencionalmente concebidos para consistirem numa mistura de pessoas de várias conferências e diferentes estados de vida (isto é, clérigos, pessoas consagradas, leigos, etc.). A tecnologia de Inteligência Artificial (IA) ajudou no processo de compilação dos contributos derivados do trabalho de grupo.

29. As respostas dos grupos às sessões de discernimento que aprofundaram as diferentes partes do projeto de documento foram lentamente integradas, dia após dia, no projeto de trabalho, à medida que a equipe se reunia no final de cada dia. Além disso, foram acrescentadas mais duas etapas para que os participantes contribuíssem para a redação do projeto: em primeiro lugar, ao apresentar o projeto editado a todos os participantes nos pequenos grupos, a equipe perguntou o que gostariam de alterar e o que gostariam de acrescentar. Em segundo lugar, depois de a equipe ter integrado as alterações e os aditamentos dos pequenos grupos, pediu novamente a todos os participantes que lessem o texto completo e reflectissem em grupo sobre o que a equipe tinha deixado passar de forma significativa.

30. As sessões de trabalho terminaram com uma expressão de afirmação unânime do projeto de documento por parte dos vários grupos de participantes. De seguida, os membros da assembleia debateram as duas questões seguintes: (1) Que estruturas eclesiais devem ser alteradas ou criadas para reforçar a sinodalidade da Igreja na Ásia? (2) O que é que gostaria que acontecesse entre a sessão de outubro de 2023 e a sessão de outubro de 2024 do Sínodo sobre a Sinodalidade?

31. O Cardeal Charles Bo, presidente da FABC, presidiu à liturgia de encerramento da Assembleia, durante a qual os representantes da Assembleia apresentaram o projeto provisório do Documento Final da Assembleia Continental da Sinodalidade Asiática.

Quarta fase: Discernimento e equipe de redação

32. A equipe de discernimento e redação foi encarregada de finalizar o documento final. Reuniu-se de 27 a 28 de fevereiro de 2023, a fim de incorporar as alterações sugeridas pelos delegados da Assembleia. A equipe também participou ativamente na assembleia, juntando-se aos grupos nos debates, nas conversas espirituais e no discernimento comunitário. A escuta de todos e o sentir o pulso dos participantes ajudaram o processo de discernimento na redação do Documento Final.

33. A edição final do documento foi feita num espírito de escrita comunitária, companheirismo caloroso e discernimento em oração. A Equipe enviou então o seu

trabalho ao Comité Central da FABC para "validation e approval."

Quinta Fase: Comité Central da FABC

34. O Documento Final da Assembleia Continental Asiática sobre Sinodalidade foi apresentado ao Comité Central da FABC na sua reunião online de 3 de março de 2023. Esta reunião serviu para que os Bispos-Presidentes das Conferências Episcopais validassem e aprovassem o Documento Final da Assembleia Continental Asiática, assegurando que este era fruto de um percurso autenticamente sinodal, guardando a unidade da Igreja que nunca poderá degenerar em uniformidade ou polarização.

35. Após ter deliberado sobre o projeto de documento final, o Comité Central da FABC, em 3 de março de 2023 aprova e valida o documento final com algumas variações muito pequenas a serem incorporadas, indicando que deveria ser editado aida mais e depois ser enviado ao Secretariado do Sínodo como o Documento Final para a Assembleia Continental Asiática do Sínodo.

III. SENTIMENTOS GERAIS EM RELAÇÃO AO PROCESSO

36. Apesar dos desafios, o caminho sinodal não é um processo democrático, mas é um momento de graça e de cura para a Igreja. A imagem da Igreja como tenda sugere um lugar de refúgio que pode ser alargado a todos num espírito de inclusão. Expressa também que Deus pode armar a sua tenda onde quer que o Espírito de Deus sopre, incluindo em lugares onde há violência, agitação e sofrimento.

37. Mais importante ainda, na tenda há espaço para todos, sem que ninguém seja excluído, porque é casa para todos. Neste processo, aqueles que no passado se sentiam "deixados fora" aperceberam-se agora de que têm uma casa nesta tenda, um espaço sagrado e seguro. A maioria dos inquiridos respondeu positivamente à imagem da tenda.

38. A imagem da tenda recorda-nos também que Jesus montou a sua tenda entre nós através da encarnação e, por isso, a tenda é também um lugar de encontro com Deus e uns com os outros. A tenda, agora vista como a casa comum, reavivou também o sentido de pertença e de partilha do batismo comum. O processo sinodal trouxe uma maior consciência da importância de caminhar juntos na Igreja como uma comunhão de comunidades para o crescimento orgânico da Igreja.

39. A consulta continental nos respectivos países assumiu formas variadas. Alguns países conseguiram envolver muitas pessoas de diferentes sectores da vida, enquanto outros só conseguiram reunir grupos mais pequenos de pessoas. Como já foi referido,

os desafios do tempo e da língua tornaram-se um obstáculo para alguns países. No entanto, aqueles que participaram neste processo de reflexão sobre o Dicastério contribuíram de forma construtiva através de um espírito de oração e discernimento para o melhoramento da Igreja.

40. O envolvimento de um número tão vasto de pessoas no processo sinodal revelou um profundo amor pela Igreja, apesar das deficiências e fraquezas da Igreja enquanto instituição.

41. A incapacidade de traduzir o DCS para as muitas línguas vernáculas foi outra limitação sentida pelas Igrejas na Ásia. No entanto, a Conferência Geral FABC 50, realizada em outubro de 2022, foi de facto uma bênção na preparação para esta fase do processo sinodal.

42. Muitas das conversas que foram realizadas antes e durante a Conferência Geral da FABC já traziam indicações sobre o contexto da Igreja e da Ásia. Ao "ouvir" os relatórios, notou-se que, no horizonte, permanece um senso de esperança e alegria para que a Igreja siga em frente por causa do amor de Deus por Seu povo. Estamos convencidos de que o Espírito Santo não para nem falha em inspirar o povo de Deus a se mover na direção da conversão pessoal, comunitária e estrutural.

43. Reconhecemos também que o processo de realização das conversações sinodais, tal como solicitado, foi por vezes doloroso e inquietante, ao mesmo tempo que nos tornou vulneráveis uns aos outros.

44. O Documento para a Etapa Continental (DEC) conseguiu, de uma forma sucinta, captar as esperanças, as aspirações, as desolações e os desafios das pessoas, abrindo assim a porta a uma maior renovação da vida da Igreja. O convite a ouvir pessoas de todos os sectores da vida demonstra a abertura ao outro e o espírito de diálogo facilita a convivência como uma unidade: "Permitir este encontro e diálogo é o significado do caminho sinodal" (DEC, 6).

45. O que o DEC tem conseguido fazer é ser o catalisador de conversas espirituais mais profundas. Em muitos locais, foi efetivamente vivido como um momento de sinodalidade viva na Igreja através de um processo de identidade partilhada e de responsabilidade partilhada.

46. O sentimento geral de preocupação pela Igreja, demonstrado pela participação de todos neste processo, reflecte uma inclinação natural ou orgânica para uma sinodalidade autêntica. Em alguns países, o "processo de escuta" em si não era novo, porque já existiam mecanismos para implementar planos pastorais de Igrejas e comunidades locais a vários níveis, o que criou sinergia e convergência com o espírito de sinodalidade.

47. A própria FABC tem desempenhado um papel vital na vivência da sinodalidade entre as Conferências Episcopais. Isto capta de facto o sentido de caminharmos juntos como membros do Corpo de Cristo em direção ao reino de Deus e, nesse processo,

sermos capazes de alargar as nossas experiências e ampliar a tenda.

48. Tendo em conta estas observações gerais que não só forneceram o *local* para a Igreja na Ásia refletir sobre o DEC, também reconhecemos que a vasta diversidade de pontos de vista e experiências em toda a Ásia tornou difícil sintetizar todas as oportunidades e desafios levantados pelos diferentes países. Guiados pelo Espírito Santo, os parágrafos que se seguem fornecem uma visão das ressonâncias, tensões e prioridades articuladas pelas Igrejas na Ásia.

49. A Equipe de Discernimento e Escrita tomou também a liberdade de identificar algumas das lacunas (*lacuna*) que sentimos estarem ausentes ou não serem suficientemente tratadas nos relatórios enviados pelas Conferências Episcopais, mas que foram pontos-chave de discussão na Conferência Geral FABC 50. Rezamos e esperamos que as reflexões que se seguem sejam fiéis à mente e ao coração dos respectivos processos empreendidos pelos países da Ásia.

IV. RESSONÂNCIAS ASIÁTICAS

Depois de ter lido e rezado com o DCE, que intuições ressoam mais fortemente com as experiências vividas e as realidades da Igreja no vosso continente? Que experiências são novas ou esclarecedoras para si?

50. As ressonâncias que as Igrejas da Ásia sentiram enquanto reflectiam sobre o DSS são sublinhadas pelo facto, já mencionado anteriormente, de que existe um profundo amor pela Igreja. Nesse amor profundo pela Igreja residem emoções variadas como a alegria, a tristeza, a vulnerabilidade e a ferida.

51. Apesar desta mistura de emoções e da diversidade da Ásia, que engloba etnias, raças, culturas, línguas e religiões, o espírito de sinodalidade, tal como é pedido pela Igreja, desafia-nos (Igreja) a ter a coragem de "caminhar juntos" apesar de alguma resistência no seio da Igreja, da falta de apreço pela rica espiritualidade da Ásia e também da perda do sentido do pecado.

52. Apesar de o processo ter sido bem recebido e facilitado em todos os países da Ásia, alguns relatórios mencionaram que o processo de consulta e de escuta trazido pela viagem sinodal poderia causar algum desencanto e desapontamento devido à falta de uma explicação clara e de aceitação do objetivo de reunir e escutar. A tentação de se envolver neste processo poderia ser descrita como mais política ou mesmo ideológica (ou seja, como se assemelhando mais a um fórum de discussão de tipo parlamentar) do que como um verdadeiro esforço sinodal numa perspetiva católico-cristã. Alguns fiéis são cépticos quanto ao objetivo e ao resultado prospetivo de um tal processo sinodal.

53. Algumas dioceses mantêm esta dúvida persistente sobre se as vozes dos que

vivem em contextos minoritários e das comunidades cristãs tradicionais teriam igual influência no processo sinodal e mesmo nos seus resultados. Foi também referido que ouvir é uma tarefa difícil, porque muitas pessoas preferem ser elogiadas em vez de criticadas ou comentadas. Aqueles que ousaram falar foram por vezes considerados antagonistas por certos sectores da comunidade, porque os seus comentários e opiniões foram vistos como não sendo do pensamento dominante ou podendo ter um impacto negativo na Igreja como um todo.

A experiência da alegria

54. É preciso notar que o processo sinodal exigido pela Igreja universal é ao mesmo tempo uma experiência espiritual e uma viagem espiritual. Por isso, é necessário pôr de lado os nossos egos, esvaziarmo-nos de nós próprios e escutar Deus, para que possamos renovar-nos constantemente sob a orientação do Espírito Santo e aprofundar o espírito da sinodalidade.

55. A dinâmica de escutar o mais amplamente possível, que está enraizada no processo sinodal, motivou de facto a Igreja a escutar mais atentamente e a discernir sabiamente onde é que o Espírito Santo nos está a conduzir para abraçarmos e nos tornarmos uma Igreja mais sinodal.

56. Este caminho que iniciámos ajuda-nos a perceber a verdadeira natureza da Igreja e a capacidade de ver a situação da Igreja. A experiência da alegria é reforçada porque o processo sinodal é certamente um lugar de graça, de encontro e de transfiguração.

A experiência de caminhar juntos

57. O processo de caminhar juntos traz às Igrejas locais uma maior consciência dos seus contextos únicos e das suas ricas culturas em toda a Ásia, incluindo a das comunidades indígenas que são frequentemente negligenciadas e esquecidas. Esta riqueza precisa de ser alimentada através da comunhão e do diálogo como uma experiência de caminhar juntos.

58. Como católicos na Ásia que vivem na diversidade, procuramos melhorar a qualidade da nossa amizade uns com os outros, ouvindo, respeitando e cuidando uns dos outros, para que possamos ser uma boa mãe e um exemplo para trazer paz e unidade ao mundo. A formação da fé, que se baseia na palavra viva de Deus, é fundamental para a espiritualidade sinodal.

59. Ao caminharmos juntos, o caminho sinodal reuniu-nos à mesa do Senhor, para que, através d'Ele, n'Ele e com Ele, nos apercebêssemos da nossa inclinação natural e orgânica para a sinodalidade e fôssemos inspirados e fortalecidos para percorrer e descobrir novos caminhos para a Igreja na Ásia.

60. É animador ler repetidamente o profundo amor pela Igreja de tantas Igrejas locais em todo o mundo. Este amor e compromisso com a fé ressoa em todo o SCD e reflecte certamente o sentimento quase universal expresso pelos católicos em todo o mundo.

61. A experiência de caminhar juntos também é prejudicada por ameaças externas que tornam a vivência da fé um desafio. Verificou-se que, em vários países da Ásia, ainda há muitos cristãos que sofrem várias ameaças pelo facto de manterem a sua fé.

62. Apesar destas novas formas de "martírio" , muitos continuam a ser fiéis à fé e estão mesmo dispostos a dar a vida por ela. Em algumas zonas, registaram-se ameaças e violência contra os cristãos, enquanto noutras zonas há outras formas de os cristãos serem discriminados pelas suas crenças.

A experiência das feridas

63. Os relatórios também se referiam às vulnerabilidades e às feridas das Igrejas na Ásia, sublinhando a necessidade de cura. Entre as muitas feridas da Igreja contam-se os abusos relacionados com as finanças, a jurisdição, a consciência, a autoridade e o sexo. Estes abusos teriam certamente dado uma imagem negativa da Igreja, o que levou a que alguns a abandonassem devido à falta de credibilidade. Também ao nível da governação, a falta de transparência e de responsabilidade conduziu a uma crise de credibilidade na Igreja.

64. Os relatórios também apontam para o facto de que, devido a estes abusos, há uma crescente intolerância, ressentimento e negativismo contra a Igreja. Estes são expressos através dos meios de comunicação social, da imprensa escrita e de outros domínios públicos. A responsabilidade pela Igreja deve pertencer a todos e, por isso, todos devem poder participar ativamente no processo de tomada de decisões através do discernimento comunitário.

65. Existe também uma profunda preocupação com a falta de inclusão suficiente das mulheres nos processos de governação e de tomada de decisões na Igreja. As mulheres de vida consagrada, apesar de estarem empenhadas nos vários ministérios da Igreja, experimentam um sentimento de alienação e as suas vozes não são muitas vezes suficientemente ouvidas nas decisões do governo da Igreja. Elas estão ativamente envolvidas e os seus serviços empenhados são muito evidentes.

66. As conversações sinodais apelaram a um repensar da participação das mulheres na vida da Igreja, dado que as mulheres desempenharam um papel importante na Bíblia. Há uma necessidade na Igreja de uma renovação das estruturas de governação que permita uma participação significativa das mulheres em todos os aspectos da Igreja.

67. Os relatórios reconhecem a falta de compreensão e o fracasso da Igreja em prestar cuidados pastorais suficientes a alguns grupos de pessoas que fazem parte da Igreja, mas que muitas vezes têm dificuldade em sentir-se bem-vindas. Entre eles contam-se os pais solteiros, as pessoas em situações matrimoniais irregulares, os casamentos mistos, as pessoas que se identificam como LGBTQIA+, bem como os migrantes e outros.

68. Diversos relatórios levantaram sérias preocupações sobre a ausência dos jovens em muitas Igrejas e especialmente no processo de tomada de decisões. Ao mesmo tempo, os jovens continuam a inspirar e a desafiar toda a Igreja a ter a

coragem de assumir riscos e de fazer mudanças.

69. Muito esporadicamente, alguns relatórios fazem uma breve referência à situação dos povos indígenas. Também se verificou que muitas das suas aspirações e vozes não foram suficientemente realçadas no DDC.

70. Ao mesmo tempo, a escuta do clamor dos pobres e da terra foram questões que não foram tratadas adequadamente, uma vez que são preocupações graves para os povos da Ásia. O papel da Igreja deve ser o de escutar as comunidades vulneráveis e trabalhar no sentido de as proteger, bem como ao seu ambiente, direitos e privilégios.

71. Algumas das feridas sentidas nas Igrejas foram provocadas pela infiltração de ideologias como o individualismo, o consumismo e o materialismo, causadas pelo rápido crescimento económico e pela liberdade de acesso aos meios de comunicação social. Embora muitos destes factores possam ter trazido desenvolvimento a muitas partes da Ásia, a Igreja também é influenciada pelos seus vários efeitos secundários.

72. A voz da Igreja tem sido silenciada por regimes opressivos, de tal forma que não tem sido possível à Igreja desempenhar o seu papel profético. O silêncio também levou a uma complacência passiva agravada pelo medo e, por vezes, até pela apatia. Necessidade de Igrejas em toda a Ásia para apoiarem as Igrejas sob regimes opressivos de uma forma que não ameace ou ponha em risco a sua existência.

O apelo para abraçar novos caminhos

73. A experiência de alegrias e feridas em toda a Ásia só pode ser vista como uma oportunidade para explorar novos caminhos em direção a uma Igreja sinodal. Permanecer juntos como um Corpo unido de Cristo exige uma nova visão na missão pastoral de uma "nova Igreja", uma Igreja sinodal.

74. A Igreja deve começar com um espírito de inclusão, onde todos se sintam acolhidos e com um sentimento de pertença dentro da tenda. Como povo de Deus, ninguém deve ser excluído; mesmo que sejam frágeis e fracos, o inclusivismo na Igreja é um imperativo para a Igreja sinodal.

75. A diversidade de religiões na Ásia torna quase obrigatório o diálogo ecuménico e inter-religioso como forma de construir a paz, a reconciliação e a harmonia. Muitos relatórios falam de um empenhamento frutuoso com outros cristãos e pessoas de outras religiões. Apesar da diversidade de religiões e culturas na Ásia, existem ainda limitações nas questões relativas ao diálogo ecuménico e inter-religioso.

76. Em alguns lugares, este impulso para o diálogo tem sido uma iniciativa exclusiva da Igreja Católica e há momentos em que não há reciprocidade. Também tem sido visto como iniciativa do clero e não dos leigos.

77. Alguns exprimiram reservas relativamente a estes diálogos por várias razões, incluindo desconfiança e suspeição quanto aos motivos dos mesmos. A Igreja

desempenha um papel importante na construção de pontes para a paz, a reconciliação, a justiça e a liberdade.

78. Embora muito pouco seja mencionado sobre a proteção (menores e vulneráveis) nos relatórios asiáticos, é necessário desenvolver e alimentar o ambiente de uma cultura de proteção na Igreja, a todos os níveis.

79. O processo sinodal apelou a uma escuta alargada de uns e de outros para que se operasse uma transformação a todos os níveis da Igreja. Juntamente com os leigos e as mulheres e homens consagrados que têm vindo a dizer que não foram ouvidos ou que não lhes foi dada voz na Igreja, alguns padres sentiram que não foram suficientemente ouvidos, ao ponto de se sentirem negligenciados.

80. Lendo os relatórios, há um forte sentimento de uma Igreja virada para dentro, que deve lançar as suas redes cada vez mais longe. A missão *ad-extra* deve estar no centro das Igrejas da Ásia. Temos a tarefa de transformar uma abordagem da vida espiritual virada para dentro, individualizada e polarizada, numa abordagem mais missionária, comunitária e integrada.

81. A tenda precisa de ser alargada da forma mais conhecida pelas respectivas Igrejas na Ásia, para que possamos avançar de forma promissora e cumprir a nossa missão como Igreja.

82. As Igrejas na Ásia têm sido capazes de se relacionar e de se identificar com muito do que foi dito no DDC. Isto apenas indica que existem muitas semelhanças com as Igrejas de outros países e continentes, pelo que damos graças a Deus por estarmos todos juntos nesta viagem.

83. Também reconhecemos que algumas destas questões podem ser peculiares a certas regiões, mas consolamo-nos com o facto de que, ao caminharmos juntos, pode haver uma renovação na Igreja e a expansão do reino de Deus.

V. TENSÕES ASIÁTICAS

Depois de ter lido e rezado com o DEC, que tensões ou divergências substanciais emergem como particularmente importantes na perspetiva do seu continente ? Consequentemente, quais são as questões ou assuntos que devem ser abordados e considerados nas próximas etapas do processo?

84. Depois de termos rezado, estudado e lido os diferentes relatórios, estamos cheios de esperança de que esta viagem sinodal dê frutos, não só para alargar a tenda, mas também para reconhecer a ação do Espírito Santo nas Igrejas de toda a Ásia.

85. Ao lerem o CDS, as Igrejas da Ásia também reconheceram algumas tensões universais e outras que são específicas do contexto da Ásia. Tendo em conta que algumas destas tensões são muito mais complexas do que parecem, a nossa tarefa não é procurar soluções neste momento, mas sim reconhecer estas tensões e divergências e refletir mais sobre o que o Espírito Santo está a dizer à Igreja na Ásia.

Tensões na sinodalidade viva

86. A Igreja é composta por pessoas de todos os estados de vida (clero, consagrados e leigos); no entanto, parece haver uma espécie de divisão dentro da Igreja - entre o clero e os leigos, bispos e padres/congregações religiosas, grupos e movimentos eclesiais, dioceses e conferências e mesmo fora dela, entre a Igreja e as autoridades políticas e até entre religiões, como indicado em muitos dos relatórios. No espírito de uma Igreja participativa, a experiência de liderança no "modelo de servidor" precisa de maior atenção para viver a sinodalidade.

87. O desafio de nos tornarmos mais participativos é muitas vezes dificultado por estilos de liderança que impedem (por vezes até excluem) outros de viverem o seu chamamento batismal para serem autênticos discípulos. O modelo de liderança do servo é dificultado e, por vezes, contra-testemunhado quando os padres tendem a dominar e até a parecer imponentes, dominadores e autoritários em relação aos leigos. A reconfiguração do papel dos leigos inclui a expansão dos espaços para um possível ministério leigo através de uma variedade de carismas, incluindo o aconselhamento e a orientação profissional para os jovens, a assistência aos doentes, a educação e a proteção das crianças.

88. Reconhecemos também o trabalho dos catequistas na Ásia, que não são apenas professores de fé, mas também líderes da comunidade por direito. Por séculos eles preparam os fiéis para os sacramentos e os acompanham na vivência da fé. Afirmamos, portanto, a directiva do Papa Francisco que as Conferências Episcopais... tornem efetivo o ministério do Catequista (cf. *Antiquum Ministerium*, n. 9).

89. Reconhecendo as tensões entre o clero, os religiosos e as religiosas e os leigos, o tema da corresponsabilidade de todos na vida e na missão da Igreja foi repetidamente abordado nos relatórios. Muitos problemas surgem quando o exercício do poder está divorciado da responsabilidade e da transparência.

Tensões na tomada de decisões

90. Verificou-se que, em alguns locais, não existe responsabilidade colaborativa no processo de discernimento e de tomada de decisões, sendo muitas vezes deixada apenas aos padres ou aos bispos. As vozes da minoria e mesmo dos leigos não são tidas em conta neste processo. Por vezes, há um diálogo superficial e falta de consulta mesmo nas estruturas recomendadas ou prescritas pelo Direito Canónico, como o conselho pastoral e o conselho económico. Algumas Igrejas consideram isto uma forma de clericalismo, porque é dominado pelo clero.

91. A falta de responsabilidade e transparência na tomada de decisões e nas questões financeiras da Igreja levou a uma maior divisão na caminhada conjunta

no espírito de uma Igreja sinodal. Aqueles que questionam estes assuntos são por vezes excluídos da Igreja. Os estilos autoritários e dominadores de liderança não existem apenas entre o clero, mas há também líderes entre os leigos que exibem tais características. Esta tensão continua a dificultar o caminho para sermos uma Igreja participativa de forma sinodal.

92. No contexto asiático, onde o respeito pelos líderes é um valor inerente, há instancias em que os leigos são demasiado deferentes para com o clero e há uma grande possibilidade de esse respeito ser abusado, e o poder e o controlo tornam-se o *modus operandi*. Isto enfraquece ainda mais a corresponsabilidade dos "não clérigos" na missão da Igreja, bem como na sua governação.

Tensões nas vocações sacerdotais

93. Foi também referido que a visão excessivamente crítica do clero contribuiu para a diminuição das vocações para o sacerdócio nalgumas partes da Ásia. Há regiões na Ásia onde há uma necessidade crescente de sacerdotes para servir e para que a fé cresça continuamente. A necessidade de sacerdotes é real e para a difusão do Evangelho. Os escândalos cometidos por padres e as atitudes e comportamentos pouco saudáveis demonstrados pelos padres estão também causando a diminuição das vocações.

94. Para além disso, alguns relatórios reconheceram também a influência de uma cultura secular e materialista nos sacerdotes e mesmo nos líderes leigos. Este facto põe frequentemente em causa o testemunho dos valores evangélicos na missão da Igreja.

Tensões no envolvimento das mulheres

95. Em muitas das Igrejas da Ásia, a participação das mulheres na vida quotidiana da Igreja é significativa. No entanto, há uma falta de presença de mulheres em funções de liderança. Nalgumas sociedades, as suas vozes quase não são ouvidas.

96. Alguns atribuem este facto às diferenças culturais e às estruturas patriarcais tradicionais das sociedades asiáticas. Em alguns locais, as mulheres em funções de liderança não são muito bem-vindas devido à sua mentalidade cultural. Parece que os homens tomam decisões ou lideram o grupo e as mulheres limitam-se a implementar as decisões ou a trabalhar sob a orientação dos homens. O papel das mulheres é considerado secundário ou simplesmente descartado como sendo um assistente dos homens, o que inclui as mulheres na vida consagrada.

97. No entanto, alguns países referem que os homens não estão presentes na Igreja e, nestas circunstâncias, são as mulheres que assumem efetivamente funções de liderança.

Tensões sobre a juventude

98. Um fenómeno comum observado nos relatórios é a ausência de jovens nas nossas Igrejas. Dado que constituem um número significativo da nossa população (cerca de 65%), estão relativamente ausentes da vida da Igreja. Embora alguns

estejam presentes na vida da Igreja, há uma necessidade de formação na fé, de acompanhamento e de uma maior inclusão nos papéis de liderança e nos processos de tomada de decisão.

99. Em meio à lacuna geracional entre os mais velhos e os mais novos, a Igreja, como "mãe", precisa estender o seu abraço amoroso à juventude e de ir ao encontro daqueles que estão perdidos, confusos e que se desligaram da Igreja. Apesar de os relatórios afirmarem que os jovens estão em falta na Igreja, talvez um ponto a ponderar seja que os jovens estão possivelmente a dizer que a Igreja está ausente nas suas vidas.

100. Embora os jovens sejam mais conhecedores da tecnologia em partes da Ásia onde o acesso digital é mais fácil, os relatórios também apelam a um maior investimento nos domínios dos meios de comunicação social e das comunicações sociais para poderem chegar até eles para evangelizar e proclamar as boas novas de Jesus Cristo. No entanto, permanece o desafio de envolver os jovens no diálogo entre o mundo virtual e o mundo real.

101. Dotada de uma grande população de jovens, a Igreja na Ásia poderia imaginar-se como uma "tenda digital" para estar onde os jovens estão e ministrar-lhes eficazmente. A sinodalidade com os jovens significa também experimentar as tensões que eles estão a suportar no mundo atual em rápida mudança.

102. Apesar dos benefícios do mundo digital, o impacto negativo das redes sociais também foi destacado - as pessoas passam mais tempo com os aparelhos do que com as pessoas; a forma como são utilizadas para espalhar o ódio, o preconceito e o medo na sociedade; há quem diga que as redes sociais estão afastando as pessoas da fé.

Tensões dos pobres

103. Tal como uma mãe numa família asiática pobre, com muitos filhos que lutam e por vezes não recebem cuidados adequados, a Igreja na Ásia também luta e abraça dolorosamente um grande número de pessoas pobres e marginalizadas que precisam de um acompanhamento especial neste processo de sinodalidade.

104. São vários os rostos dos pobres na Ásia: os materialmente pobres, como as minorias étnicas, os trabalhadores migrantes, os habitantes dos bairros de lata urbanos, os refugiados em fuga, etc.; os socialmente pobres, muitas vezes negligenciados pela Igreja e pela sociedade, como os sem instrução, os jovens indiferentes, as pessoas com deficiência, as pessoas privadas de liberdade, as pessoas de castas inferiores, os divorciados e recasados, as mães solteiras, os idosos e os doentes, os seropositivos, os dependentes de substâncias, as pessoas que se identificam como LGBTQIA+, etc.

105. Reconhecemos, no entanto, que o termo pobreza é relativo, uma pessoa pode ser materialmente pobre mas rica em cultura, espiritualidade e hospitalidade.

106. Apesar de algumas barreiras culturais que possam existir, a Igreja na Ásia deve desejar dirigir corajosamente os seus olhos para os rostos dos pobres, para

reconhecer com amor, reconhecer e acolher todos como filhos de Deus que merecem agora a nossa atenção. Reconhecemos as tensões para sermos inclusivos e, no entanto, sermos fiéis aos valores do Evangelho e à fidelidade moral aos caminhos da Igreja - talvez até mesmo um escândalo se forem acolhidos na Igreja.

107. A Igreja deve esforçar-se por encontrar formas de incorporar os pobres na sua vida e missão, de modo a que, sendo curados, alimentados e formados no sensus *fidelium* no âmbito da nossa tradição apostólica e identidade católica, possam ser parceiros iguais e companheiros respeitados com todos os outros na Igreja. Tal como é referido em vários relatórios, algumas destas mudanças exigirão revisões canónicas que facilitariam a inclusão da Igreja em relação aos pobres.

108. A Igreja deve também ser a voz dos pobres. Há instancias em que a Igreja se cala perante a situação difícil e o grito dos Dalits, das tribos, dos indígenas e dos pobres. Na tensão de não querer causar problemas às autoridades ou de ser silenciada, a Igreja pode ter alienado estas pessoas e ter feito ouvidos moucos ao "grito dos pobres". A voz da Igreja deve defender os que não têm voz nem poder.

Tensões dos conflitos religiosos

109. Embora exista uma diversidade de religiões em toda a Ásia, há também conflitos religiosos crescentes e mesmo perseguições (subtis e directas) em algumas áreas. O agravamento da cultura da violência em toda a Ásia, em parte devido à falta de recurso a um sistema judicial que funcione, é também inquietante. A politização das religiões tornou difícil a prática da fé das minorias. Entre os desafios contam-se a opressão política, os governos ditatoriais, a corrupção e as leis injustas.

110. As Igrejas da Ásia estão sempre a ter de andar na corda bamba do equilíbrio entre ser fiel ao Evangelho e, ao mesmo tempo, não colocar os cristãos numa posição de ameaça. Mesmo aquilo que é um dado adquirido em muitos lugares, como dar um nome cristão a uma criança, é por vezes um obstáculo noutros lugares.

111. Há momentos em que, em situações como estas, o que é preciso é paciência e esperança de que as coisas mudem. A Igreja na Ásia lida constantemente com estas tensões e há necessidade de apoio mútuo para caminharmos juntos com coragem e amor.

Tensões do clericalismo

112. O clericalismo, como em muitas partes do mundo, é também uma preocupação na Ásia. Muitas das respostas indicam o clericalismo como uma tensão nas suas regiões e algumas declaram-no também como uma das causas da falta de sinodalidade na Igreja na Ásia.

113. No entanto, tem-se verificado que o clericalismo tem significados diferentes para pessoas diferentes. A palavra clericalismo parece abranger um vasto leque de questões, enquanto que, ao mesmo tempo, algumas regiões são mais específicas. Entre as expressões de clericalismo contam-se a falta de consulta em questões administrativas, as atitudes dominadoras e o sentimento de direito demonstrado

pelos responsáveis, especialmente os padres, a sobre-exposição do poder sobre o povo, etc.

114. Foram identificadas algumas causas profundas do clericalismo, por exemplo, o carácter individual ou a imaturidade psicológica, algumas sugerem causas mais sistémicas e outras apontam para a subcultura do silêncio e da impunidade. A formação adequada de bispos, clérigos e leigos para uma Igreja sinodal pode, portanto, estar entre as principais respostas a esses abusos.

115. Por outro lado, os clérigos sentem-se demasiado criticados pelos leigos, de tal modo que alguns se sentem sozinhos, isolados e escrutinados a toda a hora. Isto leva ainda à desmotivação dos padres e à apreensão dos jovens que poderiam estar a considerar e a discernir uma vocação para o sacerdócio. Alguns atribuem a falta de vocação às exigências irracionais que estão a ser feitas pelas pessoas.

VI. REALIDADES E DIVERGÊNCIAS ASIÁTICAS

116. Conscientes de que o cristianismo é uma minoria na Ásia (calcula-se que os católicos são cerca de 3,31% da população asiática e, em vários locais, menos de 1%), existe um grande sentido de amor por Jesus e pela sua Igreja. A alegria de caminharmos juntos nesta renovação sinodal é palpável. A nossa fé estimula as nossas relações não só entre cristãos, mas também com povos de religiões vizinhas, na nossa busca de uma vida harmoniosa através de um processo de construção de pontes. Em lugares onde a discriminação e a violência são mais pronunciadas do que noutros lugares, a fé em Jesus Ressuscitado mantém-nos fortes e esperançosos no meio destas adversidades.

117. A espiritualidade asiática, caracterizada pela contemplação e pelo respeito pela natureza, está entrelaçada com um profundo sentido de piedade e de devoção popular. Estas devoções, por vezes, animam a fé e atraem as pessoas para a Igreja, tanto católicos como não católicos.

118. As nossas expressões corporais de culto e de oração, que abrangem os sentidos humanos, a dança, a arte, a poesia e o silêncio, encontram por vezes tensões no modo formal de celebrar os sacramentos. Vários relatórios apontaram a necessidade de redescobrir criativamente a essência da liturgia, ou seja, atrair as pessoas para Deus com expressões asiáticas de culto.

119. Notou-se também que, em alguns lugares, os católicos estavam mais empenhados em devoções populares do que em refletir sobre a palavra de Deus, o discernimento espiritual ou a oração pessoal. De um modo geral, a necessidade de as liturgias serem mais vivas e relacionáveis - texto que possam compreender, música que possam cantar e rituais com que se possam relacionar - foi expressa de várias formas nos relatórios.

120. Reconhecemos que o *ethos* asiático que há muito faz parte dos seus povos (por exemplo, a confiança em Deus, a interação comunitária, a relação com Deus, consigo próprio, com os outros seres humanos e com o cosmos, etc.) está agora a ser corroído pelas culturas globalizadas do individualismo, do secularismo e do relativismo.

121. Estamos conscientes de que existe uma tensão entre as culturas asiáticas e as nossas expressões de fé em termos de línguas, imagens e até conceitos sobre autoridade e poder.

122. Há uma tensão crescente entre os valores tradicionais (espirituais) e a modernidade, mesmo entre o clero, os religiosos e as famílias. Alguns dos efeitos desta invasão global são a relativização da fé, a atração dos padres por um modo de vida materialista e individualista, a falta de testemunho credível, que é uma das razões da erosão da vida espiritual. No final, o número de pessoas que não praticam nenhuma religião aumentará devido ao modernismo, ao materialismo e ao secularismo.

123. A família (nuclear e alargada) é muito importante em muitas sociedades asiáticas. A fidelidade filial estende-se ao ponto de muitos fazerem sacrifícios generosos em prol da unidade e da paz da família. O papel das famílias na renovação sinodal da Igreja e no seu testemunho às sociedades é, portanto, muito importante. Elas serão o primeiro espaço de formação para a renovação sinodal que estamos a imaginar.

124. Vários relatórios citam a sua preocupação com os matrimonios e a vida familiar em nossos dias: violência doméstica, mães solteiras, famílias monoparentais, casamentos adiados devido ao sistema do dote, divórcio e nulidade, etc. As famílias cristãs separam-se devido à falta de conhecimento da fé e às ansiedades provocadas pela pobreza e pelas condições económicas.

125. A tendência contemporânea para um individualismo excessivo agrava ainda mais esta crise de vocação, juntamente com várias tendências económicas que tornam a vida familiar indesejável para muitos. Há também tensões quanto à pertença à Igreja e às suas relações familiares.

126. No meio de uma tão vasta gama de desafios, a Igreja na Ásia precisa, mais do que nunca, de ouvir as vozes das famílias, especialmente das famílias inter-religiosas e interculturais que estão a tornar-se mais uma norma do que uma exceção em muitos locais da Ásia.

127. Pelo fato que nós temos um *ethos* comunal, a vida em comum nas comunidades e bairros asiáticos é o *local* onde se vivem as alegrias e as lutas. Os espaços comuns são oportunidades de diálogo informal e de convívio (diálogo da vida). Enfrentando desafios sociopolíticos, económicos e ecológicos, não só sobrevivemos como há situações em que prosperamos com a força desta relacionalidade na base.

128. Nos últimos tempos, assistimos também a uma divisão crescente entre os povos da Ásia - pessoas divididas com base na casta, na língua, na etnia e no estatuto socioeconómico - e a uma intolerância crescente no seio desta divisão.

129. Mesmo que sejamos pessoas orientadas para a comunidade, o rápido crescimento económico resultante da abundância material também fez com que mais pessoas sofressem de empobrecimento emocional, espiritual e mental. Nalgumas sociedades asiáticas, a aparência e o estilo de vida seculares da liderança da Igreja também causam tensões, uma vez que se opõem à pobreza evangélica e à missão de ser a Igreja dos pobres na Ásia.

130. Num continente tão diverso como a Ásia, o diálogo inter-religioso continua a ser uma caraterística integral da Igreja na Ásia. Apesar dos esforços de construção de pontes, constatámos que a intolerância religiosa e social está se agravando, o que conduz, em última análise, à perseguição e ao agravamento das condições de vida das pessoas, especialmente das minorias religiosas. Em situações extremas, as falsas acusações de blasfémia e o terror são os principais problemas enfrentados pelos cristãos.

131. O colapso das estruturas democráticas, incluindo a militarização e a opressão política, põe em causa a vida de muitas pessoas em certos países.

VII. LACUNAS IDENTIFICADAS NAS RESPOSTAS ASIÁTICAS

132. A 50ª Conferência Geral da FABC, no seu Documento Orientador e Mensagem Final, identificou algumas preocupações que não foram captadas nas respostas do país no DEC ou que não foram suficientemente consideradas. Estudando todos estes documentos lado a lado, tomámos a liberdade de incluir as lacunas que foram identificadas e incluímo-las neste relatório, na esperança segura de que sejam consideradas nas Assembleias Sinodais de 2023/24.

Cuidado da nossa casa comum

133. A crise ecológica tem sempre um impacto nas comunidades vulneráveis e o continente asiático é um dos locais onde o impacto das alterações climáticas é alarmante. Apesar da possibilidade de a Ásia poder assumir a liderança na defesa dos cuidados com a casa comum, as respostas asiáticas não captaram suficientemente a intensidade da crise ecológica nesta região.

134. Há uma grande necessidade de ouvir mais atenta e profundamente o grito da nossa terra e do nosso povo, especialmente entre os mais pobres que são mais afectados, e de preservar o ambiente.

Partilha de recursos

135. 135.Muitos países do nosso continente, com fracos recursos, dependem sobretudo da assistência financeira internacional de doadores e institutos financeiros. Isto encoraja certamente a elevação socioeconómica do segmento pobre da sociedade.

No entanto, as Igrejas asiáticas também precisam de estar conscientes da necessidade de partilhar os nossos recursos (mesmo que sejam limitados) com as Igrejas/países irmãos da região.

136. Ao partilharmos os nossos recursos, partilhamos não só os nossos dons materiais, mas também os dons espirituais que recebemos uns dos outros e que nos enriquecem, por exemplo, a animação das Comunidades Eclesiais de Base e os carismas dos movimentos eclesiais. Estamos juntos, como Igreja sinodal, uns com os outros como povos da Ásia.

Jovens para o presente

137. Fala-se muitas vezes dos jovens como o futuro, mas os jovens são também o presente. A nossa *opção preferencial* pelos jovens deve incluir a experiência pessoal do amor de Deus na Igreja, a formação integral, o discernimento vocacional e o acompanhamento. Os jovens procuram testemunhas autênticas e credíveis na Igreja e precisam de uma comunidade sinodal para caminharem juntos.

138. Ao saberem quem são perante Deus através das suas esperanças, sonhos, realidades, lutas e limitações que enfrentam na vida, os jovens sentem que são apoiados e não estão sozinhos no seu caminho e podem também encorajar outros a caminharem juntos na jornada da vida.

139. Os problemas enfrentados pelos jovens, como a toxicodependência, o jogo e as dependências em linha, a desagregação das famílias e as questões de saúde mental, não foram suficientemente abordados. Os "jovens despedaçados" não são capazes de contribuir para este caminho sinodal. Por esta razão, uma Igreja sinodal deve aprender a acompanhar estes jovens para a sua cura, crescimento e discernimento da vocação.

Família e casamento

140. A família é a Igreja doméstica que alimenta a vida da sociedade, e a família é também a "escola de sinodalidade" porque é aqui que se forma o carácter. No entanto, os novos desafios que se colocam às famílias incluem a desagregação das famílias, a falta de empenho em promover a vida, o medo do casamento e a diminuição das taxas de natalidade devido a dificuldades económicas e a condicionamentos ideológicos, e muito mais está a moldar as unidades familiares hoje em dia na Ásia.

141. Em alguns países, o aborto é mascarado como uma questão de direito da mulher. Em outros, o aborto é promovido como um meio de controlo da população e de eugenia. Existe também uma cultura desastrosa de silêncio em casos de violência doméstica, incesto, crimes de honra, etc. É necessário promover a espiritualidade da vida familiar para refletir a sua vocação de santuário sagrado.

142. Em algumas partes da Ásia, onde as comunidades estão a envelhecer, os cuidados aos idosos também devem ser tidos em consideração.

143. O número crescente de casamentos na Ásia que são inter-religiosos e

interculturais exige uma maior atenção pastoral, uma vez que pode ser um desafio e também uma oportunidade para crescer no respeito por outras religiões e culturas. As famílias inter-religiosas podem ser a primeira escola de diálogo inter-religioso.

Pobreza, Corrupção e Conflito

144. A pobreza na Ásia é um problema grave (o Banco Mundial calcula que mais de 320 milhões de pessoas na Ásia vivem em extrema pobreza). A Igreja tem estado na vanguarda do trabalho incansável entre os pobres e para a sua elevação. No entanto, pouco se fala da pobreza crescente na Ásia e do impacto que isso tem no facto de sermos uma Igreja sinodal.

145. Reconhecemos também que a urbanização insustentável e a corrupção sistémica são dos maiores problemas importantes na Ásia e que estão de certa forma ligados à pobreza do povo asiático. Esta corrupção sistémica a todos os níveis da sociedade afecta a vida dos cidadãos comuns. As respostas ao DCS não deram muita atenção a este "problem".

146. A Igreja na Ásia é uma minoria demográfica, socioeconómica, cultural e política e, por isso, está a tornar-se mais vulnerável a regimes progressivamente opressivos ou fundamentalistas, bem como a conflitos políticos. Nestas situações, o que é que significa ser uma Igreja sinodal?

147. A desconexão entre religiosidade e moralidade é, de facto, preocupante. Apesar da ligação dos asiáticos a uma forma de religiosidade ou espiritualidade, as vidas morais por vezes não são transformadas por experiências religiosas. Por exemplo, uma pessoa pode ser religiosa e, ao mesmo tempo, corrupta.

Povos indígenas

148. Cerca de 60% dos povos indígenas do mundo, chamam à Ásia a sua casa. Portadores de tradições enraizadas há milhares de anos, os povos indígenas manifestam como a humanidade pode viver em harmonia com a criação. Reconhecemos que muitos povos indígenas abraçaram a fé cristã, mas mesmo na Igreja, ferida pelo tribalismo e pelo preconceito, eles lutam para serem respeitados como agentes companheiros de evangelização. Apesar das grandes populações de povos indígenas na Ásia, fala-se muito pouco deles nas respostas.

Igreja no mundo

149. A Igreja existe no mundo e para o mundo. No entanto, muitas das respostas têm sido muito insulares, olhando apenas para dentro da Igreja. Um nível de conforto que deixou a Igreja à vontade para tratar apenas dos seus assuntos pode ter levado a uma falta de referência à como a Igreja transforma o mundo (Ásia) para que todas as pessoas possam gozar dos frutos do Reino de Deus. A Igreja na Ásia deve continuar a perguntar-se constantemente como é que a *missio ad gentes* pode ser reconhecida e vivida de forma sinodal como uma forma de alargar o espaço da nossa tenda.

150. A Igreja não pode ser autorreferencial e, por isso, deve procurar empenhar-se na renovação do mundo. Uma das formas é a construção de Comunidades Eclesiais

de Base (CEB) para levar a cabo a transformação social - o cuidado da casa comum e o diálogo inter-religioso. A cultura do diálogo com as religiões e o encontro com as culturas devem ser integrados na vida da Igreja. A Igreja deve avançar para um maior trabalho em rede com outros (organizações e instituições) para o bem comum de todos.

Migrantes, refugiados e pessoas deslocadas

151. As questões relacionadas com os migrantes, os refugiados, as pessoas deslocadas, o tráfico de seres humanos, etc., estão a aumentar rapidamente nas regiões asiáticas. As principais causas da deslocação de um número tão elevado de pessoas são os conflitos, o desejo de melhores oportunidades económicas, a destruição do ambiente, as vítimas de exploração, etc.

152. A instabilidade política nalgumas partes da Ásia fez com que as pessoas se tornassem refugiados e requerentes de asilo. Como é que a Igreja se torna uma "tenda acolhedora" para estas pessoas que procuram paz, segurança e harmonia? Em muitos desses lugares, eles tornam-se missionários do Evangelho, pois trazem não só as suas experiências de vida, mas também a sua fé. Os migrantes, os refugiados e as pessoas deslocadas também dão vitalidade à vida das Igrejas locais através da sua presença. A Igreja deve procurar integrá-los e acompanhá-los nesta viagem como novos evangelizadores.

Construção da paz

153. Nos países onde existem conflitos internos devido a regimes opressivos e ditatoriais, a Igreja deve desempenhar um papel integral no trabalho de construção da paz e de resolução de conflitos. Entre as muitas outras funções da Igreja, a paz e a harmonia de todos os cidadãos devem estar entre as suas prioridades pastorais.

154. O trabalho em prol da paz e da reconciliação pode ser uma das novas formas de evangelização. À parte ver a Igreja como uma "tenda" de inclusão, a Igreja deve também ser uma "construtora de pontes" em em pro da paz e da reconciliação.

Proteção

155. A proteção dos menores e dos vulneráveis é uma preocupação para a Igreja na Ásia. Apesar da baixa taxa de notificação de casos (em parte devido a razões culturais), trata-se de uma preocupação importante. As respostas ao DEC fazem muito poucas referências a esta questão. No entanto, deve ser dada prioridade a esta questão em termos de formação de todo o pessoal da Igreja.

156. A Igreja na Ásia deve ouvir, vigiar, proteger e cuidar das crianças maltratadas, exploradas e esquecidas, onde quer que se encontrem, criando ambientes seguros e implementando procedimentos de proteção.

Papel dos bispos

157. Por razões óbvias, os Bispos desempenham um papel insubstituível na animação do processo sinodal na Igreja local. Como pastor primário do povo de Deus, o nível de zelo e sinceridade com que ele abraça a abordagem sinodal na sua maneira de liderar dá, em grande medida, o tom do esforço para redescobrir esta

prática cristã vital entre o clero e os leigos que ele é chamado a servir.

158. A sua responsabilidade de afirmar a autêntica tradição da comunidade cristã é inspirada pela vontade de testemunhar uma confiança radical na atividade vivificante do Espírito na vida desta comunidade: "Fazer sínodo é fazer evangelização" (Papa Francisco). Imitar o Bom Pastor, encorajando o rebanho a um crescimento e conversão contínuos, através do desejo e do conhecimento do Caminho e da Verdade, só ele conduz à vida, à verdadeira vida, à vida em abundância, à vida eterna.

159. Deste modo, mantém-se fiel ao seu papel e vocação no contexto da manutenção e do reforço da identidade católica, ao mesmo tempo que incita os outros a empenharem-se em três dos aspectos essenciais da realidade cristã: *comunhão, participação e missão*.

160. Aceitando com alegria a autoridade dos líderes da comunidade, o clero, os consagrados e os leigos são fortalecidos nas suas vocações de conhecer Deus, de O amar e de O servir nos outros. *Escutando* Deus na sua Palavra, através da sua Igreja, e em diálogo com os outros, todos os membros da comunidade partilham a responsabilidade de servir de acordo com o seu carácter batismal.

161. Os bispos de hoje podem atestar as palavras do antigo pastor cristão, S. João Crisóstomo, que afirmava que a Igreja e o Sínodo são sinonimus. Estes bispos lideram o povo de Deus e são, por vez, encorajados, acompanhados e informados pelos impulsos do Espírito Santo, expressos na vida de todos na comunidade.

162. Ninguém está isento ou excluído da responsabilidade de discernir e abraçar este chamamento batismal comum, a vontade de Cristo é que ninguém fique sem a ajuda daquela graça através da qual a vida se torna mais abundante e o mundo em que vivemos é reconciliado e santificado.

163. Em todas as lacunas acima referidas, o caminho sinodal deve permear a abordagem dessas lacunas e a viagem sinodal deve estar no centro da vida e da missão da Igreja.

VIII. PRIORIDADES DAS RESPOSTAS ASIÁTICAS

164. As respostas asiáticas foram variadas e diversificadas, englobando uma variedade de questões e desafios, cada um deles peculiar à cada região particular. No entanto, há alguns pontos comuns que vemos nas respostas, todos eles apontando para a necessidade de uma autêntica liderança profética que dependa e conduza a uma conversão contínua. É evidente que, em grande medida, o caminho sinodal se torna mais possível com a consciência e a vontade do povo de Deus de abraçar esta realidade.

165. Seguem-se 6 prioridades que foram identificadas através de um processo de oração e discernimento, na esperança de que reflictam os desejos dos corações asiáticos.

Formação

166. Para uma Igreja sinodal, é preciso uma formação inicial e permanente a todos os níveis, para todas as pessoas, a começar pelas famílias e pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

167. Os seminaristas, os padres, os bispos e os homens e mulheres consagrados devem ser formados para viverem estilos de liderança sinodal, de discernimento comunitário e de tomada de decisões. A promoção de uma cultura de sinodalidade implica a renovação da formação dos formadores dos seminários, dos professores de teologia, e o atual programa dos seminários deve ser mais orientado para a vida e para o ministério.

168. Os leigos precisam de ser formados para assumirem papéis activos, de acordo com a sua chamada batismal, para servirem com generosidade a Deus e com amor à Igreja e ao seu povo. A formação para uma espiritualidade sinodal deve estar no centro da missão e da visão da Igreja.

Inclusão e hospitalidade

169. As mulheres, os jovens e as pessoas marginalizadas ou excluídas, com especial atenção para os abandonados (por exemplo, crianças de rua e idosos), também deve ser prestada uma atenção pastoral significativa aos divorciados, recasados, pais solteiros, famílias desestruturadas, pessoas com deficiência (PWDs), prisioneiros, pessoas que se identificam como LGBTQIA+, idosos, dependentes de substâncias, trabalhadores do sexo comercial, etc.) os feridos e vitimados, as famílias fracturadas e os que lutam com a identidade de género, os deslocados e os perseguidos, e todo um espetro de muitos outros devem encontrar o seu lugar nesta tenda (Igreja).

170. Poderá ser necessário rever as estruturas para que todos tenham um sentimento de pertença à Igreja e para que cada pessoa se torne um embaixador de Cristo, um embaixador da inclusão e da hospitalidade.

Discípulos Missionários

171. No contexto da Ásia, temos de aprender a testemunhar profeticamente e a "sussurrar" o Evangelho uns aos outros, o que, antes de mais, implica viver ativamente a nossa fé, baseada em encontros e experiências pessoais com Jesus, e contribuir para a comunidade da Igreja como uma comunhão de comunidades.

172. Embora reconhecendo que os cristãos são uma minoria na Ásia, o testemunho incomparável dos mártires asiáticos constitui um desafio e uma fonte de encorajamento.

173. Temos também de aprender a crescer no diálogo, na consulta e no discernimento comunitário. Ao mesmo tempo, o respeito pelas sensibilidades de outros povos asiáticos deve também estar no centro da Igreja. Famílias inter-religiosas estão tornando-se comums, por tanto, como é que levamos Cristo aos outros? Precisamos abraçar uma cultura de encontro e de construção de pontes para levar Cristo ao mundo.

174. Nesta era pós-pandémica, a hibridação da vida da Igreja (presencial e em linha) é uma realidade que devemos abraçar e maximizar as oportunidades de evangelização, incluindo a utilização mais ampla e criteriosa da tecnologia neste esforço, como nosso mandato cristão.

Responsabilidade e transparência

175. O apelo à responsabilidade e à transparência não só se interessa em questões financeiras, mas também nos processos de tomada de decisões e na governação. Isto pode exigir a revisão de algumas disposições do Direito Canónico. Aqueles que desempenham funções de liderança - quer sejam clérigos ou leigos - são também responsáveis pela formação dos leigos e dos jovens.

176. Deve ser promovido um espírito de colaboração e de corresponsabilidade, cada um abraçando a vocação do outro e o estado de vida e os múltiplos carismas da Igreja.

Oração e adoração

177. A nossa oração e culto devem refletir e tocar os corações do povo asiático. As celebrações litúrgicas devem ser mais "sinodais" (participativas, inculturadas, relacionáveis e conviviais) para que todos possam encontrar um espaço sagrado e seguro para adorar a Deus. A integração da cultura na vida e no culto da Igreja deve também animar a vida dos fiéis.

Ambiente

178. No cuidado da casa comum, a Igreja deve estar na linha da frente não só na proteção da Mãe Terra, mas também na sua cura. Como Jesus veio para redimir e reconciliar todas as coisas, a Igreja deve procurar renovar a face da terra.

179. Como membros do único Corpo de Cristo, somos chamados a tornar-nos uma Igreja verde e a viver emsolidariedade e respeito, proteger, defender e nutrir a unidade de toda Criação.A preocupação ambiental não é meramente ecológica, mas tem também uma dimensão espiritual e social, uma vez que afecta todos, sobretudo os pobres.

IX. TIRAR AS SANDÁLIAS: A VIAGEM SINODAL ASIÁTICA

180. É uma prática comum entre os asiáticos descalçarmo-nos quando entramos em casas ou templos. É um belo sinal de respeito; de como estamos conscientes dos outros em cujas vidas estamos a entrar. Além disso, é também uma expressão da nossa profunda consciência do sagrado.

181. Lembra-nos o que Deus disse a Moisés (Êxodo 3,5): Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa. Mais importante ainda, "tirar as sandálias" torna-nos conscientes da terra que todos somos chamados a proteger e a cuidar.

182. "Tirar as sandálias" é também um belo símbolo do nosso caminho sinodal como Igreja na Ásia. Caracterizado pela diversidade de culturas e religiões, recorda-nos que devemos respeitar todos enquanto escutamos e conversamos,discernimos e decidimos. Significa também que, numa escuta autêntica, deixamos para trás os nossos preconceitos e parcialidades para acolher o outro.

183. Os sapatos podem ser um símbolo de estatuto e, ao tirá-los, reconhecemos que somos iguais enquanto seres humanos. Descalços, tomamos consciência e também nos identificamos com os mais pobres.

184. "Tirar as sandálias" torna-nos também muito conscientes do solo, do chão que estamos a pisar. O contexto sócio-político da Ásia é muito desafiante e a forma como a Igreja se move neste contexto é de importância fundamental no caminho com a humanidade. Faz-nos sentir mais próximos das realidades dos povos da Ásia.

185. "Tirar as nossas sandálias" como uma imagem eclesial sinodal articula a nossa experiência da Igreja como relacional, contextual e missionária, caminhando juntos em humildade e esperança.

X. CONCLUSÃO

186. O caminho sinodal que começou em outubro de 2021 não é um processo novo para as Igrejas da Ásia. Em muitos países, já existiam oportunidades de escuta e discernimento para desenvolver planos pastorais. No entanto, estas eram apenas a nível paroquial, diocesano ou nacional. Houve sucessos e desafios a estes níveis.

187. O caminho sinodal deu aos católicos que participaram neste processo uma melhor compreensão regional e universal das consolações e preocupações das diferentes Igrejas. Houve um reconhecimento de que as consolações e os desafios

não eram apenas únicos nas diferentes regiões, mas também complexos nas suas formas.

188. O processo de discernimento revigorou, em grande medida, a vida da Igreja através da participação ativa de muitos católicos cuja experiência anterior poderia ter sido periférica. Para muitas pessoas, foram lançadas sementes de esperança através deste processo, embora, ao mesmo tempo, reconheçamos que alguns estavam cépticos por várias razões.

189. Este é um processo que precisa de ser filtrado em todos os níveis da vida da Igreja. O processo de sinodalidade, ou seja, o discernimento e as conversas espirituais, deve fazer parte da vida e do ministério da Igreja a partir de agora. Algumas Igrejas em toda a Ásia já começaram a implementar os frutos de terem escutado durante a fase anterior do processo sinodal.

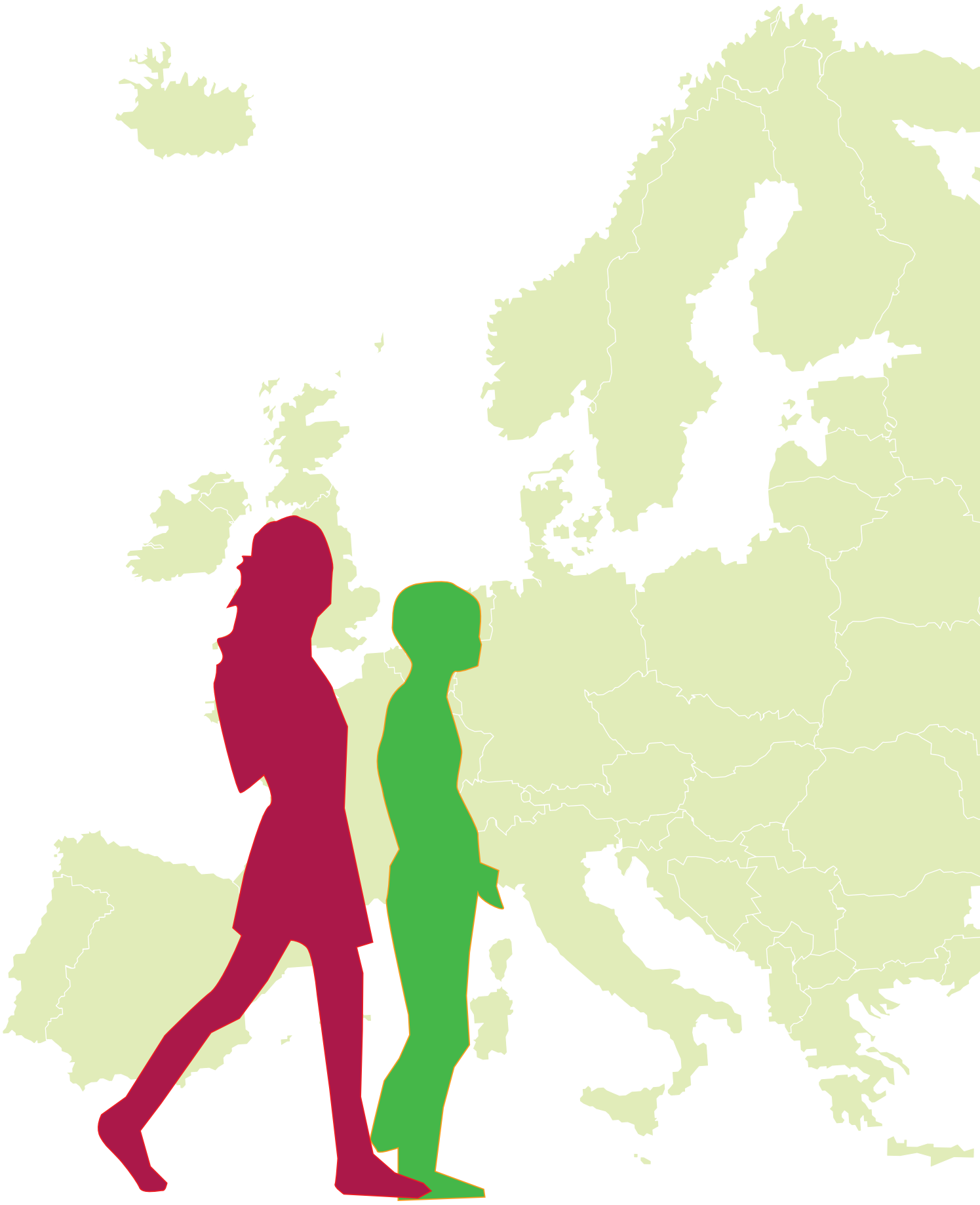
190. Embora a mudança de estruturas seja importante para implementar as mudanças sinodais, os aspectos da relacionalidade não devem ser esquecidos nesta jornada como parte integrante de ser uma Igreja sinodal.

191. Na Assembleia Continental da Ásia (24-26 de fevereiro de 2023), foi sugerido que a *relatio finalis* do Sínodo de outubro de 2023 fosse publicada o mais rapidamente possível, para que as conferências, dioceses e paróquias possam começar a trabalhar nas sugestões que possam surgir na XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.

192. Dada a diversidade linguística da Ásia, seria conveniente publicar igualmente uma versão resumida da *relatio finalis*, para que os países possam trabalhar nas várias traduções e para que esta seja divulgada ao maior número possível de pessoas.

193. Deverão realizar-se conversações sinodais sub-regionais após a reunião do Sínodo em outubro de 2023. Estes encontros podem ser um meio de escuta e discernimento contínuos para as Igrejas da Ásia e talvez até um Sínodo Eclesial em 2024.

Ao apresentarmos este Documento Final, o fruto da nossa escuta e discernimento, imploramos a proteção materna e a intercessão de Maria, a Mãe da Ásia, nesta peregrinação sinodal, juntamente com o resto da humanidade.



DOCUMENTO FINAL DA ETAPA CONTINENTAL EM EUROPA

"Olhai! É bela uma Igreja humilde que não se separa do mundo nem olha a vida com indiferença, mas habita dentro dela. Habitar dentro — não o esqueçamos — é partilhar, caminhar juntos, acolher os interrogativos e as expetativas do povo."

(Papa Francisco)

Assembleia Continental Europeia: observações finais

No final de quatro dias de escuta e de diálogo a partir das ressonâncias suscitadas pelo *Documento de Trabalho para a Etapa Continental* no seio das Igrejas de onde somos provenientes, como Assembleia Continental Europeia, damo-nos conta de que fizemos uma experiência profundamente espiritual através do método sinodal.

Este é o fruto pelo qual damos graças ao Espírito que nos guiou e que queremos partilhar aqui. Aprofundámos os conhecimentos que as comunidades eclesiais do nosso continente adquiriram com o processo sinodal, bem como as tensões e questões que as Igrejas europeias enfrentam[1].

Acima de tudo, voltámos a sentir a dor das feridas que marcam a nossa história recente, a começar pelas infligidas à Igreja pelos abusos cometidos por algumas pessoas no desempenho do seu ministério ou cargo eclesial, e a terminar pelas causadas pela violência monstruosa da guerra de agressão que ensanguentou a Ucrânia e pelo terramoto que devastou a Turquia e a Síria.

Este trabalho, que foi rico e apaixonante, embora não isento de problemas e dificuldades, permitiu-nos olhar nos olhos a Igreja que está na Europa, com todos os tesouros das duas grandes tradições latinas e orientais que a compõem. Com uma consciência que foi crescendo ao longo da Assembleia, sentimos hoje que podemos afirmar que a nossa Igreja é bela, portadora de uma variedade que é também a nossa riqueza. Sentimos que a amamos ainda mais profundamente, apesar das feridas que infligiu, pelas quais precisa de pedir perdão para poder passar verdadeiramente à reconciliação, à cura da memória e ao acolhimento dos feridos. Estamos convencidos de que estes sentimentos enchem também os corações de todas as pessoas que estarão envolvidas no caminho do Sínodo 2021-2024 a partir de setembro de 2021.

Ao longo dos dias da Assembleia, fizemos uma experiência espiritual que nos levou a experimentar, pela primeira vez, que é possível encontrarmo-nos, escutarmo-nos e dialogar a partir das nossas diferenças e para além dos muitos obstáculos, muros e barreiras que a nossa história nos coloca no caminho. Precisamos de amar a variedade dentro da nossa Igreja e apoiarmo-nos mutuamente na estima mútua, fortalecidos pela nossa fé no Senhor e pelo poder do seu Espírito.

É por isso que queremos continuar a caminhar num estilo sinodal: mais do que uma metodologia, consideramo-lo um modo de vida da nossa Igreja, de discernimento comunitário e de discernimento dos sinais dos tempos. Concretamente, queremos

[1] Um documento mais articulado testemunhará este trabalho, que será enviado ao Secretariado Geral do Sínodo como contributo para as próximas etapas do processo sinodal, a começar pela elaboração do Instrumentum laboris da Assembleia Sinodal, em outubro próximo. Juntamente com muitas informações sobre o nosso trabalho e as gravações de todas as sessões plenárias, este documento estará disponível no sítio Web da Assembleia Continental de Praga, https://prague.synod2023.org, e nos sítios Web das Conferências Episcopais que o desejarem tornar público nas diferentes línguas nacionais.

que esta Assembleia Continental não seja uma experiência isolada, mas que se torne um encontro periódico, baseado na adoção geral do método sinodal que permeia todas as nossas estruturas e procedimentos a todos os níveis. Neste estilo, será possível abordar os temas sobre os quais os nossos esforços devem amadurecer e intensificar-se: o acompanhamento das pessoas feridas, o protagonismo dos jovens e das mulheres, a abertura à aprendizagem com as pessoas marginalizadas...

O estilo sinodal permite também enfrentar as tensões numa perspetiva missionária, sem se deixar paralisar pelo medo, mas tirando delas a energia para continuar o caminho. Duas em particular emergiram no nosso trabalho. A primeira apela à unidade na diversidade, fugindo à tentação da uniformidade. A segunda liga a disponibilidade para acolher como testemunho do amor incondicional do Pai pelos seus filhos com a coragem de anunciar a verdade do Evangelho na sua totalidade: é Deus que promete: "O amor e a verdade encontrar-se-ão" (Sl 85,11).

Sabemos que tudo isto é possível porque o experimentámos durante esta Assembleia, mas mais ainda porque a vida das Igrejas de onde provimos o testemunha. Pensamos aqui, em particular, no diálogo ecuménico e inter-religioso, cujos ecos ressoaram fortemente nos nossos trabalhos. Mas, sobretudo, acreditamos que é possível porque a graça está envolvida: construir uma Igreja cada vez mais sinodal é, de facto, um modo de concretizar a igualdade em dignidade de todos os membros da Igreja, fundada no batismo, que nos configura como filhos de Deus e membros do corpo de Cristo, co-responsáveis pela missão única de evangelização confiada pelo Senhor à sua Igreja.

Estamos confiantes de que a continuação do Sínodo 2021-2024 pode apoiar-nos e acompanhar-nos, nomeadamente abordando certas prioridades a nível da Assembleia Sinodal:

- aprofundar a prática, a teologia e a hermenêutica da sinodalidade. Temos de redescobrir algo que é antigo e pertence à natureza da Igreja, e que é sempre novo. Esta é uma tarefa para nós. Estamos a dar os primeiros passos num caminho que se vai abrindo à medida que o percorremos;
- abordar o significado de uma Igreja totalmente ministerial, como um horizonte no qual colocar a reflexão sobre os carismas e os ministérios (ordenados e não ordenados) e as relações entre eles;
- explorar formas para um exercício sinodal da autoridade, ou seja, o serviço de acompanhamento da comunidade e de guarda da unidade;
- clarificar os critérios de discernimento para o processo sinodal e a que nível, do local ao universal, as decisões devem ser tomadas.
- tomar decisões concretas e corajosas sobre o papel das mulheres na Igreja e sobre o seu maior envolvimento a todos os níveis, incluindo na tomada de decisões;
- Considerar as tensões em torno da liturgia, para que a Eucaristia como fonte de comunhão possa ser entendida sinodalmente;
- cuidar da formação para a sinodalidade de todo o Povo de Deus, com particular atenção ao discernimento dos sinais dos tempos em vista do cumprimento da missão comum;

- Renovar o sentido vivo da missão, superando a clivagem entre fé e cultura para voltar a levar o Evangelho ao sentir das pessoas, encontrando uma linguagem capaz de articular tradição e atualização, mas sobretudo caminhando com as pessoas em vez de falar delas ou para elas. O Espírito pede-nos que escutemos o grito dos pobres e da terra na nossa Europa, e em particular o grito desesperado das vítimas da guerra que pedem uma paz justa.

Amar a Igreja, a riqueza da sua diversidade, não é uma forma de sentimentalismo por si mesmo. A Igreja é bela porque o Senhor assim a quer, em vista da missão que lhe confiou: anunciar o Evangelho e convidar todos os homens e mulheres a entrar na dinâmica de comunhão, participação e missão que constitui a sua razão de ser, animada pela vitalidade perene do Espírito. Amar a nossa Igreja europeia significa, portanto, renovar o nosso compromisso de realizar esta missão, também no nosso continente, numa cultura marcada pelas muitas diferenças que conhecemos.

Confiemos a continuação do nosso caminho sinodal aos Santos Padroeiros e Mártires da Europa!

Adsumus Sancte Spiritus!

Documento final
I. Introdução: a experiência da Assembleia Continental Europeia

1. A Assembleia Continental Europeia reuniu-se em Praga no âmbito de um caminho iniciado em 2021: o Sínodo 2021-2024, "Por uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação, Missão". Os frutos da primeira fase do Sínodo, dedicada à consulta do Povo de Deus, que envolveu milhões de pessoas, foram sintetizados no *Documento de Trabalho para a Etapa Continental* (DEC). Este foi apresentado às nossas Igrejas locais - bem como às de cada um dos outros continentes - com o objetivo de recolher as suas ressonâncias e facilitar o diálogo entre as Igrejas na Europa.

2. Foi a primeira vez na Europa que o Povo de Deus - bispos, sacerdotes, diáconos, consagrados e consagradas, leigos e leigas - se reuniu para se escutar e dialogar, num clima de oração e de escuta da Palavra de Deus[2]. Foi uma experiência nova e inesperada. Durante os dias de trabalho, a alegria de fazer parte da Igreja, que tínhamos experimentado na etapa diocesana, floresceu e multiplicou-se. Cada um de nós pôde confrontar-se com realidades diferentes daquela em que vive, e juntos descobrimos uma adesão comum a Cristo. Por vezes, experimentamos tensões e incertezas, mas estamos conscientes de que, com base na fé no Senhor, podemos

[2] A CCEE e a UCESM (União das Conferências Europeias dos Superiores Maiores) convidaram as comunidades de vida contemplativa do continente a acompanhar os trabalhos da Assembleia com a oração, especialmente com a adoração silenciosa contínua.

continuar a caminhar juntos. No final de quatro dias de escuta e de diálogo a partir das ressonâncias suscitadas pela DEC no seio das Igrejas de onde provimos, como Assembleia Continental Europeia, damo-nos conta de que fizemos uma experiência profundamente espiritual através do método sinodal. Este é o fruto pelo qual damos graças ao Espírito que nos guiou e que queremos partilhar aqui.

3. Aprofundámos os conhecimentos que as comunidades eclesiais do nosso continente adquiriram através do processo sinodal, bem como as tensões e questões que as Igrejas europeias enfrentam. Este trabalho, rico e apaixonante, embora não isento de problemas e dificuldades, permitiu-nos olhar nos olhos da Igreja que está na Europa, com todos os seus tesouros, a começar pelos das grandes tradições latinas e orientais que a compõem. Neste caminho de escuta dos cipriotas, apercebemo-nos de que podemos estar unidos na diversidade: "*A diversidade, que não falta - na história, na cultura, nas tradições, nos contextos sócio-religiosos - é uma grande riqueza. Experimentámos a beleza do diálogo a 360 graus, não só a Leste e a Oeste, mas também a Norte e a Sul, não esqueçamos: de Chipre e Malta aos países nórdicos. Estamos a trocar dons preciosos que geram fraternidade e nos dispõem para a missão*.

4. Com uma consciência que foi crescendo ao longo da Assembleia, sentimos hoje que podemos afirmar que a nossa Igreja é bela, portadora de uma variedade que é também a nossa riqueza. Sentimos que a amamos ainda mais profundamente, apesar das feridas que infligiu, pelas quais precisa de pedir perdão para passar verdadeiramente à reconciliação, curando a memória e acolhendo os feridos. Estamos convencidos de que estes sentimentos enchem também os corações de todas as pessoas que estão envolvidas no caminho do Sínodo 2021-2024 desde setembro de 2021.

1.1. A composição da Assembleia e a organização dos trabalhos

5. As Igrejas na Europa caracterizam-se por uma grande variedade de línguas, culturas e ritos. No total, a Assembleia era composta por 200 pessoas: 140 delegados dos 39 membros da CCEE (cada membro podia nomear até quatro), mais 42 convidados, representando o Secretariado Geral do Sínodo, as Comissões da CCEE e várias instituições, redes, associações e movimentos da Igreja Católica activos a nível continental. Além disso, cada membro da CCEE escolheu até dez delegados (num total de 269 participantes) que participaram nos trabalhos à distância através da Internet e deram o seu contributo no trabalho de grupo em linha. Por fim, estiveram ao serviço dos trabalhos os membros do Secretariado dos CCEE e do Secretariado Geral da Conferência Episcopal Checa, o Comité Editorial deste Documento e a Equipa dos Media[3].

6. Cada delegação trouxe consigo o fruto do trabalho preparatório, ou seja, as reacções ao DEC recolhidas em cada Igreja local, a partir das perguntas formuladas no nº 106 do DEC. Cada Igreja local organizou a recolha de reacções ao DEC da forma mais adequada às circunstâncias.

[3] A lista completa dos participantes está disponível no Anexo A.

7. Os trabalhos da Assembleia Continental Europeia de Praga foram conduzidos em cinco línguas (francês, inglês, italiano, polaco e alemão). Após a sessão introdutória, os trabalhos[4] foram divididos em três unidades, cada uma das quais estruturada como uma ampla conversa espiritual: intervenção das delegações em plenário; partilha de ressonâncias nos grupos de trabalho; expressão e recolha de pontos comuns novamente em plenário (relatórios de grupo e intervenções livres). Os delegados que participaram à distância foram divididos em grupos que trabalharam na plataforma, relatando os seus intercâmbios numa sessão especial.

8. Numa opção precisa de transparência e para facilitar a participação mais alargada possível, todas as sessões plenárias da Assembleia Continental Europeia em Praga foram transmitidas em streaming e as gravações permanecem disponíveis no canal YouTube do Gabinete de Imprensa dos PECO, em <https://www.youtube.com/@CCEEMediaoffice/streams>. O texto das intervenções das delegações, outras intervenções, discursos e homilias, bem como os relatórios dos trabalhos de grupo, estão disponíveis no sítio oficial da Assembleia Continental Europeia, <https://prague.synod2023.org>. Deles provêm as citações que pontuam este Documento[5], que pretende assim representar a riqueza e a vivacidade do intercâmbio através da voz direta daqueles que nele participaram. Foram escolhidas por exprimirem de forma concisa, forte ou precisa sentimentos também partilhados por outros participantes, e não para indicar a adesão a uma posição particular[6].

9. Este Documento foi redigido por uma Comissão de Redação especialmente nomeada pela Presidência da CCEE, a partir da escuta de todas as contribuições, relatórios e intervenções apresentadas durante os trabalhos e com base no esquema sugerido pela Secretaria Geral do Sínodo. Um primeiro esboço foi lido numa das sessões do último dia dos trabalhos e foi aprovado pela Assembleia. Em seguida, foram recolhidas reacções e propostas de alteração, quer durante a sessão plenária, quer através do envio de textos escritos. O grupo de redação examinou-as e alterou o texto, se necessário, até lhe dar a sua forma final.

10. O presente Documento tem como único objetivo fazer um balanço sintético dos trabalhos da Assembleia Continental Europeia e oferecer o contributo das Igrejas europeias para o diálogo a nível universal, particularmente na perspetiva da elaboração do *Instrumentum laboris* da Assembleia Sinodal em outubro de 2023. Dá, portanto, voz às principais intuições e consonâncias registadas, mas também às divergências e tensões que não deixaram de emergir, com vista a identificar as prioridades a submeter ao discernimento da Assembleia Sinodal em preparação. Trata-se de um relato que a Assembleia Continental Europeia reconheceu como fiel ao trabalho efectuado. O Documento não oferece soluções ou interpretações teológicas, mas pretende apresentar as tensões que as Igrejas locais trouxeram à

[4] O programa de trabalho pormenorizado consta do Anexo B.
[5] Per quanto riguarda i membri del CCEE, si indica semplicemente il nome del Paese, salvo l'eparchia di Mukachevo, l'Ucraina (in cui si distingue tra Chiesa greco-cattolica e Chiesa latina), e le due Conferenze episcopali plurinazionali: Paesi nordici (Svezia, Danimarca, Norvegia, Finlandia, Islanda) e Conferenza episcopale internazionale dei santi Cirillo e Metodio (Serbia, Macedonia del Nord, Montenegro e Kosovo). Per le citazioni dai resoconti dei lavori di gruppo, si indica la lingua in cui hanno lavorato.
[6] Nel considerare queste citazioni, bisogna tenere conto che spesso si tratta della traduzione in una delle cinque lingue di lavoro di un testo originariamente formulato in una diversa lingua.

tona. Por isso, não pode ser interpretado como a expressão de uma posição definitiva ou a indicação de estratégias operacionais das Igrejas europeias sobre questões que são adiadas para o discernimento das fases subsequentes do processo sinodal.

11. Depois de delinear brevemente alguns elementos básicos do contexto em que as Igrejas europeias vivem e trabalham, no qual, portanto, a Assembleia Continental de Praga também deve ser colocada, o texto continuará a identificar sete intuições sobre as quais se deve basear o caminho para uma Igreja sinodal numa perspetiva europeia e, portanto, sete tensões a partir das quais as Igrejas europeias se sentem desafiadas a continuar o seu caminho; concluirá então com a formulação do que as Igrejas europeias consideram ser as prioridades para o trabalho da Assembleia Sinodal em outubro de 2023.

1.2. Algumas características do contexto em que as Igrejas europeias operam

12. Durante os trabalhos da Assembleia, fomos atingidos pela notícia dos dramáticos tremores de terra que atingiram o sul da Turquia e o norte da Síria em 6 de fevereiro de 2023. Dezenas de milhares de pessoas perderam a vida. Na oração, a Assembleia exprime a sua solidariedade para com as pessoas particularmente afectadas pelo terramoto.

13. A Europa foi profundamente afetada pela dor e pelo sofrimento da guerra de agressão desencadeada contra a Ucrânia há um ano. A Assembleia ficou profundamente comovida com a presença de pessoas das regiões afectadas. A situação levantou novas questões: "*Seria bom, juntamente com a Igreja universal, refletir sobre como mostrar Cristo em condições de guerra e pós-conflito. Como chegar às pessoas afectadas pela violência e pela violação com a Boa Nova?*" (Ucrânia, Igreja latina).

14. As Igrejas europeias são profundamente afectadas pela crise dos abusos sexuais e outros. Foi sublinhado, antes de mais, que a voz corajosa das vítimas "*foi ao cerne do que é necessário para a nossa Igreja: a conversão*" (Irlanda). Uma vez que a credibilidade da Igreja está em causa, é necessário abordar tanto os casos de abuso e as feridas que causam, como a questão do seu tratamento pelas autoridades eclesiásticas.

15. A experiência sinodal insere-se no contexto peculiar que caracteriza as Igrejas europeias, a partir das diversidades que a atravessam, criando também tensões entre as suas partes: entre a Europa de Leste e a Europa Ocidental, herança da divisão do continente em blocos opostos no final da Segunda Guerra Mundial, mas também entre o Norte e o Sul, entre países de tradição católica e outros onde os católicos ou mesmo os cristãos são minoritários desde há séculos. No entanto, o trabalho da Assembleia dá-nos uma imagem da Europa e das Igrejas europeias muito mais variada do que os estereótipos tradicionais de grandes blocos homogéneos e opostos. O pluralismo confessional que caracterizou a Europa durante séculos é hoje o terreno em que florescem iniciativas ecuménicas de muitos tipos, a começar pelo

ecumenismo da prática.

16. O contexto religioso da Europa contemporânea é marcado sobretudo pelo fenómeno da secularização: "*a nossa rica tradição cristã europeia traz também consigo uma bagagem que transportamos num contexto de acentuada secularização. Neste contexto, devemos abrir novas vias ao desejo de 'ir ao encontro de todos com a lâmpada acesa do Evangelho'*" (Malta). "*Uma atitude negativa de condenação em relação ao mundo e à sociedade é estéril. Temos muito para oferecer ao mundo, mas também muito para receber. A abertura ao mundo pode ajudar-nos a compreender melhor o Evangelho. [...] Todo o processo sinodal convida-nos a compreender os sinais do nosso tempo, incluindo os sinais da sociedade secularizada contemporânea*" (Bélgica). Os desafios actuais incluem a necessidade de estabelecer um "*diálogo com a cultura e o pensamento contemporâneos, em questões como a inteligência artificial, a robótica ou as questões de identidade de género (LGBTQIA+)*" (Portugal). Apesar das dificuldades, o processo sinodal é visto como uma oportunidade numa cultura secularizada: "*Alargando a nossa tenda, devemos ser capazes de acompanhar o maior número possível de pessoas no caminho da experiência cristã*" (Mónaco).

17. As Igrejas na Europa também têm de lidar com o problema da migração. Provocadas por guerras ou por situações económicas desastrosas, estas migrações também afastam os membros das comunidades cristãs, empobrecendo-as e tornando-as quase irrelevantes. Alguns "*estão em risco por várias razões, principalmente a pobreza e a o fenómeno migratório, a desaparecer e a ver interrompida a transmissão da tradição da fé*" (Moldávia). Noutros lugares, porém, as comunidades lutam para lidar com um súbito afluxo de estrangeiros, que podem mesmo constituir a grande maioria: "*a nova realidade da Igreja Católica na Grécia: 50.000 católicos gregos e 150.000 católicos imigrantes e refugiados. [...] Algumas paróquias têm uma maioria estrangeira (95% nas três paróquias do centro de Atenas, em Rodes, em Mykonos), com uma pequena presença de gregos. Algumas centenas de africanos são clandestinos porque não têm documentos. Outras paróquias têm um rosto multinacional. Só nas ilhas com uma presença católica multi-secular é que todos os gregos estão presentes. O problema é agravado pelo facto de muitos milhares de imigrantes viverem em cidades, aldeias e ilhas sem um pároco católico e, portanto, sem uma vida eclesial católica*" (Grécia).

18. Em várias ocasiões, foi sublinhado que as Igrejas na Europa são Igrejas do martírio, incluindo o pedido de elaboração de um martirológio europeu comum "*para difundir a memória dos mártires do nosso continente e deixarmo-nos guiar pelo seu testemunho para crescer na fé e na fidelidade à nossa identidade cristã e católica*" (Discurso livre de um convidado).

19. No meio de desafios tão complexos, a maioria das delegações exprimiu a necessidade de reavivar a escuta da Palavra de Deus: "*É essencial que a Igreja dê à Palavra de Deus todo o espaço que ela merece, reintegrando a dimensão espiritual na*

sua vida quotidiana, em todas as suas actividades pastorais e também na condução da atividade governamental" (França).

2. Por uma Igreja sinodal numa perspetiva europeia

20. O debate e o intercâmbio a partir do DEC levaram à identificação de sete pontos de referência para o caminho da construção de uma Igreja sinodal numa perspetiva europeia. Trata-se de intuições partilhadas, nas quais todos nos podemos inspirar e pôr em prática, encarnando-as em contextos locais concretos: 1) a dimensão espiritual da sinodalidade, em vista de uma contínua conversão a Cristo; 2) a redescoberta da dignidade batismal comum e das suas implicações; 3) a ligação intrínseca entre sinodalidade e missão; 4) o diálogo como modo de vida da Igreja; 5) o empenho em superar os preconceitos e reconciliar a memória; 6) a atenção preferencial às famílias, às mulheres e aos jovens; 7) a adoção do método sinodal para todos os processos eclesiais.

2.1. Andar com Cristo, cheio do seu Espírito

21. O modo de vida de Jesus, a sua existência kenótica ao serviço da humanidade, é um caminho que todos os cristãos e todas as comunidades cristãs são convidados a percorrer: "*A conversão, entendida como conformação interior e exterior a Cristo servo, deve ser o primeiro e o último critério do caminho sinodal, que molda o estilo da Igreja do futuro*" (Turquia). O próprio termo "sínodo" remete para a pessoa de Jesus: "*No nosso caminho sinodal, foi sublinhada a imagem da Igreja como comunidade de todos os fiéis de Cristo. Os fiéis que estão com Cristo, que disse de si mesmo: "Eu sou hodos" = o caminho (também: a verdade e a vida). [...] Os cristãos são "synodoi" (Inácio de Antioquia). Assim, a sinodalidade é, antes de mais, "con-cristianismo". E os 'synodoi' são todos 'com-Cristo'. Ou seja, precisamente porque com Cristo, e só sobre esta base cristológica, todos os baptizados são 'synodoi' no tempo da salvação, no seguimento de Cristo e no serviço aos irmãos, na sua peregrinação para Cristo ressuscitado*" (Bósnia-Herzegovina).

22. De forma complementar, numerosas intervenções nas plenárias e nos trabalhos de grupo apontaram o Espírito Santo como o principal protagonista e força motriz do caminho sinodal. O teólogo checo Tomáš Halík salientou-o na sua reflexão espiritual introdutória: "*É sobretudo através da espiritualidade - da experiência espiritual de cada crente e de toda a Igreja - que o Espírito nos introduz gradualmente em toda a verdade*". Experimentámos isto diretamente durante a Assembleia de Praga, meditando sobre o ícone do Pentecostes apresentado pela Igreja eslovaca: todos os presentes estão unidos, mesmo que as cores das suas roupas sejam diferentes. A imagem reflecte o que nós experimentámos: a diversidade de opiniões expressas não é um obstáculo ao desejo declarado por todos de serem fiéis a Cristo e de participarem juntos na construção de uma Igreja de unidade na diversidade, guiada

pelo Espírito Santo, *cum Petro e sub Petro*.

23. Prosseguir no caminho sinodal exige "*manter um espírito de contínuo discernimento para que a Igreja seja sempre lugar de encontro pessoal e comunitário com Jesus e o seu Evangelho, e ponto de partida para a missão*" (Portugal). Se Cristo é o nosso modelo e o Espírito é a fonte da energia que nos impele, a atitude de conversão e o cuidado com a dimensão espiritual são indispensáveis para nos mantermos atentos à sua voz. Por isso, no coração de uma Igreja sinodal só pode estar uma relação pessoal com Deus: "*Só quando fazemos uma experiência pessoal de Deus Pai é que podemos ser irmãos e irmãs em Cristo uns dos outros, indo ao mundo com o conteúdo do Evangelho e revelando a riqueza da fé*" (Eslovénia). Cultivar esta relação exige um caminho de conversão que envolve também as comunidades no seu conjunto e para além delas: "*Acreditamos que o fundamento de todas as nossas acções, desejos e propostas deve ser a conversão pessoal e comunitária e a comunhão com Cristo, uns com os outros e com os irmãos*" (Espanha).

24. A fidelidade a Cristo deve ser vivida também como uma união espiritual com aqueles que deram a vida pelo Evangelho: "*O martírio de homens e mulheres, consagrados ou não, ensina-nos que a comunhão é possível apesar das duras provas; que a fidelidade a Deus é o mais belo testemunho que se pode oferecer à humanidade de todos os tempos*" (Albânia). De facto, "*os mártires cristãos não deram a vida por um costume, mas pela Verdade: por Cristo*" (Hungria).

2.2. A dignidade batismal comum deve ser redescoberta

25. "*No batismo, somos enxertados em Cristo*" (Eslovénia). Muitas reacções à DEC sublinham a ligação a Cristo através do batismo e as consequências que daí advêm: "*todos somos chamados à santidade e partilhamos a responsabilidade de edificar a Igreja*" (inglês). Por conseguinte: "*Temos de reconhecer e reafirmar a nossa dignidade batismal comum como base para a renovação da vida e do serviço na Igreja. Cada pessoa baptizada deve tornar-se mais consciente da sua identidade, dignidade e vocação em Cristo. [...] Cada vocação deve ser melhor compreendida e mais amplamente apreciada se quisermos cultivar o carácter colegial da Igreja*" (Escócia). O processo sinodal foi muito útil para muitos como oportunidade de se reapropriarem, através da experiência, desta consciência: "*a intuição que emergiu fortemente neste caminho sinodal foi a redescoberta da dignidade batismal e da responsabilidade comum que dela deriva para a construção e a missão da Igreja*" (Itália).

26. A igual dignidade devida ao batismo comum foi recordada várias vezes. Esta afirmação teológica assume uma dimensão mais concreta e urgente quando nos leva a interrogarmo-nos sobre o lugar e o papel da mulher na Igreja: "*A atual experiência sinodal é um importante sinal de esperança para muitos e encoraja-os na busca comum de novos caminhos credíveis. Isto inclui o reconhecimento da dignidade e da vocação de todos os baptizados, especialmente das mulheres*" (Suíça). Por outras palavras, "*o envolvimento das mulheres não é uma substituição da escassez masculina, mas uma implementação responsável da teologia do sacerdócio comum dos fiéis*" (República

Checa). O desafio é ainda mais crucial no que diz respeito aos jovens.

2.3. A sinodalidade ao serviço da missão

27. A sinodalidade tem uma dimensão constitutivamente missionária. Descobrindo o dinamismo da evangelização e renovando-se, as nossas Igrejas locais apercebem-se de que a sinodalidade e a missão são interdependentes e uma tarefa permanente da Igreja. A sinodalidade é um caminho comum a diferentes níveis, é um novo estilo de ser Igreja missionária e é o quadro da nossa participação na missão divina: "*Se levarmos a sério o princípio da sinodalidade, então a missão não pode ser entendida como um processo unilateral, mas antes como um encontro num espírito de diálogo, uma procura de compreensão mútua. A sinodalidade é um processo de aprendizagem em que não só ensinamos, mas também aprendemos*" (Tomáš Halík, Reflexão Espiritual Introdutória).

28. Ao caminharmos como Igreja sinodal missionária, encontramos companheiros que aprendemos a amar e a apreciar, porque juntos somos chamados a testemunhar o amor de Cristo no mundo ferido. As expectativas das pessoas em relação à Igreja são grandes. Os fiéis querem moldar a esta Igreja missionária e querem que a sua opinião, a sua vida quotidiana, as suas preocupações, o seu sofrimento sejam ouvidos.

29. Ser uma Igreja missionária significa, ao mesmo tempo, escutar como seguidores de Cristo, ver as feridas existenciais das pessoas, da humanidade e da criação, e atuar para as resolver: "*Uma Igreja sinodal pode ajudar a curar e a reparar estas feridas. Pode ajudar-nos a reconciliarmo-nos connosco próprios, com Deus, uns com os outros e com a criação*" (Irlanda). A ênfase dada pela DEC ao carácter diaconal de uma Igreja sinodal missionária foi muito bem acolhida. Para exprimir a sua importância, é frequente a imagem da Igreja como um hospital de campanha.

30. Nos nossos dias não faltam feridas, na Europa e em todo o mundo: a guerra na Ucrânia, as crises existenciais das pessoas, a degradação do ambiente, a pandemia e as feridas causadas às pessoas pela Igreja através de abusos e de todas as formas de violência, exclusão e humilhação. "*Muitas vozes expressam a sua gratidão pelo facto de o documento se centrar nas crises prementes do presente. Pensamos em particular nas crises existenciais da proteção da criação, da justiça climática, das guerras, da pobreza e da doença. Como Igreja na Suíça, podemos empenhar-nos com credibilidade nestas crises se também trabalharmos nos nossos próprios problemas internos e os resolvermos*" (Suíça).

31. A sinodalidade apoia a Igreja no processo de se tornar cada vez mais missionária, mas também revela rapidamente obstáculos e tensões que devem ser superados ou suportados ao longo do caminho. Uma Igreja sinodal adopta critérios de avaliação diferentes; não evita o diálogo, mas procura-o; não desvaloriza, mas esforça-se por sair das suas próprias seguranças e questionar-se; abre espaços de experimentação e procura soluções subsidiárias, se necessário.

2.4. Crescer como uma Igreja de Diálogo

32. Para a Igreja, o diálogo é uma forma de vida, com sólidos fundamentos trinitários e eclesiológicos, que deve moldar as nossas relações a todos os níveis, começando pelas relações dentro e entre as nossas Igrejas locais. Depois, diz respeito às relações ecuménicas e inter-religiosas, às relações com a sociedade e à abordagem dos marginalizados e feridos.

33. As nossas Igrejas locais caracterizam-se por uma diversidade rica, mas nem sempre fácil de conviver: coexistem diferentes nacionalidades e grupos étnicos, e crentes das tradições ocidentais e orientais da nossa Igreja. Esta diversidade interna é particularmente notória nas Igrejas da Moldávia, da Roménia e da Ucrânia: "*Num contexto minoritário, uma dificuldade suplementar é representada pela diferença de culturas entre os católicos pertencentes à mesma comunidade eclesial, que experimentam a separação das tradições, das línguas e o fechamento no sentido de pertença que gera divisão*" (Moldávia). Em todo o caso, "*a diversidade não deve ser vista apenas como um problema, mas como um recurso (os ritos das diferentes igrejas, a liturgia, a história e as tradições das igrejas nacionais na Europa, etc.). Todas estas realidades exigem uma transformação dos nossos corações, da linguagem que utilizamos em relação à cultura atual. Todos nos sentimos envolvidos no caminho do encontro, que começa com a nossa metanoia.*

34. No que diz respeito às relações com outras denominações cristãs e confissões religiosas, foi salientado que, em muitas partes da Europa, os católicos são uma pequena minoria e têm uma rica experiência do que significa pensar e viver ecumenicamente, tanto com as Igrejas protestantes como com as ortodoxas. Muitas Igrejas locais estão envolvidas no diálogo com o judaísmo e no diálogo inter-religioso, especialmente com o Islão (por exemplo, Turquia, Bósnia-Herzegovina, Albânia): "*O esforço ecuménico da comunidade católica para com os cristãos ortodoxos (há muito poucos outros cristãos no país) e o trabalho de diálogo com os muçulmanos e a comunidade judaica fazem parte da vida da Igreja numa sociedade religiosa e etnicamente mista*" (Bósnia-Herzegovina).

35. As Igrejas dos países da Europa de Leste e do Sudeste têm consciência de que estão na fronteira com o mundo ortodoxo ou vivem em conjunto com os fiéis da Igreja Ortodoxa, que representam a maioria da população. A convivência nem sempre foi fácil e ainda há feridas a sarar. As igrejas locais querem enfrentar esta tarefa: "*O caminho sinodal reavivou a consciência ecuménica. A Igreja greco-católica tem uma vocação ecuménica no seu ADN. Nica e sente dolorosamente a falta de unidade cristã. Não estamos apenas em conflito geográfico com a Ortodoxia, mas sobretudo com os nossos irmãos e irmãs ortodoxos com quem partilhamos a mesma herança ritual e cultural. Naturalmente, queremos intensificar o nosso envolvimento no ecumenismo com todas as denominações, mas especialmente com a nossa Igreja irmã, mostrando iniciativa e criatividade, ultrapassando as feridas e injustiças do passado através de uma verdadeira cura da memória*" (Roménia).

36. As Igrejas da Europa Ocidental e do Norte beneficiam das suas boas relações

ecuménicas com as Igrejas Protestantes. Foi sublinhado que os encontros de oração, bem como as caminhadas em conjunto, não devem limitar-se ao aniversário anual da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, mas devem ir mais longe, identificando novas possibilidades. A delegação da Letónia, por exemplo, falou-nos da tradição de uma Via Sacra ecuménica, que se realiza em Riga na Sexta-feira Santa há 18 anos e que foi também organizada durante a pandemia com a participação das comunidades luterana e batista.

37. O estilo de diálogo também diz respeito às relações com a sociedade secularizada: "*Na Europa, a mudança assume uma forma específica através do confronto com uma sociedade cada vez mais secularizada. Na prática, já não existem sociedades cristãs homogéneas. Não é bom limitarmo-nos a observar esta situação ou a vivê-la como uma ameaça e como algo a que nos devemos opor. Como Igreja, vivemos no mundo, mas não necessariamente num mundo cristão. Isto requer uma mudança de mentalidade e uma verdadeira conversão da nossa parte*" (Bélgica). Ao mesmo tempo, face à secularização e ao pluralismo cultural, alguns expressam o receio de que os ensinamentos da Igreja se diluam e mudem, por exemplo, a compreensão tradicional do matrimónio e da família, exortando a Igreja a permanecer em diálogo com o mundo sem se tornar mundana.

38. As Igrejas locais da Europa estão conscientes de que é necessário entrar e permanecer em diálogo com a sociedade. O diálogo com o mundo ajuda a Igreja a ser missionária, a conhecer e a compreender os sofrimentos e as feridas das pessoas e da criação, e a atuar em conformidade, em primeiro lugar internamente: foi constatada uma tensão "*entre as mudanças sócio-ecológicas que exigimos da sociedade para uma coexistência pacífica na justiça em tempos de múltiplas crises, e a nossa falta de capacidade de conversão para uma maior justiça, por exemplo, no que diz respeito à discriminação contra as mulheres*" (Grupo de Trabalho, língua inglesa online). Para o compromisso com a justiça, a paz e a reconciliação, o tempo é curto: não basta apontar os problemas, é urgente um discernimento que conduza à ação.

2.5. Abordar as feridas abertas, ultrapassar os preconceitos, reconciliar a memória

39. A Igreja infligiu feridas profundas. Muitos colaboradores prestam homenagem a "*mulheres e homens que corajosamente se apresentaram para falar sobre abusos sexuais, institucionais, emocionais, psicológicos, físicos e espirituais por parte de membros da Igreja*" (Irlanda) e salientam como as feridas causadas pelos abusos corroem a credibilidade da Igreja. Manifestando o seu desapontamento com as autoridades eclesiásticas pelo tratamento desdenhoso e não empático dado a estas pessoas, alguns perguntam: "*Até que ponto ainda se faz uma distinção entre os membros de uma instituição e a própria instituição?*" (países nórdicos). Outros consideram que a responsabilidade pelo encobrimento dos abusos é tanto individual como sistémica: "*Há falhas individuais graves; demasiados membros do clero abusaram do seu poder e os responsáveis, sobretudo os bispos, encobriram as atrocidades. Mas há também causas sistémicas do abuso de poder. Não as podemos*

negar. Estamos determinados a tirar as consequências espirituais e estruturais" (Alemanha). Alguns apelam a medidas mais decisivas para abordar o problema de forma mais transparente: "*o abuso é uma ferida aberta e continuará a ser um obstáculo à comunhão, à participação e à missão enquanto não for totalmente resolvido*" (Irlanda).

40. "*Só quando ouvimos as vozes que muitas vezes não são ouvidas é que somos capazes de crescer e discernir. Queremos particularmente ouvir as vozes de certos grupos especiais dentro da Igreja: os pobres, os marginalizados, aqueles que se sentem excluídos ou indesejados, a comunidade LGBTQIA+, os divorciados recasados, os migrantes e aqueles cujas vidas não correram como gostariam desejados*" (Países Baixos). A ligação entre a reforma sinodal e a preocupação com as vítimas e os marginalizados na Igreja deve ser mantida: "*nas lutas pelo futuro da Igreja, queremos pôr em primeiro lugar as pessoas concretas e o seu sofrimento*" (Grupo de Trabalho Multilingue). Os doentes e as pessoas com deficiência são também frequentemente mencionados. É urgente tomar medidas, pois muitas pessoas e grupos *sentem-se rejeitados, desprezados e discriminados na nossa Igreja, muitas vezes com boas razões. Pedem a possibilidade de se encontrarem sem medo e de um diálogo honesto entre iguais. O tempo está a passar: reconheçamos que há necessidade de uma verdadeira conversão!*" (Suíça).

41. Durante a Assembleia, surgiram não só diferenças de opinião, mas também acusações mútuas. Mas, para as Igrejas da Europa, o caminho do encontro e da confiança mútua continua aberto: "*Sublinhamos a alegria de estarmos no mesmo caminho entre os países e as Igrejas da Europa, de podermos descobrir que todos nós experimentamos sofrimentos e experiências diferentes, mas temos em comum o amor de Cristo*. A Assembleia de Praga não é o fim deste caminho, mas apenas um passo para além do início: todos precisamos de tempo para uma compreensão mais profunda daquilo que os outros dizem, que por vezes é difícil de aceitar para alguns, e que requer mais reflexão, estudo, discernimento e escuta da voz do Espírito Santo que nos quer conduzir a um futuro comum: "*Caminhemos juntos no caminho que o Espírito de Deus conduz à nossa Igreja: em muitos lugares, com muitas pessoas, de muitas formas. É um kairós da Igreja descobrir e moldar a sua própria sinodalidade*". (Alemanha).

42. O encontro e o intercâmbio entre os delegados, nomeadamente durante os trabalhos de grupo, tornaram claro que as diferenças de visão do mundo não se limitam ao Leste e ao Oeste, ao Norte e ao Sul. Apesar das diferenças reais entre as igrejas locais, não é possível traçar um quadro simplista de uma Europa ancorada em velhas divisões. A contribuição luxemburguesa refere "*o grande fosso entre aqueles que procuram a reforma ou mesmo a transformação e aqueles que têm medo da mudança ao ponto de a rejeitarem. Que estes fossos nos tornem curiosos para descobrir os argumentos uns dos outros, que nos tornem vigilantes para nos respeitarmos mutuamente, a fim de construirmos juntos o futuro das nossas comunidades, e não uns contra os outros, vendo a diversidade como uma riqueza*".

43. 43. O apelo à conversão ressoou no contexto de preconceitos mútuos por parte de indivíduos ou mesmo de comunidades inteiras, incluindo igrejas locais. Todos temos necessidade de "*reconhecer a diversidade dos ambientes de vida e das experiências históricas*" (Croácia) para nos limparmos da memória histórica que nos impede de nos aproximarmos uns dos outros com uma atitude de abertura e de confiança: "*Lendo o DEC, ficamos fascinados com a diversidade global das realidades da nossa fé comum em Cristo. A relação escuta-expressão tornou-se mais equilibrada, e todos nós nos tornámos mais conscientes do valor da forma específica de cada um se exprimir*" (Roménia).

44. Alguns delegados expressaram abertamente a necessidade de todos nós nos convertermos e refrescarmos a nossa memória, a fim de reconciliarmos as nossas Igrejas locais e de nos tornarmos mais credíveis para as sociedades secularizadas. Todos nós precisamos de questionar as nossas duras posições teológicas e pastorais para melhor responder aos desafios contemporâneos. "*O processo de secularização não provocou o desaparecimento do cristianismo, como alguns esperavam, mas a sua transformação*" (Tomáš Halík, Reflexão Espiritual Introdutória). Precisamos de uma eclesiologia kenótica, para não termos medo da morte de algumas formas de Igreja: "*A missão supera muitos problemas, porque significa sair de si mesmo. No perigo de perder, há uma maior possibilidade de receber*".

2.6. Prestar especial atenção às famílias, às mulheres e aos jovens

45. Muitos discursos centraram-se no apoio às famílias, que são responsáveis pelo reforço e pela transmissão da fé e da formação litúrgica, nutrem os jovens e são agentes de evangelização: "*o lugar mais importante de formação é a família, que está em crise por várias razões: os esforços pastorais a favor das famílias devem ser realçados*" (Eslováquia). "*A família é a célula fundamental da sociedade, onde se aprende a tolerância e a aceitação proca, e para onde podemos regressar em tempos de crise. Por isso, somos chamados a trabalhar em prol do matrimónio e da família*" (Hungria). Este compromisso tem também um valor ecuménico e inter-religioso: "*As cinco confissões religiosas (Islão, Bektashi, Ortodoxos, Evangélicos, Católicos), oficialmente reconhecidas pelo Estado, formaram em conjunto um Conselho Inter-religioso. Para além do monoteísmo que nos caracteriza, o que mais nos une e pelo qual pensamos poder oferecer algo às pessoas de hoje, são os valores humanos que sentimos ser portadores*" (Albânia). Isto é dito com especial referência às famílias.

46. As contribuições de praticamente todas as delegações dedicaram espaço ao tema da participação e do papel das mulheres na Igreja. "*Muitas mulheres comunicaram a sua dor perante a negação da sua participação na vida da Igreja e falaram de sentimentos de exclusão e discriminação. As mulheres desempenham um papel crucial na vida da Igreja, mas muitos homens e mulheres falaram de uma Igreja que 'exclui' a plenitude dos dons das mulheres*" (Irlanda). Este é um dos pontos mais recorrentes e com palavras muito semelhantes, da Bielorrússia, que sublinha "*a atenção crescente dada ao papel das mulheres na vida da Igreja. Com base no sacramento do Batismo, enquanto membros do Povo de Deus com igual dignidade,*

devem ocupar o lugar que lhes compete na realização da missão e das actividades da Igreja", até Lusburgo, que apela ao "*reforço do papel das mulheres e da sua participação a todos os níveis da vida da Igreja, tendo finalmente em conta os seus carismas e talentos*".

47. Também não faltou atenção aos jovens, que representam mais o presente do que o futuro das nossas Igrejas. "*Mais do que nunca, os jovens procuram a pertença, a autenticidade e a autonomia. Muitos sofrem de depressão e solidão e ninguém se preocupa verdadeiramente com eles e os ouve. Os jovens já estão na nossa Igreja agora, não apenas no futuro*" (Países Baixos). A Eslováquia lamenta "*a ausência de jovens na vida da Igreja*", *enquanto nós precisamos de "jovens que aceitem esta missão de Cristo, que dêem testemunho, que conduzam um diálogo, que apresentem a outras comunidades e nações todos estes valores que trazemos nas nossas vidas como jovens católicos*" (Conferência Episcopal Internacional dos Santos Cirilo e Metódio).

2.7. Tornar o método sinodal ordinário e estrutural

48. À medida que os trabalhos avançavam, foi surgindo a consciência da profundidade e da fecundidade do método do colóquio espiritual, também chamado por alguns de "método sinodal": "*O processo sinodal é um dom do Espírito Santo, que nos chama à escuta ativa, ao diálogo profundo e ao discernimento comunitário através da metodologia do colóquio espiritual*" (Espanha). Como testemunha também a experiência direta dos trabalhos da Assembleia de Praga, a conversação espiritual promove uma dinâmica profunda nas pessoas envolvidas: permite ser escutado e pede que se aprenda a escutar, saindo dos próprios preconceitos e aceitando formas de expressão que também podem ferir. Acima de tudo, estimula a escuta pessoal profunda da Palavra de Deus, a oração comunitária e a conversão. Escuta-se os irmãos e as irmãs, mas, mais ainda, escuta-se o Espírito, que é o verdadeiro protagonista, e é-se levado a centrar-se no estilo do Senhor, e não na própria ideologia, para identificar os passos a dar em conjunto. É a isto que se refere o termo discernimento, que mesmo para alguns continua a ser pouco claro. Com as devidas adaptações, o método sinodal pode ser aplicado também nos âmbitos ecuménico, inter-religioso e social.

49. Para que a sinodalidade não continue a ser um termo abstrato e formal, o método sinodal "*precisa de ser aprofundado, formado e institucionalizado*" (Áustria). Por um lado, é necessária uma elaboração mais completa de uma teologia da sinodalidade; por outro lado, muitos sublinham a importância da "*formação em sinodalidade, para o clero e os leigos em conjunto*" (Inglaterra e País de Gales), especialmente através de processos de aprendizagem pela prática. Podemos crescer num estilo sinodal através da prática, sob a orientação do Espírito e com o acompanhamento de pessoas formadas. Assim, a delegação maltesa pergunta: "*Dada a clara diferença que observámos entre os processos em que a 'conversa espiritual' era central e aqueles que pareciam reproduzir inquéritos normais, que competências e espiritualidade são necessárias para que a sinodalidade não permaneça apenas um conceito, mas tornar-se uma inspiração para as nossas estruturas, para que se tornem realmente espaços de discernimento comunitário onde a vontade de Deus está verdadeiramente no centro?*

50. O uso do método sinodal é, portanto, chamado a tornar-se estrutural, entrando na vida ordinária das comunidades "*como uma abordagem correcta para cada reunião eclesial e para a implementação de planos pastorais locais*" (Moldávia), a ponto de moldar um novo estilo de ser Igreja. De acordo com a delegação eslovaca, é prioritário "*trazer o espírito sinodal para a vida das comunidades locais - trazer a escuta ativa e o discernimento espiritual para os processos de tomada de decisão*". Por esta razão, recomenda-se uma reflexão sobre as mudanças no direito canónico para encorajar o desenvolvimento de estruturas e processos baseados no método sinodal. Uma das prioridades é fazer das "*paróquias um lugar de verdadeira 'cultura sinodal', onde todos são convidados a participar, a manifestar-se, a dar o seu contributo para a ação pastoral, em conselhos ou assembleias, assumindo uma efectiva corresponsabilidade*" (Portugal). É também uma forma de tornar a Igreja menos clerical, fria e burocrática, como pedem alguns, sobretudo os jovens.

51. O que está em causa é continuar a aprender a ser uma Igreja sinodal, sem se contentar com os passos já dados, por mais belos que sejam, e testemunhar concretamente que é possível viver as tensões sem as ver como oposições irresolúveis que nos esmagam. Isto "*requer uma formação na prática concreta da sinodalidade e uma autêntica escuta do outro e do Espírito Santo*" (Países Baixos).

3. As Igrejas europeias perante a sinodalidade: questões e tensões

52. No centro do processo sinodal está a identificação das tensões que atravessam as igrejas na Europa. Como disse um delegado austríaco, as tensões podem ser oportunidades, mas depende da forma como se lida com elas: podem ser varridas para debaixo do tapete, ou transformadas num conflito com vencedores e vencidos, ou tornar-se o caminho para a sinodalidade, o que exige a abertura de espaços para a experimentação. "*A Europa tem uma história de conflitos religiosos, mas as tensões diminuem quando nos escutamos uns aos outros, por isso agradeçamos a Deus por este processo de escuta sinodal.*

53. As tensões múltiplas de vários tipos são frequentemente fonte de grande preocupação. No entanto, a imagem da tenda proposta pelo DEC torna claro que elas não são necessariamente negativas: sem tensão, a tenda desmorona-se, enquanto demasiadas tensões a prejudicam. As tensões correm o risco de se transformar em polarização, mas "*a polarização prejudica a Igreja, o corpo de Cristo*". Em vez disso, "*as tensões podem ser ultrapassadas se a tenda for um espaço seguro onde todos sintam que podem falar e ser ouvidos. A conversação espiritual tem sido uma prática útil a este respeito*" (grupo de trabalho em linha de língua inglesa). Existe, portanto, um grande desafio: "habitar as tensões" (grupos de trabalho de língua francesa e italiana). "*As tensões permitem-nos ter a oportunidade de mudar de*

uma forma mais criativa e, em conjunto, podemos procurar formas de o fazer com sucesso" (grupo de trabalho de língua inglesa). Nesta linha, alguns preferem falar de complementaridade ou da capacidade de manter um equilíbrio entre polaridades. As sete tensões enumeradas pela Assembleia de Praga devem ser interpretadas nesta perspetiva: 1) a relação entre o anúncio da verdade do Evangelho e o testemunho da infinita misericórdia de Deus; 2) a articulação entre a fidelidade à tradição e a atualização ao apelo da voz do Espírito; 3) a liturgia como espelho da vida da Igreja, na qual se reflectem também as suas tensões; 4) o pluralismo das concepções de missão; 5) a capacidade de exercer a corresponsabilidade de todos na diversidade dos carismas e dos ministérios; 6) as formas de exercício da autoridade numa Igreja constitutivamente sinodal e constitutivamente hierárquica; 7) a articulação entre o local e o global, para salvaguardar tanto a unidade católica da Igreja como a possibilidade de se encarnar na variedade dos contextos e das culturas. Na continuação do caminho, as Igrejas europeias são chamadas a descobrir as suas potencialidades dinâmicas, evitando o risco de deflagração.

3.1. Verdade e misericórdia

54. Para exprimir esta tensão, algumas delegações recorrem às palavras do n.º 30 do DEC: "*O sonho é o de uma Igreja que viva mais plenamente o paradoxo cristológico: proclamar corajosamente o seu ensinamento autêntico e, ao mesmo tempo, oferecer um testemunho de inclusão e aceitação radical*". Outros, usando uma linguagem diferente, falam de uma tensão entre pastoral e doutrinal, que deve ser abordada através do diálogo no seio do Povo de Deus.

55. Em todo o caso, a atitude de abertura e de acolhimento sugerida pela imagem do alargamento da tenda é considerada uma caraterística fundamental de uma Igreja autenticamente sinodal, uma medida da sua coerência, e não conhece limites. Reconhece a urgência de uma verdadeira proximidade a todos os pobres, excluídos, vítimas de injustiças e preconceitos, cuja dignidade é espezinhada: "*Não basta proclamar o seu acolhimento, mas é preciso descobrir com eles o seu lugar na Igreja*" (República Checa). Ao mesmo tempo, é sublinhado o risco de isso conduzir a uma diluição das exigências do Evangelho, que a Igreja é chamada a anunciar, "*Sente-se a necessidade de a Igreja comunicar a verdade cristã de forma autêntica e clara*" (Hungria) e teme-se que "*a consideração de soluções pastorais para estas questões possa preceder 'mudanças doutrinais'*" (Polónia).

56. As palavras dos jovens eslovenos exprimem bem a tensão entre as duas exigências: "*Os jovens querem uma Igreja próxima das pessoas, incluindo as que estão à margem, aberta às questões das pessoas separadas e recasadas, das pessoas LGBTQIA+. Mas também querem que a Igreja diga claramente que nem tudo é aceitável! Por isso, a Igreja deve ouvir, mas também dizer toda a verdade com muito amor!*" (Eslovénia).

57. Ambas as ênfases são uma forma de responder à necessidade de autenticidade dos discípulos que querem comportar-se como o seu Senhor: "*A convergência entre*

o DEC e o discernimento das Igrejas locais reforça a preocupação de uma Igreja aberta a todos, porque com os olhos postos em Cristo: jovens, pobres e excluídos, pessoas com deficiência, homossexuais, divorciados e recasados, todos devem sentir-se esperados na Igreja e nela ter um lugar, porque são membros do mesmo corpo, o de Cristo (cf. 1 Cor 12)" (França). 1 Cor 12)" (França).

58. Acolher toda a gente como sinal do amor incondicional de Deus e proclamar a verdade do Evangelho são duas exigências enraizadas na missão única da Igreja: "*Deus é a Verdade, por isso quer que cada pessoa possa conhecer esta Verdade e vivê-la. [...] Só Jesus Cristo é o único Senhor e Salvador do mundo. E o modelo de todas as relações interpessoais é Deus na Trindade das Pessoas*" (Ucrânia, Igreja Latina).

59. Esta tensão não pode ser resolvida de uma vez por todas, mas deve ser vivida de forma responsável, resistindo às tentações das abordagens ideológicas e dando um passo em direção a uma maior profundidade espiritual: "*a tensão entre pastoral e doutrina [...] pode corresponder à tensão entre amor e verdade. Em vez de as opor, não deveríamos antes articular a sua complementaridade no sentido do Salmo 85: "O amor e a verdade encontrar-se-ão?* O caminho é o de um olhar contemplativo que permite conhecer melhor o Senhor Jesus e o modo como ele soube articular as duas pulsões: "*a verdade fundamental de Jesus Cristo é um momento de graça e de misericórdia, porque a misericórdia conduz à verdade*" (grupo de trabalho online em língua inglesa). Esta atitude contemplativa é a base do discernimento necessário: "*A aceitação incondicional não impede o discernimento para articular misericórdia e verdade em situações específicas*" (França).

60. Daí a necessidade de uma "*formação na verdade e na misericórdia: uma formação que mantenha em tensão a autoridade da Escritura, da Tradição, do Magistério e da experiência pessoal*" (Inglaterra e País de Gales). Mas, mais fundamentalmente ainda, encontramos aqui um apelo à conversão pessoal e comunitária: "*Ao esforçar-se por alargar o espaço da sua tenda e ser mais inclusiva, como deve a Igreja mudar a si mesma, a sua doutrina ou a sua praxis? E em que medida deve ela pedir aos seus membros que mudem o seu coração e a sua mentalidade, chamando todos à conversão? Um caminho partilhado de conversão torna-se uma das primeiras formas de inclusão*" (Malta).

3.2. Tradição e atualização

61. "*Talvez a tensão mais generalizada na Europa seja o fosso crescente entre a Igreja e a cultura secular. Para colmatar este fosso, a linguagem da Igreja deve ser acessível a todos, sem diluir a mensagem do Evangelho*" (Escócia). Devemos ter consciência de que "*a linguagem da fé utilizada na Igreja é frequentemente muito diferente da que as pessoas entendem e utilizam na vida quotidiana da sociedade contemporânea*" (Países Baixos). Perante esta constatação, a pergunta "*O que é que Jesus Cristo quer da sua Igreja hoje?*", formulada pela delegação portuguesa, foi repetida de forma variada e frequente.

62. O receio de uma rutura com a tradição é particularmente evidente no que diz respeito às diferenças entre as sensibilidades teológicas quanto à relação entre

a referência à tradição e a leitura dos sinais dos tempos. "*O fosso entre 'tradição' e 'modernidade' está a tornar-se mais largo e cada vez mais agressivo. Isto é particularmente doloroso no domínio da liturgia*" (países nórdicos).

63. Muitos delegados apelaram a mudanças rápidas e radicais como resultado do encontro entre a teologia e a cultura contemporânea: "*Temos de nos tornar uma Igreja de presença, que sabe ouvir e ser ouvida. Transformar a Igreja sem olhar apenas para dentro, mas abrindo os olhos ao mundo [... mantendo] um duplo dinamismo: um processo de reforma interna e uma resposta aos desafios do mundo contemporâneo, renovando e preservando a nossa identidade cristã*" (Luxemburgo).

64. Outros distanciaram-se da introdução de mudanças que poderiam comprometer a integridade do ensino da Igreja. Por exemplo, a delegação romena "*espera que a Igreja esteja aberta ao diálogo com o mundo sem se tornar 'do mundo'. Que os membros da Igreja falem com coragem e sem concessões em questões de fé e moral*". Algumas intervenções deram voz ao receio de uma reforma inadequada da Igreja, que diminuiria a mensagem do Evangelho: "*Pensamos que não é correto que a Igreja se adapte ao 'mundo' só para não se sentir perseguida, ou considerada 'fora de moda'*" (Albânia).

65. Mais uma vez, habitar a tensão entre tradição e aggiornamento sem se deixar esmagar por ela exige a capacidade de articular dinamicamente a relação entre os dois pólos: "*Todos nós desejamos desenvolver e implementar novas ideias, mas precisamos de encontrar um equilíbrio entre a tradição da Igreja e as novidades*" (Estónia). "*O problema urgente parece ser o de encontrar um consenso sensato entre as divergências e as soluções pastorais que, sem comprometer a coerência doutrinal, permitam uma resposta mais adequada aos desafios pastorais contemporâneos*" (Polónia). Para isso, afirma-se que "*é preciso prestar uma atenção séria à teologia da Tradição viva (DV 8), que inclui, sim, a memória histórica, mas também um discernimento e um juízo cuidadosos, orientados para os novos desafios da nossa sociedade. O ponto de partida, portanto, é a escuta do Espírito Santo e o discernimento dos sinais dos tempos (GS 4), que corajosamente vai para além da experiência histórica*" (República Checa). A sinodalidade não pode ser manipulada e dobrada para apoiar posições ideológicas, nem equivale a consagrar todas as opiniões expressas durante as consultas. É antes um modo dinâmico de nos escutarmos uns aos outros com humildade e plena abertura de coração ao que o Espírito Santo nos propõe.

3.3. A liturgia como perspetiva de leitura das tensões na Igreja

66. A centralidade da liturgia, na qual se reúne e se alimenta toda a vida da Igreja, faz dela um espelho no qual se reflecte a comunidade, incluindo as suas tensões. Por exemplo, é significativo e estimulante para o discernimento na Europa o facto de a liturgia ser muito frequentemente mencionada em relação a tensões complexas ou dificuldades pastorais, enquanto a alegria da liturgia em geral e da Eucaristia em particular raramente encontra expressão. Isto pode ser demasiado óbvio, mas continua a ser questionável a este respeito.

67. De um ponto de vista fundamental, é possível detetar a ligação entre a Igreja e a liturgia, entre a eclesiologia e a teologia da liturgia: "*A dimensão litúrgica na Igreja é um lugar de fortes tensões. Estas tensões fazem parte de uma tensão mais profunda de carácter eclesiológico. A tensão eclesiológica resulta frequentemente de uma visão da Igreja baseada nas próprias expectativas*" (Grupo de trabalho em língua italiana). É neste contexto que se devem compreender as tensões e os sofrimentos ligados à forma antiga da liturgia romana, com referências explícitas à liturgia pré-conciliar segundo o missal de 1962 em França, Inglaterra e País de Gales, e nos países nórdicos.

68. A liturgia é várias vezes mencionada em ligação com os sacramentos da iniciação cristã, e em particular com a Confirmação, o que representa um grande desafio em contextos onde não corresponde a uma inserção na vida e na missão da Igreja, mas a um distanciamento. Em vários países, há apelos à reflexão e à ação para uma linguagem litúrgica renovada e, mais profundamente, para desejar uma renovação que articule o mistério da fé e da liturgia, por um lado, e a relação entre liturgia e vida, por outro. "*Alguns fiéis notam que, em geral, na Bulgária, os padres e a Igreja não usam uma linguagem contemporânea, enquanto os tempos mudaram e as igrejas estão meio vazias*" (Bulgária). Noutros lugares, existe também uma tensão entre o desejo de espiritualidade e uma liturgia demasiado formal. Uma dificuldade particular é representada pela homilia: é necessário "*prestar atenção à formação e ao apoio dos sacerdotes [...], que devem estar próximos do Povo de Deus, exprimindo também a proximidade de toda a Igreja através da simplicidade da pregação, que deve estar presente em todo o lado*" (Mukachevo).

69. Em conclusão, "*a liturgia é o espaço onde Deus nos convida a formar um povo e nos dá o poder do seu Espírito para nos juntarmos a Jesus na sua missão. Precisamos de aprofundar a nossa compreensão de como a forma como celebramos as nossas liturgias nos pode formar ainda mais como Igreja sinodal*" (Malta).

3.4. Compreender a missão

70. A um nível mais profundo, as tensões acima mencionadas estão ligadas às que dizem respeito à compreensão da missão: "*A que é que somos chamados? Alguns podem confundir ser membro de uma igreja com retirar-se para um casulo confortável. Outros imaginam-na mais como um espaço onde cada um pode misturar e combinar o que quiser, sem qualquer sentido de compromisso ou conversão. Para alguns, não é claro o que implica a missão. E se a Igreja é toda ministerial, como podemos compreender os dons específicos dos ministros ordenados no seio do único povo santo de Deus?*" (Malta). As implicações destas tensões precisam de ser amadurecidas: "*Em geral, parece que há necessidade de uma apropriação e assimilação mais completa de conceitos como 'missionário' e 'dimensão missionária' da atividade da Igreja*" (Ucrânia, Igreja Greco-Católica). Encontramos aqui um pluralismo de interpretações: algumas Igrejas locais consideram que a tarefa de uma Igreja missionária é o reforço da catequese e o crescimento da prática religiosa; outras entendem a missão como sair para o mundo para tornar tangível o amor de Deus para todas as pessoas, especialmente para os excluídos e para aqueles que a Igreja feriu; outras acrescentam que a Igreja deve ser uma casa para todas as

pessoas, especialmente para os jovens. Em suma, percebe-se uma tensão "*entre estar fechado dentro da própria comunidade (elitismo) e a necessidade de sair em missão*" (Eslováquia).

71. Uma tensão na compreensão da missão é também evidente nas intervenções das Igrejas locais gravemente afectadas por casos de abuso sexual: como podem ser Igrejas missionárias quando acabaram de infligir um grande sofrimento a muitas pessoas? Trata-se da credibilidade da Igreja. Reconhecendo a dor das vítimas, são reconhecidas e expressas tensões graves. Por fim, também entre as tensões relacionadas com a missão, "*exprime-se o receio de que o processo sinodal permaneça sem consequências estruturais concretas, que são vistas como um pré-requisito para uma missão credível*" (Áustria).

3.5. Corresponsabilidade de todos, na diversidade de carismas e ministérios

72. "*A sinodalidade da Igreja exige também o reconhecimento dos dons e carismas de cada crente, a igual dignidade de cada um, procurando a articulação sinfónica das diferentes vocações na Igreja. Se é necessário reconhecer a autoridade dos pastores e a missão que receberam, é igualmente necessário reconhecer o sensus fidei de cada crente, seja ele clérigo ou leigo. Pelo contrário, o ministério ordenado pode ser entendido como estando ao serviço da vida batismal, dando a cada crente batizado e confirmado a plena participação na vida e na missão da Igreja*" (França).

73. Uma das manifestações mais visíveis do sacerdócio comum no quadro da sinodalidade é o exercício de ministérios específicos e de funções de responsabilidade, bem como a participação no governo da Igreja a diferentes níveis, como forma de concretizar a corresponsabilidade de todos os baptizados pela missão da Igreja, com base na sua dignidade batismal comum. É por isso que falamos de uma Igreja ministerial como um desafio concreto, antes de mais pela nossa capacidade de imaginar formas concretas para a sua realização. O processo sinodal conduz ao desejo de uma Igreja fraterna "*sem desvios clericais*" (Bélgica) no exercício de todos os ministérios, ordenados e não ordenados: "*Numa Igreja 'toda ministerial', repensar a tarefa e a identidade dos sacerdotes*" (Itália); ou, com uma ênfase diferente, "*O envolvimento dos leigos é uma oportunidade para complementar, mas não substituir, a missão das pessoas ordenadas*" (Hungria).

74. Nesta perspetiva, a Assembleia de Praga reafirma que "*o ministério sacerdotal é um grande dom de Deus para a Igreja*" (França) e exprime de várias formas uma profunda preocupação pelos padres. Suscita o seu desejo de "*uma imagem positiva da figura do padre*" (Áustria), mas também o dos fiéis de que há quem se preocupe com os padres e se preocupe com a sua solidão: "*os jovens constatam que os padres, na sua maioria, estão mal formados para trabalhar com as pessoas, mas também muitas vezes sozinhos e sem os interlocutores adequados*" (Eslovénia). Por outro lado, há uma falta de reflexão sobre o diaconato ordenado, exceto nos casos em que se prevê a sua abertura às mulheres.

75. Algumas contribuições apontam também para a existência de questões relativas aos limites de acesso ao ministério ordenado: "*A variabilidade histórica da*

figura do padre deve estar aberta ao debate sobre a ordenação de homens casados" (República Checa). Outro ponto diz respeito à ordenação de mulheres ao diaconado, embora esta não seja uma questão simples: "*Há também tensões relativamente a questões ditas fracturantes, como o acesso das mulheres ao sacramento da ordem, a ordenação de homens casados*" (Portugal). Em particular, "*as opiniões dividem-se quanto à ordenação de mulheres ao diaconado/presbiterato*" (grupo de trabalho de língua inglesa), sendo que algumas contribuições sublinham que "*a questão do acesso das mulheres aos ministérios ordenados precisa de ser aprofundada*" (Luxemburgo).

76. A um nível mais alargado, muitas delegações abordaram a questão do acesso das mulheres ao exercício da autoridade: "*a questão do sacerdócio das mulheres não é um tema quente, mas tivemos muitos debates sobre a participação das mulheres nos processos de tomada de decisão*" (Lituânia). Para alguns, é uma condição para uma maior fecundidade da Igreja na Europa: "*Não há dúvida: a participação dos leigos e, especialmente, das mulheres a todos os níveis da Igreja é sentida como uma prioridade. [...] a Igreja precisa da voz e das qualidades específicas de liderança e de construção de comunidades das mulheres*" (Países Baixos).

77. Em todo o caso, há uma grande convergência: "*Promover a corresponsabilidade real e efectiva do Povo de Deus, superando o clericalismo. É importante promover os ministérios laicais*" (Espanha). Não se trata apenas de uma questão do lugar da mulher na Igreja, mas de uma compreensão da variedade dos ministérios como expressão do carácter sinodal da Igreja.

78. Isto exige um aprofundamento da questão da colaboração entre padres e leigos na missão da Igreja: "*O que ainda falta não é apenas a experiência de uma comunidade de vida, mas também uma colaboração saudável entre padres e leigos*" (Lituânia). Muitas intervenções identificam-no como um lugar de tensão ou frustração, chegando mesmo a vê-lo como uma tensão entre instituições e carismas. Por isso, "*parece importante modelar a cooperação e a assunção de ministérios com base nas capacidades*" (países nórdicos).

79. Para que esta colaboração seja frutuosa, insiste-se na necessidade de uma formação específica, para os seminaristas (formação inicial), para os sacerdotes (formação permanente), e não só: "*A formação de todos os baptizados é indispensável para os ajudar a redescobrir o sentido da sua vocação e da sua tarefa na Igreja, numa lógica de corresponsabilidade e não de substituição*" (Grupo de Trabalho em italiano). Esta formação deve ser permanente e envolver sacerdotes e leigos em conjunto, o que exige a criação de espaços e oportunidades de experimentação. Por fim, a delegação turca foi a única a mencionar a formação de padres vindos do estrangeiro, um fenómeno que diz respeito a quase todos os países europeus, que "*têm de aprender muito bem a língua e a cultura para poderem incarnar e encarnar a Boa Nova na cultura local*" (Turquia).

3.6. O exercício da autoridade numa Igreja sinodal

80. Muitas intervenções abordaram vários aspectos do exercício da autoridade

na Igreja. A verdadeira renovação eclesial e missionária que o atual processo sinodal tem em vista radica em dois princípios: na Igreja, toda a autoridade específica vem de Cristo e é guiada pelo Espírito Santo: "*Qualquer verdadeira renovação e reforço da sinodalidade da e na Igreja deve partir dos princípios fundamentais da própria Igreja, da base sobre a qual a Igreja foi fundada por Jesus Cristo nosso Senhor*" (Países nórdicos). A consequência diz respeito à própria natureza da Igreja, na qual o Espírito Santo continua a atuar ainda hoje. "*A Igreja é essencialmente sinodal e essencialmente hierárquica. As tarefas e os desafios envolvidos podem ser descritos como "tomada de decisões" e "tomada de decisões". Não pode haver vencedores nem vencidos. O Espírito Santo [...] é muitas vezes a terceira opção*" (Áustria).

81. "*Há rigidezes a ultrapassar: formas excessivamente hierarquizadas de entender o exercício da autoridade, formas de clericalismo a vários níveis (e não só entre os padres), esquecimento de que quando algo afecta todos, deve ser discutido com todos. Quem tem uma responsabilidade na comunidade tem a tarefa de envolver e valorizar o contributo de todos, porque todos temos algo a aprender com todos*" (Itália). Além disso, "*o sacerdócio comum de todos não contradiz o sacerdócio ministerial, e vice-versa. Já nos especializámos na deliberação comum no processo sinodal. Como é que podemos chegar a deliberar em conjunto?*" (Alemanha).

82. Por isso, é necessária uma mudança profunda: "*Deve ser construído um modelo institucional sinodal para o exercício do poder e da autoridade na Igreja, com estruturas e órgãos que reflictam o espírito da sinodalidade [...] e não tenham apenas funções consultivas*" (Mukachevo). "*A sinodalidade parece exigir uma profunda mudança de mentalidade na Igreja, especialmente naqueles que exercem responsabilidades dentro dela*" (Bélgica). Por outro lado, "*os fiéis devem estar mais conscientes de que fazem parte da Igreja e que são necessários para o trabalho da Igreja, lembrando que a diversidade de carismas sem uma ordem hierárquica se torna anarquia, assim como o rigor da hierarquia sem um carisma vivo se torna ditadura*" (Mukachevo).

83. Esta mudança deve refletir-se em decisões concretas, sobre as quais a Igreja é chamada a discernir. "*A coragem e a sabedoria do Espírito serão indispensáveis para fazer renascer e inspirar as mudanças doutrinais, estruturais, canónicas e pastorais necessárias, sem destruir a comunhão nem perder de vista a pessoa e o ensinamento de Jesus Cristo*" (Irlanda). É evidente que os bispos são actores essenciais nesta mudança para um exercício renovado e sinodal da autoridade. "*Acreditamos no valor do ministério episcopal*" (Itália).

84. A autoridade deve ser exercida numa governação mais fraterna e participativa: "*Para experimentar uma melhor governação na Igreja, muitos apelam a que se repense uma governação mais participativa, que dê espaço à escuta e ao discernimento, concebendo a autoridade como um ato de amor e de serviço*" (França), mas também é apontada "*uma tensão entre autoridade e ministério*" (Grupo de Trabalho Multilingue). Depois, há algumas exigências próprias das sociedades europeias: "*para ser um parceiro digno de confiança e credível na esfera pública e junto dos cidadãos, a Igreja*

europeia tem de cumprir as normas de funcionamento e de governação adquiridas na sociedade. Daí a necessidade de transparência, responsabilidade e liderança participativa" (Bélgica). Para tal, "*devem ser criados ou renovados mecanismos de consulta regular entre o clero, os leigos e os religiosos, assegurando a transparência, uma melhor comunicação e a corresponsabilidade*" (Escócia).

85. A caraterística mais essencial assinalada por muitos contributos é a ligação entre autoridade e escuta, a propósito da qual a tradição teológica remete para a noção de sensus fidei fidelium (instinto de fé dos fiéis). O Sínodo 2021-2024 dá uma ênfase renovada a este facto, que "*é motivo de grande alegria, encorajamento e esperança para todos aqueles que amam a Igreja como Povo de Deus*" (Ir- landa).

3.7. Unidade na diversidade: entre o local e o universal

86. A Assembleia Continental Europeia em Praga foi uma oportunidade para experimentar a unidade na diversidade. "*A diversidade na Igreja Católica é uma riqueza. Como sabemos, existem dois pulmões, o católico oriental e o católico ocidental. Cada um tem a sua própria maneira de pensar, de falar e até de governar*" (Chipre). O caminho sinodal tem sido uma oportunidade para perceber e apreciar esta diversidade: "*Apesar de a aproximação e o diálogo nem sempre terem sido fáceis, muitos católicos russos consideraram o processo sinodal enriquecedor e útil. Permitiu-lhes descobrir que a Igreja, em Cristo, é uma só família e que ser multi-étnico, multi-cultural e multi-textual é uma riqueza*" (Rússia). O resultado é um convite a "*ter mais em conta a diversidade das formas de viver a fé, que, na nossa opinião, se exprime bem na valorização das tradições, tanto rituais como teológicas, que estão ao mesmo tempo unidas sobre o fundamento da única fé da Igreja universal*" (Mukachevo). As Igrejas Orientais conservaram instituições que dão expressão à sinodalidade da Igreja: elas "*podem trazer muitos elementos positivos para a compreensão do caminho sinodal da Igreja, especialmente através da adaptação de mecanismos já existentes para o governo da Igreja sui iuris*" (Ucrânia, Igreja Greco-Católica). No entanto, as Igrejas Orientais são também convidadas a renovar as instituições existentes e a recuperar aquelas que desapareceram ou caíram em desuso: pede-se "*para além da desejada conversão sinodal na comunhão da Igreja, também a possível revisão de algumas normas canónicas para melhor refletir a identidade desta Igreja e facilitar e apoiar a sua missão tanto nos seus territórios canónicos como na diáspora*" (Roménia).

87. O apelo a viver a unidade na diversidade também ressoa quando as Igrejas têm de lidar com questões que dizem respeito a um contexto específico num momento específico e que podem, portanto, exigir uma resposta contextual: esta é a questão da descentralização numa Igreja que é simultaneamente local e universal. É necessário que haja clareza e transparência quanto a quem pode decidir que questão deve ser tratada a nível local, regional ou universal. Numerosas contribuições apelaram a instituições e estruturas canónicas adequadas que ajudem a pôr em prática a sinodalidade, de modo a que, a todos os níveis, os processos de discernimento tenham lugar de uma forma autenticamente sinodal.

88. Também à luz da experiência positiva da Assembleia de Praga, foi feita

uma proposta específica para a criação de uma Assembleia Eclesial para a Europa: "P*oderia ter lugar em 2025. Seis anos depois de o Concílio ter promulgado a Constituição Pastoral Gaudium et Spes, esta Assembleia da Igreja poderia reunir-se para partilhar "as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo". Poderíamos escutar o grito dos pobres e da terra na Europa e no mundo, poderíamos rezar e trabalhar juntos pela justiça e pela paz*" (Discurso livre de um convidado).

4. Perspectivas e prioridades

89. Ao longo dos dias da Assembleia, fizemos uma experiência espiritual que nos levou a experimentar, pela primeira vez, que é possível encontrarmo-nos, escutarmo-nos e dialogar a partir das nossas diferenças e para além dos muitos obstáculos, muros e barreiras que a nossa história nos coloca no caminho. Precisamos de amar a variedade dentro da nossa Igreja e apoiarmo-nos mutuamente na estima mútua, fortalecidos pela nossa fé no Senhor e pelo poder do seu Espírito.

90. É por isso que queremos continuar a caminhar num estilo sinodal: mais do que um método, consideramo-lo um modo de vida da nossa Igreja, de discernimento comunitário e de discernimento dos sinais dos tempos. Em termos concretos, queremos que esta Assembleia Continental não seja uma experiência isolada, mas que se torne um encontro periódico, baseado na adoção geral do método sinodal que permeia todas as nossas estruturas e procedimentos a todos os níveis. Neste estilo, será possível abordar as questões sobre as quais os nossos esforços precisam de amadurecer e intensificar-se: o acompanhamento das pessoas feridas, a liderança dos jovens e das mulheres, a abertura para aprender com as pessoas marginalizadas...

91. O estilo sinodal permite também enfrentar as tensões numa perspetiva missionária, sem se deixar paralisar pelo medo, mas tirando delas a energia para continuar o caminho. Duas em particular emergiram no nosso trabalho. A primeira apela à unidade na diversidade, fugindo à tentação da uniformidade. A segunda liga a disponibilidade para acolher, como testemunho do amor incondicional do Pai pelos seus filhos, com a coragem de anunciar a verdade do Evangelho na sua totalidade: é Deus que promete "O amor e a verdade encontrar-se-ão" (*Sal* 85,11).

92. Sabemos que tudo isto é possível porque o experimentámos durante esta Assembleia, mas mais ainda porque a vida das Igrejas de onde provimos o testemunha. Pensamos aqui, em particular, no diálogo ecuménico e inter-religioso, cujos ecos ressoaram fortemente nos nossos trabalhos. Mas, sobretudo, acreditamos que é possível porque a graça está envolvida: construir uma Igreja cada vez mais sinodal é, de facto, um modo de concretizar a igual dignidade de todos os membros da Igreja, fundada no batismo, que nos configura como filhos de Deus e membros do corpo de Cristo, co-responsáveis pela missão única de evangelização confiada pelo Senhor à sua Igreja.

93. Estamos confiantes de que a continuação do Sínodo 2021-2024 pode apoiar-nos e acompanhar-nos, nomeadamente abordando certas prioridades durante a Assembleia Sinodal em outubro de 2023:

- aprofundar a prática, a teologia e a hermenêutica da sinodalidade. Temos de redescobrir algo que é antigo e pertence à natureza da Igreja, e que é sempre novo. Esta é uma tarefa para nós. Estamos a dar os primeiros passos num caminho que se vai abrindo à medida que o percorremos;
- abordar o significado de uma Igreja toda ministerial, como horizonte no qual situar a reflexão sobre os carismas e os ministérios (ordenados e não ordenados) e as relações entre eles;
- explorar formas para um exercício sinodal da autoridade, ou seja, o serviço de acompanhamento da comunidade e de guarda da unidade;
- clarificar os critérios de discernimento para o processo sinodal e a que nível, do local ao universal, as decisões devem ser tomadas.
- tomar decisões concretas e corajosas sobre o papel das mulheres na Igreja e sobre o seu maior envolvimento a todos os níveis, incluindo nos processos de tomada de decisão (tomada de decisão e tomada de decisão);
- considerar as tensões em torno da liturgia, para que a Eucaristia seja sinodalmente entendida como fonte de comunhão;
- cuidar da formação para a sinodalidade de todo o Povo de Deus, com particular atenção ao discernimento dos sinais dos tempos em vista da realização da missão comum;
- Renovar o sentido vivo da missão, superar a fratura entre fé e cultura para voltar a levar o Evangelho ao coração das pessoas, encontrar uma linguagem capaz de articular tradição e atualização, mas sobretudo caminhar com as pessoas em vez de falar delas ou para elas. O Espírito pede-nos que escutemos o grito dos pobres e da terra na nossa Europa, e em particular o grito desesperado das vítimas da guerra que pedem uma paz justa.

94. Amar a Igreja, a riqueza da sua diversidade, não é uma forma de sentimentalismo por si mesmo. A Igreja é bela porque é assim que o Senhor a quer, tendo em vista a missão que lhe confiou: anunciar o Evangelho e convidar todos os homens e mulheres a entrar na dinâmica de comunhão, participação e missão que constitui a sua razão de ser, animada pela vitalidade perene do Espírito. Amar a nossa Igreja europeia significa, portanto, renovar o nosso compromisso de realizar esta missão, também no nosso continente, numa cultura marcada pelas muitas diferenças que conhecemos.

95. Confiamos a continuação do nosso caminho sinodal aos Santos Padroeiros e Mártires da Europa.

Adsumus Sancte Spiritus!

Observações finais dos bispos

Agradecemos ao Senhor pela experiência de sinodalidade que, pela primeira vez a nível continental, nos viu - bispos, sacerdotes, pessoas consagradas, leigos e leigas - lado a lado. Alegramo-nos porque, durante estes dias em Praga, constatámos que os momentos de oração vividos em conjunto e, mais ainda, os trabalhos de assembleia, foram uma experiência profundamente espiritual e verdadeiramente sinodal. A escuta recíproca, o diálogo fecundo, o relato de como as nossas comunidades eclesiais viveram a primeira fase do processo sinodal e se prepararam para este encontro continental, são um sinal claro da nossa pertença única a Cristo.

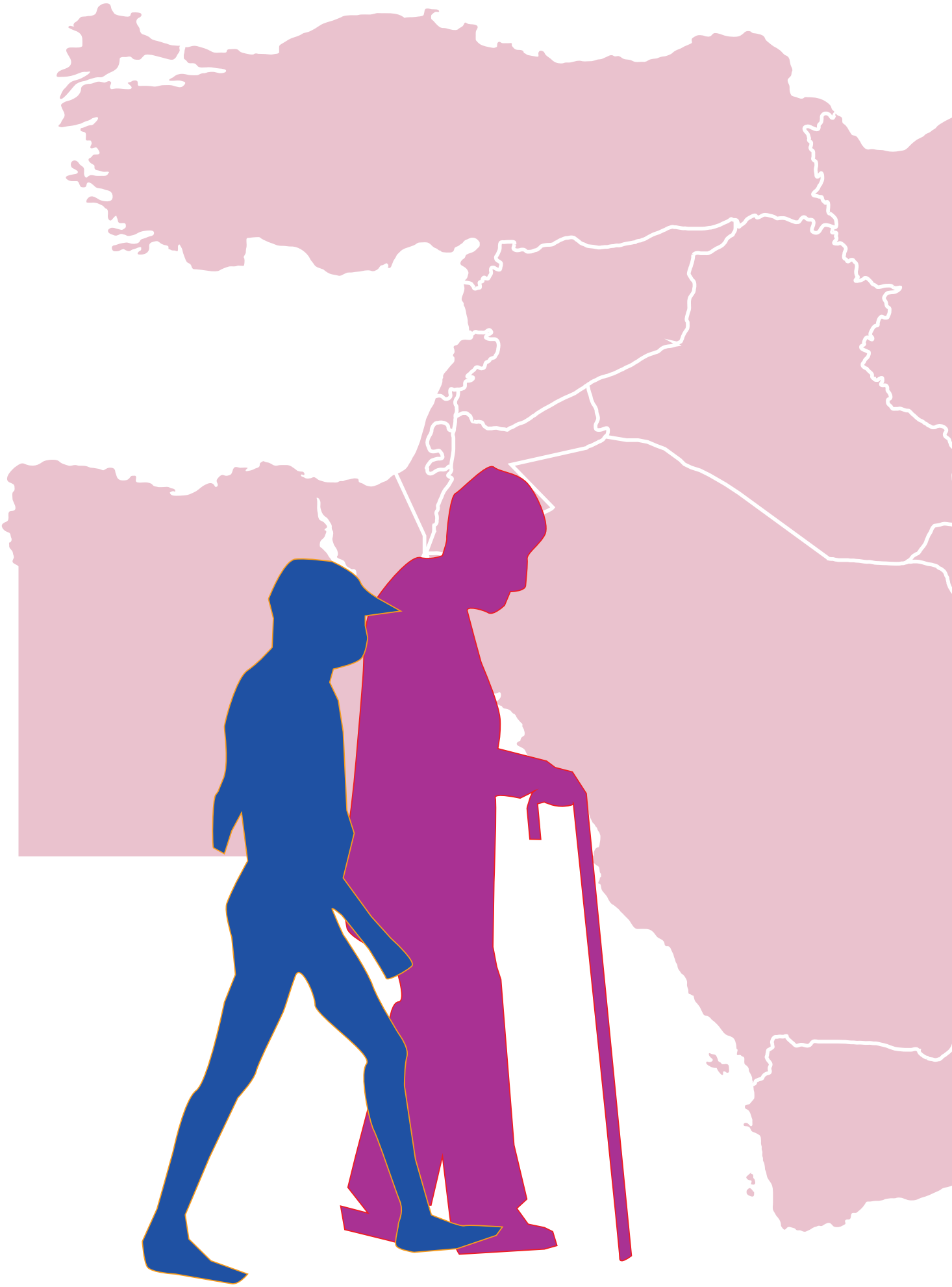
Os relatórios nacionais, os trabalhos de grupo e as numerosas intervenções que ouvimos foram reunidos no documento final apresentado à Assembleia, que será o contributo das Igrejas na Europa para a redação do Instrumentum laboris do Sínodo. Agradecemos a todos aqueles que partilharam as suas experiências com franqueza e respeito pelas diferentes sensibilidades; agradecemos também ao Comité de Redação pelo grande trabalho realizado na redação do documento.

Como fruto desta experiência sinodal, nós, bispos, comprometemo-nos a continuar a viver e a promover o processo sinodal nas estruturas e na experiência das nossas dioceses. Esta experiência de solicitude por toda a Igreja na Europa animou-nos no nosso compromisso de viver fielmente a nossa missão universal. Comprometemo-nos a apoiar as indicações do Santo Padre, sucessor de Pedro, para uma Igreja sinodal alimentada pela experiência de comunhão, participação e missão em Cristo.

Queremos caminhar juntos, povo santo de Deus, leigos e pastores, peregrinos pelos caminhos da Europa para anunciar a alegria do Evangelho que brota do encontro com Cristo, e queremos fazê-lo juntamente com tantos irmãos e irmãs das outras confissões cristãs.

Queremos esforçar-nos por alargar o espaço das nossas tendas, para que as nossas comunidades eclesiais sejam lugares onde todos se sintam bem-vindos.

Praga, 11 de fevereiro de 2023
Memorial da Bem-Aventurada Virgem Maria de Lourdes



DOCUMENTO FINAL DA ETAPA CONTINENTAL EM ORIENTE MÉDIO

"O centro da Igreja
não é ela própria.
Abandonemos a
preocupação excessiva
connosco mesmos, com
as nossas estruturas,
com o modo como a
sociedade nos olha. No
fim, isso levar-nos-á
a uma «teologia da
maquilhagem»..."

(Papa Francisco)

"O nome da Igreja é Sínodo".[1]

Preâmbulo

1. As Igrejas Católicas do Médio Oriente (Copta, Maronita, Greco-Melquita, Siríaca, Caldeia, Arménia e Latina) realizaram a sua assembleia sinodal continental em Bathania (Harissa, Líbano) de 13 a 17 de fevereiro de 2023. Estas Igrejas participaram com delegações do Egipto, da Terra Santa, do Líbano, da Síria, da Jordânia, do Iraque e dos países do Golfo Arábico. Participaram também o Cardeal Mario Grech, Secretário-Geral do Sínodo dos Bispos, o Cardeal Jean-Claude Hollerich, Relator da Assembleia Sinodal 2021-2024, e a Irmã Nathalie Becquart, Subsecretária do Sínodo. Para além dos Patriarcas, as delegações incluíam bispos e sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos e leigas de todas as idades. O número total de participantes foi de cento e vinte e cinco, incluindo quarenta mulheres leigas e consagradas, casadas e solteiras, e quarenta homens leigos, adultos e jovens de todas as idades, casados e solteiros, e pessoas com deficiência. A assembleia sinodal contou também com a presença de amigos das Igrejas Ortodoxas e Protestantes, do Conselho das Igrejas do Médio Oriente (MECC) e de homens e mulheres agnósticos. A sessão de abertura contou com a participação de representantes de confissões muçulmanas.

2. O *Documento Sinodal para a etapa continental foi* o roteiro para o caminho da Assembleia Sinodal. A partir daí, foi um momento pentecostal em que os membros da Assembleia se deixaram guiar pela ação do Espírito Santo, de tal modo que a oração foi o fundamento sobre o qual se construíram os eixos da reflexão quotidiana, tanto nas assembleias plenárias como nos trabalhos de grupo. A escuta mútua foi o paradigma de referência, enquanto a participação reflectiu o espírito de comunhão que reinava entre os membros da Assembleia; esta comunhão atingiu a sua plenitude na Eucaristia que, celebrada de cada vez segundo um dos ritos das Igrejas Orientais, coroou o trabalho quotidiano. Além disso, a meditação da Palavra de Deus e os colóquios espirituais criaram um clima de fraternidade, de confiança, de audácia e de espírito de responsabilidade nas deliberações dos participantes, desejosos de lançar uma luz preciosa sobre a questão fundamental: "*Como pode a Igreja tornar-se mais sinodal*?

3. A organização cuidadosa e meticulosa criou uma atmosfera de descontração e serenidade que constituiu uma valiosa motivação para um trabalho árduo e sério. O mérito é do imenso esforço feito pelo Secretário-Geral do Conselho dos Patriarcas Católicos do Oriente (CPCO), em colaboração com a comissão organizadora e as outras comissões que prepararam, ordenaram e acompanharam os trabalhos da Assembleia.

[1] João Crisóstomo, *Explicatio in Psalmum* 149: PG 55, 493.

I. Ele "armou a sua tenda no meio de nós" (Jo 1,14): A Palavra de Deus no meio do seu Povo

4. Desde a oração de abertura até ao fim dos trabalhos, a presença do Verbo Encarnado entre nós e em nós não deixou de guiar os nossos passos nesta assembleia sinodal. Escutámos e celebrámos a Palavra e meditámos sobre o que o seu Espírito Santo nos inspira a fazer hoje. Apercebemo-nos de que o Povo de Deus que vive no Médio Oriente é constantemente convidado a caminhar sob a orientação da Palavra e na força do Espírito, no meio de desafios, vicissitudes e infortúnios, animado pela esperança de ver este mundo transfigurado no Reino de Deus, um reino de paz, justiça e alegria, onde o amor de Deus é concedido a todos os seres humanos sem distinção.

5. Deus convida a sua Igreja, antes de mais, a formar uma única comunidade que escuta a sua Palavra, a caminhar sob a sua orientação e a discernir o que a Palavra lhe revela, com o objetivo de a difundir quando a Igreja sai ao encontro de cada ser humano, e assim permanecer fiel à sua missão. A saída para o mundo é a razão de ser da Igreja e da sua vocação. De facto, a Palavra precede a Igreja e traça para ela o caminho pelo qual, graças às inspirações do Espírito que a conduz, ela detecta as necessidades do seu Povo e do mundo. No primeiro capítulo do Evangelho de São João, o Verbo emana do Pai e "arma a sua tenda" entre nós; de facto, arma a sua tenda em nós, isto é, no seu Povo e na sua Igreja. Com a sua encarnação, o Filho unigénito realizou a presença sacramental de Deus, tornando-a real e tangível, porque a morada de Deus já não está confinada a nenhum lugar particular: tomou forma concreta no seu Corpo místico e na união dos seus membros. Quanto mais este Corpo permanece unido, harmonioso e aberto, tanto mais permite que o "Verbo" que está dentro dele saia ao encontro de cada ser humano.

6. A expressão "armar a tenda" resume todo o caminho de Deus com o seu povo, desde a metáfora da Arca da Aliança ou Tenda da Reunião, no Antigo Testamento, até ao Apocalipse, livro culminante do Novo Testamento, onde Deus arma a sua tenda na Nova Jerusalém. Assim, o caminho de Deus com o seu Povo chega ao seu termo na glória, quando ele estende a sua tenda sobre o seu Povo e no meio dele, de uma vez por todas e para a eternidade, em virtude do seu Verbo encarnado. Por sua vez, a Igreja arma a sua tenda, em resposta à presença e à ação de Deus nela, e avança até chegar à sua morada, isto é, à casa celeste, como nos ensina o livro do Apocalipse 12,12: "Alegrai-vos, pois, céus e vós que habitais nos céus". Esta exortação à alegria retoma assim a celebração da salvação e o louvor do hino da vitória final, como sinal da esperança cristã, superando todos os nossos medos, angústias e incertezas, e transcendendo toda a realidade tangível, percetível e visível.

7. Ao longo da história da salvação, Deus acompanha o seu povo e oferece-lhe a sua Palavra e o seu Espírito, em suma, tudo o que tem e tudo o que possui. Mas, no Novo Testamento, o caminho de Deus com o seu povo realiza-se de forma inédita

através da incarnação do Filho, que manifesta a ligação indefetível e inegável de Deus ao homem. Uma aliança eterna, uma comunhão duradoura, porque, através de Jesus Cristo, a união entre Deus e o homem se completa de uma vez por todas (*Ephapax*). A sinodalidade que aspiramos a viver plenamente só atingirá o seu auge através da comunhão pela qual Deus nos introduz, como seu Povo, na sua vida divina trinitária e na nossa comunhão uns com os outros, desde que nos reunamos à volta da palavra e do corpo do Senhor ressuscitado e trabalhemos segundo a inspiração do Espírito Santo, com o objetivo de alcançar a comunhão com o mundo através do anúncio da Boa Nova e da adesão à causa da dignidade humana.

II. A sinodalidade na Igreja: sua natureza e sinais

8. A sinodalidade não é algo acidental na vida da Igreja, mas um sinal inerente à sua natureza. Para nós, membros do Corpo Místico de Cristo, a verdadeira sinodalidade significa identificar-se com Cristo e imitar o seu modo de vida. Porque Cristo ressuscitou, "Ele, que tinha a forma de Deus, não guardou ciosamente a posição que o tornava igual a Deus. Mas destruiu-se a si próprio, tomando a forma de servo e tornando-se semelhante aos homens. E, tendo-se comportado como homem, humilhou-se ainda mais, obedecendo até à morte, morte de cruz" (Fil 2,6-8). Foi entre nós que ele armou a tenda da sua divindade e da sua humanidade e nos conduziu da morte à ressurreição, abrindo assim o caminho para a vida divina. Ele acompanhou-nos ao longo do caminho da vida, esteve atento às nossas provações, partilhou as nossas alegrias e ofereceu-nos o seu amor até ao fim. Para nós, Cristo é o Caminho (Jo 14,6). É por isso que os primeiros cristãos eram chamados "companheiros de viagem", "seguidores de Jesus" (*sequela Jesu*, o seguimento de Jesus).

9. Por sua própria natureza, a Igreja é sinodal, porque não é apenas um corpo institucional e jurídico, mas antes de mais o mistério de Cristo que actua entre e naqueles que acreditam n'Ele (*Lumen Gentium*, 1-5). Esta ação é garantida pelo Espírito Santo, que foi dado à Igreja no dia de Pentecostes para a acompanhar na sua missão e "a dirigir por meio de vários dons, tanto hierárquicos como carismáticos" (*Lumen Gentium*, 4). Deste modo, os fiéis seguem juntos os passos de Cristo ressuscitado, escutando a sua palavra e discernindo unanimemente a sua vontade à luz do Espírito Santo, concordando em diálogo sobre as modalidades da sua realização hic et nunc, segundo o contexto e as exigências do Reino.

10. A Igreja sinodal é a Igreja da unidade, da catolicidade, da santidade e da apostolicidade. Estes quatro sinais constituem a Igreja de Deus num lugar, num "*humus*", ou seja, numa história, numa geografia, numa cultura, numa língua, em desafios, tradições, poesia, histórias, etc. A nossa Igreja sinodal é a Igreja do Oriente Árabe, tal como a retratou o falecido Padre Jean Corbon: uma Igreja que anuncia o

mistério de Cristo e é testemunha fiel da Boa Nova, até ao martírio. É verdade que ela carrega o depósito da fé e o transmite como um "vaso de barro" (2Cor 4,7), suportando o sofrimento, a fragilidade e o medo, mas conserva o espírito de esperança. É inegável que a sinodalidade consolida a unidade, manifesta a catolicidade, conduz à santidade e salvaguarda o vínculo da apostolicidade e da missão. Isto vê-se no caminho comum de um povo unido pela Palavra de Deus, pela sua vontade e pela sua economia divina; um povo santificado pela efusão do Espírito Santo, que nele renova constantemente a vida de Cristo ressuscitado; um povo que se reúne sem distinção de espécie alguma, porque "em Jesus Cristo não há escravos nem livres" (Gal 3,28), pois toda a humanidade forma a família de Deus; um povo que, ao longo dos séculos, nunca deixou de recolher a Boa Nova dos Apóstolos e das Igrejas, transmitindo-a ao mundo com um espírito de criatividade que se adequa e se adapta à evolução dos contextos e das circunstâncias. A sinodalidade baseia-se, portanto, na ação do Espírito Santo, que nos transfigura *hic et nunc* no novo Povo de Deus, Corpo Místico de Cristo, Templo vivo do Espírito.

11. As nossas Igrejas encontram-se no centro de uma luta pela sobrevivência e por uma presença ativa, com vista a enfrentar os desafios da unidade num mundo fragmentado, minado pelo egoísmo e por atitudes viradas para dentro; os desafios da santidade num mundo que perdeu o rumo em termos de valores espirituais e humanos; os desafios da catolicidade num mundo dominado pela discriminação e cujo comportamento é marcado por um racismo ignóbil; os desafios da apostolicidade num mundo em que a excessiva mediatização ofusca os valores evangélicos do amor, da justiça e da paz. Estes desafios adquirem uma dimensão extremamente grave num Médio Oriente onde se exacerbam os conflitos armados, a violência, o ódio e a guerra. No entanto, o caminho comum das Igrejas, num espírito de autêntica sinodalidade, é a única forma de garantir o anúncio da Boa Nova e a vinda do Reino de Deus. Esta abordagem exige, portanto, que o Povo de Deus caminhe em conjunto e colabore ativamente na cura das feridas, na consolação na dor, na solidariedade nas provações, na purificação da memória, na elaboração colectiva das decisões e na sua aplicação prática.

III. A sinodalidade na nossa tradição teológica oriental

12. A teologia das nossas Igrejas Orientais sempre fez questão de sublinhar o sentido da sinodalidade, remetendo para o mistério da economia da salvação, para a vida trinitária e para a comunhão terrena com o género humano, comunhão concretizada na convocação do Povo de Deus e na sua exortação a reunir-se naquilo a que outrora se chamava, em hebraico, *Kahal*. No seu projeto, Deus associou o seu Povo como parceiro, um povo constituído por homens, mulheres e crianças, mas também por estrangeiros, que respondem ao chamamento de Deus e acorrem de todas as direcções para o adorar, escutar a sua Palavra, discernir a sua vontade e agir de acordo com os seus preceitos.

13. Todas as nossas Igrejas Católicas Orientais, com exceção da Igreja Latina, foram instituídas segundo uma estrutura patriarcal e sinodal (ver *Orientalium Ecclesiarum*, 7-11). No entanto, a sinodalidade é vivida nestas Igrejas, antes de mais, na Liturgia, ou seja, no culto ao Deus Uno e Trino. Nenhum sínodo pode ter lugar se não for inaugurado e encerrado pela celebração da Eucaristia, sinal de comunhão e de unidade, na presença do Povo de Deus, que aprova e recebe explicitamente as resoluções adoptadas. Infelizmente, por razões históricas, os sínodos das Igrejas Orientais tornaram-se simples assembleias anuais limitadas à participação dos bispos, seguindo o exemplo das Conferências Episcopais Nacionais, embora estes sínodos se distingam claramente daquelas pela sua natureza, pelo seu poder e pelo seu estatuto condicionado pelo acolhimento de todo o Povo de Deus. É, pois, inegável que um regresso à prática sinodal, concretizada pela presença de representantes de todo o tecido eclesiástico, está mais de acordo com a exortação do Papa a revalorizar a teologia do Povo de Deus, a reavivar o sentido da fé (*sensus fidei*) e a assumir a responsabilidade apostólica comum, de acordo com o que é recomendado no segundo capítulo da constituição *Lumen Gentium* (9-18). Em virtude de tal regresso, a comunhão, o trabalho coletivo e o empenho ao serviço da missão comum revelar-se-ão com uma clareza mais radiante.

14. As nossas Igrejas Orientais nasceram do sistema sinodal, nomeadamente dos concílios regionais ou sínodos que, segundo os historiadores, surgiram na região da Ásia Menor na segunda metade do século XX. Na sequência do Concílio de Calcedónia, foram instituídas como Igrejas patriarcais, de acordo com as disposições do Código de Justiniano, no século 6. Ao longo dos séculos, o direito canónico patriarcal evoluiu, sobretudo após a restauração, a partir do século XVIII, da união das nossas Igrejas com a Sé Apostólica Romana. A partir de meados do século XIX, este código patriarcal foi consideravelmente afetado pelo regime confessional ou sistema dos *Millets* (comunidades confessionais), no âmbito do qual os leigos participavam como membros nos trabalhos dos sínodos. No entanto, a ingerência política e a interferência de interesses pessoais levaram à exclusão dos fiéis leigos dos sínodos, abrindo caminho para o aparecimento de uma forma de clericalismo que acentuou o domínio do poder e o autoritarismo no processo de promulgação das decisões. Graças à exortação do Papa Francisco, pretendemos hoje voltar a sublinhar o papel decisivo dos leigos nos sínodos de todos os membros do mesmo corpo eclesial, promovendo assim a aplicação prática da sinodalidade em todas as suas dimensões.

15. A sinodalidade no Oriente é essencial para gerir a pluralidade em todas as suas formas. É uma *praxis* eclesiástica aprovada nos sínodos das nossas Igrejas patriarcais, onde a decisão do *protos* ou *primeiro* é condicionada pelo assentimento de todos, e onde a atitude de todos os membros não contradiz a decisão do *protos*, de acordo com o cânone 34 dos Apóstolos. Esta praxis rege também as Assembleias dos Patriarcas e Bispos Católicos Nacionais que, nesta região, trabalham em conjunto para cumprir a mesma missão através da implementação de um plano pastoral comum. A criação do Conselho dos Patriarcas Católicos do Oriente (CPCO) veio reforçar esta cooperação; mostra, em particular, a importância do processo de caminho comum, que se exprimiu sobretudo na distribuição de *Cartas Pastorais* dirigidas, a partir de

1991, aos fiéis das diferentes Igrejas, expondo e analisando as questões mais salientes relativas à sua presença e ao anúncio do Evangelho no Médio Oriente. Mas o que caracteriza este processo de caminho comum no seio das nossas Igrejas Católicas Orientais é precisamente a sua adesão, em 1990, como família eclesial unida, ao Conselho das Igrejas do Médio Oriente (MECC), para viver em comunhão com todos os irmãos e irmãs cristãos da região, para se empenharem juntas na resolução dos difíceis desafios, para se empenharem juntas no diálogo comum com os muçulmanos, os judeus e outros elementos da sociedade do Médio Oriente, e para caminharem juntas para uma proclamação digna e eficaz do Evangelho.

16. No decurso deste caminho comum, as nossas Igrejas alimentaram-se da sua comunhão com a Igreja de Roma e com o Romano Pontífice, contribuindo assim para a construção da catolicidade da Igreja, enriquecendo-a, graças ao seu património eclesiástico, teológico, patrístico e cultural, com a sua presença, contributo e participação nos concílios e assembleias católicas romanas, recordando constantemente o seu valor como sinal que testemunha a unidade da Igreja de Cristo, evocando assim o lema do Papa João Paulo II: "A Igreja respira através dos seus dois pulmões, o do Oriente e o do Ocidente" (cf. *Ut unum sint*, 54). Ut unum sint, 54). De facto, o processo sinodal oferece às nossas Igrejas uma oportunidade única de se renovarem na fidelidade ao seu Mestre, o Senhor ressuscitado da morte, e na submissão às inspirações do Espírito Santo e àquilo que Ele hoje nelas insufla.

IV. A experiência da Assembleia Sinodal Continental

17. Os participantes nos trabalhos da Assembleia Sinodal expressaram a dificuldade de comunicar nas difíceis condições que afectaram e continuam a afetar os países da região, especialmente em termos de perturbações, conflitos e guerras. As prioridades de sobrevivência e de salvaguarda da presença cristã tiveram um impacto profundo no processo sinodal, na reflexão comum, na escuta recíproca e, sobretudo, na atenção dada àqueles que parecem viver à margem da vida eclesial, em condições de distância e de estranheza. O terramoto que devastou partes da Turquia e da Síria entristeceu as mentes e os corações dos membros da Assembleia. Ao encontrarem-se com os representantes das populações destas regiões devastadas, os membros da Assembleia Sinodal ofereceram as suas orações e reflexões às populações destas regiões e fizeram tudo o que estava ao seu alcance para exprimir a sua comunhão e solidariedade com as vítimas e as suas famílias. A Assembleia Sinodal reacendeu a esperança de um novo impulso, oferecendo às nossas Igrejas e a todos os seus membros a possibilidade de retomar, com novo ímpeto, o caminho em conjunto, com o objetivo de dar testemunho e cumprir a missão, especialmente em um contexto onde coexistem culturas diversas, uma multiplicidade de religiões, diferentes correntes de pensamento e condicionamentos próprios de cada país, de cada sociedade e de cada povo. Onde as suas directrizes foram respeitadas, o processo sinodal permitiu

aos membros das nossas Igrejas fazer a experiência do caminho comum, favorecer a escuta mútua e a liberdade de expressão, especialmente por parte das mulheres e dos jovens (APECL[2] , §1.1, p3).

18. As sínteses elaboradas e apresentadas pelas Igrejas durante a Assembleia Sinodal, bem como as deliberações efectuadas nos grupos de reflexão e de trabalho, sublinharam unanimemente a importância crucial das seguintes questões: Unidade na diversidade; A liturgia é a nossa vida; Apelo a um ecumenismo criativo e revitalizado; A Igreja da abertura ao outro que é diferente; Comunhão e esperança no coração do sofrimento: para uma Igreja humilde; A favor da renovação das estruturas para uma Igreja mais sinodal; Os meios de comunicação social, a cultura digital e o seu contributo para tornar a Igreja mais sinodal.

IV.1. A unidade na diversidade: uma fonte de riqueza ou um obstáculo?

19. Desde o seu nascimento, a Igreja de Antioquia conheceu uma diversidade de formas de vida eclesial e litúrgica; em particular, esteve aberta às civilizações dos povos que aí se estabeleceram, às suas línguas e tradições. Do mesmo modo, as Igrejas da região viveram a sua unidade na diversidade, colocando-se ao serviço do anúncio do Evangelho e do testemunho da fé (APECL, §1.5 -p4). Esta unidade não significa uniformidade ou fusão (E. Ch. I, p3). Pelo contrário, significava uma partilha real do mesmo bem, uma resposta concertada às questões levantadas e uma apropriação comum dos desafios enfrentados (A.H.C.E, p1). O fundamento desta unidade é o mesmo batismo, a comunhão no mesmo corpo de Cristo e o chamamento para a mesma missão (APECL, §1.4, p4). Por conseguinte, a Igreja una e plural é uma Igreja constantemente renovada pelo Espírito de Deus, que a dota de todo o tipo de carismas, ministérios e estruturas, a fortalece pela unidade da iniciação que nela se realiza e pela integração de todos os seus membros sem qualquer exclusão (A.H.C.E, p2).

20. A unidade na diversidade manifesta-se no seio da Igreja Patriarcal na comunhão do mesmo sínodo, onde as dioceses partilham a responsabilidade da gestão e da pastoral, e cooperam no cuidado do Povo de Deus através da unidade da liturgia, da história, da identidade e da hierarquia. Esta unidade estende-se à comunhão com as Igrejas católicas do mesmo país e da mesma região, levando à criação de estruturas de sinergia e de parceria, como as Assembleias dos Patriarcas e Bispos Católicos criadas em cada um dos países da região, e o Conselho dos Patriarcas Católicos do Oriente. O objetivo é favorecer a cooperação no espaço pastoral comum, ao serviço do mesmo anúncio evangélico. No entanto, cada Igreja mantém a sua própria identidade e a sua antiga e ilustre tradição, que confirma a unidade na diversidade, manifesta a riqueza da pluralidade e o seu papel decisivo na expressão da mesma fé, e concretiza a catolicidade da Igreja, quer a nível das Igrejas Católicas Orientais, quer com a Igreja Católica Romana, quer com as Igrejas Ortodoxas e Protestantes do Médio Oriente.

[2] Ver Lista de acrónimos e referências, página 18.

21. Os homens e as mulheres, filhos e filhas das nossas Igrejas, são seres competentes, dotados de vários carismas e talentos que colocam de boa vontade ao serviço da unidade da Igreja e da sua renovação (E. S. I., §17, p3). Por isso, compete à autoridade eclesiástica, que mantém uma estreita colaboração com todo o povo, discernir bem os carismas e os ministérios, para que todos os membros do nosso povo assumam uma responsabilidade comum nos vários sectores da vida eclesial (E. Ch. I, §21, 23 p10-11). A este respeito, o papel dos movimentos carismáticos no Egipto, especialmente o seu impacto no reforço dos laços fraternos entre os jovens católicos através do louvor e da oração comuns (A.H.C.E, p2). Outros elogiaram os esforços feitos pelas ordens religiosas para viver autenticamente as virtudes evangélicas (E. Ch. I, §5 p4), recomendando que o ministério dos padres seja apreciado no seu verdadeiro valor, especialmente nas actuais circunstâncias difíceis (E. S. I., §15, p3). Falaram também da missão dos padres casados e do seu impacto positivo sobre a família, as crianças e os jovens. Por isso, foi pedido que se reexaminem os requisitos para a preparação dos homens casados para a receção das Ordens Sacras, e que se reconsiderem os aspectos teológicos, jurídicos, pastorais, humanos e sociais (A.P.E.C.L, §3.13, p8).

22. No entanto, manter a unidade na diversidade não é fácil; pelo contrário, é o dom do Espírito Santo. Gerir a diversidade dentro da unidade exige um enorme esforço e sacrifício, num espírito de humildade, fraternidade, arrependimento e fidelidade a Cristo. Os membros da Assembleia Sinodal tiveram de assinalar algumas queixas que prejudicam a realização da unidade no interior de cada Igreja, levando à dissensão do Povo de Deus e à sua dispersão, como a tensão que abala as relações entre o clero e os leigos e o aprofundamento da fratura que os separa uns dos outros (A.P.E.C.L, §1.7, p4), os abusos e as transgressões éticas cometidas por membros do clero, consagrados e leigos, em busca de uma vida de luxo e opulência. Estes comportamentos levaram muitos jovens a abandonar a Igreja (A.P.E.C.L, §2.3, p 5-6), provocando um estado de cansaço e desânimo entre os sacerdotes que, devido aos constrangimentos, viram o seu número diminuir (A.P.E.C.L, §1.7, p4).

23. A não abordagem de certas tensões poderia levar à desfiguração desta rica diversidade, bem como ao uso indevido do poder hierárquico, afastando-se do espírito de comunhão e partilha. De facto, o exercício dos ministérios ordenados e não ordenados tem como objetivo a construção harmoniosa do corpo de Cristo. Quando o poder não é exercido num espírito de serviço, a confiança entre os fiéis e os clérigos é corroída (C.E.C.S, §6, p2), de modo que o espírito clerical prevalecerá até ao ponto em que os bispos, os padres e as pessoas consagradas comecem a abusar do seu poder (A.H.C.E, p3). Os participantes na assembleia expressaram a sua insatisfação com as autoridades eclesiásticas que monopolizam o poder e tomam decisões sem consultar os fiéis (E. S. I., §21, p4), e queixaram-se da falta de coordenação entre os ministros ordenados e os seus parceiros leigos (E. Ch. I., §8, p5). Outros também apontaram a falta de coordenação e cooperação entre as ordens religiosas e as dioceses (E. Ch. I., §4, p5). Esta situação conduziu a uma exacerbação do espírito negativo, à alteração do sentido espiritual da comunhão (A.H.C.E., p3) e ao questionamento, por parte dos fiéis, da pertinência das decisões da autoridade

eclesiástica, quando esta monopoliza o poder de decisão em detrimento do espírito de serviço, impedindo assim o advento da unidade na diversidade.

IV.2. A liturgia é a nossa vida

24. A Constituição Pastoral *Sacrosanctum Concilium* afirma que "a liturgia é o cume para onde tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde brota toda a sua virtude. Com efeito, os trabalhos apostólicos visam o fim de que todos, tornados filhos de Deus pela fé e pelo batismo, se reúnam, louvem a Deus no meio da Igreja, participem no sacrifício e comam a Ceia do Senhor" (SC 10). De facto, a Liturgia é a vida das Igrejas do Oriente; a sua celebração constitui o eixo fundamental da vida eclesial (E. Ch. I., §13, p8). O ponto alto das celebrações litúrgicas é, sem dúvida, a Eucaristia, porque ela edifica a Igreja, Corpo de Cristo (1 Cor 12).

25. Embora reconhecendo o esplendor das liturgias e espiritualidades específicas das Igrejas Orientais (A.O.C.T.S), os relatórios sublinham as tensões que são criadas devido à prática por vezes a aplicação literal das regras litúrgicas tradicionais em detrimento da inteligência dos fiéis e da sua participação ativa nos trabalhos de adoração e de oração, bem como nos sacramentos. Entre estas tensões, encontram-se o aparecimento de devoções aberrantes e de fenómenos malsãos associados às aparições (C.E.C.S., §3, p3), a problematização de qualquer forma de renovação dos modelos litúrgicos tradicionais (E. S. I., §17, p3), a não adesão das novas gerações às convicções sobre os ritos e símbolos litúrgicos (C.E.C.S., §1, p4) por falta de formação litúrgica (E. S. I., §16, p3). A isto acresce o facto de que sensibilidades divergentes em relação a uma ou outra das ordens que regem a celebração litúrgica conduzem por vezes a dissensões que enfraquecem a comunhão e corroem a confiança no amor materno da Igreja. Há ainda o problema do estilo, do conteúdo e da finalidade da homilia; a desordem na escolha dos cânticos, a ausência de um organismo de controlo para verificar o conteúdo dos textos e definir a natureza do seu uso na Igreja sob a forma de recitação e de canto. Alguns participantes recomendaram que se abandonasse o puritanismo litúrgico, abrindo-se ao processo de evolução das orações litúrgicas e adaptando-as às aspirações dos fiéis, especialmente dos jovens (A.P.E.C.L, §1.2, p3), sublinhando assim a necessidade de uma reforma litúrgica capaz, por um lado, de ter em conta a salvaguarda da tradição e a sua constante evidência e, por outro lado, de se abrir à modernidade (A.P.E.C.L, §2.4, p6). Daí a urgência de deixar que a Liturgia se aclimate às realidades emergentes e ao seu contexto, para a poder regenerar (E. Ch. I., §2, p3; (A.H.C.E, p5) de acordo com as solicitações que o processo de regresso às origens implica.

IV.3. Um apelo a um ecumenismo criativo e revitalizado

26. A Igreja sinodal é ecuménica porque é a realização do caminho comum do Povo de Deus (E. Ch. I., §19, p10), um caminho que não se completa sem o encontro com os irmãos e irmãs das outras Igrejas (A.P.E.C.L, §1.3, p3-4). "No Oriente, seremos cristãos juntos ou não o seremos" CPCO, 1er carta pastoral, 1991). Com efeito, a presença cristã depende do testemunho de cada fiel e de cada Igreja, assente sobretudo no testemunho comum dos cristãos. É inegável que o movimento ecuménico no Médio Oriente contribuiu para a emergência de uma realidade

dialógica que favorece a colaboração e a interação dinâmica entre as Igrejas (E. S. I., §6, p2), e que favorece uma pastoral humana comum ao serviço da caridade, através do desenvolvimento de experiências espirituais e eclesiásticas concretas (A.P.E.C.L, §3.7 p7). Alguns participantes viram a experiência dos casamentos mistos como um fator positivo suscetível de consolidar as relações entre as Igrejas (E. S. I., §6, p2), enquanto outros a viram como um fator de risco e uma fonte de conflito (Igreja Copta). A participação na Assembleia de alguns amigos ortodoxos e protestantes foi uma experiência enriquecedora que confirmou a importância da convivência e da procura incansável de uma unidade visível.

27. Para os cristãos do Oriente, a unidade é uma questão de vida ou de morte (Patriarca Maximos IV). Por esta razão, a adesão da família da Igreja Católica ao Conselho das Igrejas do Médio Oriente (CECM) foi uma expressão clara do seu desejo de alcançar a unidade na diversidade, através da unidade e da colaboração em vários domínios da vida eclesial, especialmente na diaconia do anúncio, e também através da convivência com outros cidadãos de diferentes religiões e confissões. De facto, o Concílio ajuda a difundir o espírito ecuménico entre as Igrejas, a aumentar a aproximação e a pastoral de conjunto, e a reforçar o testemunho comum. É por isso que o movimento ecuménico no Médio Oriente é considerado um modelo único de um caminho comum que transcende os quadros e os limites da família eclesial isolada; um modelo de um compromisso de comunhão entre as Igrejas em toda a sua diversidade e apesar das suas diferenças doutrinais, litúrgicas e canónicas.

28. O fechamento na identidade confessional, o medo de se abrir a uma alteridade diferente (E.S.I., §3, p1), a falta de transparência (A.O.C.T.S., §5, p2), a difusão do proselitismo exercido sobretudo por certas novas comunidades evangélicas sob o pretexto de oferecer ajuda financeira, médica e alimentar no coração da crise económica que afecta gravemente o nível de vida, são realidades sombrias que perturbam as relações inter-igrejas e prejudicam o espírito ecuménico (A.P.E.C.L., §2.8, p6). A isto juntam-se as tensões e discórdias que afectam as relações das Igrejas do Ocidente com as Igrejas do Oriente (C.E.C.S, §2, p3); os problemas do direito canónico eclesiástico, que se encontra dividido entre a unidade e a descentralização; a ingerência política nos assuntos ecuménicos (Igreja latina), levando alguns participantes a evocar a metáfora do "inverno ecuménico" (A.H.C.E, p4), após a idade de ouro ecuménica que prevaleceu nos anos sessenta e setenta do século passado.

IV.4. A Igreja da abertura aos outros que são diferentes (alargar o espaço da tenda)

29. Na região do Médio Oriente, vítima de graves tensões políticas, de segurança e sociais, devido ao conflito sunita-xiita no Iraque, Iémen e Síria, e à hegemonia de movimentos e organizações fundamentalistas em certos países, os cristãos sentem o perigo de desenraizamento, deportação e ameaça de aniquilação do património cristão (A.P.E.C.L, §2.11, p6). Os relatórios fornecidos pelas Igrejas Católicas do Médio Oriente e resultantes dos trabalhos da Assembleia Sinodal sublinham a emergência de várias tensões: medo de um ressurgimento da violência (E. S. I., §2, p1), risco de dissolução na cultura muçulmana predominante (E. S. I., §13, p3), o impacto do

extremismo religioso sobre a presença cristã (C.E.C.S., §9, p3), a incapacidade de criar novos métodos e estratégias para escutar e quebrar as barreiras (E. Ch. I., §10, p6), a ausência de um ambiente propício ao diálogo (E. Ch. I., §11, p7), a indiferença sedimentada e a perda de interesse pelo outro que é diferente (E. Ch. I., §24, p11), tentativas infrutíferas de diálogo e de aproximação em certos casos (E. Ch. I., §18, p9), o problema do assentamento dos refugiados palestinianos e dos deslocados sírios de maioria muçulmana, que provoca disfunções na vivência da liberdade de fé em geral, e da prática livre e regular dos ritos religiosos cristãos em particular (A.P.E.C.L, §2.10, p6). No entanto, apesar de tudo isto, foi claramente reafirmada a abertura das Igrejas locais aos outros que são diferentes, em termos de fé, cultura, conceitos e escolhas. Foi também sublinhada a necessidade da escuta, do diálogo e da convivência, porque a tenda, ou seja, a Igreja, que Deus armou no coração do homem e do mundo, é suficientemente grande para acolher todos, sem qualquer exclusão.

30. O conceito do outro não se limita às mulheres e aos homens que pertencem a outras Igrejas, ou a outras religiões! O outro diferente pode ser aquele que está mais próximo de cada pessoa. Pela sua fidelidade a Cristo, a Igreja prossegue a mesma obra de redenção, na medida em que manifesta o seu amor por cada ser humano sem distinção nem discriminação. Ela não pode excluir ninguém, porque então perderia a sua identidade e a sua missão de prosseguir a redenção através de Cristo. A participação dos fiéis com necessidades especiais, dos deficientes físicos e mentais, quer na oração quer nos grupos de reflexão, foi uma expressão eloquente, durante esta Assembleia, da amplitude da tenda da Igreja. A este respeito, os membros participantes, entre os que têm necessidades especiais, sublinharam a caraterística da sua participação na vida da Igreja e na sua missão, de acordo com as suas próprias capacidades (A.P.E.C.L, §1.11, p4). Em todos os casos, será necessário, por um lado, salvaguardar a dignidade destas pessoas e, por outro lado, organizar acções de formação. Nas paróquias, escolas, institutos e universidades. Daí a importância de formar guias e conselheiros competentes, capazes de acompanhar estas pessoas e as suas famílias.

31. A Igreja tornar-se-á mais sinodal ao esforçar-se por promover a convivência e o diálogo com as outras religiões, com o objetivo de manifestar o único e verdadeiro rosto de Deus (E. Ch. I., §6, p5). A escuta é o primeiro passo para acolher os outros que são diferentes (E. Ch. I., 9, p6). A este respeito, os relatórios e as deliberações dos grupos de trabalho prestaram homenagem à iniciativa do Papa Francisco e do Xeque Ahmed Tayeb, Grande Imã da Mesquita de Al-Azhar, que assinou e publicou o *Documento sobre a Fraternidade Humana*. As repercussões práticas positivas foram saudadas, tal como o impacto do encontro do Santo Padre Francisco com o Ayatollah Al-Sistani no Negef (S.S.I. § 13, p. 3), e o efeito crucial produzido pelas visitas do Papa Francisco aos países do Médio Oriente, demonstrando assim a natureza positiva e promissora do diálogo com os muçulmanos.

32. As oportunidades de diálogo intensificam-se e consolidam-se através da participação em instituições e simpósios que promovem a compreensão (E. Ch. I.,

§18, p10), em encontros e reuniões de fiéis pertencentes a diferentes religiões, e em colaboração com todas as entidades religiosas com o objetivo de estabelecer bases comuns para o diálogo (A.H.C.E, p2). Por conseguinte, foi sublinhada a importância da formação para o diálogo, a promoção de iniciativas de abertura aos fiéis de outras religiões, a concretização da fraternidade humana (A.P.E.C.L, §1.5, p4), a importância de criar novos métodos de diálogo susceptíveis de ajudar a transferi-lo dos gabinetes administrativos para as paróquias e para as realidades quotidianas (A.P.E.C.L, §4.2, p8).

IV.5. Comunhão e esperança no coração do sofrimento: para uma Igreja humilde (o grão de mostarda, Mc 4,30-32)

33. As Igrejas do Médio Oriente nasceram do sofrimento e da perseguição, e a sua história foi escrita com sangue. A hagiografia dos mártires constituiu a maior parte do Synaxarium e tornou-se uma fonte de inspiração para muitos crentes, que dela retiraram a energia da esperança para sobreviver e perseverar. As suas relíquias continuam a ser fonte de bênçãos e milagres até aos nossos dias. Esta difícil realidade não impediu o surgimento de tensões e desafios, em primeiro lugar a emigração (E. Ch. I., §3 , p4), que foram francamente levantados pelas consultas no seio das Igrejas e pelas sínteses dos grupos de trabalho ao longo da Assembleia Sinodal. Os relatórios e as entrevistas denunciaram um problema fundamental de que sofrem as nossas Igrejas e que se torna cada vez mais crítico e perigoso, a saber, a emigração maciça dos jovens, que leva ao esvaziamento das Igrejas das suas capacidades e dos seus recursos (A.P.E.C.L, §1.7, p4), e à dispersão das famílias nos países da diáspora ou em deslocações internas (E. S. I., §2, p1). Este problema degenerou numa ameaça existencial (C.E.C.S, p1-2).

34. Apesar das incansáveis iniciativas tomadas pelo Papa Francisco para salvaguardar a presença cristã na região, e apesar dos esforços das suas Beatitudes, os patriarcas e bispos, para manterem as melhores relações possíveis com as autoridades civis e os líderes de outras religiões, os receios não param de crescer sobre o regresso de ondas de fundamentalismo violento, o ressurgimento da emigração, os desafios do acolhimento de imigrantes e pessoas deslocadas (A.H.C.E, p4), como preservar a identidade dos imigrantes, as suas tradições e rituais nos países da diáspora, bem como a sua pertença eclesial, por um lado, e a relação com a Igreja latina e a sua integração nos países de imigração, por outro (A.P.E.C.L, §2.9, p6). Alguns dos participantes levantaram também questões delicadas para a crentes que vivem nos países do Médio Oriente, entre outros os do armamento, do serviço militar obrigatório, da teologia da libertação? (C.E.C.S, §2 p4), bem como a fidelidade dos líderes cristãos aos valores espirituais no exercício da sua função política, em particular quando tomam decisões sobre a guerra e a paz (A.P.E.C.L, §3.6, p7).

35. Quanto às recomendações formuladas nos relatórios e no trabalho das equipas, podem ser resumidas em três pontos:

- Para a Igreja, a abertura aos outros e a escuta de opiniões diferentes alargaram os horizontes da esperança, uniram os cristãos no testemunho da sua fé e alimentaram o sentido de pertença à Igreja (A.P.E.C.L, §1.1, p3);

- Confiar nas iniciativas das Igrejas locais e das Assembleias nacionais, sem esperar por soluções do exterior (A.S.P. de 14.02.2023);
- Testemunhar que a vida consagrada oferece um bom modelo para viver com integridade e esperança no meio do sofrimento (C.S. Dulcis).

IV.6. A favor da renovação das estruturas para uma Igreja mais sinodal

36. Ficou claro para a Assembleia que as Igrejas Orientais têm uma estrutura sinodal. Para que estas diferentes estruturas possam ser postas ao serviço da comunhão, da parceria e da missão, devem ser constantemente renovadas, nomeadamente através da sua ativação a diferentes níveis: conselhos pastorais e diocesanos, assembleias nacionais de patriarcas e bispos e o Conselho dos Patriarcas Católicos Orientais, para que estas estruturas sejam mais contributivas, profissionais e transparentes, e não dificultem a transmissão da mensagem a todos. Alguns leigos e leigas proclamaram o seu desejo de viver em parceria na Igreja, partilhando responsabilidades e carregando o fardo da missão com os seus bispos e padres (A.P.E.C.L, §4.4, p8). Recomendaram o acompanhamento do trabalho dos comités financeiros e dos responsáveis pela prestação de socorro e assistência aos necessitados, pobres e aflitos (E. Ch. I., §11, p22).

37. Para responder ao apelo de Sua Santidade o Papa Francisco para construir uma Igreja mais sinodal, as Igrejas Católicas Orientais estão a esforçar-se por abordar o pluralismo cultural com maior consciência e estima pelo outro, especialmente quando acompanham jovens homens e mulheres que se sentem afastados da Igreja, para que este sentimento não se torne indiferença com o tempo. Vários participantes na Assembleia falaram da relutância dos leigos em participar na vida da Igreja, por vezes devido à falta de transparência e à tirania do autoritarismo de certos clérigos (A.P.E.C.L, §1.8, p4). Outros participantes assinalaram também a predominância do carácter institucional na Igreja, que por vezes altera os fundamentos do serviço eclesial, sacerdotal e monástico, devido ao seu afastamento do espírito de missão gratuita e do testemunho pessoal. Certas instituições eclesiásticas adquiriram por vezes um carácter organizativo do qual os ricos beneficiaram mais do que os pobres (A.P.E.C.L, §2.6, p6). Alguns expressaram a necessidade de as Igrejas Católicas Orientais reverem o conceito de liderança eclesiástica, as suas tarefas e princípios, e adoptarem fundamentos modernos de administração e governação. A renovação das estruturas eclesiásticas requer uma atenção particular e reserva uma maior atenção à pastoral da família, das mulheres e dos jovens.

Pastoral da família

38. Os participantes na Assembleia constataram a necessidade de cuidar da educação da família, de educar os filhos para a oração, para a leitura da Bíblia Sagrada e de os formar para a escuta da Palavra de Deus (A.P.E.C.L, §4.1, p8). Nesta educação, é com ousadia e transparência que devemos conceder a as novas questões éticas com a atenção que merecem (A.P.E.C.L., §4.4, p9). Com este objetivo, os participantes recomendaram que se dediquem programas especiais aos casais casados e aos noivos (E. Ch. I., §5, p5), e que se acompanhem os cônjuges e as famílias que encontram dificuldades devido às mudanças culturais. Deste modo, a

Igreja compromete-se a enfrentar o fenómeno da desintegração da família e trabalha para a proteger e reforçar, porque ela é o núcleo da Igreja e da sociedade (A.P.E.C.L, §3.2, p7).

39. As Igrejas observaram recentemente um aumento do número de casais separados, de pessoas que preferem mudar de denominação ou de religião para se divorciarem e de mulheres que recorrem ao aborto... (A.P.E.C.L, §2.13, p7). Consideram que a comunidade LGBTQ+ participa por vezes na transferência de ideias e conceitos da sociedade ocidental e na difusão da teoria do género no mundo da comunicação eletrónica e das redes sociais, bem como no seu impacto sobre os jovens (A.P.E.C.L, §2.12, p6).

40. O acesso aos sacramentos em alguns dos casos acima mencionados coloca muitas vezes um problema nas Igrejas. A questão é como discernir corretamente em tais situações à luz da Palavra de Deus e de acordo com os dados oferecidos pelo ensinamento da Igreja. Alguns consideram que para a Igreja Católica é necessário definir o conceito de sexualidade e as questões morais que lhe estão associadas, enquanto outros sublinham temas que ajudam a evitar problemas e dificuldades, encontrando novas formas de apoio às famílias através das instituições eclesiais (E. Ch. I., §14, p8), proporcionando programas adequados de preparação para o sacramento do matrimónio (E. Ch. I., §17, p10), comunicando com as famílias que vivem longe das igrejas (C.E.C.S, §1, p4), e procurando não excluir ninguém do processo sinodal.

A vocação e o papel da mulher

41. Os participantes na Assembleia confirmaram a vocação e o papel das mulheres na vida e na missão da Igreja, como membros constitutivos, activos e pioneiros do processo sinodal (A.P.E.C.L, §3.3, p7). A sua participação neste processo é o resultado do seu compromisso com a missão da Igreja, apesar da sua distância dos órgãos de decisão, o que levou o Departamento para a Pastoral das Mulheres na Igreja Maronita a sugerir um sínodo especial para as mulheres, uma novidade nas nossas Igrejas Orientais, tanto nos seus significados e abordagens teológicos, académicos, pastorais e sociais (A.P.E.C.L, §3.14, p8). Este processo sinodal assumiu uma dimensão ecuménica e global, incluindo membros de outras Igrejas e até muçulmanos.

42. O debate nos grupos de discussão centrou-se na questão da vocação e do papel das mulheres na Igreja, e na sua contribuição para a administração e o governo. Os participantes nesta Assembleia apelaram à Igreja para tomar iniciativas claras e intransigentes neste domínio (E. S. I., §16, p3). Isto requer coragem profética, especialmente quando a questão do ministério das mulheres foi discutida (A.P.E.C.L, §1.14, p5). No entanto, antes de abordar esta questão, é necessário dar formação teológica, eclesial e técnica às mulheres envolvidas, antes que algumas delas assumam um papel ativo na administração ou recebam um ministério eclesial como o de diaconisas em obras de caridade (A.P.E.C.L, §1.16, p5).

Pastoral juvenil

43. A Assembleia sublinhou a importância dos jovens e o seu papel na vida da Igreja, bem como o seu apoio e formação, particularmente para aqueles que se afastaram da comunhão eclesial (A.H.C.E, p3). Insistiu também na necessidade de acompanhar os vítimas traumatizadas pela agressão moral que lhes é infligida por certos eclesiásticos e leigos, bem como a ajuda de que necessitam para enfrentar os desafios com que se deparam (A.P.E.C.L, §2.3, p5-6).

44. A Assembleia exprimiu a necessidade de encorajar e apoiar iniciativas que convidem os jovens a encontrarem-se e a trabalharem em conjunto para anunciar a Boa Nova, incluindo, a título de exemplo, os encontros preparatórios de jovens para acompanhar a Assembleia Sinodal, a pastoral universitária, os encontros de oração baseados na espiritualidade da Comunidade Ecuménica de Taizé, as Jornadas Nacionais da Juventude, a experiência ecuménica sinodal que reúne jovens dos países do Médio Oriente sob a égide do grupo *Nós Escolhemos a Vida* e da fundação *Pro Oriente*, e outros encontros e reuniões... Hoje, os jovens precisam de encontrar na síntese desta assembleia sinodal a prova do compromisso da Igreja com estas orientações, reconhecendo a sua fraqueza na capacidade de enfrentar questões delicadas que exigem palavras proféticas e posições explícitas. A transparência e a sinceridade com que os responsáveis eclesiásticos se comportam a todos os níveis ajudam os jovens a reconstruir a sua auto-confiança, de acordo com as exigências impostas pelo desejo de purificar as suas memórias e de conduzir a sua vida pelo caminho do arrependimento. Tudo isto ajuda a renovar a pastoral juvenil e a atrair os jovens para a pessoa de Jesus Cristo, como afirma o Papa Francisco na sua exortação apostólica: "Cristo vive" (capítulo 7). Desta forma, a Igreja torna-se mais sinodal (J. APECL).

IV.7. Os media, a cultura digital e o seu contributo para uma Igreja mais sinodal

45. Os meios de comunicação social e a publicidade estão no centro da missão da Igreja de pregar a Boa Nova da salvação ao mundo, pelo que a Igreja tem sido pioneira na conceção de métodos, técnicas e recursos mediáticos e informativos para proclamar a Boa Nova da Ressurreição. Desde a Antiguidade, as cópias manuscritas da Bíblia Sagrada e as orações surgiram nas nossas Igrejas Orientais como meio de difusão de informação escrita. Posteriormente, o ícone, que transmite e representa os factos bíblicos da salvação, foi adotado como meio de transmissão visual. Seguiu-se a utilização de melodias populares nas Igrejas de rito siríaco, substituindo os seus textos pela prosa e poesia dos Santos Padres, incluindo a figura eminente de Santo Efrém, o Sírio, a harpa do Espírito Santo. Este processo é considerado um instrumento audio-média.

46. As Igrejas Orientais acompanharam o desenvolvimento dos meios de comunicação social. Criaram instituições especializadas em vários países e reforçaram as suas estruturas através de centros católicos de comunicação social, supervisionados por comissões episcopais. Dada a importância deste sector, o serviço da Boa Nova e da "nova evangelização" depende do bom uso que as Igrejas fazem da comunicação e da cultura digital. Durante as consultas sinodais e os trabalhos da Assembleia, foram

feitas as seguintes afirmações: mostrar a importância dos media como instrumento de comunicação eficaz para transmitir a Boa Nova (E. Ch. I., §12, p7); afirmar que os peritos cristãos dos meios de comunicação social, clérigos e leigos, devem assumir a responsabilidade de testemunhar a favor dos princípios e valores cristãos (A.O.C.T.S.), confrontando-se com conceitos e ideias que ofendem a dignidade humana e alimentam o espírito de afastamento de Deus e contribuem para a difusão da decadência moral (A.P.E.C.L., §3.18, p8). É também confirmada a necessidade de formar especialistas no domínio da comunicação cristã e dos media (A.P.E.C.L., §4.3, p8). As conclusões das Igrejas e os debates da Assembleia alertaram para as repercussões do abuso dos meios de comunicação social nos fiéis, em particular nos jovens (A.P.E.C.L, §2.7, p6).

V. Como é que as nossas Igrejas Católicas Orientais podem tornar-se mais sinodais?

47. "O nome da Igreja é Sínodo. Esta definição esclarece-nos sobre o modo como podemos compreender a própria natureza da Igreja, bem como a unidade dos seus membros e a complementaridade das suas funções, e a sua união em Jesus Cristo, através da ação do Espírito Santo. Na história, a Igreja é o Povo de Deus que caminha junto para a realização do Reino do Pai. Mas como é que esta sinodalidade se pode desenvolver? E quais seriam os meios para o conseguir?

48. No decurso da Assembleia Sinodal, na oração, no diálogo espiritual, no debate e na discussão, surgiram propostas que poderiam ajudar as Igrejas a estarem mais em sintonia com a sua natureza mais profunda e a tornarem-se mais sinodais. Aqui estão as mais importantes:

a. Provocar uma mudança na mentalidade de todos, leigos e clérigos, para aceitar o universalismo da salvação por Cristo e para nos dotarmos dos meios adequados para melhor o compreender e realizar. Isto exige que cada batizado viva e se reconheça como membro do Povo de Deus, através da palavra, da ação empenhada, do exemplo e do testemunho.
b. Reconhecer a complementaridade entre o sacerdócio real e o sacerdócio ministerial (diaconado, presbiterado, episcopado), ambos participantes do único Sacerdócio de Cristo e ordenados entre si (LG 10). Para este fim, adotar o discernimento espiritual como método para promover a escuta, o caminhar juntos e a capacidade de reconhecer a vontade de Deus.
c. Afirmar que cada fiel batizado tem um "sentido da fé" e que a Igreja realiza a sua missão através do apelo universal à santidade, até que Cristo seja "tudo em todos". Comprometer-se a caminhar juntos, apesar de tudo o que isso exige em termos de abnegação e de abertura aos outros para os aceitar tal como são.
d. Trabalhar para a renovação da vida litúrgica nas Igrejas, tendo o cuidado de

preservar o essencial da Sagrada Tradição e, ao mesmo tempo, assegurar que os serviços litúrgicos sejam adaptados às necessidades actuais do Povo de Deus, de acordo com os contextos e circunstâncias dos diferentes países e sociedades. Na medida em que a vida de todo o Povo de Deus se organiza em torno da Liturgia, é importante ter em conta todos os factores envolvidos e formar bem os membros que trabalham para esta renovação da vida litúrgica.

e. Purificar o ministério dos presbíteros de todas as fraquezas e deficiências presentes nalguns deles, porque incompatíveis com a santa vocação e o serviço à imagem de Cristo, o Servo por excelência. Esta purificação exige uma revisão dos meios e dos critérios de escolha dos candidatos às ordens sagradas do diácono, do presbítero e do bispo. Não se trata apenas de verificar as suas competências científicas e teológicas, ou os seus conhecimentos de gestão e administração, mas sobretudo a sua capacidade de respeitar o seu compromisso sagrado e de levar uma vida de virtude que seja sinal de empenhamento pastoral e de amor a Cristo até ao martírio (ver as notas sobre os papéis pendurados nas paredes).

f. Empenhar-se de forma irreversível na restauração da unidade visível da Igreja e promover relações ecuménicas com as Igrejas e as comunidades eclesiais do Médio Oriente. Além disso, devem ser desenvolvidas novas iniciativas em relação a outras Igrejas, particularmente nos domínios da cooperação e do testemunho comum. Operacionalizar o papel das Igrejas católicas no seio do Conselho das Igrejas do Médio Oriente e procurar unificar as datas das festas. A experiência dos acordos pastorais sobre o tema da identidade eclesial, da comunhão e casamentos mistos (Charfet-1996) poderia ser considerado um modelo para tais iniciativas, especialmente para a unificação da data da celebração da Páscoa.

g. Reconhecer o valor da diversidade religiosa, cultural e humana na região do Médio Oriente e confirmar a escolha de viver juntos para abrir uma nova página nas relações com muçulmanos e judeus, bem como com adeptos de outras religiões, agnósticos e aqueles que declaram não pertencer a nenhuma religião, corrente filosófica ou ideologia em particular. Trabalhar para a purificação da memória e empenhar-se num diálogo autêntico e corajoso, baseado na caridade e no respeito mútuo. Só nestas condições as nossas Igrejas Orientais poderão contribuir para a pastoral da reconciliação ao serviço do bem comum e do futuro dos povos da região.

h. Abandonar todas as formas de exclusão das mulheres no que diz respeito à sua participação na vida da Igreja, nomeadamente na preparação das decisões eclesiais. As nossas Igrejas respectivas deveriam começar a pensar seriamente no restabelecimento do diaconado das mulheres. Aguardamos com impaciência as conclusões do Sínodo para as Mulheres, iniciado e implementado pela Igreja Maronita, com o objetivo de permitir que as mulheres sejam mais activas e mais presentes na vida das Igrejas Católicas Orientais.

i. Confiar nos jovens e acreditar nos seus dons e na sua capacidade de contribuir para as várias responsabilidades, nomeadamente no serviço do anúncio da Boa Nova. Isto requer um acompanhamento pastoral que consiste em ouvi-los

atentamente, acompanhá-los e ajudá-los a discernir a sua vocação nas suas Igrejas. Ter fé na participação das pessoas com deficiência e no valor e importância do seu papel construtivo na vida da Igreja. A sua experiência humana e espiritual deve ser acolhida, assim como a expressão da sua esperança, que pode inspirar os que são capazes.

j. Adotar métodos de governo e de transparência para a administração das instituições eclesiais nos vários sectores. Muitas vozes se levantaram entre os fiéis das Igrejas Católicas Orientais, apelando a um reexame dos métodos de governo e de administração, particularmente na tomada de decisões. Estas vozes têm apelado a uma compreensão do poder como uma das expressões concretas da caridade e do serviço.

k. Evitar os complexos de minoria e banir o medo que lhes está associado, devido às muitas provações sofridas com a perseguição, a imigração e outras situações difíceis, para não sucumbir às tentações e preservar a Fé e a Esperança. É necessário também envidar esforços para que os cristãos possam criar raízes nos territórios dos respectivos países e contribuir para travar o atual processo que está a esvaziar o Oriente da sua presença cristã e a ameaçar mudar a sua identidade demográfica. Isto exige uma estreita colaboração com as autoridades civis. Além disso, se as nossas Igrejas quiserem encarnar a Igreja da Esperança no Médio Oriente, é necessário reavivar o espírito profético que escuta a vontade de Deus e trabalha para a realizar, porque Deus é o verdadeiro Mestre da História. É assim que o testemunho da Esperança permanece até ao fim dos tempos.

VI. Prioridades

49. De todas estas conclusões sinodais, emergem três prioridades que, do ponto de vista das Igrejas Católicas Orientais, merecem ser apresentadas na primeira assembleia plenária do próximo Sínodo (outubro de 2023):

a. Ajudar as Igrejas particulares a promover a catolicidade da Igreja numa relação harmoniosa entre Unidade e Diversidade, preservando a especificidade de cada uma delas? Neste sentido, qual é o contributo e o papel das Igrejas Católicas Orientais na comunhão de todas as Igrejas?

b. Clarificar as estruturas de comunhão e os laços jurídicos entre as Igrejas Patriarcais Católicas e o Sucessor de Pedro na Sé de Roma? Reconsiderar a natureza da sua relação com os vários dicastérios da Cúria Romana que estão ao serviço da comunhão na Igreja universal?

c. Definir e promover as estruturas e os mecanismos mais adequados para tornar a sinodalidade uma realidade na vida da Igreja, Povo de Deus, tendo em conta a multiplicidade e a diversidade dos contextos religiosos e socioculturais em todo o mundo?

Conclusão

50. Na alegria experimentada pela ideia de um encontro que permitiu celebrar a Igreja Una, e apesar da tristeza ligada à perda das vítimas dos terramotos assassinos na Turquia e na Síria, foi-nos dada a graça de celebrar a Assembleia Sinodal Continental das Igrejas Católicas do Médio Oriente e do Golfo Árabe. Juntos, escutámo-nos uns aos outros e à mensagem que o Espírito nos transmite hoje. Todos os participantes nesta Assembleia expressaram as suas alegrias e esperanças, bem como os receios e desafios que enfrentam. Isto encorajou-os a empreender iniciativas concretas nas quais se investiram nas suas respectivas igrejas. Além disso, a sua participação garantiu que a sinodalidade fosse uma experiência real e um espaço de livre expressão, especialmente para as mulheres e os jovens, bem como para muitas pessoas cujas vozes já não eram ouvidas; ou para as pessoas com deficiência; e, finalmente, para todos aqueles que se encontravam à margem da vida pastoral. A experiência desta Assembleia Sinodal foi uma espécie de remédio para muitas situações difíceis no seio de cada Igreja e para as relações tensas entre as diferentes Igrejas. Esta Assembleia reconheceu claramente duas dimensões sem as quais a Igreja perderia a razão de ser e a alma da sua existência no Oriente: a dimensão ecuménica, que diz respeito às relações com as Igrejas irmãs; e a dimensão dialógica, que assegura a abertura e o encontro com as outras religiões.

51. É evidente que o Povo de Deus no Médio Oriente é chamado a dar testemunho da sua fé, através da sua vida e da sua Esperança, apesar da complexidade do contexto atual. O apelo à renovação, ao caminhar juntos, ao diálogo e ao discernimento é urgente e não pode ser adiado. Recolher sem demora os frutos da sinodalidade é uma questão de compromisso constante para caminhar juntos atrás de Cristo e sob a orientação do Espírito Santo, como Povo de Deus, animados pelo desejo de promover a fraternidade humana. É assim que as Igrejas Católicas Orientais poderão responder ao apelo de Sua Santidade o Papa Francisco para alcançar o que Deus quer para a sua Igreja no terceiro milénio: ser mais sinodal.

DOCUMENTO FINAL DA ETAPA CONTINENTAL EM OCEANIA

"Escutar os irmãos
e as irmãs sobre as
esperanças e as crises
da fé nas diversas
áreas do mundo,
sobre as urgências
de renovação da vida
pastoral, sobre os
sinais que provêm
das realidades locais.
Por fim, temos a
oportunidade de nos
tornarmos uma Igreja
da proximidade."

(Papa Francisco)

Introdução

Este documento reflete as vozes do Povo de Deus na Oceânia em resposta ao Documento de Trabalho para a Etapa Continental (DEC). Inclui uma Reflexão Pastoral dos bispos da Oceânia reunidos na Assembleia da Federação das Conferências Episcopais Católicas da Oceânia (FCBCO) nas Ilhas Fiji (5-10 de fevereiro de 2023), sobre o que ouviram do seu povo.

Descrição da Oceania

1. O vasto continente da Oceânia é um mar de ilhas, grandes e pequenas, situadas no Oceano Pacífico, que ocupa um terço do planeta. A Oceânia tem uma caraterística única que nenhuma outra região partilha. A linha de demarcação internacional passa pelo meio deste continente. A posição da linha do tempo significa que cada novo dia começa e termina na Oceânia. A oração da Igreja, as primeiras missas do dia, acontecem na Oceânia, todos os dias. As últimas orações e as actividades da vida quotidiana também acontecem nos países da Oceânia.

2. A Oceânia é rica em diversidade. Existem 21 países, desde pequenos Estados insulares a grandes massas de terra, com uma grande variedade de grupos étnicos, culturais e linguísticos. A região é rica numa abundância natural de flora, fauna e vida marinha. O acesso aos recursos, às comunicações e às infra-estruturas comunitárias é muito variável na região. Para todos os países, o impacto da crise ecológica constitui uma ameaça considerável e preocupa o discurso político, económico, social e eclesial. A expansão comercial global na região e à sua volta constitui uma ameaça à sobrevivência e à existência dos meios de subsistência, da cultura e do lar dos muitos grupos minoritários indígenas, diversos e únicos, da Oceânia.

3. A subida do nível do mar ameaça a própria existência dos pequenos Estados insulares da Oceânia e, cada vez mais, as inundações catastróficas, os ciclones e os incêndios são uma realidade em muitos países. A nossa região é o foco e o lugar de conflitos geopolíticos entre potências mundiais e é afetada por dinâmicas coloniais e neocoloniais impulsionadas por entidades económicas transnacionais. Como em todos os outros continentes, a pandemia de COVID-19 causou um impacto significativo nas vidas e nos meios de subsistência, bem como na vida da Igreja.

4. A Federação das Conferências Episcopais Católicas da Oceânia (FCBCO) inclui quatro conferências episcopais - a Conferência Episcopal da Papua Nova Guiné e das Ilhas Salomão (CBCPNGSI); a *Conferentia Episcopalis Pacifici* (CEPAC); a Conferência Episcopal da Nova Zelândia (NZCBC); a Conferência Episcopal Australiana (ACBC); e representantes das Igrejas Católicas Orientais (ECC).

5. Os países da Oceânia são: Samoa Americana, Austrália, Ilhas Cook, Fiji, Polinésia Francesa, Guam, Kiribati, Ilhas Marshall, Micronésia, Nauru, Nova Caledónia, Nova Zelândia, Niue, Ilhas Marianas do Norte, Papua Nova Guiné, Samoa, Ilhas Salomão, Tokelau, Tonga, Tuvalu, Vanuatu, Wallis e Futuna.

Contexto das Conferências Episcopais e das Igrejas Católicas Orientais na Oceânia

6. Os princípios organizacionais e eclesiais comuns coexistem com a riqueza e a diversidade das conferências episcopais da Oceânia. Nas Igrejas Católicas Orientais, existe uma variedade de disposições administrativas, com algumas a funcionar num único país e outras em vários países ou em todo o continente. A nossa região inclui tanto países desenvolvidos como países em desenvolvimento - como resultado, haverá inevitavelmente diferentes questões a serem abordadas, pastoralmente e como uma questão de defesa urgente.

CONFERÊNCIA DOS BISPOS CATÓLICOS AUSTRALIANOS (ACBC)

7. De acordo com o Censo de 2021, a população da Austrália era de cerca de 25,4 milhões, dos quais quase 5,1 milhões (20%) se identificavam como católicos. Nos últimos anos, o número de australianos que não se identificam com nenhum grupo religioso aumentou para quase 10 milhões em 2021, e agora compreende 38,9% da população.

8. Quase um em cada cinco católicos australianos (19,9%) tinha 65 anos ou mais, enquanto 17,9% tinham menos de 15 anos. Vinte e sete por cento nasceram no estrangeiro, dos quais quatro em cada cinco eram de países que não falam inglês. Pouco mais de um em cada cinco católicos (21,5%) falava uma língua diferente do inglês em casa. Cerca de 2,7% dos católicos australianos - ou quase 136.000 pessoas - identificaram-se como indígenas australianos.

9. A Igreja Católica na Austrália compreende 28 dioceses geográficas, sete das quais são arquidioceses. Existem também cinco eparquias de rito oriental e dois ordinariatos, cada um dos quais cobre toda a Austrália e, nalguns casos, mais além. Todos os bispos, eparcas e ordinários reúnem-se duas vezes por ano, trabalhando através de 11 comissões episcopais e são apoiados por numerosos conselhos consultivos. Existem cerca de 175 institutos religiosos cujos membros vivem em comunidade e aderem a um modo de vida baseado em votos. A maioria é regida pelas suas próprias constituições, mas, nalguns casos, pelo bispo local. Trabalham numa diocese com o consentimento do bispo.

10. Uma caraterística particular da Igreja Católica na Austrália é o leque de ministérios que assume e pelos quais é responsável. É o maior prestador não governamental de assistência social e educação, com escolas católicas a educar um pouco mais de uma em cada cinco crianças australianas, e hospitais católicos e instalações de cuidados a idosos que cuidam dos doentes, vulneráveis e idosos. Cada vez mais, a gestão destes serviços é feita por Pessoas Jurídicas Públicas Ministeriais (MPJP) - entidades estabelecidas no direito canónico com uma função específica, como a administração dos ministérios. Foram criadas por institutos religiosos que transferiram os seus ministérios para administradores canónicos.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL DO PACÍFICO (CEPAC)

11. A CEPAC inclui 16 jurisdições - 14 dioceses (cinco das quais são arquidioceses) e a Prefeitura Apostólica das Ilhas Marshall e a Missio Sui Iuris de Funafuti e Tokelau são também membros da CEPAC. Há 750.000 católicos numa região com cerca de

2,3 milhões de habitantes. Esta população católica é apoiada por 485 padres e 126 diáconos (alguns dos quais estão filiados em ordens religiosas), 133 irmãos e 666 irmãs religiosas.

12. A tradição das Comunidades Cristãs de Base (CCB) está viva em muitas partes do Pacífico, com grupos que se reúnem para rezar e ler a Bíblia - muitas vezes com pouco contacto de um padre ou religioso devido a desafios sazonais e geográficos.

13. A Igreja Católica coexiste com comunidades cristãs maioritariamente protestantes e evangélicas em muitos países do Pacífico.

IGREJAS CATÓLICAS ORIENTAIS (ECC)

14. As Igrejas Católicas Orientais da Oceânia compreendem cinco Eparquias (dioceses) - as Igrejas Ucraniana, Melquita, Caldeia, Siro-Malabar e Maronita. Há também outras Igrejas Católicas Orientais que não têm atualmente um Ordinário das suas próprias Igrejas, incluindo as Igrejas Católicas Copta, Arménia, Russa, Siríaca e Siro-Malankara. As Igrejas Católicas Orientais colaboram em exercícios como a resposta à sinodalidade, mas não estão formalmente associadas numa entidade única comparável a uma conferência episcopal[1].

15. Existe uma grande variedade de experiências entre as Igrejas Católicas Orientais da Oceânia [2]. Funcionam como entidades autónomas e estão a florescer. São constituídas por diversas heranças litúrgicas e teológicas, tanto na tradição antioquena-síria como na tradição bizantina. Cada uma das Igrejas apresenta também perspectivas culturais únicas. Esta diversidade é marcada pelos diferentes componentes que formam a identidade de cada uma destas Igrejas Católicas Orientais, incluindo

I. heranças litúrgicas e teológicas especiais,
II. Igrejas de Calcedónia fiéis ao "mistério da salvação";
III. Igrejas Patriarcais, muitas com um aspeto ascético e monástico único; e
IV. Igrejas em plena união com a Sé Apostólica Romana.

16. Nas Igrejas Católicas Orientais da Oceânia existem:

- Duas Eparquias de Rito Litúrgico Siríaco Oriental:
  - o Eparquia Siro-Malabar de São Tomé Apóstolo de Melbourne para os fiéis siro-malabares (13 paróquias, 82 000 católicos)
  - o São Tomé Apóstolo de Sydney para os Caldeus (7 paróquias, 70.000 católicos).
- Duas Eparquias do Rito Litúrgico Bizantino:
  - o São Miguel Arcanjo de Sydney para os católicos melquitas (13 paróquias, 52.000 católicos)
  - o S. Pedro e S. Paulo de Melbourne para os católicos ucranianos (10 paróquias, 7.046 católicos).
- Um rito siríaco ocidental: São Maron de Sydney para os Maronitas (14 paróquias, 161.370 católicos).

[1] Para além de serem membros do Sínodo Episcopal das suas respectivas Igrejas sui iuris, os Bispos Católicos Orientais são também membros da Conferência Episcopal Australiana.
[2] Em 2016, a Conferência dos Bispos Católicos Australianos publicou um documento sobre a presença e a realidade das Igrejas Católicas Orientais na Austrália e sobre a forma como a Igreja em geral pode se relacionar com elas - https://www.catholic.org.au/images/pdf/2016_Eastern_Catholic_Churches_in_Australia.pdf

CONFERÊNCIA EPISCOPAL CATÓLICA DA NOVA ZELÂNDIA (NZCBC)

17. Em Aotearoa, na Nova Zelândia, vivem quase meio milhão de pessoas de confissão católica, o que representa 10% da população total. A Igreja Católica é a maior denominação cristã e o maior grupo religioso. A Nova Zelândia é um país cada vez mais secular; no último Censo, realizado em 2018, quase metade de todas as pessoas na Nova Zelândia declararam não ter religião (48,6%), em comparação com 34,6% em 2006.

18. A população da Nova Zelândia é cada vez mais diversificada, com uma grande população migrante. Os maoris, a população indígena, representam 16,5% da população, a população asiática 15,1% e os povos do Pacífico 8,1%.

19. Existem seis dioceses na Nova Zelândia. A Arquidiocese de Wellington é a arquidiocese metropolitana. A Igreja Católica na Nova Zelândia é também constituída por muitas ordens religiosas católicas e organizações laicas, algumas das quais desenvolvem importantes actividades pastorais. A NZCBC abraçou a relação bicultural (Māori e Pakeha [não Māori]) no que respeita a mana [autoridade, poder espiritual, mandato] do povo da terra.

20. Dentro do território das dioceses da Nova Zelândia, há também comunidades paroquiais católicas orientais que estão sob os cuidados pastorais das Eparquias católicas orientais na Austrália.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL CATÓLICA DA PAPUA-NOVA GUINÉ E ILHAS SALOMÃO (CBCPNGSI)

21. A Papua-Nova Guiné (PNG) é um país insular situado no sudoeste do Oceano Pacífico. Abrange a metade oriental da Nova Guiné, a segunda maior ilha do mundo. É um país diversificado, com mais de 800 línguas e 640 ilhas. Atualmente, o espetro da sociedade da Papua-Nova Guiné vai desde a vida tradicional nas aldeias, dependente da subsistência e da pequena agricultura de rendimento, até à vida urbana moderna nas principais cidades.

22. Tem uma população total de 8,9 milhões de habitantes (Worldometer dos dados das Nações Unidas), dos quais 95,5% são cristãos. Os católicos representam 25,1% da população e são a maior igreja.

23. O país vizinho, as Ilhas Salomão (SI), tem uma população de 732 000 habitantes (Worldometer de dados das Nações Unidas) e 20% são católicos. Existem 63 línguas distintas no país, com numerosos dialectos locais. O inglês é a língua oficial, mas o pidgin das Salomão é a língua franca da maioria da população.

24. Existem 19 dioceses na Papua-Nova Guiné e três dioceses nas Ilhas Salomão. Ambos os países pertencem a uma Conferência Episcopal Católica da Papua Nova Guiné e das Ilhas Salomão (CBCPNGSI).

25. Tanto a PNG como a SI têm uma mistura de padres e religiosos expatriados e locais que trabalham em paróquias e noutros ministérios, como escolas e hospitais.

Processo de discernimento em Oceania

26. Na primeira fase do Sínodo sobre a Sinodalidade, de 17 de outubro de 2021 a 15 de agosto de 2022, houve um convite aberto a todos os baptizados para se empenharem num processo de discernimento orante, conversa espiritual, reflexão e escuta profunda, utilizando um Documento Preparatório e um *Vademecum* (Guia) preparados pelo Secretariado do Sínodo. Na Oceânia, cada uma das conferências episcopais, as Igrejas Católicas Orientais e muitos institutos religiosos, movimentos laicais e outros grupos e indivíduos contribuíram para o discernimento local. Cada conferência episcopal e as Igrejas Católicas Orientais prepararam uma resposta que reflectia o processo de discernimento e os resultados na sua jurisdição.

27. Das 114 conferências episcopais de todo o mundo, 112 apresentaram uma síntese nacional ao Secretariado do Sínodo até à data limite de 15 de agosto de 2022. Para além disso, foram recebidas mais de 1.000 respostas de institutos religiosos, movimentos laicais, outros grupos e indivíduos. Para discernir as questões contidas nessas respostas, cerca de 30 pessoas de diversas origens e especializações foram convidadas para um mosteiro em Frascati, nos arredores de Roma, de setembro a outubro de 2022, para duas semanas de oração, reflexão, discernimento e síntese. No final deste processo, o Conselho dos Ordinários, que governa o Secretariado do Sínodo, juntou-se ao grupo de Frascati para se familiarizar com o Documento de Trabalho para a Etapa Continental (DEC) e aprová-lo.

28. O lançamento do DEC em 27 de outubro de 2022 foi o início da segunda fase do Sínodo: a Fase Continental. Em preparação para esta fase, a FCBCO criou o Grupo de Trabalho para a Oceânia. Este Grupo de Trabalho trabalhou em conjunto com o Grupo de Trabalho da Assembleia de Suva para assegurar a integração dos dois processos de planeamento. O Grupo de Trabalho da Oceânia solicitou que a FCBCO criasse também um Grupo de Discernimento e Escrita (DWG) para recolher os frutos das respostas das cinco jurisdições e criar um projeto de apresentação para consideração episcopal na sua Assembleia agendada para o início de fevereiro de 2023. O GTD era composto por um leque diversificado de pessoas de todos os quadrantes eclesiais, geográficos, etários, sexuais e experienciais.

29. As quatro conferências episcopais e as Igrejas Católicas Orientais da Oceânia estavam bem preparadas, apesar de o período de discernimento coincidir com as férias de Natal e de verão no hemisfério sul. Além disso, a FCBCO estava a planear a sua assembleia regional há alguns anos, que tinha sido adiada devido à pandemia de COVID-19. A Assembleia foi reagendada para 5-10 de fevereiro de 2023, em Suva, Fiji, e a FCBCO concordou em incluir o discernimento sobre a sinodalidade como parte do seu programa, o que exigiu a apresentação de um projeto a tempo de ser analisado antes da Assembleia.

30. De finais de outubro a meados de dezembro de 2022, as conferências episcopais e as Igrejas Católicas Orientais levaram a cabo um processo de discernimento com representantes do Povo de Deus (com ênfase em alcançar aqueles que se encontram nas margens). O processo de oração permitiu aos participantes discernir o DEC através

da lente da sua experiência vivida da Igreja na Oceânia. Um processo de discernimento e síntese foi conduzido em cada jurisdição em meados de dezembro, e as respostas foram enviadas para o Grupo de Trabalho da Oceânia no final de dezembro.

31. À semelhança da abordagem adoptada para o desenvolvimento do DEC, o Grupo de Discernimento e Redação da Oceânia reuniu-se em regime de retiro para discernir, de forma autêntica e com espírito de oração, os temas comuns às cinco respostas da Austrália, Nova Zelândia, Pacífico, Papua Nova Guiné e Ilhas Salomão (PNG/SI) e Igrejas Católicas Orientais (ECC) e para identificar diferenças, lacunas e prioridades para consideração e finalização dos membros da FCBCO na sua Assembleia de Suva. Alguns membros do Grupo de Trabalho para a Oceânia participaram na Assembleia do FCBCO para apresentar o projeto e apoiar o processo de discernimento episcopal, que conduziu à reflexão pastoral dos bispos sobre o documento.

32. A submissão da Oceânia foi finalizada numa reunião online do Executivo da FCBCO e dos membros do Grupo de Discernimento e Escrita antes de enviar a submissão ao Secretariado do Sínodo até à data limite de 31 de março de 2023.

Experiência de Sinodalidade

33. As respostas ao DEC foram, de um modo geral, positivas, relacionando a experiência das pessoas com a sinodalidade como a vontade de Deus para a Igreja no terceiro milénio. Houve, no entanto, algumas opiniões negativas, mas com razões bastante diferentes para essa negatividade.

34. Houve uma ressonância fundamental de que a sinodalidade se baseia no sacramento primário do Batismo, observando que "o Batismo não é um conceito abstrato, mas uma identidade. O processo sinodal está a encorajar e a ajudar esta experiência a um nível mais profundo e enriquecedor, com a ênfase na criação de um ambiente em que cada indivíduo batizado e as pessoas de bem se sintam em casa na Igreja. O caminho sinodal é uma forma de a Igreja chegar a todos e é uma forma de criar uma atmosfera acolhedora para todos os seus filhos" (PNG/SI, 2.2). A própria oportunidade de participar na resposta ao DEC foi vivida com gratidão: "Houve uma grande gratidão pelo processo [sinodal], pelo fato de se poder falar livremente e ser ouvido. Jovens e velhos, mulheres e homens, tão contentes por terem esta oportunidade - têm de ser ouvidos". A participação de tantas pessoas foi comentada por muitos" (Nova Zelândia, 10).

35. A antiga visão e prática da Igreja como sinodal foi afirmada: "A sinodalidade tem sido uma grande parte do funcionamento das Igrejas Católicas Orientais desde há muito tempo. Há muito a aprender com a Igreja Católica Oriental sobre a sinodalidade" (ECC, 6). Outro elemento da experiência positiva do discernimento do DEC foi o fatode as pessoas se terem deparado com a natureza global da Igreja (para alguns, pela primeira vez); isso alargou a sua visão de "Igreja" e das muitas questões comuns na Igreja Universal.

36. Houve, no entanto, algumas reacções negativas em relação à sinodalidade. Para alguns, esta inquietação exprimiu-se em dúvidas de que os bispos considerassem de fatoos frutos do discernimento e, com isso, o receio de que o trabalho sinodal acabasse por não fazer qualquer diferença real. Para outros, havia a preocupação de que a sinodalidade prejudicasse a Igreja. Ambas as razões foram registadas no documento da Nova Zelândia: "Houve alguns receios e cautelas expressos durante o processo. As pessoas estão à espera de ver se as suas vozes foram ouvidas, ou se se perderão quando o processo chegar às Assembleias de Roma. Alguns estão ansiosos e até zangados com as pessoas que falam de mudança e vêem o processo sinodal como potencialmente 'ferindo a Igreja'" (Nova Zelândia, 14).

37. A amplitude da experiência reflecte-se numa outra resposta: "Muitos participantes ficaram muito impressionados com os apelos globais a uma Igreja sinodal. Isto teve eco nas experiências locais, porque algumas dioceses e paróquias estão a crescer em sinodalidade, ouvindo diversas vozes, estando abertas a novas abordagens e incluindo um leque diversificado de pessoas na liderança e no ministério. Ao mesmo tempo, outras regiões permaneceram 'viradas para dentro', com um laicado e um clero passivos" (Austrália, 32).

38. No entanto, de um modo geral, todas as regiões da Oceânia consideraram que o DEC captava uma experiência verdadeiramente global de sinodalidade. Isto foi visto como uma direção bem-vinda para a vida interior e a missão da Igreja no terceiro milénio: "O processo sinodal de discernimento orante, conversa espiritual, escuta profunda e respeito por cada pessoa e pelas suas opiniões é um processo poderoso. A maioria das pessoas vê a sinodalidade como a forma de avançar no seu próprio caminho espiritual, individual e coletivamente, e concorda com o DEC: "De facto, é a forma de ser Igreja. O Espírito Santo está a pedir-nos para sermos sinodais [DEC, 3]'" (Nova Zelândia, 15). Este acolhimento positivo da sinodalidade é também captado no relatório de uma diocese do Pacífico: "Reflectindo sobre o Documento de Trabalho para a Etapa Continental, é evidente que a Igreja precisa de tomar uma decisão radical para criar um sentido de acolhimento e de inclusão entre os seus membros, mesmo entre os que não têm fé. O Sínodo pode ser o catalisador ... para promover a colegialidade, a unidade e a sinodalidade na nossa Igreja e na sociedade" (Pacífico).

Frutos do Discernimento

Temas comuns, questões, Insights

A IMAGEM DA TENDA

39. Nos países maiores da Oceânia, a imagem da tenda (Isaías 54,2) foi recebida com entusiasmo e alegria, considerando-a muito relevante para uma Igreja profundamente ferida pela crise dos abusos. "A tenda é um edifício muito mais humilde do que os grandes edifícios, como as catedrais, pelo que alargar o espaço na tenda é uma imagem muito boa para usar" (Austrália, 58).

40. A imagem da tenda não teve a mesma ressonância entre as Igrejas Católicas Orientais da Oceânia, uma vez que alguns dos seus membros foram "forçados por circunstâncias difíceis, incluindo guerra, perseguição e dificuldades económicas, a estabelecerem-se noutros países" (ECC, 2). Para alguns dos seus membros, as tendas estão associadas à impermanência, à falta de segurança e até a campos de refugiados, enquanto procuram segurança e permanência nas suas novas vidas nos países da Oceânia.

41. A tenda também não teve uma forte ressonância nos países do Pacífico da Oceânia. Para as pessoas que vivem em pequenas ilhas, a descrição do DEC da Igreja "como uma tenda, de fatocomo a tenda do encontro, que acompanhava o povo na sua viagem pelo deserto: chamada a estender-se, portanto, mas também a mover-se" não está de acordo com a sua experiência como *tagata o le moana*, povo do mar, que viajou ao longo da história em barcos à medida que se deslocava pela sua região (Pacífico).

42. É necessário ter o cuidado de garantir que a continuação da imagem da tenda não exclui as pessoas para quem a tenda tem pouca ressonância, ou para quem pode ser uma imagem indesejável devido às suas experiências de vida.

43. A descrição do DEC da tenda como uma imagem da Igreja significa que todos os baptizados estão dentro da tenda, quer sejam ou não participantes activos na comunidade da tenda. Pessoas como as que se encontram numa situação matrimonial irregular não podem participar em aspectos da vida sacramental da comunidade da tenda, mas não estão excluídas da tenda. Do mesmo modo, as pessoas que não participam nas missas dominicais não estão fora da tenda. Todos os baptizados estão na tenda, quer sejam ou não participantes activos na comunidade.

44. Há muitas razões para a não participação: "Muitos membros da Igreja, como os gays e as lésbicas, sentem que são estranhos e não fazem parte da Igreja. Os pobres, por não terem dinheiro para comprar roupas decentes, também são desprezados. Alguns sentem-se indesejados por não pertencerem ao grupo dominante da paróquia. As pessoas novas na Igreja sentem que não podem ajudar na Igreja, porque esta é dominada por famílias seleccionadas" (Pacific).

45. Em algumas partes da Oceânia, existe uma divisão muito visível entre pobres e ricos, entre grupos étnicos, entre migrantes e aqueles que consideram o país como seu, e entre pessoas de diferentes ilhas do mesmo país ou diocese. Estas questões sociais são vividas no seio da Igreja: "O fosso entre os pobres e os ricos é visível e ainda mais acentuado pelos padres que oferecem um tratamento especial aos ricos e bem vestidos. Diferentes raças competem pelo domínio nas paróquias, tornando quase impossível a participação das minorias raciais. A discriminação em razão do género parece ser uma luta persistente no seio da Igreja, em particular em relação à comunidade LGBTQIA+" (Pacific). Nas respostas, há preocupações sobre os "vigias" [gatekeepers] da Igreja que parecen excluir, abertamente ou de forma mais subtil, aqueles que consideram inaceitáveis.

46. A reflexão sobre a imagem da tenda fez com que nos concentrássemos mais nas barreiras à participação e à inclusão. Ao fazê-lo, expôs e nomeou a realidade da situação que a Igreja está a enfrentar globalmente: "O DEC relata uma verdade bastante inconveniente sobre a Igreja: os seus filhos estão divididos e dispersos, alguns estão perdidos e outros afastaram-se intencionalmente. Os muros parecem separar as pessoas, tornando mais difícil para todos viverem em verdadeira comunhão com Deus e com os outros" (Pacific).

BAPTISMO E SACRAMENTOS

47. As respostas afirmaram que o Batismo é a fonte da identidade comum, que esta deve ser reconhecida como tal, e que o Batismo chama todos os membros da Igreja à comunhão, à participação e à missão. "As pessoas estão a adquirir uma apreciação mais profunda do sacramento [do Batismo], não apenas como o seu ponto de entrada na Igreja, mas como a base da sua participação no ministério e na missão" (Nova Zelândia, 36).

48. Algumas respostas também argumentaram que o apelo para que todos os baptizados sejam reconhecidos ainda não foi realizado: "Há um anseio pela aceitação de que todos os baptizados são chamados a uma participação plena, ativa e igual na Igreja" (Nova Zelândia, 38). "Um tema que ressoou em muitos foi o crescente reconhecimento da dignidade batismal de todos, bem como a compreensão de que a missão da Igreja de tornar Cristo presente era uma responsabilidade partilhada por todos os baptizados; no entanto, uma maior formação para uma compreensão mais profunda desta realidade era fundamental para capacitar as pessoas" (Austrália, 34).

49. Os obstáculos à plena realização do nosso chamamento batismal foram reconhecidos nas respostas. Por exemplo, alguns argumentaram que é necessária uma maior participação dos leigos, especialmente das mulheres. A resposta da Nova Zelândia argumentou que o Concílio Vaticano II sublinhou o Batismo como a fonte da nossa comunhão e participação (Nova Zelândia, 36). No entanto, este fruto do Concílio Vaticano II não se concretizou porque a compreensão da "Igreja como Povo de Deus... foi minada por estruturas que não facilitaram este novo modelo" (Nova Zelândia, 37).

50. As respostas sublinharam a centralidade da Eucaristia na experiência da comunidade e do que significa ser Igreja. O CCE sublinhou o seu "amor comum pela liturgia - que está impregnada de beleza, riqueza e autenticidade (CCE, 10)", na qual os participantes "experimentam o Senhor de uma forma mística e monástica" (CCE, 18). A resposta do Pacífico sublinhava que: "A liturgia, especialmente a Liturgia Eucarística, fonte e cume da vida cristã, que reúne a comunidade, tornando tangível a comunhão, permite a experiência da participação e alimenta o impulso para a missão com a Palavra e os Sacramentos" (Pacífico).

51. As respostas da Austrália e do Pacífico referiram que: "apelos a um estilo mais sinodal e participativo de celebração eucarística, liturgias que incluam outras culturas e sejam relevantes para os jovens, uma compreensão mais alargada do que significa ser eucarístico na sua essência e uma maior aproximação aos católicos que perderam

o apreço por estes rituais" (Austrália, 35; Pacífico).

52. Foi afirmado que as relações ecuménicas são afectadas pelo ensino da Igreja. Houve uma opinião de que "é preciso haver mais hospitalidade eucarística para com os membros de outras igrejas, em vez da linha exclusiva atualmente praticada" (Nova Zelândia, 70).

53. As respostas da Austrália e da Nova Zelândia registaram o desejo de alguns de que fosse utilizado o Terceiro Rito da Reconciliação (Austrália, 52; Nova Zelândia, 71). Algumas mulheres disseram que o Sacramento da Penitência coloca "um leigo numa posição inferior à do padre" (Nova Zelândia, 71).

54. A resposta da PNG/SI referiu que, embora houvesse apelos noutras partes do mundo a um maior reconhecimento das relações entre pessoas do mesmo sexo, "o casamento entre pessoas do mesmo sexo (DEC, 39) está a perturbar os católicos e aqueles que o consideram um pecado. A comunidade LGBTQ não é aceite pela tradição e pela sociedade da Papua-Nova Guiné" (PNG/SI, 3.2).

55. A Eucaristia e o matrimónio uniram-se em torno da questão da comunhão para os divorciados e recasados, particularmente na resposta da Nova Zelândia, que disse que "Embora *Amoris Laetitia* tenha aberto caminhos potenciais para os divorciados e recasados receberem a comunhão, estes são vistos como estreitos e difíceis" (Nova Zelândia, 69). A resposta australiana referiu-se à exclusão que os divorciados e recasados sentem (Austrália, 44;57) e à necessidade de maior compaixão.

56. Por último, os capelães leigos das prisões da Nova Zelândia observaram que, depois de terem acompanhado "algumas das nossas pessoas mais desfavorecidas numa viagem de fé que muda a sua vida, [têm] de se afastar quando os sacramentos são necessários" (Nova Zelândia, 85).

57. Os casamentos poligâmicos são uma realidade social em algumas partes da nossa região e precisam de atenção, ao passo que não é o caso noutras partes (PNG/SI, 4.3). As questões relacionadas com o casamento surgiram de várias formas ao longo das respostas. A resposta australiana reconheceu que havia uma lacuna no DEC: "a ausência de qualquer menção ao papel do casamento e da família, particularmente na transmissão da fé" (Austrália, 26).

58. Notou que "vários participantes pediram uma reavaliação da posição da Igreja sobre homens casados se tornarem padres, e sobre a exigência do celibato". Também levantou preocupações sobre a "falta de compreensão do diaconato [permanente]" (Austrália, 49). Embora a questão da ordenação de mulheres tenha sido levantada na resposta australiana, a resposta da Nova Zelândia observou que "não houve nenhum pedido para a consideração da ordenação de mulheres como sacerdotes, embora um grupo tenha pedido a sua ordenação [de mulheres] como diáconos" (Nova Zelândia, 65).

INCLUSÃO

59. Todas as respostas apoiaram os apelos para que a Igreja seja mais inclusiva, particularmente em relação àqueles cujas relações apresentam desafios à participação na Eucaristia. Desejavam também uma abordagem mais inclusiva em relação às pessoas com deficiência, aos migrantes e refugiados e a outras pessoas marginalizadas e negligenciadas, como os idosos, os doentes terminais, as crianças da rua, os órfãos, os criminosos, os toxicodependentes, as prostitutas, as viúvas e as vítimas de violação, abuso e violência doméstica. Havia também o desejo de acolher as pessoas com "pensamento diverso", "católicos não praticantes e pessoas não baptizadas" (Austrália, 44).

60. Foi dada especial ênfase à necessidade de inclusão dos pobres na região do Pacífico, onde a pobreza era vista como uma força discernível que dividia a Igreja: "Em muitos casos, os pobres são por vezes reduzidos a uma oportunidade de angariar fundos para acções sazonais e a uma oportunidade fotográfica para fazer a Igreja parecer bem" (Pacífico; PNG/SI, 2.4).

61. A falta de inclusão de pessoas com experiências diversas de sexualidade e género parece afetar a vida comunitária, mesmo em pequenas nações insulares: "A comunidade LGBTQ tem uma forte ressonância nas ilhas Marianas, uma realidade que não era evidente no passado" (Pacífico).

62. Contudo, tal como referido no parágrafo 54, as pessoas com experiências diversas de sexualidade e género "não são aceites pela tradição e pela sociedade da PNG" (PNG/SI, 3.2). No entanto, muitas respostas apelaram a uma maior inclusão das pessoas deste grupo, particularmente "para reconhecer e dar-lhes um espaço para o ministério, para a participação e envolvimento na vida da Igreja" (Pacífico).

63. Na Austrália, a inclusão dos povos das Primeiras Nações foi apontada como uma prioridade: "A nossa escuta tem de incluir a Declaração de Uluru, os nossos anciãos da Igreja [têm de] incluir as nossas Tias e Tios que cuidam do País" (Austrália, 46).

64. Na perspetiva das Igrejas Católicas Orientais, o apelo à inclusão significava criar um ambiente de hospitalidade e de acolhimento nas suas igrejas para convidar os católicos de outros ritos litúrgicos a experimentar a sua liturgia, teologia e disciplinas (CCE, 18) como expressões plenas e completas da fé católica. No entanto, este apelo à hospitalidade para incluir outros católicos na experiência das veneráveis tradições cristãs orientais significa também que os católicos orientais devem agarrar-se ao que é verdadeiramente seu e não assimilar rituais. As Igrejas Católicas Orientais têm o dever de mostrar que ser católico não significa que se tenha de ser latino.

65. Embora todas as respostas apelassem a que a Igreja se concentrasse na inclusão e representação dos grupos excluídos, houve apelos à "inclusão radical" por parte de alguns grupos, instando a Igreja a ser "corajosa, ousada e inovadora", rejeitando a noção de ser "uma 'porteira', excluindo aqueles que Cristo acolheria na tenda" (Austrália, 28). No entanto, foram identificados desafios no apelo à proclamação de

um ensino autêntico (PNG/SI, 4.5), a par do apelo ao respeito pelos outros, a evitar julgamentos e a adotar uma abordagem compassiva e pastoral (Austrália, 44).

IGREJA E ENSINAMENTO

66. Alguns participantes manifestaram a sua preocupação com o fatode "as regras e os regulamentos da Igreja estarem em contradição com a mensagem do Evangelho e de se dever dar mais importância ao 'primado da consciência' e ao apoio às pessoas, de uma forma compassiva e pastoral, para que desenvolvam uma relação mais madura com Deus" (Austrália, 54).

67. Houve também um "apelo para que a Igreja reformasse algumas áreas da sua teologia, ensino e dogma relacionados com a formação de seminaristas e a supervisão profissional, desenvolvimento e apoio dos padres", enquanto que, para alguns participantes, a prioridade era "abordar de novo todo o conceito de sacerdócio na Igreja, incluindo o dos leigos" (Austrália, 75).

68. Embora tenha havido consenso sobre a necessidade de um papel reforçado para as mulheres na Igreja, a questão da ordenação de mulheres só foi explicitamente levantada numa apresentação, de modo que "agir sobre as desigualdades das mulheres exigiu a participação igual, justa e plena das mulheres na governação, missão e ministério da Igreja" e "reconhecer a sua admissibilidade a qualquer função, como diácono, sacerdote ou representante em conselhos de tomada de decisão" (Austrália, 60). A apresentação da Nova Zelândia observou que "não houve nenhum pedido para a consideração da ordenação de mulheres como sacerdotes, embora um grupo tenha pedido a sua ordenação como diáconos" (Nova Zelândia, 65).

69. Alguns aspectos do ensino da Igreja foram considerados "excludentes ou ofensivos" e entendidos como "fazendo com que as pessoas se afastem da Igreja ou impedindo-as de regressar". Estes incluem o ensino sobre a sexualidade, a contraceção, a situação dos divorciados e recasados e a intercomunhão com outras denominações cristãs cujo batismo reconhecemos (Nova Zelândia, 117).

AUTORIDADE E DECISÃO- TOMADA DE DECISÕES

70. Uma Igreja sinodal precisa de uma mudança cultural e estrutural na liderança da Igreja (Austrália, 61; Nova Zelândia, 79; PNG/SI, 4.1). A liderança numa Igreja sinodal deve ser repensada, para que os actuais problemas de poder e autoridade clericais não sejam simplesmente transferidos para os leigos que participam na tomada de decisões partilhadas. Para evitar esta armadilha, deve haver "formação de indivíduos como líderes dedicados à Palavra de Deus, que podem facilitar o diálogo, são treinados para ouvir e discernir, e são nomeados para servir em vez de assumir o poder sobre os outros" (Austrália, 62).

71. Nas respostas das conferências da Oceânia, houve muitos comentários de participantes que expressaram o seu amor pela fé e o seu desejo de continuar a pertencer. Estavam gratos pelos cuidados pastorais que recebiam do clero e estavam conscientes dos desafios que enfrentavam: "Estamos gratos por tudo o que a Igreja nos tem dado e pela forma como temos sido apoiados" (Austrália, 36).

72. Havia também profundas preocupações sobre a governação e a tomada de decisões na Igreja, a nível paroquial, diocesano, nacional e global. A ênfase renovada no Batismo no processo sinodal revelou "um profundo desejo de aceitação de que todos os baptizados são chamados e capazes de uma participação plena, ativa e igualitária na Igreja" (Nova Zelândia, 76). Houve a percepção de que o direito canónico cria um desequilíbrio de poder entre bispos, clérigos e leigos, o que poderia prejudicar a incorporação da sinodalidade como o caminho da Igreja no futuro (Nova Zelândia, 82).

73. A governação e a tomada de decisões partilhadas, envolvendo tanto leigos como clérigos, foram consideradas necessárias se quisermos ser uma Igreja verdadeiramente sinodal. As actuais estruturas de governação e o poder que dão aos bispos e aos padres são vistos como "um dos mecanismos que excluem as vozes dos leigos, e as vozes das mulheres em particular" (Nova Zelândia, 80).

74. O domínio da governação e da tomada de decisões pelos ordenados é visto por alguns como fomentando o clericalismo e impedindo os leigos de exercerem os seus dons. "O clericalismo separa o clero dos leigos e dá ao clero um papel superior sobre os leigos, limitando a plena participação dos leigos na tomada de decisões nas paróquias, dioceses e níveis superiores da hierarquia da Igreja" (PNG/SI, 2.5).

75. Alguns leigos manifestaram a sua frustração pelo fatode serem excluídos do processo de tomada de decisões, especialmente quando, muitas vezes, têm uma melhor compreensão das necessidades das pessoas. "A nossa atitude tem de passar de hierárquica a comunitária. Por exemplo, um padre pode ter um conhecimento teórico sobre a educação de uma família, mas são os pais que vivem esta vida" (Pacífico).

76. O clericalismo e os abusos despoletaram a desconfiança das pessoas em relação à hierarquia da Igreja. Uma maior abertura e responsabilidade permitiram que as pessoas "vissem a verdade sobre a Igreja, que os bispos, os padres, os religiosos e os trabalhadores leigos têm defeitos. No entanto, fazem tudo o que podem para fazer o bem e tornam-se trabalhadores responsáveis na vinha de Deus" (Pacific).

77. O clericalismo não se limita aos ordenados, mas encontra-se também entre os leigos que apoiam e facilitam o exercício do poder pelo clero. Esse poder e esse "papel superior" que o padre assume é a antítese da liderança servidora que as pessoas anseiam e precisam dos seus padres: "A sua liderança servidora deve conduzir a um serviço humilde" (PNG/SI, 5.1). O povo conhece um bom pastor quando o tem: "O desejo do povo é testemunhar um verdadeiro pastor moldado no coração de Cristo" (Pacífico). Esse "papel superior" pode ser particularmente o caso das cerimónias tradicionais que se seguem à ordenação sacerdotal, em que o sacerdote recém-ordenado recebe um tratamento digno de um alto chefe (Pacífico).

78. 78. Os efeitos do clericalismo são amplamente sentidos nas dioceses e paróquias: "O clericalismo no clero e nos leigos perpetua o abuso de poder e isola os grupos, dificulta os esforços de evangelização e impede o envolvimento dos jovens,

o desenvolvimento da liderança servil e a implementação das mudanças necessárias" (Austrália, 30).

79. Os desafios para o ministério relatados pelo clero e pelos religiosos incluem "dor e impotência" no rescaldo da crise dos abusos sexuais do clero, as crescentes exigências do seu tempo devido à pressão da escassez de sacerdotes e as experiências de "solidão, isolamento e esgotamento", particularmente entre "os idosos, os que vivem em dioceses do interior e os que vêm do estrangeiro" (Austrália, 31).

80. Foi feito um apelo para que a liderança fosse mais participativa, com "um papel menos exclusivo atribuído aos bispos" (Nova Zelândia, 81). O processo de seleção dos bispos é considerado opaco (PNG/SI). "As pessoas querem saber como funciona o atual processo e querem garantir que a seleção é o produto de um verdadeiro discernimento que envolve um vasto leque de pessoas, clérigos e leigos. Há um desejo de um exame específico do historial de abusos de um potencial bispo e de uma análise atenta da sua atitude em relação aos abusos" (Nova Zelândia, 81).

81. Constatou-se que "as pessoas vêem o direito canónico, e não o ensinamento da Igreja, criar um desequilíbrio de poder entre bispos, clérigos e leigos que tem efeitos importantes em relação à autoridade e à governação nas paróquias e dioceses. As pessoas estão conscientes de que houve mudanças no direito canónico nos últimos anos e sabem que isso é possível" (Nova Zelândia, 82).

82. Na ausência de um sacerdote, os leigos demonstraram na Oceânia que podem assumir a responsabilidade tanto pelo ministério pastoral como pela governação da sua Igreja local. Por exemplo, "durante a crise de Bougainville (PNG), durante quase 10 anos as famílias e as comunidades cristãs de base mantiveram a fé viva na ausência de uma presença clerical efectiva" (PNG/SI, 2.12). Foi sublinhada a importância da Eucaristia nas comunidades cristãs de base e na vida familiar: "As Comunidades Eclesiais de Base podem capacitar e fortalecer as famílias através da presença sagrada de Jesus na Eucaristia" (PNG/SI, 5.4).

OS DESAFIOS DA MISSÃO

83. Existem múltiplos desafios na Oceânia para "levar o reino de Deus a um mundo contemporâneo" (Austrália, 40). Uma das principais dificuldades é a falta de um entendimento consensual sobre o que é a missão e o vasto número de perspectivas sobre o seu significado: "A palavra 'missão' foi mencionada muitas vezes, mas, tal como nas partes anteriores do processo sinodal, não é claro o que significa 'missão' quando as pessoas falam dela. Para muitas pessoas, não parece ter uma forma concreta ou ativa. Há necessidade de uma compreensão partilhada, e há que trabalhar neste domínio" (Nova Zelândia, 104).

84. Foi dada uma forte ênfase à "missão" como responsabilidade de todos os baptizados: "O Sínodo Diocesano cria em cada um de nós uma atitude e um espírito orientados para a missão e para a missão. A missão já não é uma atividade monopolizada pelos clérigos e pelos religiosos, mas um caminho partilhado por todos os povos. Este caminho partilhado implica a partilha das fraquezas e das feridas dos

outros" (Pacífico). A Igreja era vista como "uma instituição orientada para a missão que o próprio Jesus Cristo concebeu" (Pacific).

85. A atividade missionária da Igreja era dificultada pela "discriminação com base no estado matrimonial/relacional, na situação financeira, nos costumes/tradições (género e idade) e no estado de deficiência" (Pacífico). A falta de formação na compreensão do chamamento batismal para evangelizar e proclamar o amor de Deus em unidade com os outros foi também um obstáculo à transição de uma "Igreja de manutenção" para uma "Igreja missionária", estabelecendo comunidades que "se unem a toda a humanidade para caminharem juntas" (Austrália, 69).

86. A diversidade dos ritos litúrgicos e das culturas na Oceânia foi considerada importante para a nossa contribuição única para a missão da Igreja: "As Igrejas Católicas Orientais da Oceânia devem preservar a sua identidade e ser reconhecidas pela comunidade católica mais alargada como sendo mais do que simples comunidades étnicas, mas antes Igrejas *sui iuris* que, através da sua rica tradição espiritual, podem contribuir para a missão da Igreja" (ECC, 19).

87. A riqueza da experiência sinodal deve, em última análise, "levar-nos a experimentar a pessoa de Jesus na Igreja e a partilhar esta boa nova com os outros; leva-nos à missão; missão de evangelizar; de pregar a boa nova" (PNG/SI, 5.7).

A CRISE ECOLÓGICA

88. A crise ecológica foi sublinhada como uma questão urgente para toda a região da Oceânia, para toda a humanidade e para a comunidade terrestre. "Se somos pessoas da Tenda, devemos compreender a importância da terra como a nossa casa comum, respeitando o solo, o mar e o ambiente em que montamos a Tenda" (Nova Zelândia, 93).

89. Das Ilhas do Estreito de Torres, na Austrália, às Ilhas Salomão, passando pelos pequenos Estados insulares da Micronésia e da Polinésia, a crise ecológica e a subida do nível do mar constituem uma ameaça existencial real e atual: "As ilhas do Pacífico são relativamente mais pequenas e está cientificamente provado que estão a ficar ainda mais pequenas devido à subida do nível das águas do oceano. As alterações climáticas, a força motriz que desencadeia tufões catastróficos, ondas de calor, secas e inundações, afectam diretamente as pessoas" (Pacífico). As comunidades das terras altas e do interior da nossa região são também diretamente afectadas por estes fenómenos.

90. As respostas da Nova Zelândia reconhecem que a ecologia integral e o cuidado com a criação "não é uma área em que falte o ensinamento da Igreja", mas notam que "há necessidade de formação e testemunho profético, e de encorajamento para agir" (Nova Zelândia, 93). Os inquiridos australianos também transmitiram preocupações relativamente à responsabilidade da Igreja pela "gestão da criação"; no entanto, alguns "relataram o trabalho que está a ser realizado na sua comunidade específica" (Austrália, 50).

91. Como o Papa Francisco apresenta na *Laudato Si'*, a interligação da justiça ecológica, social e económica significa que "os maus tratos ao nosso planeta afectam desproporcionadamente os pobres" (Nova Zelândia, 92). O Povo de Deus na Oceânia quer ouvir o grito da terra e do oceano, da terra e dos cursos de água, bem como o grito dos pobres, e "colaborar com outros que partilham um objetivo comum" (Nova Zelândia, 95).

92. A crise ecológica deve ser entendida como um campo de missão no qual toda a Igreja, global e localmente, deve estar empenhada, dada a "luta urgente para preservar o nosso planeta e a sua vida, e para proporcionar justiça económica aos seus habitantes" (Nova Zelândia, 114). O fatode a "ameaça à vida humana colocada pelas alterações climáticas às nações insulares da região da Oceânia ter causado uma ansiedade significativa a alguns participantes" na Austrália é um sinal promissor de solidariedade e de uma compreensão renovada da missão (Austrália, 50).

INCULTURAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

93. A Oceânia é extensa, mas as numerosas nações e culturas florescem na sua ligação à terra, ao oceano, às criaturas e às espiritualidades indígenas. Embora numerosos missionários católicos na região tenham partilhado o dom da sua fé, este fatotem por vezes prejudicado o contributo da cultura local para o Evangelho. Atualmente, a Igreja na Oceânia é simultaneamente encorajada e desafiada pela inculturação, uma vez que o cristianismo e as espiritualidades indígenas coexistem frequentemente na vida quotidiana das pessoas.

94. A inculturação da fé cristã tem um impacto positivo nas celebrações litúrgicas: "As diferenças culturais também estão fortemente ligadas entre as ilhas das Marianas e do Pacífico em geral. Isto é visível nas igrejas durante as celebrações eucarísticas. As cores, a música e a língua mudam livremente para celebrar o Senhor através de várias expressões de fé" (Pacific, 10). Outros na Austrália têm experiências semelhantes: "Alguns grupos descreveram experiências positivas e enriquecedoras da vida da Igreja e da paróquia, como o envolvimento multicultural" (Austrália, 36).

95. As perspectivas indígenas também são utilizadas para reavaliar e contextualizar o significado da Igreja. Por exemplo, uma visão do mundo Te Ao Māori poderia ver a Igreja como *tūrangawaewae*: um lugar para estar "onde nos sentimos ligados, capacitados e aceitOs" (Nova Zelândia, 18).

96. Há desafios quando as pessoas são incapazes de ver a compatibilidade das culturas tradicionais com o catolicismo: "Como pode a Igreja manter a sua reverência pelo sagrado e, ao mesmo tempo, torná-lo acessível aos fiéis? Na nossa cultura, os nossos locais sagrados são mantidos longe das pessoas para manter a sua sacralidade. Do mesmo modo, na Igreja, tentamos evitar que o sagrado seja profanado. A questão é como manter a sacralidade da Igreja e, ao mesmo tempo, torná-la acessível ao povo" (PNG/SI, 4.4).

97. As verdadeiras dificuldades surgem quando as formas específicas de ser dos indígenas contrastam fortemente com os ensinamentos da Igreja: "As crenças

culturais e as práticas tradicionais, como a feitiçaria e a poligamia, continuam a ser um grande desafio aos valores e ensinamentos cristãos. Por exemplo, os casamentos poligâmicos culturais ainda são praticados na Papua-Nova Guiné, embora a Igreja seja contra" (PNG/SI, 4.3). Em algumas partes da Oceânia, a Igreja também não tem um compromisso genuíno com os povos indígenas: "O papel da Igreja no reconhecimento e na reconciliação com os povos indígenas foi destacado. Em particular, foi destacada a necessidade de assegurar que fosse dada atenção às espiritualidades dos povos indígenas da Austrália e da Oceânia" (Austrália, 46).

98. De um modo geral, é importante sublinhar a importância da diversidade cultural para a vida da Igreja: "Temos de começar por sermos totalmente nós próprios. Só na nossa especificidade é que podemos dar qualquer tipo de contributo para a sociedade em geral. Só sendo o que somos é que conservamos uma razão de ser" (ECC, 16).

MULHERES

99. O tema dos papéis e da participação das mulheres na Igreja ressoou fortemente em toda a Oceânia, embora as experiências das mulheres variassem em toda a região. O DEC foi elogiado por referir as preocupações globais sobre os papéis e as vocações das mulheres na Igreja, e muitos grupos na Austrália e na Nova Zelândia expressaram grande preocupação com a falta de participação das mulheres na liderança da Igreja e nas estruturas de governação, incluindo o tribunal diocesano de casamento (Nova Zelândia, 41-42). Uma preocupação minoritária foi expressa pelo fatode as mulheres continuarem a ser impedidas de aceder ao diaconato permanente e ao ministério ordenado. Embora muitas mulheres desempenhem funções de liderança e governação que não requerem ordenação, esta era uma questão significativa que afectava a vida da Igreja nestes países.

100. Outros grupos afirmaram que não tinham sentido falta de igualdade para as mulheres na Igreja. Um grupo de jovens leigas, por exemplo, via-se como iguais com um papel único na Igreja, enquanto um grupo de padres descreveu as suas experiências com mulheres presentes e influentes nos organismos e ministérios paroquiais (Nova Zelândia, 41). Do mesmo modo, a resposta da PNG/SI afirmava que as mulheres desempenham um "papel muito ativo na vida da Igreja" e que há uma mudança positiva crescente em termos de participação igualitária no trabalho da Igreja (PNG/SI, 2.6).

101. Algumas respostas mostraram-se preocupadas com o fatode as mulheres serem tratadas como "mão de obra barata" (DEC, 63) e duas respostas apelaram a que as mulheres fossem adequadamente remuneradas pelo seu trabalho (Austrália, 29; PNG/SI, 2.6). Outras questões identificadas nas respostas que afectam as mulheres na região incluem a violência doméstica e familiar, os abusos, a violência relacionada com a feitiçaria, o divórcio e os novos casamentos, o fatode as mulheres serem evitadas por crimes pelos quais os homens são perdoados, o fatode serem alienadas pelos ensinamentos da Igreja sobre a sexualidade e a misoginia e o sexismo, particularmente perpetrados pelo clero (Austrália, 47).

102. Muitas respostas reafirmaram o apelo para que as mulheres católicas sejam

valorizadas como membros iguais do Povo de Deus, afirmando que "a contínua exclusão das mulheres de aspectos da vida da Igreja era desempoderadora" (Austrália, 29). Houve um apelo para que se desse mais ênfase à "utilização dos dons e da experiência das mulheres no discernimento e na prestação de aconselhamento, orientação e desafio na tomada de decisões, para além das funções de gestão e paroquiais que muitas mulheres ocupam" (Nova Zelândia, 42), bem como à necessidade de uma maior escuta, particularmente das realidades e necessidades das mulheres pobres, marginalizadas e negligenciadas (Pacífico).

OS JOVENS

103. A ausência de participação dos jovens na Igreja está presente em quase todas as respostas da Oceânia, que revelam uma grande angústia e uma profunda preocupação com o futuro: "Estamos apenas a uma geração de morrer. Basta uma geração para dizer NÃO. A Igreja é frágil. Os nossos jovens - Deus está nos seus corações, mas não se sentem atraídos pela Igreja... Têm os seus grupos de oração nos seus *whares* (casas)" (Nova Zelândia, 45-46). Também foi feita referência a jovens que são participantes muito empenhados nas suas comunidades de fé. "Independentemente dos desafios com que a nossa Igreja se confronta em tempos sem precedentes, ela continua a ser um lar, proporcionando força, calor e otimismo. Isto não seria possível sem os líderes e voluntários que estão constantemente prontos a servir" (ECC, 11).

104. Os nossos jovens baptizados estão na tenda, mas muitos não participam na vida da comunidade da tenda. As razões apresentadas para este fatovariam. Alguns jovens sentem que estão dentro da tenda, mas são invisíveis e ignorados. Outros sentem-se incapazes de participar devido ao medo de serem julgados ou de não se integrarem (Nova Zelândia, 47). A sua paróquia local pode parecer ser "propriedade" de pessoas mais velhas, com o poder a ser exercido de formas que fazem com que os jovens sintam que não é um lugar para eles (Austrália, 37-38).

105. A resposta da PNG/SI falava de jovens que deixavam as suas comunidades paroquiais para se juntarem a outras igrejas (PNG/SI, 2.13), e de outros que "estavam a ser afastados dos programas espirituais e de fé pela forte atração das actividades seculares, dos meios de comunicação social e da tecnologia moderna, o que está a causar distração nos programas tradicionais de formação de jovens nos BCCs, paróquias e dioceses" (PNG/SI, 4.7).

106. Os jovens reconhecem a urgência da crise ecológica, que é de grande interesse e preocupação para eles, mas não vêem essa urgência ser reconhecida na sua Igreja local. Muitos também se debatem com aspectos do ensino da Igreja sobre a sexualidade: "As questões LBGTQIA+ são também de grande interesse para os jovens, que têm de as resolver a nível pessoal e entre os seus amigos. As respostas indicaram que os ensinamentos da Igreja sobre este e outros aspectos da sexualidade são uma barreira importante para muitos jovens manterem a sua ligação à Igreja" (Nova Zelândia, 49).

107. Há muito poucas ideias sobre como responder a esta verdadeira crise para a

Igreja. No entanto, uma diocese do Pacífico encontrou uma forma de se envolver com os jovens marginalizados: "Alguns jovens, marginalizados, excluídos e alguns dos que não estão em situação regular com a Igreja são acolhidos nos coros, nos grupos de oração e na catequese como assistentes de catequistas. Atualmente, os jovens são mais escutados porque há mais grupos de jovens nas paróquias" (Pacífico). Outras sugestões incluíam o acompanhamento e a formação para a liderança, utilizando "plataformas que lhes permitissem utilizar as suas capacidades e paixões" (Austrália, 76).

108. Em contraste com os que acham que a Igreja precisa de se "modernizar" para se manter relevante (Austrália, 38), alguns jovens procuram uma proclamação mais forte da fé da Igreja. Acreditam que é necessária uma conversão pessoal e não uma mudança institucional (Nova Zelândia, 55). Na resposta das Igrejas Católicas Orientais, uma jovem descreveu o seu percurso de fé e o apoio que recebeu em todas as fases para partilhar os seus dons e permanecer fiel e empenhada na sua comunidade eclesial (ECC, 11). Noutras respostas, alguns jovens descreveram sentir-se perseguidos e sozinhos, ao mesmo tempo que promoviam fortes valores baseados na fé (ECC, 13; Austrália, 38).

109. Alguns jovens manifestaram a sua preocupação pelo fato de se sentirem excluídos pela linguagem do DEC: "O DEC é em grande parte inacessível aos jovens, em termos de linguagem, de processo e de aplicação prática. Novos termos como 'partilha dialógica', 'convívio fraterno' e a Eucaristia como 'tensão geradora' não são acessíveis aos jovens" (Nova Zelândia, 47).

110. Embora exista uma profunda preocupação com a perda dos jovens enquanto indivíduos, o seu afastamento da Igreja em termos numéricos é também visto como um impedimento à incorporação da sinodalidade como caminho da Igreja: "Como é que transmitimos a sinodalidade aos jovens, como o futuro da Igreja, quando há tão poucos jovens na Igreja de hoje?" (Austrália, 48).

111. Foi lançado um apelo para que se investigasse "a forma como as necessidades de fé dos jovens poderiam ser satisfeitas e como os jovens poderiam ser melhor formados e dispor de plataformas que lhes permitissem utilizar as suas capacidades e paixões" (Austrália, 76).

FORMAÇÃO

112. Há pedidos de formação de vários tipos em toda a região. A formação dos seminaristas e dos sacerdotes recebeu uma atenção especial, com a observação de que ela deve ser holística: "espiritualmente, socialmente, psicologicamente, mentalmente, emocionalmente e economicamente" (PNG/SI, 5.1). Em algumas dioceses, as mulheres já trabalham neste domínio (Austrália, 66; Nova Zelândia, 102). A formação para o matrimónio e a vida familiar é também uma necessidade fundamental (ECC, 18; Austrália, 77; PNG/SI, 5.3). Os educadores católicos precisam de uma formação "mais adequada" (Austrália, 77). A formação dos jovens é essencial, mas difícil de conseguir (Austrália, 76; Nova Zelândia, 44). Precisamos também de dar formação para responder ao apelo do Papa Francisco ao discipulado missionário.

113. Não é claro se "formação" significa a mesma coisa em todos os documentos. A formação, num sentido geral, implica moldar a forma como as pessoas respondem ao mundo que as rodeia. Por vezes, a palavra "formação" refere-se a treino (PNG/SI, 5.1) e, outras vezes, ao desenvolvimento da fé pessoal (Austrália, 77). Embora tenha sido expresso o desejo de que a Doutrina Social da Igreja seja a base para a formação em toda a Igreja (Austrália, 65), a formação é possível e talvez também desejável noutras áreas e funciona melhor quando responde a uma necessidade identificada à luz da Escritura e do ensino da Igreja.

114. À medida que a nossa Igreja se torna mais sinodal, é necessária uma formação permanente para todos (Nova Zelândia, 100). Uma Igreja sinodal precisará de participantes formados na escuta e no diálogo (Austrália, 62). Além disso, a liderança na Igreja exigirá um modo diferente de formação, para que haja "liderança servidora a todos os níveis" (PNG/SI, 5.1).

Tensões e Diferenças

115. Como já foi referido, a região da Oceânia inclui tanto países desenvolvidos como países em desenvolvimento, pelo que existem diferentes questões pastorais que devem ser abordadas com carácter de urgência.

116. Uma "tensão" é uma área de pontos de vista divergentes que necessita de mais discernimento ou atenção. As secções anteriores já identificaram algumas tensões. São elas:

a) Atitudes diferentes em relação às pessoas com experiências diversas de sexualidade e género na região.
b) O papel das mulheres na Igreja.
c) Algumas vozes nas respostas apelam à mudança no ensino da Igreja, de acordo com um ciclo de "morrer e ressuscitar" (Nova Zelândia, 52-56). Outros afirmam a necessidade de manter o ensino e dar formação no ensino imutável da Igreja do presente (ECC, 18).

117. Em algumas zonas da região, as feridas dos abusos sexuais no seio da Igreja não são tão evidentes: "O escândalo dos abusos sexuais por parte do clero e dos abusos de menores (...) é uma questão cada vez mais preocupante. Embora haja alguns abusos, os escândalos ainda não afectam muito a fé das pessoas" (PNG/SI, 3.1). Noutras áreas, o escândalo é claro e público. A ferida que continua a afetar toda a Igreja, não só as vítimas e os sobreviventes de abusos, mas também as suas famílias, as comunidades paroquiais e outros clérigos, precisa de uma atenção dirigida para uma cura contínua.

118. Há uma tensão na compreensão da questão da inculturação, em que uma Igreja local adopta costumes e expressões culturais locais. Alguns consideram as tradições da Igreja universal como uma espécie de imposição à cultura local, e mesmo uma forma de colonialismo. Outros consideram que Deus está presente em todas as culturas, pelo que cada cultura já exprime as verdades cristãs. Outra opinião é que

os cristãos não podem adotar e adaptar algumas práticas culturais pré-cristãs. Por exemplo, quando um padre assume o simbolismo do chefe de uma aldeia, o padre torna-se um símbolo de poder e não de serviço (Pacífico).

119. Muitos participantes levantaram questões sobre os ensinamentos da Igreja, ou sobre a aplicação desses ensinamentos. Embora houvesse o desejo de permanecer fiel aos ensinamentos da Igreja, havia também o desejo de abraçar o ciclo pascal de "morrer e ressuscitar" (Nova Zelândia, 51).

120. Alguns participantes disseram que, embora a Igreja possa parecer estar a morrer, "estamos destinados a morrer e a ressuscitar. Este é o ciclo da vida de Cristo em nós. Algumas coisas são levadas à morte para que outras possam ressuscitar. Precisamos de nos deixar ir e ir com a morte e a ressurreição. É isso que este momento nos está a pedir" (Nova Zelândia, 52). Para outros, a Igreja é vista como "um rochedo imutável num mar de mudanças sociais" e a "reafirmação do seu ensinamento e a continuação da catequese" são a "resposta necessária a esta mudança" (Nova Zelândia, 55).

121. Entretanto, as Igrejas Católicas Orientais sugerem que "a nossa posição sobre os ensinamentos católicos não deve ser comprometida por potenciais forças externas que exigem uma mudança na Igreja para a sua agenda, em vez de aceitarem a verdade, o amor e a beleza que a Igreja oferece a todas as pessoas" (ECC, 18).

Lacunas e omissões no DEC

122. Na experiência vivida na Oceânia, as seguintes áreas foram identificadas como lacunas, ou questões inadequadamente tratadas, no DEC:

a) A crise ecológica, incluindo a ameaça da subida dos mares e a degradação ambiental e marinha na Oceânia, também sentida noutras partes do mundo, deve ser amplificada no *Instrumentum Laboris*. Esta crise inclui a perda de identidade cultural, o stress psicológico e, para alguns, um sentimento de desespero.

b) A vida religiosa, incluindo o contributo de homens e mulheres religiosos e o exemplo de espiritualidade relevante, boa governação e liderança partilhada em muitos dos institutos religiosos, merece uma reflexão mais aprofundada.

c) Seria útil um maior reconhecimento da vocação do matrimónio e do papel das famílias na formação da fé (Austrália, 26).

d) No DEC, a ausência de homens leigos nos programas sacramentais e na tomada de decisões não é explorada adequadamente.

e) Os efeitos actuais da crise dos abusos sexuais não têm recebido a devida atenção no DEC. Durante a vida da viagem sinodal lançada pelo Papa Francisco em abril de 2021, houve mais revelações prejudiciais de má gestão de casos de abuso sexual dentro da Igreja. Este fatotem de ser reconhecido, juntamente com uma reflexão sobre se as estruturas existentes na Igreja impedem ou

permitem uma salvaguarda adequada, uma boa governação e uma reparação justa. Em algumas partes da Oceânia e de forma mais ampla, isto incluiria também um reconhecimento positivo dos esforços das igrejas locais para melhorar as normas profissionais e a proteção.

f) As questões relacionadas com o início e o fim da vida, como o aborto e a eutanásia, necessitam de uma maior atenção do que a que lhes é dada no DEC.

g) As crescentes restrições à liberdade religiosa são uma preocupação que não tem sido adequadamente abordada no DEC.

VOZES NÃO OUVIDAS OU SUB-REPRESENTADAS NA CONSULTA DA OCEÂNIA

123. Muitas vozes não puderam ser ouvidas diretamente por razões como o afastamento e a falta de acesso às tecnologias da informação e da comunicação, ou devido a deficiências ou diferenças linguísticas. Assim, a "defesa" esteve implícita nas cinco respostas - defesa de diversos grupos de pessoas na Igreja ou na sociedade em geral que não podiam fazer parte diretamente de um processo sinodal de escuta, diálogo, discernimento e tomada de decisões. Por exemplo: "A situação dos pobres e das pessoas marginalizadas, deficientes, idosos, crianças de rua, órfãos, criminosos, prostitutas, viúvas, divorciados, vítimas de abusos, vítimas de violência relacionada com feitiçaria e refugiados é uma grande preocupação para a Igreja" (PNG/SI, 2.4).

124. A diminuição do número de jovens na Igreja foi lamentada nos documentos. As suas vozes não foram suficientemente ouvidas no processo sinodal.

125. Outra questão problemática que foi levantada foi a questão da inacessibilidade para muitos países da Oceânia. Isto está relacionado, em primeiro lugar, com o isolamento geográfico de muitas comunidades eclesiais, seja devido ao terreno montanhoso, à distância entre as ilhas ou à falta de estradas. Além disso, muitas zonas não dispõem de infra-estruturas tecnológicas que facilitem o acesso à Internet e à comunicação em linha. Todos estes factores impediram as respostas das pessoas destas regiões.

126. Por várias razões, a CEPAC não pôde apresentar um documento de síntese.

127. Outras vozes que foram identificadas como ausentes ou inadequadamente representadas em todos os países da região foram: a voz dos papuas ocidentais; a representação adequada dos migrantes; a voz dos afectados pelo "neocolonialismo" (os trabalhadores das empresas multinacionais de extração), a voz dos que ainda são afectados pelo "velho colonialismo" e pelo papel da Igreja no colonialismo; os leigos; os membros de outras igrejas cristãs; movimentos religiosos; e vítimas de violência doméstica e de tráfico de seres humanos, escravatura, exploração e outros abusos.

128. Notou-se também que faltavam as vozes dos bispos de algumas partes da região, não só para ouvir as suas perspectivas sobre o estilo de liderança sinodal, mas também sobre o isolamento e outros desafios que experimentam no seu ministério pastoral.

Prioridades e apelos à ação

129. Muitos temas, questões e percepções surgiram como frutos do processo de discernimento na Oceânia, e os 11 temas-chave delineados nas secções anteriores deste documento. Estas são as prioridades que emergiram das cinco sínteses que o Povo de Deus na Oceânia considera apropriadas para consideração na Primeira Sessão da Assembleia Sinodal em outubro de 2023. Ao fazê-lo, concentrámo-nos nos assuntos que são mais apropriadamente considerados pela Igreja Universal (como o ensino da Igreja) e deixámos outros assuntos para consideração ao nível continental, da conferência episcopal ou da Igreja local. Outros temas importantes, como a relevância da metáfora da tenda, a centralidade do batismo como nossa identidade e a formação dos baptizados para compreenderem o seu chamamento à missão, podem ser úteis na redação do *Instrumentum Laboris*.

MISSÃO

130. A missão foi identificada como uma prioridade-chave em cada uma das respostas, com um forte sentimento de que a missão que Cristo confiou à Igreja está verdadeiramente ligada à inclusão de todos os baptizados. Seguem-se as questões a considerar pela Assembleia Sinodal:

a) Formas de envolver mais eficazmente todo o Povo de Deus no seu convite batismal para participar na missão de Deus (Pacífico).
b) Fazer a transição de uma Igreja "de manutenção" para uma Igreja "centrada na missão" (Austrália, 69).
c) Convidando e encorajando todos os católicos "a aceitarem o seu chamamento batismal para evangelizar e proclamar o amor de Deus em unidade com os outros" (Austrália, 69).
d) Na ausência de sacerdotes, validar e reforçar o ministério pastoral leigo nas prisões e nos hospitais para garantir que as pessoas recebam o ministério de cura de Jesus (Nova Zelândia, 116).
e) Reconhecer as Igrejas Católicas Orientais da Oceânia como "Igrejas *Sui iuris* [autónomas] que, através da sua rica tradição espiritual, podem contribuir para a missão da Igreja" (ECC, 19).

CRISE ECOLÓGICA

131. Como um mar de ilhas grandes e pequenas, a Oceânia é afetada de forma única pelas consequências devastadoras da crise ecológica - desde a subida do nível do mar, que ameaça a própria existência das comunidades insulares, até aos ciclones catastróficos, inundações, incêndios e secas e a consequente perda de vidas humanas e de biodiversidade. Embora reconhecendo que o DEC fez referência à emergência climática, **a Assembleia Sinodal deve considerar esta questão como um problema existencial global urgente**:

a) Ser solidário com as comunidades gravemente afectadas pela crise ecológica, tendo em conta o impacto diferencial sobre os pobres e vulneráveis.
b) Promover a ecologia integral da *Laudato Si* como fundamental para cuidarmos da terra e dos oceanos e exortar as igrejas e ministérios locais a implementarem planos de ação.

c) Considerar a crise ecológica **como um campo de missão em que toda a Igreja, global e localmente, deve estar empenhada** na "luta urgente para preservar o nosso planeta e a sua vida, e para proporcionar justiça económica aos seus habitantes" (Nova Zelândia, 114).

O ENSINAMENTO DA IGREJA

132. Foram levantadas questões sobre os ensinamentos da Igreja, ou a aplicação dos ensinamentos da Igreja, nas respostas da Oceânia. Existem diferenças na região quanto à necessidade de mudança no ensinamento da Igreja em algumas áreas e quanto ao fatode o ensino da Igreja poder mudar ou desenvolver-se. Estas questões, a seguir enumeradas, têm de ser abordadas para bem da nossa unidade na diversidade.

a) Os aspectos do ensinamento da Igreja que são vistos como "excludentes ou ofensivos" ou entendidos como "causa de que as pessoas se afastem da Igreja ou as impeçam de regressar" (Nova Zelândia, 117). Estes incluem o ensinamento sobre sexualidade, relações sexuais diversas, contracepção, a situação dos divorciados e recasados, a intercomunhão com outras denominações cristãs cujo batismo reconhecemos, o celibato sacerdotal e a restrição da ordenação a homens.
b) Melhoria da comunicação do Magistério, em linguagem e modalidades acessíveis ao Povo de Deus.
c) Reformas litúrgicas para implementar os ensinamentos do Concílio Vaticano II sobre a inculturação e refletir a teologia contemporânea, tais como "uma melhor tradução do Missal, linguagem inclusiva, leigos a fazer homilias, flexibilidade em diferentes contextos ... Em geral, foi acordado que a liturgia deveria sempre permitir uma participação ativa e ser inclusiva e aberta a todos" (Austrália, 68).
d) Normas litúrgicas que permitem e facilitam as abordagens culturais locais ao culto (Pacífico).

TORNAR-SE MAIS SINODAL

133. A maioria dos inquiridos valorizou a experiência da sinodalidade e expressou o desejo de que a Igreja se tornasse mais sinodal. Isto foi considerado uma prioridade em cada uma das respostas. A Assembleia Sinodal deve considerar formas de incorporar a sinodalidade na vida e no ensino da Igreja:

a) Utilizar processos de discernimento na tomada de decisões da Igreja, o que exige que "aqueles que ocupam posições de liderança ouçam o Espírito Santo e tentem procurar a vontade de Deus nos assuntos da Igreja" (Pacific).
b) "Desenvolver mais recursos para o discernimento e a sinodalidade na vida ordinária da Igreja" (Nova Zelândia, 113).
c) Mudar as atitudes e as práticas no seio da Igreja para se tornar mais comunitária (Pacífico).
d) Transformar a cultura da liderança da Igreja para enfatizar "a importância da responsabilidade, transparência e abertura a todos os níveis da Igreja, para as paróquias, dioceses e agências da Igreja e para os próprios bispos" (Austrália,

61).

e) Incorporar "a sinodalidade como 'modo de ser Igreja' a todos os níveis" (Nova Zelândia, 113), identificando "os organismos da Igreja a todos os níveis que são sinodais por natureza" (Nova Zelândia, 113), e "estabelecendo fóruns a todos os níveis da Igreja" onde eles faltam (Austrália, 61), a fim de promover "a subsidiariedade dentro da Igreja" (Austrália, 61).

AUTORIDADE E DECISÃO- TOMADA DE DECISÕES

134. O discernimento na Oceânia revelou uma opinião comum de que uma Igreja sinodal precisa de uma mudança cultural e estrutural na liderança da Igreja, incluindo a governação e a tomada de decisões partilhadas, envolvendo tanto leigos como clérigos, para reduzir a possibilidade de uma cultura de clericalismo e permitir que os leigos contribuam com os seus dons.

A Assembleia Sinodal deve considerar:

a) Formas de incorporar uma cultura de liderança servil para os que ocupam posições de liderança - clérigos, religiosos e leigos.

b) Alterações às actuais estruturas de governação para permitir uma governação e tomada de decisões partilhadas, envolvendo tanto leigos como clérigos.

c) Os domínios do direito canónico que não permitem a participação de mulheres e homens leigos em formas adequadas de tomada de decisões, sem derrogar a autoridade episcopal.

d) Eliminar as disposições que restringem certas funções diocesanas e de tribunal aos clérigos para permitir que leigos qualificados assumam essas funções (Nova Zelândia, 116).

e) Como as iniciativas para melhorar a transparência e a responsabilidade no Vaticano podem ser modeladas nas igrejas locais.

f) Investigar "vias para que pessoas de diversas origens recebam formação em funções de governação, tais como conselhos pastorais ou outras áreas de governação" (Austrália, 67).

OS JOVEM

135. O discernimento em toda a Oceânia revelou uma preocupação comum relativamente à desconexão e ausência de muitos jovens na vida da Igreja e um desejo de que a Assembleia lhes dê prioridade:

a) Escutar e "investigar a forma como as necessidades religiosas dos jovens podem ser satisfeitas e como os jovens podem ser melhor formados e dispor de plataformas que lhes permitam utilizar as suas competências e paixões" (Austrália, 76), incluindo documentos numa língua que possam compreender (Nova Zelândia, 47).

b) Acompanhar os jovens no discernimento dos dons e talentos "que podem oferecer para o crescimento da Igreja" (Pacífico).

c) Uma maior atenção à "união da família, da paróquia e da escola para trabalhar em conjunto" para enriquecer a catolicidade nas escolas católicas (ECC, 20).

d) Mais actividades pastorais e programas de formação da fé que atendam às perspectivas únicas dos rapazes e dos homens jovens (PNG/SI, 5.6).

MULHERES

136. O papel e o lugar das mulheres na Igreja eram uma preocupação uniforme na Oceânia. A Assembleia Sinodal deveria considerar a experiência das mulheres na Igreja:

a) Ouvir diretamente as mulheres sobre todos os assuntos em consideração durante as Assembleias Sinodais.
b) Assegurar que o espírito de sinodalidade continue a levar a Igreja a ouvir as mulheres que não se sentem suficientemente reconhecidas na Igreja (Pacífico).
c) Alterar a perceção das mulheres na Igreja como sendo homogéneas nas suas opiniões, a forma como as influências culturais as afectam a nível local ou o seu modo de vida (Nova Zelândia, 118).
d) Participação plena e justa das mulheres na governação, tomada de decisões, missão e ministério da Igreja (Austrália, 60; Nova Zelândia, 118).
e) Uma remuneração justa para as mulheres leigas que trabalham na Igreja e "as religiosas, especialmente no domínio pastoral" (PNG/SI, 2.6).
f) Um maior envolvimento das mulheres na formação dos seminaristas e dos sacerdotes (Nova Zelândia, 118).

FORMAÇÃO

137. Nas cinco respostas da região, a formação foi considerada essencial. Uma vez que esta foi considerada uma prioridade, a Assembleia Sinodal deveria considerar:

a) Criar um quadro de formação para todos os baptizados que os ajude a participar numa Igreja sinodal e a serem discípulos missionários corajosos.
b) Assegurar que a formação identifique as necessidades à luz da Escritura e do ensino da Igreja, inclua a Doutrina Social da Igreja e aborde a realidade da vida das pessoas.
c) Dar prioridade aos meios de formação para a conversão ecológica e aos meios específicos para a formação dos jovens na fé.
d) Assegurar que seja dada uma ênfase adequada à formação dos catequistas e outros responsáveis leigos.

Conclusão

138. A experiência da sinodalidade tornou-se para muitas pessoas uma nova experiência de Igreja. Durante o processo, as pessoas reconheceram a presença do Espírito Santo ao escutarem-se umas às outras, na alegria e liberdade que experimentaram e na base comum que encontraram. Aqueles que reflectiram sobre o DEC consideraram admirável o aparecimento de temas claros em todo o mundo - evidência do Espírito Santo a trabalhar na Igreja. "A experiência com o DEC deu a muitas pessoas uma perspetiva global da Igreja que não tinham antes, o que induziu um sentimento de admiração pela diversidade e amplitude da Igreja a que pertencemos" (Nova Zelândia, 13).

139. Enquanto o *Instrumentum Laboris* é preparado para a Assembleia Sinodal,

constatamos que as muitas pessoas que participaram já foram transformadas por este processo. Houve um derramamento dos corações das pessoas que criou novos laços e reforçou a compreensão das pessoas da sua identidade comum como membros da Igreja de Cristo. Muitos leigos têm agora um conhecimento mais profundo do seu Batismo e do que ele significa, e um forte desejo de agir de acordo com esse novo conhecimento.

140. As pessoas estão a aguardar com interesse a próxima fase do processo global. Há uma grande esperança de que a Primeira Assembleia Sinodal, em outubro de 2023, esteja alinhada com o processo sinodal, centrada em Cristo e guiada pelo Espírito, centrada no chamamento que Deus nos faz neste momento da história da Igreja. Para ser verdadeiramente sinodal, os participantes leigos e religiosos têm de refletir a diversidade do Povo de Deus.

141. Sempre houve "peritos" e "auditores" nas Assembleias do Sínodo dos Bispos no passado. Convidamos o Secretariado do Sínodo a discernir cuidadosamente como essas pessoas são escolhidas para esta Assembleia e recomendamos que seja adotado um processo transparente. Os "peritos" devem ter conhecimentos especializados em áreas como a pastoral, o trabalho missionário e a sinodalidade, juntamente com a teologia, a eclesiologia e o direito canónico. Os "auditores" deveriam incluir pessoas como os migrantes, os pobres, os padres e os religiosos que trabalham entre os marginalizados e os sobreviventes de abusos. Quer se mantenham os papéis tradicionais de "peritos" e "auditores", quer se adopte uma estrutura modificada, as mulheres, os leigos, os jovens e os indígenas devem participar com os bispos na Assembleia, e alguns deles devem ser da Oceânia.

142. O título do Documento de Trabalho para a Etapa Continental é *Alarga o espaço da tua tenda*. O Povo de Deus precisa que a Assembléia atenda a esse chamado enquanto continuamos a jornada sinodal.

Reflexão Pastoral dos Bispos da Oceânia Reunidos na Assembleia da FCBCO, sobre a Resposta da Oceânia ao DEC

143. Ao analisarmos este documento da Oceânia, tivemos a sensação de uma confiança muito real na presença de Cristo na Igreja e de que Ele está a fazer avançar a Igreja. O documento capta as esperanças e preocupações do nosso povo, o que pode dar a impressão de que a Igreja está em desordem. No entanto, é precisamente nos lugares e nos momentos de dor e sofrimento que Cristo se revela. Esta confiança e fé na Sua presença pode guiar-nos na nossa resposta. Procuramos a orientação do Espírito Santo enquanto prosseguimos a nossa viagem sinodal.

144. Confiamos no processo e nas pessoas que nomeámos, que recolheram bem as respostas do Povo de Deus às questões colocadas no Documento para a Etapa Continental do Sínodo. Acreditamos que este documento é uma representação justa da realidade do Povo de Deus que participou neste processo sinodal. No entanto, reconhecemos que este documento não é um recenseamento de todos os católicos da Oceânia, mas uma expressão dos pontos de vista das pessoas que responderam ao convite para discernir sobre o DEC. Reconhecendo a participação

limitada devido a pressões de tempo, esperamos uma participação mais alargada à medida que o processo sinodal se desenrola.

145. Notámos nas respostas das pessoas um desejo de aplicações práticas da sinodalidade no momento presente. No entanto, também nos apercebemos de que, embora sejamos uma Igreja sinodal, dar expressão prática à sinodalidade levará tempo. Será um longo caminho, tanto na Oceânia como na Igreja Universal. Este documento não é um documento catequético ou magisterial. É mais como um cartão postal neste ponto da nossa caminhada, mostrando onde estamos agora.

146. Não queremos construir uma Igreja diferente, mas sim renovar e revitalizar a Igreja que amamos. Esta renovação e revitalização começarão com a conversão pessoal e encontrarão também expressão comunitária e estrutural. Uma Igreja renovada e sinodal procura não deixar ninguém para trás. Numa Igreja assim, caminharemos juntos, amando-nos uns aos outros.

147. Reflectindo sobre as respostas das pessoas, ficámos satisfeitos por ver que elas apreciam que o seu Batismo é fundamental e que recebe grande atenção neste documento. No entanto, notámos que a Eucaristia tem menos destaque.

148. Para os católicos, a Eucaristia é central. Através do Batismo, entramos na comunidade eucarística reunida na Mesa do Senhor. Com Cristo, nós, como povo, somos convidados a morrer para nós próprios e a ressuscitar com Cristo, participando no seu sacrifício de esvaziamento e doação. O Senhor Jesus dá-nos a Si próprio como alimento para a viagem até participarmos no banquete do céu. Ele dá-nos sacerdotes, a quem chama a ter um coração de pastor para cuidar do seu povo, proclamar a Palavra de Deus, celebrar a Eucaristia com e para eles, e assim alimentar a Igreja enquanto ela se esforça por cumprir a sua missão para a vida do mundo. Do mesmo modo, o Sacramento da Penitência reúne o pecador com a comunidade eucarística.

149. Nem todos os bispos consideraram todas as partes do documento totalmente convincentes ou completas, e alguns tinham dúvidas e preocupações quanto ao rumo que este poderia tomar. Jesus apareceu aos discípulos com a sua dor, vergonha, perda e esperanças desfeitas. Da mesma forma, nós, bispos, sentimos dúvidas, ansiedades e receios relativamente a certas partes deste documento. Mas também sentimos alegria e esperança. O Cristo crucificado e ressuscitado mostrou as suas feridas aos discípulos e, apesar da vergonha, das dúvidas e dos receios, eles encheram-se de alegria e esperança. As suas palavras foram "a paz esteja convosco". Ele convida-nos, a nós bispos, a confiar na sua misericórdia e a proclamar a verdade com amor, como fez Jesus.

150. Perante as nossas dúvidas e os nossos medos, Jesus envia-nos a um mundo destroçado. Acolhemos as dores e as angústias, as alegrias e as esperanças do povo da Oceânia expressas neste documento. Com confiança no Espírito Santo, continuaremos a caminhar juntos, povo e pastores, como Povo de Deus peregrino. Jesus Cristo caminha connosco na nossa viagem sinodal, oferecendo-nos a sua paz e exortando-nos a ter coragem.

151. A nossa partilha do Evangelho na Oceânia tem lugar em contextos muito variados. Este documento é um exemplo de como as vozes dos povos das nossas nações revelam os contextos da nossa missão. O documento tem um vivo sentido de missão, que está no coração do fatode os leigos serem Igreja no mundo.

152. Temos o desejo e a responsabilidade de escutar e acompanhar os nossos jovens e de os ajudar a inspirar-se no Evangelho vivificante para responder aos desafios que enfrentam na sua busca de sentido, de esperança e de relações saudáveis. Estamos conscientes de que chegar aos nossos jovens de forma mais corajosa, criativa e envolvente é um aspeto essencial da missão da nossa Igreja no contexto do nosso mundo atual.

153. Estamos também empenhados na nossa responsabilidade partilhada, expressa neste documento, de cuidar melhor da nossa casa comum e de a defender. Na nossa região, a crise ecológica é uma ameaça existencial para muitas pessoas e comunidades. A subida do nível do mar, a acidificação dos oceanos, as secas, as inundações e os fenómenos meteorológicos extremos mais frequentes são a prova disso. A destruição de algumas nações insulares torna-se cada vez mais provável à medida que o derretimento da calota de gelo da Antárctida, na nossa periferia sul, continua com o aquecimento global. A conversão ecológica é uma prioridade urgente da missão.

154. A formação de todos os membros da Igreja, incluindo os bispos, será essencial para apoiar a nossa caminhada no sentido de nos tornarmos uma Igreja mais sinodal.

155. Depois de reflectirmos juntos sobre este documento na nossa Assembleia, sentimos paz e alegria. Sentimo-nos também chamados a ser proféticos. Os apóstolos foram aceites por Jesus, apesar de o terem desiludido. Ele ofereceu-lhes a paz. Somos chamados a estar prontos para nos sacrificarmos no processo de sermos proféticos. Temos de nos modelar pelo amor que proclamamos. Somos enviados, tal como Jesus enviou os apóstolos.

Sobre a sinodalidade

Após a explicação das três palavras-chave do processo sinodal - comunhão, participação, missão - as pessoas da aldeia gritaram com confiança e em voz alta: " Nós somos sinodalidade! Nós somos sinodalidade!" Porquê? "Estamos fazendo isso desde que nos tornámos católicos". (A aldeia de Balimo, na Papua Nova Guiné, tornou-se paróquia há 27 anos e as pessoas não sabem ler nem escrever)

Quando a explicação continuou a enfatizar a ideia de "CAMINHAR JUNTOS", disseram: "Todos os dias SÓ CAMINHAMOS e andamos sempre em número porque é estranho andar SÓ e não é possível andar de carro porque não temos estrada!"

Se a sinodalidade exprime o modo de vida e de ação ordinário do povo da Igreja, então devo dizer que as pessoas de Balimo têm razão, num certo sentido, na sua simplicidade como Igreja e na sua prática de fé.

Bispo Joseph Durero

"Um significa solidão, fechamento, pretensão de autossuficiência; dois significa relação. A Igreja é sinodal, é comunhão, ajuda mútua, caminho comum. E a isto tende o Sínodo em curso, que terá o seu primeiro período de assembleia geral no próximo mês de outubro."

(Papa Francisco)

DOCUMENTO FINAL DA ETAPA CONTINENTAL DO SÍNODO DIGITAL

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

a) Fazemos memória

b) A Palavra nos inspira

c) Da escuta ao discernimento.

d) A pergunta fundamental

A ESTRUTURA DO DOCUMENTO

1. Uma opção pelos jovens, as pessoas com deficiência e a defesa da vida
2. A escuta de quem que se sente abandonado e excluído
3. A missão da Igreja no mundo de hoje
4. Caminhamos juntos
5. Os Contextos culturais, culturas, religiões e diálogo
6. Além do clericalismo
7. Repensar a participação das mulheres
8. Carismas, vocações e ministérios
9. Estruturas e instituições
10. Formação e espiritualidade
11. Vida sinodal e liturgia

CONTRIBUIÇÃO DOS EXILADOS

a) Visão

b) Síntese

SÍNODO DIGITAL

INTRODUÇÃO

"Alarga o espaço da tua tenda, estende sem medo as lonas que te abrigam, e estica as tuas cordas, fixa bem as tuas estacas." (Is.54, 2-3)

a) Fazemos Memória

Origem: O processo sinodal convocado pelo Papa para discernir o tema "*Rumo a uma Igreja sinodal*" também desafiou o mundo digital, e assim surgiu a iniciativa "*A Igreja te escuta*", sob os slogans de Francisco: "*Igreja em saída*", "*chegar as periferias existenciais*" e "*Prefiro uma Igreja ferida porque vai em missão, do que uma Igreja doente porque está trancada*", o que levou o Sínodo aos espaços e cultura digitais, para que ninguém seja excluído. O Secretariado-Geral acolheu a iniciativa. A partir deste momento, nas diferentes dioceses do mundo estava sendo trabalhada a primeira etapa do Sínodo, os missionários/evangelizadores digitais e suas comunidades passaram pelos primeiros passos desta iniciativa.

Dimensão: Foi uma proposta seminal e incipiente e, ao mesmo tempo, suficiente porque ao abrir esta porta permitiu-nos ver que este "lugar digital"i existe, que deve ser explorado e acompanhado. A missão nos âmbitos digitais nasceu, desde o início desta nova cultura, de modo natural e espontâneo, do zelo missionário dos *evangelizadores-influenciadores*, filhos do seu tempo, que, encontrando novos ambientes de evangelização, com coragem e criatividade, colocaram os seus carismas à disposição para levar Jesus a estes novos horizontes e encontrá-Lo também lá.

Especificidade: A originalidade da proposta de realizar o Sínodo em "ambientes digitais" não residia no uso dos instrumentos, mas na valorização dos espaços digitais como "*locus*", habitados por pessoas de forma natural e adequada, olhando para a sua realidade a partir de sua própria cultura. Estas pessoas nem sempre participam pessoalmente na vida institucional da Igreja.

Alcance: Ter saído para as periferias existenciais em espaços digitais nos fez encontrar pessoas em busca e outras que estão feridas. No mundo digital há caminhos abertos para um *ministério missionário*, que quer ir ao encontro de todos e chegar a todos. Esta realidade subsiste no Povo de Deus, mesmo antes das formas institucionais e verifica-se na vocação e urgência de chegar aos últimos, aos que procuram, aos necessitados da ternura de Deus.

Fim da primeira etapa: A Igreja acompanha a humanidade (GS1) para servir os homens e as mulheres que descobre feridos à beira da estrada, para lhes mostrar e oferecer-lhes Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai. Durante a primeira etapa do Sínodo, esta comunidade de *evangelizadores digitais* e as suas comunidades experimentaram-se como Igreja que sai, Igreja que escuta e Igreja samaritana.

b)A Palavra nos inspira

O Documento de Trabalho do Sínodo toma a imagem da tenda, com a qual começa o capítulo 54 do livro de Isaías. Ela traz-nos uma promessa de Deus que se torna vocação para o seu povo e para a sua Igreja: «*Ampliai o espaço da vossa tenda!*» (Is 54:2). O exílio ajudou Israel a viver sua fé ao ar livre. Ali ele soube estar a sós com Deus e amá-Lo de todo o coração. Ali viveu a experiência do Êxodo, um Deus que queimava sem ser consumido. Ali viveu a fé sem medo. Uma pequena chama que ao menor vento se apagou. Um grande fogo, quanto mais vento, mais era aceso. O incompreensível tornou-se realidade a partir da fé em um Deus que cumpre suas promessas.

A promessa ainda permanece e foi verificada, mais uma vez, na segunda etapa do Sínodo. Os afastados, os indiferentes, os que nunca ouviram o Anúncio, os que pensam diferente, os que aprenderam a viver sem fé numa religiosidade serena... Há muitos caminhando sem rumo em um exílio que não tem fronteiras geográficas. No exílio, a casa está longe, borrada, esquecida e até desconhecida. No caminho de volta você tem que redescobri-la.

Quem poderá descobrir esta Igreja renovada? Os buscadores, os pioneiros, os caminhantes, os que não permanecem instalados... Poderão descobrir esta Igreja que não fica parada, que está a sair, que se assemelha a um hospital de campanha, a *Igreja samaritana* no meio da humanidade. Muitos desses buscadores, há muito tempo, saíram para o mundo digital. Hoje, com toda a Igreja, eles estão trilhando o caminho sinodal.

Esta experiência é para eles uma ferramenta vital e poderosa que lhes permitiu ouvir os gritos de dor e solidão daqueles que habitam o "continente digital". São missionários/evangelizadores que, nesta segunda etapa do Sínodo, souberam discernir as necessidades por detrás daqueles gritos. São como "pioneiros" de uma Igreja em reforma perene, sinais de uma Igreja que está a caminho da escuta.O espaço digital nos aproxima de quem pensa diferente, do diferente... Eles entram em nossa casa simultaneamente, convidando-nos permanentemente à hospitalidade e ao discernimento. O espaço digital contribui significativamente para a comunhão e transcende as "fronteiras". A Igreja que está ali presente está aberta a todos.

O Sínodo, concebido como o regresso do exílio, refere-se a uma dupla dimensão da sinodalidade: caminhar juntos como Povo dos baptizados e acompanhar toda a humanidade, da qual a Igreja é serva, rumo à plenitude do Reino de Deus. Seguindo o Papa Francisco, podemos afirmar: "*Tenho uma certeza dogmática: Deus está na*

vida de cada pessoa". Por isso, uma Igreja sinodal não é apenas aquela que sabe acolher, mas também uma Igreja que sai ao encontro e está aberta à *fraternidade universal*. O Povo de Deus que não se fecha em si mesmo, mas, a partir dos critérios da inculturação e da interculturalidade, dialoga com os interlocutores de um mundo plural. Na linguagem do Papa, é "*uma Igreja conectada com os baixos, com os pequenos, com os problemas do povo, com aqueles marginalizados pela cultura do descarte*".

c) Da escuta ao discernimento.

O processo de *discernimento* da fase II foi realizado com os Influenciadores/missionários digitais que participaram da primeira etapa sinodal (de escuta), que teve caráter experimental, chegando a um total de 250 de diferentes culturas, países e idiomas. Vale ressaltar que a experiência de ter atingido 30% dos participantes que não são crentes ou estão longe da Igreja tem se repetido. Atualmente, os influenciadores/missionários/evangelizadores digitais que aderiram ao projeto ultrapassam os 850. Este grupo original foi dividido em 12 comunidades. Estes, por sua vez, foram divididos em pequenas comunidades de discernimento de aproximadamente 12 pessoas com um animador que se reuniram de forma síncrona e assíncrona, face a face e digitalmente.

Nesta segunda etapa, a Secretaria Geral do Sínodo propôs também que os delegados fossem enviados às Assembleias Sinodais Continentais. Foi possível chegar às Assembleias da África, Ásia, Europa e América. Participaram 14 missionários/evangelizadores digitais que apresentaram o Projeto "A Igreja vos escuta"; e que os próprios evangelizadores/missionários faziam o processo de conversação espiritual.

O processo terminou com uma Assembleia Digital. Aqui os animadores de cada comunidade compartilharam o que trabalharam através do método de "conversa espiritual", seguindo a mesma metodologia dos encontros continentais.

O discernimento, que é uma abertura à Voz de Deus e à escuta recíproca de quantos partilham o caminho sinodal, é um dom do Espírito e um dinamismo na busca da presença de Deus, que, no caminho sinodal, como Um processo comunitário, sincero e dócil, permite-nos reconhecer o desígnio de Deus e, assim, descobrir opções e prioridades. Nas comunidades reunidas no espaço digital, como nas comunidades presenciais, a comunhão, lugar de discernimento, está tomando forma.

Na segunda fase do Sínodo, passamos da primeira escuta à partilha de linhas e horizontes, isto é, a uma escuta de discernimento. O *espaço digital* se estende por uma distância imensurável e, paradoxalmente, esse espaço provoca reencontros e retornos. Com a ajuda de Deus, nas comunidades que habitam os ambientes digitais, observamos que a proximidade é facilitada, para superar distâncias, possibilitando um *discernimento comunitário*.

Nesse processo digital, como aconteceu nas Assembleias Continentais, ficou claro

que não há tema que não possa ser falado, que não possa ser discutido. É por isso que este Sínodo, obra do Espírito, dá à Igreja a oportunidade de se reconhecer nos ambientes digitais e de pensar numa possível *pastoral digital*, no quadro orgânico de outros cuidados pastorais. Deste modo, caminhando juntos, será possível assegurar um modo eclesial de levar a Mensagem de Jesus a todas as periferias.

d) A questão fundamental

No final desta introdução, perguntamo-nos: «*Como que este caminho em conjunto permite à Igreja anunciar o Evangelho segundo a missão que lhe foi confiada; e que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal?*" (DP 2. 26) (2. 105 DEZ).

e) A estrutura do documento

A estrutura do documento é apresentada como uma análise qualitativa e quantitativa, com uma introdução e uma conclusão mais um anexo com tabelas de números significativos.

O corpo do documento apresenta as contribuições do discernimento para cada tema do DEC.

Uma seção especial é dedicada à contribuição dos distantes e não-crentes que participaram desta fase.

NOTA:
Neste documento homologamos três expressões: i*nfluenciador, missionário digital e evangelizador digital; bem como continente digital, cultura digital, espaço digital e lugar digital*. Eles foram usados de forma equivalente e sem preferência de um sobre o outro. Nossa intenção aqui, e em geral no processo sinodal digital, não é estabelecer definições, mas ser capaz de realizar o processo sinodal na cultura contemporânea que tem uma representação forte e importante do digital. Como os termos citados têm interpretações diferentes em diferentes contextos, usamos todos eles sem qualquer preferência.
Na síntese usamos "missionário" e "evangelizador" referindo-se ao espaço digital como lugar de evangelização. O conceito de "*influenciador*" foi usado pelo Papa no encerramento da Jornada Mundial da Juventude no Panamá (26/01/19). Lá, ele se referiu a "*Maria como a influenciadora de Deus*". Na mesma ocasião, ele também mencionou Dom Bosco como um "*influenciador dos jovens*". O beato Carlo Acutis, que se destacou por seu serviço evangelizador no espaço digital, é um exemplo próximo de um "*influenciador católico*".

1. Uma opção para os jovens, as pessoas com deficiência e a defesa da vida

Intuições - experiências novas ou esclarecedoras - aspectos positivos:

Liderança em missão: Os jovens são líderes na esfera digital, promovendo projetos evangelizadores em favor do bem comum, gerando conteúdo valioso e promovendo iniciativas missionárias.

As distâncias diminuem: No digital, crentes e não crentes, fiéis e sacerdotes, jovens e idosos se aproximam, favorecendo uma maior escuta e troca de experiências.

Sensibilidade para a defesa da vida: A voz dos jovens na esfera digital tem uma força especial para promover a dignidade da pessoa humana desde a concepção até o fim da vida.

Voz dos desfavorecidos: O ambiente digital permite que as pessoas, especialmente as com deficiência, falem sobre suas vidas e inspirem os outros com seu testemunho de superação.

Tensões ou divergências - questões e questões - aspectos negativos:

Preconceitos em relação ao digital: Os jovens, às vezes, não se sentem ouvidos e percebem que sua missão no digital é considerada superficial ou irrelevante para a evangelização, muitos se sentem sozinhos, sem apoio ou comunidade para apoiá-los em sua missão.

Presencial e Digital: Os jovens e as pessoas com deficiência sentem que podem contribuir com os seus talentos mais livremente nas estruturas digitais do que nas estruturas presenciais.

Linguagem compreensível: A linguagem utilizada no mundo digital conecta-se mais facilmente com a realidade dos jovens, enquanto eles percebem a linguagem usada nas paróquias e homilias mais distantes.

Acessibilidade: Não se trata apenas de oferecer espaços adaptados às pessoas com deficiência, mas de promover a participação de todos na missão da Igreja. As ferramentas digitais podem garantir que ninguém se sinta excluído.

Anúncio na pós-modernidade: Diante da mudança de época, é necessário levar em consideração a sensibilidade dos jovens que, como filhos de seu tempo, se relacionam com uma sociedade líquida, caracterizada pela crescente fragmentação, erosão dos laços de permanência, individualismo e relativismo e instrumentalização e manipulação de algumas pessoas em benefício de outras.

Prioridades - temas recorrentes - convites à açã

Acompanhamento pastoral: Para proporcionar um acompanhamento adequado que os sustente, é importante refletir sobre questões como a defesa da vida, a inclusão, o sofrimento e a desigualdade social.

Formação permanente: Diante dos desafios que a cultura digital apresenta aos missionários digitais para entrar em diálogo com várias realidades, os temas supracitados se articulam na formação permanente.

Escuta e diálogo: O mundo digital oferece um espaço privilegiado para escutar os gritos do povo de Deus. Por isso, é necessário criar espaços permanentes onde a escuta acolhedora e o diálogo sincero favoreçam uma conversão pastoral que responda às necessidades mais prementes do nosso tempo.

Participação sinodal: Os jovens pedem que continuem a participar e a contribuir para os processos sinodais, a fim de iluminar com as suas contribuições os novos desafios que a cultura de hoje apresenta à evangelização das novas gerações.

2. Escutar aqueles que se sentem abandonados e excluídos

Intuições - experiências novas ou esclarecedoras - aspectos positivos:

Valorizar a diversidade e o diálogo ecumênico: Destaca a importância de valorizar e acolher a diversidade nas comunidades e trabalhar para a inclusão das pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou outros aspectos. O diálogo inter-religioso e ecuménico é sublinhado como uma obra preciosa que promove a sinergia com irmãos e irmãs separados de outras religiões na busca da paz, do bem comum, da promoção social e do cuidado da vida.

Chegar às periferias: A reflexão sublinhou a posição do evangelizador digital sobre a questão da diversidade e da exclusão, especialmente na situação de periferia em que se encontram os abandonados e excluídos. A Igreja encoraja constantemente os processos para abraçar novas periferias e trabalhar pela dignidade da pessoa em todas as suas dimensões.

Carisma do missionário digital: Enfatiza-se seu papel positivo em tempos de mudança e incerteza. A Igreja, chamada a diferenciar-se pelo seu carisma esperançoso, age no mundo iluminado pelo Espírito Santo a partir da sua vocação de abertura, acompanhamento fraterno na cultura digital diversa, criativa e em mudança.

Tensões ou divergências - questões e questões - aspectos negativos

Inclusão e abertura: Embora a Igreja procure estar próxima dos marginalizados, isso nem sempre acontece na prática. Os esforços da Igreja para ajudar os pobres e marginalizados muitas vezes ficam aquém da inclusão, superando a "exclusão digital". É comum ver grupos excludentes e comunidades digitais poderem ser centros onde apenas determinadas pessoas são aceitas.

Discriminação: Observou-se que a cultura digital também pode ser excludente e discriminatória, com os criadores digitais usando seu poder para obscurecer e marginalizar opiniões diferentes. A Igreja não está isenta de pessoas que rotulam os outros e encorajam a discriminação. Quem se sente excluído não quer apenas ser tolerado, mas ser incorporado na vida da Igreja.

Incorporar as periferias: A Igreja precisa se abrir para grupos excluídos, ouvir e criar espaços propícios à inclusão. A diversidade nem sempre está incluída na evangelização digital. A Igreja é questionada, como ela fala da vida em comunidade, enquanto continua a segregar aqueles que pensam diferente? Às vezes fala de jovens, mas não fala com os jovens.

Prioridades - temas recorrentes - convites à ação

Cultura do encontro: Ressalta-se a importância de acolher as pessoas que se sentem abandonadas e excluídas. É necessário estabelecer uma pastoral específica para o mundo digital e acompanhar com formação permanente os agentes evangelizadores e o Povo de Deus sobre essas questões. Divulgar as ações realizadas pela Igreja para promover a cultura do encontro. Por outro lado, há também a necessidade de uma visão pastoral dedicada ao tema da corporeidade e da sexualidade.

Participação e acompanhamento: Sugere-se promover espaços digitais de participação e acompanhamento, e tornar visíveis experiências de solidariedade e acolhimento, especialmente para as pessoas que não podem fazê-lo pessoalmente. Defende o ensino da inclusão através do testemunho e a busca de maneiras de acolher todas as pessoas com maior abertura.

Igualdade e equidade: Recuperar a simplicidade e a humanidade de Jesus ao lidar com o outro. Promover espaços de diálogo ecumênico e inter-religioso e ações conjuntas que busquem o bem comum. Uma compreensão das diversas experiências que existem na sociedade e na própria Igreja é necessária para demonstrar um compromisso com a igualdade e a equidade.

3. A missão da Igreja no mundo de hoje

Intuições - experiências novas ou esclarecedoras - aspectos positivos

Igreja em saída: A missão da Igreja em ambientes digitais tem um potencial evangelizador para os discípulos missionários que estão em saída. Pode atingir as pessoas na realidade em que vivem, no entanto, ainda há muito a ser feito.

Chamado a construir pontes: O âmbito digital é um lugar de missão que oferece oportunidades para construir pontes entre diferentes perspectivas e comunidades cristãs. Movidos pelo amor a Cristo, somos encorajados a trabalhar juntos em preocupações comuns, como a dignidade da pessoa, a justiça e a responsabilidade ambiental.

Chamado ao "samaritanear": A pergunta "Quem é o teu próximo?" ressoa na nossa história e no contexto digital, por isso, o chamado a "samaritanear", para consolar e elevar os feridos do mundo, e para não ser indiferente à realidade social, deve fazer parte do testemunho de fé que somos chamados a oferecer.vi

Tensões ou divergências - questões e questões - aspectos negativos

O desafio da polarização: A era digital oferece a possibilidade de estar mais conectado e disponível para acolher os outros, mas nem sempre é usada para o encontro. Soma-se a isso a ação dos algoritmos da internet, que promovem a polarização recompensando controvérsias e conflitos.

Unidade na diversidade: Há dificuldade em dialogar nas esferas digitais diante da diversidade de culturas e pensamentos, fomentando divisões, tensões e críticas. A falta de unidade e os conflitos que obscurecem a Mensagem são evidentes.

Prioridades - temas recorrentes - convites à ação

Ministério Digital: Diante dos desafios enfrentados pelo evangelizador digital, propõe-se a criação de um ministério pastoral. Através de uma estrutura permanente, reconhecida pelos Bispos, deve proporcionar espaços de escuta, diálogo e colaboração entre os missionários digitais e incentivar o intercâmbio de iniciativas missionárias. Deve também ter recursos profissionais, em sinergia com outras instituições.

Formação para a missão em rede: As questões do contexto cultural digital exigem uma maior compreensão e, portanto, uma formação adequada para enfrentar as novas formas de evangelização digital e como reagir à agressão e ao ódio na rede.

Acompanhamento: Ser uma Igreja que acompanha o caminho do Povo de Deus presente nos espaços digitais para que os evangelizadores digitais possam habitar de forma profética e missionária. Deve encorajar e promover os vários dons e carismas que o Espírito Santo suscita para enfrentar os desafios de hoje. Um acompanhamento que ajuda a crescer e a desenvolver-se positivamente e que também é capaz de ajudar na necessidade, na fraqueza e no erro.

Rede colaborativa: É importante sair das formas pré-estabelecidas e criar redes colaborativas com pessoas que tenham influência nas realidades digitais. Aqueles que pertencem a outras religiões ou que não professam a fé, mas que colaboram em causas comuns em favor da dignidade da pessoa humana, devem ser incluídos no processo.

4. Caminhamos juntos

Intuições-experiências novas ou esclarecedoras-aspectos positivos:

Acompanhamento de missionários digitais: Como resultado do processo sinodal, um sentimento de alívio foi gerado desde que muitos dos missionários digitais começam a se sentir acompanhados e ouvidos. É fundamental que a Igreja preste atenção ao mundo digital e continue a criar espaços para que os evangelizadores digitais se reúnam e pensem em novas formas de ser Igreja neste âmbito.

Aproximando distâncias: O mundo digital oferece espaços de diálogo que permitem a colaboração entre cristãos, crentes de outras religiões e não crentes em apoio a valores comuns que nos permitem caminhar juntos, por exemplo, no

cuidado da criação e na promoção da paz. O diálogo não implica uniformidade, mas a capacidade de caminhar juntos respeitando as diferenças.

Sentimento de pertencimento: Em uma sociedade individualista e discriminatória, com tanto bullying, os espaços digitais oferecem oportunidades de comunidade e pertencimento que podem aliviar situações de dor e solidão.

Tensões ou divergências-questões e perguntas-aspectos negativos:

Dificuldades do caminho: A Igreja enfrenta uma série de desafios que dificultam o caminhar juntos no mundo digital. Entre eles estão as questões que causam ruído nessa área: o problema do abuso, a divisão interna, os ataques no mundo digital, os conflitos nas redes sociais, a falta de compromisso com os outros, o relativismo na cultura digital.

Arena multicultural: É preciso encontrar pontos de encontro que possam promover o diálogo, tendo em conta os diferentes âmbitos da relação com o mundo, com as outras religiões, entre os cristãos e na nossa fé católica, caminhar juntos nesta dramática situação do mundo.

Prioridades - temas recorrentes - convites à ação:

Cultura da caridade: É importante encontrar um terreno comum onde todos sejam ouvidos, respeitando as diferenças, evitando tensões comuns nas redes. Tomando o Evangelho como ponto de partida, centrando-se no serviço da caridade que gera compromisso e ações diante de quem sofre e de quem precisa.

O caminho da beleza: É necessário aproveitar as riquezas e os dons que os evangelizadores digitais possuem para que, através do caminho da beleza, com a arte, a música, a poesia, a pintura, o vídeo, etc., o valor da paz, da esperança e da vida seja efetivamente apresentado.

Aprofundamento do Magistério: Há uma grande necessidade de conhecimento e formação sistemática e aplicada sobre o recente Magistério Pontifício, que nos abre à perspectiva do Espírito sobre o mundo e a cultura contemporânea, para isso é importante aproveitar as forças e dinâmicas dos espaços digitais para uma oferta formativa.

5. Contextos culturais, culturas, religiões e diálogo

Intuições-experiências novas ou esclarecedoras-aspectos positivos:

Abraçando a diversidade: O espaço digital é um lugar onde diversas culturas e religiões são refletidas. Devido à sua dinâmica particular, permite tanto manter estas riquezas próprias como dialogar entre elas, promovendo uma relação de colaboração na caridade.

Transmissão geracional: A Igreja, portadora do Evangelho, é desafiada pelas novas gerações a anunciá-lo também na cultura digital. Portanto, é necessário ter

diálogos profundos com as pessoas para entender suas tristezas e preocupações, seus sonhos e esperanças.

Tensões ou divergências-questões e perguntas-aspectos negativos:

Diálogo sem transmitir: Não se trata apenas de comunicar, mas de fazê-lo de maneira credível e compreensível, com o testemunho e a linguagem que lhes são próprios. No mundo digital, a Igreja pode desempenhar um papel importante no diálogo, superando preconceitos negativos para ouvir a cultura de hoje. É essencial ter uma atitude aberta em relação a todas as culturas e religiões, e compreender o significado "universal" da Igreja, derrubando muros e construindo pontes.

Uma Igreja "à la carte": Há um risco cultural de projetar uma Igreja personalizada em alguns grupos que não conhecem o essencial da fé devido à grande quantidade de informações falsas no mundo digital. Isso pode levar à adoção de uma forma religiosa "abastada", onde a Igreja perde força no anúncio e só aceita o que convém aos gostos pessoais.

Prioridades - temas recorrentes - convites à ação:

Diálogo externo: É importante trabalhar pela unidade no diálogo entre crentes e não crentes. A Igreja na esfera digital deve procurar a comunhão como sinal de credibilidade e estabelecer uma comunicação aberta e um diálogo com outras culturas e religiões.

Diálogo interno: Manter uma relação estreita com os Bispos para uma missão apostólica. O trabalho em comunhão eclesial com a hierarquia e com todas as instituições e carismas da Igreja, torna a evangelização verdadeira e fecunda, para isso é necessário aumentar o acompanhamento e a orientação pastoral dos missionários digitais.

Estruturas pastorais: Para fortalecer a evangelização nas várias realidades do mundo, os evangelizadores precisam de formação e acompanhamento especializados e contínuos. Por isso, a evangelização digital exige também estruturas que formem e acompanhem estas missões. Os pastores também devem ser formar-se na evangelização das esferas digitais.

6. Além do clericalismo

Intuições - experiências novas ou esclarecedoras - aspectos positivos:

Todos os missionários: Nos ambientes digitais, a missão é realizada através dos batizados. Percebe-se que os seguidores não apenas buscam ou seguem evangelizadores por seus papéis ou títulos eclesiásticos, mas sim por outros valores, como a capacidade de comunicar a Mensagem, a capacidade de atender às necessidades, o testemunho pessoal, a coerência no discurso e responder de perto. Por essa razão, o clericalismo não tem tanto impacto nas esferas digitais.

Reparação da credibilidade: A ação da Igreja em relação a todos os tipos de

abusos está marcando um passo importante no processo de purificação para que o crescimento da credibilidade seja possível, reconhecendo a dignidade e a importância de todos. Reparar a confiança é uma necessidade premente, e ainda há um longo caminho a percorrer neste aspecto.

Presença de cura: A riqueza dos ministérios na Igreja, também nas redes, é o caminho natural para superar qualquer atitude clerical, e é o modo evangélico de distribuir dons e talentos. A vida consagrada e a variedade dos carismas leigos apresentam uma Igreja mais servidora e menos clerical.

Hierarquia e corresponsabilidade: A missão corresponsável nas redes, que dá participação e voz a homens e mulheres, leigos e consagrados, jovens e não jovens, mantém a referencialidade aos pastores que é valorizada quando há uma dedicação sacerdotal e paterna adequada.

Tensões ou divergências - questões e questões - aspectos negativos

Instrumentação dos espaços: Não faltam sacerdotes que aproveitam o potencial dos espaços digitais para acentuar o clericalismo.

Personalismo e corresponsabilidade: Nos ambientes digitais há uma tensão semelhante ao presencial, onde às vezes a figura sacerdotal é superdimensionada e não contribui para a responsabilidade compartilhada.

Personalismo e autor referencialidade: Verifica-se, em alguns casos, o não serviço à Palavra, mas aos próprios pensamentos e visões pessoais.

Identidade do Povo de Deus: É importante evitar a clericalizarão dos leigos e a laicização do clero. Às vezes, os evangelizadores digitais leigos acham difícil agir no mundo presencial devido ao clericalismo. É necessário refletir sobre como formar sacerdotes e bispos para entender a nova cultura no ambiente digital.

Prioridades - temas recorrentes - convites à ação

Formação: Entre as ações consideradas necessárias para superar o clericalismo está a revisão da formação de seminaristas e clérigos, promovendo uma formação que estimule o trabalho em equipe, a corresponsabilidade e a visão do ministério sacerdotal como serviço e não como poder. A troca que ocorre nos espaços digitais favorece essa equidade.

Pastoral digital em comunhão e participação: A fim de colaborar na superação do clericalismo, deve ser favorecida a implementação de uma pastoral digital viva, na qual trabalhamos em comunhão com bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos e leigas.

7. Repensar a participação das mulheres

Intuições - experiências novas ou esclarecedoras - aspectos positivos

Participação ativa: Nos espaços digitais há um forte testemunho evangelizador

por parte de jovens, solteiras, mães, esposas, religiosas e consagradas que refletem o rosto feminino da Igreja através da doação de suas vidas. A experiência da sua vocação traz a riqueza do seu pensamento, da sua visão e da sua espiritualidade.

A Igreja Mãe: A Igreja que em saída, chamada a ir às periferias geográficas e existenciais para se curvar como o Bom Samaritano diante de tantos sofrimentos, contribui para cobrir as suas feridas com ternura e cuidado. Ela reflete o rosto materno através da contribuição das mulheres, onde no ambiente digital elas saem para conhecer pessoas que se sentem distantes, prestando o serviço de ouvir, acolher e proporcionar sua força.

Protagonismo compartilhado: Nos espaços digitais todas as vozes têm o mesmo valor e reflete-se o testemunho da interação entre homens e mulheres, que trabalham em equipe para o Evangelho. Existem inúmeras iniciativas colaborativas lideradas por mulheres no campo da missão na esfera digital.

Renovação eclesial: A consciência de um único batismo nos incorpora a Cristo e à missão eclesial de evangelizar. A participação das mulheres nos vários âmbitos reflete o início de um processo de renovação no seio das estruturas eclesiais, contribuindo com o que lhes é próprio.

Tensões ou divergências - questões e questões - aspectos negativos

Complemento e diversidade: Aprender a caminhar juntos sem diluir a riqueza das diferenças, convencidos de que a autossuficiência empobrece a Igreja e de que uma visão conjunta pode ser uma resposta adequada para enfrentar os desafios que a sociedade fragmentada de hoje apresenta.

Não-Inclusão: Como na maioria das outras áreas, em muitas realidades eclesiais e culturais as mulheres continuam a ser marginalizadas dos processos de discernimento e tomada de decisão. Embora devido à característica do campo digital, a não inclusão não é tão refletida.

Variedade de vocações: Nas várias equipes de discernimento, o tema do "sacerdócio feminino" não teve relevância. Isso ressalta a necessidade de uma compreensão renovada da dignidade do sacerdócio batismal, evitando a clericalização tanto dos leigos em geral quanto das mulheres em particular.

Prioridades - temas recorrentes - convites à ação

Fortalecer a identidade: Aproveite os espaços digitais onde as mulheres desdobram seu ser ocupando seu próprio lugar e enriquecendo a comunidade.

Fraternidade: Precisamos da contribuição de perspectivas masculinas e femininas que nos permitam ver a realidade a partir de uma perspectiva mais ampla e completa como um reflexo de uma Igreja onde podemos ver uma nova maneira de estar juntos.

Participação: O espaço alcançado pelas mulheres no ambiente digital promove seu lugar, seu papel na Igreja, seu pensamento e discernimento teológico em torno

de sua identidade.

Caminhar juntos: O processo sinodal oferece uma oportunidade para um intercâmbio autêntico, onde o diálogo, entre o homem e a mulher, contribui para a renovação eclesial.

8. Carismas, vocações e ministérios

Intuições - experiências novas ou esclarecedoras - aspectos positivos

Pluralidade de carismas: No ambiente digital, observa-se a pluralidade de carismas, vocações e ministérios. Estes carismas, quando valorizados, respeitados e promovidos, complementam-se procurando a unidade na diversidade.

Igreja "Ministerial": Na esfera digital, favorecem-se os encontros entre evangelizadores de diferentes vocações, o que é ainda mais necessário dada a diversidade e complementaridade, especialmente considerando a grandeza e diversidade da digitalidade que irão servir. Existe também uma necessidade de sinergia entre o ministério ordenado e o ministério leigo.

Convite ao discernimento: O testemunho edificante das diferentes vocações presentes no digital desperta a sede de buscar o sentido da vida, de descobrir a vocação pessoal iniciando um processo de discernimento.

Tensões ou divergências - questões e questões - aspectos negativos

Unidade na diversidade: A Igreja presente na esfera digital também encontra tensões causadas pela polarização que impedem a escuta e o diálogo. A sinodalidade nos impeliu a reconhecer no outro um companheiro de caminho. Aprender a caminhar juntos é um chamado e uma tarefa.

Superação do individualismo: Um dos obstáculos na evangelização digital pode ser a tendência ao individualismo ou ao egocentrismo, que se dissocia de pertencer a um único corpo. Por isso, é preciso promover redes que gerem comunidades, onde se sintam sustentadas e parte de um todo.

Desconfiança do digital: Há uma certa ignorância e resistência ao digital que faz com que a missão realizada nesses ambientes não seja valorizada, pois o digital é considerado como um *instrumento a ser utilizado e não como um lugar para evangelizar*. Tensões são geradas com as novas gerações, mesmo nos campos vocacionais, devido à exclusão daqueles que se dedicam ao digital.

Prioridades - temas recorrentes - convites à ação

Diante do abuso: A variedade de vocações e ministérios permite que aqueles que rejeitam a figura do sacerdote devido ao abuso, encontrem na Igreja, através dos evangelizadores leigos digitais, o serviço de escuta, criando pontes e respostas que iluminam. O abuso sexual e o abuso de poder dentro da Igreja também alimentaram o discurso de ódio no ambiente digital e nos desafia a recuperar a credibilidade.

Sinergia eclesial: Para dar impulso à Igreja "toda ministerial", procura promover a vocação do evangelizador digital. A Igreja precisa "alargar a tenda" para acolher estes novos carismas e vocações.

Discernimento de acompanhamento: Para o discernimento nas redes, é necessário desenvolver a escuta e o acompanhamento de quem procura encontrar a sua vocação.

Beleza na diversidade: Aproveite a riqueza multimídia e o potencial das redes para refletir o carisma universal da Igreja, a fim de dar a conhecer a beleza da diversidade de carismas, ministérios e vocações existentes na Igreja através dos meios digitais.

9. Estruturas e instituições

Intuições-experiências novas ou esclarecedoras-aspectos positivos:

Novos canais estruturais: As plataformas digitais permitem que pessoas de diferentes nacionalidades se conectem e experimentem a Igreja de forma inovadora, expondo também as realidades das igrejas locais, o que é considerado um dom.

Percepção digital da Igreja: A Igreja na esfera digital permite crescer em transparência e confronto, promovendo uma atitude próxima e aberta ao questionamento, à escuta e ao diálogo.

Tensões ou divergências-questões e perguntas-aspectos negativos:

Instituição no mundo digital: Na mídia, quando falamos da Igreja, ela é frequentemente associada aos problemas dos protocolos para prevenir o abuso sexual, o abuso de poder e a má gestão dos recursos econômicos.

Comunicação institucional: Há uma tensão entre o valor do conteúdo e a formulação do discurso, muitas vezes revestido do caráter institucional, o que o torna "chato" e nos desafia a adaptar a forma do anúncio a um mundo em constante mudança.

Necessidade de comunicação: A comunicação, tanto interna como externa, será sempre um desafio, mas a sua eficácia pode ser muito poderosa no processo de evangelização. Através de uma estratégia de comunicação adequada, é possível transmitir a mensagem de forma eficaz e alcançar maior alcance e impacto na comunidade.

Prioridades - temas recorrentes - convites à ação:

Comunicação digital: A marca positiva do Sínodo sobre os nativos digitais é reconhecida como uma pegada impactante. Uma forma importante de credibilidade é se comunicar de forma transparente.

Proximidade no processo: Em alguns casos, um ambiente colaborativo entre as comunidades é visto. Os missionários são chamados a evangelizar e também a

escutar atentamente os seus pastores. Há necessidade de os pastores acompanharem e formarem os novos missionários dos espaços digitais.

Liderança Materna: A Igreja no mundo digital tem a responsabilidade de ser amorosa, verdadeira e misericordiosa como Mãe e professora. Para conseguir isso, é importante manter uma pastoral digital ativo. Recomenda-se também estabelecer diretrizes e políticas para a presença on-line da Igreja. Esta é uma oportunidade para fortalecer a figura de uma Igreja Mãe que está próxima de nós, que serve e acolhe todos aqueles que estão na periferia.

10. Formação e espiritualidade

Intuições - experiências novas ou esclarecedoras - aspectos positivos:

Ambiente de encontro: As redes sociais geram uma atmosfera de encontro em que uma realidade muito distante pode se tornar acessível, visível e fraterna, permitindo abrir horizontes, uma vez que apresenta abordagens não feitas antes. Isso afeta as relações com pessoas distantes.

Formação contínua e sinodal: A rápida evolução do ambiente digital promoveu uma mentalidade de formação contínua, necessária para se manter atualizada. Além disso, esse ambiente oferece dimensões inimagináveis que possibilitam a interação, a colaboração, o diálogo e a troca de experiências diversas.

Oportunidades de participação: Os ambientes digitais apresentam múltiplas oportunidades para se envolver em discussões e ser ouvido, inclusive para prestar atenção às perspectivas das igrejas locais e da Igreja Universal. Eles facilitam o modo síncrono e assíncrono.

Anonimato e convocação: Os ambientes digitais oferecem a possibilidade de fazer perguntas sobre temas sensíveis sem o medo de ser julgado ou receber reações negativas, graças ao anonimato que pode ser mantido.

Tensões ou divergências - questões e questões - aspectos negativos

Marginalização e arbitrariedade: Em ambientes digitais, a mensagem que é transmitida depende em grande parte da abordagem do remetente. Geralmente, é dada maior importância às informações apresentadas pelas pessoas mais influentes, em vez da verdade objetiva. Isso pode levar à marginalização de grupos cujas perspectivas não são aceitas.

Necessidade de formação: Muitos evangelizadores começaram a criar conteúdo intuitivamente, mas há uma grande necessidade de formação teológica de acordo com o magistério da Igreja e em relação à comunicação no digital. Menciona-se também a necessidade de uma maior formação em questões relacionadas com a doutrina social da Igreja.

Prioridades - temas recorrentes - convites à ação

Iniciativas acessíveis: Encorajar uma formação que favoreça uma relação íntima com Deus, que esteja atenta à realidade das pessoas, que encoraje a vivência da fé, estimule a participação nos sacramentos e que seja eficazmente difundida.

Caminhar juntos: Como Igreja em ambientes digitais, somos chamados a gerar sinergia entre formação e espiritualidade através de encontros de oração e formação.

11. Vida sinodal e liturgia

Intuições-experiências novas ou esclarecedoras-aspectos positivos:

Diversidade litúrgica: Os ambientes digitais prestam atenção à beleza e à diversidade da Igreja na liturgia. Caminhar juntos é enriquecido pela cultura diversa de cada lugar em sua experiência litúrgica, com a capacidade de manter a unidade sem uniformidade nos diferentes ritos.

Inculturação: Importância da inculturação da liturgia nas grandes culturas para alcançar os fiéis, manifestando a universalidade da Igreja, evitando ideologias.

Participação digital: A pandemia evidenciou a capacidade da esfera digital na litúrgica. Essa experiência é valorizada para outros casos de necessidade. Para isso, é necessária uma normativa e uma catequese que o acompanhem a uma experiência adequada e completa.

O digital como instrumento: O digital não substitui o presencial, especialmente nos sacramentos e na vida da comunidade eclesial, mas é um instrumento que favorece a aproximação, o sentido de pertença, a comunhão e o acompanhamento nos momentos de necessidade e, em alguns casos, é um primeiro passo para a participação presencial.

Tensões ou divergências-questões e perguntas-aspectos negativos:

Presencial/virtual: Para a questão sobre a ausência na participação presencial, as respostas recorrentes foram: homilias chatas e longas, horários não adequados para a vida atual, igrejas escuras e tristes, som escasso, ausência de beleza.

Abusos litúrgicos: A liturgia poderia ser usada como uma questão ideológica que promove a divisão. Por outro lado, instala um clima de desconfiança, também por excessos. As celebrações na esfera digital devem ter regulamentos que a protejam.

Distrações: A falta de formação e catequese específica para participar da liturgia no digital, pode levar a uma práxis de fazer várias coisas simultaneamente, não dedicando o tempo exclusivo e necessário que a liturgia exige.

Isolamento: Se não for usado com cuidado, o meio on-line pode levar a uma experiência de fé não comunitária, na qual as pessoas acabam "satisfeitas" com o material on-line e não buscam os sacramentos em sua comunidade. O virtual não

supera o presencial, mas pode provocá-lo.

Prioridades - temas recorrentes - convites à ação:

Formação: O potencial da missão digital apresenta-se como uma boa possibilidade de formação litúrgica que leva a uma redescoberta do seu valor na vida da Igreja. A criatividade digital pode favorecer caminhos que despertem o interesse e o amor do Povo de Deus, especialmente dos mais jovens, para que se apaixonem pela liturgia e nela participem ativamente.

Pertencimento: A Igreja convocada do digital, em situações distantes e difíceis, encontra uma oportunidade espiritual e celebrativa onde o Espírito se manifesta estimulando o sentido de pertença.

Teologia e catequese: Incorporar teologia e catequese, liturgia e querigma, promover a reflexão e a participação on-line, para dar fundamentos a partir do pensamento da Igreja e da transmissão da fé.

Eucaristia: A missão dos evangelizadores digitais é uma grande oportunidade para catequizar sobre a centralidade da Eucaristia na vida da Igreja. Promover a música, os cânticos e os sinais litúrgicos nas celebrações litúrgicas.

12. Contribuição dos distanciados

a) VISÃO:

Ouvindo o distante

O Sínodo Digital procurou ouvir aqueles que se sentem distanciados e não representados dentro da Igreja. Entre eles há diferentes grupos. Tivemos a oportunidade de "escutar com discernimento" aqueles que se sentem marginalizados, nas periferias da Igreja.

Aqueles que acreditam sem pertencer

Não se consideram parte da instituição eclesial, vivem uma fé individualista e só se aproximam de situações vitais limitadas ou de celebrações predominantemente sociais. Alguns afirmam: "Eu acredito em Deus, mas não na Igreja". Em algum momento de suas vidas eles conheceram um evangelizador digital e, pouco a pouco, começaram a segui-lo. Estes evangelizadores do mundo digital, como verdadeiros pastores de um rebanho, têm vindo a forjar verdadeiras comunidades nas quais a fraternidade e a comunhão crescem. A falta de estruturas e hierarquias no espaço digital faz com que essas pessoas distantes pensem e sintam que ainda não pertencem à Igreja. Nem sempre conseguem passar do digital para o presencial. De qualquer forma, como o digital impulsiona e motiva face a face e como o Espírito de Deus está presente nos ambientes digitais, estes crentes podem aproximar-se da comunhão eucarística.

Aqueles que saíram por raiva ou tristeza

Por alguma razão, eles fizeram uma verdadeira e genuína renúncia à fé cristã.

O catolicismo e seus valores não fazem mais parte de seu universo cultural ou de suas escolhas. Eles têm uma fé "adormecida". Embora eles ainda acreditem que Deus existe, eles escolheram se afastar da Igreja por causa da raiva com um membro dela, por causa do anti-testemunho de seus membros ou por causa de um sofrimento muito grande que os levou a se distanciar de Deus. Com a proximidade de um evangelizador digital, reencontram-se com aquele Deus que nunca negaram completamente. Assim, esses afastados começam a descobrir, pouco a pouco, outra Igreja na qual não se sentem estranhos. De novo, com a graça de Deus, começa a tecer-se o caminho de regresso à instituição eclesial e a presencialidade.

Aqueles que foram rejeitados e discriminados

São aqueles que dizem que querem pertencer, mas muitas vezes não são tidos em conta pela instituição eclesial porque estão divorciados numa segunda união, por causa da sua orientação sexual, pela sua posição perante o valor da vida humana... em suma, porque «sentem que não se encaixam» numa instituição que lhes pede um modo de vida ao qual não estão dispostos. Então um duplo movimento é provocado: eles se excluem e são excluídos. Muitos deles puderam ser recebidos em comunidades que povoam o espaço digital. Alguns não têm fé e outros vivem uma fé "à la carte". Uma coisa é muito certa: eles não são indiferentes e manifestam explícitos ou implicitamente a necessidade de serem recebidos e aceitos. Eles desafiam o evangelizador digital a um ensinamento permanente da verdade com caridade, como Jesus com a mulher samaritana no poço de Jacó (Jo 4, 5- 28).

Irreligiosidade, ateus e agnósticos e aqueles que nunca receberam o Anúncio

Eles são talvez os mais distantes entre os distantes. Os primeiros vivem pacificamente na indiferença religiosa. Talvez eles nunca tenham recebido o anúncio. Ateus e agnósticos têm uma posição mais ponderada. Eles se movem entre a indiferença e a crítica à Igreja. A esfera eclesial digital às vezes recebe sua crítica e indiferença, assim como as outras esferas eclesiais. Em outras ocasiões, através da ação de Deus e do serviço dos missionários digitais, eles descobrem ali um caminho de Primeiro Anúncio que desperta neles a fé.

b) SÍNTESE:

O Sínodo digital teve como objetivo ouvir de forma "criteriosa". Chegou também aos que estão distantes e aos que não se sentem representados na Igreja, e foi muito bem recebido. A participação foi realizada de diversas formas, digitais e presenciais, síncronas e assíncronas. Membros de outras denominações cristãs participaram, também da comunidade LGBTIQ+, do movimento feminista, dos não crentes, do campo da arte e da cultura, dos movimentos de cidadãos, dos comunicadores digitais, das pessoas com deficiência. Alcançar entre si uma escuta ativa a partir do respeito pelas diferenças, sendo reflexo e exemplo da construção conjunta do caminho sinodal. Como resultado das conversas realizadas, destacam-se os seguintes aspectos:

Diálogo respeitoso: O Sínodo digital promoveu o diálogo, a escuta e o respeito, gerando espaços de confiança para compartilhar opiniões diversas. Os participantes valorizaram-no como um caminho de crescimento pessoal e comunitário, no qual se

sentiram protagonistas do processo sinodal e desafiados a ser agentes de mudança.

Sair ao encontro: Os membros da Igreja que promovem o diálogo aberto no mundo digital são valorizados. No entanto, é apontada a falta de compreensão e escuta por parte de alguns evangelizadores, o que é um obstáculo à sua aproximação à Igreja, devido à tendência de julgar aqueles que não compartilham a mesma fé e pensamento. A necessidade de serem recebidos e aceitos se manifestou, porque eles se sentem marginalizados.

Escuta a todos: os jovens que estão longe sentem em comum que a Igreja não presta a devida atenção ou não escuta suficientemente certos grupos. Consideram que ainda não é um espaço acolhedor para quem vem de caminhos diferentes. Eles vêem a escuta como uma mera "prática cristã", mas não corresponde à realidade e é apontado que muitas vezes a Igreja pretende evangelizar sem diálogo e não há comunicação horizontal.

Acolhida real: Há uma divergência na percepção da atitude da Igreja: nas redes sociais parece acolhedora, mas no face a face não é percebido da mesma forma. Observa-se que há uma falta de capacitação para o acompanhamento daqueles que sofrem discriminação. O testemunho de um jovem com atração pelo mesmo sexo ilustra esse problema: "A igreja me diz oficialmente que eu só sou bem-vindo se... Isso é uma verdadeira boas-vindas?"

Linguagem renovada: A linguagem usada pela Igreja é considerada institucional e unidirecional, o que torna difícil de entender para aqueles que não estão familiarizados com os termos eclesiais. Sugere-se adaptar a linguagem para torná-la mais humana, respeitosa e inclusiva da realidade cotidiana. Propõe-se atualizar e profissionalizar os formatos digitais. O testemunho de um jovem menciona: "Se a Igreja é como um pai... Os jovens preferem conversar com os amigos."

Conflitos no digital: A relação entre os crentes nas redes sociais é vista como conflituosa por aqueles que não praticam religião. Eles consideram que a fé é frequentemente usada para fins pessoais, refletindo fanatismo ou ressentimento. Grupos que se aproveitam da diferença para descartar outras crenças e atacar a outra. Essa atitude não contribui para a construção de pontes de diálogo.

Participação das mulheres: Algumas observam uma presença significativa de mulheres cristãs no digital, outras expressam a necessidade de uma mudança real para uma maior inclusão das mulheres em posições de liderança. A restrição da liberdade das mulheres tem sido observada em algumas congregações.

Ação social: Num contexto de grande dinamismo, a Igreja permanece estagnada e demasiado afastada da vida e das necessidades actuais da sociedade. A falta de coerência entre as palavras e as ações da Igreja é questionada por alguns que desejam ver o que é pregado praticado. Eles convidam a Igreja a promover iniciativas em favor dos mais pobres e necessitados, incentivando o voluntariado e as atividades com os jovens no campo digital.

AS CONTRIBUIÇÕES DE UMA ANÁLISE QUANTITATIVA

Durante o discernimento, uma abordagem qualitativa/quantitativa complementar foi utilizada. A dimensão quantitativa sintetiza muitas palavras e complementa expressões qualitativas, referentes a realidades complexas. Esta análise ajudou-nos a conhecer a percepção dos participantes sobre o que já foi alcançado na esfera digital em relação aos temas do Sínodo. Dado que as classificações numéricas permaneceram em ou acima de 4/8, concluímos que, em geral, os participantes percebem que, no ambiente digital, a Igreja está basicamente tendo um bom desempenho nas questões levantadas pelo Sínodo. A ordenação dos tópicos do menor ao mais alto grau de realização nos leva a descobrir nuances que complementam a reflexão feita pelos participantes e é sintetizada no corpo deste trabalho. Para os quadros, ver apêndice (pg. 22).

Celebração e espiritualidade no ambiente digital

Observou-se a necessidade de estudar e aprofundar as questões relacionadas às celebrações litúrgicas digitais. A sensibilidade eucarística está presente e é visível nos âmbitos digitais. Percebe- se que várias iniciativas são promovidas em torno da adoração eucarística, tanto presencial quanto digital, para alcançar aqueles que não podem comparecer.

Ouvir os abandonados e excluídos. Unidade dos cristãos:

Essa audição foi baixa. No entanto, nas respostas qualitativas, muitos missionários apontaram que, precisamente, as redes são espaços onde os excluídos – pelo menos por razões de orientação sexual, diferenças com a Igreja ou status de casal – se sentem mais bem-vindos. Talvez esta baixa resposta quantitativa aponte mais para a exclusão da pobreza e do fosso digital, onde ainda há muito a fazer.

Quanto à unidade dos cristãos, esta avaliação depende dos países onde se encontram os missionários; quanto mais interconfessional for a sociedade, especialmente se as igrejas recém- criadas coexistirem, mais essa questão emerge como uma prioridade. Em sociedades católicas em grande parte secularizadas, esse aspecto não se destaca por sua importância percebida.

A opção pelos jovens, pessoas com deficiência e a defesa da vida:

Foi o mais criticado do questionário, pois colocou em um único item três aspectos muito diferentes, de modo que a validade da média pode ser reduzida. Os jovens são o público majoritário nas redes sociais, e ali mesmo eles são encontrados e podem ser ouvidos. O mesmo acontece com as pessoas com certos tipos de deficiência (motora e mental, talvez não visual): nas redes elas encontram um espaço de socialização e diálogo mais amigável do que no ambiente presencial. Por outro lado, a defesa da vida é um sujeito em si que não pode ser avaliado a partir das respostas numéricas somadas aos outros dois temas. Há missionários que são muito sensíveis a esta questão e muitos outros que mal a tocam.

Respeito intercultural e diálogo entre as comunidades católicas:

A partir da dimensão quantitativa, esses argumentos são percebidos como relativamente altos no ambiente digital. Devemos compreendê-lo à luz das respostas

qualitativas: os missionários expressam a importância atribuída ao cuidado de não ferir sensibilidades nos diferentes tipos de posições e comunidades dentro da Igreja. Trata-se, portanto, de uma conquista que ainda está em curso. Por outro lado, no ambiente digital – como um lugar de certo modo "profético" – há uma redução do clericalismo, uma maior corresponsabilidade entre os fiéis, qualquer que seja o seu papel, e uma presença feminina muito mais visível e de qualidade. Muitos comentários, além da avaliação numérica, foram a esse respeito. O ambiente digital é percebido como uma área de missão, com maior liberdade e flexibilidade para implantar a ação da Igreja, sem os rótulos associados aos diferentes ministérios.

CONCLUSÕES

Propor e projetar

Após a escuta/visão/contemplação da primeira fase do Sínodo, os evangelizadores digitais abordaram nesta segunda etapa os temas, que são sinteticamente desenvolvidos no corpo deste trabalho. Nesta conclusão, oferecemos as seguintes propostas. Para isso, usamos três linhas globalizantes que articulam as principais conclusões do discernimento realizado.

Fazendo o distante fechar

A eclesiologia de Francisco e, portanto, a sua proposta pastoral convida-nos a passar de um ministério pastoral autorreferencial, sedentário e estático para outro aberto, itinerante e extático, concretizando assim aquele processo missionário permanente que quer ir a todos e chegar aos últimos, aos esquecidos que Deus não esquece. Na linguagem de Francisco: trata-se de alcançar as periferias geográficas e existenciais. "*A Igreja é chamada a sair de si mesma e para as periferias: as do mistério do pecado, as da dor, as da injustiça, as da ignorância e da dispensação religiosa, as de toda a miséria*".

Na segunda fase do Sínodo ouvimos um grito: *devemos aproximar o distante*. O mundo digital permitiu superar as distâncias de diferentes geografias e horários para realizar o discernimento comunitário e ampliar os horizontes do Sínodo.

A digitalidade permite reduzir as distâncias entre crentes e não crentes, entre sacerdotes e fiéis... Permite relações de maior igualdade e ajuda a encurtar as distâncias geracionais. A capacidade missionária que se encontra nas redes ajuda a chegar aonde normalmente não era possível, favorecendo assim a proximidade da Igreja com as pessoas e com as novas realidades que estão a ser vividas.

É uma proximidade que recebe, inclui e abraça muitos que sofrem e que estão longe. Hoje, quando uma das maiores crises da Igreja é a ausência de missionários que compartilham um Jesus próximo, muitos missionários/evangelizadores digitais estão criativamente comprometidos em levar Jesus às periferias que, mesmo tantas vezes sem saber, têm fome e sede d'Ele e de Sua Mensagem. Esta proximidade é uma expressão da cultura do encontro para a qual Francisco nos convida.

Pensando a "pastoral digital"

Na missão evangelizadora da Igreja, configuraram-se as diferentes pastorais (educativas, catequéticas, familiares, urbanas etc.). Hoje vemos a existência dos espaços digitais como "locus", indo além da mera concepção de "instrumentalidade". Assim, este "lugar" é espontaneamente habitado por crentes e não crentes e por evangelizadores/missionários digitais que desempenham a sua missão nestes espaços. A universalidade da Igreja reflete-se também nas redes sociais e noutros espaços digitais. Esta "pastoral digital" torna-se tanto mais necessária quanto a realidade da missão/evangelização nas redes é muitas vezes realizada sem o devido acompanhamento, formação e orientação, com o risco de erros e distorções.

O discernimento da segunda fase do Sínodo convida-nos, portanto, a pensar num ministério pastoral digital. Isso envolve descobrir e reconhecer que ela existe, de fato, e age. O Espírito Santo também sopra fortemente nas redes e nos espaços digitais. Como um Pentecostes renovado, pensar no ministério pastoral digital é experimentar uma Igreja que alarga a sua tenda e que, por isso, deixa de falar numa linguagem monocultural para uma escuta dialógica com a múltipla expressão intercultural da diversidade. Pensar na pastoral digital é fruto do discernimento.

A Igreja é chamada à conversão pastoral, a fim de produzir uma nova expressão na pastoral digital e contribuir para uma maior organicidade e fecundidade evangelizadora numa nova realidade cultural. Assim, na comunhão e na participação, favorecer-se-ia a corresponsabilidade entre a Igreja hierárquica e os evangelizadores digitais, que se perceberiam como parte de um todo e mais próximos dos Bispos, dos sacerdotes e de outros agentes pastorais da Igreja.

Pensar na pastoral digital também nos chama a acompanhar e formar missionários/evangelizadores que desempenhem sua missão em ambientes digitais. Eles e as suas comunidades pedem este acompanhamento e formação, especialmente os mais jovens, que procuram viver a sua amizade com o Senhor, numa sincera conversão do coração. Uma formação profunda e atraente na fé e, ao mesmo tempo, que tenha em conta que, para os jovens, a belezaix é um valor. *"As diversas formas de beleza que são valorizadas em diferentes esferas culturais, e mesmo aqueles modos não convencionais de beleza, que podem ser de pouca importância para os evangelizadores, mas que se tornaram particularmente atraentes para os outros"* (EG 167).

Crie redes

Em muitas ocasiões, os evangelistas digitais estão sozinhos com sua comunidade. Não só pela falta de relacionamento com outras pastorais, mas também pela falta de vínculos com outras comunidades no espaço digital. Os jovens valorizam especialmente as redes como um espaço de encontro. Procuram sentir-se parte dela, expressam a necessidade de uma resposta, de saber que o que dizem é ouvido. É necessário ajudá-los a fazer a experiência eclesial da comunicação e da comunhão. Transcenda sua pequena comunidade para conhecer outras comunidades que habitam o mesmo espaço.

As redes sociais e outros ambientes digitais, que tornam o distante próximo, têm todo o potencial para facilitar o encontro. Tecendo redes, as comunidades, que são acompanhadas por evangelizadores digitais, podem demonstrar mais claramente a sua condição de comunidade eclesial. Há também a Igreja que evangeliza e torna possível o fluxo da Vida da Graça em abundância naqueles espaços.

Caminho para a comunhão, a participação e a missão

Conversão pastoral: Com os missionários digitais, afirmamos que tentamos realizar a experiência de uma Igreja sinodal no caminho para a conversão. Com eles, também reconhecemos que ainda há um longo caminho a percorrer. O Espírito de Deus impele-nos e ajuda-nos na conversão pessoal e comunitária a prosseguir num caminho de comunhão, de participação e de missão.

Periferias existenciais: O Sínodo Digital chegou aos jovens e aos distantes. São precisamente os jovens que podem ajudar grandemente a Igreja a descobrir a potencialidade do espaço digital como ambiente evangelizador, sobretudo através da criação de redes. Portanto, é necessário ter uma presença mais ativa da Igreja no espaço digital, acompanhando mais de perto os evangelizadores digitais. Este é um grande apelo à Igreja, especialmente aos Pastores.

Cultura sinodal: No caminho da conversão, que continuamos a percorrer, a Igreja tem a oportunidade de continuar a crescer na sinodalidade. As comunidades eclesiais, que habitam o espaço digital, são chamadas também a construir uma cultura sinodal nas suas próprias esferas. É uma Igreja única que, com diferentes linguagens pastorais e diferentes, quer chegar a todos, com a Graça de Deus, livremente manifestada em Jesus Cristo.

Presença divina: O ambiente digital é um espaço onde o Espírito também pode se manifestar. É um espaço que pode tocar vidas e, como tudo o que é humano acolhe o divino, também no espaço digital, a mulher e o homem de hoje podem encontrar-se com Deus e sentir-se convidados a iniciar o caminho rumo à comunhão eucarística. O digital empurra e acompanha em direção ao presencial.

Novo Pentecostes: Maria e os Apóstolos reunidos no Cenáculo, à chegada do Espírito, abriram as portas para anunciar o *Kerigma* e foram compreendidos por todos nas suas próprias línguas. Os missionários digitais devem, com o poder do Espírito, penetrar nas culturas em suas línguas para proclamar o querigma.

"Mas não esqueçamos
que este caminhar
juntos e reconhecer-
nos em comunhão
uns com os outros no
Espírito Santo implica
uma mudança, um
crescimento que só se
pode verificar, como
escreveu Bento XVI,
«a partir do encontro
íntimo com Deus."

(Papa Francisco)

XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

INSTRUMENTUM LABORIS

PARA A PRIMEIRA SESSÃO

(OUTUBRO DE 2023)

ABREVIATURAS

AA	CONCÍLIO VATICANO II, Decr. *Apostolicam actuositatem* (18 de novembro de 1965)
AG	CONCÍLIO VATICANO II, Decr. *Ad gentes* (7 de dezembro de 1965)
CA	SÃO JOÃO PAULO II, Cart. Enc. *Centesimus annus* (1° de maio de 1991)
CL	SÃO JOÃO PAULO II, Exort. Ap. Post-Sinod. *Christifideles laici* (30 de dezembro de 1988)
CV	FRANCISCO, Exort. Ap. Post-Sinod. *Christus vivit* (25 de março de 2019)
DP	SECRETERIA GERAL DO SÍNODO, P*ara uma Igreja sinodal. Comunhão, participação, missão. Documento Preparatório* (2021)
DEC	SECRETERIA GERAL DO SÍNODO, *Para uma Igreja sinodal. Comunhão, participação, missão. «Alarga o espaço da tua tenda» (Is 54,2). Documento de Trabalho para a Etapa Continental* (2022)
DV	CONCÍLIO VATICANO II, Const. Dogm. *Dei Verbum* (18 de novembro de 1965)
EC	FRANCISCO, Const. Ap. *Episcopalis communio* (15 de setembro de 2018)
EG	FRANCISCO, Exort. Ap. *Evangelii gaudium* (24 de novembro de 2013)
FT	FRANCISCO, Cart. Enc. *Fratelli tutti* (3 de outubro de 2020)
GS	CONCÍLIO VATICANO II, Const. Past. *Gaudium et spes* (7 de dezembro de 1965)
IL	*Instrumentum Laboris*
LG	CONCÍLIO VATICANO II, Const. Dogm. *Lumen gentium* (21 de novembro de 1964)
PE	FRANCISCO, Const. Ap. *Praedicate Evangelium* (19 de março de 2022)
SC	CONCÍLIO VATICANO II, Const. *Sacrosanctum Concilium* (4 de dezembro de 1963)
UR	CONCÍLIO VATICANO II, Decr. *Unitatis redintegratio* (21 de novembro de 1964)

"O caminho para a unidade dos cristãos e o caminho de conversão sinodal da Igreja estão ligados."

(Papa Francisco)

Sumàrio

Prefácio 5

O percurso até agora

Um instrumento de trabalho para a segunda fase do percurso sinodal

A estrutura do texto

A. Para uma Igreja sinodal. Uma experiência integral 11

A 1. Os sinais característicos de uma Igreja sinodal

A 2. Um caminho para a Igreja sinodal: o diálogo no Espírito

B. Comunhão, missão, participação. Três questões prioritárias para a Igreja sinodal 19

B 1. Uma comunhão que irradia. Como podemos ser mais plenamente sinal e instrumento da união com Deus e da unidade do gênero humano?

B 2. Corresponsáveis na missão. Como partilhar dons e tarefas ao serviço do Evangelho?

B 3. Participação, responsabilidade e autoridade. Que processos, estruturas e instituições numa Igreja sinodal missionária?

Fichas de trabalho para a assembleia sinodal

Introdução 26

Fichas para B 1. Uma comunhão que irradia

B 1.1 Como é que o serviço da caridade e o empenho na justiça e no cuidado da casa comum alimentam a comunhão numa Igreja sinodal?

B 1.2 Como pode uma Igreja sinodal tornar credível a promessa de que «o amor e a verdade se encontrarão» (Sl 85,11)?

B 1.3 Como pode crescer uma relação dinâmica de troca de dons entre Igrejas?

B 1.4 Como pode uma Igreja sinodal cumprir melhor a sua missão através de um compromisso ecumênico renovado?

B 1.5 Como reconhecer e colher a riqueza das culturas e desenvolver o diálogo com as religiões à luz do Evangelho?

Fichas para B 2. Corresponsáveis na missão

B 2.1 Como podemos caminhar juntos para uma consciência comum do sentido e do conteúdo da missão?

B 2.2 O que fazer para que uma Igreja sinodal seja também uma Igreja missionária "toda ministerial"?

B 2.3 Como pode a Igreja do nosso tempo cumprir melhor a sua missão através de um maior reconhecimento e promoção da dignidade batismal das mulheres?

B 2.4 Como valorizar o Ministério ordenado, na sua relação com os Ministérios batismais, numa perspetiva missionária?

B 2.5 Como renovar e promover o Ministério do Bispo numa perspetiva sinodal missionária?

Fichas para B 3. Participação, responsabilidade e autoridade

B 3.1 Como renovar o serviço da autoridade e o exercício da responsabilidade numa Igreja sinodal missionária?

B 3.2 Como podemos desenvolver práticas de discernimento e processos de tomada de decisão de uma forma autenticamente sinodal, reforçando o papel de liderança do Espírito?

B 3.3 Que estruturas podem ser desenvolvidas para consolidar uma Igreja sinodal missionária?

B 3.4 Como configurar instâncias de sinodalidade e colegialidade envolvendo agrupamentos de igrejas locais?

B 3.5 Como se pode reforçar a instituição do Sínodo para que seja uma expressão da colegialidade episcopal numa Igreja totalmente sinodal?

"E o Sínodo em curso é — e deve ser — um caminho segundo o Espírito: não um parlamento para reclamar direitos e exigências à maneira das agendas de trabalho no mundo, nem ocasião de se deixar levar ao sabor de qualquer vento. Mas o Sínodo é uma oportunidade para ser dóceis ao sopro do Espírito."

(Papa Francisco)

Prefácio

«O Deus da constância e da consolação vos conceda toda a união nos mesmos sentimentos, uns com os outros, segundo a vontade de Cristo Jesus. Assim, tendo como que um só coração e a uma só voz, glorificareis o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo»
(Rm 15,5-6)

O percurso até agora

1. O Povo de Deus está em movimento desde 10 de outubro de 2021, quando o Papa Francisco convocou toda a Igreja para o Sínodo. Partindo do seu nível mais vital e elementar, as igrejas locais em todo o mundo iniciaram a consulta ao Povo de Deus, começando com a pergunta básica formulada no n. 2 do DP: «**como se realiza hoje, a diferentes níveis (do local ao universal) aquele "caminhar juntos" que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada; e que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal?**». Os frutos da consulta foram recolhidos a nível diocesano e, em seguida, resumidos e enviados aos Sínodos das Igrejas Católicas Orientais e às Conferências Episcopais. Por sua vez, cada um destes elaborou uma síntese que foi encaminhada à Secretaria Geral do Sínodo.

2. A partir da leitura e análise dos documentos recolhidos, foi elaborado o DEC, a serviço de uma etapa que representa um novo passo no processo sinodal em curso. O DEC foi devolvido às Igrejas locais em todo o mundo, convidando-as a confrontarem-se com ele e, em seguida, a se reunirem e dialogarem nas sete Assembleias continentais. Durante esse período, o trabalho do Sínodo digital também continuou. O objetivo era concentrar-se nas percepções e tensões que ressoavam mais fortemente com a experiência da Igreja em cada continente e identificar, a partir da perspectiva de cada continente, as prioridades a serem abordadas na Primeira Sessão da Assembleia sinodal de outubro de 2023.

3. **Este IL foi elaborado com base em todo o material recolhido durante a fase de escuta e, em particular, nos documentos finais das Assembleias continentais**. A sua publicação encerra a primeira fase do Sínodo, «Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão», e abre a segunda, composta pelas duas sessões[1] nas quais ocorrerá a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (outubro de 2023 e 2024). O seu objetivo será continuar a animar o processo na vida ordinária da Igreja, identificando em quais linhas o Espírito nos convida a caminhar com mais determinação como Povo de Deus. O fruto que pedimos para a próxima Assembleia é que o Espírito inspire a Igreja a caminhar junto como o Povo de Deus em fidelidade à missão que o Senhor lhe

[1] Doravante, por uma questão de brevidade e salvo indicação em contrário, as expressões "Assembleia" e "Assembleia Sinodal" referem-se à sessão de outubro de 2023, ao serviço da qual este IL é colocado.

confiou. De fato, o objetivo do processo sinodal «não é produzir documentos, mas abrir horizontes de esperança para o cumprimento da missão da Igreja» (DEC 6).

4. **O percurso até agora, incluindo especialmente a etapa continental, possibilitou identificar e partilhar as situações particulares vividas pela Igreja em diferentes regiões do mundo**. Estas incluem a realidade do excesso de guerras que mancham o nosso mundo com sangue, levando a um apelo para um compromisso renovado pela construção de uma paz justa; a ameaça representada pela mudança climática que implica uma prioridade necessária de cuidar da casa comum; um sistema econômico que produz exploração, desigualdade e uma cultura do descarte; a pressão homogeneizadora do colonialismo cultural que esmaga as minorias; experiência de sofrer perseguição até ao martírio e emigração que progressivamente esvaziam as comunidades, ameaçando a sua própria sobrevivência; o crescente pluralismo cultural que atualmente marca todo o planeta; a experiência de comunidades cristãs que representam minorias dispersas dentro do país em que vivem; experiência de lidar com uma secularização cada vez mais avançada e, por vezes, agressiva, que parece considerar a experiência religiosa irrelevante, mas onde permanece a sede pela Boa Nova do Evangelho. Em muitas regiões, as igrejas são profundamente afetadas pela crise causada por várias formas de abuso: sexual, de poder e de consciência, económicos e institucionais. Estas são feridas abertas, cujas consequências ainda não foram totalmente tratadas. Ao pedido de perdão dirigido às vítimas pelos sofrimentos causados, a Igreja deve unir um compromisso crescente de conversão e de reforma, a fim de evitar que situações semelhantes voltem a acontecer no futuro.

5. É nesse contexto, diversificado mas com características globais comuns, que aconteceu o percurso sinodal. À Assembleia Sinodal também será pedido ouvir profundamente as situações nas quais a Igreja vive e realiza sua missão: o que significa caminhar juntos somente ganha a sua urgência missionária quando é perguntado num contexto específico, com pessoas e situações reais em mente. Está em jogo a capacidade de proclamar o Evangelho caminhando juntamente com os homens e as mulheres de nosso tempo, onde quer que estejam, e praticando a catolicidade que emerge do caminhar junto com as igrejas que vivem em condições de sofrimento particular (cf. LG 23).

6. Na Assembleia Sinodal, trazemos os frutos colhidos durante a fase de escuta. Em primeiro lugar, **experimentamos a alegria expressa no encontro sincero e respeitoso entre irmãos e irmãs na fé: encontrar-se com o outro é encontrar o Senhor que está no meio de nós!** Assim, pudemos tocar com nossas próprias mãos a catolicidade da Igreja, que, na variedade de idades, sexos e condições sociais, manifesta uma riqueza extraordinária de carismas e vocações eclesiais, e é guardiã de um tesouro de diferenças de idiomas, culturas, expressões litúrgicas e tradições teológicas. De fato, essa rica diversidade é o dom de cada Igreja local para todas as outras (cf. LG 13), e a dinâmica sinodal é uma maneira de apreciar e aprimorar essa rica diversidade sem esmagá-la em uniformidade. Da mesma forma, descobrimos que há questões partilhadas, mesmo que a sinodalidade seja vivenciada e compreendida de várias maneiras em diferentes partes

do mundo, com base numa herança comum da Tradição apostólica. Parte do desafio da sinodalidade é discernir o nível em que é mais apropriado abordar cada questão. Certas tensões são igualmente partilhadas. Não nos devemos assustar com elas, nem tentar resolvê-las a qualquer custo, mas sim nos envolver num discernimento sinodal contínuo. Somente dessa forma essas tensões se podem tornar fontes de energia e não cair em polarizações destrutivas.

7. A primeira fase renovou a nossa consciência de que a **nossa identidade e vocação é nos tornarmos uma Igreja cada vez mais sinodal**: caminhar juntos, ou seja, tornar-se sinodal é o caminho para nos tornarmos verdadeiramente discípulos e amigos daquele Mestre e Senhor que disse de si mesmo: «Eu sou o caminho» (Jo 14,6). Também hoje constitui um desejo profundo: **tendo experimentado isso como um dom, queremos continuar a fazê-lo, conscientes de que este caminho se realizará no último dia**, quando, pela graça de Deus, nos tornaremos parte daquela multidão assim descrita no Apocalipse: «Vi uma multidão imensa, que ninguém podia contar, gente de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam de pé diante do trono e do Cordeiro; vestiam túnicas brancas e traziam palmas na mão. Todos proclamavam com voz forte: "A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro"» (Ap 7,9-10). Esse texto nos dá a imagem de uma Igreja na qual reina a perfeita comunhão entre todas as diferenças que a compõem, diferenças essas que são mantidas e unidas na única missão que ainda precisa ser cumprida: participar da liturgia de louvor que, de todas as criaturas, por meio de Cristo, se eleva ao Pai na unidade do Espírito Santo.

8. À intercessão destas irmãs e destes irmãos, que já estão vivendo a plena comunhão dos santos (cf. LG 50), e especialmente àquela que é a primeira em suas fileiras (cf. LG 63), Maria, Mãe da Igreja, confiamos o trabalho da Assembleia e a continuação de nosso compromisso com uma Igreja sinodal. Pedimos que a Assembleia seja um momento de efusão do Espírito, mas, mais ainda, que **a graça nos acompanhe quando chegar o momento de colocar seus frutos em ação na vida cotidiana das comunidades cristãs em todo o mundo**.

Um instrumento de trabalho para a segunda fase do processo sinodal

9. As novidades que marcam o Sínodo 2021-2024 são inevitavelmente refletidas no significado e na dinâmica da Assembleia Sinodal e, portanto, na estrutura do *Instrumentum Laboris* (IL) que está ao serviço da sua realização. Em particular, a longa fase preparatória já levou à produção de uma multiplicidade de documentos: DP, sínteses das Igrejas locais, DEC e Documentos finais das Assembleias continentais. Dessa forma, foi estabelecido um circuito de comunicação entre as Igrejas locais e entre estas e a Secretaria Geral do Sínodo. O atual IL não anula os documentos anteriores nem absorve toda a sua riqueza, mas está enraizado neles e se refere continuamente a eles: na preparação para a Assembleia, **pede-se aos Membros do Sínodo que tenham em mente os documentos anteriores, em particular o DEC e os Documentos finais das**

Assembleias dontinentais, bem como o relatório do Sínodo digital, e que os utilizem como ferramentas para seu próprio discernimento. Em particular, os Documentos finais das Assembleias continentais são particularmente valiosos por manterem a realidade concreta dos diferentes contextos e os desafios colocados por cada um deles: o trabalho comum da Assembleia sinodal não pode prescindir deles. Os muitos recursos reunidos na seção dedicada do site do Sínodo 2021-2024, www.synod.va, também podem ser úteis, em particular a Const. Ap. *Episcopalis communio* e os dois documentos da Comissão Teológica Internacional, *Sinodalidade na vida e missão da Igreja* (2018) e *O sensus fidei na vida da Igreja* (2014).

10. Dada a abundância de material já disponível, o IL foi concebido como um auxílio prático para a condução da Assembleia Sinodal em outubro de 2023 e, portanto, para a sua preparação. Ainda mais válido para o IL é a descrição dada ao DEC: «não é um documento do Magistério da Igreja, nem o relatório de um inquérito sociológico; não oferece a formulação de indicações operativas, de metas e objetivos, nem a completa elaboração de uma visão teológica» (n. 8). Isso é inevitável, uma vez que o IL faz parte de um processo inacabado. No entanto, o IL dá um passo além do DEC, baseando-se nas percepções da primeira fase e agora no trabalho dos Assembleias continentais, **articulando algumas das prioridades que surgiram ao ouvir o Povo de Deus**, mas evita apresentá-las como afirmações ou posições. Em vez disso, **ele as expressa como perguntas dirigidas à Assembleia sinodal**. Este órgão terá a tarefa de discernir os passos concretos que possibilitam o crescimento contínuo de uma Igreja sinodal, passos que depois submeterá ao Santo Padre. Só então se completará essa dinâmica particular de escuta, na qual «cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o "Espírito da verdade" (Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele "diz às Igrejas" (Ap 2, 7)»[2]. Assim sendo, o objetivo do IL não é ser um primeiro esboço do Documento Final da Assembleia Sinodal, apenas para ser corrigido ou emendado. Em vez disso, delineia uma compreensão inicial da dimensão sinodal da Igreja, com base na qual um discernimento posterior pode ser feito. Os Membros da Assembleia Sinodal são os principais destinatários do IL, que também é tornado público não apenas por motivos de transparência, mas como uma contribuição para a implementação de iniciativas eclesiais. Em particular, pode incentivar a participação na dinâmica sinodal ao nível local e regional, enquanto se aguarda o resultado da Assembleia de outubro. Isso fornecerá mais material sobre o qual as Igrejas locais serão chamadas a orar, refletir, agir e dar a sua própria contribuição.

11. As perguntas que o IL apresenta são uma expressão da riqueza do processo do qual foram extraídas: elas trazem a marca dos nomes e rostos particulares daqueles que participaram e testemunham a experiência de fé do Povo de Deus, revelando assim a realidade de uma experiência transcendente. Desse ponto de vista, indicam um horizonte em direção ao qual somos convidados a viajar com confiança, aprofundando a prática

[2] FRANCISCO, *Discurso para a comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015 (cf. DP 15).

sinodal da Igreja. **A primeira fase nos permite compreender a importância de tomar a igreja local como um ponto de referência privilegiado**[3]**, como o lugar teológico onde os Batizados experimentam, em termos práticos, o caminhar juntos**. Entretanto, isso não nos leva a um fechamento. Nenhuma igreja local pode viver fora dos relacionamentos que a unem a todas as outras, incluindo o relacionamento particular com a Igreja de Roma, à qual foi confiado o serviço da unidade por meio do ministério de seu Pastor, que convocou toda a Igreja em Sínodo.

12. Esse foco nas igrejas locais exige que se tenha em conta a variedade e diversidade de culturas, idiomas e modos de expressão. Em particular, as mesmas palavras – pensemos, por exemplo, em autoridade e liderança – podem ter ressonâncias e conotações muito diferentes em diferentes áreas linguísticas e culturais, especialmente quando, em alguns contextos, um termo está associado a precisas abordagens teóricas ou ideológicas. O IL se esforça por evitar a linguagem que fomente a divisão, na esperança de promover um melhor entendimento entre os membros da Assembleia sinodal que vêm de diferentes regiões ou tradições. A visão do Vaticano II é o ponto de referência partilhado, a partir da catolicidade do Povo de Deus, em virtude da qual «cada uma das partes traz às outras e a toda a Igreja os seus dons particulares, de maneira que o todo e cada uma das partes aumentem pela comunicação mútua entre todos e pela aspiração comum à plenitude na unidade, [...] sem detrimento do primado da cátedra de Pedro, que preside à universal assembleia da caridade, protege as legítimas diversidades e vigia para que as particularidades ajudem a unidade e de forma alguma a prejudiquem» (LG 13). Essa catolicidade se realiza na relação de mútua interioridade entre a Igreja universal e as Igrejas locais, nas quais e a partir das quais «existe a Igreja católica, una e única» (LG 23). O processo sinodal, que na primeira fase se desenrolou nas Igrejas locais, está agora na sua segunda fase, com a realização das duas sessões da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.

A estrutura do texto

13. Este IL está dividido em duas seções, que correspondem à articulação das tarefas das Assembleias continentais (e, portanto, aos conteúdos dos relativos Documentos finais): em primeiro lugar, proceder a uma releitura do caminho percorrido durante a primeira fase, a fim de identificar o que a Igreja de cada continente aprendeu com a experiência sobre a maneira de viver a dimensão sinodal ao serviço da missão; em seguida, discernir as ressonâncias produzidas nas Igrejas locais do continente pela comparação com o DEC, a fim de identificar as prioridades sobre as quais continuar o discernimento durante a Assembleia Sinodal.

14. **A Seção A do IL**, intitulada «Para uma Igreja sinodal», procura reunir os frutos do caminho percorrido até agora. Em primeiro lugar, **delineia uma série de**

[3] A expressão «Igreja local» aqui indica o que o Código de Direito Canônico chama de «Igreja particular».

características fundamentais ou marcas distintivas de uma Igreja sinodal. Em seguida, articula a consciência de que uma Igreja sinodal também é marcada por uma maneira particular de proceder. De acordo com o resultado da primeira fase, o diálogo no Espírito é essa maneira de proceder. Sobre os frutos desta releitura a Assembleia será convidada a reagir com o objetivo de os esclarecer e precisar. **A Seção B deste IL**, intitulada «Comunhão, missão, participação»[4], **articula, na forma de três perguntas, as prioridades que emergem do trabalho de todos os continentes**, apresentando-as ao discernimento da Assembleia. A fim de auxiliar o processo de trabalho da Assembleia sinodal, especialmente os trabalhos em grupo (*Circuli Minores*), são propostas cinco folhas de trabalho para cada uma das três prioridades, permitindo que sejam abordadas a partir de diferentes perspectivas.

15. As três prioridades da seção B, desenvolvidas por meio das respectivas Fichas de trabalho, abrangem tópicos amplos de grande relevância. Muitos poderiam ser objeto de todo um Sínodo, e alguns já o foram. Em vários casos, as intervenções do Magistério também são numerosas e bem definidas. Durante a Assembleia, elas não podem ser tratadas extensivamente nem, acima de tudo, devem ser consideradas independentemente umas das outras. Em vez disso, elas devem ser abordadas a partir da sua relação com o real tema dos trabalhos, ou seja, a Igreja sinodal. Por exemplo, as referências à urgência de dedicar atenção adequada às famílias e aos jovens não têm o objetivo de estimular um novo tratamento do ministério da família ou dos jovens. O seu objetivo é ajudar a focar como a implementação das conclusões das Assembleias sinodais de 2015 e 2018 e as orientações das Exortações Apostólicas Pós-sinodais subsequentes, *Amoris laetitia* e *Christus vivit*, representa uma oportunidade de caminharmos juntos como uma Igreja capaz de acolher e acompanhar, aceitando as mudanças necessárias nas regras, estruturas e procedimentos. O mesmo se aplica a muitas outras questões que emergem nas Fichas de trabalho.

16. O compromisso solicitado à Assembleia e a seus Membros será o de **manter um equilíbrio dinâmico entre manter uma visão geral**, que caracteriza a seção A, **e a identificação de medidas práticas a serem tomadas** de forma concreta e oportuna, que é o foco da seção B deste texto. Disso dependerá a fecundidade do discernimento da Assembleia sinodal, cuja tarefa será abrir toda a Igreja para acolher a voz do Espírito Santo. Uma inspiração para esse trabalho pode vir da reflexão sobre a articulação da Const. Past. *Gaudium et Spes*, que «consiste em duas partes», diferentes em caráter e foco, mas que se tornam «um todo unificado» (GS, nota de rodapé 1).

[4] A seção B oferecerá as razões para a inversão da ordem com relação ao subtítulo do Sínodo: cf. *infra* n. 44

A. Para uma Igreja Sinodal

Uma experiência integral

«Há diversidade de carismas, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; há diversidade de atividades, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito para o bem comum»
(1Cor 12,4-7)

17. Um traço comum que une as descrições das etapas da primeira fase: é a surpresa expressa pelos participantes que se encontraram perante algo inesperado que superou as suas expectativas. Para quem participa, **oo processo sinodal oferece uma oportunidade de encontro na fé que faz crescer o vínculo com o Senhor, a fraternidade entre as pessoas e o amor pela Igreja**, não apenas ao nível individual, mas envolvendo e dinamizando toda a comunidade. A experiência é a de um horizonte de esperança que se abre para a Igreja, um sinal claro da presença e da ação do Espírito que a guia através da história no seu caminho rumo ao Reino (cf. LG 5): «**O protagonista do Sínodo é o Espírito Santo**»[5]. Desta forma, quanto mais intensamente foi aceite o convite para caminhar juntos, mais o Sínodo se tornou um caminho no qual o Povo de Deus prossegue com entusiasmo, mas sem ingenuidade. De fato, os problemas, as resistências, as dificuldades e as tensões não são escondidos ou dissimulados, mas identificados e nomeados graças a um contexto de diálogo autêntico que permite falar e ouvir com liberdade e sinceridade. Questões que muitas vezes são colocadas de maneira adversa, ou para as quais a vida da Igreja hoje carece de um lugar de aceitação e discernimento, podem ser abordadas de maneira evangélica dentro do processo sinodal.

18. Um termo tão abstrato ou teórico como sinodalidade começou assim a encarnar-se numa experiência concreta. A partir da escuta do Povo de Deus, surge uma apropriação e uma compreensão progressivas da sinodalidade "a partir de dentro", que não deriva da enunciação de um princípio, de uma teoria ou de uma fórmula, mas se desenvolve a partir de uma disposição para entrar numa dinâmica de palavra construtiva, respeitosa e orante, de escuta e diálogo. Na raiz desse processo está a aceitação, tanto pessoal como comunitária, de algo que é tanto um dom quanto um desafio: ser uma Igreja de irmãs e irmãos em Cristo que se escutam mutuamente e que, ao fazê-lo, são gradualmente transformados pelo Espírito.

[5] FRANCISCO, *Momento de reflexão para o início do percurso sinodal*, 9 de outubro de 2021.

A 1. Os sinais característicos de uma Igreja sinodal

19. Dentro desta compreensão integral, surge a consciência de certas características ou sinais distintivos de uma Igreja sinodal. Estas são convicções partilhadas sobre as quais nos devemos debruçar e refletir juntos ao empreendermos um caminho que continuará a clarificá-las e a precisá-las, a partir do trabalho da Assembleia sinodal.

20. É isso que emerge com grande força de todos os continentes: a consciência de que **uma Igreja sinodal se funda no reconhecimento da dignidade comum derivada do Batismo, que torna todos os que o recebem filhos e filhas de Deus, membros da família de Deus e, portanto, irmãos e irmãs em Cristo, habitados pelo único Espírito e enviados para cumprir uma missão comum.** Na linguagem de Paulo, «todos nós – judeus e gregos, escravos e homens livres – fomos batizados num só Espírito, para sermos um só corpo e a todos nos foi dado a beber um só Espírito» (1Cor 12,13). Assim, o Batismo cria uma verdadeira corresponsabilidade entre todos os membros da Igreja, que se manifesta na participação de todos, com os carismas de cada um, na missão da Igreja e na edificação da comunidade eclesial. **Uma Igreja sinodal não pode ser entendida senão no horizonte da comunhão, que é sempre também uma missão** de proclamar e encarnar o Evangelho em todas as dimensões da existência humana. A comunhão e a missão se nutrem da participação comum na Eucaristia, que faz da Igreja um corpo «ajustado e unido» (Ef 4,16) em Cristo, capaz de caminhar em conjunto rumo ao Reino.

21. Enraizado nessa consciência está o desejo de **uma Igreja que também seja cada vez mais sinodal em suas instituições, estruturas e procedimentos**, de modo a constituir um espaço no qual a dignidade batismal comum e a corresponsabilidade pela missão não sejam apenas afirmadas, mas exercidas e praticadas. Nesse espaço, o exercício da autoridade na Igreja é apreciado como um dom, com o desejo de que seja cada vez mais configurado como «um verdadeiro serviço, significativamente chamado "diaconia" ou ministério na Sagrada Escritura» (LG 24), seguindo o modelo de Jesus, que se abaixou para lavar os pés de seus discípulos (cf. Jo 13,1-11).

22. «**Uma Igreja sinodal é uma Igreja que escuta**»[6]: esta consciência é fruto da experiência do caminho sinodal, que é uma escuta do Espírito por meio da escuta da Palavra, da escuta dos acontecimentos da história e da escuta mútua como indivíduos e entre as comunidades eclesiais, desde o nível local até os níveis continental e universal. Para muitos, a grande surpresa foi a experiência de serem ouvidos pela comunidade, em alguns casos pela primeira vez, recebendo assim o reconhecimento de seu valor humano único, que testemunha o amor do Pai por cada um de seus filhos e filhas. A experiência de ouvir e ser ouvido desta forma não serve apenas a uma função prática, mas também tem uma profundidade teológica e eclesial, pois segue o exemplo de como Jesus ouviu as pessoas que encontrou. Este estilo de ouvir precisa marcar e transformar todos os relacionamentos que a comunidade cristã estabelece entre seus

[6] FRANCISCO, *Discurso por ocasião da comemoração do 50.º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015.

membros, bem como com outras comunidades religiosas e com a sociedade como um todo, especialmente em relação àqueles cuja voz é mais frequentemente ignorada.

23. Como Igreja comprometida em ouvir, **uma Igreja sinodal deseja ser humilde e sabe que deve pedir perdão e que tem muito a aprender**. Alguns relatórios observaram que o caminho sinodal é necessariamente penitencial, reconhecendo que nem sempre vivemos a dimensão sinodal constitutiva da comunidade eclesial. O rosto da Igreja hoje traz os sinais de graves crises de confiança e de credibilidade. Em muitos contextos, crises relacionadas com abusos sexuais e abusos de poder, dinheiro e consciência levaram a Igreja a um exigente exame de consciência para que, «sob a ação do Espírito Santo, não cesse de se renovar» (LG 9), num caminho de arrependimento e conversão que abre percursos de reconciliação, cura e justiça.

24. **Uma Igreja sinodal é uma Igreja do encontro e do diálogo**. No caminho que percorremos, esse aspecto da sinodalidade emerge com força especial em relação a outras Igrejas e Comunidades eclesiais, às quais estamos unidos pelo vínculo de um só Batismo. O Espírito, que é «o princípio da unidade da Igreja» (UR 2), está atuando nessas Igrejas e Comunidades eclesiais e nos convida a trilhar caminhos de conhecimento mútuo, de partilha e construção de uma vida comum. A nível local, emerge com força a importância do que já está sendo feito em conjunto com membros de outras Igrejas e Comunidades eclesiais, especialmente como um testemunho comum em contextos socioculturais que são hostis até o ponto da perseguição - este é o ecumenismo do martírio - e perante a emergência ecológica. Em todos os lugares, em sintonia com o Magistério do Concílio Vaticano II, emerge o profundo desejo de aprofundar o caminho ecumênico: uma Igreja autenticamente sinodal não pode deixar de envolver todos aqueles que partilham o único Batismo.

25. **Uma Igreja sinodal** é chamada a praticar a cultura do encontro e do diálogo com os fiéis de outras religiões e com as culturas e sociedades nas quais está inserida, mas, acima de tudo, entre as muitas diferenças que atravessam a própria Igreja. Esta Igreja **nnão tem medo da variedade que comporta, mas a valoriza sem forçá-la à uniformidade**. O processo sinodal tem sido uma oportunidade de começar a aprender o que significa viver a unidade na diversidade, um ponto fundamental a ser explorado, confiando que o caminho se tornará mais claro à medida que avançarmos. Portanto, **uma Igreja sinodal promove a passagem do "eu" para o "nós"**. É um espaço no qual ressoa uma chamada para sermos membros de um corpo que valoriza a diversidade, mas que é unificado pelo Espírito. É o Espírito que nos impele a ouvir o Senhor e a responder-lhe como um povo ao serviço da missão única de proclamar a todas as nações a salvação oferecida por Deus em Cristo Jesus. Isso acontece numa grande diversidade de contextos: ninguém é solicitado a deixar o seu próprio contexto, mas sim a entendê-lo e a entrar nele mais profundamente. Regressando a esta visão após a experiência da primeira fase, a sinodalidade aparece, antes de tudo, como um dinamismo que anima comunidades locais concretas. Passando para o nível mais universal, este impulso abrange todas as dimensões e realidades da Igreja, num movimento de catolicidade autêntica.

26. Vivida numa diversidade de contextos e culturas, a sinodalidade prova ser uma dimensão constitutiva da Igreja desde a sua origem, mesmo que ainda esteja em processo de realização. De fato, ela pressiona para ser implementada cada vez mais plenamente, expressando uma chamada radical à conversão, à mudança, à oração e à ação que é para todos. Neste sentido, **uma Igreja sinodal é aberta, acolhedora e abraça a todos**. Não há fronteira que este movimento do Espírito não sinta dever ultrapassar, para atrair todos ao seu dinamismo. A natureza radical do cristianismo não é prerrogativa de algumas vocações específicas, mas a chamada para construir uma comunidade que viva e dê testemunho de uma maneira diferente de entender o relacionamento entre as filhas e os filhos de Deus, uma maneira que incarne a verdade do amor, que se baseie no dom e na gratuidade. A chamada radical é, portanto, para construirmos juntos, sinodalmente, uma Igreja atraente e concreta: uma Igreja em saída, na qual todos se sintam bem-vindos.

27. Ao mesmo tempo, **uma Igreja sinodal confronta, honesta e destemidamente, o chamado para uma compreensão mais profunda da relação entre o amor e a verdade**, de acordo com o convite de São Paulo: «testemunhando a verdade no amor, em tudo cresçamos para Cristo, que é a cabeça. É por Ele que o corpo inteiro, bem ajustado e unido por meio de toda a espécie de articulações que o sustentam, realiza o seu crescimento, de acordo com a atividade própria de cada membro, a fim de se edificar a si próprio no amor» (Ef 4,15-16). Para incluir autenticamente todos, é necessário entrar no mistério de Cristo, permitindo ser formado e transformado pela maneira como ele viveu a relação entre amor e verdade.

28. **Característica de uma Igreja sinodal é a capacidade de administrar as tensões sem ser esmagada por elas**, experimentando-as como um impulso para aprofundar o modo como a comunhão, a missão e a participação são vividas e compreendidas. A sinodalidade é um caminho privilegiado de conversão, porque reconstitui a Igreja na unidade: cura suas feridas e reconcilia a sua memória, acolhe as diferenças que comporta e a redime das divisões que se inflamam, permitindo-lhe assim encarnar mais plenamente sua vocação de ser «em Cristo, [..] como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano» (LG 1). A escuta autêntica e a capacidade de encontrar maneiras de continuar caminhando juntos para além da fragmentação e da polarização são indispensáveis para que a Igreja permaneça viva e vital e seja um sinal poderoso para as culturas de nosso tempo.

29. **Tentar caminhar juntos também nos coloca em contato com a saudável inquietação da incompletude**, com a consciência de que ainda há muitas coisas cujo peso não somos capazes de carregar (cf. Jo 16,12). Isso não é um problema a ser resolvido, mas sim um dom a ser cultivado. Estamos diante do inesgotável e santo mistério de Deus e devemos permanecer abertos às suas surpresas enquanto caminhamos pela história em direção ao Reino (cf. LG 8). Isto também se aplica às questões que o processo sinodal trouxe à tona. Como primeiro passo, elas exigem escuta e atenção, sem pressa de oferecer soluções imediatas.

30. Carregar o peso destas questões não deve ser o fardo pessoal daqueles que ocupam certos papéis, com o risco de serem esmagados por elas, mas uma tarefa para toda a comunidade, cuja vida relacional e sacramental é frequentemente a resposta imediata mais eficaz. **É por isso que uma Igreja sinodal se nutre incessantemente na fonte do mistério que celebra na liturgia**, «a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde dimana toda a sua força» (SC 10), e em particular na Eucaristia.

31. Uma vez que a ansiedade do limite é superada, a inevitável incompletude de uma Igreja sinodal e a prontidão de seus membros para abraçar as suas vulnerabilidades se tornam o espaço para a ação do Espírito, que nos convida a reconhecer os sinais de sua presença. É por isso que **uma Igreja sinodal é também uma Igreja do discernimento**, na riqueza de significados que esse termo assume dentro das diferentes tradições espirituais. A primeira fase permitiu que o Povo de Deus começasse a experimentar o discernimento por meio da prática do diálogo no Espírito. Ao ouvir atentamente a experiência vivida por cada um de nós, crescemos em respeito mútuo e começamos a discernir os movimentos do Espírito de Deus na vida dos outros e na nossa própria vida. Dessa forma, começamos a prestar mais atenção «ao que o Espírito diz às Igrejas» (Ap 2,7), no compromisso e na esperança de nos tornarmos uma Igreja cada vez mais capaz de tomar decisões proféticas que sejam fruto da orientação do Espírito.

A 2. Um caminho de proceder para a Igreja sinodal: o diálogo no Espírito

32. Em todos os continentes, houve o reconhecimento da fecundidade do método aqui chamado de "diálogo no Espírito", adotado durante a primeira fase e referido em alguns documentos como "conversação espiritual" ou "método sinodal" (cf. figura na pág. 16).

33. Em seu sentido etimológico, o termo "diálogo" não indica uma troca genérica de ideias, mas uma dinâmica na qual a palavra pronunciada e ouvida gera familiaridade, permitindo que os participantes se aproximem uns dos outros. A especificação "no Espírito" identifica o autêntico protagonista: o desejo dos que conversam tende a ouvir a Sua voz e, na oração, eles se abrem à ação livre d'Aquele que, como o vento, sopra onde quer (cf. Jo 3,8). Gradualmente, o diálogo entre irmãos e irmãs na fé abre espaço para o consenso, ou seja, para a concordância conjunta com a voz do Espírito. Não se trata de um diálogo no Espírito se não houver um passo adiante numa direção precisa, muitas vezes inesperada, que aponte para uma ação concreta.

34. Nas igrejas locais que a praticaram durante a primeira fase, **o diálogo no Espírito foi "descoberto" como proporcionando a atmosfera que torna possível o partilhar das experiências de vida e o espaço para o discernimento numa Igreja sinodal**. Nos Documentos finais das Assembleias continentais, é descrito como um

momento pentecostal, como uma oportunidade de experimentar ser Igreja e passar da escuta de nossos irmãos e irmãs em Cristo para a escuta do Espírito, que é o autêntico protagonista, e ser enviado em missão por Ele. Ao mesmo tempo, por meio desse método, a graça da Palavra e da Eucaristia se torna uma realidade sentida, atualizada e transformadora, que atesta e realiza a iniciativa pela qual o Senhor Jesus se faz presente e ativo na Igreja. Cristo nos envia em missão e nos reúne à volta de si para dar graças e glória ao Pai no Espírito Santo. Por isso, de todos os continentes vem o pedido de que esse método possa animar e informar cada vez mais a vida cotidiana das Igrejas.

35. O diálogo no Espírito faz parte de uma longa tradição de discernimento eclesial, que produziu uma pluralidade de métodos e abordagens. Seu preciso valor missionário deve ser enfatizado. Essa prática espiritual nos permite passar do "eu" para o "nós": ela não perde de vista ou apaga a dimensão pessoal do "eu", mas a reconhece e a insere na dimensão comunitária. Dessa forma, permitir que os participantes falem e ouçam torna-se uma expressão de liturgia e oração, na qual o Senhor se faz presente e nos atrai para formas cada vez mais autênticas de comunhão e discernimento.

36. No Novo Testamento, há inúmeros exemplos desse modo de conversar. **Um exemplo paradigmático é o relato do encontro do Senhor ressuscitado com os dois discípulos de Emaús** (cf. Lc 24,13-35 e a explicação dada em CV 237). Como demonstra a sua experiência, o diálogo no Espírito constrói a comunhão e traz dinamismo missionário: os dois, de fato, regressam à comunidade que tinham deixado para partilhar a proclamação pascal de que o Senhor ressuscitou.

37. Na sua realidade concreta, **o diálogo no Espírito pode ser descrito como uma oração partilhada em vista do discernimento comunitário**, para o qual os participantes se preparam por meio de reflexão e meditação pessoal. Oferecem uns aos outros o dom de uma palavra meditada, alimentada pela oração, e não uma opinião improvisada na hora. **A dinâmica entre os participantes articula três etapas fundamentais. A primeira é dedicada a cada pessoa que toma a palavra**, partindo de sua própria experiência relida em oração durante o período de preparação. Os outros ouvem, sabendo que cada um tem uma contribuição valiosa a oferecer e se abstêm de debates ou discussões.

38. O silêncio e a oração ajudam a preparar a próxima etapa, na qual cada pessoa é convidada a abrir dentro de si um espaço para os outros e para o Outro. Mais uma vez, cada pessoa toma a palavra: não para reagir ou se opor ao que ouviu, reafirmando sua própria posição, mas para expressar o que, a partir de sua escuta, a tocou mais profundamente e o que a desafiou mais fortemente. **Os traços interiores que resultam da escuta das irmãs e dos irmãos são a linguagem com a qual o Espírito Santo faz ressoar sua própria voz**: quanto mais cada participante tiver sido nutrido pela meditação da Palavra e dos Sacramentos, crescendo em familiaridade com o Senhor, mais ele ou ela será capaz de reconhecer o som de Sua voz (cf. Jo 10,14.27), auxiliado também

pelo acompanhamento do Magistério e da teologia. Da mesma forma, quanto mais intencional e cuidadosamente os participantes atenderem à voz do Espírito, mais eles crescerão num sentido partilhado e aberto à missão.

39. A terceira etapa, novamente numa atmosfera de oração e sob a orientação do Espírito Santo, é **identificar os pontos-chave que surgiram e construir um consenso sobre os frutos do trabalho conjunto**, que cada pessoa considera fiel ao processo e pelo qual pode, portanto, sentir-se representada. Não basta elaborar um relatório enumerando os pontos mais mencionados. Em vez disso, é necessário discernimento, que também preste atenção às vozes marginais e proféticas e não ignore a importância dos pontos em que surgem discordâncias. O Senhor é a pedra angular que permitirá que a "construção" permaneça de pé e o Espírito, o mestre da harmonia, ajudará a passar da cacofonia para a sinfonia.

40. O percurso leva a uma oração de louvor a Deus e gratidão pela experiência realizada. «Quando vivemos a mística de nos aproximar dos outros com a intenção de procurar o seu bem, ampliamos o nosso interior para receber os mais belos dons do Senhor. **Cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, nos colocamos na condição de descobrir algo de novo sobre Deus**. Cada vez que os nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus» (EG 272). Em síntese, esta é a dádiva recebida por aqueles que se deixam envolver num diálogo no Espírito.

41. Em situações concretas, nunca é possível seguir esse padrão à risca. Em vez disso, ele deve ser sempre adaptado. Às vezes é necessário dar prioridade para que cada um tome a palavra e ouça os outros; noutras circunstâncias, para que se evidenciem os vínculos entre as diferentes perspectivas, em busca do que faz "nossos corações arderem" (cf. Lc 24:32); noutras ainda, para que se busque o consenso e se trabalhe em conjunto para identificar a direção em que o grupo ou a comunidade se sente chamada a seguir pelo Espírito. Mas, além das adaptações concretas apropriadas, a intenção e o dinamismo que unem as três etapas são e permanecem característicos do modo de proceder de uma Igreja sinodal.

42. Tendo em conta a importância do diálogo no Espírito para animar a experiência vivida pela Igreja sinodal, **a formação nesse método e, em particular, de facilitadores capazes de acompanhar as comunidades na sua prática, é percebida como uma prioridade em todos os níveis da vida eclesial** e para todos os Batizados, começando pelos Ministros ordenados, num espírito de corresponsabilidade e abertura para diferentes vocações eclesiais. A formação para o diálogo no Espírito é a formação para ser uma Igreja sinodal.

O diálogo no Espírito

Uma dinâmica de discernimento na Igreja Sinodal

PREPARAÇÃO PESSOAL

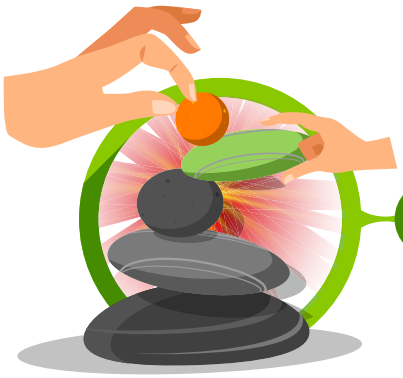
Confiandose ao Pai, dialogando em oração com o Senhor Jesus e escutando o Espírito Santo, cada um prepara sua própria contribuição sobre a questão para a qual foi chamado a discernir.

Silêncio, oracìon y escucha; de la Palabra de Dios

"Tomar a palavra e escutar"

Todos se revezam para falar de suas próprias experiências e orações, e ouvem atentamente a contribuição dos outros.

Silêncio e oração



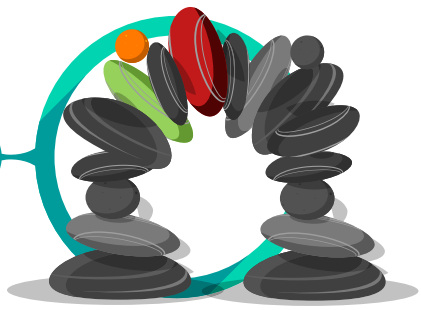
"Abrir espaço para os outros e para o Outro"

Cada um compartilha, a partir do que os outros disseram, o que mais ressoou com ele ou o que despertou mais resistência nele, permitindo que ele seja guiado pelo Espírito Santo: «*Quando, ao escutar, meu coração ardia em meu peito?*»

Silêncio e oração

"Construindo juntos"

Dialogamos juntos a partir do que surgiu anteriormente para discernir e colher os frutos da conversa no Espírito: reconhecendo percepções e convergências; identificando discordâncias, obstáculos e outras perguntas; permitindo o surgimento de vozes proféticas. É importante que todos possam se sentir representados pelo resultado do trabalho. "*Que passos o Espírito Santo está nos chamando a dar juntos?*"



Oração final de ação de graças

B. Comunhão, missão, participação

Três questões prioritárias para a Igreja Sinodal

«Como, num só corpo, temos muitos membros, cada qual com uma função diferente, assim nós, embora muitos, somos em Cristo um só corpo e, cada um de nós, membros uns dos outros»

(Rm 12,4-5)

43. Entre os frutos da primeira fase, e em particular das Assembleias continentais, também graças ao modo de proceder que acabámos de delinear, foram identificadas três prioridades que agora são propostas à Assembleia sinodal de outubro de 2023 para discernimento. Trata-se de desafios com os quais toda a Igreja deve se confrontar para dar um passo em frente e crescer no seu próprio ser sinodal a todos os níveis e a partir de uma pluralidade de perspectivas. Precisam ser abordados do ponto de vista da teologia e do direito canônico, bem como do ponto de vista do cuidado pastoral e da espiritualidade. Colocam em causa a maneira como as Dioceses fazem a programação, bem como as escolhas diárias e o estilo de vida de cada membro do Povo de Deus. São questões autenticamente sinodais porque abordá-las requer caminhar juntos como um povo, com todos os seus membros. As três prioridades serão ilustradas em conexão com as três palavras-chave do Sínodo: comunhão, missão e participação. Embora isso seja feito por uma questão de simplicidade e clareza de apresentação, corre-se o risco de apresentar as três palavras-chave como três "pilares" independentes uns dos outros. Em vez disso, na vida da Igreja sinodal, comunhão, missão e participação são articuladas, nutrindo-se e apoiando-se mutuamente. Vão sempre pensadas e apresentadas em chave de integração.

44. A ordem diferente em que os três termos aparecem, com a missão ocupando o lugar central, também está enraizada na consciência dos vínculos que os unem, que se desenvolveu durante a primeira fase. Em particular, **comunhão e missão se entrelaçam e se espelham mutuamente**, como já ensinava São João Paulo II: «A comunhão e a missão estão profundamente ligadas entre si, compenetram-se e integram-se mutuamente, a ponto de a comunhão representar a fonte e, simultaneamente, o fruto da missão: a comunhão é missionária e a missão é para a comunhão» (CL 32, retomado em EP I,4). Somos convidados a superar uma concepção dualista na qual as relações dentro da comunidade eclesial são o domínio da comunhão, enquanto a missão diz respeito ao movimento *ad extra*. A primeira fase, em vez disso, destacou como a comunhão é a condição para a credibilidade da proclamação, com base numa visão da XV Assembleia

Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, sobre *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*.[7] Ao mesmo tempo, há uma crescente consciência de que a orientação para a missão é o único critério evangelicamente fundado para a organização interna da comunidade cristã, para a distribuição dos papéis e das tarefas e para a gestão de suas instituições e estruturas. **É numa relação dupla com a comunhão e a missão que a participação pode ser entendida e, por essa razão, ela só pode ser abordada depois das outras duas**. Por um lado, ela lhes dá a expressão concreta: a atenção aos procedimentos, regras, estruturas e instituições permite que a missão seja consolidada ao longo do tempo e liberta a comunhão da mera extemporaneidade emocional. Por outro lado, ela recebe um significado, uma orientação e um dinamismo que lhe permitem escapar do risco de se transformar num frenesi de reivindicações de direitos individuais, que inevitavelmente causam fragmentação em vez de unidade.

45. Para acompanhar a preparação e a estrutura do trabalho da Assembleia, foram preparadas cinco Fichas de trabalho para abordar cada prioridade, que se encontram no final desta seção. Cada uma delas constitui um ponto de entrada para a prioridade em questão que, dessa forma, pode ser abordada a partir de perspectivas diferentes, mas complementares, relacionadas a diferentes aspectos da vida da Igreja que surgiram por meio do trabalho das Assembleias continentais. Em todos os casos, os três parágrafos que se seguem, aos quais correspondem os três grupos de Fichas de trabalho, não devem ser lidos como colunas paralelas e não comunicantes. Pelo contrário, são feixes de luz que iluminam a mesma realidade, ou seja, a vida sinodal da Igreja, a partir de diferentes pontos de vista, entrelaçando-se e invocando-se continuamente uns aos outros, convidando-nos ao crescimento.

B 1. Uma comunhão que irradia: Como podemos ser mais plenamente sinal e instrumento da união com Deus e da unidade do gênero humano?

46. A comunhão não é um encontro sociológico como membros de um grupo de identidade, mas é, acima de tudo, um dom do Deus Trinitário e, ao mesmo tempo, uma tarefa, que nunca se esgota, de construir o "nós" do Povo de Deus. Como as Assembleias continentais experimentaram, a comunhão entrelaça uma dimensão vertical, que *Lumen gentium* chama de «união com Deus», e uma horizontal, «a unidade de toda a humanidade», num forte dinamismo escatológico: a comunhão é um caminho na qual somos chamados a crescer, «para que todos cheguemos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao Homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo» (Ef 4,13).

47. Recebemos a antecipação deste momento na liturgia, o lugar onde a Igreja no seu caminho terreno experimenta a comunhão, a nutre e a edifica. Se a liturgia de fato «contribui em sumo grau para que os fiéis exprimam na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja» (SC 2), então é para ela que devemos olhar a fim de entender a vida sinodal da Igreja. Em primeiro

[7] Por exemplo, o parágrafo n. 128 do Documento Final afirma: «Portanto, não é suficiente ter estruturas, se não forem desenvolvidos relacionamentos autênticos dentro delas; na verdade, é a qualidade desses relacionamentos que evangeliza».

lugar, **é através da realidade cotidiana da ação litúrgica partilhada e, em particular, da celebração eucarística, que a Igreja experimenta a unidade radical, expressa na mesma oração**, mas numa diversidade de línguas e ritos: um ponto fundamental na chave sinodal. Deste ponto de vista, a multiplicidade de ritos na única Igreja Católica é uma autêntica bênção, a ser protegida e promovida, como também foi experimentado durante as liturgias dos Assembleias Continentais.

48. A Assembleia Sinodal não pode ser entendida como representativa e legislativa, em analogia com um organismo parlamentar, com a sua dinâmica de formação de maioria. Em vez disso, somos chamados a entendê-la por analogia com a assembleia litúrgica. A tradição antiga nos diz que um Sínodo é "celebrado": ele começa com a invocação do Espírito Santo, continua com a profissão de fé e chega a determinações partilhadas para garantir ou restabelecer a comunhão eclesial. Numa assembleia sinodal, Cristo se torna presente e age, transforma a história e os eventos diários e dá o Espírito para guiar a Igreja a encontrar um consenso sobre como caminhar juntos em direção ao Reino e ajudar toda a humanidade a seguir em direção a uma unidade maior. Caminhar juntos, ouvindo a Palavra e nossos irmãos e irmãs, ou seja, buscando a vontade de Deus e o acordo mútuo, leva à ação de graças ao Pai por meio do Filho no único Espírito. Na assembleia sinodal, aqueles que se reúnem em nome de Cristo escutam a sua Palavra, escutam-se uns aos outros, discernem em docilidade ao Espírito, proclamam o que ouviram e o reconhecem como luz para o caminho da Igreja.

49. Nessa perspectiva, a vida sinodal não é uma estratégia para organizar a Igreja, mas a experiência de poder encontrar uma unidade que abraça a diversidade sem apagá-la, porque está fundamentada na união com Deus, na confissão da mesma fé. Esse dinamismo possui uma força impulsionadora que busca continuamente ampliar o âmbito da comunhão, mas que deve contar com as contradições, os limites e as feridas da história.

50. A primeira questão prioritária que emergiu do processo sinodal está enraizada exatamente neste ponto. No concreto da nossa realidade histórica, preservar e promover a comunhão exige assumir a incompletude de ser capaz de viver a unidade na diversidade (cf. 1Cor 12). A história produz divisões, que causam feridas que precisam de ser curadas e exigem que sejam traçados caminhos para a reconciliação. Nesse contexto, **em nome do Evangelho, quais laços precisam de ser fortalecidos para superar trincheiras e muros, quais abrigos e proteções precisam de ser construídos, e para proteger a quem? Quais divisões são estéreis? Quando a gradualidade torna possível o caminho para a completa comunhão?** Essas parecem ser perguntas teóricas, mas estão enraizadas na vida cotidiana concreta das comunidades cristãs consultadas na primeira fase. De fato, elas dizem respeito à questão de saber se há limites para a nossa disposição de acolher pessoas e grupos, como dialogar com culturas e religiões sem comprometer nossa identidade e nossa determinação de ser a voz daqueles que estão à margem e reafirmar que ninguém deve ser deixado para trás. As cinco Fichas de trabalho referentes a essa prioridade tentam explorar essas questões a partir de cinco perspectivas complementares.

B 2. Corresponsáveis na missão: Como partilhar dons e tarefas ao serviço do Evangelho?

51. «A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária» (AG 2). A missão constitui o horizonte dinâmico a partir do qual devemos pensar sobre a Igreja sinodal, à qual ela confere um impulso em direção àquele "êxtase" «que consiste em sair de ti mesmo para buscares o bem dos outros, até dar a vida» (CV 163, cf. também FT 88). A missão permite que se reviva a experiência de Pentecostes: tendo recebido o Espírito Santo, Pedro com os Onze se levanta e toma a palavra para proclamar Jesus morto e ressuscitado aos que estão em Jerusalém (cf. Atos 2:14-36). A vida sinodal está enraizada no mesmo dinamismo: há muitos testemunhos que descrevem a experiência vivida na primeira fase nestes termos, e ainda mais numerosos são aqueles que vinculam sinodalidade e missão de maneira inseparável.

52. Numa Igreja que se define como sinal e instrumento da união com Deus e da unidade de toda a humanidade (cf. LG 1), o discurso sobre a missão se concentra na transparência do sinal e na eficácia do instrumento, sem os quais qualquer proclamação carece de credibilidade. A missão não é a comercialização de um produto religioso, mas a construção de uma comunidade na qual os relacionamentos são uma manifestação do amor de Deus e, portanto, cuja própria vida se torna uma proclamação. Nos *Atos dos apóstolos*, o discurso de Pedro é imediatamente seguido por um relato da vida da comunidade primitiva, na qual tudo se tornou uma ocasião de comunhão (cf. 2:42-47): isto lhe conferia capacidade de atração.

53. Nessa linha, **a primeira pergunta referente à missão questiona o que os membros da comunidade cristã estão realmente dispostos a ter em comum, partindo da singularidade irredutível de cada membro**, em virtude de seu relacionamento direto com Cristo no Batismo e como morada do Espírito. Isso torna preciosa e indispensável a contribuição de cada Batizado. Um dos motivos do sentimento de admiração observado durante a primeira fase está relacionado com esta possibilidade de contribuição: «Posso realmente oferecer algo?» Ao mesmo tempo, cada pessoa é convidada a assumir sua própria incompletude e, portanto, a consciência de que na plenitude da missão todos são necessários. Nesse sentido, a missão também tem uma dimensão constitutivamente sinodal.

54. Por isso, a segunda prioridade identificada por uma Igreja que se descobre missionária e sinodal diz respeito ao modo como é capaz de solicitar a contribuição de todos, cada um com seus dons e funções, valorizando a diversidade dos carismas e integrando a relação entre dons hierárquicos e carismáticos[8]. A perspectiva da missão coloca os carismas e os ministérios no horizonte do que é comum, salvaguardando assim a sua fecundidade, que fica comprometida quando estes se tornam prerrogativas que legitimam lógicas de exclusão. **Uma Igreja sinodal missionária tem o dever de se perguntar como pode reconhecer e valorizar a contribuição que cada Batizado pode oferecer à missão**, saindo de si mesma e participando junto com outros em algo maior. «Dar um contributo ativo para o bem comum da humanidade» (CA 34) é uma componente inalienável da dignidade da pessoa, também dentro da comunidade cristã.

[8] Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, Carta *Iuvenescit Ecclesia*, 15 de maio de 2016, 13-18.

A primeira contribuição que todos podem dar é no sentido de discernir os sinais dos tempos (cf. GS 4), a fim de manter a consciência de nossa missão comum em sintonia com o sopro do Espírito. Todos os pontos de vista têm algo a contribuir para esse discernimento, a começar pelo dos pobres e excluídos: caminhar junto com eles não significa apenas responder e assumir suas necessidades e sofrimentos, mas também aprender com eles. Essa é a maneira de reconhecer a sua igual dignidade, escapando das armadilhas do assistencialismo e antecipando, na medida do possível, a lógica dos novos céus e da nova terra, para os quais estamos caminhando.

55. As Fichas de trabalho vinculadas a essa prioridade tentam concretizar essa questão básica com relação a tópicos como o reconhecimento da variedade de vocações, carismas e ministérios, a promoção da dignidade batismal das mulheres, o papel do Ministério ordenado e, em particular, o ministério do Bispo dentro da Igreja sinodal missionária.

B 3. Participação, responsabilidade e autoridade. Que processos, estruturas e instituições numa Igreja sinodal missionária?

56. «Comunhão e missão correm o risco de permanecer termos meio abstratos, se não se cultiva uma práxis eclesial que se exprima em ações concretas de sinodalidade em cada etapa do caminho e da atividade, promovendo o efetivo envolvimento de todos e cada um»[9]. Essas palavras do Santo Padre nos ajudam a colocar a participação em relação aos outros dois temas. A participação acrescenta uma densidade antropológica ao caráter concreto da dimensão processual: ela expressa a preocupação com o florescimento dos seres humanos, ou seja, a humanização das relações no centro do projeto de comunhão e do compromisso com a missão. Ela salvaguarda a singularidade do rosto de cada um, buscando uma passagem para o "nós" que não absorva o "eu" no anonimato de uma coletividade indistinta. Ela evita cair na abstração dos direitos ou reduzir as pessoas a meros instrumentos para o desempenho da organização. A participação é essencialmente uma expressão de criatividade, uma forma de nutrir as relações de hospitalidade, acolhimento e capacitação que estão no centro da missão e da comunhão.

57. A partir da visão de participação integral apresentada acima, surge a terceira prioridade também abordada nas reuniões da etapa continental: **a questão da autoridade, seu significado e o estilo de seu exercício numa Igreja sinodal. Em particular, ela surge como uma forma de poder derivada de modelos mundanos ou está enraizada no serviço?** «Não será assim entre vós» (Mt 20,26; cf. Mc 10,43), diz o Senhor, que depois de lavar os pés dos discípulos os admoesta: «Dei-vos o exemplo, para que, assim como Eu vos fiz, vós façais também» (Jo 13,15). Na sua origem, o termo "autoridade" indica a capacidade de permitir que os outros cresçam e, portanto, é um serviço à singularidade de cada pessoa, apoiando a criatividade em vez de ser uma forma de controle que a bloqueia, e um serviço à criação da liberdade pessoal e não uma amarra que a restringe. Ligada a essa pergunta está uma segunda, carregada da preocupação com a concretização e a continuidade ao longo do tempo: **como podemos imbuir as nossas estruturas e instituições com o dinamismo da Igreja sinodal missionária?**

[9] FRANCISCO, *Momento de reflexão para o início do processo sinodal*, 9 de outubro de 2021.

58. Desta atenção deriva uma instância adicional, igualmente concreta, que visa justamente sustentar a dinâmica da participação ao longo do tempo. O tema da formação aparece em todos os documentos da primeira fase. Como as Assembleias continentais e, antes delas, os relatórios das igrejas locais enfatizaram repetidamente, **as instituições e estruturas por si só não são suficientes para tornar a Igreja sinodal: são necessárias uma cultura e uma espiritualidade sinodais, animadas por um desejo de conversão e sustentadas por uma formação adequada**. A necessidade de formação não se limita à atualização do conteúdo, mas tem um âmbito integral, afetando todas as capacidades e disposições da pessoa, inclusive a orientação para a missão, a capacidade de se relacionar e construir comunidades, a disponibilidade para a escuta espiritual e a familiaridade com o discernimento pessoal e comunitário, a paciência, a perseverança e a "parresia".

59. A formação é o meio indispensável para tornar o modo sinodal de proceder um modelo pastoral para a vida e a ação da Igreja. **Precisamos de formação integral, inicial e permanente, para todos os membros do Povo de Deus**. Nenhum Batizado se pode sentir alheio a esse compromisso e, portanto, é necessário estruturar propostas adequadas de formação no caminho sinodal dirigidas a todos os Fiéis. Em particular, portanto, quanto mais alguém é chamado a servir a Igreja, mais deve sentir a urgência da formação: Bispos, Presbíteros, Diáconos, Consagradas e Consagrados e todos aqueles que exercem um ministério precisam de formação para renovar os modos de exercer a autoridade e os processos de tomada de decisão em chave sinodal e para aprender a acompanhar o discernimento comunitário e a conversação no Espírito. Os candidatos ao Ministério ordenado precisam de ser treinados num estilo e mentalidade sinodais. A promoção de uma cultura de sinodalidade implica a renovação do atual currículo dos seminários e a formação de formadores e professores de teologia, de modo que haja uma orientação mais clara e decisiva para a formação numa vida de comunhão, missão e participação. A formação para uma espiritualidade sinodal está no centro da renovação da Igreja.

60. Numerosos contributos destacam a necessidade de um esforço semelhante para **renovar a linguagem usada pela Igreja**: na liturgia, na pregação, na catequese, na arte sacra, bem como em todas as formas de comunicação dirigidas tanto aos Fiéis quanto ao público em geral, inclusive pelos meios de comunicação novos e antigos. Sem rebaixar ou desvalorizar a profundidade do mistério que a Igreja proclama ou a riqueza de sua tradição, a renovação da linguagem deve, em vez disso, ter como objetivo tornar essas riquezas acessíveis e atraentes para os homens e mulheres do nosso tempo, em vez de ser um obstáculo que os mantém à distância. A inspiração do frescor da linguagem do Evangelho, a capacidade de inculturação que a história da Igreja demonstra e as experiências promissoras já em andamento, também no ambiente digital, nos convidam a prosseguir com confiança e resolução numa tarefa de importância crucial para a eficácia da proclamação do Evangelho, que é o objetivo ao qual aspira uma Igreja sinodal missionária.

Roma, 29 de maio de 2023
Memória da Santíssima Virgem, Maria, Mãe da Igreja

"Saiam pelas periferias
e tragam todos, todos,
todos, todos: sãos,
doentes, crianças
e adultos, bons e
pecadores. Todos"

(Papa Francisco)

"Devemos "rezar" as
obras e "realizar" a
oração. Deste modo,
estaremos em sintonia
com a missão de toda
a Igreja. Também
esta é a essência
da sinodalidade,
que nos faz sentir
protagonistas e
corresponsáveis pelo
"bem-estar" da Igreja,
para saber integrar as
diferenças e trabalhar
em harmonia eclesial."

(Papa Francisco)

XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

FICHAS DE TRABALHO PARA A ASSEMBLEIA SINODAL

(PRIMEIRA SESSÃO - OUTUBRO 2023)

Introdução

Se todo o IL «foi concebido como um auxílio prático para a condução da Assembleia sinodal em outubro de 2023 e, portanto, para a sua preparação» (n. 10), isto é particularmente verdadeiro para as Fichas de trabalho aqui apresentadas. Elas foram preparadas para facilitar o discernimento sobre as três «prioridades que emergem do trabalho de todos os continentes» (n. 14), com o objetivo de identificar os passos concretos a que nos sentimos chamados pelo Espírito Santo para crescer como Igreja sinodal. A apresentação das Fichas, a explicação da sua estrutura e as indicações sobre o modo de as utilizar requerem, portanto, antes de mais nada, situá-las na dinâmica dos trabalhos da Assembleia.

A dinâmica da Assembleia

A Assembleia tratará as questões colocadas pelo IL alternando convocações plenárias (*Congregationes Generales*) e trabalhos de grupo (sessões dos *Circuli Minores*), como previsto no art. 14 de EC.

Em particular, a Assembleia procederá à abordagem dos diferentes temas, pela ordem em que o IL os propõe. Começará por trabalhar na Seção A, «Por uma Igreja sinodal. Uma experiência integral» (nn. 17-42), com o objetivo de aprofundar as características fundamentais de uma Igreja sinodal, a partir da experiência de caminhada conjunta vivida pelo Povo de Deus nestes dois anos e recolhida nos documentos produzidos na primeira fase graças ao discernimento dos Pastores. A Assembleia é convidada a mover-se numa perspectiva integral, considerando a experiência do Povo de Deus como um todo e com a sua complexidade.

A Assembleia passará então a abordar as três questões prioritários que emergiram da fase de consulta e que são apresentados na Seção B do IL (nn. 43-60). A cada uma delas é dedicada uma das três partes em que se articula a Seção, «em conexão com as três palavras-chave do Sínodo: comunhão, missão e participação» (n. 43), com uma inversão da ordem de aparecimento dos três termos que é explicada no n. 44. Esta articulação corresponde à das Fichas de Trabalho, também elas divididas em três partes, cada uma das quais retoma o título da parte correspondente da Seção B, evidenciando assim o elo que as une:

- «B 1. Uma comunhão que irradia. Como podemos ser mais plenamente sinal e instrumento da união com Deus e da unidade do gênero humano?» (nn. 46-50);
- «B 2. Corresponsáveis na missão. Como partilhar dons e tarefas ao serviço do Evangelho?» (nn. 51-55);
- «B 3. Participação, responsabilidade e autoridade. Que processos, estruturas e instituições numa Igreja sinodal missionária?» (nn. 56-60).

Em particular, cinco Fichas de trabalho correspondem a cada uma das três prioridades: cada uma «constitui um ponto de entrada para a prioridade em questão que, dessa forma, pode ser abordada a partir de perspectivas diferentes, mas complementares, relacionadas a diferentes aspectos da vida da Igreja que surgiram por meio do trabalho das Assembleias continentais» (n. 45).

A organização dos trabalhos em etapas sucessivas não elimina o dinamismo que une as duas Seções: a experiência do Povo de Deus, abordada na perspectiva integral da Secção A, continua a representar o horizonte no qual se situa o tratamento das diversas questões colocadas na Secção B, que se enraízam nessa experiência. O esforço exigido à Assembleia será precisamente o de «manter um equilíbrio dinâmico entre manter uma visão geral [...] e a identificação de medidas práticas a serem tomadas» (n. 16): estes últimos dão concretude e profundidade aos primeiros, e recebem em troca uma visão prospectiva e uma coesão contra o risco de dispersão nos pormenores.

Por fim, o último segmento dos trabalhos da Assembleia será dedicado à recolha dos frutos, ou seja, concretamente à elaboração dos caminhos pelos quais continuar a caminhar juntos, prosseguindo a releitura da experiência do Povo de Deus e promovendo os necessários aprofundamentos, sobretudo teológicos e canônicos, em vista da segunda sessão da Assembleia Sinodal de outubro de 2024.

Ao longo de todo o percurso, a Assembleia procederá segundo o método do diálogo no Espírito (cf. nn. 32-42), devidamente adaptado. Assim, manterá uma ligação com o modo de proceder que caracterizou todo o processo sinodal (cf. figura na pág. 26), mas, sobretudo, experimentando-o diretamente, poderá focalizar melhor o modo como pode tornar-se parte da vida ordinária da Igreja e um modo de proceder partilhado para discernir a vontade de Deus.

Como utilizar as Fichas de trabalho

As Fichas de trabalho foram concebidas como uma ferramenta de trabalho para abordar as três questões prioritárias definidas na Seção B durante a Assembleia de Outubro de 2023. Não são, portanto, capítulos de um livro para serem lidos sucessivamente, nem pequenos ensaios sobre um tema. São "para serem trabalhados" e não "para serem lidos", no sentido em que oferecem um esboço para a oração e a reflexão pessoal em preparação para o intercâmbio em grupo e em plenário. Do mesmo modo, podem ser utilizados para encontros temáticos aprofundados, em estilo sinodal, a todos os níveis da vida da Igreja. Não se destinam a ser tratados em sucessão: cada um deve ser mantido junto com a parte da Seção B do IL a que corresponde, mas pode ser tratado independentemente de todos os outros.

As Fichas de trabalho têm todas a mesma estrutura: começam com uma rápida contextualização da questão expressa pelo título a partir do que surgiu na primeira fase. De seguida, formulam uma questão para discernimento. Por fim, oferecem algumas pistas, que articulam diversas perspectivas (teológica, pastoral, canônica, etc.),

dimensões e níveis (paróquia, diocese, etc.), mas sobretudo restituem a concretude dos rostos dos membros do Povo de Deus, dos seus carismas e ministérios, das questões que exprimiram durante a fase de escuta. A riqueza dos estímulos propostos em cada Ficha responde a uma necessidade de fidelidade à riqueza e variedade do que foi recolhido na consulta, sem fazer dela um questionário em que é necessário formular uma resposta a cada pergunta. Alguns estímulos serão particularmente estimulantes em certas regiões do mundo, outros em regiões diferentes. Cada um é convidado a privilegiar aquele ou aqueles sobre os quais sente que a experiência da "sua" Igreja tem maior riqueza para partilhar com os outros: será o seu contributo para o trabalho comum.

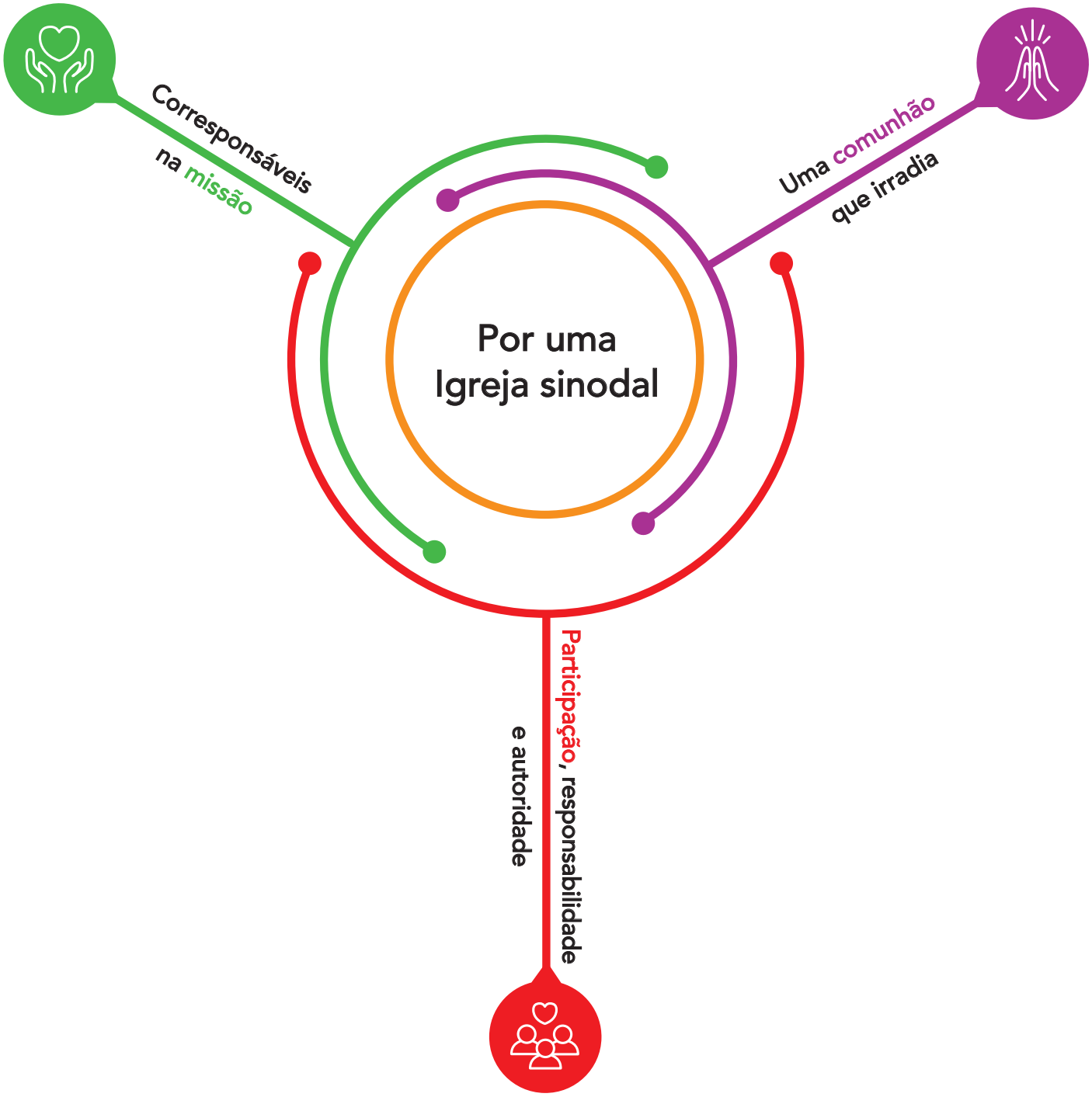
Cada ficha centra-se no tema indicado pelo título, tendo em conta o quadro de referência representado pelo IL, cujos conteúdos não são repetidos nem citados explicitamente. No entanto, representam a base do trabalho, juntamente com todos os documentos relativos à fase de consulta: «na preparação para a Assembleia, pede-se aos Membros do Sínodo que tenham em mente os documentos anteriores, em particular o DEC e os Documentos finais das Assembleias continentais, bem como o relatório do Sínodo digital, e que os utilizem como ferramentas para seu próprio discernimento» (n. 9). Não se trata, portanto, de começar do zero, mas de continuar um caminho já iniciado. É por esta razão, e também por evidentes razões de espaço, que as Fichas não oferecem um tratamento sistemático dos diversos temas, nem aprofundam tudo: o fato de o processo sinodal ter destacado alguns pontos como prioritários não significa que outros temas sejam menos importantes. Com base na consulta ao Povo de Deus, as questões propostas nas Fichas representam portas de entrada para abordar concretamente a questão fundamental que impulsiona e orienta todo o processo: «como se realiza hoje, a diferentes níveis (do local ao universal) aquele "caminhar juntos" que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada; e que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal?» (DP 2).

Há pontos de contato evidentes, e até sobreposições, entre as Fichas, mesmo em partes diferentes. No entanto, isto não é uma questão de repetição, uma vez que a edição teve em conta o fato de as Cartas terem sido concebidas para serem utilizadas independentemente umas das outras. Além disso, este fato realça a rica rede de interligações entre os temas abordados.

Algumas das questões que emergiram da consulta ao Povo de Deus dizem respeito a assuntos sobre os quais já existe um desenvolvimento magisterial e teológico a referir: para dar apenas dois exemplos, basta pensar na aceitação dos divorciados recasados, um assunto tratado na Exortação Ap. Pós-sinodal *Amoris laetitia*, ou a inculturação da liturgia, objeto da Instrução *Varietates legitimae* (1994) da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. O fato de continuarem a surgir questões sobre pontos deste gênero não pode ser descartado apressadamente, mas deve ser objeto de discernimento, e a Assembleia sinodal é um fórum privilegiado para o fazer. Em particular, há que investigar os obstáculos, reais ou aparentes, que impediram os passos indicados e o que é necessário fazer para os eliminar. Por exemplo, se o bloqueio resulta de uma falta geral de informação, será necessário um melhor esforço de comunicação. Se, por outro lado, se deve à dificuldade de captar as implicações dos documentos para

situações concretas ou de se reconhecer no que eles propõem, um caminho sinodal de apropriação efetiva dos conteúdos por parte do Povo de Deus poderia ser a resposta adequada. Outro caso seria quando o reaparecimento de uma questão é sinal de uma mudança de realidade ou da necessidade de um "transbordamento" da Graça, que exige voltar a interrogar o Depósito da fé e a Tradição viva da Igreja.

Será difícil que os trabalhos da primeira sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos cheguem à formulação de orientações conclusivas sobre muitos desses temas: por isso, o Santo Padre decidiu que a Assembleia sinodal se realizará em duas sessões. O objetivo da primeira sessão será sobretudo delinear caminhos de aprofundamento a realizar em estilo sinodal, indicando os temas a envolver e as modalidades de colher os benefícios, de modo a permitir que o discernimento se complete na segunda sessão, em outubro de 2024, elaborando as propostas concretas para crescer como Igreja sinodal a apresentar ao Santo Padre.


Corresponsáveis
na missão
Uma comunhão
que irradia
Por uma
Igreja sinodal
Participação, responsabilidade
e autoridade

Uma comunhão que irradia ..... B 1

Como podemos ser mais plenamente sinal e instrumento de união com Deus e da unidade do género humano?

B 1.1 Como é que o serviço da caridade e o empenho na justiça e no cuidado da casa comum alimentam a comunhão numa Igreja sinodal?

Várias direções são indicadas pelas Assembleias continentais para crescer como Igreja sinodal missionária:

a) Numa Igreja sinodal, os pobres, no sentido original de pessoas que vivem na pobreza e na exclusão social, ocupam um lugar central. São destinatários de cuidados, mas sobretudo são portadores de uma Boa Nova que toda a comunidade deve escutar: deles a Igreja tem, antes de mais nada, algo a aprender (cf. Lc 6,20; EG 198). Uma Igreja sinodal reconhece e valoriza o seu protagonismo.

b) O cuidado da casa comum requer uma ação compartilhada: a solução de muitos problemas, como as alterações climáticas, exige o empenho de toda a família humana. O cuidado da casa comum é já um lugar de intensas experiências de encontro e colaboração com membros de outras Igrejas e Comunidades eclesiais, com crentes de outras religiões e com homens e mulheres de boa vontade. Este empenho exige a capacidade de agir coerentemente a vários níveis: catequese e animação pastoral, promoção de estilos de vida, gestão dos bens da Igreja (patrimoniais e financeiros).

c) Os movimentos migratórios são um sinal do nosso tempo e «os migrantes são um "paradigma" capaz de iluminar o nosso tempo»[10]. A sua presença constitui um apelo a caminhar juntos, sobretudo quando se trata de fiéis católicos. Convida a criar laços com as Igrejas dos países de origem e representa uma oportunidade para experimentar a variedade da Igreja, por exemplo, através da diáspora das Igrejas Católicas Orientais.

d) Uma Igreja sinodal pode desempenhar um papel de testemunho profético num mundo fragmentado e polarizado, especialmente quando os seus membros se comprometem a caminhar juntos com outros cidadãos para a construção do bem comum. Em lugares marcados por profundos conflitos, isto requer a capacidade de ser agentes de reconciliação e artesãos da paz.

e) «Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres» (EG 187). Isto implica também a disponibilidade para tomar posição a seu favor no debate público, para dar voz às suas causas, para denunciar situações de injustiça e discriminação, sem cumplicidade com os seus responsáveis.

[10] XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. Documento Final, 27 de outubro de 2018, 25.

Pergunta para o discernimento

Caminhar juntos significa não deixar ninguém para trás e ser capaz de acompanhar os que têm mais dificuldades. Como podemos crescer na nossa capacidade de promover o protagonismo dos últimos na Igreja e na sociedade?

Sugestões para a oração e a reflexão preparatória

1) As obras de justiça e de misericórdia são uma forma de participação na missão de Cristo. Cada Batizado é, portanto, chamado a empenhar-se neste domínio. Como é que esta consciência pode ser despertada, cultivada e reforçada nas comunidades cristãs?

2) As desigualdades que marcam o mundo contemporâneo atravessam também o corpo da Igreja, separando, por exemplo, as Igrejas dos países ricos e pobres, ou as comunidades das zonas mais ricas e mais pobres de um mesmo país. Que instrumentos são necessários para podermos caminhar juntos entre as Igrejas para além destas desigualdades, experimentando uma autêntica circulação de dons?

3) Ao longo do caminho sinodal, que esforços foram feitos para dar espaço à voz dos mais pobres e integrar a sua contribuição? Que experiência as nossas Igrejas adquiriram no apoio ao protagonismo dos pobres? O que é que precisamos de fazer para os envolver cada vez mais na nossa caminhada conjunta, deixando que a sua voz questione a nossa maneira de fazer as coisas quando esta não é suficientemente inclusiva?

4) O acolhimento dos migrantes torna-se uma oportunidade para caminhar juntamente com pessoas de outra cultura, especialmente quando partilhamos a mesma fé? Que espaço têm as comunidades migrantes na pastoral ordinária? Como é que a diáspora das Igrejas Católicas Orientais é valorizada como uma oportunidade para experimentar a unidade na diversidade? Que vínculos se criam entre as Igrejas dos países de partida e as dos países de chegada?

5) A comunidade cristã sabe caminhar juntamente com toda a sociedade na construção do bem comum ou apresenta-se como um sujeito interessado em defender seus próprios interesses partidários? Consegue testemunhar a possibilidade de concórdia para além das polarizações políticas? Que instrumentos se dá para se capacitar para estas tarefas? Trabalhar para o bem comum exige a formação de alianças e coligações: que critérios de discernimento nos damos a este respeito? Como é que a comunidade acompanha os seus membros empenhados na política?

6) Que experiências de caminhar juntos para o cuidado da casa comum tivemos com pessoas, grupos e movimentos que não fazem parte da Igreja Católica? O que é que aprendemos? Em que ponto estamos a construir a coerência entre os diferentes níveis em que o cuidado da casa comum nos obriga a agir?

7) O encontro com os pobres e marginalizados e a possibilidade de caminhar juntamente com eles começa muitas vezes com a disponibilidade para escutar a sua vida. Faz sentido pensar em reconhecer um ministério específico de escuta e acompanhamento para aqueles que assumem este serviço? Como é que uma Igreja sinodal os pode formar e apoiar? Como pensar em reconhecer eclesialmente formas de empenhamento na construção de uma sociedade justa e no cuidado da casa comum que são vividas como resposta a uma vocação autêntica e como uma escolha também profissional?

Uma comunhão que irradia ..... B 1

Como podemos ser mais plenamente sinal e instrumento de união com Deus e da unidade do género humano?

B 1.2 Como pode uma Igreja sinodal tornar credível a promessa de que «o amor e a verdade se encontrarão» (Sl 85,11)?

A tentativa de compreender o que significa concretamente o acolhimento e o acompanhamento para a comunidade cristã foi um núcleo central das diferentes etapas da primeira fase.

O DEC escolheu a imagem bíblica da tenda que se alarga (cf. Is 54,2) para exprimir o apelo a ser uma comunidade bem enraizada e, portanto, capaz de se abrir. As Assembleias continentais, com base nas suas diferentes sensibilidades, propuseram outras imagens para articular a dimensão do acolhimento que faz parte da missão da Igreja: a Ásia ofereceu a imagem da pessoa que descalça os sapatos para atravessar a soleira da porta, como sinal de humildade para estar preparada para encontrar o outro e Deus; a Oceânia propôs a imagem do barco; a África insistiu na imagem da Igreja como família de Deus, capaz de oferecer pertença e acolhimento a todos os seus membros, em toda a sua variedade.

Por detrás desta diversidade de imagens, podemos encontrar uma unidade de objetivos: por toda a parte, a Igreja procura renovar a sua missão de ser uma comunidade acolhedora e hospitaleira, de encontrar Cristo naqueles que acolhe e de ser sinal da sua presença e anúncio credível da verdade do Evangelho na vida de todos. Trata-se da profunda necessidade de imitar o Mestre e Senhor também na capacidade de viver um aparente paradoxo: «proclamar com coragem o próprio ensinamento autêntico e ao mesmo tempo oferecer um testemunho de inclusão e acolhimento radicais» (DEC 30).

Sobre este ponto, o caminho sinodal foi uma oportunidade para um confronto profundo, com humildade e sinceridade. A surpresa é descobrir que o modo de proceder sinodal permite que as questões que surgem deste confronto sejam colocadas na perspetiva da missão, sem ficarem paralisadas, alimentando a esperança de que o Sínodo seja um catalisador para esta renovação da missão e impulsione a reparação do tecido relacional da Igreja.

A preocupação de ser capaz de uma aceitação autêntica exprime-se numa pluralidade de direções, muito diferentes umas das outras e não coplanares:

a) os Documentos finais das Assembleias continentais mencionam frequentemente aqueles que não se sentem aceites na Igreja, como os divorciados e recasados, as pessoas em casamentos polígamos ou as pessoas LGBTQ+;

b) constatam igualmente que as formas de discriminação racial, tribal, étnica, de classe ou de casta, também presentes no Povo de Deus, levam alguns a sentirem-se menos importantes ou menos bem-vindos no seio da comunidade;

c) existem provas generalizadas de que uma série de barreiras, desde as de ordem prática até aos preconceitos culturais, geram formas de exclusão das pessoas com deficiência e têm de ser ultrapassadas;

d) há também a preocupação de que os pobres, a quem a Boa Nova se dirige em primeiro lugar, estejam muitas vezes à margem das comunidades cristãs (por exemplo, migrantes e refugiados, crianças de rua, sem-teto, vítimas de tráfico humano, etc.);

e) por último, os documentos das Assembleias continentais assinalam que é necessário manter a ligação entre a conversão sinodal e o cuidado das vítimas e das pessoas marginalizadas no seio da Igreja; em particular, colocam grande ênfase na necessidade de aprender a exercer a justiça como forma de acolher aqueles que foram feridos por membros da Igreja, especialmente as vítimas e os sobreviventes de todas as formas de abuso;

f) a escuta das vozes mais frequentemente negligenciadas é indicada como o caminho para crescer no amor e na justiça que o Evangelho testemunha.

Pergunta para o discernimento

Que passos pode dar uma Igreja sinodal para imitar cada vez mais o seu Mestre e Senhor, que caminha com todos com amor incondicional e proclama a plenitude da verdade do Evangelho?

Sugestões para a oração e a reflexão preparatória

1) Qual é a atitude com que encaramos o mundo? Reconhecemos o que há de bom nele e, ao mesmo tempo, comprometemo-nos a denunciar profeticamente tudo o que viola a dignidade das pessoas, das comunidades humanas e da criação?

2) Como podemos fazer soar uma voz profética ao descobrir as causas do mal, sem fragmentar ainda mais as nossas comunidades? Como é que nos podemos tornar uma Igreja que não esconde os conflitos e não tem medo de salvaguardar espaços para a discordância?

3) Como podemos restaurar a proximidade e as relações de cuidado como o núcleo da missão da Igreja, caminhando com as pessoas em vez de falar sobre elas ou para elas?

4) De acordo com a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit*, como podemos caminhar juntos com os jovens? Como é que uma "opção preferencial pelos jovens" pode estar no centro das nossas estratégias pastorais em chave sinodal?

5) Como podemos continuar a tomar medidas concretas para oferecer justiça às vítimas e sobreviventes dos abusos sexuais, espirituais, económicos, de poder e de consciência perpetrados por pessoas que estavam a desempenhar um ministério ou uma missão na Igreja?

6) Como podemos criar espaços em que aqueles que se sentem magoados pela Igreja e não bem-vindos pela comunidade possam sentir-se reconhecidos, acolhidos, não julgados e livres para fazer perguntas? À luz da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris laetitia*, que passos concretos são necessários para chegar às pessoas que se sentem excluídas da Igreja por causa da sua afetividade e sexualidade (por exemplo, divorciados recasados, pessoas em casamentos polígamos, pessoas LGBTQ+, etc.)?

7) Como podemos ser mais abertos e acolhedores em relação aos migrantes e refugiados, às minorias étnicas e culturais, às comunidades indígenas que há muito fazem parte da Igreja, mas que muitas vezes estão à margem? Como podemos testemunhar que a sua presença é um dom?

8) Que barreiras físicas e culturais temos de eliminar para que as pessoas com deficiência possam sentir-se membros de pleno direito da comunidade?

9) Como se pode valorizar a contribuição dos idosos para a vida da comunidade cristã e da sociedade?

Uma comunhão que irradia ..... B 1

Como podemos ser mais plenamente sinal e instrumento de união com Deus e da unidade do género humano?

B 1.3 Como pode crescer uma relação dinâmica de troca de dons entre Igrejas?

A comunhão a que a Igreja é chamada é uma relação dinâmica de troca de dons, dando testemunho de uma unidade transcendente na diversidade. Um dos dons mais significativos do caminho sinodal até agora é a redescoberta da riqueza da diversidade e da profundidade da nossa interconexão. Essa diversidade e interconexão não ameaçam, mas fornecem o contexto para uma receção mais profunda da nossa unidade de criação, vocação e destino.

O processo sinodal foi vivido de forma apaixonada e viva a nível local da Igreja, sobretudo nas ocasiões de diálogo no Espírito. O DEC procurou evidenciar as diversas formas desta vitalidade, sublinhando ao mesmo tempo a extraordinária convergência de questões e temas que surgiram nos vários contextos. Assim, durante as Assembleias continentais, alguns aspetos da vida da Igreja em contextos muito diferentes foram descobertos como um dom precioso. Ao mesmo tempo, aprofundou-se a relação com a diversidade que marca as várias regiões: diferenças entre Igrejas no mesmo continente, bem como diferenças na expressão da catolicidade devido à presença de comunidades católicas latinas e orientais no mesmo território, muitas vezes como resultado de ondas de migração e da formação de comunidades em diáspora. Na verdade, como observou uma Assembleia continental, experimentamo-nos muito concretamente como "comunidades de comunidades", notando os dons que assim recebemos e as tensões que podem surgir.

Estes encontros conduziram a observações compartilhadas e mesmo a pedidos explícitos:

a) deseja-se que as diferentes tradições de regiões e Igrejas específicas possam ser ouvidas e participar no diálogo eclesial e teológico frequentemente dominado por vozes latinas/ocidentais. A dignidade dos Batizados é reconhecida como um ponto-chave em muitos contextos; do mesmo modo, para muitos membros das Igrejas Católicas Orientais, em particular, o Mistério pascal celebrado nos Sacramentos da Iniciação Cristã continua a ser o foco da reflexão sobre a identidade dos cristãos e da Igreja sinodal;

b) As Igrejas Católicas Orientais têm uma longa e distinta experiência de sinodalidade, partilhada com as Igrejas Ortodoxas, uma tradição à qual desejam que se preste atenção nos debates e no discernimento deste processo sinodal;

c) do mesmo modo, há realidades específicas e particulares que os cristãos orientais na diáspora enfrentam em novos contextos, juntamente com os seus irmãos e irmãs ortodoxos. É desejável que as Igrejas Católicas Orientais na diáspora possam preservar a sua identidade e ser reconhecidas como mais do que simples comunidades étnicas, ou seja, como Igrejas sui iuris com ricas tradições espirituais, teológicas e litúrgicas que contribuem para a missão da Igreja hoje, num contexto global.

Pergunta para o discernimento

Como é que cada Igreja local, sujeito da missão no contexto em que vive, pode valorizar, promover e integrar o intercâmbio de dons com as outras Igrejas locais, no horizonte da única Igreja Católica? Como é que as Igrejas locais podem ajudar a promover a catolicidade da Igreja numa relação harmoniosa entre unidade e diversidade, preservando a especificidade de cada uma?

Sugestões para a oração e a reflexão preparatória

1) Como tomar consciência de que a Igreja una e católica é já, e desde o início, portadora de uma diversidade rica e multiforme?

2) Com que gestos poderiam as diversas Igrejas locais acolher-se mutuamente para beneficiar de um intercâmbio de dons eclesiais e manifestar a comunhão eclesial na liturgia, na espiritualidade, na pastoral e na reflexão teológica? Em particular, como ativar um intercâmbio entre as experiências e as visões de sinodalidade entre as Igrejas Católicas Orientais e a Igreja Latina?

3) Como poderia a Igreja latina desenvolver uma maior abertura às tradições espirituais, teológicas e litúrgicas das Igrejas Católicas Orientais?

4) Como podem as Igrejas Católicas Orientais na diáspora preservar a sua identidade e ser reconhecidas como mais do que simples comunidades étnicas?

5) Algumas Igrejas vivem em situações muito precárias. Como podem as outras Igrejas assumir o seu sofrimento e prover às suas necessidades, pondo em prática os ensinamentos do Apóstolo Paulo, que pedia às comunidades da Grécia que apoiassem generosamente a de Jerusalém: «a vossa abundância supre as necessidades deles, para que também a abundância deles supra as vossas necessidades. E assim haverá igualdade» (2Cor 8, 14)? Que papel podem desempenhar, neste contexto, as instituições mundiais e as da Santa Sé dedicadas ao serviço da caridade?

6) Como podem os contributos e as experiências das Igrejas locais ser tidos em conta e valorizados na elaboração do Magistério e das normas eclesiásticas a nível universal?

7) Num mundo cada vez mais globalizado e interligado, como desenvolver o tecido de relações entre Igrejas locais da mesma região e também de continentes diferentes? Como é que a crescente mobilidade humana e, por conseguinte, a presença de comunidades migrantes se podem tornar uma oportunidade para construir vínculos entre Igrejas e trocar dons? Como lidar de forma construtiva com as tensões e os mal-entendidos que podem surgir entre fiéis de diferentes culturas e tradições?

8) Como podem as instituições globais da Igreja, a começar pelas que estão sob a alçada da Santa Sé e dos Dicastérios da Cúria Romana, favorecer a circulação dos dons entre as Igrejas?

9) Como tornar ativo e fecundo o intercâmbio de experiências e dons não só entre as diversas Igrejas locais, mas também entre as diversas vocações, carismas e espiritualidades no seio do Povo de Deus: institutos de vida consagrada e sociedades de vida apostólica, associações e movimentos laicais, novas comunidades? Como é possível assegurar a participação das comunidades de vida contemplativa nessa circulação?

Como podemos ser mais plenamente sinal e instrumento de união com Deus e da unidade do género humano?

B 1.4 Como pode uma Igreja sinodal cumprir melhor a sua missão através de um compromisso ecumênico renovado?

«O caminho da sinodalidade, que a Igreja católica percorre, é e deve ser ecumênico, assim como o caminho ecumênico é sinodal»[11]. A sinodalidade é um desafio comum que diz respeito a todos os crentes em Cristo, tal como o ecumenismo é, antes de mais, um caminho comum (syn-odos) percorrido em conjunto com outros Cristãos. Sinodalidade e ecumenismo são dois caminhos a percorrer em conjunto, com um objetivo comum: um melhor testemunho cristão. Este pode assumir a forma de uma convivência num "ecumenismo da vida" a diferentes níveis, incluindo os casamentos interconfessionais, e também do ato supremo de dar testemunho da fé em Cristo no ecumenismo do martírio.

O compromisso de construir uma Igreja sinodal tem várias implicações ecumênicas:

a) no único Batismo todos os cristãos participam no *sensus fidei* ou sentido sobrenatural da fé (cf. LG 12), razão pela qual numa Igreja sinodal todos devem ser escutados com atenção;

b) o caminho ecumênico é um intercâmbio de dons, e um dos dons que os católicos podem receber de outros cristãos é precisamente a sua experiência sinodal (cf. EG 246). A redescoberta da sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja é um fruto do diálogo ecuménico, sobretudo com os Ortodoxos;

c) o movimento ecumênico é um laboratório de sinodalidade e, em particular, a metodologia de diálogo e de construção de consensos experimentada a vários níveis no seu seio pode ser uma fonte de inspiração;

d) A sinodalidade faz parte da "reforma contínua" da Igreja, sabendo que é sobretudo através da sua reforma interna, na qual a sinodalidade desempenha um papel essencial, que a Igreja Católica se aproxima dos outros Cristãos (cf. UR 4.6);

e) existe uma relação recíproca entre a ordem sinodal da Igreja Católica e a credibilidade do seu empenho ecumênico;

f) Uma certa sinodalidade entre as Igrejas é experimentada sempre que Cristãos de diferentes tradições se reúnem em nome de Jesus Cristo para a oração, a ação e o testemunho comuns, bem como para consultas regulares e participação nos respetivos processos sinodais.

Todos os Documentos finais das Assembleias continentais sublinham a estreita relação entre sinodalidade e ecumenismo, e alguns dedicam-lhe capítulos inteiros. Com efeito, tanto a sinodalidade como o ecumenismo têm a sua raiz na dignidade batismal de todo o Povo de Deus; convidam a um renovado compromisso com base na visão de uma Igreja sinodal missionária; são processos de escuta e de diálogo e exortam a

[11] FRANCISCO, *Discurso a Sua Santidade Mar Awa III Catholicos-Patriarca da Igreja Assíria do Oriente*, 19 de novembro de 2022.

crescer numa comunhão que não é uniformidade, mas unidade na legítima diversidade; salientam a necessidade de um espírito de corresponsabilidade, uma vez que as nossas decisões e ações a diferentes níveis afetam todos os membros do Corpo de Cristo; são processos espirituais de arrependimento, perdão e reconciliação num diálogo de conversão que pode levar a uma cura da memória.

Pergunta para o discernimento

Como podem a experiência e os frutos do caminho ecumênico favorecer a construção de uma Igreja Católica mais sinodal; como pode a sinodalidade ajudar a Igreja Católica a responder melhor à oração de Jesus: «que todos sejam um só... para que o mundo acredite» (Jo 17, 21)?

Sugestões para a oração e a reflexão preparatória

1) Este Sínodo é uma oportunidade para aprender com outras Igrejas e Comunidades Eclesiais e para «recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós» (EG 246). O que podem os católicos (re)aprender da experiência sinodal de outros cristãos e do movimento ecumênico?

2) Como se pode promover a participação ativa de todo o Povo de Deus no movimento ecumênico? Em particular, qual pode ser o contributo da vida consagrada, dos casais e famílias interconfessionais, dos jovens, dos movimentos eclesiais e das comunidades ecumênicas?

3) Em que domínios é necessária uma cura de memória no que diz respeito à relação com outras Igrejas e Comunidades eclesiais? Como é que podemos construir juntos uma "nova memória"?

4) Como melhorar a nossa caminhada em conjunto com os cristãos de todas as tradições? Como é que uma comemoração comum do 1.700º aniversário do Concílio de Niceia (325-2025) poderia constituir uma oportunidade neste sentido?

5) «O ministério episcopal da unidade está profundamente unido à sinodalidade»[12]. Como é que o Bispo, enquanto «princípio visível e fundamento da unidade» (LG 23), é chamado a promover o ecumenismo de forma sinodal na sua Igreja local?

6) Como é que o processo sinodal em curso pode contribuir para «encontrar uma forma de exercício do primado que, sem renunciar de modo algum ao que é essencial da sua missão, se abra a uma situação nova»[13]?

7) Como podem as Igrejas Católicas Orientais ajudar, apoiar e estimular a Igreja Latina no seu compromisso sinodal e ecumênico comum? Como pode a Igreja Latina apoiar e promover a identidade dos fiéis católicos orientais na diáspora?

8) Como pode o lema ecumênico do Papa Francisco «*Caminhar - Rezar - Trabalhar juntos*»[14] inspirar um compromisso renovado com a unidade dos cristãos de uma forma sinodal?

[12] CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS, *O Bispo e a Unidade dos Cristãos: Vademecum Ecumênico*, 5 de junho de 2020, 4.
[13] SÃO JOÃO PAULO II, Enc Lett. *Ut unum sint*, 25 de maio de 1995, 95; texto citado em EG 32 e EC 10.
[14] FRANCISCO, *Discurso à Oração Ecumênica*, Centro Ecumênico do CMI (Genebra), 21 de junho de 2018.

Como podemos ser mais plenamente sinal e instrumento de união com Deus e da unidade do género humano?

B 1.5 Como reconhecer e colher a riqueza das culturas e desenvolver o diálogo com as religiões à luz do Evangelho?

Escutar as pessoas exige saber escutar as culturas em que elas estão inseridas, sabendo que cada cultura está em constante evolução. Uma Igreja sinodal precisa de aprender a articular melhor o Evangelho com as culturas e os contextos locais, através do discernimento, partindo da confiança de que o Espírito lhe dá uma tal amplitude que pode acolher qualquer cultura, sem exclusão. Prova disso é o fato de as Igrejas locais se caracterizarem já por uma grande diversidade, o que é uma bênção: nelas coexistem diferentes nacionalidades e etnias, crentes de tradições orientais e ocidentais. No entanto, esta riqueza nem sempre é fácil de viver e pode tornar-se uma fonte de divisões e conflitos.

Além disso, o nosso tempo é marcado pela difusão avassaladora de uma nova cultura, a dos ambientes digitais e dos novos media. Como demonstra a iniciativa do Sínodo digital, a Igreja já está presente aí, sobretudo através da ação de muitos Cristãos, muitos deles jovens. Falta ainda uma consciência plena das potencialidades que este ambiente oferece à evangelização e uma reflexão sobre os desafios que coloca, sobretudo em termos antropológicos.

Dos documentos das Assembleias continentais emergem várias tensões, não para serem esmagadas, mas para serem valorizadas como fontes de dinamismo:

a) na relação entre o Evangelho e as culturas locais, com experiências e posições diferentes. Alguns consideram a adoção de tradições das Igrejas de outras regiões como uma forma de colonialismo. Outros acreditam que o Espírito age em cada cultura, tornando-a capaz de exprimir as verdades da fé cristã. Outros ainda acreditam que os cristãos não podem adotar ou adaptar práticas culturais pré-cristãs;

b) na relação entre o Cristianismo e as outras religiões. A par de experiências frutuosas de diálogo e de compromisso com crentes de outras religiões, surgem também lutas e limitações, sinais de desconfiança, conflitos religiosos e até perseguições, diretas ou indiretas. A Igreja quer construir pontes para a promoção da paz, da reconciliação, da justiça e da liberdade, mas há também situações que exigem de nós uma grande paciência e esperança de que as coisas possam mudar;

c) na relação entre a Igreja, por um lado, e a cultura ocidental e as formas de colonização cultural, por outro. Existem no mundo forças que se opõem à missão da Igreja, a partir de ideologias filosóficas, econômicas e políticas baseadas em pressupostos que se opõem à fé. Nem todos percebem estas tensões da mesma forma, por exemplo no que diz respeito ao fenômeno da secularização, que alguns veem como uma ameaça e outros como uma oportunidade. Por vezes, esta tensão é interpretada de forma redutora como um confronto entre aqueles que desejam a mudança e aqueles que a temem;

d) na relação entre as comunidades indígenas e os modelos ocidentais de ação missionária. Muitos missionários católicos deram provas de grande dedicação e generosidade na partilha da fé, mas em alguns casos a sua ação impediu que as culturas

locais oferecessem o seu contributo original para a edificação da Igreja;

e) na relação entre a comunidade cristã e os jovens, muitos dos quais se sentem excluídos pela linguagem adotada nos meios eclesiais, que é incompreensível para eles.

Estas tensões devem ser abordadas em primeiro lugar através do discernimento a nível local, uma vez que não existem receitas preconcebidas. As Assembleias continentais sublinharam as disposições pessoais e comunitárias que podem ser úteis: uma atitude de humildade e de respeito, a capacidade de escutar e de promover um autêntico diálogo no Espírito, a disponibilidade para a mudança, para abraçar a dinâmica pascal da morte e da ressurreição também no que diz respeito às formas concretas que a vida da Igreja assume, a formação para o discernimento cultural, para o confronto das sensibilidades e da espiritualidade, e para o acompanhamento de pessoas de culturas diferentes.

Pergunta para discernimento

Como tornar o anúncio do Evangelho comunicável e percetível nos diferentes contextos e culturas, de modo a favorecer o encontro com Cristo dos homens e mulheres do nosso tempo? Que laços podemos estabelecer com os crentes de outras religiões, desenvolvendo uma cultura do encontro e do diálogo?

Sugestões para a oração e a reflexão preparatória

1) Com que instrumentos as Igrejas locais leem e discernem as culturas em que estão inseridas? Como podem, à luz do Evangelho, respeitar e valorizar as culturas dos diferentes contextos locais? Que oportunidades podem criar para reler, de forma construtiva, os ensinamentos da Igreja à luz das culturas locais?

2) Que espaços estão disponíveis para que as culturas minoritárias e migrantes encontrem expressão nas igrejas locais?

3) Várias dioceses, conferências episcopais, assembleias continentais manifestaram o desejo de poder rearticular a vida comunitária e sobretudo a liturgia de acordo com as culturas locais, num processo de inculturação permanente. Que dinâmica sinodal podemos pôr em prática para responder a este desejo?

4) Como promover a formação para o discernimento cultural? Como promover, educar e reconhecer os carismas e as vocações dos "tradutores", ou seja, daqueles que ajudam a construir pontes entre as religiões, as culturas e os povos?

5) A que gestos de reconciliação e de paz com as outras religiões nos sentimos chamados? Como enfrentar de forma construtiva os preconceitos, as tensões e os conflitos? Como dar testemunho do Evangelho em países onde a Igreja é minoritária, sem enfraquecer o testemunho de fé, mas também sem expor levianamente os cristãos a ameaças e perseguições?

6) Como tratar de forma franca, profética e construtiva as relações entre a cultura ocidental e as outras culturas, também no seio da Igreja, evitando formas de colonialismo?

7) Para alguns, a sociedade secularizada é uma ameaça a que se deve opor, para outros, um fato a aceitar, para outros ainda, uma fonte de inspiração e uma oportunidade. Como é que as Igrejas podem permanecer em diálogo com o mundo sem se tornarem mundanas?

8) Como criar oportunidades de discernimento nos ambientes digitais? Que formas de colaboração e que estruturas precisamos criar ao serviço da evangelização num ambiente que não tem em conta a dimensão territorial?

Corresponsáveis na missão ..... B 2

Como podemos partilhar dons e tarefas ao serviço do Evangelho?

B 2.1 Como podemos caminhar juntos para uma consciência comum do sentido e do conteúdo da missão?

É missão da Igreja anunciar o Evangelho e tornar Cristo presente, através do dom do Espírito. Esta tarefa pertence a todos os batizados (cf. EG 120): a sinodalidade é constitutivamente missionária e a própria missão é ação sinodal. Somos continuamente convidados a crescer na nossa resposta a este apelo, renovando em chave sinodal o modo como a Igreja realiza a sua missão. Nas reflexões das Assembleias Continentais, esta missão articula uma multiplicidade de dimensões, a serem harmonizadas e não opostas entre si, na perspetiva integral promovida pela *Evangelii nuntiandi* e retomada pela *Evangelii gaudium*. Por exemplo:

a) um apelo sincero à renovação da vida litúrgica da Igreja local como lugar de anúncio através da Palavra e dos Sacramentos, com ênfase na qualidade da pregação e na linguagem da liturgia. Esta última requer um equilíbrio adequado entre a unidade da Igreja, expressa também na unidade do rito, e as legítimas variedades, que uma correta inculturação tem em devida conta[15];

b) é sublinhado o desejo de uma Igreja pobre e próxima dos que sofrem, capaz de evangelizar através do exercício da proximidade e da caridade, seguindo os passos do Senhor, e o testemunho de um empenho que vai até ao martírio: é a vocação "samaritana" da Igreja. São recordadas as situações em que a Igreja causa feridas e aquelas em que as sofre: sem cuidar das pessoas envolvidas, estas situações tornam-se pedras de tropeço para testemunhar o amor de Deus e a verdade do Evangelho;

c) uma chave de oposição profética aos novos e destrutivos colonialismos é a abertura de lugares de serviço gratuito, inspirados na imitação de Cristo, que não veio para ser servido, mas para servir (cf. Mc 10,45). São lugares onde as necessidades humanas básicas podem ser satisfeitas, onde as pessoas se sentem acolhidas e não julgadas, livres para fazer perguntas sobre as razões da nossa esperança (cf. 1Pd 3,15), livres para partir e regressar. Para uma Igreja sinodal, a missão é sempre construir com os outros e não simplesmente para os outros;

d) também no ambiente digital, que a Igreja está a descobrir como uma oportunidade de evangelização, a construção de redes de relações permite aos seus frequentadores, especialmente aos jovens, experimentar novas formas de caminhar juntos. A iniciativa do Sínodo digital chama a atenção da Igreja para a realidade da pessoa humana como um ser que se comunica, mesmo nos circuitos mediáticos que configuram o nosso mundo contemporâneo.

O desejo de crescer no compromisso da missão não é impedido pela consciência

[15] Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Instrução *Varietates legitimae*, 25 de janeiro de 1994.

dos limites das comunidades cristãs e pelo reconhecimento dos seus fracassos; pelo contrário, o movimento de sair de si mesmo pelo impulso da fé, da esperança e da caridade é um modo de enfrentar essa incompletude. A par da afirmação deste desejo, as Assembleias continentais dão também voz à falta de clareza e de uma compreensão partilhada do sentido, do alcance e do conteúdo da missão da Igreja, ou dos critérios para articular os impulsos de ação em diferentes direções. Daí a exigência de mais formação e de espaços de confronto e de diálogo, em chave sinodal, entre as diferentes perspetivas, espiritualidades e sensibilidades que constituem a riqueza da Igreja.

Pergunta para discernimento

Até que ponto a Igreja está hoje preparada e equipada para a missão de anunciar o Evangelho com convicção, liberdade de espírito e eficácia? Como é que a perspetiva de uma Igreja sinodal transforma a compreensão da missão e permite articular as suas diferentes dimensões? Como é que a experiência de realizar a missão em conjunto enriquece a compreensão da sinodalidade?

Sugestões para a oração e a reflexão preparatória

1) A vida litúrgica da comunidade é a fonte da missão. Como sustentar a sua renovação numa perspetiva sinodal de valorização dos ministérios, carismas e vocações e de oferta de espaços de acolhimento e de relação?

2) Como podem a pregação, a catequese e a pastoral promover uma consciência partilhada do sentido e do conteúdo da missão? E do fato de que ela constitui um apelo concreto e eficaz para cada Batizado?

3) As sínteses das Conferências Episcopais e das Assembleias continentais apelam fortemente a uma "opção preferencial" pelos jovens e pelas famílias, que os reconheça como sujeitos e não como objetos de cuidado pastoral. Como poderia tomar forma esta renovação sinodal missionária da Igreja, também através da implementação das conclusões dos Sínodos 2014-2015 e 2018 ?

4) Para uma grande parte do Povo de Deus, a missão realiza-se «tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus» (LG 31; cf. também AA 2). Como sensibilizar para o fato de que a profissão, o compromisso social e político, o voluntariado são áreas em que se exerce a missão? Como acompanhar e apoiar aqueles que desempenham esta missão em ambientes particularmente hostis e difíceis?

5) A Doutrina Social da Igreja é muitas vezes considerada como um patrimônio de especialistas e teólogos e desligada da vida quotidiana das comunidades. Como se pode favorecer a sua reapropriação pelo Povo de Deus, como recurso para a missão?

6) O ambiente digital molda atualmente a vida da sociedade. Como é que a Igreja pode realizar a sua missão mais eficazmente neste ambiente? Como reconfigurar o anúncio, o acompanhamento e o cuidado neste ambiente? Como reconhecer adequadamente o empenhamento missionário neste ambiente e os percursos de formação adequados para aqueles que o realizam? Como favorecer o protagonismo dos jovens, corresponsáveis pela missão da Igreja neste espaço?

7) Em muitos domínios, a realização da missão exige que colaboremos com uma pluralidade de pessoas e organizações de diferentes inspirações: Fiéis de outras Igrejas e Comunidades eclesiais, crentes de outras religiões, mulheres e homens de boa vontade. O que é que aprendemos ao "caminhar juntos" com eles e como é que nos podemos equipar para o fazer melhor?

Corresponsáveis na missão ..... B 2

Como podemos partilhar dons e tarefas ao serviço do Evangelho?

B 2.2 O que fazer para que uma Igreja sinodal seja também uma Igreja missionária "toda ministerial"?

Todas as Assembleias continentais se referem aos ministérios na Igreja, muitas vezes em termos muito articulados. O processo sinodal restabelece uma visão positiva dos ministérios, que lê o Ministério ordenado dentro da ministerialidade eclesial mais ampla, sem oposições. Surge também uma certa urgência em discernir os carismas emergentes e as formas adequadas de exercício dos Ministérios batismais (instituídos, extraordinários e de fato) no seio do Povo de Deus, participante da função profética, sacerdotal e real de Cristo. Esta Ficha de trabalho centra-se nestes últimos, enquanto noutras encontra espaço a questão da relação com o Ministério ordenado e as tarefas dos Bispos numa Igreja sinodal. Em particular:

a) Há um claro apelo a superar uma visão que reserva somente aos Ministros ordenados (Bispos, Presbíteros, Diáconos) todas as funções ativas na Igreja, reduzindo a participação dos Batizados a uma colaboração subordinada. Sem diminuir o apreço pelo dom do Sacramento da Ordem, os ministérios são entendidos a partir de uma conceção ministerial de toda a Igreja. Surge uma serena receção do Concílio Vaticano II, com o reconhecimento da dignidade batismal como fundamento da participação de todos na vida da Igreja. A dignidade batismal é prontamente ligada ao Sacerdócio comum como raiz dos Ministérios batismais, e é reafirmada a relação necessária entre o Sacerdócio comum e o Sacerdócio ministerial, que «ordenam-se mutuamente um ao outro, pois um e outro participam, a seu modo, do único sacerdócio de Cristo» (LG 10);

b) Sublinha-se que o lugar mais propício para tornar efetiva a participação de todos no Sacerdócio de Cristo, capaz de valorizar o Ministério ordenado na sua particularidade e, ao mesmo tempo, promover os Ministérios batismais na sua variedade, é a Igreja local, chamada a discernir quais os carismas e ministérios que são úteis para o bem de todos num determinado contexto social, cultural e eclesial. É necessário dar um novo impulso à participação especial dos Leigos na evangelização nos vários âmbitos da vida social, cultural, económica e política, bem como valorizar o contributo dos Consagradas e Consagrados, com os seus diferentes carismas, na vida da Igreja local;

c) a experiência de caminhar juntos na Igreja local permite imaginar novos ministérios ao serviço de uma Igreja sinodal. Muitas vezes, referindo-se ao texto, à visão e à linguagem da LG 10-12, as Assembleias continentais pedem um maior reconhecimento dos Ministérios batismais e a possibilidade de os realizar no registo da subsidiariedade entre os diferentes níveis da Igreja. Nesta linha, muitas destas questões poderiam ser respondidas através de um trabalho sinodal mais aprofundado nas Igrejas locais, onde, com base no princípio da participação diferenciada na *tria munera* de Cristo, é mais fácil manter clara a complementaridade entre o Sacerdócio comum e o Sacerdócio ministerial, identificando com discernimento os ministérios batismais necessários à comunidade.

d) Uma Igreja "toda ministerial" não é necessariamente uma Igreja "toda de Ministérios instituídos". Há legitimamente muitos ministérios que brotam da vocação batismal: ministérios espontâneos, alguns ministérios reconhecidos que não são instituídos, e outros que, através da instituição, recebem formação específica, missão e estabilidade. Crescer como Igreja sinodal implica o compromisso de discernir juntos quais os ministérios que devem ser criados ou promovidos à luz dos sinais dos tempos, como resposta ao serviço do mundo.

Pergunta para discernimento

Como poderemos avançar na Igreja para uma corresponsabilidade real e efetiva, em chave missionária, para uma realização mais plena das vocações, carismas e ministérios de todos os Batizados? Como podemos assegurar que uma Igreja mais sinodal seja também uma "Igreja toda ministerial"?

Sugestões para a oração e a reflexão preparatória

1) Como viver a celebração do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia de modo a que sejam ocasiões para testemunhar e promover a participação e a corresponsabilidade de todos como participantes ativos na vida e na missão da Igreja? Que caminhos formativos devem ser postos em ação para fomentar na Igreja uma compreensão da ministerialidade que não se reduza ao ministério ordenado?

2) Como discernir numa Igreja local os Ministérios batismais, estabelecidos ou não, necessários para a missão? Que espaços estão disponíveis para a experimentação a nível local? Que valor atribuir a esses Ministérios? Em que condições podem ser assumidos por toda a Igreja?

3) O que é que podemos aprender com outras Igrejas e Comunidades eclesiais relativamente à ministerialidade e aos ministérios?

4) A corresponsabilidade manifesta-se e realiza-se, antes de mais, na participação de todos na missão: como valorizar o contributo específico dos vários carismas e vocações (desde os ligados às capacidades e competências, incluindo profissionais, dos indivíduos, até aos que inspiram os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica, os movimentos, as associações, etc.) ao serviço da harmonia do empenho comunitário e da vida eclesial, sobretudo nas Igrejas locais?

5) Como criar espaços e momentos de efetiva participação em corresponsabilidade na missão dos Fiéis que, por razões diversas, estão à margem da vida comunitária, mas que, segundo a lógica do Evangelho, podem dar um contributo insubstituível (idosos e doentes, pessoas com deficiência, pobres, pessoas sem formação cultural, etc.)?

6) Muitas pessoas experimentam o empenhamento na construção de uma sociedade justa e no cuidado da casa comum como resposta a uma vocação autêntica e como opção de vida, mesmo em detrimento de alternativas profissionais mais remuneradoras. Como pensar em formas de reconhecimento deste compromisso, de modo a tornar claro que não se trata de uma opção pessoal, mas de uma ação que torna tangível a preocupação da Igreja?

Corresponsáveis na missão ..... B 2

Como podemos partilhar dons e tarefas ao serviço do Evangelho?

B 2.3 Como pode a Igreja do nosso tempo cumprir melhor a sua missão através de um maior reconhecimento e promoção da dignidade batismal das mulheres?

No Batismo, o cristão entra num novo vínculo com Cristo e, n'Ele e por Ele, com todos os Batizados, com todo o gêero humano e com toda a criação. Filhas e filhos do único Pai, ungidos pelo mesmo Espírito, em virtude de partilharem o mesmo vínculo com Cristo, os Batizados são dados uns aos outros como membros de um único corpo, no qual gozam de igual dignidade (cf. Gal 3, 26-28). A fase de escuta reafirmou a consciência desta realidade, indicando que ela deve encontrar uma realização cada vez mais concreta na vida da Igreja também através de relações de mutualidade, reciprocidade e complementaridade entre homens e mulheres:

a) de modo essencialmente unânime, mesmo se as perspetivas de cada continente são diferentes, todas as Assembleias continentais pedem que se preste atenção à experiência, à condição e ao papel das mulheres. Celebram a fé, a participação e o testemunho de tantas mulheres em todo o mundo, leigas e consagradas, como evangelizadoras e, muitas vezes, primeiras formadoras na fé, notando especialmente a sua contribuição para a "margem profética", em lugares remotos e contextos sociais problemáticos;

b) além disso, as Assembleias continentais apelam a uma reflexão mais profunda sobre a realidade dos fracassos relacionais, que são também fracassos estruturais que afetam a vida das mulheres na Igreja, convidando a um processo de conversão contínua para tentar tornar-se mais plenamente aquilo que já somos no Batismo. As prioridades para a Assembleia sinodal incluem abordar as alegrias e tensões, bem como as oportunidades de conversão e renovação na forma como vivemos as relações entre homens e mulheres na Igreja, também na concretude das relações entre Ministros ordenados, Consagradas e Consagrados, Leigas e Leigos;

c) durante a primeira fase do Sínodo, as questões da participação das mulheres, o seu reconhecimento, a relação de apoio mútuo entre homens e mulheres e a presença de mulheres em posições de responsabilidade e de governo emergiram como elementos cruciais na procura de como viver a missão da Igreja de uma forma mais sinodal. As mulheres que participaram na primeira fase expressaram claramente um desejo: que a sociedade e a Igreja sejam um lugar de crescimento, de participação ativa e de pertença saudável para todas as mulheres. Pedem à Igreja que esteja ao seu lado para acompanhar e promover a realização deste desejo. Numa Igreja que quer ser verdadeiramente sinodal, estas questões devem ser abordadas em conjunto, e devem ser construídas em conjunto respostas concretas para um maior reconhecimento da dignidade batismal das mulheres e para a luta contra todas as formas de discriminação e exclusão de que são vítimas na comunidade eclesial e na sociedade;

d) finalmente, as Assembleias continentais sublinham a pluralidade de experiências, pontos de vista e perspetivas das mulheres e pedem que esta diversidade seja reconhecida nos trabalhos da Assembleia Sinodal, evitando tratar as mulheres como um grupo homogéneo ou como um tema de discussão abstrato ou ideológico.

Pergunta para o discernimento

Que medidas concretas pode a Igreja tomar para renovar e reformar os seus procedimentos, disposições institucionais e estruturas, de modo a permitir um maior reconhecimento e participação das mulheres, incluindo no governo e a todos os estágios dos processos decisórios, incluindo a tomada de decisões, em um espírito de comunhão e com vistas à missão?

Sugestões para a oração e a reflexão preparatória

1) As mulheres desempenham um papel importante na transmissão da fé, nas famílias, nas paróquias, na vida consagrada, nas associações e movimentos, nas instituições laicais, como professoras e catequistas. Como reconhecer, apoiar, acompanhar o seu contributo já considerável? Como valorizá-lo para aprender a ser uma Igreja cada vez mais sinodal?

2) Os carismas das mulheres já estão presentes e atuam na Igreja de hoje. O que é que podemos fazer para os discernir e apoiar e para aprender o que o Espírito nos quer ensinar através deles?

3) Todas as Assembleias continentais apelam a que se aborde a questão da participação das mulheres na governança, na tomada de decisões, na missão e nos ministérios a todos os níveis da Igreja, com o apoio de estruturas apropriadas para que isto não permaneça apenas uma aspiração geral.

a) Como é que as mulheres podem ser incluídas em cada uma destas áreas em maior número e de novas formas?

b) Como é que, na vida consagrada, as mulheres podem estar mais bem representadas nos processos de governança e de tomada de decisões, mais bem protegidas dos abusos e também mais justamente remuneradas pelo seu trabalho?

c) Como podem as mulheres contribuir para a governança, ajudando a promover uma maior responsabilidade e transparência e a reforçar a confiança na Igreja?

d) Como aprofundar a reflexão sobre a contribuição das mulheres na reflexão teológica e no acompanhamento das comunidades? Como dar espaço e reconhecimento a esta contribuição nos processos formais de discernimento a todos os níveis da Igreja?

e) Que novos ministérios poderiam ser criados para proporcionar meios e oportunidades para a participação efetiva das mulheres nos órgãos de discernimento e de decisão? Como aumentar a corresponsabilidade nos processos de tomada de decisão em lugares remotos e em contextos sociais problemáticos, onde as mulheres são frequentemente os principais agentes da pastoral e da evangelização? Os contributos recebidos durante a primeira fase referem que as tensões com os Ministros Ordenados surgem na ausência de dinâmicas de corresponsabilidade e de processos de tomada de decisão partilhados.

4) A maior parte das Assembleias continentais e as sínteses de numerosas Conferências Episcopais pedem que se volte a considerar a questão do acesso das mulheres ao Diaconado. Como se pode encarar esta questão?

5) Como é que os homens e as mulheres podem cooperar melhor no desempenho do ministério pastoral e no exercício de responsabilidades conexas?

Corresponsáveis na missão ..... B 2

Como podemos partilhar dons e tarefas ao serviço do Evangelho?

B 2.4 Como valorizar o Ministério ordenado, na sua relação com os Ministérios batismais, numa perspetiva missionária?

Os Documentos finais das Assembleias continentais exprimem um forte desejo de que se aborde a reflexão sobre a relação entre os Ministérios ordenados e os Ministérios batismais, sublinhando a dificuldade de o fazer na vida ordinária das comunidades. O processo sinodal oferece uma oportunidade preciosa para, à luz do ensinamento do Concílio Vaticano II, se debruçar sobre a correlação entre a riqueza das vocações, dos carismas e dos ministérios radicados no Batismo, por um lado, e o Ministério ordenado, por outro, visto como um dom e uma tarefa inalienável ao serviço do Povo de Deus. Em particular:

a) na perspetiva traçada pelo Concílio Vaticano II, é reafirmada a necessária relação entre o Sacerdócio comum e o Sacerdócio ministerial. Entre ambos não há oposição ou concorrência, nem espaço para reivindicações: o que se exige é que se reconheça a sua complementaridade;

b) as Assembleias Continentais expressam um claro apreço pelo dom do Sacerdócio ministerial e, ao mesmo tempo, um profundo desejo de sua renovação numa perspetiva sinodal. Assinalam a dificuldade de envolver uma parte dos Presbíteros no processo sinodal e constatam a preocupação generalizada por um exercício do Ministério ordenado não adaptado aos desafios do nosso tempo, distante da vida e das necessidades do povo, muitas vezes confinado apenas à esfera litúrgico-sacramental. Manifestam também a sua preocupação pela solidão em que vivem muitos Presbíteros e sublinham a sua necessidade de cuidados, amizade e apoio;

c) o Concílio Vaticano II ensina que «o ministério eclesiástico, instituído por Deus, é exercido em ordens diversas por aqueles que desde a antiguidade são chamados Bispos, presbíteros e diáconos» (LG 28). Das Assembleias continentais emerge o pedido de que o Ministério ordenado, na diferença de tarefas, seja para todos um testemunho vivo de comunhão e de serviço na lógica da gratuidade evangélica. Expressam também o desejo de que os Bispos, Presbíteros e Diáconos exerçam o seu ministério num estilo sinodal, reconheçam e valorizem os dons e carismas presentes na comunidade, favoreçam e acompanhem os processos de assunção comunitária da missão, garantam decisões em sintonia com o Evangelho e na escuta do Espírito Santo. É também necessária uma renovação dos programas dos seminários, para que sejam mais sinodais e estejam mais em contato com todo o Povo de Deus;

d) em relação a esta conceção do Ministério ordenado ao serviço da vida batismal, sublinha-se que o clericalismo é uma força que isola, separa e enfraquece uma Igreja sã e integralmente ministerial, e indica-se a formação como caminho privilegiado para o superar eficazmente. Sublinha-se também que o clericalismo não é uma prerrogativa apenas dos Ministros ordenados, mas atua de formas diferentes em todas as componentes do Povo de Deus;

e) em muitas regiões, a confiança nos Ministros ordenados, nos titulares de

cargos eclesiásticos, nas instituições eclesiais e na Igreja no seu conjunto é minada pelas consequências do «escândalo dos abusos cometidos por membros do clero ou de pessoas que desempenham um cargo eclesial: em primeiro lugar e sobretudo os abusos sobre menores e pessoas vulneráveis, mas também os de outro género (espirituais, sexuais, económicos, de autoridade, de consciência). Trata-se de uma ferida aberta, que continua a infligir dor às vítimas e aos sobreviventes, às suas famílias e comunidades» (DEC 20).

Pergunta para discernimento

Como promover na Igreja uma mentalidade e formas concretas de corresponsabilidade em que a relação entre os Ministérios batismais e o Ministério ordenado seja fecunda? Se a Igreja é toda ministerial, como compreender os dons específicos dos Ministros ordenados no seio do único Povo de Deus numa perspetiva missionária?

Sugestões para a oração e a reflexão preparatória

1) Que relação tem o Ministério dos Presbíteros, consagrados «para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culta divino» (LG 28), com os Ministérios batismais? Que relação tem este tríplice ofício dos Ministros ordenados com a Igreja enquanto Povo profético, sacerdotal e real?

2) Na Igreja local, os Presbíteros «constituem com o seu Bispo um presbitério» (LG 28). Como pode crescer esta unidade entre o Bispo e o seu Presbitério para um serviço mais eficaz ao Povo de Deus confiado aos seus cuidado do Bispo?

3) A Igreja é enriquecida pelo ministério de tantos Presbíteros que pertencem aos institutos de vida consagrada e às sociedades de vida apostólica. Como é que o seu ministério, caraterizado pelo carisma do Instituto a que pertencem, pode promover uma Igreja mais sinodal?

4) Como compreender o ministério do Diácono permanente numa Igreja sinodal missionária?

5) Quais podem ser as diretrizes para uma reforma dos *currículos* de formação nos seminários e nas escolas de teologia, em sintonia com a figura sinodal da Igreja? Como é que a formação dos Presbíteros os pode colocar em relação mais estreita com os processos pastorais e com a vida da porção do Povo de Deus que são chamados a servir?

6) Que caminhos de formação devem ser postos em ação para favorecer na Igreja uma compreensão da ministerialidade que não se reduza ao Ministério ordenado, mas que ao mesmo tempo o valorize?

7) Como podemos discernir juntos as formas em que o clericalismo de Ministros ordenados e Leigos, impede a plena expressão da vocação dos Ministérios ordenados na Igreja, bem como de outros membros do Povo de Deus? Como podemos encontrar formas de o ultrapassar em conjunto?

8) É possível que, particularmente em lugares onde o número de Ministros ordenados é muito baixo, os leigos possam assumir o papel de líderes comunitários? Que implicações é que isto tem na compreensão do Ministério ordenado?

9) É possível, como propõem alguns continentes, abrir uma reflexão sobre a possibilidade de rever, pelo menos nalgumas áreas, a disciplina sobre o acesso ao Presbiterado dos homens casados?

10) Como é que uma conceção do Ministério ordenado e uma formação dos candidatos mais enraizada na visão da Igreja sinodal missionária podem contribuir para os esforços de prevenção da recorrência de abusos sexuais e outras ordens?

Corresponsáveis na missão ..... B 2

Como podemos partilhar dons e tarefas ao serviço do Evangelho?

B 2.5 Como renovar e promover o Ministério do Bispo numa perspetiva sinodal missionária?

O ministério do Bispo está enraizado na Escritura e desenvolvido na Tradição em fidelidade à vontade de Cristo. Fiel a esta tradição, o Concílio Vaticano II propôs uma doutrina muito rica sobre os bispos, "sucessores dos Apóstolos, que, com o sucessor de Pedro, vigário de Cristo e cabeça visível de toda a Igreja, governam a casa de Deus vivo" (LG 18). O capítulo da Lumen Gentium sobre a constituição hierárquica da Igreja afirma a sacramentalidade do episcopado e, a partir daí, desenvolve o tema da colegialidade (LG 22-23) e do ministério episcopal como exercício dos três ofícios (tria munera, LG 24-27). O Sínodo dos Bispos foi então instituído como um órgão que permite aos bispos participarem com o Bispo de Roma na solicitude por toda a Igreja. O convite a viver com maior intensidade a dimensão sinodal exige um renovado aprofundamento do ministério episcopal, para o inserir mais solidamente num quadro sinodal. Em particular:

a) o Colégio Episcopal, sujeito, juntamente com o Romano Pontífice que é a sua cabeça e nunca sem ele, «do supremo e pleno poder sobre toda a Igreja» (LG 22), participa no processo sinodal quer quando cada Bispo inicia, orienta e conclui a consulta do Povo de Deus que lhe foi confiada, como também quando os Bispos reunidos exercem juntos o carisma do discernimento, nos Sínodos ou Conselhos de Hierarcas das Igrejas Orientais Católicas e nas Conferências Episcopais, nas Assembleias Continentais e, de forma peculiar, na Assembleia sinodal;

b) aos Bispos, sucessores dos Apóstolos, que receberam «o encargo da comunidade, presidindo em lugar de Deus ao rebanho de que são pastores» (LG 20), o processo sinodal pede-lhes que vivam uma confiança radical na ação do Espírito nas suas comunidades, sem considerar a participação de todos como uma ameaça ao seu ministério de liderança. Pelo contrário, exorta-os a serem um princípio de unidade na sua Igreja, chamando todos (Presbíteros e Diáconos, Consagradas e Consagrados, Fiéis leigas e leigos) a caminharem juntos como Povo de Deus e a promoverem um estilo sinodal de Igreja;

c) a consulta ao Povo de Deus pôs em evidência que o fato de se tornar uma Igreja mais sinodal implica também um maior envolvimento de todos no discernimento, o que exige que se repensem os processos de decisão. Consequentemente, há uma exigência de estruturas de governo adequadas, inspiradas por uma maior transparência e responsabilidade, o que também afeta o modo como o ministério do Bispo é exercido. Isto também dá origem a resistências, receios ou sentimentos de desorientação. Em particular, enquanto alguns apelam a um maior envolvimento de todos os fiéis e, portanto, a um exercício "menos exclusivo" do papel dos bispos, outros expressam dúvidas e temem o risco de uma deriva inspirada nos mecanismos da democracia política;

d) igualmente forte é a consciência de que toda a autoridade na Igreja procede de Cristo e é guiada pelo Espírito Santo. A diversidade dos carismas sem autoridade torna-se anarquia, assim como o rigor da autoridade sem a riqueza dos carismas, dos ministérios e das vocações se torna ditadura. A Igreja é ao mesmo tempo sinodal e hierárquica; por isso o exercício sinodal da autoridade episcopal é conotado como acompanhamento e salvaguarda da unidade. O caminho para realizar a recompreensão

do ministério episcopal é a prática da sinodalidade, que compõe na unidade as diferenças de dons, carismas, ministérios e vocações que o Espírito suscita na Igreja;

e) Prosseguir com a renovação do ministério episcopal numa Igreja mais plenamente sinodal requer mudanças culturais e estruturais, muita confiança recíproca e, sobretudo, confiança na orientação do Senhor. Por isso, muitos esperam que a dinâmica do diálogo no Espírito possa entrar na vida quotidiana da Igreja e animar as reuniões, os conselhos, os órgãos de decisão, favorecendo a construção de um sentido de confiança recíproca e a formação de um consenso efetivo;

f) o ministério do Bispo inclui também a pertença ao Colégio episcopal e, consequentemente, o exercício da corresponsabilidade pela Igreja universal. Este exercício insere-se também na perspetiva da Igreja sinodal, «no espírito de uma "sã descentralização" », para «deixar à competência dos Pastores a faculdade de resolver, no exercício da "sua própria tarefa de mestres" e de pastores, as questões que conhecem bem e que não tocam a unidade da doutrina, da disciplina e da comunhão da Igreja, atuando sempre com aquela corresponsabilidade que é fruto e expressão daquele específico *mysterium communionis* que é a Igreja» (PE II,2; cf. EG 16; DV 7) .

Pergunta para o discernimento

Como entender a vocação e a missão do Bispo numa perspetiva missionária sinodal? Que renovação de visão e formas de exercício concreto do ministério episcopal são necessárias numa Igreja sinodal caraterizada pela corresponsabilidade?

Sugestões para a oração e a reflexão preparatória

1) «os Bispos representam de forma eminente e conspícua o próprio Cristo, mestre, pastor e pontífice» (LG 21). Que relação tem este ministério com o dos Presbíteros, «para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culta divino» (LG 28)? Que relação tem este tríplice ofício dos Ministros ordenados com a Igreja enquanto Povo profético, sacerdotal e real?

2) Como é que o exercício do ministério episcopal solicita a consulta, a colaboração e a participação nos processos de decisão do Povo de Deus?

3) Com que critérios pode um Bispo avaliar-se e ser avaliado no desempenho do seu serviço num estilo sinodal?

4) Em que casos pode um Bispo sentir-se obrigado a tomar uma decisão diferente dos conselhos ponderados oferecidos pelos órgãos consultivos? Qual seria o fundamento dessa obrigação?

5) Qual é a natureza da relação entre o «sentir sobrenatural da fé» (LG 12) e o serviço magisterial do Bispo? Como se pode compreender e articular melhor a relação entre a Igreja sinodal e o ministério do Bispo? Os Bispos devem discernir juntos ou separados dos outros membros do Povo de Deus? Ambas as opções (em conjunto e separadamente) têm lugar numa Igreja sinodal?

6) Como garantir o cuidado e o equilíbrio dos três ofícios (santificar, ensinar, governar) na vida e no ministério do Bispo? Em que medida os atuais modelos de vida e ministério episcopal permitem ao Bispo ser uma pessoa de oração, um mestre da fé e um administrador sábio e eficaz, e manter as três funções em tensão criativa e missionária? Como rever o perfil do Bispo e o processo de discernimento para identificar os candidatos ao Episcopado numa perspetiva sinodal?

7) Como deve evoluir o papel do Bispo de Roma e o exercício do primado numa Igreja sinodal?

Participação, responsabilidade e autoridade ..... B 3

Que processos, estruturas e instituições numa Igreja sinodal missionária?

B 3.1 Como renovar o serviço da autoridade e o exercício da responsabilidade numa Igreja sinodal missionária?

Uma Igreja constitutivamente sinodal é chamada a articular o direito de todos a participar na vida e na missão da Igreja, em virtude do Batismo, com o serviço da autoridade e o exercício da responsabilidade que, sob diversas formas, é confiado a alguns. O caminho sinodal é uma oportunidade para discernir quais são os caminhos adequados no nosso tempo para realizar esta articulação. A primeira fase permitiu recolher algumas ideias a este respeito:

a) as funções de autoridade, de responsabilidade e de governo - por vezes sinteticamente designadas pelo termo inglês *leadership* - assumem formas muito diversas na Igreja. A autoridade na vida consagrada, nos movimentos e associações, nas instituições ligadas à Igreja (como universidades, fundações, escolas, etc.) é diferente da que deriva do Sacramento da Ordem, assim como a autoridade espiritual ligada a um carisma é diferente da ligada ao serviço ministerial. As diferenças entre estas formas devem ser salvaguardadas, sem esquecer que todas elas têm em comum o fato de serem um serviço na Igreja;

b) em particular, todos partilham o apelo a conformar-se com o exemplo do Mestre, que disse de si mesmo: «Eu estou no meio de vós como o que serve» (Lc 22,27). «Para os discípulos de Jesus, ontem, hoje e sempre, a única autoridade é a autoridade do serviço»[16]. Estas são as coordenadas fundamentais para crescer no exercício da autoridade e da responsabilidade, em todas as suas formas e a todos os níveis da vida da Igreja. É a perspetiva daquela conversão missionária «destinada a renovar a Igreja segundo a imagem da própria missão de amor de Cristo» (EP I, 2);

c) nesta linha, os documentos da primeira fase exprimem algumas caraterísticas do exercício da autoridade e da responsabilidade numa Igreja sinodal missionária: atitude de serviço e não de poder ou controle, transparência, encorajamento e promoção das pessoas, competência e capacidade de visão, discernimento, inclusão, colaboração e delegação. Acima de tudo, é sublinhada a atitude e a vontade de ouvir. É por isso que se sublinha a necessidade de formação específica nestas competências para aqueles que ocupam posições de responsabilidade e autoridade, bem como a ativação de processos de seleção mais participativos, especialmente para os Bispos;

d) A perspetiva da transparência e da prestação de contas é fundamental para um exercício autenticamente evangélico da autoridade e da responsabilidade. No entanto, também suscita receios e resistências. É por isso que é importante confrontar seriamente, com uma atitude de discernimento, as mais recentes descobertas das ciências da gestão e da liderança. Além disso, o diálogo no Espírito é indicado como uma forma de gerir processos de tomada de decisão e de construção de consensos capazes de gerar confiança e de favorecer um exercício de autoridade adequado a uma Igreja sinodal;

[16] FRANCISCO, *Discurso por ocasião da comemoração do 50.º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 de outubro de 2015.

e) As Assembleias continentais assinalam também fenômenos de apropriação do poder e dos processos de decisão por parte de alguns em posições de autoridade e responsabilidade. A estes fenômenos ligam a cultura do clericalismo e as diversas formas de abuso (sexual, econômico, espiritual e de poder), que corroem a credibilidade da Igreja e comprometem a eficácia da sua missão, sobretudo nas culturas onde o respeito pela autoridade é um valor importante.

Pergunta para discernimento

Como podem a autoridade e a responsabilidade ser entendidas e exercidas ao serviço da participação de todo o Povo de Deus? Que renovação da compreensão e das formas de exercício da autoridade, da responsabilidade e do governo é necessária para crescer como Igreja sinodal missionária?

Sugestões para a oração e a reflexão preparatória

1) O ensinamento do Concílio Vaticano II sobre a participação de todos na vida e na missão da Igreja está efetivamente incorporado na consciência e na prática das Igrejas locais, particularmente pelos pastores e por aqueles que exercem funções de responsabilidade? O que é que pode favorecer uma consciência e uma apreciação mais profundas deste fato no cumprimento da missão da Igreja?

2) Na Igreja existem funções de autoridade e de responsabilidade não ligadas ao Sacramento da Ordem, que são exercidas ao serviço da comunhão e da missão nos institutos de vida consagrada e nas sociedades de vida apostólica, nas associações e agregações laicais, nos movimentos eclesiais e nas novas comunidades, etc. Como promover um exercício destas formas de autoridade próprias de uma Igreja sinodal e como viver, nelas, a relação com a autoridade ministerial dos Pastores?

3) Que elementos devem fazer parte da formação em autoridade de todos os líderes da igreja? Como incentivar a formação no método do diálogo no Espírito e a sua aplicação autêntica e incisiva?

4) Quais podem ser as linhas de reforma dos seminários e das casas de formação, para que possam estimular os candidatos ao Ministério ordenado a crescer num estilo de exercício da autoridade próprio de uma Igreja sinodal? Como repensar, a nível nacional, a Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis e os seus documentos de aplicação? Como devem ser reorientados os currículos das escolas de teologia?

5) Que formas de clericalismo persistem na comunidade cristã? Existe ainda uma perceção de distância entre os Fiéis leigos e os Pastores: o que pode ajudar a superá-la? Que formas de exercício da autoridade e da responsabilidade devem ser superadas, por não serem adequadas a uma Igreja constitutivamente sinodal?

6) Em que medida a escassez de Presbíteros em algumas regiões constitui um estímulo para questionar a relação entre o Ministério ordenado, o governo e a assunção de responsabilidades na comunidade cristã?

7) O que é que podemos aprender sobre o exercício da autoridade e da responsabilidade com outras Igrejas e Comunidades eclesiais?

8) Em todas as épocas, o exercício da autoridade e da responsabilidade na Igreja é influenciado pelos modelos de gestão e pelo imaginário de poder que prevalece na sociedade. Como tomar consciência disso e exercer um discernimento evangélico sobre as práticas dominantes de exercício da autoridade, na Igreja e na sociedade?

Participação, responsabilidade e autoridade ..... B 3

Que processos, estruturas e instituições numa Igreja sinodal missionária?

B 3.2 Como podemos desenvolver práticas de discernimento e processos de tomada de decisão de uma forma autenticamente sinodal, reforçando o papel de liderança do Espírito?

Como Igreja sinodal, somos chamados a discernir juntos os passos a dar para realizar a missão de evangelização, sublinhando o direito de todos a participar na vida e na missão da Igreja e exortando ao contributo insubstituível de cada Batizado. Na base de todo o discernimento está o desejo de fazer a vontade do Senhor e o crescimento na familiaridade com Ele através da oração, da meditação da Palavra e da vida sacramental, que nos permite escolher como Ele escolheria. Sobre o lugar do discernimento numa Igreja sinodal missionária:

a) das Assembleias continentais emerge com força o desejo de processos de decisão mais partilhados, capazes de integrar o contributo de todo o Povo de Deus, mas também a competência de alguns, e de envolver aqueles que, por várias razões, permanecem à margem da vida comunitária, como as mulheres, os jovens, as minorias, os pobres e os excluídos. A este desejo junta-se a insatisfação com formas de exercício da autoridade em que as decisões são tomadas sem consulta;

b) as Assembleias continentais dão voz aos receios de alguns que veem em concorrência as dimensões sinodal e hierárquica, ambas constitutivas da Igreja. No entanto, também estão a surgir sinais do contrário. Um primeiro exemplo é a experiência de que, quando a autoridade toma decisões no âmbito de processos sinodais, a comunidade é mais facilmente capaz de reconhecer a sua legitimidade e de as aceitar. Um segundo exemplo é a consciência crescente de que a falta de intercâmbio com a comunidade enfraquece o papel da autoridade, remetendo-a por vezes para um exercício de afirmação de poder. Um terceiro exemplo é a atribuição de responsabilidades eclesiais a Fiéis leigos, que as exercem de forma construtiva e não opositiva, em regiões onde o número de Ministros ordenados é muito reduzido;

c) a adoção generalizada do método do diálogo no Espírito durante a fase de consulta permitiu que muitos experimentassem alguns dos elementos de um processo de discernimento comunitário e de construção participativa de consensos, sem esconder conflitos ou criar polarizações;

d) aqueles que desempenham tarefas de governo e de responsabilidade são chamados a suscitar, facilitar e acompanhar processos de discernimento comunitário que incluam a escuta do Povo de Deus. Em particular, cabe à autoridade episcopal um serviço fundamental de animação e validação do caráter sinodal destes processos e de confirmação da fidelidade das conclusões ao que emergiu no processo. Em particular, cabe aos Pastores verificar a consonância entre as aspirações das suas comunidades e o «depósito sagrado da palavra de Deus, confiado à Igreja» (DV 10), consonância que permite que essas aspirações sejam consideradas como expressão genuína do sentido de fé do Povo de Deus;

e) A perspetiva do discernimento comunitário interpela a Igreja a todos os níveis e em todas as suas articulações e formas organizativas. Para além das estruturas paroquiais e diocesanas, diz respeito também aos processos de decisão de associações, movimentos

e agregações de leigos, onde atravessa mecanismos institucionais que habitualmente implicam o recurso a instrumentos como o voto. Põe em causa a forma como os órgãos de decisão das instituições ligadas à Igreja (escolas, universidades, fundações, hospitais, centros de acolhimento e de ação social, etc.) identificam e formulam orientações de funcionamento. Por fim, interpela os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica em aspetos que se cruzam com as peculiaridades dos seus carismas e do seu direito próprio (cf. DEC 81);

f) a adoção de processos de decisão que utilizem de forma estável o discernimento comunitário requer uma conversão pessoal, comunitária, cultural e institucional, bem como um investimento formativo.

Pergunta para discernimento

Como pensar em processos de decisão mais participativos, que deem espaço à escuta e ao discernimento comunitário, apoiados pela autoridade como serviço de unidade?

Sugestões para a oração e a reflexão preparatória

1) Que espaço ocupa a escuta da Palavra de Deus nos nossos processos de decisão? Como é que podemos dar espaço ao protagonismo do Espírito Santo de forma concreta e não apenas em palavras?

2) Como é que o diálogo no Espírito, que abre o dinamismo do discernimento comunitário, pode contribuir para a renovação dos processos de decisão na Igreja? Como é que pode ser "institucionalizado" e tornar-se uma prática corrente? Que mudanças são necessárias no direito canónico?

3) Como promover o ministério do facilitador dos processos de discernimento comunitário, assegurando que aqueles que o realizam recebam uma formação e um acompanhamento adequados? Como formar Ministros Ordenados para acompanhar os processos de discernimento comunitário?

4) Como promover a participação das mulheres, dos jovens, das minorias e das vozes marginais nos processos de discernimento e de tomada de decisões?

5) Como é que uma articulação mais clara entre a totalidade do processo de tomada de decisão e o momento específico da tomada de decisão nos pode ajudar a identificar melhor qual é a responsabilidade dos diferentes atores em cada fase? Como é que entendemos a relação entre a tomada de decisão e o discernimento em comum?

6) Como é que os consagrados e as consagradas podem e devem participar nos processos de decisão das Igrejas locais? O que podemos aprender da sua experiência e das suas diferentes espiritualidades no que respeita ao discernimento e aos processos de decisão? O que é que podemos aprender com as associações, movimentos e agregações de leigos?

7) Como lidar de forma construtiva com os casos em que a autoridade sente que não pode confirmar as conclusões alcançadas por um processo de discernimento comunitário e toma uma decisão numa direção diferente? Que tipo de restituição deve essa autoridade oferecer àqueles que participaram no processo?

8) O que é que podemos aprender da sociedade e da cultura em termos de gestão dos processos participativos? Que modelos, por outro lado, podem revelar-se um obstáculo à construção de uma Igreja mais sinodal?

9) Que contributo podemos receber da experiência de outras Igrejas e Comunidades eclesiais? E da experiência de outras religiões? Que estímulos das culturas indígenas, minoritárias e oprimidas nos podem ajudar a repensar os nossos processos de decisão? Que conhecimentos nos trazem as experiências que têm lugar no ambiente digital?

Participação, responsabilidade e autoridade ..... B 3

Que processos, estruturas e instituições numa Igreja sinodal missionária?

B 3.3. Que estruturas podem ser desenvolvidas para consolidar uma Igreja sinodal missionária?

As Assembleias continentais exprimem vivamente o desejo de que o modo de proceder sinodal, experimentado no atual caminho, penetre na vida quotidiana da Igreja a todos os níveis, renovando as estruturas existentes - a começar pelos Conselhos pastorais diocesanos e paroquiais, os Conselhos para os assuntos econômicos, os Sínodos diocesanos ou eparquiais - ou instituindo novas estruturas. Sem diminuir a importância da renovação das relações no seio do Povo de Deus, a intervenção nas estruturas é indispensável para consolidar as mudanças no tempo. Em particular:

a) para que não fique no papel ou seja confiada apenas à boa vontade dos indivíduos, a corresponsabilidade na missão que deriva do Batismo deve concretizar-se em formas estruturadas. Por isso, são necessários quadros institucionais adequados e espaços nos quais se possa praticar regularmente o discernimento comunitário. Não se trata de uma exigência de redistribuição do poder, mas da necessidade de um exercício efetivo da corresponsabilidade que deriva do Batismo. Este confere direitos e deveres a cada pessoa, que devem poder ser exercidos de acordo com os carismas e ministérios de cada um;

b) isto requer que as estruturas e as instituições funcionem com procedimentos adequados: transparentes, orientados para a missão, abertos à participação, capazes de dar espaço às mulheres, aos jovens, às minorias e aos pobres e marginalizados. Isto vale para as instâncias participativas já mencionadas, cujo papel deve ser reafirmado e consolidado, mas também: para os órgãos de decisão das associações, dos movimentos e das novas comunidades; para os órgãos de governo dos institutos de vida consagrada e das sociedades de vida apostólica (de modo adequado ao carisma particular de cada um deles); para as múltiplas e variadas instituições, muitas vezes também sujeitas ao direito civil, através das quais se realiza a ação missionária e o serviço da comunidade cristã: escolas, hospitais, universidades, meios de comunicação social, centros de acolhimento e de ação social, centros culturais, fundações, etc;

c) a exigência de uma reforma das estruturas e instituições e dos mecanismos de funcionamento no sentido da transparência é particularmente forte nos contextos mais marcados pela crise dos abusos (sexuais, económicos, espirituais, psicológicos, institucionais, de consciência, de poder, de jurisdição). Uma parte do problema reside frequentemente no tratamento inadequado dos casos de abuso, o que põe em causa os mecanismos e procedimentos de funcionamento das estruturas e instituições, bem como a mentalidade das pessoas que nelas trabalham. A perspetiva de transparência e de corresponsabilidade também suscita receios e resistências; é por isso que é necessário aprofundar o diálogo, criando oportunidades de partilha e de confronto a todos os níveis;

d) o método do diálogo no Espírito revela-se particularmente precioso para restabelecer a confiança nos contextos em que, por várias razões, se desenvolveu um clima de desconfiança entre as diversas componentes do Povo de Deus. Um caminho de conversão e de reforma, à escuta da voz do Espírito, requer estruturas e instituições

capazes de o acompanhar e apoiar. As Assembleias continentais exprimem com força a convicção de que não bastam apenas as estruturas, mas é necessária também uma mudança de mentalidade; daí a necessidade de um investimento na formação;

e) além disso, parece oportuno intervir também no direito canónico, reequilibrando a relação entre o princípio da autoridade, fortemente afirmado na legislação atual, e o princípio da participação; reforçando a orientação sinodal dos institutos já existentes; criando novos institutos, onde isso parecer necessário para as necessidades da vida da comunidade; supervisionando a aplicação efetiva da legislação.

Pergunta para discernimento

Uma Igreja sinodal precisa de viver a corresponsabilidade e a transparência: como é que esta consciência pode servir de base à reforma das instituições, das estruturas e dos procedimentos, de modo a consolidar a mudança ao longo do tempo?

Sugestões para a oração e a reflexão preparatória

1) Como mudar as estruturas canônicas e os procedimentos pastorais para favorecer a corresponsabilidade e a transparência? As estruturas atuais são suficientes para garantir a participação ou são necessárias novas estruturas?

2) Como pode o direito canônico contribuir para a renovação das estruturas e das instituições? Que mudanças parecem necessárias ou oportunas?

3) Quais são os obstáculos (mentais, teológicos, práticos, organizacionais, financeiros, culturais) que impedem a transformação dos órgãos de participação atualmente previstos no direito canônico em órgãos de discernimento comunitário eficaz? Que reformas são necessárias para que possam apoiar a missão de forma efetiva, criativa e vibrante? Como torná-los mais abertos à presença e à contribuição das mulheres, dos jovens, dos pobres, dos migrantes, dos membros das minorias e daqueles que, por várias razões, se encontram à margem da vida comunitária?

4) Como é que a perspetiva da Igreja sinodal interpela as estruturas e os procedimentos da vida consagrada e as diferentes formas de agregação laical? E o funcionamento das instituições eclesiais?

5) Em que aspetos da vida das instituições é necessária uma maior transparência (relatórios econômicos e financeiros, seleção de candidatos a cargos de responsabilidade, nomeações, etc.)? Com que instrumentos é possível alcançar este objetivo?

6) A perspetiva de transparência e de abertura aos processos conjuntos de consulta e de discernimento suscita igualmente receios. Como é que eles se manifestam? O que receiam as pessoas que manifestam esses receios? Como é que esses receios podem ser abordados e ultrapassados?

7) Em que medida é possível distinguir entre os membros de uma instituição e a própria instituição? As responsabilidades pelo tratamento dos casos de abuso são individuais ou sistémicas? Como é que a perspetiva sinodal pode contribuir para criar uma cultura de prevenção de abusos de todos os tipos?

8) O que podemos aprender com a forma como as instituições públicas e o direito público e civil procuram responder às necessidades de transparência e de responsabilidade da sociedade (separação de poderes, órgãos de controle independentes, obrigações de publicidade de certos procedimentos, limites à duração dos mandatos, etc.)?

9) O que podemos aprender da experiência de outras Igrejas e Comunidades eclesiais sobre o funcionamento das estruturas e instituições num estilo sinodal?

Participação, responsabilidade e autoridade ..... B 3

Que processos, estruturas e instituições numa Igreja sinodal missionária?

B 3.4 Como configurar instâncias de sinodalidade e colegialidade envolvendo agrupamentos de igrejas locais?

A primeira fase do processo sinodal pôs em evidência o papel das instâncias de sinodalidade e colegialidade que reúnem as várias Igrejas locais: as Estruturas Hierárquicas Orientais e, na Igreja Latina, as Conferências Episcopais (cf. EP I,7). Os Documentos elaborados nas várias etapas sublinham como a consulta do Povo de Deus nas Igrejas locais e as sucessivas etapas de discernimento foram uma verdadeira experiência de escuta do Espírito através da escuta recíproca. Da riqueza desta experiência é possível tirar ensinamentos para a construção de uma Igreja cada vez mais sinodal:

a) o processo sinodal pode tornar-se «um dinamismo de comunhão que inspira todas as decisões eclesiais»[17], porque envolve verdadeiramente todos os sujeitos - o Povo de Deus, o Colégio episcopal, o Bispo de Roma -, cada um segundo a sua função. O desenrolar ordenado das etapas dissipou o receio de que a consulta ao Povo de Deus conduzisse a um enfraquecimento do ministério dos Pastores. Pelo contrário, a consulta era possível porque era iniciada por cada Bispo, como «princípio e fundamento visível da unidade» (LG 23) na sua Igreja. Posteriormente, nas Estruturas Hierárquicas Orientais e nas Conferências Episcopais, os Pastores realizaram um ato de discernimento colegial sobre os contributos provenientes das Igrejas locais. Assim, o processo sinodal propiciou um verdadeiro exercício da colegialidade episcopal numa Igreja plenamente sinodal;

b) a questão do exercício da sinodalidade e da colegialidade nas instâncias que envolvem grupos de Igrejas locais unidas por tradições espirituais, litúrgicas e disciplinares, por contiguidade geográfica e proximidade cultural, a começar pelas Conferências Episcopais, necessita de uma renovada reflexão teológica e canónica: nelas «*a communio Episcoporum* exprime-se ao serviço da *communio Ecclesiarum* fundada na *communio Fidelium*» (EP I, 7).

c) uma razão para enfrentar esta tarefa surge na *Evangelii gaudium*: «Não convém que o Papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que sobressaem nos seus territórios. Neste sentido, sinto a necessidade de proceder a uma salutar "descentralização"» (n. 16). Por ocasião do 50.° aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos, o Santo Padre recordou que a sinodalidade se exerce não só a nível das Igrejas locais e a nível da Igreja universal, mas também a nível dos agrupamentos de Igrejas, como as Províncias e as Regiões eclesiásticas, os Conselhos particulares e sobretudo as Conferências Episcopais: «devemos refletir para se realizarem ainda mais, através destes organismos, as instâncias intermédias da colegialidade, talvez integrando e atualizando alguns aspetos do ordenamento eclesiástico antigo»[18].

[17] *Ibid.*
[18] *Ibid.*

Pergunta para discernimento

À luz da experiência sinodal até agora realizada, como pode a sinodalidade encontrar uma melhor expressão nas e através das instituições que envolvem grupos de Igrejas locais, como os Sínodos dos Bispos e os Conselhos de Hierarcas das Igrejas Católicas Orientais, as Conferências Episcopais e as Assembleias continentais, de modo a que sejam concebidos «como sujeitos de atribuições concretas, incluindo alguma autêntica autoridade doutrinal» (EG 32) numa perspetiva missionária?

Sugestões para a oração e a reflexão preparatória

1) A dinâmica sinodal da escuta do Espírito através da escuta mútua oferece-se como a forma mais praticável de traduzir a colegialidade episcopal em ação numa Igreja plenamente sinodal. Partindo da experiência do processo sinodal:

a) como é que a escuta do Povo de Deus se pode tornar a forma habitual de tomada de decisões na Igreja a todos os níveis da sua vida?

b) Como realizar a escuta do Povo de Deus nas Igrejas locais? Em particular, como valorizar os organismos de participação, para que sejam "lugares" efetivos de escuta e de discernimento eclesial?

c) Como repensar os processos de decisão a nível dos órgãos episcopais das Igrejas Católicas Orientais e das Conferências Episcopais a partir da escuta do Povo de Deus nas Igrejas locais?

d) Como integrar a instância continental no direito canônico?

2) Sendo a consulta nas Igrejas locais a escuta efetiva do Povo de Deus, o discernimento dos Pastores assume o caráter de um ato colegial que confirma com autoridade o que o Espírito falou à Igreja através do sentido de fé do Povo de Deus:

a) Que grau de autoridade doutrinal pode ser atribuído ao discernimento das Conferências Episcopais? Como é que as Igrejas Católicas Orientais regulam os seus corpos episcopais?

b) Que grau de autoridade doutrinal pode ser atribuído ao discernimento de uma Assembleia continental? Ou dos organismos que reúnem as Conferências Episcopais à escala continental ou internacional?

c) Que papel desempenha o Bispo de Roma nestes processos de agrupamento de Igrejas? Como é que pode ser exercido?

3) Que elementos da antiga ordem eclesiástica devem ser integrados e atualizados para que as Estruturas Hierárquicas Orientais, as Conferências Episcopais e as Assembleias continentais sejam efetivamente instâncias intermédias de sinodalidade e colegialidade?

4) O Concílio Vaticano II afirma que a Igreja inteira e todas as suas partes beneficiam da comunicação mútua dos respetivos dons (cf. LG 13):

a) Que valor podem ter para as outras Igrejas as deliberações de um Concílio plenário, de um Concílio particular, de um Sínodo diocesano?

b) Que ensinamentos podemos retirar da rica experiência sinodal das Igrejas Católicas Orientais?

c) Em que medida a convergência de vários agrupamentos de Igrejas locais (Concílios particulares, Conferências Episcopais, etc.) sobre uma mesma questão compromete o Bispo de Roma a assumi-la para a Igreja universal?

d) Em que modo deve ser exercitado o serviço da unidade confiado ao Bispo de Roma quando as instâncias locais tiverem de assumir orientações entre ela diferentes? Que espaço existe para a diversidade de orientações entre as diversas regiões?

5) O que podemos aprender com a experiência de outras Igrejas e Comunidades eclesiais no que diz respeito aos agrupamentos de Igrejas locais para exercer a colegialidade e a sinodalidade?

Participação, responsabilidade e autoridade ..... B 3

Que processos, estruturas e instituições numa Igreja sinodal missionária?

B 3.5 Como se pode reforçar a instituição do Sínodo para que seja uma expressão da colegialidade episcopal numa Igreja totalmente sinodal?

Com o Motu Proprio *Apostolica sollicitudo* (15 de setembro de 1965), São Paulo VI instituiu o Sínodo como «concílio permanente dos Bispos para a Igreja universal». Assim, aceitou o pedido da assembleia conciliar de assegurar a participação dos Bispos na solicitude por toda a Igreja, tendo o cuidado de especificar que «este Sínodo, como qualquer instituição humana, pode ser aperfeiçoado com o passar do tempo». Com a Constituição Apostólica *Episcopalis communio* (15 de setembro de 2018), o Papa Francisco concretizou este esperado "aperfeiçoamento", transformando o Sínodo de um acontecimento circunscrito a uma assembleia de Bispos num processo de escuta articulado em etapas (cf. art. 4), no qual toda a Igreja e todos na Igreja - Povo de Deus, Colégio episcopal, Bispo de Roma - são verdadeiramente participantes.

a) O Sínodo 2021-2024 está a demonstrar claramente que o processo sinodal é o contexto mais adequado para o exercício integrado do primado, da colegialidade e da sinodalidade como elementos inalienáveis de uma Igreja em que cada sujeito desempenha a sua função peculiar da melhor forma possível e em sinergia com os outros;

b) compete ao Bispo de Roma convocar a Igreja em Sínodo, convocando uma Assembleia para a Igreja universal, bem como iniciar, acompanhar e concluir o respetivo processo sinodal. Esta prerrogativa pertence-lhe como «perpétuo e visível fundamento da unidade, não só dos Bispos mas também da multidão dos Fiéis» (LG 23);

c) uma vez que «cada um dos Bispos é princípio e fundamento visível da unidade nas suas respetivas igrejas [...] das quais e pelas quais existe a Igreja católica, una e única» (LG 23), compete a cada Bispo diocesano iniciar, acompanhar e concluir a consulta do Povo de Deus na sua Igreja. À luz da solicitude que os Bispos têm pela Igreja universal (cf. LG 23), compete-lhes também cooperar nos organismos supradiocesanos onde se exerce a sinodalidade e a colegialidade, desempenhando a função de discernimento eclesial própria do ministério episcopal;

d) embora estes organismos não reúnam todo o Colégio episcopal, o discernimento realizado pelos Pastores através deles assume um caráter colegial, devido à própria finalidade do ato. De fato, as Assembleias dos Bispos, no âmbito do processo sinodal, têm a tarefa de escrutinar os resultados das consultas nas Igrejas locais, nas quais se manifesta o sentido da fé do Povo de Deus. Como poderia um ato não colegial discernir o que o Espírito diz à Igreja através da consulta do Povo de Deus que «não pode enganar-se na fé» (LG 12)?

e) A experiência sinodal até agora realizada mostrou também como é possível desenvolver um efetivo exercício de colegialidade numa Igreja sinodal: embora o discernimento seja um ato que compete em primeiro lugar «àqueles que presidem na Igreja» (LG 12), ganhou em profundidade e adesão aos temas a examinar graças ao contributo dos outros membros do Povo de Deus que participaram nas Assembleias continentais.

Pergunta para discernimento

À luz da relação dinâmica e circular entre a sinodalidade da Igreja, a colegialidade episcopal e o primado petrino, como aperfeiçoar a instituição do Sínodo para que se torne um espaço certo e garantido para o exercício da sinodalidade, assegurando a plena participação de todos - Povo de Deus, Colégio episcopal e Bispo de Roma - no respeito das suas funções específicas? Como avaliar a experiência de extensão participativa a um grupo de "não-bispos" na primeira sessão da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (outubro de 2023)?

Sugestões para a oração e a reflexão preparatória

1) O processo sinodal introduz na Igreja «um dinamismo de comunhão que inspira todas as decisões eclesiais»[19]:

a) Como é que este dinamismo se pode tornar o modo de proceder habitual a todos os níveis da vida da Igreja?

b) Qual é o papel do princípio de autoridade?

c) Como é que muda a compreensão da autoridade na Igreja a diferentes níveis, incluindo a do Bispo de Roma?

2) A primeira fase do caminho sinodal concretiza o movimento do particular para o universal, com a consulta do Povo de Deus nas Igrejas locais e os subsequentes atos de discernimento nas Estruturas Hierárquicas Orientais e nas Conferências Episcopais, primeiro, e nas Assembleias continentais, depois:

a) como garantir que a consulta capte verdadeiramente a manifestação do sentido da fé do Povo de Deus que vive numa determinada Igreja?

b) Como se pode reforçar a «fecunda ligação entre o sensus fidei do Povo de Deus e a função magisterial dos Pastores» (DP 14) nas Estruturas Hierárquicas Orientais, nas Conferências Episcopais e nas Assembleias continentais?

c) Até que ponto é desejável uma presença de membros qualificados do Povo de Deus também nas Assembleias das Conferências Episcopais, bem como nas Assembleias continentais?

d) Que função podem desempenhar os organismos eclesiais permanentes constituídos por mais do que bispos, como a Conferência Eclesial recentemente criada para a Região Amazônica?

3) A segunda fase do caminho sinodal exprime, na Assembleia dos Bispos convocada para Roma, a universalidade da Igreja que escuta o que o Espírito disse ao Povo de Deus:

a) Como é que esta assembleia episcopal se insere no processo sinodal?

b) Como é que se consegue a continuidade com a primeira fase do processo sinodal? A presença de testemunhas qualificadas é suficiente para a garantir?

c) Se as Assembleias das Conferências Episcopais e as Assembleias continentais são atos de discernimento, como se caracteriza este novo ato de discernimento e que valor tem?

4) A terceira fase envolve o movimento de retorno dos resultados da Assembleia sinodal às Igrejas locais e a sua implementação: o que pode ajudar a realizar plenamente a «interioridade mútua» entre as dimensões universal e local da única Igreja?

[19] *Ibid.*

Graphic Design Lamorfalab Studio Creativo www.lamorfalab.com

Por uma Igreja sinodal

comunhão | participação | missão

SECRETARIA GENERALIS SYNODI

SEGRETERIA GENERALE DEL SINODO

www.synod.va